Gilberto Cotrim

MODERNA SUPERAÇÃO!

FILOSOFIA

COTRIM

NEJI

MANUAL DO PROFESSOR

VOLUME ÚNICO

ENSINO MÉDIO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO.
VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2026 - ENSINO MÉDIO
Código da coleção:
0019 P26 01 01 204 816

Área de conhecimento:
Ciências Humanas
e Sociais Aplicadas

Componente curricular:
Filosofia

MODERNA

Gilberto Cotrim

Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).
Licenciado em História pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).
Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie (SP).
Professor, advogado e autor de livros didáticos.

MODERNA SUPERAÇÃO!

FILOSOFIA

COTRIM

VOLUME ÚNICO

ENSINO MÉDIO

Área de conhecimento: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componente curricular: Filosofia

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição
São Paulo, 2024

MODERNA

Edição executiva: Cesar Brumini Dellore, Maria Clara Antonelli
Edição de texto: Elena Judensnaider Knijnik, Isadora França, Laura Lemmi Di Natale, Leonardo Canuto de Barros, Patrícia Moreira Nogueira, Renata Isabel Chinelatto Consegliere
Assessoria pedagógica: Gabriel Farias Rodrigues, Helena Morita, Jonatas Mendonça dos Santos, Maira Fernandes, Pedro Paulo da Silva
Preparação de texto: Kandy Saraiva
Gerência de planejamento editorial e revisão: Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero, Mônica Rodrigues de Lima
Revisão: Ana Cortazzo, Maristela Carrasco, Sirlene Prignolato, Tatiana Malheiro
Gerência de *design*, produção gráfica e digital: Patricia Costa
Coordenação de *design* e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite
Projeto gráfico: Bruno Tonel, Everson de Paula, Vinicius Rossignol
Capa: Everson de Paula, Paula Miranda Santos
Fotos: Atleta praticando taekwondo. © Master1305/Shutterstock
Coordenação de produção gráfica: Aderson Oliveira
Coordenação de arte: Mônica Maldonado, Wilson Gazzoni Agostinho
Edição de arte: Felipe Frade
Editoração eletrônica: Estudo Gráfico Design
Coordenação de pesquisa iconográfica: Flávia Aline de Morais
Pesquisa iconográfica: Alessandra Pereira
Coordenação de *bureau*: Rubens M. Rodrigues
Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Ana Isabela Pithan Maraschin, Denise Feitosa Maciel, Vânia Maia
Pré-impressão: Alexandre Petreca, Marcio H. Kamoto
Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro
Impressão e acabamento:

Organização dos objetos digitais: Cesar Brumini Dellore
Elaboração dos objetos digitais: André dos Santos Araújo, Maria Clara Antonelli

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cotrim, Gilberto
Moderna superação! filosofia Cotrim / Gilberto Cotrim. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2024.

Obra em volume único do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio.
Componente curricular: Filosofia.
Área de conhecimento: Ciências humanas e sociais aplicadas.
ISBN 978-85-16-14019-9 (aluno)
ISBN 978-85-16-14020-5 (professor)

1. Filosofia (Ensino médio) I. Título.

24-226358 CDD-107

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia : Ensino médio 107

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Todos os direitos reservados.

EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Canal de atendimento: 0303 663 3762
www.moderna.com.br
2024
Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

APRESENTAÇÃO

Caro estudante,

Durante os primeiros nove anos da Educação Básica, você reconheceu as características da vida em sociedade. Percebeu injustiças, constatou diferenças, desenvolveu ideias e imaginou um mundo melhor.

Muito mais do que somente apresentar ideias ou conceitos, o estudo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas oferece instrumentos e práticas que nos auxiliam a compreender a sociedade e atuar nela, tomando por base suas múltiplas dimensões – o pensamento, a história e o espaço. Com esse estudo, notamos elementos dessa realidade que antes podiam passar despercebidos.

Além de incentivar a compreensão do mundo ao nosso redor, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas nos convidam a analisar o impacto produzido pelo ser humano no meio ambiente, a compreender estruturas de poder e a distinguir as interações de sistemas econômicos e políticos ao longo do tempo. Essas habilidades nos ajudam a participar da sociedade de forma ativa, para que exerçamos plenamente a cidadania. Injustiças devem ser combatidas, diferenças devem ser respeitadas e ideias devem ser geradas para que um mundo melhor seja construído.

Este livro faz parte de uma coleção com volumes de história, geografia, sociologia e filosofia. Eles são organizados em seis unidades temáticas comuns, que contêm abordagens articuladas entre esses quatro componentes e foram concebidas para que você desenvolva competências e habilidades.

Nos boxes e seções distribuídos na obra, são expostas e analisadas diferentes interpretações de um fenômeno ou evento. Além disso, nesses boxes e seções, são realizadas aproximações entre diferentes áreas do conhecimento, sistematizados e ampliados os principais tópicos de estudo, apresentadas as perspectivas do mundo do trabalho e demonstradas diferentes práticas de pesquisa.

Esperamos que este livro sirva como ferramenta para a ampliação de suas perspectivas sobre a realidade, como instrumento para a construção de seu conhecimento e como impulso para atitudes de participação social!

O autor

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Você sabia que em 2015 foi assinado, na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em NovaYork, nos Estados Unidos, um documento em que 193 países, incluindo o Brasil, se comprometeram a tomar medidas importantes para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e garantir que as pessoas possam desfrutar de paz e de prosperidade? Trata-se da **Agenda 2030**. Nela, são apresentados **17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**, os ODS, que determinam metas transformadoras para promover o desenvolvimento sustentável até 2030. Vamos conhecê-los?

Para que a Agenda 2030 seja cumprida no Brasil e no mundo, é necessário promover engajamento e parcerias entre governos, setor privado e sociedade civil. Além disso, o acompanhamento e a avaliação da implementação devem ocorrer em níveis global, nacional e regional.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

RELEITURA DOS ÍCONES DA ONU POR VINICIUS ROSSIGNOL FELIPE

A seguir, apresentamos cada objetivo da Agenda 2030. No decorrer deste livro, você vai encontrar indicações de ODS sempre que houver propostas, temas ou conceitos relacionados a eles.

ODS 1	ERRADICAÇÃO DA POBREZA	Acabar com a pobreza em todas as formas e em todos os lugares.
ODS 2	FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL	Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável.
ODS 3	SAÚDE E BEM-ESTAR	Garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
ODS 4	EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	Garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
ODS 5	IGUALDADE DE GÊNERO	Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
ODS 6	ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO	Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água potável e do saneamento para todos.
ODS 7	ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL	Garantir o acesso a fontes de energia confiáveis, sustentáveis e modernas para todos.
ODS 8	TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO	Promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável, com emprego pleno e produtivo e trabalho digno para todos.
ODS 9	INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA	Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.
ODS 10	REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES	Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países.
ODS 11	CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	Tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis.
ODS 12	CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS	Garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis.
ODS 13	AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos.
ODS 14	VIDA NA ÁGUA	Conservar e usar de forma responsável os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.
ODS 15	VIDA TERRESTRE	Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, reverter a degradação dos solos e preservar a biodiversidade.
ODS 16	PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES	Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.
ODS 17	PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO	Reforçar os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Fonte: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs. Acesso em: 22 set. 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

VINICIUS ROSSIGNOL FELIPE

CONHEÇA SEU LIVRO

Os elementos que compõem esta obra foram pensados para tornar seu estudo eficiente e prazeroso. Para isso, os boxes e seções distribuídos no livro apresentam objetivos bem definidos. Conheça os recursos que você vai encontrar neste livro e suas características.

UNIDADE 2

POPULAÇÃO, TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS

Pense no espaço físico onde você realiza suas atividades cotidianas e estabelece interações sociais. Como é sua relação com o lugar onde você vive? Você vive nele desde que nasceu ou se mudou recentemente? Você teve de se adaptar a esse lugar ou sempre se vinculou a ele?

A dimensão cultural e os significados que atribuímos ao lugar onde vivemos definem o que podemos chamar de territorialidade. Ela se manifesta por meio das relações de trabalho e de estudo, das expressões artísticas e religiosas, das festividades, das formas de lazer, da prática de esportes etc.

Que significados você atribui aos espaços que frequenta? Por quais atividades você expressa suas territorialidades? Existem territorialidades ligadas às culturas das juventudes? Como elas são? Elas usam algum tipo de linguagem verbal, corporal, visual, sonora, artística ou digital? Há disputa por espaço ou há convivência harmônica? Elas podem coexistir livremente? Compartilhe suas reflexões com os colegas.

Dançarinos de frevo (ou passistas) na Praça Rio Branco, em Recife, no estado de Pernambuco. Fotografia de 2022. A noção de territorialidade se manifesta em expressões culturais como o frevo.

74

Jovens andam de skate e de patins na Praça Rio Branco, em Recife, no estado de Pernambuco. Fotografia de 2020. Essa praça, nas proximidades do Cais do Porto, foi estabelecida em 1910, época em que ocorreram diversas renovações urbanísticas na cidade. Diferentes territorialidades podem conviver em um mesmo espaço.

As discussões propostas ao longo dos capítulos desta unidade mobilizam os temas norteadores população, território e fronteira. Trata-se de categorias amplamente utilizadas nos estudos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, pois nos ajudam a compreender as disputas e os conflitos entre grupos sociais distintos, além de ampliar nossa capacidade de entender e de transformar o mundo ao redor.

Esta unidade ocorre nos quatro livros desta coleção. Desse modo, os capítulos de história, geografia, sociologia e filosofia se complementam e favorecem a construção de conhecimento interdisciplinar.

Neste volume de filosofia, a unidade se concentra nos estudos de política e das dimensões do poder, do papel do Estado, do conceito de territorialidade e sua relação com o campo da linguagem e da arte.

Nos próximos dois capítulos, você vai:

- compreender o conceito de política e as diferentes dimensões do poder;
- analisar as origens e o papel do Estado nas relações de poder;
- discutir a relação entre Estado e sociedade e conhecer características dos regimes democrático e ditatorial;
- investigar o conceito de territorialidade;
- analisar a relação entre territorialidade, linguagem e arte, com destaque para as culturas juvenis.

75

Abertura de unidade

Uma dupla de páginas com textos e imagens que relacionam temas e conceitos desenvolvidos nos capítulos seguintes com algum problema do mundo contemporâneo, além de apresentar uma lista de objetivos de aprendizagem que vai guiar seus estudos.

Capítulo 1

Consciência e conhecimento

Uma das necessidades fundamentais do ser humano é buscar sentido para a vida e para a realidade em geral. As célebres perguntas "O que somos?", "De onde viemos?" e "Para onde vamos?" têm a ver com essa busca de sentido.

"Máquinas" de fazer sentido, de significar: assim somos nós, os seres humanos. Uma experiência nova ou inesperada basta para fazer brotar em nossa mente essa necessidade de encontrar um sentido para o que ocorreu. Aos poucos, vamos formando "histórias" sobre o que acontece, quem somos, como são os outros e a realidade.

Na procura de sentido, nossa consciência acessa e produz novos conhecimentos. Mas essa procura não pode se transformar em um caótico vale-tudo. Não é de maneira arbitrária que devemos investigar o sentido das coisas e de nossa própria existência. É fundamental respeitar alguns processos para que a busca pelo sentido caminhe ao lado da busca pela verdade.

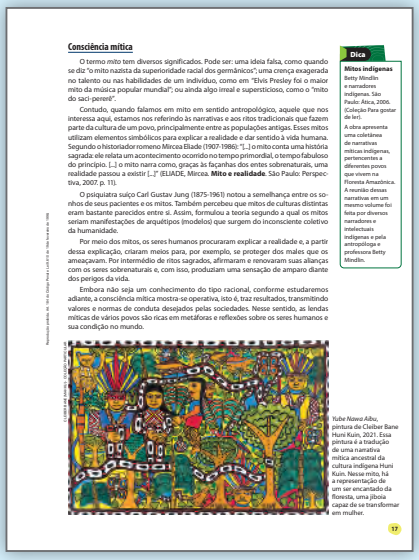
É por meio do crivo da reflexão consciente que podemos compreender o mundo, o outro e a nós mesmos, sem temer as aventuras e os riscos do desconhecido. Neste capítulo, vamos estudar visões filosóficas que identificam e problematizam nossa consciência de existir e nossos modos de conhecer.

Na ilustração, o filósofo grego Sócrates é representado sendo bombardeado por informações. No mundo contemporâneo, a fim de que a busca pelo sentido caminhe ao lado da busca pela verdade, é preciso cautela para depurar o excesso de informações a que temos acesso.

14

Capítulo

Os capítulos deste livro foram pensados visando promover o desenvolvimento de competências e habilidades com base em conteúdos trabalhados em atividades e textos teóricos enriquecidos com imagens, como fotografias, charges, ilustrações e mapas.


Consciência mítica

O termo *mito* tem diversos significados. Pode ser: uma ideia falsa, como quando se diz "o mito nazista da superioridade racial dos germânicos"; uma crença exagerada no talento ou nas habilidades de um indivíduo, como em "Elvis Presley foi o maior mito da música popular mundial"; ou ainda algo irreal e supersticioso, como o "mito do saci-pererê".

Contudo, quando falamos em mito em sentido antropológico, aquele que nos interessa aqui, estamos nos referindo às narrativas e aos ritos tradicionais que fazem parte da cultura de um povo, principalmente entre as populações antigas. Esses mitos utilizam elementos simbólicos para explicar a realidade e dar sentido à vida humana. Segundo o historiador romeno Mircea Eliade (1907-1986): "[...] o mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. [...] o mito narra como, graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir [...]" (ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 11).

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) notou a semelhança entre os sonhos de seus pacientes e os mitos. Também percebeu que mitos de culturas distintas eram bastante parecidos entre si. Assim, formulou a teoria segundo a qual os mitos seriam manifestações de arquétipos (modelos) que surgem do inconsciente coletivo da humanidade.

Por meio dos mitos, os seres humanos procuraram explicar a realidade e, a partir dessa explicação, criaram meios para, por exemplo, se proteger dos males que os ameaçavam. Por intermédio de ritos sagrados, afirmaram e renovaram suas alianças com os seres sobrenaturais e, com isso, produziam uma sensação de amparo diante dos perigos da vida.

Embora não seja um conhecimento do tipo racional, conforme estudaremos adiante, a consciência mítica mostra-se operativa, isto é, traz resultados, transmitindo valores e normas de conduta desejados pelas sociedades. Nesse sentido, as lendas míticas de vários povos são ricas em metáforas e reflexões sobre os seres humanos e sua condição no mundo.

Dica

Mitos indígenas
Betty Mindlin e narradores indígenas. São Paulo: Ática, 2006. (Coleção Para gostar de ler).

A obra apresenta uma coletânea de narrativas míticas indígenas, pertencentes a diferentes povos que vivem na Floresta Amazônica. A reunião dessas narrativas em um mesmo volume foi feita por diversos narradores e intelectuais indígenas e pela antropóloga e professora Betty Mindlin.

Yube Nawa Aibu, pintura de Cleiber Bane Huni Kuin, 2021. Essa pintura é a tradução de uma narrativa mítica ancestral da cultura indígena Huni Kuin. Nessa mito, há a representação de um ser encantado da floresta, uma jiboia capaz de se transformar em mulher.

17

Dica

Boxe com indicação de recursos, como vídeos, áudios, textos e *sites*, que aprofundam os conteúdos abordados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

TRABALHO E JUVENTUDES

Mulher trabalhando na edição de vídeo digital na Alemanha. Fotografia de 2022. A edição de conteúdos digitais é uma das atividades que podem ser exercidas pelo técnico em multimídia.

Ensino técnico em multimídia

O avanço das tecnologias digitais transferiu muitas atividades do nosso cotidiano para o mundo virtual. Hoje, as pessoas podem se comunicar, trabalhar, estudar e se divertir usando *smartphones*, computadores, *tablets* etc. Vários especialistas trabalham, por exemplo, para melhorar a interação do usuário com as tecnologias digitais. É esse um dos campos de atuação do profissional formado no **ensino técnico em multimídia**, que trabalha no planejamento, no desenvolvimento e na implementação de produtos para as mídias digitais.

O curso técnico possibilita, por exemplo, desenvolver a comunicação visual em meios eletrônicos, conduzir projetos de *marketing* digital, criação e atualização de sites, animações e *games* etc. Para isso, são ensinadas técnicas relacionadas tanto ao tratamento e à edição de fotografias, ilustrações e vídeos digitais quanto ao uso de *softwares* e princípios de programação. O curso também pode oferecer disciplinas de *marketing*, empreendedorismo e gestão de mídias sociais. É possível, ainda, atuar em produtoras e estúdios que desenvolvem animações para *streaming*, cinema e televisão, colaborar com empresas de *e-commerce*, de *marketing* digital e de jogos eletrônicos ou, então, nos departamentos de publicidade e comunicação de empresas em geral.

Criatividade e autonomia de pensamento são fundamentais para o técnico em multimídia, que precisa viabilizar as demandas dos clientes utilizando seus conhecimentos técnicos. Além dos conhecimentos específicos da sua área, é desejável que o técnico em mídias digitais saiba elaborar orçamentos e organizar cronogramas de trabalho.

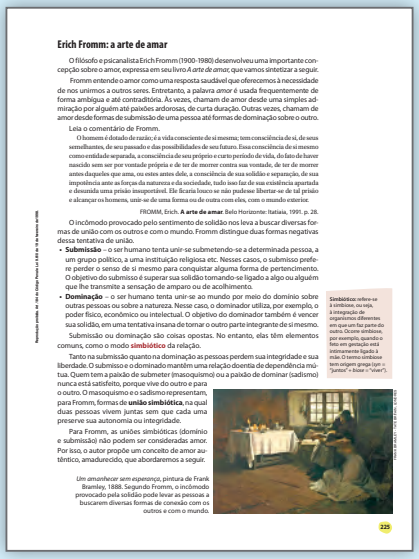
O técnico em multimídia pode trabalhar por conta própria, em produtoras que desenvolvem animações para *streaming*, cinema e televisão, em empresas de *e-commerce*, de *marketing* digital e de jogos eletrônicos ou em departamentos de publicidade.

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022 apontam que cerca de 91,5% dos domicílios brasileiros têm conexão à internet, sendo o celular o principal dispositivo de acesso à rede. Os dados indicam a existência de um mercado abrangente, com diversas opções de atuação para os profissionais de multimídia.

111

Trabalho e juventudes

Apresenta possibilidades de cursos e atuação profissional que poderão ajudar você a pensar os passos seguintes à conclusão do Ensino Médio.


Erich Fromm: a arte de amar

O filósofo e psicanalista Erich Fromm (1900-1980) desenvolveu uma importante concepção sobre o amor, expressa em seu livro *A arte de amar*, que vamos sintetizar a seguir.

Fromm entende o amor como uma resposta saudável que oferecemos à necessidade de nos unirmos a outros seres. Entretanto, a palavra *amor* é usada frequentemente de forma ambígua e até contraditória. As vezes, chamam de amor desde uma simples admiração por alguém até paixões ardorosas, de curta duração. Outras vezes, chamam de amor desde formas de submissão de uma pessoa até formas de dominação sobre o outro.

Leia o comentário de Fromm.

> O homem é dotado de razão; é a vida consciente de si mesma; tem consciência de si, de seus semelhantes, de seu passado e das possibilidades de seu futuro. Essa consciência de si mesmo como entidade separada, a consciência de seu próprio e curto período de vida, do fato de haver nascido sem ser por vontade própria e de ter de morrer contra sua vontade, de ter de morrer antes daqueles que ama, ou estes antes dele, a consciência de sua solidão e separação, de sua impotência ante as forças da natureza e da sociedade, tudo isso faz de sua existência apartada e desunida uma prisão insuportável. Ele ficaria louco se não pudesse libertar-se de tal prisão e alcançar os homens, unir-se de uma forma ou de outra com eles, com o mundo exterior.
>
> FROMM, Erich. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991. p. 28.

O incômodo provocado pelo sentimento de solidão nos leva a buscar diversas formas de união com os outros e com o mundo. Fromm distingue duas formas negativas dessa tentativa de união.

- **Submissão** – o ser humano tenta unir-se submetendo-se a determinada pessoa, a um grupo político, a uma instituição religiosa etc. Nesses casos, o submisso prefere perder o senso de si mesmo para conquistar alguma forma de pertencimento. O objetivo do submisso é superar sua solidão tornando-se ligado a algo ou alguém que lhe transmite a sensação de amparo ou de acolhimento.
- **Dominação** – o ser humano tenta unir-se ao mundo por meio do domínio sobre outras pessoas ou sobre a natureza. Nesse caso, o dominador utiliza, por exemplo, o poder físico, econômico ou intelectual. O objetivo do dominador também é vencer sua solidão, em uma tentativa insana de tornar o outro parte integrante de si mesmo.

Submissão ou dominação são coisas opostas. No entanto, elas têm elementos comuns, como o modo **simbiótico** da relação.

Tanto na submissão quanto na dominação as pessoas perdem sua integridade e sua liberdade. O submisso e o dominado mantêm uma relação doentia de dependência mútua. Quem tem a paixão de submeter (masoquismo) ou a paixão de dominar (sadismo) nunca está satisfeito, porque vive do outro e para o outro. O masoquismo e o sadismo representam, para Fromm, formas de **união simbiótica**, na qual duas pessoas vivem juntas sem que cada uma preserve sua autonomia ou integridade.

Para Fromm, as uniões simbióticas (domínio e submissão) não podem ser consideradas amor. Por isso, o autor propõe um conceito de amor autêntico, amadurecido, que abordaremos a seguir.

Um amanhecer sem esperança, pintura de Frank Bramley, 1888. Segundo Fromm, o incômodo provocado pela solidão pode levar as pessoas a buscarem diversas formas de conexão com os outros e com o mundo.

Simbiótico: refere-se à simbiose, ou seja, à associação de organismos diferentes em que um faz parte do outro. Ocorre simbiose, por exemplo, quando o feto em gestação está intimamente ligado à mãe. O termo simbiose tem origem grega (*syn* = "junto" + *biose* = "viver").

225

Glossário

Apresenta o significado de termos selecionados.

Historicidade axiológica

Para uma terceira corrente, os valores não dependem apenas das vivências de cada sujeito nem existem em si nas coisas ou no mundo ideal. Então, onde eles existem? Existem na relação histórico-social que se estabelece entre o sujeito e seus objetos. Nesse sentido, o filósofo Adolfo Sánchez Vázquez (1915-2011) define:

> [...] o valor não é propriedade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças à sua relação com o homem como ser social. Mas, por sua vez, os objetos podem ter valor somente quando dotados realmente de certas propriedades objetivas. [...]
>
> É o homem – como ser histórico-social e com a sua atividade prática – que cria os valores e os bens nos quais se encarnam [esses valores], independentemente dos quais só existem como projetos ou objetos ideais. Os valores são, pois, criações humanas, só existem e se realizam no homem e pelo homem.
>
> As coisas não criadas pelo homem (os seres da natureza) só adquirem um valor entrando numa relação especial com ele, integrando-se no seu mundo como coisas humanas ou humanizadas.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 121.

Segundo essa visão, o valor não é algo que reside somente no objeto, tampouco somente no sujeito; ele é construído na **relação histórica** entre o sujeito e o objeto.

As montanhas do Yosemite, pintura de Albert Bierstadt, 1867. Para o filósofo Adolfo Sánchez Vázquez, as coisas não criadas pelos seres humanos (ou seja, as coisas da natureza) adquirem valor ao integrar o mundo humano como coisa humanizada.

Enfoque Responda no caderno.

1. Segundo Adolfo Sánchez Vázquez, "os valores são, pois, criações humanas". Ainda de acordo com essa filósofa, como os valores são criados pelos seres humanos?
2. Organize um pequeno esquema (mapa mental, tabela ou resumo em tópicos, por exemplo) para identificar as diferenças entre as ideias de Adolfo Sánchez Vázquez, as dos filósofos subjetivistas e as dos objetivistas no que se refere aos estudos dos valores.

152

Enfoque

No decorrer dos capítulos, este boxe traz atividades de interpretação e reflexão, possibilitando que você aplique seus conhecimentos durante os estudos.

ESTRATÉGIA DE ESTUDO

Flashcards

No ambiente escolar, muitos estudantes afirmam esquecer boa parte dos conteúdos trabalhados, expressando dificuldade em aprender os novos conhecimentos.

É importante destacar que a maioria dos conhecimentos que construímos ao longo da vida deve ser usada como ferramenta para a compreensão e a transformação da realidade. Assim, aprender significa tornar-se competente para lidar com situações da vida real, mobilizando habilidades e conhecimentos que desenvolvemos dentro e fora da comunidade escolar. Quando bem consolidadas, essas habilidades são acionadas de forma quase automática. É como aprender a ler: após alfabetizados, não precisamos mais racionalizar e pensar sobre o som de cada sílaba. A leitura flui de forma natural, assim como andar, falar e outras habilidades essenciais ao ser humano.

No entanto, nosso cérebro não é capaz de reter todas as informações com as quais nos deparamos na vida. Assim, com o passar do tempo, informações não essenciais são esquecidas para que novas memórias possam se formar. Para ajudar nossa memória a reter uma informação, é interessante retomá-la constantemente.

Agora, vamos aprender uma técnica para manter vivas na memória as informações que desejamos.

Encenação da peça *Morte e vida severina*, dirigida por Elias Andreato, na capital de São Paulo. Fotografia de 2022. Há muitas situações em que a memória é uma importante aliada. Algumas carreiras, como a de atriz, utilizam a memorização em grande medida.

Elaborando *flashcards*

Flashcards são pequenos cartões, geralmente de papel, utilizados para a anotação de informações. Em um dos lados, anota-se uma pergunta ou palavra-chave que remeta a um conceito, processo ou acontecimento, por exemplo. Do outro lado, anota-se a resposta ou a definição da palavra-chave.

É importante que as definições sejam curtas. Dessa forma, antes de criar os cartões, selecione os conceitos que serão relembrados, estude-os e resuma-os, compondo textos simples que possam ser dispostos em um pequeno cartão.

Os cartões devem ter um tamanho que facilite sua manipulação e seu transporte, mais ou menos como uma carta de baralho. A ideia é ter os cartões sempre à mão para fazer pequenas sessões de estudo.

Outra dica é utilizar os cartões por vários dias seguidos. Nesse caso, a repetição é parte do processo.

Uso de *flashcards* em um estudo de filosofia

Veja o exemplo a seguir. Nele, há um verbete de dicionário sobre o conceito de *empirismo*, abordado no capítulo 1. Tenha atenção à definição do conceito e à caracterização da corrente filosófica. Essas informações serão a base para o texto que vai compor o *flashcard*.

Ao elaborar o texto do cartão, utilize um vocabulário que seja acessível, facilitando a compreensão, mas com o nível de formalidade que seria exigido em uma avaliação.

Se preferir, utilize papéis e canetas coloridas e uma caligrafia especial. Essas marcas visuais poderão auxiliar no processo de memorização.

> **Empirismo:** corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade [...]. Em geral, essa corrente caracteriza-se [por]: 1) negação do caráter absoluto da verdade ou, ao menos, da verdade acessível ao [ser humano]; 2) reconhecimento de que toda verdade pode e deve ser posta à prova, logo eventualmente modificada, corrigida ou abandonada [...].
>
> ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012. p. 377-378.

Flashcard apresentando o conceito de empirismo e sua definição.

Responda no caderno.

Agora é a sua vez!

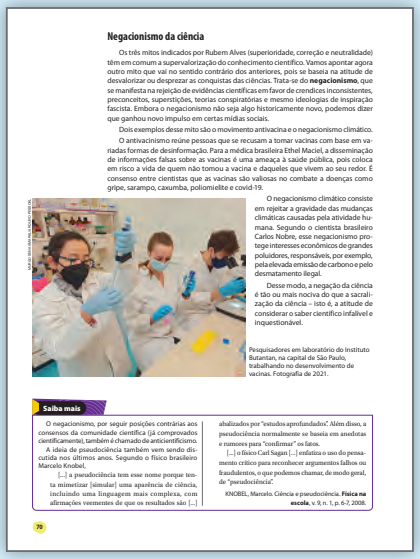
Escolha alguns conceitos estudados no capítulo 1 e elabore *flashcards*.

1. Com a ajuda do professor, selecione os conceitos mais importantes.
2. Estude os conceitos e elabore uma definição resumida para cada um deles.
3. Recorte vários cartões com a medida mais adequada para o manuseio e o transporte. Se possível, utilize um papel firme, como o papel-cartão.
4. Utilize uma das faces do cartão para anotar a palavra-chave. Na outra, anote a definição referente a essa palavra. Lembre-se: cada cartão deve conter uma palavra-chave e a definição correspondente.
5. Carregue seus cartões com você e, sempre que tiver um tempinho, releia cada uma das definições, realizando sua memória.
6. Após um tempo praticando, veja a palavra-chave e tente dizer a definição antes de lê-la na outra face. Em seguida, vire o cartão para conferir sua resposta.

44

Estratégia de estudo

Apresenta uma técnica que poderá ser aplicada durante todo o curso, oferecendo um recurso para que você melhore a sua rotina de estudos.



Negacionismo da ciência

Os três mitos indicados por Rubem Alves (superioridade, correção e neutralidade) têm em comum a supervalorização do conhecimento científico. Vamos apontar agora outro mito que vai no sentido contrário dos anteriores, pois se baseia na atitude de desvalorizar ou desprezar as conquistas das ciências. Trata-se do **negacionismo**, que se manifesta na rejeição de evidências científicas em favor de crendices inconsistentes, preconceitos, superstições, teorias conspiratórias e mesmo ideologias de inspiração fascista. Embora o negacionismo não seja algo historicamente novo, podemos dizer que ganhou novo impulso em certas mídias sociais.

Dois exemplos desse mito são o movimento antivacina e o negacionismo climático.

O antivacinismo reúne pessoas que se recusam a tomar vacinas com base em variadas formas de desinformação. Para a médica brasileira Ethel Maciel, a disseminação de informações falsas sobre as vacinas é uma ameaça à saúde pública, pois coloca em risco a vida de quem não tomou a vacina e daqueles que vivem ao seu redor. É consenso entre cientistas que as vacinas são valiosas no combate a doenças como gripe, sarampo, caxumba, poliomielite e covid-19.

O negacionismo climático consiste em rejeitar a gravidade das mudanças climáticas causadas pela atividade humana. Segundo o cientista brasileiro Carlos Nobre, esse negacionismo protege interesses econômicos de grandes poluidores, responsáveis, por exemplo, pela elevada emissão de carbono e pelo desmatamento ilegal.

Desse modo, a negação da ciência é tão ou mais nociva do que a sacralização da ciência – isto é, a atitude de considerar o saber científico infalível e inquestionável.

Pesquisadores em laboratório do Instituto Butantan, na capital de São Paulo, trabalhando no desenvolvimento de vacinas. Fotografia de 2021.

Saiba mais

O negacionismo, por seguir posições contrárias aos consensos da comunidade científica (já comprovados cientificamente), também é chamado de anticientificismo.

A ideia de pseudociência também vem sendo discutida nos últimos anos. Segundo o físico brasileiro Marcelo Knobel,

[...] a pseudociência tem esse nome porque tenta mimetizar [simular] uma aparência de ciência, incluindo uma linguagem mais complexa, com afirmações veementes de que os resultados são [...] abalizados por "estudos aprofundados". Além disso, a pseudociência normalmente se baseia em anedotas e rumores para "confirmar" os fatos.

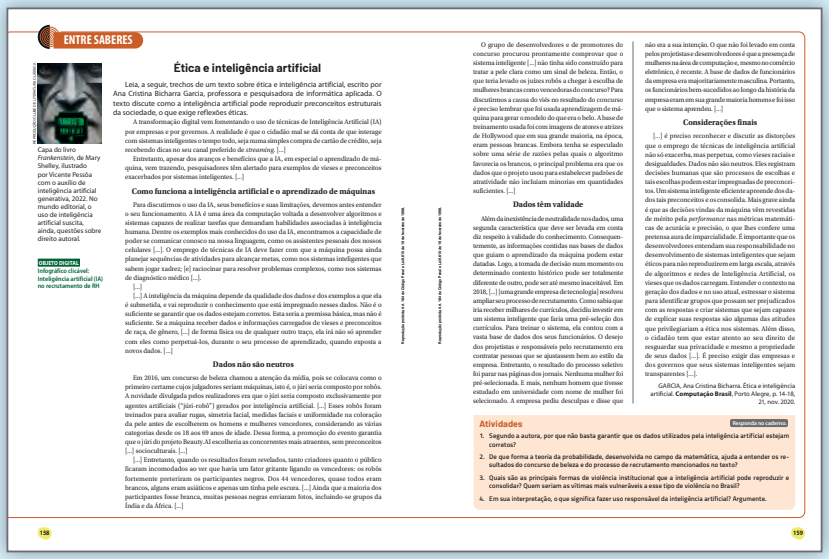
[...] o físico Carl Sagan [...] enfatiza o uso do pensamento crítico para reconhecer argumentos falhos ou fraudulentos, o que podemos chamar, de modo geral, de "pseudociência".

KNOBEL, Marcelo. Ciência e pseudociência. **Física na escola**, v. 9, n. 1, p. 6-7, 2008.

70

Saiba mais

Boxe com curiosidades e informações complementares que ajudam a contextualizar as temáticas do capítulo.



ENTRE SABERES

Ética e inteligência artificial

Leia, a seguir, trechos de um texto sobre ética e inteligência artificial, escrito por Ana Cristina Bicharra Garcia, professora e pesquisadora de informática aplicada. O texto discute como a inteligência artificial pode reproduzir preconceitos estruturais da sociedade, o que exige reflexões éticas.

A transformação digital vem fomentando o uso de técnicas de Inteligência Artificial (IA) por empresas e por governos. A realidade é que o cidadão mal se dá conta de que interage com sistemas inteligentes o tempo todo, seja numa simples compra de cartão de crédito, seja recebendo dicas no seu canal preferido de streaming. [...]

Entretanto, apesar dos avanços e benefícios que a IA, em especial o aprendizado de máquina, vem trazendo, pesquisadores têm alertado para exemplos de vieses e preconceitos exacerbados por sistemas inteligentes. [...]

Como funciona a inteligência artificial e o aprendizado de máquinas

Para discutirmos o uso da IA, seus benefícios e suas limitações, devemos antes entender o seu funcionamento. A IA é uma área da computação voltada a desenvolver algoritmos e sistemas capazes de realizar tarefas que demandam habilidades associadas à inteligência humana. Dentre os exemplos mais conhecidos do uso da IA, encontramos a capacidade de poder se comunicar conosco na nossa linguagem, como os assistentes pessoais dos nossos celulares [...]. O emprego de técnicas de IA deve fazer com que a máquina possa ainda planejar sequências de atividades para alcançar metas, como nos sistemas inteligentes que sabem jogar xadrez; [e] raciocinar para resolver problemas complexos, como nos sistemas de diagnóstico médico [...].

[...]

[...] A inteligência da máquina depende da qualidade dos dados e dos exemplos a que ela é submetida, e vai reproduzir o conhecimento que está impregnado nesses dados. Não é o suficiente se garantir que os dados estejam corretos. Esta seria a premissa básica, mas não é suficiente. Se a máquina receber dados e informações carregados de vieses e preconceitos de raça, de gênero, [...] de forma física ou de qualquer outro traço, ela irá não só aprender com eles como perpetuá-los, durante o seu processo de aprendizado, quando exposta a novos dados. [...]

Dados não são neutros

Em 2016, um concurso de beleza chamou a atenção da mídia, pois se colocava como o primeiro certame cujos julgadores seriam máquinas, isto é, o júri seria composto por robôs. A novidade divulgada pelos realizadores era que o júri seria composto exclusivamente por agentes artificiais ("júri-robô") gerados por inteligência artificial. [...] Esses robôs foram treinados para avaliar rugas, simetria facial, medidas faciais e uniformidade na coloração da pele antes de escolherem os homens e mulheres vencedores, considerando as várias categorias desde os 18 aos 69 anos de idade. Dessa forma, a promoção do evento garantia que o júri do projeto Beauty.AI escolheria as concorrentes mais atraentes, sem preconceitos [...] socioculturais. [...]

[...] Entretanto, quando os resultados foram revelados, tanto criadores quanto o público ficaram incomodados ao ver que havia um fator gritante ligando os vencedores: os robôs fortemente preteriram os participantes negros. Dos 44 vencedores, quase todos eram brancos, alguns eram asiáticos e apenas um tinha pele escura. [...] Ainda que a maioria dos participantes fosse branca, muitas pessoas negras enviaram fotos, incluindo-se grupos da Índia e da África. [...]

Capa do livro *Frankenstein*, de Mary Shelley, ilustrado por Vicente Pessôa com o auxílio de inteligência artificial generativa, 2022. No mundo editorial, o uso de inteligência artificial suscita, ainda, questões sobre direito autoral.

OBJETO DIGITAL
Infográfico clicável: Inteligência artificial (IA) no recrutamento de RH

O grupo de desenvolvedores e de promotores do concurso procurou prontamente comprovar que o sistema inteligente [...] não tinha sido construído para tratar a pele clara como um sinal de beleza. Então, o que teria levado os juízes robôs a chegar à escolha de mulheres brancas como vencedoras do concurso? Para discutirmos a causa do viés no resultado do concurso é preciso lembrar que foi usada aprendizagem de máquina para gerar o modelo do que era o belo. A base de treinamento usada foi com imagens de atores e atrizes de Hollywood que em sua grande maioria, na época, eram pessoas brancas. Embora tenha se especulado sobre uma série de razões pelas quais o algoritmo favorecia os brancos, o principal problema era que os dados que o projeto usou para estabelecer padrões de atratividade não incluíam minorias em quantidades suficientes. [...]

Dados têm validade

Além da ingenuidade de neutralidade nos dados, uma segunda característica que deve ser levada em conta diz respeito à validade do conhecimento. Consequentemente, as informações contidas nas bases de dados que guiam o aprendizado da máquina podem estar datadas. Logo, a tomada de decisão num momento ou determinado contexto histórico pode ser totalmente diferente de outro, pode ser até mesmo inaceitável. Em 2018, [...] uma grande empresa de tecnologia[1] resolveu ampliar seu processo de recrutamento. Como sabia que iria receber milhares de currículos, decidiu investir em um sistema inteligente que faria uma pré-seleção dos currículos. Para treinar o sistema, ela contou com a vasta base de dados dos seus funcionários. O desejo dos projetistas e responsáveis pelo recrutamento era contratar pessoas que se ajustassem bem ao estilo da empresa. Entretanto, o resultado do processo seletivo foi parar nas páginas dos jornais. Nenhuma mulher foi pré-selecionada. E mais, nenhum homem que tivesse estudado em universidade com nome de mulher foi selecionado. A empresa pediu desculpas e disse que não era a sua intenção. O que não foi levado em conta pelos projetistas e desenvolvedores é que a presença de mulheres na área de computação e, mesmo no comércio eletrônico, é recente. A base de dados de funcionários da empresa era majoritariamente masculina. Portanto, os funcionários bem-sucedidos ao longo da história da empresa eram em sua grande maioria homens e foi isso que o sistema aprendeu. [...]

Considerações finais

[...] é preciso reconhecer e discutir as distorções que o emprego de técnicas de inteligência artificial não só exacerba, mas perpetua, como vieses racistas e desigualdades. Dados não são neutros. Eles registram decisões humanas que são processos de escolhas e tais escolhas podem estar impregnadas de preconceitos. Um sistema inteligente eficiente aprende dos dados tais preconceitos e os consolida. Mais grave ainda é que as decisões vindas da máquina vêm revestidas de mérito pela *performance* nas métricas matemáticas de acurácia e precisão, o que lhes confere uma pretensa aura de imparcialidade. É importante que os desenvolvedores entendam sua responsabilidade no desenvolvimento de sistemas inteligentes que sejam éticos para não reproduzirem em larga escala, através de algoritmos e redes de Inteligência Artificial, os vieses que os dados carregam. Entender o contexto na geração dos dados e no uso atual, estressar o sistema para identificar grupos que possam ser prejudicados com as respostas e criar sistemas que sejam capazes de explicar suas respostas são algumas das atitudes que privilegiariam a ética nos sistemas. Além disso, o cidadão tem que estar atento ao seu direito de resguardar sua privacidade e mesmo a propriedade de seus dados [...]. E preciso exigir das empresas e dos governos que seus sistemas inteligentes sejam transparentes [...].

GARCIA, Ana Cristina Bicharra. Ética e inteligência artificial. **Computação Brasil**, Porto Alegre, p. 14-18, 21, nov. 2020.

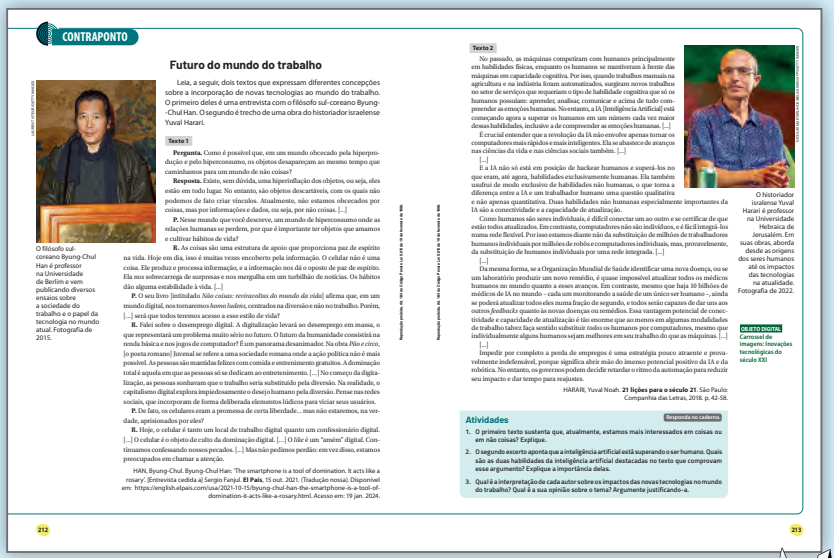
Atividades Respondo no caderno.

1. Segundo a autora, por que não basta garantir que os dados utilizados pela inteligência artificial estejam corretos?
2. De que forma a teoria da probabilidade, desenvolvida no campo da matemática, ajuda a entender os resultados do concurso de beleza e do processo de recrutamento mencionados no texto?
3. Quais são as principais formas de violência institucional que a inteligência artificial pode reproduzir e consolidar? Quem seriam as vítimas mais vulneráveis a esse tipo de violência no Brasil?
4. Em sua interpretação, o que significa fazer uso responsável da inteligência artificial? Argumente.

158 159

Entre saberes

Apresenta leituras e atividades que incentivam o diálogo entre a produção de diferentes áreas do conhecimento, reforçando a importância de uma leitura interdisciplinar da realidade.



CONTRAPONTO

Futuro do mundo do trabalho

Leia, a seguir, dois textos que expressam diferentes concepções sobre a incorporação de novas tecnologias ao mundo do trabalho. O primeiro deles é uma entrevista com o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. O segundo é trecho de uma obra do historiador israelense Yuval Harari.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han é professor na Universidade de Berlim e vem publicando diversos ensaios sobre a sociedade do trabalho e o papel da tecnologia no mundo atual. Fotografia de 2015.

Texto 1

Pergunta. Como é possível que, em um mundo ofuscado pela hiperprodução e pelo hiperconsumo, os objetos desapareçam ao mesmo tempo que caminhamos para um mundo de não coisas?

Resposta. Existe, sem dúvida, uma hiperinflação dos objetos, ou seja, eles estão em todo lugar. No entanto, são objetos descartáveis, com os quais não podemos de fato criar vínculos. Atualmente, não estamos ofuscados por coisas, mas por informações e dados, ou seja, por não coisas. [...]

P. Nesse mundo que você descreve, um mundo de hiperconsumo onde as relações humanas se perdem, por que é importante ter objetos que amamos e cultivar hábitos de vida?

R. As coisas são uma estrutura de apoio que proporciona paz de espírito na vida. Hoje em dia, isso é muitas vezes encoberto pela informação. O celular não é uma coisa. Ele produz e processa informações, e a informação nos dá o oposto de paz de espírito. Ela nos sobrecarrega de surpresas e nos mergulha em um turbilhão de notícias. Os hábitos dão alguma estabilidade à vida. [...]

P. O seu livro [intitulado *Não coisas: reviravoltas do mundo de vida*] afirma que, em um mundo digital, nos tornaremos *homo ludens*, centrados na diversão e não no trabalho. Porém, [...] será que todos teremos acesso a esse estilo de vida?

R. Falei sobre o desemprego digital. A digitalização levará ao desemprego em massa, o que representará um problema muito sério no futuro. O futuro da humanidade consistirá na renda básica e nos jogos de computador? É um panorama desanimador. Na obra *Pão e circo*, [o poeta romano] Juvenal se refere a uma sociedade romana onde a ação política não é mais possível. As pessoas são mantidas felizes com comida e entretimento gratuitos. A dominação total é aquela em que as pessoas só se dedicam ao entretenimento. [...] No começo da digitalização, as pessoas sonhavam que o trabalho seria substituído pela diversão. Na realidade, o capitalismo digital explora impiedosamente o desejo humano pela diversão. Presse nas redes sociais, que incorporam de forma deliberada elementos lúdicos para viciar seus usuários.

P. De fato, os celulares eram a promessa de certa liberdade... mas não estaremos, na verdade, aprisionados por eles?

R. Hoje, o celular é tanto um local de trabalho digital quanto um confessionário digital. [...] O celular é o objeto de culto da dominação digital. [...] O *like* é um "amém" digital. Continuamos confessando nossos pecados. [...] Mas não pedimos perdão: em vez disso, estamos preocupados em chamar a atenção.

HAN, Byung-Chul. Byung-Chul Han: 'The smartphone is a tool of domination. It acts like a rosary'. [Entrevista cedida a] Sergio Fanjul. **El País**, 15 out. 2021. (Tradução nossa). Disponível em: https://english.elpais.com/usa/2021-10-15/byung-chul-han-the-smartphone-is-a-tool-of-domination-it-acts-like-a-rosary.html. Acesso em: 19 jan. 2024.

Texto 2

No passado, as máquinas competiram com humanos principalmente em habilidades físicas, enquanto os humanos se mantiveram à frente das máquinas em capacidade cognitiva. Por isso, quando trabalhos manuais na agricultura e na indústria foram automatizados, surgiram novos trabalhos no setor de serviços que requeriam o tipo de habilidade cognitiva que só os humanos possuíam: aprender, analisar, comunicar e acima de tudo compreender as emoções humanas. No entanto, a IA [Inteligência Artificial] está começando agora a superar os humanos em um número cada vez maior dessas habilidades, incluindo a de compreender as emoções humanas. [...]

É crucial entender que a revolução da IA não envolve apenas tornar os computadores mais rápidos e mais inteligentes. Ela se abasteceu de avanços nas ciências da vida e nas ciências sociais também. [...]

[...]

E a IA não só está em posição de hackear humanos e superá-los no que eram, até agora, habilidades exclusivamente humanas. Ela também usufruiu de modo exclusivo de habilidades não humanas, o que torna a diferença entre a IA e um trabalhador humano uma questão qualitativa e não apenas quantitativa. Duas habilidades não humanas especialmente importantes da IA são a conectividade e a capacidade de atualização.

Como humanos são seres individuais, é difícil conectar um ao outro e se certificar de que estão todos atualizados. Em contraste, computadores não são indivíduos, e é fácil integrá-los numa rede flexível. Por isso estamos diante não da substituição de milhões de trabalhadores humanos individuais por milhões de robôs e computadores individuais, mas, provavelmente, da substituição de humanos individuais por uma rede integrada. [...]

[...]

Da mesma forma, se a Organização Mundial de Saúde identificar uma nova doença, ou se um laboratório produzir um novo remédio, é quase impossível atualizar todos os médicos humanos no mundo quanto a esses avanços. Em contraste, mesmo que haja 10 bilhões de médicos de IA no mundo – cada um monitorando a saúde de um único ser humano –, ainda se poderá atualizar todos eles numa fração de segundo, e todos serão capazes de dar uns aos outros *feedback* quanto às novas doenças ou remédios. Essa vantagem potencial de conectividade e capacidade de atualização é tão enorme que ao menos em algumas modalidades de trabalho talvez faça sentido substituir *todos* os humanos por computadores, mesmo que individualmente alguns humanos sejam melhores em seu trabalho do que as máquinas. [...]

[...]

Impedir por completo a perda de empregos é uma estratégia pouco atraente e provavelmente indefensável, porque significa abrir mão do imenso potencial positivo da IA e da robótica. No entanto, os governos podem decidir retardar o ritmo da automação para reduzir seu impacto e dar tempo para reajustes.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 42-58.

O historiador israelense Yuval Harari é professor na Universidade Hebraica de Jerusalém. Em suas obras, aborda desde as origens dos seres humanos até os impactos das tecnologias na atualidade. Fotografia de 2022.

OBJETO DIGITAL
Carrossel de imagens: Inovações tecnológicas do século XXI

Atividades Respondo no caderno.

1. O primeiro texto sustenta que, atualmente, estamos mais interessados em coisas ou em não coisas? Explique.
2. O segundo excerto aponta que a inteligência artificial está superando o ser humano. Quais são as duas habilidades da inteligência artificial destacadas no texto que comprovam esse argumento? Explique a importância delas.
3. Qual é a interpretação de cada autor sobre os impactos das novas tecnologias no mundo do trabalho? Qual é a sua opinião sobre o tema? Argumente justificando-a.

212 213

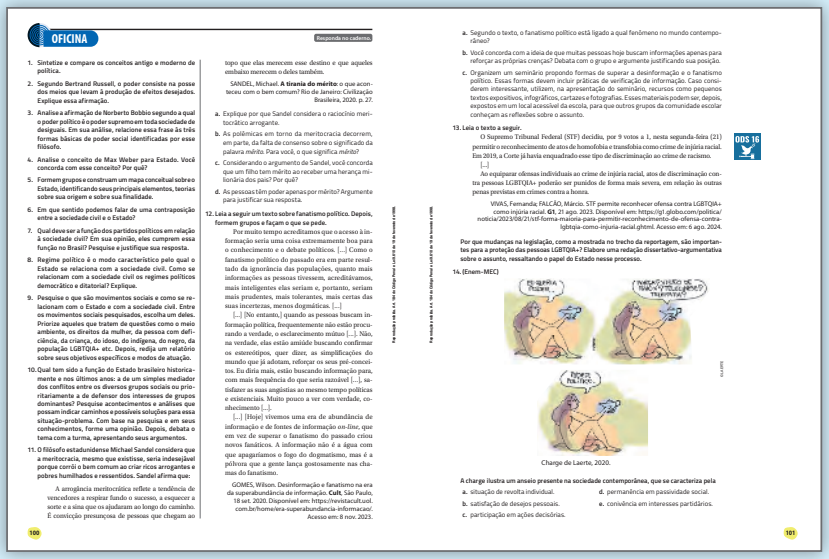
Contraponto

Esta seção promove a comparação de abordagens opostas ou complementares, valorizando a argumentação bem fundamentada e o respeito à diversidade de pontos de vista.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Oficina

Localizada ao final de cada capítulo, esta sequência de atividades contribui para o desenvolvimento de habilidades de retomada, síntese, organização, pesquisa, redação, argumentação, entre outras. Além disso, questões de Enem e vestibulares ajudam você a se preparar para exames e avaliações.



OFICINA

Responda no caderno.

1. **Sintetize e compare os conceitos antigo e moderno de política.**
2. **Segundo Bertrand Russell, o poder consiste na posse dos meios que levam à produção de efeitos desejados. Explique essa afirmação.**
3. **Analise a afirmação de Norberto Bobbio segundo a qual o poder político é o poder supremo em toda sociedade de desiguais. Em sua análise, relacione essa frase às três formas básicas de poder social identificadas por esse filósofo.**
4. **Analise o conceito de Max Weber para Estado. Você concorda com esse conceito? Por quê?**
5. **Formem grupos e construam um mapa conceitual sobre o Estado, identificando seus principais elementos, teorias sobre sua origem e sobre sua finalidade.**
6. **Em que sentido podemos falar de uma contraposição entre a sociedade civil e o Estado?**
7. **Qual deve ser a função dos partidos políticos em relação à sociedade civil? Em sua opinião, eles cumprem essa função no Brasil? Pesquise e justifique sua resposta.**
8. **Regime político é o modo característico pelo qual o Estado se relaciona com a sociedade civil. Como se relacionam com a sociedade civil os regimes políticos democrático e ditatorial? Explique.**
9. **Pesquise o que são movimentos sociais e como se relacionam com o Estado e com a sociedade civil. Entre os movimentos sociais pesquisados, escolha um deles. Priorize aqueles que tratem de questões como o meio ambiente, os direitos da mulher, da pessoa com deficiência, da criança, do idoso, do indígena, do negro, da população LGBTQIA+ etc. Depois, redija um relatório sobre seus objetivos específicos e modos de atuação.**
10. **Qual tem sido a função do Estado brasileiro historicamente e nos últimos anos: a de um simples mediador dos conflitos entre os diversos grupos sociais ou prioritariamente a de defensor dos interesses de grupos dominantes? Pesquise acontecimentos e análises que possam indicar caminhos e possíveis soluções para essa situação-problema. Com base na pesquisa e em seus conhecimentos, forme uma opinião. Depois, debata o tema com a turma, apresentando seus argumentos.**
11. **O filósofo estadunidense Michael Sandel considera que a meritocracia, mesmo que existisse, seria indesejável porque corrói o bem comum ao criar ricos arrogantes e pobres humilhados e ressentidos. Sandel afirma que:**

> A arrogância meritocrática reflete a tendência de vencedores a respirar fundo o sucesso, a esquecer a sorte e a sina que os ajudaram ao longo do caminho. É convicção presunçosa de pessoas que chegam ao topo que elas merecem esse destino e que aqueles embaixo merecem o deles também.
>
> SANDEL, Michael. **A tirania do mérito**: o que aconteceu com o bem comum? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 27.

a. Explique por que Sandel considera o racionínio meritocrático arrogante.
b. As polêmicas em torno da meritocracia decorrem, em parte, da falta de consenso sobre o significado da palavra *mérito*. Para você, o que significa mérito?
c. Considerando o argumento de Sandel, você concorda que um filho tem mérito ao receber uma herança milionária dos pais? Por quê?
d. As pessoas têm poder apenas por mérito? Argumente para justificar sua resposta.

12. **Leia a seguir um texto sobre fanatismo político. Depois, formem grupos e façam o que se pede.**

> Por muito tempo acreditamos que o acesso à informação política seria uma coisa extremamente boa para o conhecimento e o debate políticos. [...] Como o fanatismo político do passado era em parte resultado da ignorância das populações, quanto mais informações as pessoas tivessem, acreditávamos, mais inteligentes elas seriam e, portanto, seriam mais prudentes, mais tolerantes, mais certas das suas incertezas, menos dogmáticas. [...]
>
> [...] [No entanto,] quando as pessoas buscam informação política, frequentemente não estão procurando a verdade, o esclarecimento mútuo [...]. Não, na verdade, elas estão amiúde buscando confirmar os estereótipos, quer dizer, as simplificações do mundo que já adotam, reforçar os seus pré-conceitos. Eu diria mais, estão buscando informação para, com mais frequência do que seria razoável [...], satisfazer as suas angústias ao mesmo tempo políticas e existenciais. Muito pouco a ver com verdade, conhecimento [...].
>
> [...] [Hoje] vivemos uma era de abundância de informação e de fontes de informação *on-line*, que em vez de superar o fanatismo do passado criou novos fanáticos. A informação não é a água com que apagaríamos o fogo do dogmatismo, mas é a pólvora que a gente lança gostosamente nas chamas do fanatismo.
>
> GOMES, Wilson. Desinformação e fanatismo na era da superabundância de informação. **Cult**, São Paulo, 18 set. 2020. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/era-superabundancia-informacao/. Acesso em: 8 nov. 2023.

a. Segundo o texto, o fanatismo político está ligado a qual fenômeno no mundo contemporâneo?
b. Você concorda com a ideia de que muitas pessoas hoje buscam informações apenas para reforçar as próprias crenças? Debata com o grupo e argumente justificando sua posição.
c. Organizem um seminário propondo formas de superar a desinformação e o fanatismo político. Essas formas devem incluir práticas de verificação de informação. Caso considerem interessante, utilizem, na apresentação do seminário, recursos como pequenos textos expositivos, infográficos, cartazes e fotografias. Esses materiais podem ser, depois, expostos em um local acessível da escola, para que outros grupos da comunidade escolar conheçam as reflexões sobre o assunto.

13. **Leia o texto a seguir.**

> O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por 9 votos a 1, nesta segunda-feira (21) permitir o reconhecimento de atos de homofobia e transfobia como crime de injúria racial. Em 2019, a Corte já havia enquadrado esse tipo de discriminação ao crime de racismo.
> [...]
> Ao equiparar ofensas individuais ao crime de injúria racial, atos de discriminação contra pessoas LGBTQIA+ poderão ser punidos de forma mais severa, em relação às outras penas previstas em crimes contra a honra.
>
> VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. STF permite reconhecer ofensa contra LGBTQIA+ como injúria racial. **G1**, 21 ago. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/21/stf-forma-maioria-para-permitir-reconhecimento-de-ofensa-contra-lgbtqia-como-injuria-racial.ghtml. Acesso em: 6 ago. 2024.

Por que mudanças na legislação, como a mostrada no trecho da reportagem, são importantes para a proteção das pessoas LGBTQIA+? Elabore uma redação dissertativo-argumentativa sobre o assunto, ressaltando o papel do Estado nesse processo.

14. **(Enem–MEC)**

Charge de Laerte, 2020.

A charge ilustra um anseio presente na sociedade contemporânea, que se caracteriza pela

a. situação de revolta individual.
b. satisfação de desejos pessoais.
c. participação em ações decisórias.
d. permanência em passividade social.
e. conivência em interesses partidários.

Educação midiática

Esta seção, localizada após o último capítulo do livro, ajudará você a ter uma postura ética e crítica no uso das tecnologias digitais, seja como consumidor ou produtor de conteúdo.

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

Publicidade dirigida

Você já se viu interrompendo a navegação em um *site* ou rede social para clicar em algum anúncio que apresentava uma oferta atraente? Ou já notou que, ao visitar alguns *sites*, certas propagandas parecem sugerir exatamente o que você gostaria de comprar? Essas experiências são exemplos de publicidade dirigida (ou publicidade direcionada) na internet, que tem contribuído para o aumento dos hábitos de consumo na sociedade contemporânea de forma geral.

Em 2021, 84,7% das pessoas com dez anos ou mais de idade no Brasil acessavam a internet. Esse dado, combinado ao fato de que a maioria dos *sites* apresenta publicidade, ressalta o quanto podemos estar constantemente expostos a propagandas personalizadas e direcionadas.

Vamos analisar

Vamos supor que você esteja visitando um *site* e se depare com preços de roupas esportivas. Enquanto você explora diferentes opções, pode notar que o *site* começa a apresentar anúncios personalizados exibindo uma variedade de tênis ou outros acessórios relacionados ao universo dos esportes. Ao rolar a página, aparecem sugestões de matérias sobre como combinar roupas esportivas ou *links* com promoções e descontos. E se você comentar com alguém pode ser que o mesmo *site* apresente propagandas e conteúdos diferentes para essa pessoa. Por que e como isso acontece?

Imagem contemporânea que ilustra o conceito de publicidade dirigida. Esse tipo de estratégia comercial tem o objetivo de aumentar a eficácia das ações de publicidade nos meios digitais, tendo como base informações prévias sobre as preferências, os hábitos e o comportamento do público-alvo.

Vamos compreender

Esse tipo de publicidade dirigida, na verdade, é o resultado da coleta de dados pessoais realizada por empresas de tecnologia. Elas podem monitorar as atividades *on-line* dos usuários, como o histórico de navegação, os cliques feitos em anúncios e o tempo gasto em cada página e nas interações em redes sociais. Essas informações são obtidas por meio de ***cookies*** ou por tecnologias de rastreamento de dados entre *sites* e aplicativos.

Com base nesses dados, as empresas podem personalizar a experiência do usuário e direcionar anúncios com o objetivo de influenciar suas escolhas. Por meio dessas estratégias de *marketing*, as marcas conseguem atingir os consumidores com mensagens que apelam à emoção do usuário e que despertam seu desejo por bens e serviços.

Esse processo, além de fortalecer hábitos de consumo e evidenciar o papel da propaganda na economia moderna, desperta questões a respeito da privacidade e segurança na internet e da autonomia dos usuários. Vale a pena comprometer a privacidade em troca de uma experiência personalizada? Até que ponto as empresas podem influenciar ou mesmo manipular nossas escolhas e decisões?

Vamos criar

Monte um grupo com quatro ou cinco colegas para criar um vídeo informativo ou roteiro para vídeo sobre a publicidade dirigida e como ela se relaciona com a coleta de dados pessoais na internet. Essa será uma forma de transmitir seus conhecimentos sobre o assunto para pessoas da comunidade escolar e de sua convivência.

1. **Pesquisa e planejamento**. Leiam textos e artigos a respeito da publicidade na internet e da coleta de dados pessoais. Em seguida, criem um documento reunindo as principais informações, identificando aquelas que podem ser interessantes transmitir em um vídeo curto.
2. **Organização das informações**. Façam anotações sobre alguns dos tópicos que devem ser discutidos e respondidos no vídeo: O que é uma publicidade dirigida? Que exemplo pode ser apresentado no vídeo? Como os dados pessoais são coletados e qual é o papel das empresas de tecnologia nesse processo? Como esse fenômeno impacta a vida contemporânea?
3. **Produção de roteiro**. O roteiro é um tipo de texto que serve de guia para a criação de um vídeo, apresentando a descrição e a sequência de cenas que serão gravadas. Desse modo, para criar o roteiro, chequem todas as informações que constarão do vídeo e criem as cenas a fim de organizar o melhor encadeamento delas. Vocês poderão pesquisar modelos de roteiros de vídeo para facilitar a estruturação do texto ou utilizar uma apresentação no formato de *slides*, fazendo uso de ilustrações que auxiliem a explicação.

Caso seja possível, utilizem os recursos disponíveis, como *smartphones*, para gravar o roteiro. Escolham um local adequado, com boa iluminação e poucos ruídos. O vídeo deve ser curto e objetivo, a fim de manter o interesse do público. Para isso, vocês podem utilizar ferramentas e *softwares* de edição de vídeo disponíveis gratuitamente na internet.

Compartilhem a produção (o roteiro ou o vídeo finalizado) com a comunidade escolar e com as pessoas de sua convivência, fazendo circular as informações pesquisadas e promovendo entre elas a postura crítica em relação ao uso da tecnologia e da internet.

Cookies: arquivos de texto armazenados por *sites* visitados e que contêm informações sobre as atividades dos usuários na internet.

Dica

Privacidade hackeada
Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Estados Unidos, 2019. 113 minutos.
O documentário aborda a problemática em torno do uso não autorizado dos dados de cerca de 50 milhões de usuários de internet com o objetivo de traçar perfis de eleitores e lhes direcionar propaganda eleitoral e fake news.

Pesquisa em foco

Ao final do livro, esta seção oferece uma atividade coletiva, estruturada em etapas, em que você e seus colegas poderão usar práticas de pesquisa e criar um produto final a ser compartilhado com a comunidade escolar.

PESQUISA EM FOCO

Trabalhadores da educação

Ao longo deste volume, foram discutidas questões relacionadas ao trabalho e à arte. Você aprendeu que, por intermédio do trabalho, os seres humanos acrescentam um mundo novo ao mundo natural, ou seja, produzem cultura; e que, por meio da arte, o ser humano é capaz de criar formas perceptíveis de expressão de sentimentos e de pensamentos. A arte tem um grande poder de expressar ideias, sensações e provocar reflexões sobre a realidade vivida, incluindo a possibilidade de promover transformações sociais.

Nesta atividade, vamos mobilizar a arte para pensar sobre o trabalho. Assim, vamos observar, estudar e dar visibilidade aos trabalhadores da educação. A ideia é usar a arte para ressignificar o cotidiano desses trabalhadores, apresentando-o em uma mostra de arte que será avaliada por meio de um estudo de recepção.

School (Escola), pintura de Leon Zernitsky, 2014. A obra representa o cotidiano dos trabalhadores da educação.

Questionários

Questionários são listas de perguntas formuladas e apresentadas ao público. Eles podem funcionar como enquetes, ou seja, no formato de perguntas com algumas opções de resposta que devem ser assinaladas pelo voluntário. Há também a possibilidade de inserir questões abertas, isto é, discursivas, nas quais o voluntário deve redigir uma resposta. Alguns questionários combinam os dois tipos de questão.

Estudo de recepção

Os estudos de recepção procuram identificar os significados construídos pelos espectadores ao tomarem contato com uma obra. Eles podem ser utilizados para avaliar a forma como as pessoas interpretaram livros, obras de arte, produções audiovisuais, propagandas publicitárias etc. Em síntese, trata-se de compreender como determinada obra foi recebida pelo público.

Etapas de pesquisa

A atividade proposta será realizada coletivamente. Ela é composta de etapas e utiliza três práticas de pesquisa: observação participante, aplicação de questionários e estudo de recepção. Este último será realizado após a mostra de arte.

Observação participante

Na prática de pesquisa denominada observação participante, o pesquisador se insere no grupo que pretende estudar, compartilhando e vivenciando as experiências desse grupo. Assim, o pesquisador deve interagir com os membros do grupo, participando das atividades que fazem parte de seu cotidiano. Com isso, espera-se obter maior profundidade na descrição e na interpretação das vivências do grupo pesquisado.

Etapa 1: observação participante

Antes de iniciar a observação, dividam-se em grupos. Cada grupo deve escolher um conjunto de trabalhadores da escola e solicitar autorização para acompanhá-los em seu dia a dia. É importante explicar o objetivo do trabalho e obter o consentimento das pessoas.

Considerem que essa etapa pode durar mais de um dia, já que levará um tempo até que as pessoas observadas se sintam confortáveis com a presença de vocês e ajam com certa naturalidade.

Ao realizar as observações, procurem participar das atividades, oferecendo ajuda para a realização das tarefas desses trabalhadores. Façam registros sobre as características das funções que esses trabalhadores desempenham, as exigências para os cargos que ocupam, o histórico de formação profissional dessas pessoas, entre outros aspectos.

Etapa 2: produzindo arte

Com base nas reflexões e nos registros realizados na etapa 1, produzam uma expressão artística inspirada nas vivências dos trabalhadores observados. Vocês podem compor uma música, escrever uma peça de teatro, criar uma dança ou elaborar algum tipo de arte visual, como uma pintura.

A obra criada por vocês pode expressar as relações entre os trabalhadores ou a dedicação deles em relação às tarefas que desempenham. Vocês também podem criar algo que sirva para dar visibilidade a problemas enfrentados por esses trabalhadores, entre muitas outras possibilidades.

É importante que a obra criada por vocês valorize o trabalho dos profissionais acompanhados, apresentando-o de maneira positiva e livre de estereótipos e preconceitos.

Estudantes do Ensino Médio em uma aula de Arte, em escola de Diamantino, no estado de Mato Grosso. Fotografia de 2018. Pinturas com guache ou giz de cera são exemplos de técnicas que podem ser utilizadas na produção das obras.

OBJETO DIGITAL

Infográfico clicável: 5 pontos sobre uma pandemia

Ícone Objeto Digital

Indica um objeto educacional digital para ampliar possibilidades de aprendizagem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SUMÁRIO

UNIDADE 1 **CIÊNCIA, CULTURA E SOCIEDADE** 12

CAPÍTULO 1 **Consciência e conhecimento** 14

A vida consciente 15
Da *doxa* à *episteme* 20
TRABALHO E JUVENTUDES Bacharelado em filosofia 21
Teoria do conhecimento 26
CONTRAPONTO Fontes do conhecimento 34
Noções de lógica 35
OFICINA 41

ESTRATÉGIA DE ESTUDO *Flashcards* 44

CAPÍTULO 2 **Caminhos da ciência** 46

Ciência para quê? 47
Ciência moderna 53
Ciência contemporânea 60
Epistemologias contemporâneas 61
Ciência e sociedade 65
ENTRE SABERES O que são as mudanças climáticas? 71
OFICINA 72

UNIDADE 2 **POPULAÇÃO, TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS** 74

CAPÍTULO 3 **Estado e poder** 76

O que é política 77
CONTRAPONTO Filosofia ou filosofias? 80
Estado e poder político 81
Contraposição de regimes políticos 87
Esquerda e direita 90
Fascismo eterno 94
Consciência política 98
OFICINA 100

CAPÍTULO 4 **Territorialidade, linguagem e arte** 102

Conceitos de territorialidade 103
Os seres humanos e sua linguagem 106
Invenções ligadas à linguagem 107
TRABALHO E JUVENTUDES Ensino técnico em multimídia 111
Filosofias da linguagem 112
Linguagem da arte 115
O que é arte? 119
ENTRE SABERES Museu, arte e sociedade 123
OFICINA 129

UNIDADE 3 **ÉTICA E CIDADANIA** 132

CAPÍTULO 5 **A conduta ética** 134

Definição de ética 135
TRABALHO E JUVENTUDES Técnico em biotecnologia 136
Liberdade e responsabilidade 139
A violência: formas e causas 147
Instintivistas × socioambientalistas 148
Os valores morais 149
História e valores 154
ENTRE SABERES Ética e inteligência artificial 158
OFICINA 160

CAPÍTULO 6 **Ética na história** 162

Antiguidade 163
Idade Média 172
Idade Moderna 176
Idade Contemporânea 179
CONTRAPONTO Fundamentos da ética 189
OFICINA 192

UNIDADE 4 **TRABALHO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL** 194

CAPÍTULO 7 **Trabalho e alienação** 196

Conceito de trabalho 197
Concepções de trabalho 199
Processo de alienação 202
Perspectivas do trabalho 211
CONTRAPONTO Futuro do mundo do trabalho 212
OFICINA 217

CAPÍTULO 8 **Amar e projetar** 220

Concepções de amor 221

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Projeto de vida 232
ENTRE SABERES Tornar-se pessoa 238
TRABALHO E JUVENTUDES Bacharelado em psicologia 243
OFICINA 244

UNIDADE 5 ESTADO, PODER E DEMOCRACIA 246

CAPÍTULO 9 Política: dos antigos aos modernos 248

Filosofia política grega 249
ENTRE SABERES Cidadania, pertencimento e acolhimento 256
A política em Cícero e Agostinho 257
Filosofia política moderna 258
TRABALHO E JUVENTUDES Direito 269
OFICINA 271

CAPÍTULO 10 Política contemporânea 274

Século XIX: expansão do capitalismo 275
CONTRAPONTO A função do Estado e os direitos humanos 282
Séculos XX e XXI: era de incertezas 284
OFICINA 294

UNIDADE 6 SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE 296

CAPÍTULO 11 Condição humana 298

Animal racional 299
Ser de linguagem 301
Rousseau: liberdade e perfectibilidade 302
Trabalho 305
Amor 307
ENTRE SABERES Significados do humano 308
Hannah Arendt: a condição humana 310
Síntese humana 314
Biosfera e antroposfera 316
Conceitos de cultura 319
OFICINA 324

CAPÍTULO 12 Ser humano e meio ambiente 326

Separação da natureza 327
A natureza encantada 331
Questão ecológica 335
Ailton Krenak: a cosmovisão indígena 337
Hans Jonas: princípio responsabilidade 340
CONTRAPONTO Futuro 346
OFICINA 348

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA Publicidade dirigida 350

PESQUISA EM FOCO Trabalhadores da educação 352

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS 356

SUMÁRIO DOS OBJETOS DIGITAIS

Infográfico clicável: Cinco pontos sobre uma pandemia 69
Infográfico clicável: Evidências do aquecimento global no Brasil 71
Carrossel de imagens: Campanhas pelos direitos humanos 86
Vídeo: Armadilhas das *fake news* 97
Infográfico clicável: O uso responsável das redes sociais 105
Carrossel de imagens: Composições geométricas em obras de Rubem Valentim 124
***Podcast*:** O feminismo e as redes sociais 155
Infográfico clicável: Inteligência artificial (IA) no recrutamento de RH 158
***Podcast*:** Consumo e moda 209
Carrossel de imagens: Inovações tecnológicas do século XXI 213
***Podcast*:** O amor na perspectiva de bell hooks 227
Vídeo: Economia verde 241
Vídeo: Leonardo da Vinci 259
***Podcast*:** A influência do positivismo na Proclamação da República no Brasil 278
Mapa clicável: Ameaças ambientais 327
Mapa clicável: Povos indígenas e famílias linguísticas 337
Vídeo: Leis ambientais 349

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE 1

CIÊNCIA, CULTURA E SOCIEDADE

Você já se deparou, em seu cotidiano, com ideias que negam comprovações científicas? Essas ideias representam o chamado negacionismo científico, que acontece, por exemplo, quando são rejeitadas as evidências das mudanças climáticas, a importância das vacinas, a esfericidade do planeta Terra etc. O negacionismo pode ocorrer em diferentes circunstâncias, como em uma conversa entre amigos, em uma postagem em redes sociais ou em um debate em sala de aula. Caso tenha passado por situações similares, você se lembra de como reagiu?

Mesmo que você não tenha vivenciado essa situação, imagine qual seria sua postura, hoje, caso se deparasse com algum conteúdo que nega as evidências científicas sobre algo já comprovado. Reflita sobre qual é o papel da ciência, dos cientistas e da imprensa no combate ao negacionismo científico. Em seguida, levante hipóteses sobre os objetivos que podem estar por trás da difusão de desinformação associada a temas polêmicos de interesse público e que são discutidos com base em opiniões infundadas, oportunismo político, preconceitos etc. Por fim, proponha alguma resolução simples que possa fortalecer o discurso científico em nossa sociedade.

Vista do Lago do Puraquequara, em Manaus, no estado do Amazonas, em período de seca severa. Fotografia de 2023. Cientistas alertam que eventos climáticos extremos são causados pelo aquecimento global.

MARCOS AMEND/PULSAR IMAGENS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

Enfermeira trabalha em campanha de vacinação contra a covid-19 realizada no Museu do Amanhã, na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2021. Naquele ano, um dos postos de vacinação na cidade do Rio de Janeiro foi organizado no espaço do museu.

Os termos que compõem o título desta unidade – ciência, cultura e sociedade – correspondem a conceitos fundamentais para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. O estudo dessas categorias da área, interrelacionadas, possibilita compreender como os grupos humanos se organizam, ocupam o espaço e produzem conhecimento em diferentes contextos históricos.

Esta unidade ocorre nos quatro livros desta coleção. Desse modo, os capítulos de história, geografia, sociologia e filosofia se complementam e favorecem a construção de conhecimento interdisciplinar.

Neste volume de filosofia, a unidade se desdobra no estudo do conceito de consciência e de seus modos, da teoria do conhecimento e da lógica e no estudo da ciência, de seus métodos e suas finalidades, considerando a relação entre o conhecimento científico e a sociedade.

Nos próximos dois capítulos, você vai:

- compreender o conceito de consciência e diferenciar o senso comum do senso crítico;
- analisar os principais paradigmas da teoria do conhecimento;
- conhecer os princípios fundamentais da lógica;
- discutir o papel da ciência e conhecer os métodos e as características das teorias científicas;
- investigar a origem das principais epistemologias modernas e contemporâneas;
- discutir as relações entre a ciência e a sociedade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 1

Consciência e conhecimento

Uma das necessidades fundamentais do ser humano é buscar sentido para a vida e para a realidade em geral. As célebres perguntas "O que somos?", "De onde viemos?" e "Para onde vamos?" têm a ver com essa busca de sentido.

"Máquinas" de fazer sentido, de significar: assim somos nós, os seres humanos. Uma experiência nova ou inesperada basta para fazer brotar em nossa mente essa necessidade de encontrar um sentido para o que ocorreu. Aos poucos, vamos formando "histórias" sobre o que acontece, quem somos, como são os outros e a realidade.

Na procura de sentido, nossa consciência acessa e produz novos conhecimentos. Mas essa procura não pode se transformar em um caótico vale-tudo. Não é de maneira arbitrária que devemos investigar o sentido das coisas e de nossa própria existência. É fundamental respeitar alguns processos para que a busca pelo sentido caminhe ao lado da busca pela verdade.

É por meio do crivo da reflexão consciente que podemos compreender o mundo, o outro e a nós mesmos, sem temer as aventuras e os riscos do desconhecido. Neste capítulo, vamos estudar visões filosóficas que identificam e problematizam nossa consciência de existir e nossos modos de conhecer.

PAULO MANZI/ARQUIVO DA EDITORA

Na ilustração, o filósofo grego Sócrates é representado sendo bombardeado por informações. No mundo contemporâneo, a fim de que a busca pelo sentido caminhe ao lado da busca pela verdade, é preciso cautela para depurar o excesso de informações a que temos acesso.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A vida consciente

Desde o princípio, o ser humano busca dar sentido para as coisas. Essa busca se manifesta nas diversas explicações sobre o mundo e sobre nós mesmos. Tais explicações deram origem a mitos, religiões, artes, filosofias e ciências, em tempos e espaços variados.

As explicações que elaboramos nasceram de nossa necessidade básica de entender as coisas. E essa necessidade é fruto de nossa **consciência**. A consciência é um fenômeno ligado a processos como raciocínios, imaginação, emoções, memória, entre outros.

A consciência nos possibilita estar no mundo com algum saber, isto é, "com ciência" (ou tendo ciência) das coisas, dos outros e de si mesmo. Como assinalou o filósofo francês Teilhard de Chardin (1881-1955):

> O ser reflexivo, precisamente em virtude da sua inflexão sobre si mesmo, torna-se de repente suscetível de se desenvolver numa esfera nova. [...] é um outro mundo que nasce. Abstração, lógica, opções e invenções ponderadas, matemáticas, arte, percepção calculada do espaço e da duração, ansiedades e sonhos do amor...
>
> [...] O animal sabe, bem entendido. Mas, certamente, ele não sabe que sabe: de outro modo, teria há muito tempo multiplicado invenções e desenvolvido um sistema de construções internas que poderiam escapar à nossa observação. Consequentemente, permanece fechado para ele todo um domínio do real, no qual nós nos movemos [...] – mas no qual ele, por sua vez, não consegue entrar.
>
> CHARDIN, Teilhard de. **O fenômeno humano**. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 186-187.

A classificação biológica da espécie humana como *Homo sapiens sapiens* destaca essa característica de nossa consciência de saber que sabe. Por meio de nossa consciência, somos capazes de fazer nossa mente debruçar-se sobre si mesma para tomar posse de seu próprio saber, avaliando sua consistência, seu limite e seu valor. Assim, o ser humano tornou-se **reflexivo** (consciente de si mesmo).

Esse desenvolvimento foi chamado pelo historiador Yuval Harari de **revolução cognitiva**. O ser humano passou, então, a fazer parte de uma dupla realidade. De um lado, integra uma realidade objetiva, que se manifesta na biologia de seu corpo e na natureza que o cerca. De outro, integra uma realidade imaginada, que se manifesta pela linguagem criadora de religiões, políticas e atividades empresariais. Segundo Harari, essa realidade imaginada se tornou tão poderosa que a própria existência de rios, florestas e animais depende, em grande medida, de decisões tomadas por entidades como nações e corporações econômicas.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Para Teilhard de Chardin, qual é a diferença entre o saber do ser humano e o dos outros animais?
2. Segundo essa passagem, quais são os indícios de que o ser humano sabe que sabe?

RICCARDO MILANI/HANS LUCAS/AFP

O pensador, escultura de Auguste Rodin, 1902. Obra exposta no Museu Rodin, em Paris, na França, 2022. O homem representado na escultura apresenta uma postura corporal associada à reflexão.

Dica

Waking Life – O despertar da vida

Direção: Richard Linklater. Estados Unidos, 2001. 99 minutos.

A animação conta a história de um jovem que não consegue acordar de um sonho. Em um mundo imaginário, ele encontra pessoas da vida real, com as quais trava conversas sobre consciência humana, filosofia, religião e outros temas.

Classificação indicativa do filme *Waking Life – O despertar da vida*: não recomendado para menores de 12 anos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Classificação indicativa do filme *Extraordinário*: não recomendado para menores de 10 anos.

Dica

Extraordinário

Direção: Stephen Chbosky. Estados Unidos, 2017. 113 minutos.

Auggie é um garoto que nasceu com síndrome de Treacher Collins (doença genética que provoca malformação no crânio e na face). No ambiente escolar, ele é vítima de *bullying*. O filme aborda a importância da empatia, do colocar-se no lugar do outro, capacidade que concilia a consciência de si e a consciência da alteridade.

Despertar da consciência crítica

Estudamos que a consciência pode se centrar sobre o próprio sujeito, sondando a interioridade, ou sobre os objetos exteriores, sondando a **alteridade** (do latim *alter* = "outro"). Há, portanto, duas dimensões complementares no processo de conscientização:

- **consciência de si**, isto é, a concentração da consciência nos estados interiores do sujeito, que exige reflexão. Alcança-se, por intermédio dela, a dimensão da interioridade, que se manifesta por meio do processo de falar, criar, afirmar, propor, inovar.
- **consciência do outro**, isto é, a concentração da consciência nos objetos exteriores, que exige atenção. Alcança-se, por intermédio dela, a dimensão da alteridade, que se manifesta por meio do processo de escutar, absorver, reformular, rever, renovar.

O despertar da **consciência crítica** (ou **senso crítico**) depende do crescimento dessas duas dimensões da consciência: a reflexão sobre si e a atenção sobre o mundo. Se apenas um desses aspectos se desenvolve, há uma deformação, um abalo no desenvolvimento da consciência crítica.

Suponhamos, por exemplo, o crescimento apenas da consciência do outro. Essa atenção unilateral ao mundo, sem reflexão sobre si mesmo, conduziria à perda da identidade pessoal, à exaltação dos objetos externos, ao alheamento.

Agora, imaginemos o crescimento apenas da consciência de si. Essa reflexão em torno do eu, sem atenção sobre o mundo, conduziria ao isolamento, ao fechamento interior, ao labirinto narcisista.

O escritor alemão Wolfgang Goethe (1749-1832) dizia que o ser humano só conhece o mundo dentro de si se toma consciência de si mesmo dentro do mundo. Assim, a conscientização depende da superação do isolamento e do alheamento. É um processo **dialético**, que se move **do eu ao mundo** e **do mundo ao eu**. Do fazer ao saber. Do saber ao refazer, e assim por diante.

Dialético: no contexto, refere-se ao modo de pensar a realidade, considerando suas diversas faces, por vezes contraditórias. No caso, as tensões que se apresentam no deslocamento do eu ao mundo e vice-versa.

Modos da consciência

Geralmente relacionamos a consciência apenas à capacidade cognitiva, ou seja, à capacidade de apreensão intelectual de determinada realidade. No entanto, o ser humano se relaciona com a realidade por meio de múltiplos sentidos e múltiplas capacidades. Por isso, podemos distinguir alguns modos da consciência que estabelecem essa relação ser humano-mundo.

© ALEXANDRE BECK

Armandinho, tirinha de Alexandre Beck, 2020. Essa tirinha foi criada no contexto da pandemia de covid-19, que exigiu a adoção de medidas sanitárias, como isolamento e uso de máscaras, para conter a propagação da doença sobretudo entre os mais vulneráveis. Na tirinha, há um equilíbrio entre a consciência de si e a consciência do outro, o que favorece o desenvolvimento da consciência crítica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consciência mítica

O termo *mito* tem diversos significados. Pode ser: uma ideia falsa, como quando se diz "o mito nazista da superioridade racial dos germânicos"; uma crença exagerada no talento ou nas habilidades de um indivíduo, como em "Elvis Presley foi o maior mito da música popular mundial"; ou ainda algo irreal e supersticioso, como o "mito do saci-pererê".

Contudo, quando falamos em mito em sentido antropológico, aquele que nos interessa aqui, estamos nos referindo às narrativas e aos ritos tradicionais que fazem parte da cultura de um povo, principalmente entre as populações antigas. Esses mitos utilizam elementos simbólicos para explicar a realidade e dar sentido à vida humana. Segundo o historiador romeno Mircea Eliade (1907-1986): "[...] o mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. [...] o mito narra como, graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir [...]" (ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 11).

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) notou a semelhança entre os sonhos de seus pacientes e os mitos. Também percebeu que mitos de culturas distintas eram bastante parecidos entre si. Assim, formulou a teoria segundo a qual os mitos seriam manifestações de arquétipos (modelos) que surgem do inconsciente coletivo da humanidade.

Por meio dos mitos, os seres humanos procuraram explicar a realidade e, a partir dessa explicação, criaram meios para, por exemplo, se proteger dos males que os ameaçavam. Por intermédio de ritos sagrados, afirmaram e renovaram suas alianças com os seres sobrenaturais e, com isso, produziam uma sensação de amparo diante dos perigos da vida.

Embora não seja um conhecimento do tipo racional, conforme estudaremos adiante, a consciência mítica mostra-se operativa, isto é, traz resultados, transmitindo valores e normas de conduta desejados pelas sociedades. Nesse sentido, as lendas míticas de vários povos são ricas em metáforas e reflexões sobre os seres humanos e sua condição no mundo.

Dica

Mitos indígenas

Betty Mindlin e narradores indígenas. São Paulo: Ática, 2006. (Coleção Para gostar de ler).

A obra apresenta uma coletânea de narrativas míticas indígenas, pertencentes a diferentes povos que vivem na Floresta Amazônica. A reunião dessas narrativas em um mesmo volume foi feita por diversos narradores e intelectuais indígenas e pela antropóloga e professora Betty Mindlin.

CLEIBER BANE (MAHKU) - COLEÇÃO PARTICULAR

Yube Nawa Aibu, pintura de Cleiber Bane Huni Kuin, 2021. Essa pintura é a tradução de uma narrativa mítica ancestral da cultura indígena Huni Kuin. Nesse mito, há a representação de um ser encantado da floresta, uma jiboia capaz de se transformar em mulher.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consciência religiosa

A consciência religiosa compartilha com a consciência mítica o elemento do sobrenatural, a crença em um poder superior inteligente, isto é, a divindade. No entanto, é uma consciência que, historicamente, conviveu, dialogou e debateu com a razão filosófica e científica. Sua diferença em relação a esses saberes está na crença em **verdades reveladas** pela **fé** religiosa, enquanto a filosofia e a ciência se apoiam sobretudo na **razão** para alcançar o conhecimento.

Na Idade Média, os debates entre os defensores da fé e os da razão não conseguiram conciliar satisfatoriamente esses dois termos. No período seguinte, a discussão prosseguiu entre os filósofos. O francês René Descartes (1596-1650), por exemplo, colocava a ênfase na razão, enquanto o também francês Blaise Pascal (1623-1660) fazia o contraponto ao afirmar que "o coração tem razões que a razão desconhece", isto é, existem outras possibilidades de conhecimento das quais a razão não participa.

Consciência intuitiva

***Insight*:** termo inglês que designa a compreensão repentina de um problema ou situação.

A intuição é uma forma de consciência que pode ser apontada como um saber imediato, ou seja, que ocorre como um ***insight***. Desse modo, a intuição distingue-se do conhecimento formal, refletido, que se constrói por meio de argumentos.

É possível falar na existência de uma intuição intelectual e uma intuição sensível. O filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) se referia à **intuição intelectual** como o conhecimento imediato de algo universalmente válido e evidente, que, posteriormente, poderia ser demonstrado por meio de argumentos. Já a **intuição sensível** seria um conhecimento imediato restrito ao contexto das experiências individuais, singulares, ou seja, são aquelas "leituras de mundo" guiadas pelo conjunto de experiências de cada indivíduo e que só podem ser "decifradas" com base em suas vivências subjetivas.

Em ambos os casos, a intuição tem um caráter **sincrético**, isto é, representa uma aglutinação de elementos indistintos que, depois, podem ser desdobrados em uma análise. Quando isso ocorrer, estaremos entrando no conhecimento racional.

Consciência racional

O filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831) considera que há três grandes formas de compreensão do mundo: a religião, a arte e a filosofia. A diferença entre elas estaria em seu modo de consciência: enquanto a religião apreende o mundo pela fé, a arte o faz predominantemente pela intuição, e a filosofia, pelo conhecimento racional.

A consciência racional busca a compreensão da realidade por meio de princípios estabelecidos pela razão, como o de causa e efeito (todo efeito deve ter a sua causa). Essa busca racional pretende alcançar uma adequação entre pensamento e realidade, isto é, entre explicação e aquilo que se procura explicar.

MAURO PIMENTEL/AFP/GETTY IMAGES

Ailton Krenak, filósofo, ambientalista e liderança indígena, discursa durante sua posse na Academia Brasileira de Letras, em abril de 2024. Em seus escritos, como no livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak se utiliza, em larga medida, do princípio de causa e efeito para explicar os grandes problemas ecológicos, mostrando como uma mentalidade devastadora impacta o meio ambiente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na passagem a seguir, o pensador Umberto Eco propõe que o modelo de investigação racional do Ocidente parte de certos princípios, como o de causa e efeito.

> Para o racionalismo grego, de Platão a Aristóteles e outros, conhecer significava entender as causas. [...] Para se conseguir definir o mundo em termos de causas, é essencial desenvolver a ideia de uma cadeia unilinear: se um movimento vai de A para B, então não há força na terra capaz de fazê-lo ir de B para A. Para se conseguir justificar a natureza unilinear da cadeia causal, é necessário primeiro supor uma série de princípios: o princípio de identidade (A = A), o princípio de não contradição (é impossível algo ser A e não ser A ao mesmo tempo) e o princípio do terceiro excluído (ou A é verdadeiro ou A é falso e não há terceira possibilidade).

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 31-32.

O conhecimento racional é comum à **ciência** e à **filosofia**. Esses dois campos do saber racional se mantiveram ligados por séculos, mas principalmente a partir da revolução científica, no século XVII, foram se distinguindo e hoje guardam características próprias. No entanto, permanecem atuais os **diálogos** entre ciência e filosofia.

A ciência desenvolveu métodos científicos, baseados em experimentações, que permitem a observação dos dados empíricos e sua organização em teorias, para buscar o que é universal em relação ao fenômeno ou objeto investigado. Devido ao acúmulo de conhecimento já alcançado pela humanidade, o trabalho dos cientistas tende cada vez mais à especialização do saber.

A filosofia se distingue da ciência por ser mais teórica e não condicionar o objeto de sua análise a um laboratório de experimentações. A filosofia não busca um saber tão especializado, e sim um conhecimento que resgate a visão de conjunto. Por isso, o diálogo entre filosofia e ciência é importante: a filosofia pode se valer dos resultados alcançados pela ciência e questioná-los de forma global.

Enquanto a ciência procura, principalmente, compreender o que são as coisas, a filosofia, por meio da razão crítica, é capaz de "estranhar" a realidade e proceder à reflexão em busca de seus fundamentos, percebendo o que ela é e propondo o que ela deveria ser.

Responda no caderno.

Enfoque

1. **Descreva o experimento representado na pintura de Joseph Wright. Se necessário, faça uma breve pesquisa.**
2. **Na pintura, qual é a reação do público que acompanha o experimento?**

JOSEPH WRIGHT - GALERIA NACIONAL, LONDRES

Experimento com um pássaro em uma bomba de ar, pintura de Joseph Wright, 1768.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Da *doxa* à *episteme*

A exigência de clareza e de livre crítica é própria do percurso filosófico. Antes de Descartes, essa **recusa da opinião** (da ***doxa***, em grego) e a **busca da explicação e da verdade** (da ***episteme***, em grego) já eram encontradas nos diálogos socráticos, escritos pelo pensador grego Platão (428 a.C.-347 a.C.). Exercitando o senso crítico do interlocutor, esses diálogos tinham importante papel educativo e são qualificados como socráticos porque têm o filósofo Sócrates (469 a.C.-399 a.C.) como principal personagem.

Para entrar no campo da filosofia, é imprescindível ter uma curiosidade insaciável, ou, como dizia Platão, uma primeira virtude: admirar-se ou espantar-se (em grego, *thaumázein*). Admirar-se com a realidade implica problematizá-la, isto é, não julgar que tudo é natural e óbvio. A filosofia nasce de um estado de procura marcado pelo rigor.

Em outras palavras, o ser humano quer uma explicação para o mundo. Ele quer, enfim, a verdade. Essa busca pela verdade se tornou cada vez mais exigente em função do conhecimento que era construído e transmitido. Ambicioso, o ser humano sentia que necessitava entender e explicar de maneira coerente e precisa. Por isso, Aristóteles dizia que o ser humano, quando pergunta e se espanta, tem uma sensação de ignorância. Para escapar da ignorância, ele começa a filosofar, em busca de saber.

A palavra *filosofia* é formada por dois termos gregos: *filos*, que traduz a ideia de amor, e *sofia*, que significa "sabedoria". Assim, filosofia tem o sentido etimológico de "amor à sabedoria".

Conforme a tradição histórica, a criação da palavra *filosofia* é atribuída ao grego Pitágoras, que viveu no século VI a.C. Certa vez, perguntado pelo príncipe Leonte sobre qual era a natureza de sua sabedoria, Pitágoras disse: "Sou apenas um filósofo". Com essa resposta, desejava esclarecer que não detinha a posse da sabedoria. Assumia a posição de "amante do saber", alguém que procura a sabedoria, que busca a verdade.

Com o decorrer do tempo, entretanto, a palavra *filosofia* foi perdendo o significado original. Na própria Grécia antiga, passou a designar não apenas o amor ou a procura da sabedoria, mas um tipo especial de sabedoria: aquela que nasce do **uso metódico da razão**, da investigação racional, na busca do conhecimento, ou seja, da *episteme*, e não da mera opinião, da *doxa*.

Dica

O tempo e a vida

Marcelo Gleiser e Mario Sergio Cortella. Rio de Janeiro: Record, 2022. (Coleção Segredos da vida).

O livro, organizado como uma conversa informal entre o físico e astrônomo Marcelo Gleiser e o filósofo Mario Sergio Cortella, apresenta reflexões sobre as origens da filosofia, o significado de viver em sociedade, a consciência, a busca pelo conhecimento, entre outros temas.

BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - MUSEU E GALERIAS DE LEEDS, LEEDS

Opinião pública, pintura de George Bernard O'Neill, cerca de 1863. A filosofia recusa a opinião para se basear na investigação racional.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Bacharelado em filosofia

A filosofia, como área de conhecimento, dedica-se à investigação da realidade e à reflexão crítica e criteriosa dos fenômenos naturais, sociais, culturais e políticos, oferecendo novas perspectivas e enriquecendo a compreensão de mundo no geral. Assim, o **bacharel em filosofia** colabora para o debate em diversos contextos (escolar, universitário, midiático, jornalístico, cultural etc.), incluindo um amplo espectro de temas, que vão desde a ciência à religião. Esse debate filosófico questiona atitudes, comportamentos e discursos cotidianamente naturalizados, bem como visa compreender e relativizar diferentes pontos de vista, identificando suas limitações e ampliações, suas semelhanças e diferenças, seus pressupostos e desdobramentos.

Para isso, o bacharelado em filosofia propõe o estudo da história da filosofia – isto é, dos principais filósofos de todas as épocas e de suas contribuições conceituais – e dos grandes temas da área (ética, filosofia política, lógica, metafísica, filosofia da linguagem, filosofia da ciência, teoria do conhecimento e estética). O curso prepara os estudantes para mobilizar as ferramentas teóricas construídas historicamente por outros filósofos, mas também os incentiva a examinar temas contemporâneos e a teorizar sobre eles com autonomia.

O bacharel em filosofia pode se dedicar à pesquisa e à docência ao atuar no meio acadêmico. Com formação complementar em licenciatura, pode também lecionar no ensino básico. Outras oportunidades para esse profissional estão atreladas a instituições culturais, como editoras, museus, produtoras audiovisuais, jornais, revistas etc., em que pode contribuir como crítico e formador de opinião.

Em geral, o bacharel em filosofia é valorizado por seu olhar analítico, por sua capacidade de leitura e de articulação de ideias, enfim, por habilidades que são desenvolvidas ao longo da graduação. Quem pretende se debruçar sobre essa profissão precisa gostar de leituras mais densas e ter paciência para respeitar o tempo adequado de maturação das ideias, distante das dinâmicas aceleradas impostas pelo mundo contemporâneo.

EDUARDO MOURA/FOLHAPRESS

A filósofa brasileira Djamila Ribeiro é entrevistada em um programa televisionado. Fotografia de 2022. Cada vez mais os bacharéis em filosofia têm atuado como formadores de opinião, colaborando com programas televisivos e de rádio, colunas em jornais e revistas, além da presença frequente em mídias digitais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Senso comum: o saber das opiniões

De maneira geral, os vários modos da consciência coexistem, em maior ou menor grau, quando emitimos algum juízo sobre a realidade. Isso nos leva a fazer outra distinção em relação a certo tipo de saber. Analisemos.

Em conversas diárias com as pessoas, é comum surgir uma série de opiniões sobre os mais variados assuntos. Muitas dessas opiniões conseguem um **consenso**, isto é, obtêm a concordância da maioria das pessoas de um grupo. Essas opiniões podem se tornar concepções aceitas por diversos segmentos de uma sociedade.

Esse vasto conjunto de opiniões, aceitas como verdadeiras, mas sem uma fundamentação de sua validade, recebe o nome de **senso comum**. O filósofo belga Chaim Perelman (1912-1984) define o senso comum como uma série de crenças admitidas por determinado grupo social, cujos membros acreditam ser compartilhadas por todas as pessoas. Muitas das concepções do senso comum de um povo ou de um grupo social podem ser encontradas em frases feitas ou em provérbios populares, por exemplo: "Deus ajuda quem cedo madruga", "Querer é poder" e "Filho de peixe, peixinho é".

Repetidas irrefletidamente no cotidiano, algumas dessas noções podem esconder ideias falsas, parciais ou preconceituosas. Outras, no entanto, podem **revelar profunda reflexão sobre a vida** – o que chamamos "sabedoria popular". Essa sabedoria serve e inspira tanto a filosofia quanto a ciência.

Acrítica: no contexto, refere-se ao não reconhecimento exato da origem dos elementos que compõem determinados conhecimentos ou noções.

Mas o que caracteriza basicamente as noções pertencentes ao senso comum não é a sua verdade ou falsidade. É a falta de **fundamentação** crítica, isto é, as pessoas não sabem o **porquê** dessas noções. Trata-se, portanto, de um conhecimento adquirido sem uma base crítica, precisa, coerente e sistemática.

No senso comum, ou seja, no entendimento médio, geral, próprio à maioria das pessoas, os modos da consciência normalmente estão emaranhados de tal forma que suas noções se caracterizam por uma aglutinação **acrítica** de juízos, provenientes tanto da intuição quanto do campo racional ou religioso.

Como resultado, pode ocorrer a consagração de um dado conjunto de formulações teóricas que servirão como base de orientação para a vida prática como se fossem definitivas. Nesse procedimento comum e cotidiano, elevamos à categoria de "verdades definitivas e absolutas" conhecimentos provisórios e parciais.

Em virtude da ausência da razão crítica, o senso comum torna-se um campo favorável ao desenvolvimento do fenômeno da ideologia, como explicaremos a seguir.

LUCAS LACAZ RUIZ/FOTOARENA

Folhetos de literatura de cordel em exposição que homenageia o xilogravurista J. Borges, em São José dos Campos, no estado de São Paulo. Fotografia de 2024. Quando o senso comum se reveste de sabedoria popular, ele não só enriquece a cultura de um povo, como também promove profundas reflexões. É o que ocorre, por exemplo, na literatura de cordel.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ideologia

A palavra *ideologia* pode assumir diversos significados. Quando criada pelo filósofo francês Destutt de Tracy (1754-1836), queria dizer ciência das ideias, compreendendo o estudo da origem e do desenvolvimento das ideias. Posteriormente, o termo passou a significar as ideias próprias de certos grupos sociais e políticos. Assim é que se fala em ideologia liberal, ideologia de esquerda, ideologia burguesa etc.

Por influência do pensamento de Karl Marx (1818-1883), a palavra *ideologia* tornou-se largamente utilizada na filosofia e nas ciências sociais, adquirindo um significado crítico e negativo. De acordo com essa vertente, ideologia seria não apenas um conjunto de ideias que elaboram uma compreensão da realidade, mas também um conjunto de ideias que dissimulam essa realidade, porque mostram as coisas de forma apenas parcial ou distorcida em relação ao que realmente são.

O que se buscaria ocultar ou dissimular na realidade poderia ser, por exemplo, o domínio de uma classe social sobre outra. Nesse caso, a ideologia teria a função de preservar a dominação de classes, apresentando uma explicação apaziguadora para as diferenças sociais. Seu objetivo seria evitar o conflito entre opressores e oprimidos.

A ideologia seria, portanto, uma forma de consciência da realidade, mas uma consciência parcial e ilusória, que se baseia na criação de conceitos e preconceitos como instrumentos de dominação.

Para a filósofa brasileira Marilena Chaui, a noção de ideologia apresenta, de forma resumida, os seguintes traços gerais:

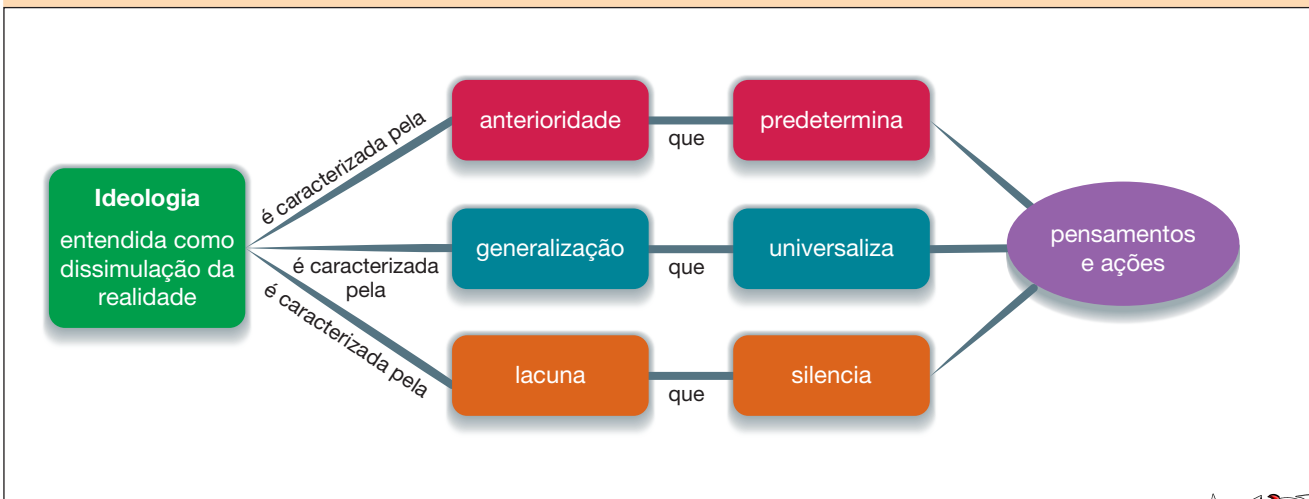
- **anterioridade** – a ideologia funciona como um conjunto de ideias, normas e valores destinados a fixar e prescrever, de antemão, os modos de pensar, sentir e agir das pessoas. Assim, a ideologia predetermina o pensamento e a ação, desprezando a história e a prática na qual cada pessoa se insere, vive e produz;
- **generalização** – a ideologia tem como finalidade produzir um consenso coletivo, um senso comum (aceitação geral) em torno de certas teses e valores. Com isso, generaliza para toda a sociedade aquilo que corresponde aos interesses específicos dos grupos ou classes dominantes. O "bem de alguns" é difundido como se fosse o "bem comum". Além disso, a generalização visa ocultar a origem dos interesses sociais específicos que nascem da divisão da sociedade em classes;
- **lacuna** – a ideologia desenvolve-se sobre uma lógica construída na base de lacunas, de omissões, de silêncios e de saltos. Uma lógica montada para ocultar em vez de revelar, falsear em vez de esclarecer. A eficiência de uma ideologia depende de sua capacidade para ocultar sua origem, sua lacuna e sua finalidade. Suas "verdades" devem parecer naturais, justificadas, válidas para todos os seres humanos e para todo o sempre.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Com base no tópico "Ideologia" e no esquema a seguir, explique como a ideologia universaliza pensamentos.**
2. **Explique também como a ideologia silencia ações.**

Como a ideologia opera



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vida prática e crítica da ideologia

De acordo com a análise do filósofo marxista húngaro György Lukács (1885-1971), a característica fundamental da ideologia seria o fato de ela se prestar à **orientação da vida prática** dos indivíduos, ou seja, de fornecer a base para a resolução dos problemas práticos da vida em sociedade. Nesse sentido, a ideologia teria uma função operativa e existiria desde o momento em que os seres humanos vivem em coletividade. Assim, Lukács destaca que a ideologia não tem necessariamente o caráter dissimulador da luta de classes, pois não seria um fenômeno apenas das sociedades divididas em classes.

Apenas quando o conflito social passa a fazer parte da realidade é que a ideologia se volta à resolução dos problemas gerados por esse conflito, manifestando-se então como instrumento de classe.

ANTÔNIO FIRMINO MONTEIRO - FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

Fundação da cidade do Rio de Janeiro, pintura de Antônio Firmino Monteiro, século XIX. Essa pintura representa uma celebração pacífica: a fundação da cidade do Rio de Janeiro.

FLAVIO FREIRE - COLEÇÃO PARTICULAR

Invasão da cidade do Rio de Janeiro, pintura de Jaime Lauriano, 2023. Nessa obra, o pintor revela estranhamento em relação à representação de Antonio Firmino. Em vez de uma fundação, Lauriano mostra uma invasão, um cenário de guerra.

Assim, o fato de uma ideologia burguesa ocultar ou mostrar parcialmente a realidade se originaria, por um lado, de sua própria incapacidade de ver a realidade de forma mais plena e, por outro, da necessidade, comum a todas as classes dominantes, de tornar "universais" os seus valores particulares, a fim de garantir a estabilidade da ordem social que lhe interessa. Por isso, outro pensador marxista, o italiano Antonio Gramsci (1891-1937), se refere à ideologia como sendo o "cimento" que garante um tipo de coesão social.

A crítica de uma ideologia pode ser feita por meio do exercício de "estranhamento" da realidade em questão. Nesse exercício, os elementos que compõem determinada realidade devem deixar de ser entendidos como **dados naturais**, universais, óbvios, eternamente válidos, para serem analisados, relativizados, examinados com senso crítico, compreendidos como **construções histórico-sociais**. Desse modo, podemos dizer que:

> [...] ao mesmo tempo que se iludem, os indivíduos inquietos podem questionar suas próprias ilusões. Tropeçando nas distorções do conhecimento, os seres humanos insistem em reagir contra elas. Conhecer é um anseio que não se dissipa com a constatação das colossais dificuldades encontradas no caminho do conhecimento.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 259.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A esse respeito, na peça *A exceção e a regra*, de 1929/1930, o poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht se expressa dizendo:

> Nós pedimos com insistência:
> Não digam nunca: isso é natural!
> Diante dos acontecimentos de cada dia.
> Numa época em que
> reina a confusão.
> Em que corre sangue,
> Em que se ordena a desordem,
> Em que o arbitrário tem
> força de lei,
> Em que a humanidade
> se desumaniza.
> Não digam nunca:
> isso é natural!

BRECHT, Bertolt *apud* PEIXOTO, Fernando. **Brecht**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 126.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Interprete, com suas palavras, o verso "Não digam nunca: isso é natural!", do poema de Bertolt Brecht.**
2. **Em que medida Brecht propõe uma crítica da ideologia?**
3. **Para quais situações cotidianas você acredita ser válido aconselhar "Não digam nunca: isso é natural!"?**

Senso crítico: o saber filosófico e científico

O saber filosófico designava, desde a Grécia antiga, a totalidade do conhecimento racional desenvolvido pelo ser humano. Imbuído de senso crítico, porque investigava analiticamente a realidade humana e do mundo, o saber filosófico abrangia os mais diversos tipos de conhecimento, que hoje entendemos como pertencentes à matemática, à astronomia, à física, à biologia, à lógica, à ética e a outras áreas do saber. Enfim, todo o conjunto dos **conhecimentos racionais** integrava o universo do saber filosófico. À filosofia interessava conhecer toda a realidade sem dividi-la em objetos específicos de estudo.

Na história do pensamento ocidental, esse significado **amplo** e **universalista** do saber filosófico manteve-se, de modo geral, até a Idade Média. Poucas áreas separaram-se da filosofia, como o fez a teologia, por exemplo, que se desenvolveu em estudo específico a respeito de Deus.

Durante a Idade Moderna, entretanto, o vasto campo filosófico entrou em um processo de redução. A realidade a ser conhecida passou a ser dividida, recortada, despertando estudos especializados. Era a **separação entre ciência e filosofia**.

Gradativamente, foram conquistando autonomia muitas ciências particulares, que se desprenderam do tronco comum da árvore do saber filosófico. Ao se constituírem por um processo de especialização, essas ciências passaram a direcionar suas investigações a certos campos delimitados da realidade. Alguns exemplos dessas ciências são a matemática, a física, a química, a biologia, a antropologia, a psicologia e a sociologia.

Os dias atuais caracterizam-se como a "era dos especialistas". Para seus críticos, ela conduz a uma pulverização do saber, à perda de uma visão mais ampla do conhecimento. Os papéis da filosofia passaram a ser, entre outros, buscar a unidade do saber e desenvolver o trabalho de reflexão sobre os conhecimentos alcançados por todas as ciências, além de procurar respostas, por exemplo, para o sentido e o valor da vida.

Assim, encontramos trabalhos filosóficos voltados ao estudo geral do **ser**, do **conhecimento** e do **valor** das coisas. Em termos mais específicos, situam-se dentro do campo filosófico aqueles estudos que se referem a temas como teoria do conhecimento, fundamentos do saber científico, lógica, política, ética e **estética** ou filosofia da arte.

Estética: no século XVIII, o filósofo alemão Alexander Baumgarten fundou a estética como a ciência das sensações. Atualmente, convencionou-se denominar estética o ramo da filosofia que se dedica a assuntos ligados à arte.

ERICH LESSING/ALBUM/FOTOARENA

Volumes da *Enciclopédia*, organizada pelos filósofos franceses Denis Diderot e Jean Le Rond D'Alembert, 1751. Com verbetes escritos por 140 autores, a *Enciclopédia* foi uma tentativa de reunir todo o conhecimento produzido até o século XVIII.

Teoria do conhecimento

A história do pensamento ocidental testemunha a atenção que as especulações filosóficas têm concentrado sobre determinados temas. Esses temas, discutidos em diversos períodos, tornaram-se o que chamamos **problemas filosóficos**. Entre os principais problemas filosóficos está o do **conhecimento**.

Para que investigar o conhecimento? Como observamos, o ser humano, desde os primórdios até nossos dias, vive uma busca incessante por compreender a si mesmo e o mundo à sua volta. Isso levou muitos pensadores a sentirem a necessidade de primeiro entender a própria **capacidade de entender** antes de confiar plenamente na percepção e na compreensão que alcançavam das coisas.

Desde a Antiguidade grega, quase todos os filósofos se preocuparam com o problema do conhecimento. Problema que envolve questões básicas como:

- O que é conhecimento?
- Qual é o fundamento do conhecimento?
- É possível o conhecimento verdadeiro?

Todas essas questões têm sido tratadas por uma disciplina filosófica que costuma ser designada por diversos nomes: teoria do conhecimento, gnosiologia, crítica do conhecimento ou epistemologia. Neste capítulo, utilizaremos a denominação **teoria do conhecimento**.

Em que consiste, então, a teoria do conhecimento?

> A teoria do conhecimento pode ser definida como a investigação acerca das condições do conhecimento verdadeiro. Neste sentido podemos dizer que existem tantas teorias do conhecimento quantos foram os filósofos que se preocuparam com o problema, pois é impossível constatar uma coincidência total de concepções mesmo entre filósofos que habitualmente são classificados dentro de uma mesma escola ou corrente.
>
> Dentre as principais questões tematizadas na teoria do conhecimento podemos citar: as fontes primeiras de todo conhecimento ou o ponto de partida; o processo que faz com que os dados se transformem em juízos ou afirmações acerca de algo; a maneira como é considerada a atividade do sujeito diante do objeto a ser conhecido; o âmbito do que pode ser conhecido segundo as regras da verdade etc.
>
> LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Teoria do conhecimento. *In*: OLIVEIRA, Armando Mora de *et al*. **Primeira filosofia**: tópicos de filosofia geral. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 175.

ALAN DYER/STOCKTREK IMAGES/GETTY IMAGES

Utilizando um telescópio, astrônomo observa Saturno. Região na província de Alberta, no Canadá. Fotografia de 2023. A teoria do conhecimento investiga não só aquilo que é possível conhecer, como também os limites do entendimento humano, identificando questões que a razão é incapaz de solucionar.

Cada teoria do conhecimento constitui, portanto, uma reflexão filosófica com o objetivo de investigar as **origens**, as **possibilidades**, os **fundamentos**, a **extensão** ou os **limites** e o **valor** do conhecimento.

Foi somente a partir da Idade Moderna que a teoria do conhecimento passou a ser tratada como uma das disciplinas centrais da filosofia. Nesse seu processo de valorização colaboraram, de forma decisiva, as obras do filósofo francês René Descartes, do filósofo inglês John Locke (1632-1704) e do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), conforme estudaremos adiante.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sujeito e objeto

O que é, afinal, conhecer? Em uma primeira aproximação, podemos dizer que conhecer abrange operações como perceber, compreender, explicar etc. Nesse sentido, o conhecimento é um processo de **apropriação**, apreensão, **representação** de algo exterior.

Apropriação: nesse contexto, ato ou efeito de se apoderar de determinado conhecimento.

Assim, quando conhecemos, por exemplo, um pássaro, formamos uma representação, uma "imagem adequada" desse pássaro em nossa mente.

Outra noção importante é a de que, no processo de conhecimento, existiria a relação entre dois elementos básicos:

- um **sujeito** conhecedor (nossa consciência, nossa mente) e
- um **objeto** conhecido (a realidade, o mundo, os inúmeros fenômenos).

Só haveria conhecimento se o sujeito conseguisse apreender o objeto, isto é, conseguisse representá-lo mentalmente. Isso inclui as situações em que a mente do sujeito se volta para si própria com o objetivo de alcançar o autoconhecimento.

Dependendo da corrente filosófica, será dada, no processo de conhecimento, maior importância ao sujeito (é o caso do **idealismo**) ou ao objeto (caso do **realismo** ou materialismo).

Realismo

De acordo com as teorias realistas do conhecimento, as percepções que temos dos objetos são **reais**, ou seja, correspondem de fato às características presentes nesses objetos, na realidade. Por exemplo: as formas e cores que o sujeito percebe no pássaro são as formas e cores que o pássaro realmente tem em si.

No realismo mais ingênuo, isto é, menos crítico, o conhecimento ocorre por uma apreensão imediata das características dos objetos, ou seja, os objetos se mostram como realmente são ao sujeito que o percebe, determinando o conhecimento que então se estabelece.

Há, no entanto, outras formas mais críticas de realismo que problematizam a relação sujeito-objeto, mas que mantêm a ideia básica de que o objeto é determinante no processo de conhecimento.

© MUECK, HANS RONALD/AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: JANI-MARKUS HÄSÄ/ALAMY/FOTOARENA,
LOCALIZAÇÃO: COLEÇÃO ANTHONY D'OFFAY, LONDRES

Máscara II, escultura de Ron Mueck, 2002. Essa escultura é considerada hiper-realista porque nela a representação (escultura) é cópia fiel da realidade (uma cabeça humana). Para o realismo, nosso conhecimento é uma representação fiel à realidade exterior, como nessa obra de arte.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Idealismo

Segundo as teorias idealistas do conhecimento, o sujeito é que predomina em relação ao objeto, isto é, a percepção da realidade é construída por nossas ideias, por nossa consciência. Assim, os objetos seriam "construídos" de acordo com a capacidade de percepção do sujeito.

Consequentemente, o que existiria como realidade seria a representação que o sujeito faz do objeto. Por exemplo: as formas e cores que o sujeito percebe no pássaro são apenas **ideias** ou **representações** desses atributos; não entra em questão se elas realmente estão no pássaro.

Também no idealismo, há posições mais ou menos radicais em relação à afirmação do sujeito como elemento determinante na relação de conhecimento.

Possibilidades do conhecimento

Somos capazes de conhecer a verdade? É possível ao sujeito apreender o objeto?

As respostas dadas a essas questões levaram ao surgimento de duas correntes básicas e antagônicas na história da filosofia. Uma é o **ceticismo**, que diagnostica a impossibilidade de conhecermos a verdade. A outra é o **dogmatismo**, que defende a possibilidade de conhecermos a verdade.

Mas o que queremos dizer com **verdade**? A palavra *verdade* tem o sentido básico de uma correspondência entre o que se pensa ou se diz e a realidade que se quer conhecer ou expressar. Se eu digo "O pássaro é azul" e o pássaro é realmente azul, então isso é uma verdade, um conhecimento verdadeiro.

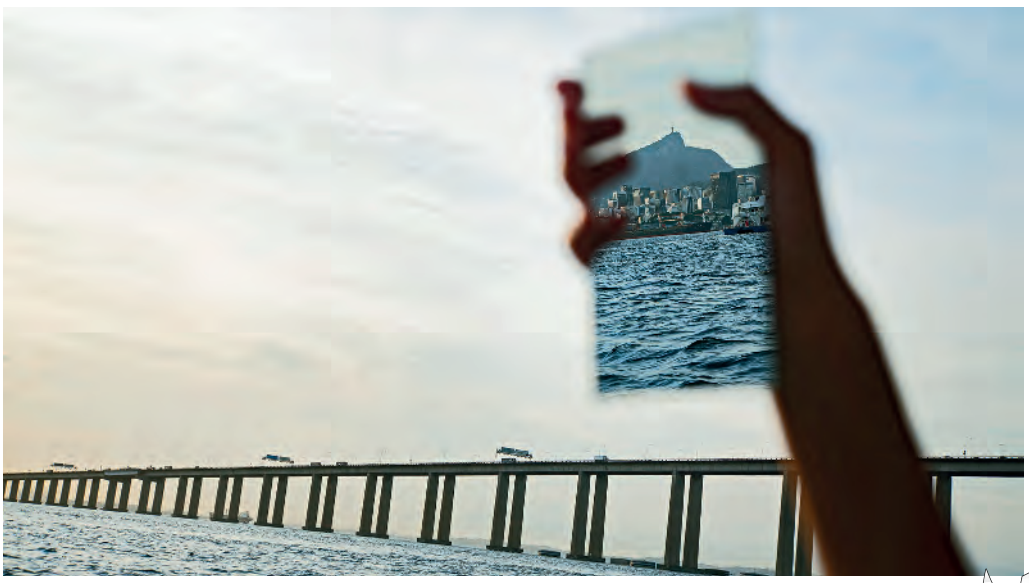
No entanto, quando os diversos filósofos que tratam da temática do conhecimento falam em "conhecer a verdade", estão se referindo não só a esse sentido básico, mas também, e principalmente, à ideia de conhecer como o objeto é em sua essência, ou seja, a **realidade mesma**, **intrínseca**, daquilo que se quer conhecer.

Nesse sentido, eles também usam a expressão o **ser das coisas**, ou seja, sua realidade essencial. Convencionou-se chamar de **ontologia** o estudo do ser das coisas. O que se discute aqui é que, por exemplo, sobre um mesmo fato costuma haver uma série de versões, constituídas conforme a perspectiva de quem o relata; mas qual será a verdade desse fato? Será possível conhecer esse fato em si mesmo? Examinemos, então, algumas das possíveis respostas a essas perguntas.

Responda no caderno.

Enfoque

1. **De que modo o conceito de ontologia se relaciona com o conceito de verdade?**
2. **Em sua opinião, é possível conhecer a realidade intrínseca das coisas?**



ALINE MOTTA - MUSEU DE ARTE MODERNA DE NOVA YORK, NOVA YORK

(Outros) Fundamentos #2, Aline Motta. Fotografia digital, 2017-2019. Até o século XX, a fotografia era interpretada como uma representação fiel à realidade e capaz de revelar a verdade, o que justificava seu uso científico e forense. Hoje sabemos que o fotógrafo deposita nela seu olhar artístico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ceticismo absoluto

O ceticismo absoluto consiste em negar de forma total nossa possibilidade de conhecer a verdade. Assim, para o ceticismo absoluto, o ser humano nada pode afirmar, pois nada pode conhecer com total certeza.

Muitos consideram o filósofo grego Górgias (485 a.C.-380 a.C.) o pai do ceticismo absoluto. Segundo ele: "o ser não existe; se existisse, não poderíamos conhecê-lo; e se pudéssemos conhecê-lo, não poderíamos comunicá-lo aos outros".

Outros estudiosos apontam o filósofo grego Pirro (365 a.C.-275 a.C.) como o fundador do ceticismo absoluto. Pirro afirmava ser impossível ao ser humano conhecer a verdade devido a duas fontes principais de erro:

- **os sentidos** – segundo Pirro, nossos conhecimentos são provenientes dos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar). Mas estes não são dignos de confiança, pois podem nos induzir ao erro;
- **a razão** – para Pirro, as diferentes e contraditórias opiniões manifestadas pelas pessoas sobre os mesmos assuntos revelam os limites de nossa inteligência. Jamais alcançaremos certeza de qualquer coisa.

Os críticos do ceticismo absoluto consideram-no uma doutrina radical, estéril e contraditória. Radical, porque nega totalmente a possibilidade de conhecer. Estéril, porque não leva a nada. Contraditória, porque, ao afirmar que **nada é verdadeiro**, acaba assegurando que pelo menos existe **algo de verdadeiro**, isto é, o **conhecimento** de que nada é verdadeiro. Então, aqueles que duvidam plenamente de nossa possibilidade de conhecer, ironiza o filósofo francês Jacques Maritain (1882-1973), "só poderiam filosofar guardando um absoluto silêncio – mesmo no interior de suas almas" (MARITAIN, Jacques. **Introdução geral à filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1956. p. 108).

Ceticismo relativo

O ceticismo relativo, como o próprio nome diz, consiste em negar apenas parcialmente nossa capacidade de conhecer a verdade, ou seja, apresenta uma posição moderada em relação às possibilidades de conhecimento, comparada ao ceticismo absoluto.

Entre as doutrinas que manifestam um ceticismo relativo, destacamos as seguintes:

- **subjetivismo** – considera o conhecimento uma relação puramente **subjetiva** e **pessoal** entre o sujeito e a realidade percebida. O conhecimento limita-se às ideias e representações elaboradas pelo sujeito pensante, sendo impossível alcançar a objetividade. O subjetivismo nasce com o pensamento do grego Protágoras, sofista do século V a.C., que dizia que "o homem é a medida de todas as coisas", ou seja, a verdade é uma construção humana, ela não está nas coisas em si mesmas;
- **relativismo** – entende que não existem verdades absolutas, mas apenas verdades **relativas**, que têm uma validade limitada a certo tempo, a determinado espaço social, enfim, a um contexto histórico etc.;
- **probabilismo** – propõe que nosso conhecimento é incapaz de atingir a certeza plena. O que podemos alcançar é uma verdade **provável**. Essa probabilidade pode ser digna de maior ou menor credibilidade, mas nunca chegará ao nível da certeza completa, da verdade absoluta;
- **pragmatismo** – propõe uma concepção dos seres humanos como seres práticos, ativos, e não apenas como seres pensantes. Por isso, abandonam a pretensão de alcançar a verdade, entendida como a correspondência entre o pensamento e a realidade. Para o pragmatismo, o verdadeiro é aquilo que é **útil**, que dá **certo**, que serve aos **interesses** das pessoas em sua vida **prática**. Nesse sentido, a verdade não seria a correspondência do pensamento com o objeto, mas a correspondência do pensamento com o objetivo a ser atingido.

© MAGRITTE, RENÉ/AUTVIS, BRASIL, 2024.
FOTO: CHRISTIE'S IMAGES/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA.
LOCALIZAÇÃO: COLEÇÃO PARTICULAR

Ceci n'est pas une pomme (Isto não é uma maçã), pintura de René Magritte, 1964. Para os relativistas, a representação da coisa elaborada pelo sujeito pensante não se confunde com a coisa em si mesma.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dogmatismo

Uma doutrina é dogmática quando defende, de forma categórica, a possibilidade de atingirmos a verdade. No dogmatismo, podemos distinguir duas variantes básicas:

- **dogmatismo ingênuo** – predominante no senso comum, confia plenamente nas possibilidades de nosso conhecimento. Não vê problema na relação sujeito conhecedor e objeto conhecido. Crê que, sem dificuldades insuperáveis, percebemos o mundo tal qual ele é, de forma infalível;
- **dogmatismo crítico** – defende nossa capacidade de conhecer a verdade mediante um esforço conjugado de nossos sentidos e de nossa inteligência. Confia que, por meio de um trabalho metódico, racional e científico, o ser humano se torna capaz de conhecer a realidade do mundo. Assim, de forma moderada, as coisas são conhecidas tal como se oferecem ao sujeito.

Criticismo kantiano

O criticismo, desenvolvido pela filosofia de Kant no século XVIII, representa uma tentativa de superação do impasse criado pelo ceticismo e pelo dogmatismo. Assim como o dogmatismo, acredita na possibilidade do conhecimento, mas se pergunta pelas reais condições nas quais seria possível esse conhecimento. Trata-se de uma posição **crítica** diante da possibilidade de conhecer.

O resultado dessa postura crítica desenvolvida por Kant leva a uma distinção entre o que o nosso entendimento pode conhecer e o que não pode. Assim, o criticismo admite a possibilidade de conhecer, mas esse conhecimento é limitado e ocorre sob condições específicas, apresentadas por Kant na obra *Crítica da razão pura*.

Origens do conhecimento

FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES - MUSEU STADT KÖNIGSBERG, DUISBURG

Retrato de Immanuel Kant, pintura de Johann Gottlieb Becker, 1791.

Para aqueles que admitem a possibilidade do conhecimento humano, resta perguntar: de onde se originam os conhecimentos? De onde se originam as ideias, os conceitos, as representações?

Esse é outro problema central da teoria do conhecimento. De acordo com a resposta dada a esse problema, destacam-se basicamente duas correntes filosóficas: o **empirismo** e o **racionalismo**. Há também uma terceira posição, o **apriorismo kantiano**, que conjuga, à sua maneira, essas duas posições. Investiguemos.

Empirismo

A palavra *empirismo* tem sua origem no grego *empeiria*, que significa "experiência sensorial".

O empirismo defende que todas as nossas ideias são provenientes de nossas percepções sensoriais (visão, audição, tato, paladar e olfato). Como disse o filósofo empirista inglês John Locke: "nada vem à mente sem ter passado pelos sentidos".

Locke afirmava também que, ao nascermos, nossa mente é como um papel em branco, desprovida de ideias. De onde provém, então, o vasto conjunto de ideias que existe na mente humana? A isso, Locke responde: da experiência. E a experiência, segundo Locke, supre nosso conhecimento por meio de duas operações: a sensação e a reflexão. A sensação leva para a mente as várias e distintas percepções das coisas, sendo, por isso, bastante dependente dos sentidos. Já a reflexão consiste nas operações internas de nossa própria mente que, nesse caso, desenvolve as ideias primeiras fornecidas pelos sentidos. Assim, conclui Locke:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> Afirmo que estas duas, a saber, as coisas materiais externas, como objeto da sensação, e as operações de nossas próprias mentes, como objeto da reflexão, são, a meu ver, os únicos dados originais dos quais as ideias derivam.
>
> LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 160. (Coleção Os pensadores).

O empirismo de Locke inspirou o filósofo escocês David Hume (1711-1776). Segundo Hume, em sua obra *Investigação acerca do entendimento humano*, todo conhecimento deriva da experiência sensível. Ele defendia que tudo o que há em nossa vida psíquica são **percepções** que se dividem em duas categorias: **impressões** ou **ideias**.

As impressões são fornecidas pelos sentidos, incluindo dados visuais, auditivos e táteis. Já as ideias se referem a representações mentais (imaginação, memória etc.) derivadas das impressões sensoriais.

Assim, toda ideia é uma re(a)presentação de alguma impressão. Essa representação pode possuir diferentes graus de fidelidade. Alguém que nunca teve uma impressão visual – um cego de nascença, por exemplo – jamais poderá ter uma ideia de cor, nem mesmo uma ideia pouco fiel.

Para o filósofo, as ideias se sucedem continuamente na vida psíquica, combinando-se pelos **princípios de semelhança**, **contiguidade** e **causa e efeito**. Esse processo de associação de ideias explicaria, enfim, as operações mentais.

Contiguidade: no contexto, o princípio de contiguidade se refere à proximidade no tempo ou no espaço; por exemplo, a menção a um cômodo de uma habitação conduz naturalmente a uma indagação relativa aos demais.

ANDERS SUNE BERG - COLEÇÃO BOROS, BERLIM

Sua visão em espiral, instalação de Olafur Eliasson, 2002, no museu Tate Modern, em Londres, Reino Unido. Fotografia de 2019. De modo geral, as obras de arte são produzidas para gerar algum tipo de experiência sensorial. Por isso, o estudo filosófico da arte foi considerado no século XVIII a "ciência das sensações".

Racionalismo

A palavra *racionalismo* deriva do latim *ratio*, que significa "razão". O termo é utilizado de muitas maneiras. Aqui, racionalismo está sendo empregado para designar a doutrina que atribui exclusiva confiança na **razão humana** como instrumento capaz de conhecer a verdade. Isso foi traduzido pelo filósofo racionalista Descartes ao recomendar que: "nunca nos devemos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão".

Os racionalistas afirmam que a experiência sensorial é uma fonte permanente de erros e confusões sobre a complexa realidade do mundo. Somente a razão humana, trabalhando com os princípios lógicos, pode atingir o conhecimento verdadeiro, capaz de ser **universalmente** aceito. Para o racionalismo, os **princípios lógicos fundamentais** seriam **inatos**, isto é, estariam na mente das pessoas desde que elas nasceram. Por isso, a razão deveria ser considerada a fonte básica do conhecimento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Apriorismo kantiano

Estudamos que o empirismo considera a experiência dos sentidos a base do conhecimento. Já o racionalismo afirma ser a razão humana a verdadeira fonte do conhecimento. Existem também posições filosóficas que buscaram um meio-termo para essas visões tão opostas. É o caso do que se denominou **apriorismo kantiano**. Analisemos.

Faculdade: no contexto, o termo se refere às capacidades *a priori* do ser humano de sentir (sensibilidade) e de entender (entendimento). Vale mencionar que Kant tratou, em suas obras *Crítica da razão pura*, *Crítica da razão prática* e *Crítica do juízo*, respectivamente, da faculdade de conhecer, da faculdade de desejar e da faculdade de julgar.

Kant afirma que todo conhecimento começa com a experiência, mas que a experiência sozinha não nos dá o conhecimento. Então, é preciso um trabalho do sujeito para organizar os dados da experiência. Por isso, ele buscou saber como é o sujeito *a priori,* isto é, o sujeito antes de qualquer experiência, e concluiu que existem no ser humano certas **faculdades** ou estruturas que possibilitam a experiência e determinam o conhecimento:

- **formas *a priori* da sensibilidade** – são o tempo e o espaço. Kant dirá que percebemos e representamos a realidade sempre no tempo e no espaço. Essas noções são "intuições puras", existem como estruturas básicas na nossa sensibilidade e são elas que permitem a experiência sensorial;
- **formas *a priori* do entendimento** – de forma semelhante, os dados captados por nossa sensibilidade são organizados pelo entendimento de acordo com certas categorias. As categorias são "conceitos puros" existentes *a priori* no entendimento, como o conceito de causa, necessidade, relação e outros, que servirão de base para a emissão de juízos sobre a realidade.

O conhecimento, portanto, seria o resultado de uma interação entre o sujeito que conhece (de acordo com suas próprias estruturas *a priori*) e o objeto conhecido. Isso significa que não conhecemos as coisas em si mesmas (o ser em si, também chamado de **númeno**), ou seja, como as coisas são independentemente de nós. Só conhecemos as coisas tal como as percebemos (o ser para nós), os **fenômenos**, isto é, as coisas são conhecidas de acordo com as nossas próprias estruturas mentais.

SEPIA TIMES/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES - MUSEU J. PAUL GETTY, LOS ANGELES

Catedral de Rouen (amanhecer), pintura de Claude Monet, 1894.

BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - MUSEU MARMOTTAN MONET, PARIS

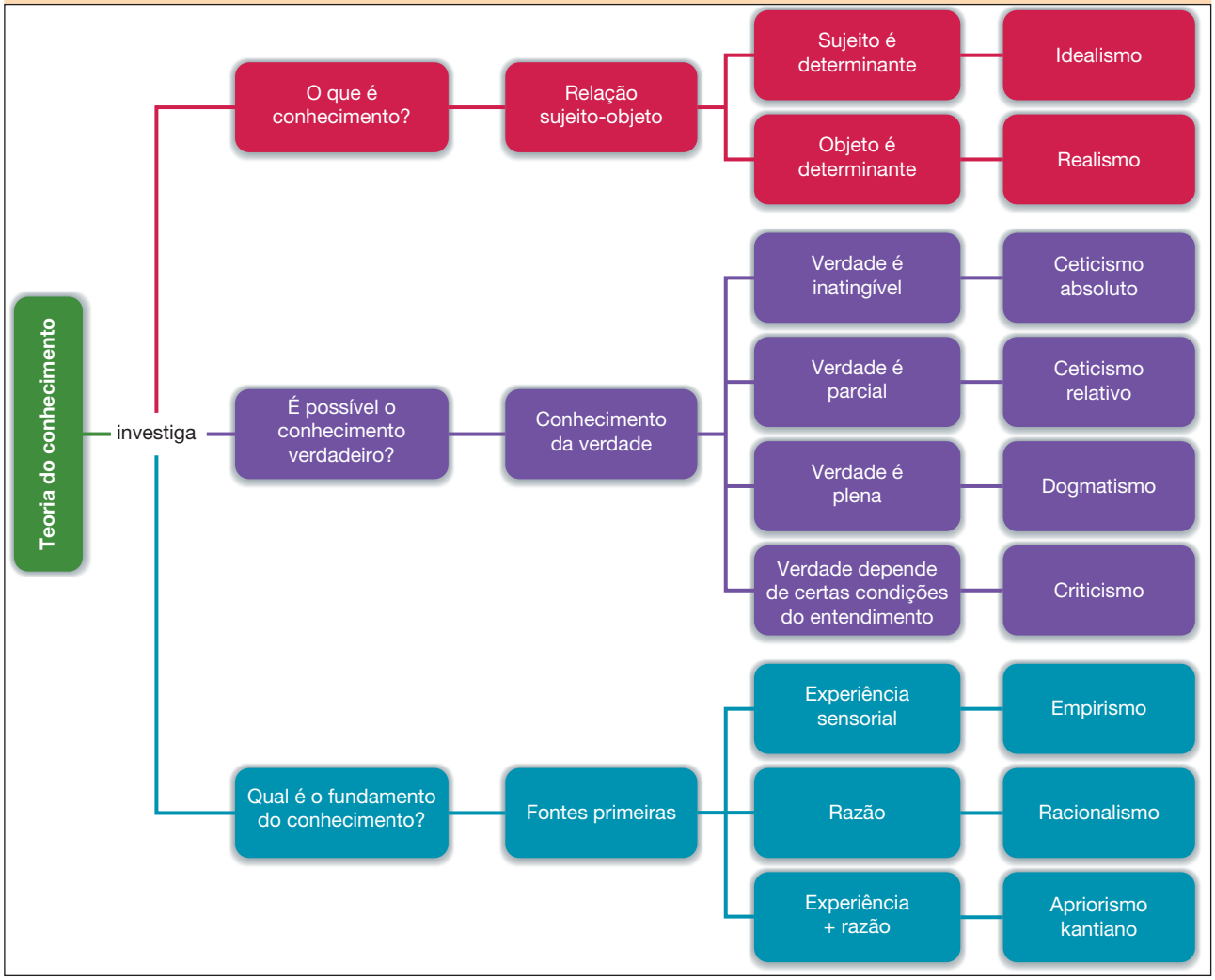
Catedral de Rouen (pôr do sol), pintura de Claude Monet, 1892. Nessa série de pinturas da Catedral de Rouen, Monet retrata não a catedral (a coisa em si mesma, no dizer de Kant), mas a catedral tal como ela é apreendida pelo pintor com as variações de luz do dia (o fenômeno).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para Kant, sua filosofia representava uma superação do racionalismo e do empirismo, pois argumentava que o conhecimento é o resultado de dois grandes ramos: a sensibilidade, que nos oferece dados dos objetos, e o entendimento, que determina as condições pelas quais o objeto é pensado. De acordo com Kant, a experiência forneceria a **matéria do conhecimento** (os seres do mundo), enquanto a razão organizaria essa matéria de acordo com suas formas próprias, estruturas existentes *a priori* no pensamento (daí o nome **apriorismo**).

Depois de Kant, muitos outros pensadores continuaram se debruçando sobre o problema do conhecimento e chegando a posições diversas do apriorismo kantiano. Como em tantos outros campos da filosofia, a questão do conhecimento é assunto que escapa a uma palavra final e definitiva.

Caminhos da teoria do conhecimento



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Enfoque

Responda no caderno.

1. Examine o esquema "Caminhos da teoria do conhecimento" e identifique as principais questões investigadas pelos filósofos que se dedicaram a estudar o conhecimento.
2. Indique as principais diferenças entre o empirismo e o racionalismo. Em sua resposta, destaque a questão que os empiristas e os racionalistas pretendiam investigar.
3. Levando em conta a existência de posições diversas acerca da teoria do conhecimento, formuladas por diferentes filósofos ao longo do tempo, o que você considera mais importante: chegar a uma conclusão definitiva a respeito do assunto ou permanecer aberto a indagações, fortalecendo e exercitando o pensamento crítico? Justifique sua resposta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CONTRAPONTO

Fontes do conhecimento

Os textos a seguir, com intertítulos criados para facilitar a compreensão e que não constam nos textos originais, foram escritos pelos filósofos René Descartes (texto 1) e David Hume (texto 2). Ambos tratam do tema da origem do conhecimento. Leia-os atentamente e responda às questões.

Texto 1

A certeza de pensar

Assim, porque os nossos sentidos nos enganam às vezes, quis supor que não havia coisa alguma que fosse tal como eles nos fazem imaginar. [...] E, enfim, considerando que todos os mesmos pensamentos que temos quando despertos nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que haja nenhum, nesse caso, que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: "eu penso, longo existo" era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava.

A ideia de Deus

Mas o que leva muitos a se persuadirem de que há dificuldade em conhecê-lo [a Deus], e mesmo também em conhecer o que é sua alma, é o fato de nunca elevarem o espírito além das coisas sensíveis e de estarem de tal modo acostumados a nada considerar senão imaginando, que é uma forma de pensar particular às coisas materiais, que tudo quanto não é imaginável lhes parece não ser inteligível. E isto é assaz manifesto pelo fato de os próprios filósofos terem por máxima, nas escolas, que nada há no entendimento que não haja estado primeiramente nos sentidos, onde, todavia, é certo que as ideias de Deus e da alma jamais estiveram. E me parece que todos os que querem usar a imaginação para compreendê-las procedem do mesmo modo que se, para ouvir os sons ou sentir os odores, quisessem servir-se dos olhos; exceto com esta diferença ainda: que o sentido da vista não nos garante menos a verdade de seus objetos do que os do olfato ou da audição; ao passo que a nossa imaginação ou os nossos sentidos nunca poderiam assegurar-nos de qualquer coisa, se o nosso entendimento não interviesse.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 1979. p. 46, 49. (Coleção Os pensadores).

Texto 2

[...] quando analisamos nossos pensamentos ou ideias, por mais complexos e sublimes que sejam, sempre descobrimos que se resolvem em ideias simples que são cópias de uma sensação ou sentimento anterior. Mesmo as ideias que, à primeira vista, parecem mais afastadas dessa origem mostram, a um exame mais atento, ser derivadas dela. A ideia de Deus, correspondendo a um Ser infinitamente inteligente, sábio e bom, surge das reflexões que fazemos sobre as operações de nossa própria mente, aumentando sem limites essas qualidades de bondade e sabedoria. Podemos prosseguir esse exame tanto quanto desejarmos, e sempre descobriremos que todas as ideias que examinamos são copiadas de uma impressão semelhante. Aqueles que afirmam que essa posição não é universalmente verdadeira, nem sem exceções, têm apenas um único e bastante fácil método de refutá-la: apresentar uma ideia que em sua opinião não seja derivada dessa fonte. Caberá então a nós, se quisermos sustentar nossa doutrina, indicar a impressão ou percepção viva que lhe corresponda.

HUME, David. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 14. (Coleção Os pensadores).

Responda no caderno.

Atividades

1. Identifique qual é a posição de cada um desses filósofos no que se refere à origem do conhecimento. Justifique sua resposta.
2. De que maneira Descartes refuta o empirismo usando como argumento as ideias de Deus e da alma?
3. De acordo com Hume, como desenvolvemos a ideia de Deus, refutando o argumento de Descartes?
4. Após o entendimento desses trechos, o que você pensa sobre a origem do conhecimento? Qual argumentação você considerou mais convincente? Discuta com seus colegas e seu professor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Noções de lógica

Desde a Grécia antiga, a atitude de filosofar significa procurar o conhecimento (o saber) por meio do uso metódico da razão. Isso quer dizer que, aos filósofos, interessava a formulação de raciocínios bem estruturados que contribuíssem na busca de resultados verdadeiros, e não falsos. Tendo em vista esses objetivos, diversos pensadores lançaram-se à tarefa de analisar e caracterizar as estruturas dos raciocínios considerados válidos. Foi assim que nasceu a lógica.

A lógica é uma parte da filosofia cuja definição geral pode ser a seguinte: "ciência que tem por objeto determinar, por entre todas as operações intelectuais que tendem para o conhecimento do verdadeiro, as que são válidas e as que não o são" (LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. Porto: Rés Editora, [1985]. p. 41. v. 2).

Assim, de modo preliminar, podemos dizer que a lógica é a ciência que estuda os argumentos (apresentação dos raciocínios) visando caracterizar aqueles que são válidos. Ao longo deste capítulo, vamos explicar o que entendemos por argumentos e validade.

O filósofo grego Aristóteles já defendia a necessidade de desenvolvimento da lógica como instrumento a ser utilizado por todos aqueles que desejassem alcançar conhecimentos seguros, metódicos e sistemáticos.

Como instrumento a serviço do conhecimento, a lógica preocupa-se fundamentalmente com o aspecto formal de um raciocínio ou argumento (apresentação do raciocínio). A palavra *formal* refere-se à forma ou estrutura do argumento. Isso significa que a lógica é um sistema que se ocupa das estruturas dos argumentos, e não exatamente de seu conteúdo (verdadeiro ou falso).

Alguns estudiosos costumam dividir a lógica em lógica tradicional e lógica moderna – conhecida também como lógica simbólica ou matemática. Elas não são, porém, duas coisas distintas, pois a lógica tradicional está contida na lógica moderna. Essa divisão se deve mais a razões históricas e didáticas.

As contribuições de Aristóteles para a lógica têm importância até os dias atuais. Com base em suas ideias, desenvolveu-se a chamada lógica tradicional, que foi incorporada e desenvolvida pelos modernos métodos da lógica matemática ou simbólica. A seguir vamos estudar algumas de suas noções básicas.

Dica

Lógica

Abílio Rodrigues. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Com linguagem acessível para os jovens leitores, a obra apresenta noções elementares de lógica.

TON MOLINA/FOTOARENA

Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) em sessão plenária na sede do STF em Brasília. Fotografia de 2024. Durante essas sessões, os ministros votam sobre alguma questão expondo seus argumentos com o máximo de validade e correção e com o compromisso de apresentar raciocínios bem estruturados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Saiba mais

A lógica formal apresenta três grandes períodos de desenvolvimento. O primeiro desses períodos está localizado entre os séculos IV a.C. e III a.C. e foi marcado pela figura de Aristóteles, considerado por muitos estudiosos o "pai da lógica".

O segundo período de desenvolvimento da lógica formal ocorreu na escolástica, entre os séculos XII e XIV, durante a Idade Média. Naquele contexto, teve grande destaque a figura do filósofo e teólogo francês Pedro Abelardo (1079-1142).

Posteriormente, no final do século XIX, a lógica chegou a seu terceiro período de desenvolvimento espetacular. Esse processo teve início com o filósofo britânico George Boole (1815-1864) e com o matemático indiano Augustus De Morgan (1806-1871), que lançaram quase simultaneamente a chamada **álgebra da lógica**.

Pouco depois veio o filósofo alemão Gottlob Frege (1848-1925), considerado até hoje um dos maiores lógicos de todos os tempos. Foi Frege quem deu à lógica a sua **forma moderna**. Por fim, vale destacar a obra do filósofo britânico Bertrand Russell (1872-1970), que aperfeiçoou alguns pontos do sistema lógico de Frege e se tornou uma das maiores referências contemporâneas no assunto. Em seu livro *Introdução à filosofia matemática*, publicado em 1919, Russell articulou saberes filosóficos e matemáticos, desenvolvendo estudos fundamentais sobre a lógica matemática.

Juízo, raciocínio e argumento

Responda no caderno.

Enfoque

1. Qual é o humor presente na tirinha do personagem Garfield?
2. O raciocínio de Garfield no último quadrinho pode ser considerado um argumento forte?

Entende-se por juízo qualquer tipo de afirmação ou negação entre duas ideias ou dois conceitos. Ao afirmar, por exemplo, que "este livro é de filosofia", acabamos de formular um juízo. O enunciado verbal de um juízo é denominado **sentença** ou **proposição**.

Raciocínio é o processo mental de inferência que consiste em coordenar dois ou mais juízos antecedentes (**premissas**) em busca de um juízo novo, denominado **conclusão**. Quando explicitamos o raciocínio, estamos construindo argumentos.

Repare em um exemplo típico de argumento no qual as premissas pretendem sustentar a conclusão:

1ª premissa → O ser humano é racional.

2ª premissa → Você é um ser humano.

Conclusão → Logo, você é racional.

O enunciado de um raciocínio por meio da linguagem (falada ou escrita) é chamado **argumento**. Argumentar significa, portanto, expressar verbalmente o processo mental do raciocínio.

GARFIELD, JIM DAVIS © 2020 PAWS, INC. ALL RIGHTS RESERVED/DIST. BY ANDREWS MCMEEL SYNDICATION
© 2020 PAWS, INC. All Rights Reserved.
Distributed by Andrews McMeel Syndication

Garfield, tirinha de Jim Davis, 2020.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Verdade × validade

Uma das primeiras distinções que se costuma fazer nos estudos introdutórios de lógica se refere ao estabelecimento da diferença entre questões de verdade e questões de validade.

As **questões de verdade** referem-se ao conteúdo de uma proposição. Ou seja, em uma proposição, o conteúdo daquilo que é afirmado ou negado pode ser considerado verdadeiro ou falso. Descobrir o que é falso ou verdadeiro é uma das principais tarefas do processo do conhecimento.

Já as **questões de validade** referem-se às relações lógicas entre as proposições que formam um argumento, ou seja, se o argumento é correto ou incorreto do ponto de vista da forma ou da estrutura.

A lógica material preocupa-se com as questões de verdade, em estabelecer a forma correta para que exista uma correspondência verdadeira entre nosso pensamento e a coisa pensada. A lógica formal preocupa-se fundamentalmente com a estruturação de um raciocínio ou argumento, e não com o conteúdo de suas proposições, isto é, não investiga se elas são verdadeiras ou falsas.

O importante para a lógica formal é distinguir argumentos corretos e incorretos. E a correção ou incorreção formal de um argumento depende, exclusivamente, das relações lógicas que se estabelecem entre as proposições e sua conclusão. Assim, a correção formal ou **coerência** lógica é um problema independente da questão da verdade ou falsidade das proposições.

Vamos analisar um tradicionalíssimo exemplo de raciocínio para distinguir plenamente as questões de validade e as questões de verdade:

Se todos os seres humanos são mortais.

E se Sócrates é humano.

Logo, Sócrates é mortal.

Utilizamos a conjunção "se" para expressar as duas proposições ou premissas desse argumento em forma hipotética, condicional. Com isso, essas premissas não estão afirmando algo que pode ser taxado de verdadeiro ou falso, pois seu conteúdo diz respeito a uma hipótese, a uma suposição.

Assim, é possível examinar livremente a questão da validade desse argumento sem nos preocupar com a verdade ou falsidade de suas premissas.

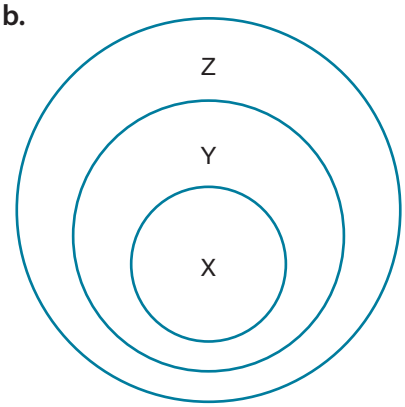
Coerência: em termos lógicos, é a relação correta, a estreita harmonia, entre as premissas e a conclusão de um raciocínio.

Fazendo esse exame, em termos lógicos, verificamos que ele é um argumento válido, isto é, correto formalmente. Qualquer outro argumento que mantenha essa mesma forma lógica será igualmente válido, mesmo que suas premissas tenham um conteúdo falso e absurdo.

Podemos indicar a forma lógica desse raciocínio das seguintes maneiras:

a. Se todo X faz parte de Y.
E se Y faz parte de Z.
Logo, X faz parte de Z.

b.



ERICSSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

É o caso, por exemplo, do argumento seguinte:

Se todos os peixes vivem na água.

E se a baleia é um peixe.

Logo, a baleia vive na água.

Em termos lógicos, esse argumento é considerado válido e sua conclusão é verdadeira, embora a hipótese expressa em uma de suas premissas seja falsa, porque a baleia não é um peixe. Do ponto de vista lógico, entretanto, o argumento tem forma válida porque, se as premissas fossem verdadeiras, elas forneceriam razões suficientes para delas se extrair a conclusão.

> Dizer que um argumento é válido equivale a dizer que tem forma válida. Dizer que a forma é válida equivale a dizer que não existe argumento, nessa forma, com premissas verdadeiras e uma conclusão falsa.
>
> SALMON, Wesley. **Lógica**.
> Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p. 37.

Para alguns especialistas, o argumento será plenamente correto quando tiver formas válidas e proposições verdadeiras. Podemos dizer que, enquanto o processo do conhecimento ocupa-se da questão da verdade das proposições, a lógica ocupa-se da questão da validade dos argumentos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Argumento correto × falácia

Um argumento correto é aquele cujas premissas são verdadeiras, a forma é logicamente válida e, por isso, a conclusão também é verdadeira. Já falácia é o argumento inválido, no qual as premissas são inadequadas para sustentar a conclusão.

Repare em um exemplo de argumento inválido (falacioso) que foi elaborado com premissas e conclusão verdadeiras:

Premissa verdadeira → Se eu falasse quicongo, árabe e mandarim, seria poliglota.

Premissa verdadeira → Não falo quicongo, nem árabe, nem mandarim.

Conclusão verdadeira → Logo, não sou poliglota.

Independentemente de serem verdadeiras as premissas e a conclusão desse argumento, trata-se de um argumento falacioso, pois, a partir da afirmação "Se eu falasse quicongo, árabe e mandarim, seria poliglota", não é válido concluir que não sou poliglota pela razão de não falar esses idiomas, já que eu poderia ser fluente, por exemplo, em guarani, espanhol e coreano. Em outras palavras, as premissas desse argumento não oferecem justificativas lógicas para validar (garantir) sua conclusão. Esse argumento é falacioso porque não tem uma forma lógica considerada válida.

As falácias muitas vezes nos enganam porque podem ser confundidas com as formas válidas de argumentação. As falácias construídas com má-fé, com a intenção de enganar, costumam ser chamadas de **sofismas**.

Uma maneira eficiente de reconhecer um argumento falacioso é compará-lo com outro argumento de mesma forma, mas que tenha premissas verdadeiras e conclusão falsa. Trata-se do método do contraexemplo. Façamos isso com outro exemplo que usa a mesma forma do argumento anterior:

Premissa verdadeira → Se o papa Francisco falasse quicongo, árabe e mandarim, ele seria poliglota.

Premissa verdadeira → O papa Francisco não fala quicongo, nem árabe, nem mandarim.

Conclusão falsa → Logo, o papa Francisco não é poliglota.

Tipos de falácia

Vamos analisar alguns tipos de falácia apontados nos estudos de lógica: equívoco, dar como causa de um fato simplesmente aquilo que o antecedeu, comparação indevida e petição de princípio.

Equívoco

É gerado pelo emprego de uma mesma palavra ou expressão em dois ou mais sentidos diversos. Exemplos:

Todas as leis são discutidas pelo Congresso Nacional.

A lei da gravitação universal é uma lei.

Logo, a lei da gravitação universal foi discutida pelo Congresso Nacional.

O termo *lei* foi empregado nesse silogismo com dois significados diversos: a lei política instituída pelo poder público e a lei da física enunciada com base em determinada teoria científica. Daí a origem do equívoco.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

© SUCESSORES DE JOAQUÍN S. LAVADO TEJÓN (QUINO), TODA MAFALDA/FOTOARENA

Mafalda, tirinha de Quino. Nessa tirinha, o equívoco é gerado pela atribuição de dois diferentes sentidos à palavra *domínio*, um veiculado pelo locutor da televisão e o outro pela personagem Mafalda.

Dar como causa de um fato simplesmente aquilo que o antecedeu

Consiste em atribuir como causa de um fato qualquer circunstância que o antecedeu no tempo. Dessa maneira, transforma-se um acontecimento acidental, ocorrido anteriormente, em situação geradora de um fato que posteriormente ocorreu. Exemplo: João tomou mel, antes de pegar pneumonia; logo, pegou pneumonia porque tomou mel.

Comparação indevida

Consiste em chegar a conclusões incorretas com base nas semelhanças entre dois conceitos, desprezando-se as diferenças que os separam. Exemplo:

O ser humano e o jabuti são animais.

O ser humano é racional.

Logo, o jabuti também é racional.

Petição de princípio

Consiste em tomar como explicação de um fato justamente aquilo que está para ser explicado. Assim, o raciocínio gira em um círculo vicioso. Exemplos: o advogado sem experiência da profissão não consegue obter clientes porque, não obtendo clientes, ele não tem experiência da profissão; não tenho fome porque me falta vontade de comer, e falta-me vontade de comer porque não tenho fome.

Dedução e indução

Os argumentos podem ser divididos em dois tipos fundamentais: o dedutivo e o indutivo.

O argumento dedutivo é aquele que se desenvolve de premissas gerais para uma conclusão particular. Uma das formas importantes de argumento dedutivo é o silogismo, que pode ser definido como o argumento dedutivo composto de três partes: duas premissas antecedentes e uma conclusão. Um exemplo típico de silogismo:

Premissa A → Todo animal nasce, vive e morre.

Premissa B → Ora, o tigre é um animal.

Conclusão → Logo, o tigre nasce, vive e morre.

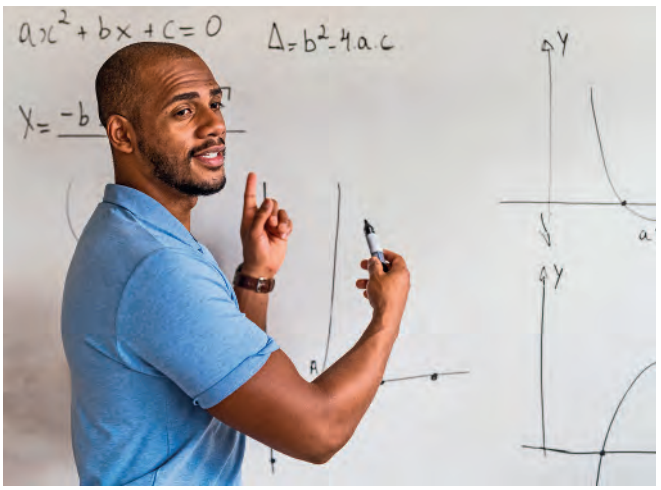
Analisando a forma lógica do silogismo, podemos perceber que a **conclusão** obtida já estava implicitamente contida na **premissa A**. Entretanto, para descobri-la ou explicitá-la, utiliza-se um juízo intermediário expresso na **premissa B**.

O argumento indutivo é aquele que, partindo de proposições particulares, procura chegar a uma conclusão geral. Um exemplo:

Premissa A → A maioria dos brasileiros de 17 anos viverá ainda mais 60 anos.

Premissa B → Ora, Helena é uma brasileira de 17 anos.

Conclusão → Logo, Helena viverá por mais 60 anos.



IGOR ALECSANDER/E+/GETTY IMAGES

Professor em sala de aula, demonstrando aos estudantes uma fórmula de Matemática, em escola de Valença, no estado da Bahia. Fotografia de 2021. As demonstrações matemáticas, como a representada na foto, são todas baseadas no raciocínio dedutivo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Proposições verdadeiras e conclusões não seguramente verdadeiras

Partindo da observação e da análise dos fatos e fenômenos, podemos elaborar proposições particulares verdadeiras. Com base nessas proposições, o argumento indutivo tende a chegar a conclusões gerais apenas provavelmente verdadeiras, mas não seguramente verdadeiras. Isso porque, no argumento indutivo, a conclusão extrapola as informações contidas nas proposições, ampliando o conteúdo dessas informações. Assim, essa conclusão pode ser falsa, mesmo que as proposições sejam verdadeiras.

No exemplo anterior, a premissa A, "A maioria dos brasileiros de 17 anos viverá ainda mais 60 anos", é considerada verdadeira pelas estatísticas de expectativa média de vida no Brasil. E a premissa B, "Ora, Helena é uma brasileira de 17 anos", é considerada verdadeira em um caso particular, uma vez confirmada a data de nascimento de Helena. Entretanto, a conclusão "Logo, Helena viverá por mais 60 anos" pode ser falsa, pois não há certeza de que todos os brasileiros com 17 anos viverão até os 77 anos. Existem vários casos de pessoas que falecem antes dessa idade.

Princípios fundamentais da lógica

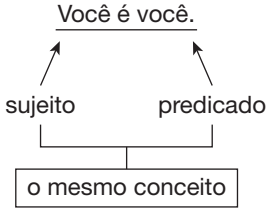
Existem conhecimentos evidentes que são anteriores à demonstração. Constituem pontos de partida para o conhecimento racional, por isso são denominados **princípios** (ou **axiomas**). Entre eles destacam-se os princípios lógicos de identidade, de não contradição e do terceiro excluído.

Princípio de identidade

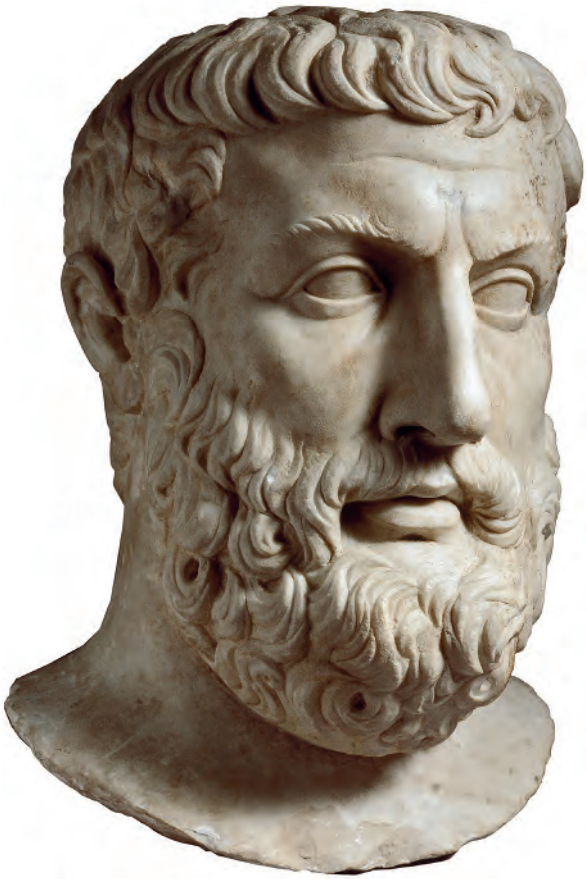
Esse princípio (formulado pelo grego Parmênides) é de uma tal evidência que sua formulação chega a soar estranha: Todo ser é idêntico a si próprio. Então, simplesmente: o ser é.

Podemos expressar o princípio da identidade por meio da seguinte fórmula: X é X.

O princípio da identidade é tautológico (do grego *tauto* = "o mesmo"). Isso significa que seu enunciado consiste em uma proposição que tem como sujeito e predicado o mesmo conceito. Exemplo:



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ ARQUIVO DA EDITORA



LUISA RICCIARINI/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - SUPERINTENDÊNCIA, ASCEA MARINA, ITÁLIA

Busto do filósofo grego Parmênides, século I a.C. No século V a.C., Parmênides sustentou a ideia de que "o ser é e o não ser não é". Com isso, o filósofo teria descoberto a lei fundamental do pensamento verdadeiro: a impossibilidade de afirmar ao mesmo tempo uma coisa e seu contrário.

Princípio de não contradição

Dois conceitos são contraditórios quando, analisados de um mesmo ponto de vista, não podem ser e não ser ao mesmo tempo. Dito de outro modo, é impossível algo ser X e não ser X ao mesmo tempo.

Podemos expressar o princípio de não contradição pela fórmula: X não é não-X. Exemplos de contradições: o círculo é quadrado; o interior é o exterior; o fracasso é o sucesso etc.

Princípio do terceiro excluído

Em decorrência do princípio de não contradição, só é possível que uma proposição seja verdadeira ou falsa. Quer dizer, se uma proposição é verdadeira, ela não pode ao mesmo tempo ser falsa, e vice-versa. Em outras palavras, X é verdadeiro ou X é falso e não existe uma terceira possibilidade. Exemplo: é verdade que o quadrado tem quatro lados e, por isso, é falso que ele **não** tem quatro lados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

OFICINA

Responda no caderno.

1. **Sobre o tema da consciência humana, responda às questões a seguir.**
   - **a.** Para que serve, respectivamente, a atenção e a reflexão? Quando as exercitamos?
   - **b.** Por que o despertar da consciência crítica depende do crescimento harmônico da consciência de si e da consciência do outro?

2. **Identifique o modo da consciência (mítica, religiosa, intuitiva e racional) expresso em cada frase a seguir. Justifique a sua escolha.**
   - **a.** Uma boa vacina previne e combate uma doença infectocontagiosa porque estimula a resposta de nosso sistema imunológico contra determinado vírus ou bactéria.
   - **b.** A fúria de Netuno levantou ondas imensas, destruindo a embarcação.
   - **c.** Algo me diz que ele está mentindo.
   - **d.** Esta casa está abençoada por Deus.

3. **Leia o texto a seguir, do filósofo e liderança indígena Ailton Krenak, e faça o que se pede.**

   [O xamã] Davi Kopenawa ficou vinte anos conversando com o antropólogo francês Bruce Albert para produzir uma obra fantástica, chamada *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. O livro tem a potência de mostrar para a gente, que está nessa espécie de fim dos mundos, como é possível que um conjunto de culturas e de povos ainda seja capaz de habitar uma cosmovisão, habitar um lugar neste planeta que compartilhamos de uma maneira tão especial, em que tudo ganha um sentido. As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta. Não estou falando do filme *Avatar*, mas da vida de vinte e tantas mil pessoas – e conheço algumas delas – que habitam o território Yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Esse território está sendo assolado pelo garimpo, ameaçado pela mineração, pelas mesmas corporações perversas [...] que não toleram esse tipo de cosmos, o tipo de capacidade imaginativa e de existência que um povo originário como os Yanomami é capaz de produzir.

   KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 25-26.

   - **a.** Segundo o texto, que atividades humanas têm causado impactos ambientais no território do povo Yanomami?
   - **b.** Ao falar do povo Yanomami, o texto diz que eles são capazes de "habitar uma cosmovisão" em que as pessoas "podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta". Relacione essa ideia com os conceitos de consciência de si e consciência do outro.

ODS 11

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

4. **Em grupos, analisem os sentidos das afirmações a seguir e, depois, formulem argumentos explicando cada uma delas.**
   - **a.** Algumas noções do senso comum escondem ideias falsas, parciais ou preconceituosas, enquanto outras revelam profunda reflexão sobre a vida. Como você explica essa contradição?
   - **b.** O senso comum é um terreno favorável ao desenvolvimento de ideologias.
   - **c.** A noção de conhecimento do senso comum é, em geral, realista e dogmática, embora as pessoas não se deem conta disso.

5. **Defina, com suas palavras, os termos escritos a seguir. Depois, escolha duas dessas palavras e escreva um texto sobre elas.**
   - realismo
   - idealismo
   - racionalismo
   - empirismo
   - dogmatismo
   - ceticismo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

© MAGRITTE, RENÉ / AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: FINE ART IMAGES / BRIDGEMAN IMAGES/
FOTOARENA. LOCALIZAÇÃO: COLEÇÃO PARTICULAR

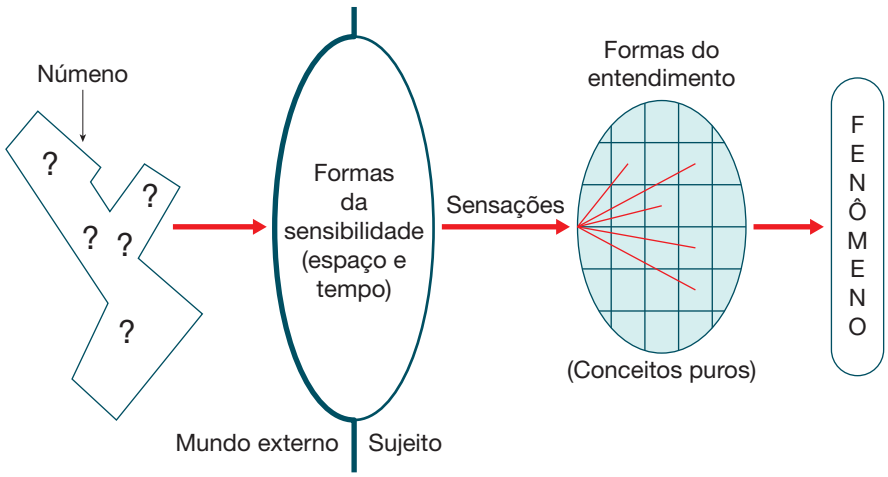
Perspicácia, autorretrato pintado por René Magritte, 1936.

6. **Na interpretação tradicional (difundida no senso comum), o conhecimento perfeito é aquele em que a representação é idêntica à realidade, como a imagem de um espelho. De acordo com a teoria kantiana, as coisas existem para nós não como são, mas como as percebemos. Levando isso em conta, interprete a pintura a seguir e responda às questões.**
   - **a.** É possível relacionar a pintura de Magritte com a concepção do conhecimento como representação?
   - **b.** Em sua opinião, as representações podem ser idênticas à realidade? Justifique.

7. **A busca da verdade tem empolgado inúmeras pessoas de todos os tempos. Mas o que é a verdade? Tomás de Aquino (1225-1274) dizia que a verdade é a adequação do pensamento à coisa real (*adequatio rerum et intellectus*). E o filósofo ganense Kwasi Wiredu (1931-2022) entendia a verdade como opinião, de modo que aquilo que chamamos de verdade é sempre a verdade de alguém. Reflita sobre essas ideias e discuta com seus colegas: é possível conhecer a verdade? Como? Argumente dando exemplos.**

8. **Interprete a ilustração esquemática a seguir sobre a teoria do conhecimento formulada por Kant. Com base nela e no texto deste capítulo, indique no caderno a alternativa incorreta.**

ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA



   - **a.** O númeno é inacessível para o sujeito de conhecimento.
   - **b.** O conhecimento resulta do trabalho da sensibilidade e do entendimento humanos.
   - **c.** Só conhecemos a coisa para nós, e não podemos alcançar a coisa em si.
   - **d.** Aplicando a sensibilidade e o entendimento, o sujeito é capaz de conhecer a coisa em si.

9. **O pensamento crítico é fundamental não apenas na construção de um conhecimento sólido e confiável sobre a realidade, mas também para que uma pessoa possa exercer sua cidadania com plena consciência. Por isso, em todos os governos autoritários da história, o pensamento crítico foi perseguido e cerceado, enquanto as mentes dos cidadãos eram domesticadas. Sem liberdade, não há pensamento crítico. Sem pensamento crítico, não há verdadeira cidadania.**

   Formem grupos e pesquisem momentos históricos no Brasil e no mundo em que governantes autoritários perseguiram intelectuais e artistas. Depois, elaborem um pequeno texto sobre o assunto. Se possível, com o auxílio do professor, produzam também um vídeo curto (de, no máximo, dois minutos) apresentando os conteúdos do texto produzido por vocês. Em uma data marcada, os grupos devem expor o trabalho de pesquisa finalizado (texto e/ou vídeo curto) para o restante da turma, compartilhando as impressões sobre o tema.

10. **Com base no estudo do capítulo e na leitura dos textos a seguir, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Para que serve a filosofia?". Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos para a defesa de seu ponto de vista.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Quando alguém pergunta para que serve a filosofia, a resposta deve ser agressiva, visto que a pergunta pretende-se irônica e mordaz. A filosofia não serve nem ao Estado nem à Igreja, que têm outras preocupações. Não serve a nenhum poder estabelecido. A filosofia serve para entristecer [os tolos]. Uma filosofia que não entristece a ninguém e não contraria ninguém não é uma filosofia. Ela serve para prejudicar a tolice, faz da tolice algo de vergonhoso. Não tem outra serventia a não ser a seguinte: denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas. Existe alguma disciplina, além da filosofia, que se proponha a criticar todas as mistificações, quaisquer que sejam sua fonte e seu objetivo?

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976. p. 87.

O valor da filosofia, na realidade, deve ser buscado, em grande medida, na sua própria incerteza. O homem que não tem a menor noção da filosofia caminha pela vida afora preso a preconceitos derivados do senso comum, das crenças habituais da sua época e do seu país, e das convicções que cresceram na sua mente sem a cooperação ou o consentimento deliberado de sua razão. Para tal homem o mundo tende a tornar-se finito, definido, óbvio; para ele os objetos habituais não levantam problemas e as possibilidades estranhas são desdenhosamente rejeitadas. Ao contrário, quando começamos a filosofar imediatamente nos damos conta [...] [de] que mesmo as coisas mais vulgares levantam problemas para os quais só podemos dar respostas muito incompletas. A filosofia, embora incapaz de nos dizer com certeza qual é a resposta verdadeira para as dúvidas que ela própria suscita, é capaz de sugerir diversas possibilidades que ampliam os nossos pensamentos, livrando-os da tirania do hábito. Desta maneira, embora diminua nosso sentimento de certeza sobre o que as coisas são, aumenta muito nosso conhecimento sobre o que as coisas podem ser; rejeita o dogmatismo um tanto arrogante daqueles que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da dúvida libertadora; e mantém vivo nosso sentimento de admiração [...].

RUSSELL, Bertrand. **Os problemas da filosofia**. Florianópolis: [*s. n.*], 2005. p. 175-176.

11. (Enem-MEC)

Texto 1

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

Texto 2

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, David. **Uma investigação sobre o entendimento**. São Paulo: Unesp, 2004. (Adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

a. defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.

b. entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.

c. são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.

d. concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.

e. atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

12. (Unesp-SP)

Não é fácil vencer uma discussão. Especialmente em um contexto inflamado, em que as opiniões se polarizam, notícias falsas se proliferam, debatedores recorrem a ofensas e sarcasmo e festas de fim de ano criam ambientes propícios para a briga. Uma boa discussão, ao contrário do que a maior parte das pessoas pensa, não serve para a disputa – e, sim, para a construção do conhecimento. Nesse sentido, saber sustentar uma boa argumentação é fundamental.

MONTESANTI, Beatriz; DIAS, Tatiana. Por que "opinião não é argumento", segundo este professor de lógica da Unicamp. **Nexo**. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/27/Por-que-%E2%80%98opini%C3%A3o-n%C3%A3o-%C3%A9-argumento%E2%80%99-segundo-este-professor-de-l%C3%B3gica-da-Unicamp. Acesso em: 26 set. 2023.

O excerto explicita a relevância de uma área da filosofia que contribui para o desenvolvimento de boas discussões, qual seja,

a. a lógica e a investigação da estrutura do pensamento humano.

b. a estética e a investigação do uso de imagens ao longo da história.

c. a metafísica e o entendimento das qualidades do ser.

d. a ética e a compreensão dos modos de agir individual.

e. a epistemologia e a verificação da natureza do conhecimento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Flashcards

No ambiente escolar, muitos estudantes afirmam esquecer boa parte dos conteúdos trabalhados, expressando dificuldade em aprender os novos conhecimentos.

É importante destacar que a maioria dos conhecimentos que construímos ao longo da vida deve ser usada como ferramenta para a compreensão e a transformação da realidade. Assim, aprender significa tornar-se competente para lidar com situações da vida real, mobilizando habilidades e conhecimentos que desenvolvemos dentro e fora da comunidade escolar. Quando bem consolidadas, essas habilidades são acionadas de forma quase automática. É como aprender a ler: após alfabetizados, não precisamos mais racionalizar e pensar sobre o som de cada sílaba. A leitura flui de forma natural, assim como andar, falar e outras habilidades essenciais ao ser humano.

JOÃO CALDAS

Encenação da peça *Morte e vida severina*, dirigida por Elias Andreato, na capital de São Paulo. Fotografia de 2022. Há muitas situações em que a memória é uma importante aliada. Algumas carreiras, como a de atriz, utilizam a memorização em grande medida.

No entanto, nosso cérebro não é capaz de reter todas as informações com as quais nos deparamos na vida. Assim, com o passar do tempo, informações não essenciais são esquecidas para que novas memórias possam se formar. Para ajudar nossa memória a reter uma informação, é interessante retomá-la constantemente.

Agora, vamos aprender uma técnica para manter vivas na memória as informações que desejamos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Elaborando *flashcards*

A palavra inglesa *flashcard* pode ser traduzida como "cartão de estudo ou de memorização".

Flashcards são pequenos cartões, geralmente de papel, utilizados para a anotação de informações. Em um dos lados, anota-se uma pergunta ou palavra-chave que remeta a um conceito, processo ou acontecimento, por exemplo. Do outro lado, anota-se a resposta ou a definição da palavra-chave.

É importante que as definições sejam curtas. Dessa forma, antes de criar os cartões, selecione os conceitos que serão relembrados, estude-os e resuma-os, compondo textos simples que possam ser dispostos em um pequeno cartão.

Os cartões devem ter um tamanho que facilite sua manipulação e seu transporte, mais ou menos como uma carta de baralho. A ideia é ter os cartões sempre à mão para fazer pequenas sessões de estudo.

Outra dica é utilizar os cartões por vários dias seguidos. Nesse caso, a repetição é parte do processo.

Uso de *flashcards* em um estudo de filosofia

Veja o exemplo a seguir. Nele, há um verbete de dicionário sobre o conceito de empirismo, abordado no capítulo 1. Tenha atenção à definição do conceito e à caracterização da corrente filosófica. Essas informações serão a base para o texto que vai compor o *flashcard*.

Ao elaborar o texto do cartão, utilize um vocabulário que seja acessível, facilitando a compreensão, mas com o nível de formalidade que seria exigido em uma avaliação.

Se preferir, utilize papéis e canetas coloridas e uma caligrafia especial. Essas marcas visuais poderão auxiliar no processo de memorização.

> **Empirismo:** corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade [...]. Em geral, essa corrente caracteriza-se [por]: 1) negação do caráter absoluto da verdade ou, ao menos, da verdade acessível ao [ser humano]; 2) reconhecimento de que toda verdade pode e deve ser posta à prova, logo eventualmente modificada, corrigida ou abandonada [...].
>
> ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012. p. 377-378.

ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Flashcard apresentando o conceito de empirismo e sua definição.

Responda no caderno.

Agora é a sua vez!

Escolha alguns conceitos estudados no capítulo 1 e elabore *flashcards*.

1. Com a ajuda do professor, selecione os conceitos mais importantes.
2. Estude os conceitos e elabore uma definição resumida para cada um deles.
3. Recorte vários cartões com a medida mais adequada para o manuseio e o transporte. Se possível, utilize um papel firme, como o papel-cartão.
4. Utilize uma das faces do cartão para anotar a palavra-chave. Na outra, anote a definição referente a essa palavra. Lembre-se: cada cartão deve conter uma palavra-chave e a definição correspondente.
5. Carregue seus cartões com você e, sempre que tiver um tempinho, releia cada uma das definições, reativando sua memória.
6. Após um tempo praticando, veja a palavra-chave e tente dizer a definição antes de lê-la na outra face. Em seguida, vire o cartão para conferir sua resposta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 2

Caminhos da ciência

O termo *ciência* vem do latim *scientia,* que significa "conhecimento". De início, podemos definir ciência como o campo da atividade humana que se dedica à construção de um conhecimento sistemático e seguro. Por que sistemático e seguro? É sistemático porque busca um conhecimento ordenado e amplo do objeto estudado. É seguro porque está bem fundamentado racionalmente.

Na Grécia antiga, o filósofo Platão (428 a.C.-347 a.C.) propunha que conhecer a verdade implica um processo de passagem do mundo sensível (aparências) para o mundo das ideias (essências). A primeira etapa desse processo é dominada pelas impressões vindas dos sentidos. Tais impressões são responsáveis pela **opinião**, que representa um saber adquirido de forma assistemática. Posteriormente, quando desenvolvemos um saber metódico e racional, podemos atingir a ***episteme***. Com base nesse termo, a investigação sobre o saber científico foi chamada de **epistemologia**.

Na Antiguidade clássica e no período medieval, a totalidade do conhecimento racional foi chamada de filosofia. Lentamente, na Idade Moderna, esse amplo conjunto de conhecimentos passou a ser dividido, por meio de estudos especializados. Assim, foram surgindo as ciências particulares como a física, a química, a biologia, a história, a sociologia, a geografia etc. Atualmente, vivemos em uma era de saberes especializados.

Vamos abordar aspectos importantes do conhecimento científico historicamente construído.

NORIAKI SASAKI/YOMIURI/THE YOMIURI SHIMBUN/AFP

Lançamento do foguete espacial H2-A em Minamitane, no Japão. Fotografia de 2023. O lançamento faz parte de uma missão que enviou ao espaço um robô de exploração lunar e um satélite de alta resolução destinados ao estudo científico da composição e da evolução dos corpos celestes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ciência para quê?

Um dos objetivos da ciência é tornar o mundo compreensível, proporcionando ao ser humano meios para exercer controle sobre a natureza. Assim, desenvolvendo uma visão positiva da ciência, o matemático Jacob Bronowski (1908-1974) afirmava que é por meio da compreensão (isto é, do conhecimento científico) que o ser humano domina a natureza, não pela força.

Nesse mesmo sentido, atribui-se ao filósofo Francis Bacon (1561-1626) o lema "**saber é poder**", segundo o qual os conhecimentos científicos são um instrumento de controle da natureza para alcançar o progresso humano.

GALERIE BILDERWELT/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

Teste nuclear realizado pela França no Atol de Moruroa, na Polinésia Francesa. Fotografia de 1971. Embora o teste tenha sido conduzido em área despovoada, milhares de pessoas no Taiti foram infectadas com o deslocamento da nuvem tóxica formada pela explosão. Estima-se que, desde 1945, ocorreram cerca de 2 mil testes nucleares.

Sobre a relação entre ciência e poder, Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Adorno (1903-1969) explicaram que o ser humano trata a natureza como o ditador trata o ser humano: ele a conhece para controlá-la. Na obra *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer discorreram sobre como o ser humano buscou, no século XVIII, dissolver os mitos e as superstições e substituí-los por um ideal de progresso racional. Esse ideal do século XVIII também foi chamado de esclarecimento (ou iluminismo) e se expressava na ciência. De acordo com esses autores,

> O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. [...] O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las.
>
> ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 21.

Esses filósofos desenvolveram um ponto crítico sobre o mito do progresso racional e da concepção de ciência que o acompanha. Tal mito se traduz na busca insaciável de conhecer para controlar que colocou em risco a própria sobrevivência da humanidade, como revelou, por exemplo, a invenção da tecnologia nuclear, utilizada desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Cabe ao filósofo refletir sobre as diferentes concepções de ciência. Refletir sobre questões como: quais os limites éticos da atividade científica? Qual é o valor do saber tecnocientífico para as diversas sociedades? O mundo tecnológico nos liberta ou cria outras formas de servidão? Essas e outras discussões levaram ao surgimento de um campo de reflexão sobre a ciência e seus métodos: a **filosofia da ciência**.

O tema geral da filosofia da ciência é o desenvolvimento da reflexão sobre os fundamentos do saber científico. Esse tema geral desdobra-se em uma série de questões. Por exemplo:

- características da investigação científica;
- teorias científicas e explicação da realidade;
- a relação entre ciência e sociedade.

Neste capítulo, vamos refletir um pouco sobre cada uma dessas questões.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Método científico

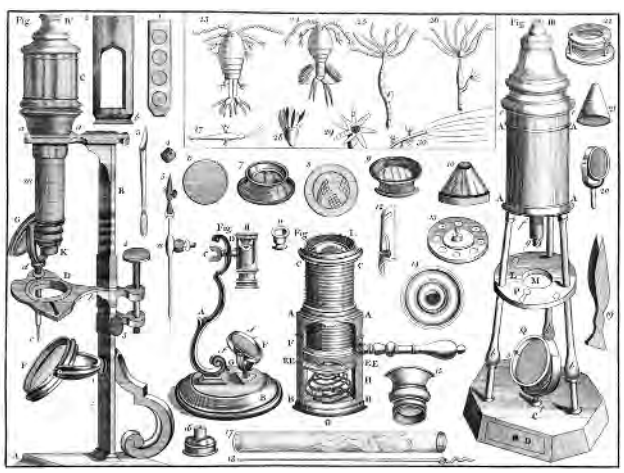
O modo como os cientistas conduzem suas investigações envolve um **núcleo de procedimentos** que costuma ser chamado de **método científico** (método: do grego *meta* = "através" + *hodós* = "caminho"; significa "através de uma pesquisa"). Embora esses procedimentos variem conforme o cientista, alguns estudiosos propõem elementos característicos de uma abordagem própria das ciências.

A seguir, o quadro explica essa abordagem.

Método científico	
Enunciado de um problema	Ao observar fenômenos, os pesquisadores selecionam um problema que pretendem investigar. O problema deve ser enunciado com clareza e precisão para iniciar a pesquisa.
Formulação de uma hipótese	Os pesquisadores propõem hipóteses para resolver o problema enunciado. A hipótese é uma conjectura que precisa ser desenvolvida, testada, avaliada.
Avaliação da hipótese	Para avaliar as hipóteses, os pesquisadores podem, por exemplo, fazer experimentos, coletar dados, desenvolver reflexões sobre os desdobramentos da hipótese.
Conclusão do estudo	Os pesquisadores sistematizam observações e reflexões para a conclusão do estudo. Concluir não tem a pretensão de fixar verdades absolutas. Ao contrário, o intuito é construir argumentos que podem confirmar, corrigir ou refutar a hipótese.

Os métodos científicos não constituem conjuntos fixos de atos a serem praticados em todos os tipos de pesquisa. Existe uma **diversidade de métodos científicos**, até dentro de um mesmo campo de estudo. Por exemplo, a astronomia não recorrerá exatamente aos mesmos métodos de pesquisa da biologia.

Portanto, não existe um único método, tampouco uma única categoria de ciência aplicável às várias áreas do conhecimento. Segundo o físico e filósofo da ciência Alan Chalmers, "não precisamos de uma categoria geral 'ciência' em relação à qual alguma área do conhecimento pode ser aclamada como ciência ou difamada como não sendo ciência" (CHALMERS, Alan. **O que é ciência, afinal?** Brasiliense: São Paulo, 1993. p. 210).



OXFORD SCIENCE ARCHIVE/PRINT COLLECTOR/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

Gravura de microscópios (à esquerda e à direita), de suas partes (ao centro) e de animais descobertos por meio deles (acima) publicada na revista *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* (Transações filosóficas da Sociedade Real de Londres), 1750. Essa é a mais antiga revista científica do mundo. Fundada em 1665, foi ela que implementou o sistema de revisão por pares.

Atualmente, os métodos objetivos e resultados de uma pesquisa costumam ser publicados na forma de um artigo (*paper*) redigido pelo cientista. Esse *paper* é publicado em revistas científicas, permitindo aos colegas de área (os "pares" do cientista autor da pesquisa) que conheçam essa pesquisa e possam avaliá-la. Por meio desse processo, conhecido como *peer review* (revisão por pares), outros cientistas da área podem apontar lacunas e possíveis aprimoramentos. Com base nesse **diálogo** com a comunidade científica, as novas teorias ganham ou não aceitação entre os conhecimentos científicos vigentes.

Os métodos nascem da percepção de que há certos procedimentos utilizados de modo recorrente na pesquisa científica. No entanto, a mera adoção de um método científico não garante o êxito da pesquisa. Os resultados satisfatórios dependem de várias condições, que abrangem desde a natureza do problema pesquisado até os recursos materiais aplicados na investigação. Dependem, ainda, da criatividade e da imaginação do pesquisador, contando até com o acaso.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Criatividade

No século XX, à medida que o conhecimento foi associado à invenção do mundo, a criatividade ganhou relevância e tornou-se um conceito-chave da educação contemporânea. Para o filósofo da educação George F. Kneller (1908-1999), podemos promover a criatividade estimulando nos jovens atitudes como:

- **originalidade** – esforçar-se para ter ideias novas. Entretanto, isso não significa apenas criar algo inédito, nunca antes pensado por alguém. Ser original quer dizer, sobretudo, criar algo que é novo "para nós", pois é importante o esforço de trilhar um caminho próprio para redescobrir o que outros já haviam descoberto. Nesse sentido, a criação de algo original é uma atividade que exige concentração, clareza, raciocínio lógico etc.;
- **apreciação do novo** – dar valor às novidades científicas, artísticas e filosóficas. De forma semelhante, deve-se valorizar soluções "diferentes" e "inusitadas", ligadas ao assunto estudado;
- **espontaneidade** – encorajar a expressão espontânea de ideias conforme elas vêm à mente, para depois avaliar sua relevância. Registrar o fluxo de ideias ajuda a desenvolver a confiança na própria capacidade criativa;
- **curiosidade e pesquisa** – questionar situações consideradas naturais, comuns ou "normais", bem como buscar e entender visões que desafiam nossas convicções e crenças;
- **autodirecionamento** – conduzir-se de forma autônoma nos processos criativos, aprendendo com os próprios erros e acertos. A autonomia criativa deve ser dosada com orientações sobre os conhecimentos já desenvolvidos pela tradição cultural.

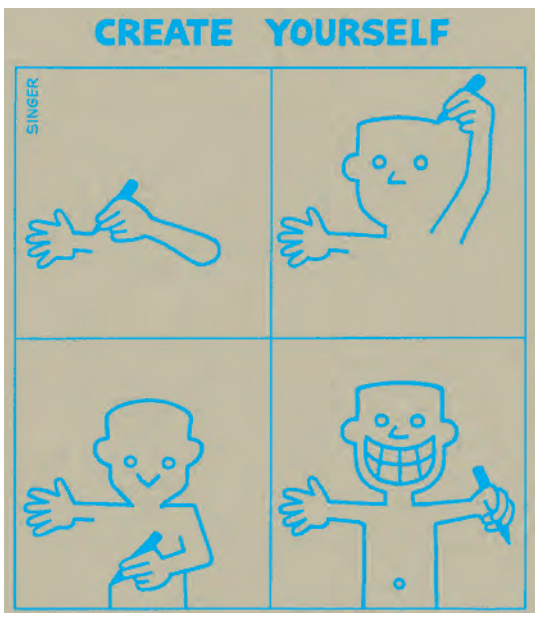
Sobre a apreciação do novo, por exemplo, Kneller afirmou:

> Criamos quando descobrimos e exprimimos uma ideia, um artefato ou uma forma de comportamento que seja nova para *nós*. Digo "nova para *nós*" porque a descoberta, por uma pessoa, daquilo que foi revelado por outros ainda representa uma realização criadora.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo: Ibrasa, 1973. p. 15-16.

Kneller também apontou que as pessoas criativas costumam ter certos traços de personalidade, como flexibilidade intelectual, bom humor, persistência para criar, consciência do mundo em que vivem, ceticismo relativo sobre as ideias que recebem, abertura a novas experiências e confiança na própria capacidade criativa.

Em vez da transmissão de conhecimentos prontos e acabados, a educação voltada para a criatividade valoriza a curiosidade, a autonomia, a investigação e a imaginação.



ANDY SINGER/CARTOONSTOCK

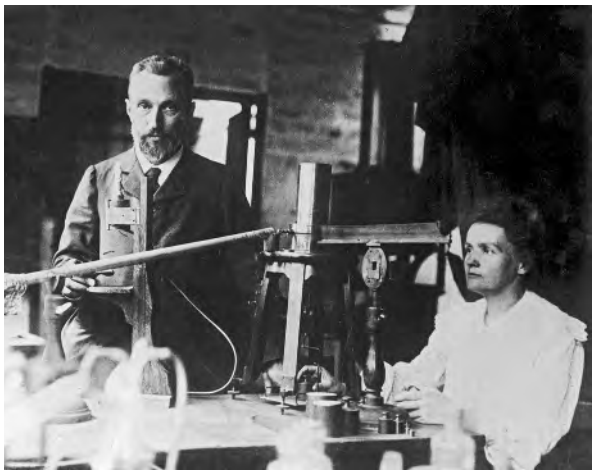
Create yourself (Crie você mesmo), charge de Andy Singer, 2009. A originalidade e o autodirecionamento são fundamentais para o desenvolvimento da criatividade.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Segundo George F. Kneller, a descoberta de algo que já havia sido revelado por outras pessoas faz parte do processo criativo, de criar algo novo. Por quê?
2. Ainda segundo Kneller, em que consiste a atitude de "apreciar o novo"?
3. Você já passou pela experiência de criar algo novo? Nessa experiência, você colocou em prática as atitudes que incentivam a criatividade, identificadas por Kneller? Quais?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



UNIVERSAL HISTORY ARCHIVE/ UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

O casal de físicos Pierre e Marie Curie em seu laboratório. Fotografia de 1905. Marie Curie foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Física, em 1903, com seu marido, pelas pesquisas pioneiras do casal que levaram à formulação da teoria da radioatividade.

Teorias científicas

Por intermédio de sua pesquisa e de sua criatividade, os cientistas formulam teorias, principalmente dentro das ciências naturais, sobretudo na física. Mas o que seriam as teorias científicas?

Analisando inúmeros fatos do mundo, os cientistas podem perceber a regularidade de certos fenômenos como a sucessão do dia e da noite, das estações do ano, o nascimento dos seres vivos, a atração dos corpos em direção ao centro da Terra etc.

Para reconhecer a ocorrência de regularidades, os cientistas costumam observar os fenômenos e classificá-los conforme suas características comuns. Com base nisso, elaboram uma explicação para a ocorrência dessa regularidade. Por meio desse processo, são elaboradas as leis científicas.

As leis científicas são enunciados que apresentam relações constantes e necessárias entre fenômenos regulares. Um exemplo é a lei da conservação das massas, conhecida como lei de Lavoisier, segundo a qual "Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma".

As leis científicas desempenham duas funções básicas:

- resumem uma grande quantidade de fenômenos particulares e regulares, favorecendo uma visão abrangente de tais fenômenos;
- possibilitam a **previsão** de novos fenômenos que se enquadrem na regularidade descrita.

As leis costumam fazer parte de uma teoria científica, que, como afirmou George F. Kneller, "especifica a causa ou mecanismo **subjacente** tido como responsável pela regularidade descrita na lei" (KNELLER, George F. **A ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: Edusp, 1980. p. 150).

Subjacente: no contexto, é aquilo que está implícito e, por isso, não se revela à primeira vista.

Portanto, a teoria tem como objetivo explicar as regularidades entre os fenômenos e fornecer uma compreensão ampla deles. Costuma-se dizer que explicar e prever constituem a função fundamental das leis e teorias científicas.

Transitoriedade das teorias

A ciência busca atingir conhecimentos precisos, coerentes e abrangentes. Caracteriza-se por tentar, deliberadamente, alcançar resultados que o senso comum, por suas condições, normalmente não consegue atingir.

O estudo da história das ciências revela, no entanto, que inúmeras teorias científicas que reinaram por algum tempo como absolutamente sólidas e corretas certo dia foram refutadas, substituídas ou modificadas por outras teorias. Por exemplo, na Antiguidade, prelaveceu o modelo cosmológico de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), que afirmava que a Terra era o centro do universo (geocentrismo). Posteriormente, o astrônomo e matemático Claudio Ptolomeu (séculos I-II) daria uma forma final à teoria geocêntrica. Quase quinze séculos depois, o também astrônomo e matemático Nicolau Copérnico (1473-1543) demonstrou que a Terra se movia em torno de seu próprio eixo e ao redor do Sol. Era a teoria heliocêntrica, que refutava o geocentrismo defendido na Antiguidade e na Idade Média. A teoria geocêntrica era tão consolidada nos circuitos acadêmicos e religiosos da época que Copérnico, talvez com medo de ser perseguido, adiou ao máximo a publicação de sua teoria. De fato, a teoria foi publicada somente em 1543, ano de sua morte.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Novas respostas, novas perguntas

Isso significa que os conhecimentos científicos não são inquestionavelmente certos, coerentes e infalíveis para todo o sempre. É como se eles tivessem certas "condições de validade". Além disso, como apontou ironicamente o dramaturgo Bernard Shaw (1856-1950), a ciência nunca resolve um problema sem criar pelo menos outros dez. Em grande parte dos casos, cada resposta parece gerar também novas perguntas, demonstrando que o conhecimento é uma atividade contínua.

Essa permanente possibilidade de que uma teoria científica seja revista ou corrigida por outra pode conduzir à noção pessimista de que a ciência é uma instituição falida. Ou também à posição cética de que todos os conhecimentos científicos são crenças passageiras que serão condenadas no futuro.

No entanto, há certo consenso de que, embora as teorias científicas possam ser refutadas, reformuladas ou corrigidas, a ciência cumpre sua função, uma vez que "pode alcançar êxito no seu propósito de fornecer explicações dignas de confiança, bem fundadas e sistemáticas para numerosos fenômenos" (NAGEL, Ernest. Ciência: natureza e objetivo. *In*: MORGENBESSER, Sidney (org.). **Filosofia da ciência**. São Paulo: Cultrix, [1975]. p. 18).

Dica

O livro da ciência

São Paulo: Globo, 2016. (As grandes ideias de todos os tempos).

A obra apresenta um panorama da história da ciência. É possível compreender, por meio de textos, imagens, gráficos e ilustrações, que o desenvolvimento da ciência e as conquistas científicas são fruto do trabalho de diversas pessoas ao longo do tempo.

LUCA VANZELLA

Composição fotográfica de Luca Vanzella mostrando diferentes posições do nascer do Sol ao longo de um ano, dez. 2020-dez. 2021. Nossa observação comum constata um aparente deslocamento solar ao longo do ano, constatação que endossou a teoria geocêntrica de Ptolomeu, refutada séculos mais tarde pela teoria de Copérnico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ciência e senso comum

Ao tratar das formas de conhecimento, mostramos que o senso comum se caracteriza por certa ausência de fundamentação, por uma aceitação acrítica ou pouco rigorosa daquilo que parece ser a verdade para as pessoas em geral. A ciência, por sua vez, seria a busca dessa fundamentação, a procura mais apurada dos nexos e relações entre os fatos observáveis.

No entanto, essa oposição tão rígida entre senso comum e ciência não corresponde exatamente à prática do acesso ao saber. Em outras palavras, nem o senso comum é tão ingênuo quanto costuma ser considerado, nem a ciência é tão rigorosa e infalível quanto alguns a apresentam.

A oposição extremada entre senso comum e ciência se intensificou a partir do positivismo, doutrina criada por Auguste Comte (1798-1857), que valorizou exageradamente o saber científico em detrimento de outras formas de saber, incluindo o senso comum, o mito, a religião, a arte e até a filosofia. O positivismo criou o **mito do cientificismo**, ou seja, a ideia de que o conhecimento científico é seguro, bem como a visão de que a ciência caminha sempre em direção ao progresso. Assim, a tecnologia desenvolvida pela ciência é exaltada porque atende as mais diversas necessidades humanas.

Porém, as observações que promovem o conhecimento científico nascem, com frequência, de problemas com os quais o senso comum lida cotidianamente. Em uma frase lapidar a respeito dessa questão, o economista suíço Gunnar Myrdal (1898-1987) afirma que "a ciência nada mais é que o senso comum refinado e disciplinado" (MYRDAL, Gunnar *apud* ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 9).

Devemos considerar também que a atitude científica se distingue do senso comum por não se manter presa às primeiras observações, indo além do mais imediato ao promover a elaboração de teorias que, por vezes, atingem tamanha complexidade que chegam a escapar do entendimento comum. Myrdal afirma que os fatos não se transformam em conceitos e teorias por meio da simples contemplação. Isso significa que o trabalho científico envolve a intenção de resolver um problema, a formulação de respostas e a elaboração planejada de experimentos. O cientista deve ser mais ativo do que meramente contemplativo.

Responda no caderno.

Enfoque

1. De acordo com Gunnar Myrdal, "a ciência nada mais é que o senso comum refinado e disciplinado". Explique o significado dessa frase, considerando as relações entre senso comum e ciência.
2. Com base em sua resposta ao item anterior, procure identificar as distinções entre senso comum e ciência.

ALEXIS HUGUET/AFP/GETTY IMAGES

Pesquisador analisa amostras em microscópio no Centro de Pesquisa em Doenças Tropicais, na província de Ituri, na República Democrática do Congo. Fotografia de 2022. Ao visualizar fenômenos microscópicos, o cientista não desempenha uma postura meramente contemplativa, pois sua observação é guiada por teorias que dirigem sua atenção em busca da solução para algum problema.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

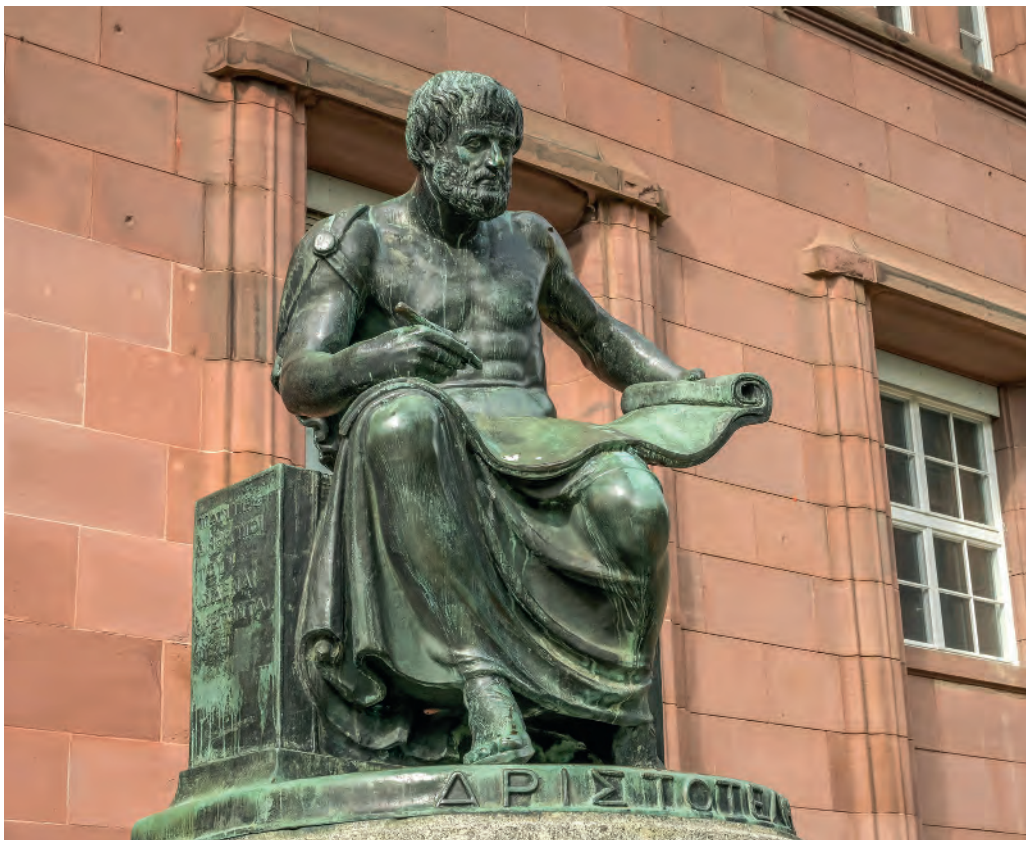
Ciência moderna

O que chamamos atualmente de ciência tem uma história recente. Sabemos que o conhecimento científico não era nitidamente diferenciado do conhecimento filosófico até a Idade Moderna. Ambos eram considerados formas de conhecimento racional (*episteme*), em contraposição à mera opinião (*doxa*). Nesse sentido, as origens históricas do saber científico se confundiam com as origens da própria filosofia.

Uma das origens atribuídas à filosofia situa-se no pensamento pré-socrático, caracterizado pela busca da *arché* (o **princípio** de todas as coisas da natureza, aquilo de que todas as coisas seriam primordialmente constituídas). Em última instância, essa busca implicava procurar a unidade em meio à multiplicidade, o permanente em meio ao transitório.

De certo modo, esse continua sendo o objetivo da ciência: compreender o que é **universal** em relação aos objetos e fenômenos investigados. O que mudou bastante, dos primeiros filósofos às sociedades contemporâneas, foi o próprio entendimento do que é a ciência e das condições nas quais se dá o conhecimento científico.

Aristóteles desprendia-se do problema da *arché* e deslocava a investigação racional para outra direção. De acordo com o filósofo, **conhecer é conhecer as causas**. Ao conhecer as causas, alcançaríamos um conhecimento que transcenderia a ciência, em seu sentido atual, e se confundiria com a própria metafísica (do grego *meta* = "além" + *physis* = "natureza"; designa o conhecimento daquilo que está além da física, além da natureza, ou seja, os princípios últimos da realidade, os quais não se confundem com o princípio elementar buscado pelos pré-socráticos).



BILDAGENTUR-ONLINE/ALAMY/FOTOARENA

Escultura de Aristóteles em Freiburg, na Alemanha. Fotografia de 2024. Segundo o filósofo, para conhecer de maneira científica determinado fenômeno, é necessário investigar suas causas. Conhecer as causas é fundamental para que possamos compreender o que ocorre no mundo.

Dica

Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia

Marco Zingano. São Paulo: Odysseus, 2002. (Coleção Imortais da ciência).

Aristóteles fundou uma escola filosófica e expandiu a compreensão sobre as ciências e as investigações racionais. Essa obra apresenta as ideias do filósofo de forma dinâmica e sintetizada, sem perder o rigor conceitual. Além do pensamento aristotélico, o livro também investiga conceitos platônicos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Novos direcionamentos

A partir de Galileu (1564-1642) deu-se o abandono, em grande medida, dessa pretensão metafísica de conhecimento, de busca dos **princípios últimos** de todas as coisas. A ciência passou a se guiar por um procedimento mais específico e experimental e, sobretudo, **quantitativo**, daí a importância do aperfeiçoamento de instrumentos científicos como o telescópio. A busca da explicação qualitativa e finalística (que busca um fim, uma finalidade, um sentido) acerca dos seres foi substituída pela matematização, que abstrai as características sensíveis da realidade e reduz a explicação dos fenômenos a equações, teoremas e fórmulas. A matematização está presente, por exemplo, na lei da queda dos corpos, descoberta por Galileu.

Como observou o historiador da ciência Alexandre Koyré (1892-1964) em seu livro *Do mundo fechado ao universo infinito*, a partir do Renascimento, com a ciência moderna constituída por Galileu e outros cientistas, houve uma gradativa destruição da ideia de cosmo, de um mundo hierarquizado, dotado de centro e limitado no espaço. Em seu lugar, surgiu a ideia de um universo infinito, não hierarquizado, geométrico. O antigo mundo místico vai cedendo lugar ao mundo complexo, mas decifrável.

Outra característica peculiar da ciência moderna é a ruptura com o aspecto contemplativo que predominava na ciência antiga. A ciência moderna é fundamentalmente **operativa**, isto é, tem interesse no conhecimento para poder operar, intervir na natureza e dominá-la. A filosofia de Kant (1724-1804) reflete essa nova relação do ser humano com a natureza quando declara: "A razão, assim, se aproxima da natureza não como um aluno que ouve tudo aquilo que o professor se decide a dizer, mas como um juiz que obriga a testemunha a responder a questões que ele mesmo formulou" (KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 11. (Coleção Os pensadores)).

A física e a química, no século XVII, e, posteriormente, as ciências biológicas desenvolveram-se no interior dessa concepção moderna de ciência.

Galileu apresentando seu telescópio ao doge de Veneza e ao Senado, afresco de Luigi Sabatelli, 1841. Os primeiros telescópios teriam surgido na Holanda, por volta de 1600, para serem usados com finalidades bélicas. Sem nunca ter visto o instrumento, bastando-lhe apenas sua descrição, Galileu construiu seu próprio telescópio e o aperfeiçoou para fins astronômicos.

DEAGOSTINI/GETTY IMAGES - TRIBUNA DE GALILEU, FLORENÇA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Aspectos da transição para a mentalidade científica moderna

O movimento cultural que contribuiu para as transformações nos séculos XV e XVI é conhecido como **Renascimento** e envolveu artistas e intelectuais de diversas áreas. Recebeu esse nome porque se inspirou no **humanismo** – movimento iniciado em meados do século XIV por intelectuais que defendiam o estudo da cultura greco-romana e o **reavivamento** de certos ideais de exaltação do ser humano e seus atributos, como a razão e a liberdade. Ao propiciar a expansão de uma mentalidade racionalista e lógica, aliada à matematização e à quantificação na análise do mundo, o Renascimento criou as bases conceituais e de valores que favoreceriam o desenvolvimento da ciência moderna.

A transição para a mentalidade científica moderna não foi, porém, um processo súbito e sem resistências. Forças ligadas ao passado medieval lutavam duramente contra as transformações que se desenvolviam, organizando listas de livros proibidos (o *Index*) e punindo muitos pensadores que descumprissem certos preceitos.

Nesse contexto histórico, vários pioneiros da ciência moderna foram perseguidos pela Inquisição (ou Santo Ofício) – tribunal instituído pela Igreja Católica com o fim de descobrir e julgar os responsáveis pela propagação e prática de **heresias**. Para punir os hereges, o papa Gregório IX criou a Inquisição em 1232. Os agentes da Inquisição atuaram em vários reinos cristãos que correspondem, hoje, a países como Itália, França, Alemanha, Portugal e, especialmente, Espanha.

Dica

Recepção dos Clássicos no Renascimento

Disponível em: https://jornal.usp.br/cultura/video-mostra-como-se-deu-a-redescoberta-dos-textos-gregos-e-latinos/. Acesso em: 13 maio 2024.

O vídeo faz parte da série *Estudos Clássicos em Dia*, organizada pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A professora Elaine Cristine Sartorelli fala sobre o contexto de redescoberta dos textos da Antiguidade clássica no período do Renascimento.

Reavivamento: no contexto, significa a ação ou o resultado de rememorar, de voltar a lembrar de algo.

Heresias: o termo refere-se às escolhas religiosas diferentes dos dogmas católicos.

JOSEPH-NICOLAS ROBERT-FLEURY - MUSEU DO LOUVRE, PARIS

Galileu perante membros do Santo Ofício no Vaticano, pintura de Joseph-Nicolas Robert-Fleury, 1847. Galileu foi perseguido por defender uma teoria considerada herege (o heliocentrismo), condenado à prisão e obrigado a negar suas ideias publicamente. Além disso, seus livros entraram no *Index*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

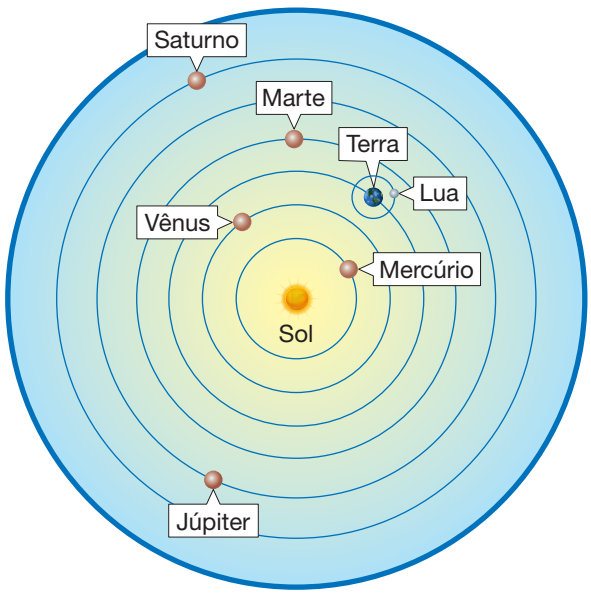
Heliocentrismo e universo infinito

Uma das primeiras "novidades" da ciência moderna foi trazida pela astronomia. Trata-se da **teoria heliocêntrica**, que propôs uma nova concepção de universo dissolvendo a antiga noção geocêntrica, formulada desde os antigos gregos.

A concepção geocêntrica do universo coincide, basicamente, com a percepção do senso comum, pois trata-se de uma representação daquilo que é possível observar diretamente: o ser humano no centro fixo do universo, com os astros girando à sua volta. No entanto, como demonstrou **Nicolau Copérnico**, astrônomo polonês, o que se observa é apenas o movimento **aparente** dos astros. O movimento **real** identificado por Copérnico é o da Terra girando em torno do Sol (heliocentrismo).

A tese heliocêntrica não constituiu total novidade, pois, segundo alguns historiadores, Aristarco de Samos (séculos IV a.C.-III a.C.) já a defendia na Antiguidade. Mas foi com o sistema proposto por Copérnico que o heliocentrismo começou a ser aceito, investigado e aperfeiçoado.

A partir da teoria de Copérnico, a Terra deixou de ser considerada o centro fixo do universo. No entanto, o Sol **não** se converteu no novo ponto fixo, pois o heliocentrismo de Copérnico constituiu apenas o **primeiro passo** de uma concepção descentralizada do universo.



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Representação simplificada do mundo heliocêntrico. A ideia do Sol como centro do universo foi sendo dissolvida nos séculos seguintes. Hoje, o que se sabe é que essa estrela é o centro gravitacional apenas do Sistema Solar.

Aos poucos, muitos cientistas foram abraçando a tese de que o universo é **infinito** (questão que se mantém aberta até hoje), de tal maneira que seu centro poderia estar em qualquer parte.

Matematizar a natureza

Os pensadores modernos também desenvolveram uma visão da natureza baseada na **geometrização** do espaço e na forma de expressar os fenômenos em termos matemáticos (matematizar).

Essa matematização se deve ao fato de que os cientistas adotaram um enfoque quantitativo ao observarem a regularidade dos fenômenos. Com isso, foram abandonando o enfoque qualitativo, baseado no estudo das qualidades dos corpos e de suas causas. Por exemplo, o fenômeno do movimento começou a ser pensado em termos das relações espaço-tempo (velocidade) e impulso-duração (aceleração), expressas em linguagem geométrica ou matemática. Na Antiguidade, pensava-se no movimento como a transformação do ser, por exemplo, da semente para a árvore.

A mudança de enfoque no desenvolvimento da ciência foi magistralmente registrada nas palavras do físico italiano Galileu Galilei:

> A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.
>
> GALILEI, Galileu. **O ensaiador**. São Paulo: Abril, 1978. p. 119. (Coleção Os pensadores).

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Segundo Galileu, o "livro" do universo "está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas". Como você interpreta essa afirmação?**
2. **Como essa abordagem se expressa no método científico adotado por Galileu?**
3. **Essa abordagem adotada por Galileu permanece válida para formular e resolver problemas na ciência contemporânea? Justifique sua resposta.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Método indutivo e experimentação

O filósofo inglês Francis Bacon é considerado um dos fundadores do **método indutivo de investigação científica**. A indução caracteriza-se por raciocínios que partem de constatações particulares para alcançar uma afirmação geral. Um exemplo de argumento indutivo é o seguinte: observamos que o Sol nasceu todas as manhãs; como essa observação foi confirmada todos os dias, conclui-se que o Sol nascerá amanhã.

A investigação científica teria como características: observar rigorosamente a natureza, realizar **experimentações** e, com base nas evidências encontradas, formular **explicações gerais**. Essa investigação tem um caráter **empírico**, palavra derivada do grego *empeirikós* = "que se guia pela experiência".

Bacon concebia a ciência como técnica e valorizava a pesquisa experimental. Revelava certa aversão ao pensamento contemplativo, característico da filosofia medieval (escolástica). Por isso, preocupava-se com a aplicação dos conhecimentos científicos na vida prática, manifestando entusiasmo pelos avanços técnicos que se difundiam em sua época, como a bússola, a pólvora e a imprensa. Perceba como o filósofo expunha esse entusiasmo:

> Mas que mudança essas três invenções produziram – uma na ciência [a imprensa], a outra na guerra [a pólvora], a terceira nas finanças, no comércio e na navegação [a bússola]! E foi apenas por acaso, digo eu, que a gente tropeçou e caiu sobre elas. Portanto, a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida. Nele muitas coisas estão guardadas que os reis, com todos os seus tesouros, não podem comprar [...]. Hoje, apenas presumimos dominar a natureza, mas, de facto, estamos submetidos à sua necessidade; se, contudo, nos deixássemos guiar por ela na invenção, nós a comandaríamos na prática.
>
> BACON, Francis *apud* ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 20.

DEAGOSTINI/GETTY IMAGES - GALERIA NACIONAL DE RETRATOS, LONDRES

Retrato de Francis Bacon, pintura de Paul van Somer, 1617.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **De que forma o lema "saber é poder" é apresentado na citação do texto de Francis Bacon?**
2. **Segundo a passagem de Bacon, de que modo o ser humano se relacionava com a natureza naquela época?**

Racionalismo e mecanicismo

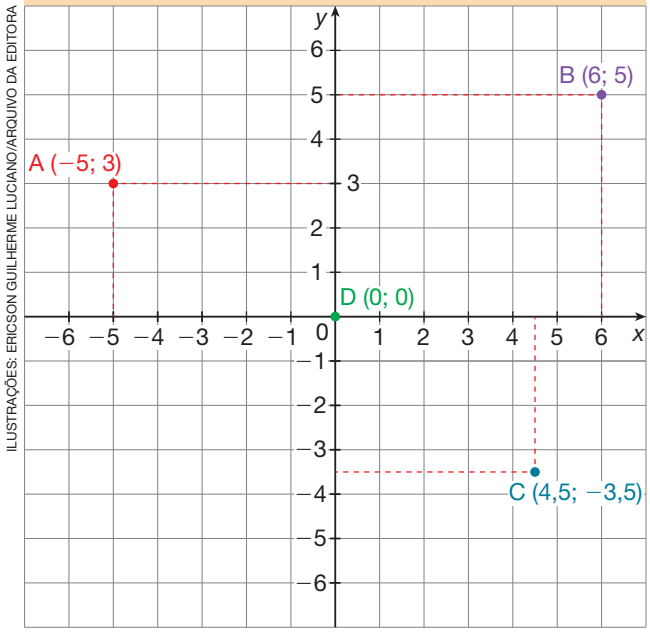
No campo da teoria do conhecimento, o **racionalismo** designa a doutrina que privilegia o papel da razão no processo de conhecer. Um de seus principais representantes foi o filósofo francês René Descartes (1596-1650).

Insatisfeito com as explicações derivadas da teologia cristã, Descartes decidiu investigar a verdade por conta própria, com o objetivo de construir um método confiável para alcançá-la. Decidiu colocar em **dúvida** todos os nossos conhecimentos e analisar, de forma criteriosa, se existiria algo plenamente certo na realidade. Aplicando metodicamente a dúvida, concluiu que o conhecimento originado dos sentidos **não** era confiável, pois muitas vezes as percepções sensoriais nos enganam.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Por fim, estabeleceu que a única verdade livre de dúvida seria a seguinte: **ele próprio era algo que existia enquanto duvidava**. Afinal, não pode existir pensamento (efeito) sem que exista alguma coisa que pensa (causa). Desse modo, Descartes chegou à célebre conclusão: "Penso, logo existo" (em latim, *Cogito, ergo sum*). Com base nessa conclusão, o filósofo tratou de alcançar outras certezas, como a da existência de seu próprio corpo e do mundo exterior ao seu corpo.

Base do sistema cartesiano de coordenadas com duas linhas retas transversais e com coordenadas



ILUSTRAÇÕES: ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

O sistema cartesiano de coordenadas é usado atualmente em diversas áreas: física, ciência da computação, estatística, engenharia, economia, medicina, sistemas de localização espacial etc. Com uma terceira coordenada, é possível localizar pontos no espaço e definir sua largura, altura e profundidade.

O argumento do *cogito* (forma reduzida da frase latina) expressa uma valorização do **sujeito** no processo do conhecimento. Essa valorização é característica do pensamento moderno, desde o Renascimento.

ARTUR DEBAT/MOMENT/GETTY IMAGES

Fotografia tirada em Barcelona, na Catalunha, Espanha, em 2023. Imagens como essa nos fazem indagar se as coisas são realmente como os nossos sentidos as percebem.

Descartes atribuía grande valor à matemática como instrumento de compreensão da realidade, sendo um dos criadores da geometria analítica – sistema que tornou possível a determinação de um ponto em um plano mediante duas linhas perpendiculares fixadas graficamente (as coordenadas cartesianas).

O método cartesiano colaborou para cristalizar nas ciências e em diversas áreas do conhecimento uma concepção analítica da realidade. Esse **processo analítico** consiste em dividir um problema em tantas partes quantas forem necessárias para compreendê-lo e resolvê-lo. Tal processo pressupõe que a soma das partes equivale ao todo.

Além disso, Descartes concebia a natureza como um mecanismo que funcionava segundo relações de causa e efeito. A perspectiva mecanicista influenciou as ciências da natureza, como a física, a química e a biologia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Iluminismo: ousai saber

O iluminismo foi um movimento social, intelectual e filosófico que se desenvolveu, principalmente, na Inglaterra e na França entre os séculos XVII e XVIII. Para o historiador Eric Hobsbawm, o objetivo de muitos iluministas seria libertar o ser humano de certas "algemas". Entre essas "algemas", estavam o tradicionalismo religioso, as práticas supersticiosas e a divisão social determinada pelo nascimento (nobres, sacerdotes e plebeus).

No plano filosófico, o iluminismo foi a expressão mais intensa da valorização da razão e da ciência. De modo geral, esses filósofos pretendiam que a "luz da razão" iluminasse a mente das pessoas. Segundo essa visão, seria necessário combater as "trevas" da ignorância e promover o esclarecimento por meio da razão.

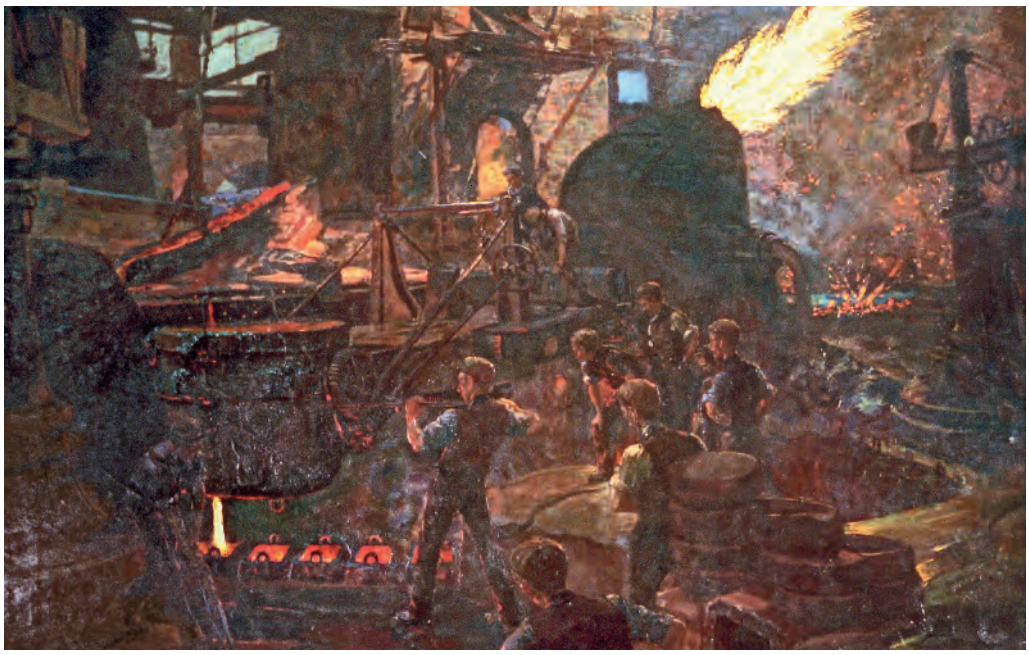
O filósofo alemão Immanuel Kant, em 1784, escreveu que o lema do iluminismo era: "Ousai saber! Tenha a coragem de servir-se de sua própria razão". Kant comparava o iluminismo ou o esclarecimento ao processo pelo qual o ser humano abandonaria sua "menoridade", tornando-se consciente da força e da independência de sua razão. Ao assumir a liberdade da própria razão, a pessoa deixaria de ser tutelada e guiada por outros.

Para os iluministas, a razão era o instrumento legítimo para conhecer, compreender e julgar. Desse modo, usando a razão, seríamos capazes de construir uma vida melhor. Essa confiança na razão e na ciência era reforçada pela Revolução Industrial, com seus avanços tecnológicos e impactos sociais. Vale lembrar que os impactos sociais da Revolução Industrial se desdobram até os dias atuais.

O otimismo em relação às ciências naturais dominou a Idade Moderna, estendendo-se às chamadas ciências humanas, que, nascidas no século XIX, procuraram atingir um patamar de cientificidade próximo do alcançado pela física, considerada o modelo de ciência.

A própria sociologia foi concebida por Auguste Comte, fundador do positivismo e entusiasta da ciência, como uma "física social". Só posteriormente o sociólogo Max Weber (1864-1920) postularia o método da compreensão (apreensão global dos elementos analisados) como mais adequado às ciências humanas que o método da explicação (esclarecimento das causas). Apesar disso, Weber não abria mão da coleta de dados e das análises estatísticas como possíveis procedimentos a serem empregados nas ciências humanas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - MUSEU DE KELHAM ISLAND, SHEFFIELD

A riqueza da Inglaterra: o processo Bessemer de fazer aço, pintura de William Holt Yates Titcomb, 1895. Os novos processos de produção foram parte importante da Revolução Industrial, assim como o uso crescente de máquinas-ferramentas. Isso acelerou a produção de mercadorias e contribuiu para consolidar o sistema capitalista.

Paradigmas: conjuntos de normas e tradições dentro dos quais a ciência se move durante determinado período e em certo contexto cultural.

Euclidianas: o termo refere-se à geometria formulada por Euclides, matemático, professor e escritor grego do século IV a.C. A geometria euclidiana considerava, por exemplo, que o espaço é contínuo, tridimensional, infinito e homogêneo, e que o tempo transcorre linearmente.

Ciência contemporânea

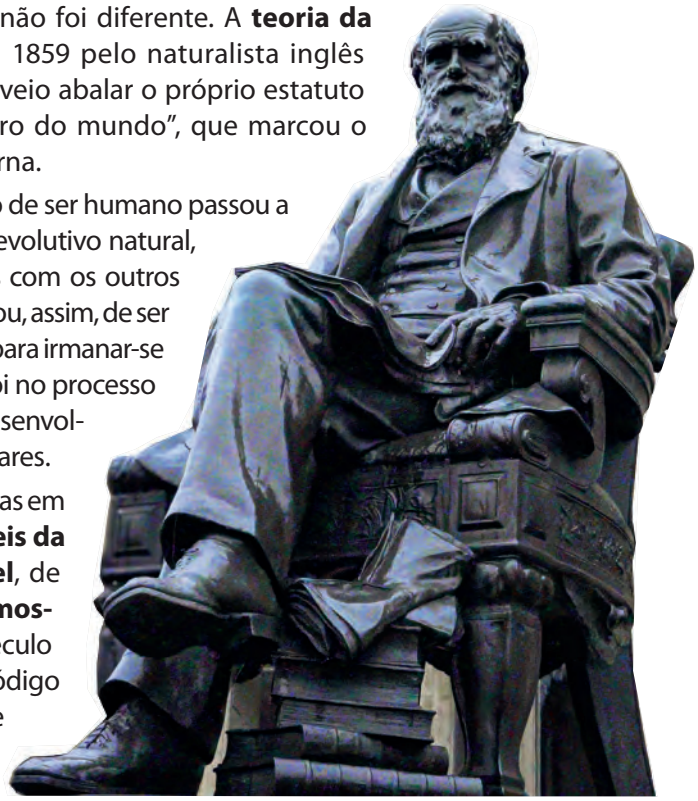
No final do século XIX e início do século XX, a matemática e a física clássicas foram revolucionadas por novas teorias que começaram a romper com certos **paradigmas** estabelecidos até então. Algumas dessas teorias causaram grande impacto não apenas no interior da ciência, mas também na sociedade em geral. Analisemos alguns casos emblemáticos.

Biologia: teoria da evolução e genética

No campo da **biologia** não foi diferente. A **teoria da evolução**, estabelecida em 1859 pelo naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882), veio abalar o próprio estatuto do ser humano como "centro do mundo", que marcou o humanismo da época moderna.

Com Darwin, a concepção de ser humano passou a ser associada a um processo evolutivo natural, no qual ele mantém relações com os outros seres vivos. O ser humano deixou, assim, de ser uma criação especial de Deus para irmanar-se aos demais seres vivos, pois foi no processo de seleção natural que ele desenvolveu suas características peculiares.

Outras grandes descobertas em fins do século XIX, como as **leis da hereditariedade de Mendel**, de 1866, e a descoberta dos **cromossomos** e **genes** no início do século XX, levaram à decifração do código genético na segunda metade do século XX e possibilitaram as mais recentes e polêmicas pesquisas no campo da **engenharia genética**.



IAN SCARFE/ISTOCK/GETTY IMAGES

Escultura de Charles Darwin em Shrewsbury, no Reino Unido. Fotografia de 2023.

Matemática: as geometrias não euclidianas

No campo da matemática, surgiram novas concepções de geometria denominadas não **euclidianas**, pois rejeitavam alguns axiomas da geometria clássica euclidiana, colocando em dúvida algumas verdades até então consideradas evidentes e modificando as ideias sobre o espaço geométrico. Essas teorias foram desenvolvidas, sobretudo, pelos matemáticos Nikolai Lobachevsky (1792-1856), János Bolyai (1802-1860) e Bernhard Riemann (1826-1866).

A partir do golpe desferido por essas novas concepções, os axiomas da geometria clássica passaram a ser entendidos não mais como princípios irrefutáveis, mas como simples pontos de partida. O matemático francês Henri Poincaré (1854-1912) reconheceu que, diferentemente da pretensão de irrefutabilidade que caracterizava a geometria euclidiana até então, "uma geometria não pode ser mais verdadeira que outra: ela pode ser apenas mais cômoda" (POINCARÉ, Henri *apud* REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do Romantismo ao empiriocriticismo. São Paulo: Paulus, 2005. v. 5, p. 365).

Responda no caderno.

Enfoque

1. O que Poincaré quis dizer com a frase: "Uma geometria não pode ser mais verdadeira que outra: ela pode ser apenas mais cômoda"?
2. Explique o que as concepções de geometria, surgidas no século XIX, mostram a respeito da construção de conhecimentos ao longo do tempo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

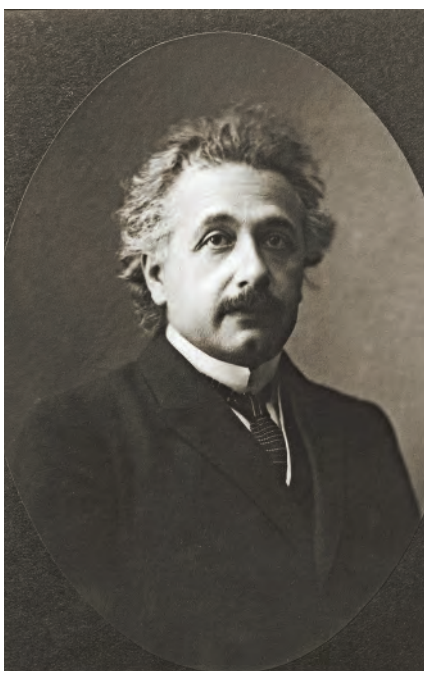
Física: relatividade, incerteza e física quântica

No campo da física, a ideia de **determinismo** (nexos necessários entre causas e efeitos de um fenômeno), que se desenvolveu a partir da mecânica de Isaac Newton (1643-1727), havia se estendido aos outros ramos da física, como a termodinâmica, a ótica e a acústica. Sua expressão exemplar foi o físico francês Pierre-Simon Laplace (1749-1827), para quem "Deus é uma hipótese desnecessária".

Ao final do século XIX, no entanto, o desenvolvimento das pesquisas sobre eletrodinâmica levou a contradições que abalaram a concepção determinista do universo físico e conduziram ao início da **física quântica**.

Em 1905, o físico alemão Albert Einstein (1879-1955) reformulou os conceitos tradicionais de espaço e tempo em um artigo intitulado *Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento*, no qual, entre outras coisas, enuncia o conceito de energia como sendo igual à quantidade de massa multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado ($E = mc^2$). Era o ponto de partida para o desenvolvimento de sua **teoria da relatividade**.

O mecanismo da física clássica newtoniana sofreu novo abalo com a formulação do **princípio da incerteza** pelo físico alemão Werner Karl Heisenberg (1901-1976), um dos fundadores da física quântica. O princípio da incerteza estabeleceu a impossibilidade de determinar com precisão a velocidade e a localização de um elétron.



MONDADORI PORTFOLIO/GETTY IMAGES

O cientista Albert Einstein após receber o Prêmio Nobel de Física. Fotografia de 1921. Einstein recebeu o prêmio em razão de seu trabalho na área da física teórica e de suas descobertas a respeito do chamado efeito fotoelétrico.

Assim, no século XX, a física passou a lidar com dois grandes níveis de observação:

- o campo dos valores e grandezas verificáveis na **experiência cotidiana**, que emprega a física clássica;
- o campo dos valores e grandezas envolvidos nos **fenômenos microscópicos** (atômicos, nucleares e subnucleares) e **astronômicos**, que emprega, por exemplo, a física quântica e a teoria da relatividade, respectivamente.

O desenvolvimento desses novos campos da física, além de romper com a concepção determinista e mecanicista da física clássica, passou a admitir também, com o princípio da incerteza, certo irracionalismo, o que abalou a pretensão de causalidade e previsibilidade que caracterizava a ciência até então.

Epistemologias contemporâneas

As transformações no campo científico ocorridas na passagem do século XIX ao XX abalaram muitas das certezas científicas até então amplamente aceitas, fazendo surgir novos questionamentos e reavaliações dos critérios de verdade e da validade dos métodos e teorias.

A filosofia da ciência se debruçou sobre essas questões. É interessante observar que, entre os nomes mais significativos da filosofia da ciência, estão muitos cientistas de vários ramos que produziram reflexões sobre a própria prática (e, por isso, podem ser considerados filósofos).

Círculo de Viena: critério da verificabilidade

Um grupo de cientistas que marcou a filosofia da ciência foi o chamado Círculo de Viena, formado na década de 1920 por cientistas de diversas áreas, como o físico alemão Moritz Schlick (1882-1936), os matemáticos alemães Hans Hahn (1879-1934) e Rudolf Carnap (1891-1970), a matemática e filósofa austríaca Olga Hahn-Neurath (1882-1937), o sociólogo e economista austríaco Otto Neurath (1882-1945), entre outros.

O Círculo de Viena desenvolveu o neopositivismo, também denominado positivismo lógico ou, ainda, empirismo lógico, que pretendeu formar uma concepção científica do mundo e se opunha às especulações.

Em suas reflexões acerca do procedimento científico, enfatizou as exigências de clareza e de precisão e propôs o **critério da verificabilidade** para validar uma teoria científica. Em outras palavras, para ser aceita como verdadeira, a teoria deveria passar pelo crivo da verificação empírica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Popper: critério da refutabilidade

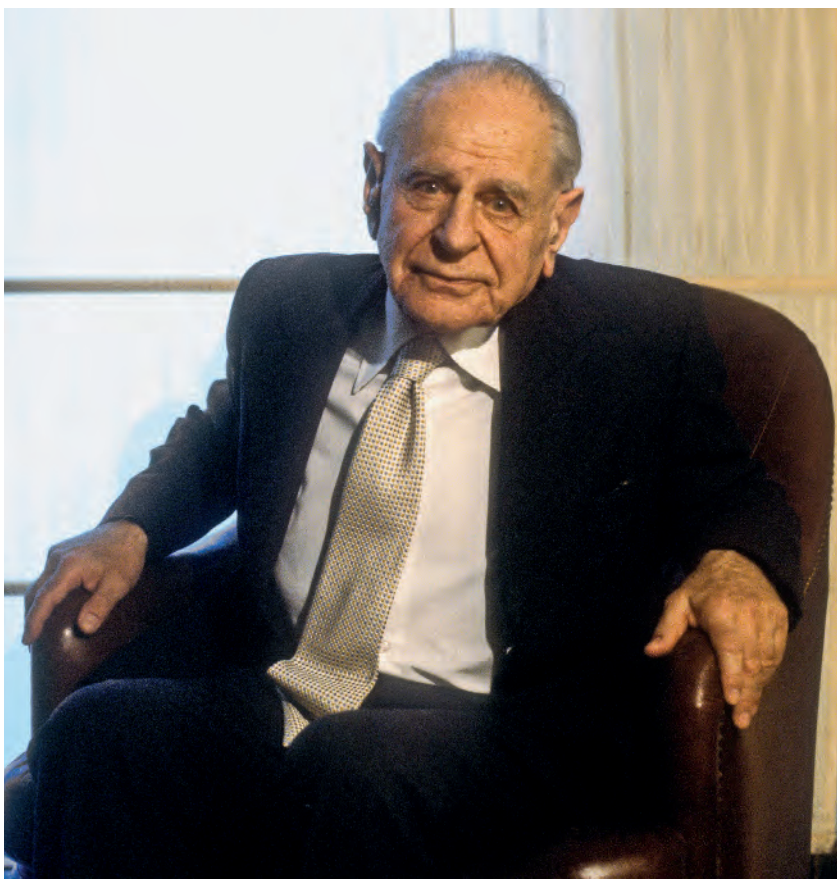
O físico e filósofo da ciência Karl Popper (1902-1994) criticou o critério da verificabilidade e propôs como única possibilidade para o saber científico o critério da refutabilidade ou da falsificabilidade.

De acordo com esse critério, uma teoria se mantém como verdadeira até que seja refutada, isto é, a teoria permanece como verdadeira até que seja demonstrada sua falsidade, suas brechas, seus limites. Para Popper, nenhuma teoria científica pode ser verificada empiricamente pelo método indutivo. Isso porque:

> Do ponto de vista lógico, não é nada óbvio que se justifique inferir assertivas universais a partir de assertivas singulares, por mais numerosas que sejam estas últimas. Com efeito, qualquer conclusão tirada desse modo sempre pode se revelar falsa: por mais numerosos que sejam os casos de cisnes brancos que possamos ter observado, isso não justifica a conclusão de que *todos* os cisnes são brancos.
>
> POPPER, Karl *apud* REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: de Freud à atualidade. São Paulo: Paulus, 2006. v. 7, p. 144.

Popper indicou a condição transitória da validade de uma teoria. Determinada teoria é válida até o momento em que é refutada, mostrando-se sua falsidade, suas limitações. Somente a falsidade de uma teoria pode ser provada, mas nunca sua veracidade absoluta. Isso significa que a ciência possui apenas conjecturas (hipóteses) sobre a realidade, e não certeza definitiva. Mas o conhecimento científico pode progredir em sua busca de explicar o real, sendo necessário que as sociedades estejam abertas à liberdade de crítica e de pesquisa.

Segundo Popper, uma teoria científica será considerada válida até que eventualmente seja refutada por outra teoria mais abrangente. Essa visão permite entender a ciência como uma atividade contínua de pesquisa, não como um processo que alcança conhecimentos estáticos e definitivos.



O filósofo britânico Karl Popper. Fotografia de 1990.

MARCELLO MENCARINI. ALL RIGHTS RESERVED 2024/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA

Outro ponto que Popper destacou em suas reflexões sobre o conhecimento científico foi que a mente não é uma tábula rasa, como pensava o empirista John Locke. Para Popper, não existe observação pura, pois todas as observações são sempre realizadas à luz de pressupostos e de teorias prévias que o cientista traz consigo. E elas se confirmam ou não por meio de sua observação.

Kuhn: paradigmas científicos

Já o físico e filósofo da ciência Thomas Kuhn (1922-1996) desenvolveu sua teoria acerca da história da ciência entendendo-a como uma sucessão de paradigmas que se confrontam entre si, e não como um processo linear e evolutivo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Em seu livro *A estrutura das revoluções científicas* (1962), Kuhn sustenta a tese de que a ciência se desenvolve durante certo tempo a partir da aceitação, por parte da comunidade científica, de um conjunto de teses, pressupostos e categorias que formam determinado paradigma.

Em certos momentos, porém, o paradigma se altera, provocando uma revolução, que abre caminho para um novo tipo de desenvolvimento científico. Foi o que se deu, por exemplo, na passagem da física clássica à física quântica. De acordo com Kuhn, é como se ocorresse uma nova reorientação da visão científica, na qual os elementos de um problema são inseridos em novas relações.

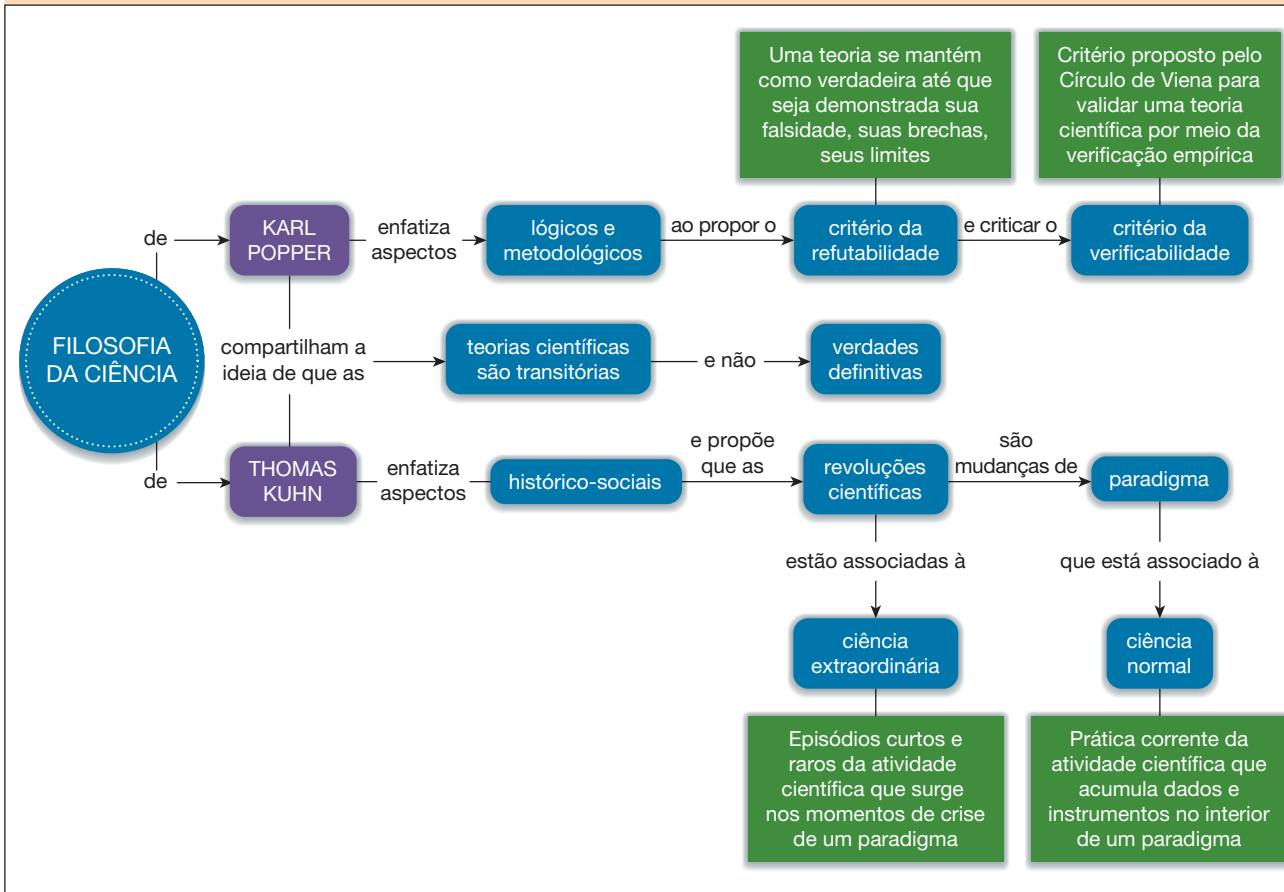
Thomas Kuhn também faz a distinção entre ciência normal e ciência extraordinária.

- **Ciência normal** é aquela que se desenvolve dentro de certo paradigma, acumulando dados e instrumentos em seu interior.
- **Ciência extraordinária** é aquela que surge nos momentos de crise de um paradigma. Surge nova ciência questionando os fundamentos e pressupostos da ciência anterior e propondo um novo paradigma.

LINDA DAVIDSON/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

A astrônoma estadunidense Vera Rubin. Fotografia de 2010. Rubin foi pioneira no estudo da rotação das galáxias. Na década de 1970, ela propôs a existência, além da gravidade, de algo que mantinha as estrelas unidas dentro das galáxias: a chamada matéria escura.

Esquema comparativo entre a filosofia de Popper e a de Kuhn



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Para Edgar Morin, o conhecimento progride pela capacidade de contextualizar. O que isso significa, considerando as teorias formuladas por esse filósofo?
2. É possível dizer que um espaço como o Museu da Natureza, na fotografia desta página, reúne diversos saberes conectados entre si? Por quê?

Holismo

Holismo deriva da palavra grega *hólos*, que significa "total, inteiro, completo". Na abordagem holista, o todo é entendido como um sistema, ou seja, como uma estrutura de elementos organizados e inter-relacionados. Para ser adequadamente compreendido, o todo não pode ser dividido em partes isoladas, como no método analítico cartesiano. Isso ocorre porque a compreensão das partes deve levar em conta as relações que elas estabelecem entre si, tendo em vista o todo.

Pensamento complexo

No campo da epistemologia pós-moderna, o filósofo francês Edgar Morin defendeu o pensamento complexo. Segundo Morin, no paradigma anterior, as pessoas estavam acostumadas a compreender as partes separadas do todo. Quando descobriram a abordagem holista, caíram no outro extremo, passando a valorizar o todo em detrimento das partes.

Para Morin, existe interdependência e interação entre as partes e o todo e entre o todo e as partes. De acordo com o filósofo, os sistemas educacionais tendem a isolar o objeto de estudo do ambiente do qual ele faz parte. Por isso, tendem a se concentrar nas disciplinas específicas em vez de construir pontes entre elas, a reduzir coisas complexas a uma visão simplista e a separar o que está conectado.

De acordo com Morin, é preciso superar esse "despedaçamento dos saberes" em busca de um pensamento complexo, multidimensional, capaz de enfrentar os desafios globais. Segundo o filósofo,

> [...] o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 15.

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

Visitantes em exposição no Museu da Natureza, em Coronel José Dias, no estado do Piauí. Fotografia de 2022. O museu é composto de salas interativas que reúnem diversos saberes, como arqueologia, arte, história, geologia e ciência, para, entre outros objetivos, refletir sobre os impactos das atividades humanas no meio ambiente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ciência e sociedade

A análise epistemológica contemporânea levou à compreensão da atividade científica como um procedimento que admite falhas. Esse questionamento tem jogado luz sobre o processo de conhecer, que não depende exclusivamente da lógica. É interessante a observação do cientista Albert Einstein sobre o tema: "Não existe nenhum caminho lógico que nos conduza (às grandes leis do universo). Elas só podem ser atingidas por meio de intuições baseadas em algo semelhante a um amor intelectual pelos objetos da experiência" (EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 140).

A ciência e o cientista nascem e se desenvolvem dentro de uma sociedade, que é marcada por interesses políticos, econômicos e culturais. Separar a ciência da sociedade que a produziu pode levar a uma **mitificação** do saber científico e dos cientistas. Conforme alertou o filósofo e educador brasileiro Rubem Alves (1933-2014):

> O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento. Este é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam.
>
> ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 11.

Dica

Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras

Rubem Alves. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. (Leituras filosóficas).

O educador Rubem Alves faz uma crítica aos mitos da ciência e apresenta diversos instrumentos que permitem ao leitor analisar as informações difundidas na sociedade contemporânea, contribuindo para a construção de um pensamento autônomo.

Mitificação da ciência: superioridade, correção e neutralidade

Para Rubem Alves, a mitificação da ciência e dos cientistas se desenvolve tendo como base três suposições: superioridade da ciência sobre outros saberes, correção dos conhecimentos científicos e neutralidade dos cientistas.

- Superioridade da ciência sobre outros saberes – diz respeito à diferença entre o conhecimento científico e o conhecimento comum, isto é, o senso comum, da maioria das pessoas.
- Correção dos conhecimentos científicos – diz respeito ao estatuto do conhecimento científico, encarado como modo de pensar correto.
- Neutralidade dos cientistas – refere-se propriamente ao poder que o saber científico confere a quem o detém, poder de induzir o comportamento das pessoas e se autoproclamar conhecedor da verdade sobre determinados assuntos.

Alguns questionamentos tendem a desconstruir as suposições nas quais se baseia a mitificação dos cientistas: será que o conhecimento científico é superior? Será que a ciência é sempre correta, perfeita e absoluta? Será que o cientista é neutro? Essas indagações colocam a ciência em conexão com a sociedade e apontam que o valor do conhecimento científico não deve ser mensurado de maneira absoluta.

JOÃO PAULO DIAS/ALAMY/FOTOARENA

Fachada do prédio do Ministério do Desenvolvimento Regional e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, em Brasília. Fotografia de 2023. Por meio deste último ministério, o Governo Federal trata de assuntos como a política nacional de pesquisa científica e cuida de órgãos financiadores, o que revela como a relação entre ciência e sociedade é marcada por interesses políticos e econômicos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FABIO COLOMBINI

O chá e o banho feitos com as cascas do barbatimão, planta medicinal nativa do Cerrado brasileiro, são indicados para o tratamento de hemorragias, diarreias, inflamações de garganta e para a limpeza de ferimentos. Parque Nacional de Sete Cidades, no estado do Piauí. Fotografia de 2023. Esse conhecimento a respeito do uso medicinal do barbatimão deriva de saberes indígenas.

Mito da superioridade

O mito da superioridade consiste na hipervalorização da ciência oficial em detrimento de outros saberes, advindos da arte, da filosofia e das culturas de povos tradicionais. Estima-se, por exemplo, que até 70% das plantas medicinais utilizadas atualmente derivam de saberes indígenas.

Portanto, o rigor próprio da ciência **não** permite concluir que ela é a única fonte válida e confiável de conhecimento. Sabemos que a ciência tem limitações e não fornece explicações satisfatórias para todos os desafios da existência. Além disso, a ciência muitas vezes pode ser manipulada por interesses econômicos, o que pode produzir um conhecimento voltado para a geração de lucro em um mercado. O mito da superioriade esbarra, assim, em outro mito: o da neutralidade. Como ressalta o filósofo e liderança indígena Ailton Krenak:

> Há muito tempo não existe alguém que pense com a liberdade do que aprendemos a chamar cientista. Acabaram os cientistas. Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que conhecemos é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria. [...] É como se todas as descobertas estivessem condicionadas e nós desconfiássemos das descobertas, como se todas fossem trapaça. [...] Os laboratórios planejam com antecedência a publicação das descobertas em função dos mercados que eles próprios configuram para esses aparatos, com o único propósito de fazer a roda continuar a girar.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 63-64.

As palavras de Krenak apontam para a necessidade de estarmos abertos às diversas formas de conhecimento que possam, inclusive, dialogar com uma abordagem científica livre de interesses econômicos.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Há questionamentos que podemos fazer para desmistificarmos a superioridade da ciência em relação a outros saberes. Que questionamentos são esses? Em sua opinião, eles são válidos para conectar a ciência e a sociedade? Argumente.**
2. **O trecho do filósofo Ailton Krenak, por sua vez, relaciona-se com o mito da neutralidade dos cientistas. Como você interpreta a expressão "máquina de fazer coisas"? Por que ela é usada por Krenak?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Mito da correção

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

ODS 12

O mito da correção consiste em pensar que o conhecimento científico é sempre certo e perfeito. Sabemos que isso não é verdade. Não há certezas absolutas em relação à validade de nenhuma teoria científica. Essa é uma das questões mais debatidas entre filósofos da ciência e cientistas. Muitos deles encaram a ciência como uma atividade contínua em vez de uma doutrina enrijecida pela pretensão de ter atingido um saber absoluto.

Além disso, a complexidade dos fenômenos é uma interrogação sempre constante no campo do conhecimento científico. Os muitos problemas ambientais decorrentes da ação tecnocientífica são exemplos dessa incapacidade da ciência de tudo prever.

A própria história da ciência demonstra que certas teorias consideradas válidas em uma época foram contestadas em outras. Assim, percebemos que os avanços da ciência apontam para um constante aprimoramento na busca pela verdade. Note, por exemplo, a teoria geocêntrica de Ptolomeu, que foi refutada pela teoria heliocêntrica de Copérnico, a qual, por sua vez, foi derrubada a partir de Newton.

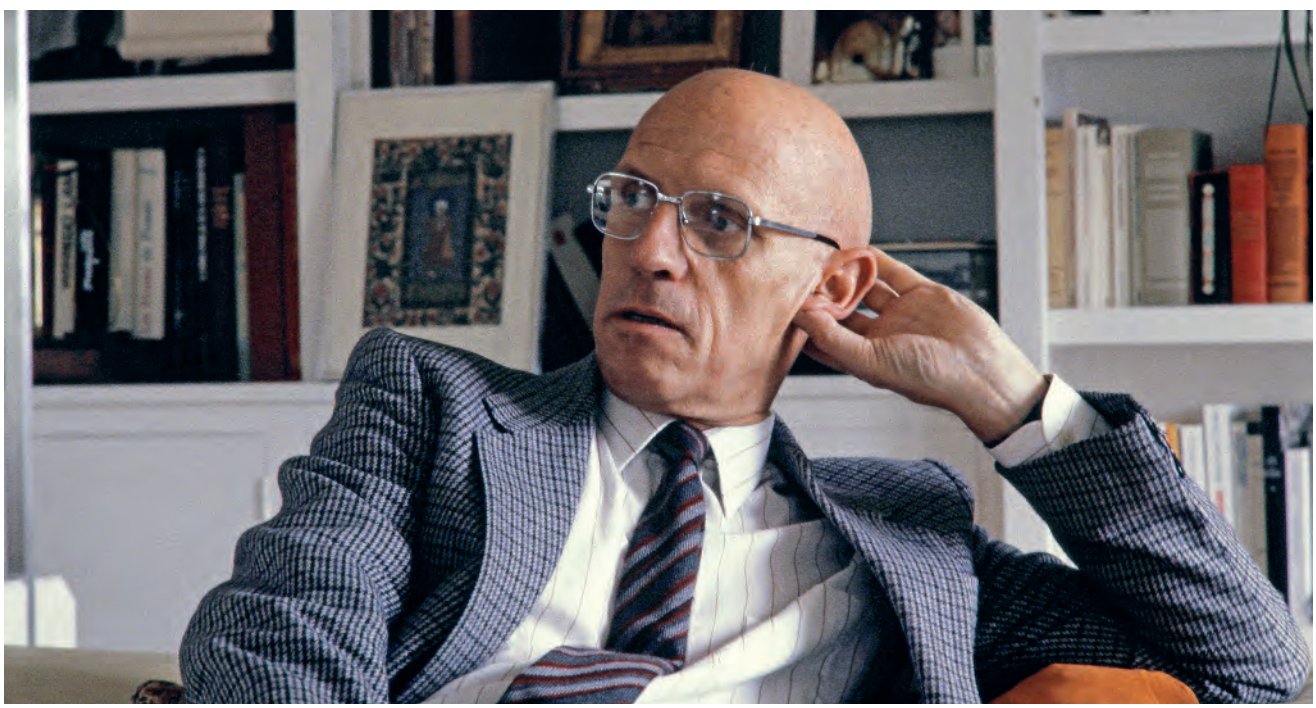
Talvez em função desse permanente avanço da ciência, o filósofo e matemático Bertrand Russell (1872-1970) recomendava que ninguém deveria sentir-se na posse de certezas absolutas: "A incerteza, em particular, pertence, até certo ponto, ao pensamento humano; podemos reduzi-la indefinidamente, embora jamais possamos aboli-la por completo" (RUSSELL, Bertrand. **Fundamentos de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 9).

Mito da neutralidade

O mito da neutralidade consiste na falsa crença de que o único interesse da ciência é a busca da verdade. Porém, assim como "saber é poder", é o poder que financia o saber. E nem sempre o poder está a serviço da verdade. Assim, o conhecimento científico não é neutro, e o seu uso é ainda menos neutro. A produção científica insere-se no conjunto dos **interesses das sociedades**. E, frequentemente, é direcionada por verbas e financiamentos vinculados aos objetivos dos grupos que exercem poder social.

Para os filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer, a vida dos indivíduos também foi submetida a **mecanismos de racionalização**, como a especialização do trabalho nas indústrias, que se apresentou como científica, quer dizer, neutra, desinteressada. Por trás dessa aparente neutralidade e imparcialidade, esse cientificismo escondia interesses econômicos.

O filósofo Michel Foucault (1926-1984) também denunciou que os comportamentos são induzidos por **mecanismos de controle social** produzidos de forma racional e científica. Ele mostrou que o saber especializado é usado como forma de convencimento racional das pessoas em geral, exercendo poder sobre elas.



MICHELE BANCILHON/AFP

O filósofo francês Michel Foucault. Fotografia de 1984.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FRED STEIN ARCHIVE/ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES

A filósofa Hannah Arendt. Fotografia de 1949.

Uso "interessado" da ciência e da tecnologia

Tomemos um exemplo que, por suas dimensões e características, dá uma ideia precisa do que pode ser o uso "interessado" da ciência e da tecnologia. A filósofa de origem alemã, naturalizada estadunidense, Hannah Arendt (1906-1975), em seu livro *Eichmann em Jerusalém*, investigou a brutalidade do regime nazista na Alemanha, apontando como uma de suas principais características a forma cientificista, a racionalidade perversa, com que foram mortos cerca de seis milhões de judeus nos campos de extermínio.

O emprego da tecnologia, ou seja, das câmaras de gás e dos fornos crematórios nos campos de extermínio, era um procedimento frio, burocratizado, uma operação conduzida por funcionários públicos que trabalhavam para o regime nazista de Adolf Hitler (1889-1945). Adolf Eichmann (1906-1962) foi um desses funcionários de Hitler, a quem Arendt identificou como um produto típico do regime nazista.

Analisando as condições em que se tornou possível o extermínio de um número tão grande de pessoas, Hannah Arendt concluiu que isso se deveu à banalização do mal, obtida por meio de uma prática cientificamente programada e racionalizada da violência.

Em nossos dias, nos deparamos com situações semelhantes ao ler notícias e assistir a cenas, na televisão ou em portais jornalísticos na internet, dos "ataques cirúrgicos" que caracterizam as guerras atuais. Resultado do refinamento da tecnologia de armamentos, essas guerras a distância também banalizam o mal, uma vez que quem aperta um botão não vê, não presencia, não vive diretamente o horror da guerra, que passa a ser assistida comodamente por meio de uma tela.

Dica

2ª Guerra: história ilustrada em 300 fotos

Cláudio Blanc. São Paulo: Camelot Editora, 2022.

O livro apresenta uma seleção de 300 fotografias da Segunda Guerra Mundial, protagonizada, entre outros países, pela Alemanha nazista. Esses registros foram produzidos em diferentes fases do conflito e, no livro, são acompanhados de textos explicativos.

GPO/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

Julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém. Fotografia de 1961. Eichmann foi condenado pelos crimes praticados enquanto era o oficial nazista responsável por deportar judeus europeus para os campos de extermínio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Finalidades da ciência

Quem controla a finalidade da pesquisa científica? Os cientistas envolvidos na construção da bomba atômica, por exemplo, não detinham o controle do uso de seu produto. O físico Julius Robert Oppenheimer (1904-1967), diretor do centro de pesquisas nucleares de Los Alamos durante parte dos trabalhos das pesquisas relativas a esse projeto, redigiu uma declaração na qual revelou sua ignorância política, ou seja, o desconhecimento do uso previsto para as pesquisas que fazia.

Muitos países dependem economicamente da indústria armamentista, pois ela é responsável por grande parte do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Isso leva ao investimento de mais recursos nesse tipo de tecnologia em detrimento de outros, pois estão envolvidos interesses de dominação política e econômica. O pensamento científico tem um olhar aguçado para métodos e instrumentos, mas certa miopia quanto a fins e valores. Assim, o desenvolvimento tecnológico, que traz em si a possibilidade de ser fator de emancipação da humanidade, traz também em si a possibilidade de ser instrumento de dominação das pessoas. Herbert Marcuse (1898-1979), um dos filósofos da Escola de Frankfurt, declarou a esse respeito:

> O método científico, que levou à dominação cada vez mais eficaz da natureza, passou assim a fornecer tanto os conceitos puros [quanto] os instrumentos para a dominação cada vez mais eficaz do homem pelo homem através da dominação da natureza [...]. Hoje a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas enquanto tecnologia, e esta garante a formidável legitimação do poder político em expansão que absorve todas as esferas da cultura.
>
> MARCUSE, Herbert *apud* HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência enquanto "ideologia"**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 315-316. (Coleção Os pensadores).

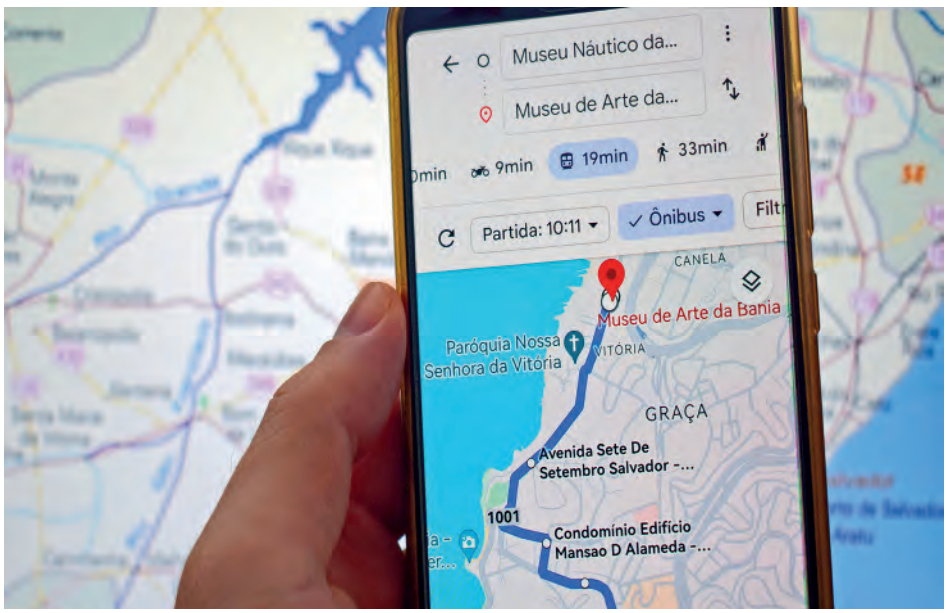
De acordo com Marcuse, a tecnologia consegue submeter os indivíduos por meio de seu poder real de ampliar as comodidades da vida. E essa sua capacidade é utilizada pelo sistema capitalista para "vender" a imagem de "sistema mais racional", que proporciona maior progresso (entendido aqui como maior capacidade de produção aliada à liberdade de consumo). Para isso, o capitalismo lança mão de recursos tecnológicos (a mídia, por exemplo) e de diversos mecanismos de racionalização já apontados por Foucault e outros filósofos.

Ciência × interesses econômicos e políticos

É possível perceber que a ciência não pode ser pensada como um setor da sociedade no qual um grupo de pessoas trabalha desinteressadamente no desenvolvimento do conhecimento humano. A ciência está atrelada a interesses econômicos e políticos que norteiam a ação científica, seja pela definição do que vai ser pesquisado, seja pela escolha das áreas que serão beneficiadas com recursos para possibilitar as pesquisas.

Na recente pandemia da covid-19, houve elevados investimentos internacionais destinados à produção de vacinas. Sem esses investimentos públicos e privados, seria ingênuo imaginar que a produção ocorreria em tempo recorde. Portanto, não cabe ilusão sobre a possibilidade de desvincularmos a produção científica de interesses econômicos, políticos e sociais. Não há pesquisa de grande porte sem financiamento. O importante é que esses investimentos sirvam ao bem comum, e não apenas aos interesses de alguns.

OBJETO DIGITAL
Infográfico clicável: Cinco pontos sobre uma pandemia



DANIEL CYMBALISTA/FOTOARENA

Pessoa utilizando aplicativo de localização no *smartphone*, em Salvador, no estado da Bahia. Fotografia de 2024. Nos últimos anos, as tecnologias digitais ampliaram ainda mais as comodidades da vida, embora nem todos tenham acesso a essas ferramentas.

Produto Interno Bruto (PIB) é o valor de mercado de todos os bens e serviços produzidos por um país, estado ou município em determinado período. O PIB mundial é a soma do PIB de todos os países.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Negacionismo da ciência

Os três mitos indicados por Rubem Alves (superioridade, correção e neutralidade) têm em comum a supervalorização do conhecimento científico. Vamos apontar agora outro mito que vai no sentido contrário dos anteriores, pois se baseia na atitude de desvalorizar ou desprezar as conquistas das ciências. Trata-se do **negacionismo**, que se manifesta na rejeição de evidências científicas em favor de crendices inconsistentes, preconceitos, superstições, teorias conspiratórias e mesmo ideologias de inspiração fascista. Embora o negacionismo não seja algo historicamente novo, podemos dizer que ganhou novo impulso em certas mídias sociais.

Dois exemplos desse mito são o movimento antivacina e o negacionismo climático.

O antivacinismo reúne pessoas que se recusam a tomar vacinas com base em variadas formas de desinformação. Para a médica brasileira Ethel Maciel, a disseminação de informações falsas sobre as vacinas é uma ameaça à saúde pública, pois coloca em risco a vida de quem não tomou a vacina e daqueles que vivem ao seu redor. É consenso entre cientistas que as vacinas são valiosas no combate a doenças como gripe, sarampo, caxumba, poliomielite e covid-19.

Comentários de Ethel Maciel e Carlos Nobre podem ser encontrados, respectivamente, em: JUCÁ, Beatriz. De *fake news* à desigualdade, o que leva brasileiros a não voltarem para tomar a segunda dose da vacina. **El País**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-20/de-fake-news-a-desigualdade-o-que-leva-brasileiros-a-nao-voltarem-para-tomar-a-segunda-dose-da-vacina.html. Acesso em: 15 maio 2024; SALES, Pedro. Desastres como o do RS serão cada vez mais comuns, diz o climatologista Carlos Nobre. **Congresso em Foco**. Disponível em: https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/desastres-como-o-do-rs-serao-cada-vez-mais-comuns-diz-o-climatologista-carlos-nobre/. Acesso em: 15 maio 2024.

MURILO SENA AMARAL/ARQUIVO PESSOAL

Pesquisadores em laboratório do Instituto Butantan, na capital de São Paulo, trabalhando no desenvolvimento de vacinas. Fotografia de 2021.

O negacionismo climático consiste em rejeitar a gravidade das mudanças climáticas causadas pela atividade humana. Segundo o cientista brasileiro Carlos Nobre, esse negacionismo protege interesses econômicos de grandes poluidores, responsáveis, por exemplo, pela elevada emissão de carbono e pelo desmatamento ilegal.

Desse modo, a negação da ciência é tão ou mais nociva do que a sacralização da ciência – isto é, a atitude de considerar o saber científico infalível e inquestionável.

Saiba mais

O negacionismo, por seguir posições contrárias aos consensos da comunidade científica (já comprovados cientificamente), também é chamado de anticientificismo.

A ideia de pseudociência também vem sendo discutida nos últimos anos. Segundo o físico brasileiro Marcelo Knobel,

> [...] a pseudociência tem esse nome porque tenta mimetizar [simular] uma aparência de ciência, incluindo uma linguagem mais complexa, com afirmações veementes de que os resultados são [...] abalizados por "estudos aprofundados". Além disso, a pseudociência normalmente se baseia em anedotas e rumores para "confirmar" os fatos.
>
> [...] o físico Carl Sagan [...] enfatiza o uso do pensamento crítico para reconhecer argumentos falhos ou fraudulentos, o que podemos chamar, de modo geral, de "pseudociência".

KNOBEL, Marcelo. Ciência e pseudociência. **Física na escola**, v. 9, n. 1, p. 6-7, 2008.

OBJETO DIGITAL Infográfico clicável: Evidências do aquecimento global no Brasil

O que são as mudanças climáticas?

ODS 13

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

Com o passar dos séculos, a capacidade humana de criar um mundo novo para si foi levada às últimas consequências, culminando na atual crise ecológica. O texto a seguir aborda a questão da mudança climática do planeta causada pelas intervenções humanas.

As mudanças climáticas são alterações, a longo prazo, nas características do clima e da temperatura do planeta. A diferença entre mudanças climáticas e variabilidade climática é que as mudanças climáticas são atribuídas às atividades humanas que podem alterar a composição da atmosfera, enquanto a variabilidade é atribuída a causas naturais, ou seja, as mudanças climáticas só acontecem porque o homem afeta a natureza.

A partir de 1850, com a Revolução Industrial, as atividades produtivas passaram a ser movidas por combustíveis fósseis, como o petróleo, o carvão e o gás natural. Quando queimados, eles liberam o dióxido de carbono (CO_2) na atmosfera, formando uma camada de gases na superfície terrestre. Essa camada é a responsável pelo efeito estufa, fenômeno natural e necessário que retém parte da radiação solar e mantém a temperatura do planeta. No entanto, a ação humana tem feito com que a quantidade de gases na atmosfera seja maior que o ideal, causando uma elevação na temperatura média do planeta, o chamado aquecimento global.

Os efeitos da mudança no clima são variados, preocupantes e afetam não somente a natureza, como também o ser humano. A poluição do ar, por exemplo, causada pela queima dos combustíveis fósseis, pode gerar problemas respiratórios e ainda elevar a mortalidade devido às doenças cardiovasculares e pulmonares. As mudanças no clima podem ainda aumentar os casos de doenças transmitidas por vetores e enfermidades infecciosas. [...]

E o que podemos fazer para amenizar os efeitos das mudanças climáticas? Reduzir as emissões de gases de efeito estufa é a solução mais comentada, ou seja, mitigar os efeitos das mudanças climáticas. Essa redução seria feita ao mudar os sistemas de energia de combustíveis fósseis para sistemas de energia renováveis, como a energia solar e a energia eólica, por exemplo. Entretanto, as ações de mitigação podem acontecer em nível local: por exemplo, uma comunidade pode integrar a gestão de resíduos e estabelecer seu próprio programa que seja liderado por membros da comunidade. Existem diferentes níveis de engajamento para mitigação.

MATTEUCCI, Mayra; CANÇADO, Maria Luiza; SILVA, Fátima. Afinal, o que são as mudanças climáticas? **Blog do Unicef Brasil**, 14 jul. 2022. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/historias/afinal-o-que-sao-mudancas-climaticas. Acesso em: 18 out. 2023.

Atividades

Responda no caderno.

1. O CO_2 (dióxido de carbono) é um dos elementos fundamentais para a vida no planeta e para a realização da fotossíntese por organismos clorofilados, que transformam energia solar em energia química. Essa energia química liberada na fotossíntese é consumida pelos seres vivos por meio da alimentação. Se o CO_2 é essencial para a existência do planeta, por que a concentração dessa substância na atmosfera é considerada uma ameaça ecológica?
2. Quais são as atividades humanas que mais contribuem para a emissão de CO_2 na atmosfera? Como a dinâmica dessas atividades pode ser alterada visando à redução da agressão ao meio ambiente?
3. Considerando o conteúdo do tópico "Negacionismo da ciência", argumente sobre o perigo do negacionismo relacionado à questão da mudança climática.

OFICINA

Responda no caderno.

1. **O que se entende atualmente por ciência? Como ela é construída?**
2. **Você concorda com a afirmação de que o ser humano domina a natureza pela compreensão, e não pela força, como assinalou Bronowski? Justifique sua resposta.**
3. **Caracterize a concepção moderna de ciência, destacando suas origens e seus objetivos, métodos e pressupostos.**
4. **Em que consistiu a dúvida metódica de Descartes? Qual era o objetivo do filósofo ao aplicá-la? Formule, com suas palavras, o argumento do *cogito* cartesiano. Que aspecto central da ciência moderna esse argumento enfatiza?**
5. **O filósofo Blaise Pascal (1623-1662) escreveu que "O silêncio eterno dos espaços infinitos apavora", em nítida referência ao mal-estar criado pelas descobertas e teorias científicas de seu tempo. Em grupo, comparem essa frase com os versos a seguir, do poema "Demogorgon", escrito por Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa (1888-1935):**

   Não, não, isso não!
   Tudo menos saber o que é o Mistério!
   Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas,
   Não vos ergais nunca!
   O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se!

   Deixai-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber [nada!
   A razão de haver ser, a razão de haver seres, de haver tudo,
   Deve trazer uma loucura maior que os espaços
   Entre as almas e entre as estrelas.

   Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta [gente;
   Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente...

   PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 158-159.

   a. A quais descobertas e teorias a frase de Pascal se refere?

   b. Qual sentimento a frase de Pascal e o poema de Pessoa expressam em comum? Justifique sua resposta.
6. **Que descobertas científicas despertaram, entre o século XIX e o século XX, uma nova perspectiva sobre o fazer científico e seus resultados? E o que mudou com elas?**
7. **O conjunto de transformações da ciência, na passagem do século XIX para o XX, estimulou o surgimento de uma área de reflexão filosófica que não existia até então: a filosofia da ciência. Passou-se a discutir, por exemplo, o critério a ser adotado para validar uma teoria científica. Nesse debate se opuseram os pensadores do Círculo de Viena e Karl Popper. Que critério defendia cada um? Explique-os.**
8. **Explique os conceitos de paradigma e revolução científica em Thomas Kuhn. Por que, para esse autor, a história da ciência não pode ser encarada como um processo evolutivo linear?**
9. **Formem grupos, pesquisem e apresentem seminários explicando um dos seguintes mitos a respeito da ciência:**

   a. superioridade;

   b. correção;

   c. neutralidade;

   d. negacionismo.
10. **Para Einstein, o pensamento científico tem um olho aguçado para métodos e instrumentos, mas é cego quanto a fins e valores. Você concorda com essa ideia? Pesquise exemplos na história e na realidade atual para fundamentar sua argumentação. Depois, apresente-os aos colegas.**
11. **Considerando tudo o que você estudou neste capítulo, interprete qual deve ser, então, o papel da filosofia da ciência.**
12. **Leia o texto a seguir sobre o filósofo John Dewey (1859-1952), procurando identificar as relações entre ciência e democracia indicadas por ele. Depois, reúna-se com os colegas em uma roda de conversa para debater a seguinte questão: a ciência pode contribuir para o desenvolvimento da democracia? Como? Durante o debate, argumentem e deem exemplos que sustentem as reflexões de vocês.**

   As normas da ciência devem ser incorporadas à vida democrática. Para Dewey, o ideal experimental e o comportamento democrático se fundem. Assim, ele combina as virtudes morais com as intelectuais. O investigador experimental tem em vista o comportamento democrático, com liberdade de expressão, participação, cooperação, capacidade de produzir consensos, de maneira que suas pesquisas sirvam como instrumentos de ação no mundo, contribuindo para o desenvolvimento de uma experiência mais qualificada. Portanto, para Dewey, a mentalidade científica é uma ferramenta para uso social.

   Assim, ciência e democracia compartilham não apenas o mesmo padrão de investigação, o "método da inteligência", mas também as mesmas virtudes morais: uma disposição para questionar, para procurar clareza e evidência, para ouvir e respeitar as opiniões dos outros, para considerar alternativas de forma imparcial, para mudar de ponto de vista em virtude da investigação e da comunicação [...].

   NASCIMENTO, Edna Magalhães do. John Dewey: a favor da ciência ou lições antinegacionistas. **Cognitio**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 4-5, jan./dez. 2022.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

13. (Enem-MEC)

Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu "de um prazer de poder", "de um mero imperialismo humano", mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.

CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 2, n. 4, 2004. (Adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em

a. expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.

b. oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.

c. ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.

d. explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.

e. explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

14. (Enem-MEC)

O espírito humano controla as máquinas cada vez mais potentes que criou. Mas a lógica dessas máquinas artificiais controla cada vez mais o espírito dos cientistas, sociólogos, políticos e, de modo mais abrangente, todos aqueles que, obedecendo à soberania do cálculo, ignoram tudo o que não é quantificável, ou seja, os sentimentos, sofrimentos, alegrias dos seres humanos. Essa lógica é assim aplicada ao conhecimento e à conduta das sociedades, e se espalha em todos os setores da vida.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2012. (Adaptado).

No contexto atual, essa crítica proposta por Edgar Morin se aplica à

a. intensificação das relações interpessoais.

b. descentralização do poder econômico.

c. fragmentação do mercado consumidor.

d. valorização do paradigma tecnológico.

e. simplificação das atividades laborais.

15. (Enem-MEC)

A lenda diz que, em um belo dia ensolarado, Newton estava relaxando sob uma macieira. Pássaros gorjeavam em suas orelhas. Havia uma brisa gentil. Ele cochilou por alguns minutos. De repente, uma maçã caiu sobre a sua cabeça e ele acordou com um susto. Olhou para cima. "Com certeza um pássaro ou um esquilo derrubou a maçã da árvore", supôs. Mas não havia pássaros ou esquilos na árvore por perto. Ele, então, pensou: "Apenas alguns minutos antes, a maçã estava pendurada na árvore. Nenhuma força externa [a fez] cair. Deve haver alguma força subjacente que causa a queda das coisas para a terra".

SILVA, Cibelle; MARTINS, Roberto. **Estudos de história e filosofia das ciências**. São Paulo: Livraria da Física, 2006 (adaptado).

Em contraponto a uma interpretação idealizada, o texto aponta para a seguinte dimensão fundamental da ciência moderna:

a. Falsificação de teses.

b. Negação da observação.

c. Proposição de hipóteses.

d. Contemplação da natureza.

e. Universalização de conclusões.

16. (UEL-PR)

As experiências e erros do cientista consistem de hipóteses. Ele as formula em palavras, e muitas vezes por escrito. Pode então tentar encontrar brechas em qualquer uma dessas hipóteses, criticando-a experimentalmente, ajudado por seus colegas cientistas, que ficarão deleitados se puderem encontrar uma brecha nela. Se a hipótese não suportar essas críticas e esses testes pelo menos tão bem quanto suas concorrentes, será eliminada.

POPPER, Karl. **Conhecimento objetivo**. Tradução de Milton Amado. São Paulo: Edusp: Itatiaia, 1975. p. 226.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre ciência e método científico, é correto afirmar:

a. O método científico implica a possibilidade constante de refutações teóricas por meio de experimentos cruciais.

b. A crítica no meio científico significa o fracasso do cientista que formulou hipóteses incorretas.

c. O conflito de hipóteses científicas deve ser resolvido por quem as formulou, sem ajuda de outros cientistas.

d. O método crítico consiste em impedir que as hipóteses científicas tenham brechas.

e. A atitude crítica é um empecilho para o progresso científico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE 2

POPULAÇÃO, TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS

Pense no espaço físico onde você realiza suas atividades cotidianas e estabelece interações sociais. Como é sua relação com o lugar onde você vive? Você vive nele desde que nasceu ou se mudou recentemente? Você teve de se adaptar a esse lugar ou sempre se vinculou a ele?

A dimensão cultural e os significados que atribuímos ao lugar onde vivemos definem o que podemos chamar de territorialidade. Ela se manifesta por meio das relações de trabalho e de estudo, das expressões artísticas e religiosas, das festividades, das formas de lazer, da prática de esportes etc.

Que significados você atribui aos espaços que frequenta? Por quais atividades você expressa suas territorialidades? Existem territorialidades ligadas às culturas das juventudes? Como elas são? Elas usam algum tipo de linguagem verbal, corporal, visual, sonora, artística ou digital? Há disputa por espaço ou há convivência harmônica? Elas podem coexistir livremente? Compartilhe suas reflexões com os colegas.

BRASTOCK IMAGES/ISTOCK/GETTY IMAGES

Dançarinos de frevo (ou passistas) na Praça Rio Branco, em Recife, no estado de Pernambuco. Fotografia de 2022. A noção de territorialidade se manifesta em expressões culturais como o frevo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MARCIO SILVA/ALAMY/FOTOARENA

Jovens andam de *skate* e de patins na Praça Rio Branco, em Recife, no estado de Pernambuco. Fotografia de 2020. Essa praça, nas proximidades do Cais do Porto, foi estabelecida em 1910, época em que ocorreram diversas renovações urbanísticas na cidade. Diferentes territorialidades podem conviver em um mesmo espaço.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As discussões propostas ao longo dos capítulos desta unidade mobilizam os temas norteadores população, território e fronteira. Trata-se de categorias amplamente utilizadas nos estudos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, pois nos ajudam a compreender as disputas e os conflitos entre grupos sociais distintos, além de ampliar nossa capacidade de entender e de transformar o mundo ao redor.

Esta unidade ocorre nos quatro livros desta coleção. Desse modo, os capítulos de história, geografia, sociologia e filosofia se complementam e favorecem a construção de conhecimento interdisciplinar.

Neste volume de filosofia, a unidade se concentra nos estudos de política e das dimensões do poder, do papel do Estado, do conceito de territorialidade e sua relação com o campo da linguagem e da arte.

Nos próximos dois capítulos, você vai:

- compreender o conceito de política e as diferentes dimensões do poder;
- analisar as origens e o papel do Estado nas relações de poder;
- discutir a relação entre Estado e sociedade e conhecer características dos regimes democrático e ditatorial;
- investigar o conceito de territorialidade;
- analisar a relação entre territorialidade, linguagem e arte, com destaque para as culturas juvenis.

Capítulo 3

Estado e poder

De maneira geral, as instituições sociais se manifestam por meio de normas e padrões que moldam a consciência e a conduta dos indivíduos de determinado grupo social. Existem, por exemplo, instituições econômicas, religiosas, políticas e educacionais. O Estado é uma das instituições políticas mais importantes.

Frequentemente, o termo *política* costuma ser associado ao poder exercido dentro do Estado. Essa associação, muitas vezes, dá origem a uma descrença na política, pois existem determinadas aversões e desconfiança em relação a políticos que exercem poder no Estado. Mas quais seriam as causas mais profundas dessa descrença?

As causas são complexas e estão relacionadas a sentimentos de decepção provocados por casos de corrupção pública, falta de representatividade, promessas não cumpridas pelos políticos etc.

Neste capítulo, vamos estudar alguns conceitos introdutórios da filosofia política que nos ajudam a compreender as relações de poder na sociedade e a força das instituições, seja em regimes autoritários, seja em regimes democráticos.

FOTO CEDIDA POR GALERIA LUIS MALUF - MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

Anônimo, pintura de Aline Bispo, 2022. A pintura, por um lado, é uma crítica à baixa representatividade da mulher negra na política institucional brasileira e, por outro, mostra que muitas mulheres negras anônimas lideram transformações efetivas na sociedade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O que é política

O termo *política* vem do grego *politeía* (que, por sua vez, deriva de *polis* = "cidade-Estado") e designa, desde a Antiguidade, a atividade humana na esfera da cidade, do Estado. Refere-se às relações existentes entre os cidadãos e a administração pública.

Desse modo, se queremos entender o fenômeno político, devemos começar estudando as características que o distinguem dos demais processos sociais. Podemos também refletir sobre a melhor maneira de construir politicamente as sociedades futuras.

Muitos filósofos se dedicaram a examinar essas questões, o que deu origem ao campo da **filosofia política**. Integram a temática básica da filosofia política as investigações em torno do poder, do Estado, dos regimes políticos, das formas de governo, da participação dos cidadãos na vida pública, da liberdade política etc.

Conceitos antigo e moderno de política

A obra do filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) intitulada *Política* é considerada um dos primeiros tratados sistemáticos sobre a arte e a ciência de governar a pólis e, portanto, sobre a filosofia política. Em grande medida, foi devido a essa obra clássica que o termo *política* se firmou nas línguas ocidentais.

Para Aristóteles, a política era uma continuação da ética, mas aplicada à vida pública. Assim, depois de refletir, na obra *Ética a Nicômaco*, sobre o modo de vida que conduz à felicidade humana, Aristóteles investigou em *Política* as instituições públicas e as formas de governo capazes de propiciar uma melhor maneira de viver em sociedade. Aristóteles considerava essa investigação fundamental, pois, para ele, a cidade (pólis) é uma criação natural, e o ser humano é, por natureza, um animal racional e político.

O conceito grego de política como esfera de realização do bem comum se tornou um conceito clássico e permanece até hoje, ainda que seja um ideal a ser alcançado.

No entanto, conforme assinalou o filósofo italiano Norberto Bobbio (1909-2004), o conceito moderno de política está ligado ao de **poder**. Essa ligação é enfatizada por Harold Lasswell e Abraham Kaplan, na obra *Poder e sociedade*, segundo a qual a **política é o processo de formação, distribuição e exercício do poder**.

BARBARA GABAY/ISTOCK EDITORIAL/GETTY IMAGES

Ruínas da ágora de Atenas, na Grécia, espaço público onde ocorriam as assembleias do povo. Fotografia de 2023. Na Antiguidade, a cidade-Estado de Atenas foi berço da democracia e também da filosofia política.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As formas de poder

Sendo o poder um tema central da discussão política moderna e contemporânea, os estudos nessa área geralmente se iniciam com uma análise do fenômeno do poder. Investiguemos, então, o que é poder.

A palavra *poder* vem do latim *potere*, que significa "posse", "poder", "ser capaz de". Refere-se basicamente à capacidade, à força ou ao recurso para produzir certos efeitos. Por isso, dizemos: o poder da palavra, o poder do remédio, o poder da polícia, o poder da imprensa, o poder do presidente.

Com base no sentido etimológico da palavra, o filósofo Bertrand Russell (1872-1970), em seu livro *Poder: uma nova análise social*, afirmou que poder é a posse dos meios que levam à produção de efeitos desejados. De forma semelhante, Thomas Hobbes (1588-1679), na obra *Leviatã*, havia definido que o poder consiste nos meios adequados para a obtenção de qualquer vantagem. Assim, o indivíduo ou a instituição que detenham esses meios têm a capacidade de impor sua vontade sobre o outro e determinar seu comportamento.

Outra definição de poder, bastante conhecida em nossos dias, é aquela que estabelece uma **relação entre dois sujeitos**. Nesse sentido, o cientista político Robert Dahl (1915-2014), na obra *Análise política moderna*, define o poder como a influência que um sujeito exerce sobre outro com o intuito de obter um comportamento que, sem tal influência, não aconteceria.

Em sentido amplo, podemos pensar no exercício do poder sobre si mesmo, sobre a natureza e sobre outros seres humanos. Frequentemente, essas três categorias andam juntas e se complementam. A filosofia política investiga o poder de um indivíduo sobre outros indivíduos, isto é, o poder social, embora também se interesse pelo poder sobre a natureza, porque essa categoria de domínio constitui um instrumento social de poder.

Responda no caderno.

Enfoque

1. **Compare a definição de poder proposta pelos três autores: Bertrand Russell, Thomas Hobbes e Robert Dahl. Há pontos em comum entre essas definições? Explique.**
2. **Por que o fenômeno do poder está ligado ao conceito de política moderna? Elabore um parágrafo expondo suas ideias e seus argumentos a respeito.**

CORTESIA DO ARTISTA E GALERIA GLADSTONE – INSTITUTO INHOTIM, BRUMADINHO

De lama lâmina, instalação de Matthew Barney, 2009. Obra exposta no Instituto Inhotim, na cidade de Brumadinho, no estado de Minas Gerais. A definição de poder abarca também a relação de domínio do ser humano sobre a natureza, representada criticamente pelo trator carregando uma árvore de resina na obra de Barney.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Trilogia do poder

Ainda sobre a definição de poder, se considerarmos o meio do qual se serve o indivíduo para conseguir os efeitos desejados, podemos encontrar três formas de poder social:

- **poder econômico**, que utiliza a posse de certos bens socialmente necessários para induzir aqueles indivíduos que não os possuem a adotar alguns comportamentos, como realizar determinado trabalho;
- **poder ideológico**, que utiliza a posse de certas ideias, valores e doutrinas para influenciar a conduta alheia, induzindo as pessoas a determinados modos de pensar e agir;
- **poder político**, que utiliza a posse dos meios de coerção social, isto é, o uso da força física considerada legal ou autorizada pelo direito vigente na sociedade.

O que essas três formas de poder têm em comum? Segundo Norberto Bobbio,

> [...] elas contribuem conjuntamente para instituir e manter sociedades de desiguais divididas em fortes e fracos, com base no poder político; em ricos e pobres, com base no poder econômico; em sábios e ignorantes, com base no poder ideológico. Genericamente, em superiores e inferiores.
>
> BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade**: para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 83.

O poder econômico preocupa-se em garantir o domínio da riqueza controlando a organização das forças produtivas (por exemplo: o tipo de produção e o alcance do consumo de mercadorias). O poder ideológico preocupa-se em garantir o domínio sobre o saber controlando a organização do consenso social (por exemplo: os meios de comunicação de massa – televisão, jornais, rádios, revistas, redes sociais etc.). E o poder político preocupa-se em garantir o domínio da força institucional e jurídica controlando os instrumentos de coerção social (por exemplo: forças armadas, órgãos de fiscalização, polícia, tribunais etc.).

Desses três poderes (econômico, ideológico e político), qual seria o principal? Para Bobbio, é o poder político, cujo meio específico de atuação consiste na possibilidade de utilizar a força física legalizada para condicionar comportamentos.

Bobbio argumenta que o poder econômico é fundamental para que o mais rico subordine o mais pobre, e que o poder ideológico é necessário para conquistar a adesão da maioria das pessoas aos valores do grupo dominante. Porém, só o uso do poder político, da força física, serve, em casos extremos, para impedir a desobediência dos subordinados. E nas relações entre dois ou mais grupos poderosos, em termos econômicos ou ideológicos, o instrumento decisivo na imposição da vontade é a guerra, que consiste no recurso extremo do poder político.

LUDOVIC MARIN/POOL/AFP/GETTY IMAGES

Reunião dos membros do chamado Grupo dos Sete na cidade de Hiroshima, no Japão. Fotografia de 2023. O Grupo dos Sete reúne algumas das principais economias do mundo: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá. Quando se trata da relação entre Estados, os poderes econômico, ideológico e político frequentemente estão mesclados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Filosofia ou filosofias?

Durante muito tempo, propagou-se a ideia de que a filosofia nasceu na Grécia antiga. Porém, isso tem sido contestado por filósofos e historiadores contemporâneos. Para alguns deles, situar o nascimento da filosofia apenas na Grécia antiga é uma forma de exercício do poder ideológico, pois despreza ou ignora os saberes filosóficos produzidos desde a Antiguidade por povos africanos, americanos e asiáticos. Devemos lembrar que a Grécia antiga não era uma região homogênea, mas, sim, um conjunto diversificado de colônias e povos que circulavam em diferentes localidades próximas ao Mediterrâneo, produzindo trocas culturais significativas. Os textos a seguir expressam diferentes pontos de vista a respeito dessa questão.

Texto 1

A filosofia, entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de suas transformações, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente grego. [...]

Em outras palavras, filosofia é um modo de pensar e exprimir os pensamentos que surgiu especificamente com os gregos e que, por razões históricas e políticas, tornou-se, depois, o modo de pensar e de se exprimir predominante da chamada cultura europeia ocidental da qual, em decorrência da colonização portuguesa do Brasil, nós também participamos. Através da filosofia, os gregos instituíram para o Ocidente europeu as bases e os princípios fundamentais do que chamamos razão, racionalidade, ciência, ética, política, técnica, arte.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. p. 20-21.

Texto 2

Sabe-se bem que, etimologicamente, filosofia significa amor à sabedoria. A experiência humana é o chão inescapável para o começo da marcha rumo à sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas. Neste sentido, a filosofia existe em todo lugar. Ela seria onipresente e pluriversal, apresentando diferentes faces e fases decorrentes de experiências humanas particulares [...]. De acordo com este raciocínio, a filosofia africana nasceu em tempos imemoriais e continua florescendo em nossos dias.

[...] Os conquistadores da África durante as injustas guerras de colonização **se arrogaram** a autoridade de definir filosofia. Eles fizeram isto cometendo epistemicídio, ou seja, o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados. O epistemicídio não nivelou e nem eliminou totalmente as maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados, mas introduziu, entretanto, – e numa dimensão muito sustentada através de meios ilícitos e "justos" – a tensão subsequente na relação entre as filosofias africana e ocidental na África. [...]

[...] A compreensão e o significado da filosofia têm como base e refletem a perspectiva daqueles que exercem poder sobre os outros [...]. É sob o disfarce da ciência e do profissionalismo que a dúvida sobre a existência da filosofia africana é expressa. É de suma importância reconhecer que esta dúvida é expressa a serviço da busca do poder para ter apenas um significado específico determinado pelos detentores da autoridade, como o significado autêntico da filosofia; o "universal", ou seja, apenas um lado, determina o significado do termo filosofia.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. **Ensaios filosóficos**, Rio de Janeiro, v. IV, p. 8-9, out. 2011.

Arrogaram-se: apropriaram-se de algo; tomaram como próprio, apossaram-se; atribuíram-se o direito de fazer algo.

Atividades

Responda no caderno.

1. Qual o ponto de vista apresentado pela filósofa Marilena Chauí no primeiro texto?
2. Quais as principais ideias sustentadas pelo filósofo sul-africano Mogobe Ramose no segundo texto?
3. Em sua opinião, qual dos argumentos parece mais coerente? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Estado e poder político

O Estado é uma das mais complexas instituições sociais desenvolvidas ao longo da história.

Em sua origem etimológica, o termo *Estado* deriva do latim *status*, que significa "estar firme", indicando a permanência de uma situação de convivência humana em determinada sociedade. Muitos estudiosos procuraram definir o Estado, mas foi o pensador alemão Max Weber (1864-1920) quem elaborou uma conceituação largamente conhecida. Em sua obra *Ciência e política*, afirmou que o Estado é uma instituição política que reivindica o monopólio do uso legítimo da coerção física, tendo em vista o cumprimento das leis.

O Estado é composto de três elementos fundamentais: governo soberano, povo e território.

O **governo soberano** constitui o núcleo dirigente do Estado. A soberania de um governo diz respeito ao poder máximo que esse governo tem para fazer valer suas decisões dentro de um território. Nesse sentido, soberania implica independência externa em relação a outros Estados (reconhecimento internacional) e autoridade social interna.

O exercício da soberania exige que o Estado detenha o **monopólio do uso legítimo da força física** (por meio de suas polícias, forças armadas etc.). A legitimidade do uso da força é estabelecida por ordenamento jurídico, isto é, pelo conjunto hierarquicamente organizado de normas que disciplinam a convivência social. Uma das características dessas normas jurídicas é a coercibilidade, ou seja, a possibilidade de o Estado utilizar a força física para se impor.

O **povo** é o elemento humano do Estado, composto do conjunto de seus **cidadãos**. Cidadão é a pessoa que, juridicamente, preenche certas condições para exercer direitos e cumprir obrigações dentro do Estado. A **cidadania** está diretamente ligada à nacionalidade.

O **território** corresponde ao espaço físico onde o Estado exerce sua soberania. O conceito de território não se restringe apenas à superfície terrestre do Estado (camada de terra aparente); ele abrange também o subsolo (camada de terra abaixo da superfície), o mar territorial (faixa marítima medida a partir do litoral), a plataforma continental (leito e subsolo das áreas submarinas do mar territorial) e o espaço aéreo (área acima da superfície terrestre e do mar territorial).

Entretanto, essa conceituação de Estado não pode ser aplicada a todos os tempos e lugares. A noção de soberania, por exemplo, construída ao longo da Idade Moderna, tem se transformado. Apesar disso, o conceito apresentado permanece importante para compreender os Estados contemporâneos.

ALESSANDRO LEVATI/GETTY IMAGES

Vista de parte do muro na fronteira entre Israel e Cisjordânia, em local próximo à cidade de Jerusalém. Fotografia de 2024. Construído por Israel sob a alegação de defesa de seu território, esse muro é alvo de críticas tanto por razões humanitárias quanto por anexar parte do território palestino.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Grafia dos nomes dos povos indígenas brasileiros

Nos livros desta coleção, os nomes dos povos indígenas que vivem no Brasil foram grafados de acordo com a Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais, aprovada em 1953 na Primeira Reunião Brasileira de Antropologia:

- com inicial maiúscula, quando usados como substantivo, e opcional, quando usados como adjetivo.
- sem flexão de número ou de gênero.

Não estendemos esse padrão aos demais povos indígenas americanos e povos africanos.

Origem do Estado

As circunstâncias que deram origem ao Estado nas diversas sociedades humanas é tema de difícil verificação histórica. Ainda assim, despertam especulação entre os filósofos políticos.

Para muitos autores, como o antropólogo francês Pierre Clastres (1934-1977), o Estado nem sempre existiu. Diversas sociedades organizaram sua vida sem a existência formal dessa instituição. Nessas sociedades, as funções políticas não estavam nitidamente definidas em determinada instância de poder. Segundo Clastres, em sociedades tradicionais sem Estado, essa ausência não significa um estágio menos evoluído de desenvolvimento, e sim a recusa da implementação de um Estado como poder central. Nesse sentido, Clastres conjecturou que tais sociedades não seriam apenas "sem Estado", mas "contra o Estado".

> [...] A ausência do Estado nas sociedades primitivas não é uma falta, não é porque elas estão na infância da humanidade e porque são incompletas, ou porque não são suficientemente grandes, ou porque não são adultas, maiores, é simplesmente porque elas recusam o Estado em sentido amplo, o Estado definido em sua figura mínima, que é a relação de poder.
>
> CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Ubu, 2017. p. 194.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Por que Clastres considera que a ausência do Estado em sociedades tradicionais não é uma "falta"?**
2. **É possível dizer que a conceituação de Estado passou por transformações ao longo do tempo? Argumente.**

Entre as teorias que abordam a origem do Estado, podemos destacar as seguintes:

- **origem familiar** – afirma que o Estado é proveniente da ampliação de um grupo familiar. Nessa concepção, o Estado surgiu de forma natural e espontânea em decorrência do crescimento da família nas primeiras comunidades humanas;
- **origem violenta** – sustenta que o Estado surgiu em decorrência da luta entre grupos rivais. Um grupo mais forte teria vencido e submetido o mais fraco, utilizando-se da violência. E, então, o grupo vencedor foi organizando o Estado como instituição destinada a assegurar sua dominação sobre os vencidos;
- **origem econômica** – é semelhante à teoria anterior, porque afirma que o Estado foi construído para satisfazer os interesses do grupo dominante. A diferença em relação à teoria da origem violenta é que, nesse caso, a dominação social é realizada por meio de mecanismos de submissão econômica. Com isso, o grupo dominante almeja acumular riquezas à custa do grupo dominado;

JORGE SAENZ/AP PHOTO/IMAGEPLUS

Indígenas da etnia aché participam de manifestação em Assunção, no Paraguai. Fotografia de 2021. Pierre Clastres baseou seus estudos em sociedades indígenas sul-americanas, como os achés (no Paraguai) e os Guarani (no Brasil).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- **origem do desenvolvimento interno da sociedade** – afirma que a origem do Estado decorre de certo desenvolvimento e complexidade da vida social. Com o aprofundamento da divisão social do trabalho, por exemplo, as pessoas se especializaram nas funções de agricultor, artesão, militar, sacerdote etc. Aqueles que assumiram as funções políticas e administrativas passaram a deter o poder de impor normas à vida coletiva, organizando os rumos da sociedade.

Essas teorias têm em comum a ideia de que o Estado se formou não apenas por um ato voluntário das pessoas, mas em função de diferentes causas que surgiram espontaneamente. Em contraste com tais teorias, há um grupo de filósofos políticos que defendem a tese de que o Estado nasce por um ato de vontade humana, isto é, um acordo entre os membros de uma sociedade, enfim, um **contrato social**. Entre os filósofos contratualistas, estão Thomas Hobbes, John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).

Finalidades do Estado: universal e particular

Qual seria a finalidade do Estado? Qual seria sua função?

Vamos tratar dessas questões interpretando a obra *Elementos de teoria geral do Estado*, do jurista Dalmo Dallari (1931-2022).

De início, podemos dizer que não existe consenso sobre essas questões, embora muitas respostas já tenham sido apresentadas. É importante esclarecer que a finalidade de uma coisa se refere ao objetivo pelo qual ela existe, ao passo que a função de uma coisa diz respeito às atividades que ela desenvolve para atender suas finalidades.

Tendo em vista sua permanência, a finalidade do Estado pode ser classificada em:

- **universal** – vários filósofos, como Platão (428 a.C.-347 a.C.) e Aristóteles, defendem que o Estado tem fins objetivos, válidos para todos os tempos. Atualmente, costuma-se apontar como fins universais do Estado a defesa externa, a garantia da ordem interna, o bem-estar do povo e o desenvolvimento da sociedade;
- **particular** – alguns pensadores, como o filósofo do direito Georg Jellinek (1851-1911), apontam que os fins do Estado variam dependendo das circunstâncias históricas. Isso quer dizer que a finalidade do Estado nasce e se transforma por influência da vontade humana, de cada tempo e lugar. Atualmente, por exemplo, a preservação do meio ambiente ganha vigor entre as finalidades do Estado. Tal preocupação não existia antes da formação de uma consciência ecológica. Vale destacar que a finalidade particular do Estado não se confunde com a defesa de interesses particulares.

©ANIMARSBR/JOÃO PONTES/FOTO CEDIDA PELO INSTITUTO ALANA

Seminário de estudos realizado por entidades civis em abril de 2023, em Brasília, no Distrito Federal. O seminário avaliou os 20 anos de vigência da Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório, nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, o ensino sobre história e cultura afro-brasileira. Esse tipo de lei considera circunstâncias históricas e se enquadra na finalidade particular do Estado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Finalidades do Estado: limitada e ilimitada

Segundo o critério da abrangência de sua atividade, o Estado pode ter finalidade:

- **limitada** – autores como John Locke, Jean-Jacques Rousseau e Adam Smith (1723-1790) defendem que a atividade estatal consiste em regular as ações das pessoas, sobretudo na vida pública, preservando sua liberdade individual. Essa corrente não admite expansões da atuação estatal que anulem certos direitos fundamentais de um indivíduo. Encontram-se aqui os defensores do Estado mínimo, ou Estado liberal;
- **ilimitada** – autores de inspiração totalitária defendem que não há barreiras para a atuação e intervenção estatal, seja na vida pública, seja na vida privada. Para eles, as necessidades do Estado estão acima da liberdade dos indivíduos. Encontram-se aqui os defensores do Estado máximo.

Além dessas teorias sobre a finalidade, podemos destacar dois modos de conceber as funções do Estado: um modo **ideal** e outro **crítico**.

A corrente da concepção ideal centra sua análise na formulação de uma teoria sobre qual **deve ser** a função do Estado. Tendo isso em vista, idealmente a finalidade do Estado seria agir como **mediador** dos conflitos entre os grupos sociais e dos conflitos de interesses individuais. Nesse sentido, o papel do Estado consistiria em promover a conciliação social, amenizando os choques dos setores divergentes e evitando, enfim, a desagregação da sociedade. Sua função seria harmonizar interesses em favor do bem comum.

A concepção crítica centra sua análise na função concreta do Estado. Afirma que, historicamente, o Estado nem sempre atua como simples mediador de grupos rivais. Ao contrário, interfere de modo parcial nos conflitos da sociedade, muitas vezes tomando partido dos "donos do poder", para usar da expressão do historiador Raymundo Faoro (1925-2003). Essa consciência crítica pode nos levar a organizar lutas sociais tendo em vista, em última instância, a democratização do poder do Estado.

Isso ocorre devido a seu processo de formação. Nascido dos conflitos sociais, o Estado tornou-se uma instituição manipulada pelos grupos mais poderosos, que, por vezes, desprezam os interesses coletivos. No Brasil, como lembrava Rui Barbosa (1849-1923), são as oligarquias mais acanhadas, mais impopulares e menos respeitáveis que põem e dispõem, que mandam e desmandam.

Dica

Teoria e prática da política

Cristiane Batista e Enara Echart Muñoz (org.). Curitiba: Appris, 2017.

O livro expõe alguns conceitos fundamentais da política e apresenta debates recentes sobre Estado, poder e nação.

ALMEIDA JÚNIOR - PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Retrato de Prudente de Morais, pintura atribuída a Almeida Júnior, século XIX. O presidente Prudente de Morais (1841-1902) governou o Brasil de 1894 a 1898, representando a oligarquia cafeicultura paulista, em um período no qual o poder político no país era controlado por oligarquias rurais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sociedade civil e Estado

Na linguagem política contemporânea, é comum estabelecer a contraposição entre **sociedade civil** e **Estado**.

Nessa contraposição, o Estado costuma ser entendido como a instituição que exerce o poder coercitivo (a força) fundado no direito. Esse poder se manifesta no exercício das diversas funções do Estado, nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Por sua vez, a sociedade civil costuma ser definida como o campo das relações sociais que estão fora do poder institucional do Estado. Fazem parte da sociedade civil, por exemplo, as empresas, as escolas, as igrejas, os sindicatos, os clubes, os movimentos populares, as associações culturais.

Podemos dizer que o Estado deve expressar o país legal, ao deter o monopólio da força fundado no direito. Já a sociedade civil expressa a dinâmica do país real, que constitui o campo onde se desenvolvem conflitos econômicos, ideológicos, religiosos etc. Isso ocorre porque existem diversos grupos na sociedade civil, cada um com suas reivindicações, as quais, muitas vezes, colidem com as de outros grupos. Tais colisões geram conflitos, em face dos quais o Estado é chamado a intervir. Quando o Estado não consegue oferecer respostas satisfatórias aos interesses em conflito, pode surgir uma **crise de governabilidade**.

SALOMON CYTRYNOWICZ/PULSAR IMAGENS

Movimentos populares da sociedade civil se reúnem em Brasília, no Distrito Federal, em fevereiro de 1987, para expor suas reivindicações no processo de elaboração da Constituição de 1988. A sociedade civil participou da elaboração da Constituição por meio das chamadas emendas populares.

Na visão de Friedrich Hegel (1770-1831), na obra *Princípios da Filosofia do Direito*, a sociedade civil estaria entre a família e o Estado, tendo como função organizar interesses privados ou resolver conflitos entre as pessoas particulares. O Estado constitui a representação de um todo social, em que os indivíduos (partes) se integram a uma totalidade.

Para Karl Marx (1818-1883), no prefácio de *Crítica da economia política*, a sociedade civil é a base das relações reais de existência, principalmente das atividades econômicas. Nesse sentido, a sociedade civil é o espaço de organização dos diversos interesses econômicos e políticos das classes sociais. Essa sociedade age fora do Estado, mas tendo em vista influenciar as instituições estatais.

Nas relações entre Estado e sociedade civil, os partidos políticos podem atuar como ponte entre os dois, pois não pertencem por inteiro nem ao Estado nem à sociedade civil. Assim, caberia aos partidos políticos captar os desejos e as aspirações da sociedade civil e encaminhá-los ao campo da decisão política do Estado. No entanto, nem sempre os partidos políticos atuam dessa forma, porque estão muitas vezes dominados por grupos com interesses particulares.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Como a sociedade civil e o Estado se relacionam

Conforme a época e o lugar, varia bastante o tipo de relacionamento entre Estado e sociedade civil. Desse modo, as relações entre governantes e governados podem seguir duas tendências políticas distintas:

- **Ditadura** – caracterizada por um fechamento político, com formas de opressão (censura dos meios de comunicação, ausência de liberdade de expressão etc.). De forma extremada, a ditadura se manifesta no Estado totalitário, que foi resumido no lema fascista formulado pelo ditador italiano Benito Mussolini (1883-1945): "Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado".
- **Democracia** – caracterizada por uma abertura política, que se manifesta por meio de maior participação dos cidadãos na vida pública e pelo respeito aos direitos humanos.

OBJETO DIGITAL
Carrossel de imagens: Campanhas pelos direitos humanos

MARCOS FIRMINO

45º Congresso Nacional da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Fotografia de 2024. A Ubes é uma entidade da sociedade civil que reúne e representa os estudantes para, entre outras atividades, pressionar o Estado em defesa da educação.

Saiba mais

Os mecanismos de participação política das sociedades democráticas, centrados nos partidos políticos e nas eleições diretas periódicas, nem sempre dão conta de equacionar o abismo existente entre a pluralidade de suas populações e as instituições de governo dos Estados. Por isso, há quase sempre parcelas da sociedade civil que se veem de alguma maneira marginalizadas e não conseguem ter representação política – às vezes são mesmo proibidas de tê-la.

Desse modo, nascem os **movimentos sociais**, com o propósito de vencer as distâncias que separam certos grupos de cidadãos e as instituições do Estado. Portanto, o que legitima esses movimentos é, de modo geral, a luta por direitos.

Comumente, esses grupos que se sentem socialmente excluídos, discriminados ou mal representados politicamente são chamados de **minorias sociais** (ou de **grupos minoritários**, por não se tratar de minoria numérica, mas com pouca representação social, política e econômica). Distintas parcelas da população – como pobres, negros, mulheres, indígenas, pessoas LGBTQIA+, pessoas com deficiência, ambientalistas, religiosos, estrangeiros, crianças – podem constituir determinada minoria em função da condição desfavorável que ocupam em uma sociedade. O importante é superar a inclusão precária, por exemplo, de grupos como indígenas e afrodescendentes, que está associada aos processos históricos no Brasil e nas Américas.

Os interesses dos movimentos sociais são tão heterogêneos quanto as demandas e as necessidades dos membros das sociedades civis. Suas reivindicações podem envolver desde alterações específicas na legislação até mudanças nos valores e nas atitudes vigentes de uma sociedade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Contraposição de regimes políticos

Regime político é o modo característico pelo qual o Estado (o governo) se relaciona com a sociedade civil (os governados). Na linguagem política contemporânea, os regimes políticos são classificados em dois tipos fundamentais: democracia e ditadura.

Democracia

Democracia é uma palavra de origem grega (*demo* = "povo" + *cracia* = "poder") que significa "poder do povo".

Foi a antiga cidade grega de Atenas que legou ao mundo ocidental uma das principais referências de regime democrático. Nela, os cidadãos (pequena parcela da população ateniense) participavam diretamente das assembleias e decidiam os rumos políticos da cidade. Portanto, havia em Atenas uma **democracia direta**.

Atualmente, a democracia direta praticamente não existe mais. Ao longo do tempo, os Estados foram ficando complexos, com extensos territórios e populações numerosas, tornando inviável a proposta de os próprios cidadãos exercerem o poder diretamente. Assim, a democracia deixou de ser o governo direto do povo. O que encontramos hoje é a **democracia representativa**, na qual os cidadãos elegem seus representantes políticos para o governo do Estado.

A democracia ateniense inspirou a criação de três direitos básicos do cidadão: a igualdade, a liberdade e a participação no poder. Esses direitos estão expressos na maior parte das Constituições democráticas contemporâneas.

- **Igualdade** – todos os cidadãos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.
- **Liberdade** – todos os cidadãos têm direito à liberdade de expressão intelectual, artística e científica. Também são livres para se locomover, trabalhar, associar-se para fins lícitos e escolher sua religião.
- **Participação no poder** – todos os cidadãos têm direito a participar do poder político. Por isso, afirma-se que todo poder emana do povo. Nesse sentido, a democracia é o governo **do povo**, **pelo povo** e **para o povo**, como disse o presidente estadunidense Abraham Lincoln (1809-1865).

Saiba mais

No Brasil, a intolerância religiosa é crime. Diversas leis garantem liberdade de culto e proteção aos que desejam professar sua fé. A Constituição Federal de 1988, por exemplo, assegura o livre exercício dos cultos religiosos e garante a proteção aos locais de culto.

A Lei nº 14.532/2023 equipara a injúria racial ao crime de racismo e prevê pena para o racismo religioso. O Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) apresenta quatro artigos que tratam do direito ao livre exercício dos cultos religiosos.

LUCIVALDO SENA/AFP/GETTY IMAGES

Eleitores comparecem à seção eleitoral para votar em plebiscito sobre a divisão do estado do Pará, proposta rejeitada, em Belém. Fotografia de 2011. O plebiscito consiste em uma consulta popular antes que determinada lei seja constituída. Trata-se, portanto, de um mecanismo de participação política direta do povo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Características de um Estado democrático

Hoje, um Estado é considerado democrático quando apresenta algumas características, como:

- **participação política do povo** – o povo exerce o direito de participar das decisões políticas. Geralmente, a participação indireta é garantida por meio do direito ao voto direto e secreto, em eleições periódicas. E a participação direta pode ser garantida por plebiscitos, referendos, leis de iniciativa popular e reuniões populares (passeatas, associações em praça pública etc.);
- **divisão funcional do poder político** – o poder político do Estado não fica concentrado em um único aparelho. Ao contrário, apresenta-se dividido em vários órgãos, que se agrupam em torno das seguintes funções típicas: legislativa (elaboração das leis), executiva (execução das leis pela administração pública) e jurisdicional (aplicação das leis e distribuição da justiça). Desse modo, podemos dizer que, nos regimes democráticos, deve existir independência e harmonia entre os três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário;
- **vigência do Estado de direito** – o poder político é exercido dentro dos limites traçados pela lei a todos imposta. Assim, a lei subordina tanto o Estado como a sociedade. Onde vigora o Estado de direito, costumamos dizer que o "poder das leis" está acima das "leis do poder".

Nesse ponto, é possível levar em consideração os seguintes questionamentos: devemos tolerar a intolerância? Em que medida é coerente acolher aqueles que negam o princípio do acolhimento? De acordo com o filósofo italiano Norberto Bobbio, em seu livro *Elogio da serenidade*, combater a intolerância por meio de perseguição e exclusão é algo que coloca em perigo a própria expansão da liberdade. Apesar disso, pensamos que, por questão de coerência, não podemos tolerar sem reservas os inimigos viscerais da democracia, isto é, aqueles que pregam o extermínio de seus adversários.

Ditadura

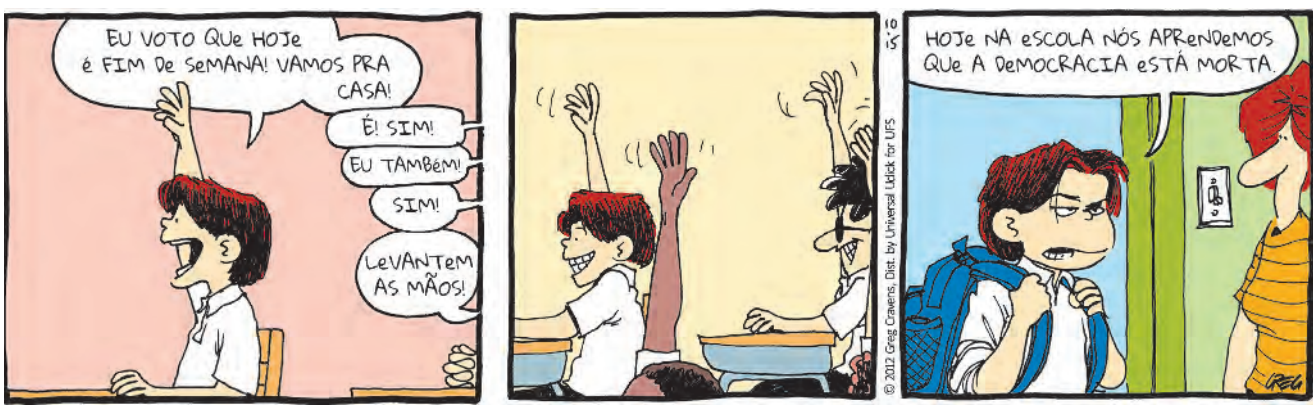
Um regime é considerado uma ditadura quando o povo é proibido de participar da vida política do país. *Ditadura* é uma palavra de origem latina, derivada de *dictare*, "ditar ordens".

Na antiga República romana, ditador era o magistrado que detinha temporariamente plenos poderes, eleito para enfrentar situações excepcionais, como os casos de guerra. Seu mandato era limitado a seis meses, embora houvesse possibilidade de renovação.

Ao longo do tempo, o conceito de ditadura conservou apenas esse caráter de poder excepcional, concentrado nas mãos do governante.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

© 2012 GREG CRAVENS/DIST. BY ANDREWS MCMEEL SYNDICATION



The buckets, tirinha de Greg Cravens, 2012.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Por que o personagem da tirinha diz que a democracia está morta?
2. Em que medida a compreensão do personagem a respeito do conceito de democracia não condiz com a noção de Estado de direito?

Características de um Estado ditatorial

Atualmente, um Estado costuma ser considerado ditatorial quando apresenta algumas características, como:

- **eliminação da participação popular nas decisões políticas** – o povo não participa do processo de escolha dos ocupantes do poder político. Não existem eleições periódicas (quando existem, costumam ser fraudulentas) e são proibidas as manifestações públicas de caráter político;
- **concentração do poder político** – o poder político fica centralizado nas mãos de um governante (ditadura pessoal) ou de um órgão colegiado de governo (ditadura colegiada). Geralmente, a ditadura se estrutura por meio do Poder Executivo, com o enfraquecimento dos poderes Legislativo e Judiciário;
- **inexistência do Estado de direito** – o poder ditatorial é exercido sem limitação jurídica, com leis que só valem para a sociedade. O ditador coloca-se acima das leis e, nessa condição, costuma desrespeitar todos os direitos fundamentais do cidadão, principalmente o direito de livre expressão e a liberdade de associação política;
- **fortalecimento dos órgãos de repressão** – as ditaduras constroem mecanismos de repressão policial destinados a perseguir brutalmente os cidadãos considerados adversários do regime. Esses órgãos de repressão espalham pânico na sociedade e implantam um verdadeiro terrorismo de Estado;
- **controle dos meios de comunicação de massa** – as ditaduras procuram controlar todos os meios de comunicação de massa, bem como espetáculos de teatro, filmes exibidos em cinemas e até exposições de arte. Institui-se um departamento de censura oficial destinado a proibir tudo que for considerado subversivo. Somente são aprovadas as mensagens públicas julgadas favoráveis ao governo ditatorial.

Esses instrumentos de controle e opressão foram utilizados em diversos regimes ditatoriais no século passado. Alguns exemplos: as ditaduras implantadas por Adolf Hitler (Alemanha), Josef Stálin (União Soviética), Mao Tsé-Tung (China), Fidel Castro (Cuba), Francisco Franco (Espanha) e Kim Jong-un (Coreia do Norte), além de regimes implantados após golpes militares em países da América Latina a partir dos anos 1950, como no Paraguai, no Brasil, no Uruguai, na Argentina e no Chile.

Dica

A noite de 12 anos

Direção: Álvaro Brechner. País: Uruguai. Ano: 2018. Duração: 122 minutos.

Baseado no livro *Memórias do calabouço*, de Maurício Rosencof e Eleuterio Fernández Huidobro, o enredo transcorre durante a ditadura militar no Uruguai (1973--1985), que confinou e torturou por 12 anos Rosencof, Huidobro e José Mujica, o qual se tornaria presidente do Uruguai em 2010. O filme narra, portanto, os mecanismos de repressão usados para perseguir, ameaçar e violentar cidadãos que se opunham a um regime ditatorial.

Classificação indicativa do filme *A noite de 12 anos*: não recomendado para menores de 14 anos.

ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO

Repressão policial a uma manifestação estudantil no centro da cidade do Rio de Janeiro. Fotografia de 1968. O episódio ficou conhecido como "Sexta-feira Sangrenta", em que pelo menos 28 manifestantes foram assassinados pelo regime ditatorial.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dica

A Revolução Francesa, 1789-1799

Michel Vovelle. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

O historiador francês Michel Vovelle (1933-2018) apresenta, nesse livro, um panorama da Revolução Francesa, suas causas e seus desdobramentos. Traz, também, novos questionamentos para realizar uma análise atual sobre esse processo revolucionário.

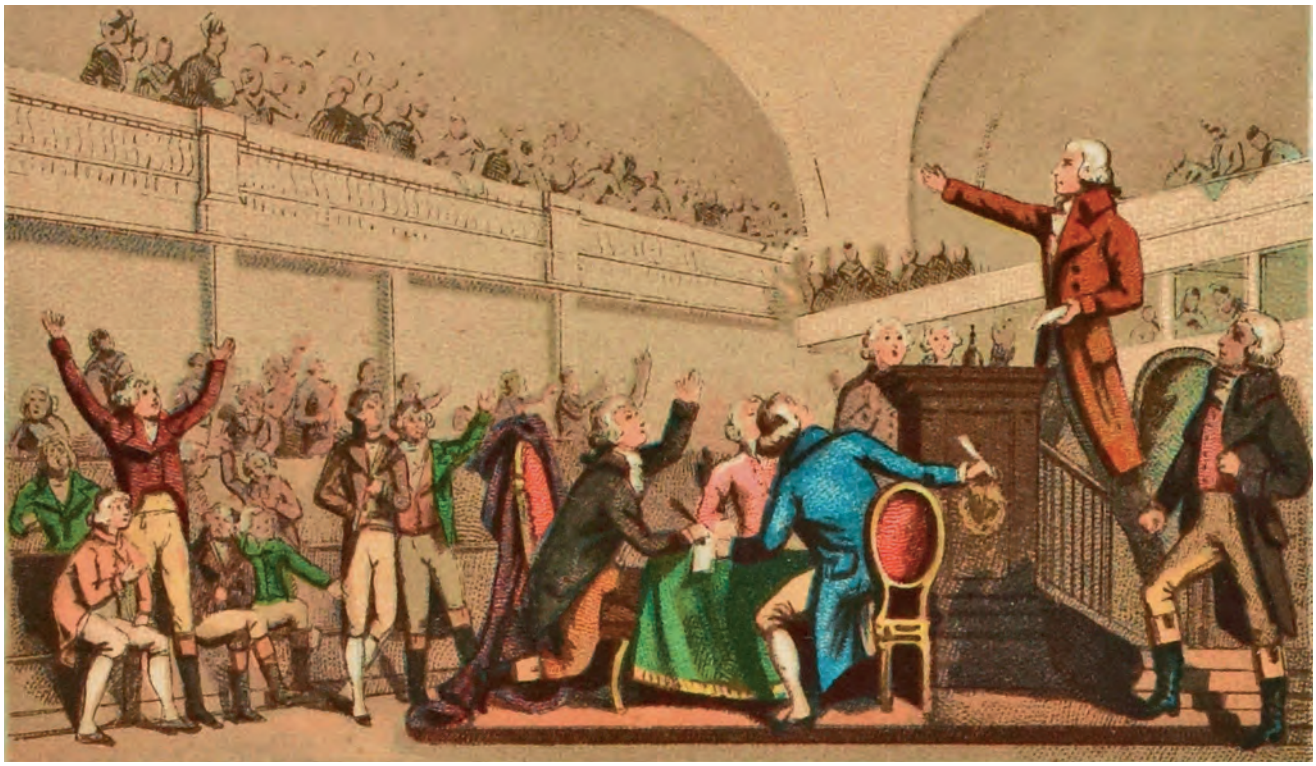
Esquerda e direita

É difícil acompanhar qualquer debate político sem ter noção do que são esquerda e direita. Existem democracias e ditaduras tanto de direita quanto de esquerda. Aliás, essas palavras se desdobram em outras distinções, como centro-esquerda, centro-direita, extrema-esquerda, extrema-direita. Elas indicam o campo ideológico no qual as forças políticas atuam. Mas, afinal, quando essas palavras começaram a ser usadas no meio político?

As palavras *esquerda* e *direita* começaram a ser usadas no final do século XVIII a partir da Revolução Francesa, quando os vários setores da burguesia romperam com o regime absolutista. O absolutismo é caracterizado pela ordenação vertical da sociedade, entre alto-baixo, com o rei ocupando o topo da pirâmide e a burguesia e os mais pobres ocupando a base. Antes da Revolução Francesa, a lei não era igual para todos, porque as pessoas eram consideradas desiguais desde o nascimento. Após essa revolução, uma vez superada a desigualdade jurídica entre alto-baixo, isto é, entre nobreza e burguesia, surgiu uma distinção horizontal, entre direita e esquerda.

Os termos se referem à localização de dois grupos políticos que disputavam o poder durante a Revolução Francesa: os jacobinos e os girondinos. Os jacobinos se sentavam à esquerda da mesa da presidência da Convenção Nacional, criada em 1792. E os girondinos se sentavam à direita da mesa da presidência dessa convenção. Lembremos que a Convenção Nacional foi um parlamento eleito pelo voto universal masculino, o que, apesar de ser restrito aos homens, já foi uma conquista naquele momento histórico.

Com o fim do absolutismo, passou a vigorar a igualdade perante a lei. Os girondinos desejavam conservar a **igualdade** e a **liberdade** burguesa recém-conquistadas. Mas os jacobinos, além do fim do absolutismo, queriam mais transformações em busca de **justiça social**. Entretanto, seguiram caminhos extremistas que culminaram com o Terror, período de maior violência durante a Revolução Francesa.



MUSEU CARNAVALET, PARIS

Representação da Proclamação do Ano I da República, na Convenção Nacional. Gravura de 1792. No contexto da Revolução Francesa, a República foi proclamada no dia 21 de setembro de 1792.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Noções atuais de esquerda e de direita

Atualmente, *esquerda* e *direita* são palavras com forte carga emocional que chegam, infelizmente, a provocar discussões violentas. Isso ocorre porque, apesar dos debates sobre quem é de direita ou de esquerda, permanece muita confusão sobre o significado concreto e prático desses termos. Na maioria das vezes, as pessoas usam as palavras "esquerdista" ou "direitista" para ofender um adversário, e não para indicar uma **posição política**.

O **pensamento de direita** costuma valorizar:

- liberdades individuais e coletivas, como a liberdade de expressão, de imprensa, de crença religiosa, de associação etc.;
- a liberdade econômica para que o setor privado trabalhe na busca de lucros, com pouca intervenção do Estado;
- a igualdade jurídica, ou seja, que todos sejam tratados como iguais perante a lei.

O **pensamento de esquerda** costuma enfatizar:

- justiça social, assegurada por meio do acesso à educação, à saúde, à alimentação, à moradia, ao trabalho, ao lazer etc.;
- a valorização do Estado como uma instituição voltada à organização da vida pública e à promoção do bem comum;
- a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais.

Meritocracia e *self-made man*

É importante compreender que a direita defende a liberdade como direito fundamental e aceita que todas as pessoas sejam tratadas como iguais perante a lei.

Porém, na prática, entende que as pessoas são **desiguais entre si**, desiguais em termos de mérito, inteligência, talento etc. Muitos, ainda, costumam defender a chamada **meritocracia**. Em síntese, o discurso meritocrático argumenta que, se alguém é melhor do que os outros, esse alguém merece desfrutar o que há de melhor. Isso pressupõe a crença no chamado *self-made man*, ou seja, em alguém que é capaz, por seus próprios méritos e esforços, de construir a si mesmo, realizar tudo o que tem planejado para si e ascender economicamente.

Mas, afinal, o *self-made man* é uma realidade ou um mito?

O *self-made man* não é um mito quando pensamos nos raros casos de pessoas que construíram sua fortuna quase do zero. Esses casos incluem, por exemplo, a apresentadora e empresária Oprah Winfrey; o bilionário George Soros, que fez fortuna no setor financeiro; e o programador Jan Koum, que criou um aplicativo de troca de mensagens instantâneas.

Porém, se pensarmos no conjunto social, o *self-made man* converte-se em um mito, porque desconsidera a existência de desigualdades estruturais que esmagam o esforço individual da maioria. Por exemplo, nos Estados Unidos, só depois de 150 anos de abolição da escravidão (1863) é que houve excepcionalmente a eleição de um presidente negro. No Brasil, a escravidão durou mais de três séculos, deixando marcas profundas que não podem ser ignoradas. Para enfrentar essa situação, os movimentos negros se mobilizam na luta contra o racismo e contra as desigualdades entre negros e brancos. Uma das conquistas obtidas por essas lutas foi, por exemplo, a política de inclusão por meio de cotas raciais.

FRANK ERNEST, BOB THAVES © 2019 THAVES/DIST. BY ANDREWS MCMEEL SYNDICATION

Frank & Ernest, tirinha de Thaves, 2019. A tirinha causa humor ao mesclar o conceito de *self-made man* ao conceito de *selfie*, foto que uma pessoa tira de si mesma.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O discurso meritocrático e suas questões

Para a esquerda, a ênfase no discurso meritocrático não faz sentido em uma sociedade, sobretudo como a brasileira, fraturada por abismos sociais. Talvez a meritocracia funcionasse em um lugar hipotético onde todas as pessoas saíssem do mesmo ponto de partida. Mas o que ocorre é que poucos, pouquíssimos, nascem em famílias endinheiradas e, por isso, conseguem comer ao menos três vezes por dia, estudar em boas escolas e, ainda, herdar algum patrimônio.

A **maioria das pessoas** nasceu em famílias pobres, morou em casas precárias, teve de trabalhar de dia e estudar à noite, não contou com assistência médica etc. Enfim, diante de tanta disparidade social, setores de esquerda consideram descabido insistir no discurso meritocrático. Em última instância, a meritocracia dá um novo verniz para a antiga palavra *aristocracia*. Ocorre que a burguesia, cuja luta era contra a aristocracia, trocou o privilégio dos nobres de "sangue azul" pelo privilégio do dinheiro.

Alguns estudiosos, no entanto, dizem que é impossível igualar todo mundo no mesmo ponto de partida, até porque nós começamos a ficar diferentes desde o útero materno e não podemos ignorar as diferenças genéticas (força, altura, vigor físico etc.). Talvez por isso a direita defenda que o mérito e o talento pessoal devam ser considerados fatores relevantes para a superação dos desafios da vida.

Sem dúvida, as pessoas são distintas tanto em capacidades quanto em necessidades. Por isso, o pensador considerado de esquerda Karl Marx defendia a seguinte fórmula: "de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas necessidades" (MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 33). Em outras palavras, a sociedade aproveita de cada pessoa sua capacidade singular e lhe oferece aquilo que corresponde às suas necessidades.

ADRIAN DENNIS/AFP/GETTY IMAGES

Jogadores titulares da seleção francesa de futebol na Copa do Mundo de 2022, em Doha, no Catar. Dos 25 jogadores franceses então convocados para o campeonato, 19 tinham dupla nacionalidade e 3 nasceram fora da França. As diferentes origens desses jogadores indicam diferentes "pontos de partida".

Dica

Meritocracia

Portal Geledés. Disponível em: https://www.geledes.org.br/meritocracia-e-discurso-para-manter-desigualdade-social-e-racial-revela-historiador/. Acesso em: 27 maio 2024.

A página apresenta trechos de uma entrevista com o historiador brasileiro Sidney Chalhoub. Na entrevista, Chalhoub fala sobre meritocracia, considerando que o discurso meritocrático pode ser usado para manter as desigualdades sociais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Inclusão e exclusão

Na obra *Direita e esquerda*, o filósofo Norberto Bobbio afirma que, atualmente, a esquerda não quer **incluir todos**, nem a direita quer **excluir todos**. Analisemos.

A esquerda teria como objetivo a **inclusão** das pessoas, pois pressupõe a igualdade dos seres humanos, mas essa regra admite diversas **exceções**. Assim, embora as pessoas sejam iguais, somente o motorista habilitado pode dirigir um carro, somente um médico-cirurgião pode conduzir uma intervenção cirúrgica, e assim por diante. Vamos ilustrar o embaraço dessa ideia de considerar todos iguais com uma historieta da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Conta-se que, pouco antes de uma apresentação de ópera na cidade de Madri, o diretor da peça, que era socialista, disse ao tenor que o dinheiro arrecadado com o espetáculo seria distribuído igualmente entre todos os trabalhadores do teatro. Enquanto o público chegava, o tenor concordou com o diretor e disse: "Sr. Diretor, como todos somos iguais, hoje eu vou trabalhar na bilheteria e vocês peçam ao bilheteiro que cante no meu lugar". Dessa forma, igualar os desiguais pode conduzir a situações absurdas.

A direita pressupõe como padrão que as pessoas são desiguais em vários sentidos. Por isso, adota a **exclusão** como regra, mas admite diversas **exceções**. Por exemplo, boa parte da direita europeia atual tem como regra excluir os imigrantes, mas admite como exceção incluir alguns imigrantes que interessam ao país, como um cientista, um atleta, um artista etc. De modo geral, o pensamento de direita costuma fazer uma apologia da liberdade política, econômica e social. Embora a liberdade seja um valor em si mesmo, não se pode negar que ela só é plenamente exercida com um mínimo de condições materiais. Para que serve a liberdade de ir e vir se você não consegue custear sua locomoção? Isso nos leva a refletir sobre a imensa desigualdade social do mundo. Calcula-se que pouco mais de 2 mil bilionários possuem juntos mais riquezas do que 4,6 bilhões de pessoas do mundo (cerca de 60% da população mundial). Isso significa que, como dizia Darcy Ribeiro, vivemos em um mundo de prosperidade restrita e miséria crescente. Apesar de ninguém ser favorável ao crescimento da miséria, a direita não tem como bandeira contestar o processo de acumulação de riquezas.

Como já dissemos, esquerda e direita viraram rótulos para conteúdos, muitas vezes, embaralhados. Em linhas gerais, a tradição filosófica indica que o pensamento de esquerda confere ênfase à justiça social, ao passo que o pensamento de direita valoriza a liberdade. Essas posições não são inconciliáveis, na medida em que podemos lutar pela construção de uma **sociedade justa, livre e solidária**.

A seguir, vamos examinar alguns traços de um fascismo eterno, entendido como um conjunto nebuloso de ideias que até hoje inspiram regimes autoritários.

ODS 10

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

A estimativa sobre a fortuna dos bilionários foi extraída de: BILIONÁRIOS do mundo têm mais riqueza do que 60% da população mundial. **Oxfam Brasil**, 19 jan. 2020. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/noticias/bilionarios-do-mundo-tem-mais-riqueza-do-que-60-da-populacao-mundial/. Acesso em: 6 ago. 2024.

MUSTAFA YALCIN/ANADOLU/GETTY IMAGES

Manifestantes em Paris, na França, contra projeto de lei que restringe imigração no país proposto por Gérald Darmanin, ministro do interior. Fotografia de 2023. Na faixa, podemos ler os dizeres, em francês: "A imigração não é um problema; o racismo é um problema!".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Fascismo eterno

O fascismo foi o regime político italiano que teve como líder e criador Benito Mussolini. O termo *fascismo* deriva do latim *fascis*, que se referia à arma usada por uma autoridade militar na Roma antiga. Após a formação do Partido Nacional Fascista na Itália em 1921, Mussolini ganhou notoriedade política defendendo um nacionalismo extremado, a ordem interna e o combate ao comunismo. Financiado por grandes industriais e proprietários rurais, o fascismo chegou ao poder em 1922, com Mussolini ocupando o cargo de primeiro-ministro. Posteriormente, foi escalando novos degraus do poder até instalar um regime totalitário em 1925. Exercendo plenos poderes na República Italiana, Mussolini era chamado de *Duce* (do italiano, "aquele que conduz").

O filósofo e semiótico Umberto Eco (1932-2016), que viveu os horrores do fascismo e da Segunda Guerra Mundial, buscou identificar as características primordiais dos regimes fascistas e refletir sobre elas. Para isso, Eco elaborou a ideia de **Ur-fascismo**, utilizando o prefixo alemão *Ur-*, que significa "permanente", "antigo". Nesse sentido, Ur-fascismo equivale a fascismo eterno.

Antes de enumerar características do fascismo, Umberto Eco ressalta a fragilidade filosófica ou ideológica desse tipo de regime. Mussolini não tinha uma filosofia, tinha apenas uma retórica oportunista. A princípio, o *Duce* era um ateu militante, mas não hesitou, posteriormente, em se confratenizar com os bispos católicos que benziam bandeiras fascistas. Certamente, o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que inspirou movimentos semelhantes em outros países. A singularidade do fascismo não estava em sua originalidade política, mas, sim, em sua forma ritualística, como seus gestos, suas vestimentas militares, seu vocabulário, enfim, sua simbologia.

GEORGE RINHART/CORBIS/GETTY IMAGES

Benito Mussolini discursa durante proclamação do Império Italiano em Roma, na Itália. Fotografia de 1936. Mussolini acreditava que a formação de um império colonial era o fundamento da vida para todos os povos que pretendiam se expandir econômica e espiritualmente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

LEONARDO CENDAMO/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

O filósofo e semiótico Umberto Eco. Fotografia de 2007. Eco desenvolveu uma vasta obra intelectual e também escreveu romances e ensaios variados.

Desse modo, ao indicar arquétipos ou padrões possíveis do fascismo, Umberto Eco mostra que esse regime político pode inspirar a sobrevivência de formas autoritárias de pensar, sentir e agir. Daí decorre a necessidade de recordar os dramas provocados pelo fascismo, refletir sobre suas graves consequências e insistir no fato de que devemos permanecer atentos para que suas atrocidades não se repitam. "Liberdade e liberação são uma tarefa que não acaba nunca. Que seja este o nosso mote: 'Não esqueçam'" (ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Record: Rio de Janeiro, 1998. p. 52).

Segundo Umberto Eco,

> O fascismo era um totalitarismo *fuzzy* ["esfumaçado", "difuso"]. O fascismo não era uma ideologia **monolítica**, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um **alveário** de contradições. É possível conceber um movimento totalitário que consiga juntar monarquia e revolução, exército real e milícia pessoal de Mussolini, os privilégios concedidos à Igreja e uma educação estatal que exaltava a violência e o livre mercado? O partido fascista nasceu proclamando sua nova ordem revolucionária, mas era financiado pelos proprietários de terras mais conservadores, que esperavam uma contrarrevolução. O fascismo do começo era republicano e sobreviveu durante vinte anos proclamando sua lealdade à família real, permitindo que um "Duce" puxasse as cordinhas de um "rei", a quem ofereceu até o título de "imperador". [...]
>
> [...]
>
> A despeito dessa confusão considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de "Ur-Fascismo", ou "fascismo eterno". Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista.
>
> ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 37-43.

Monolítica: no contexto, refere-se a algo homogêneo, que se comporta como um conjunto indivisível.

Alveário: enxame de abelhas. No sentido figurativo, refere-se a um conjunto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Características do Ur-fascismo

Analisemos a seguir uma interpretação das características do Ur-fascismo, delineadas por Umberto Eco.

Culto à tradição. Busca um passado idealizado do qual emanariam verdades míticas sobre a fundação da sociedade. Tais verdades originárias são perseguidas por meio de uma combinação de fontes variadas e, por vezes, contraditórias. De certo modo, o culto à tradição é hostil ao avanço do saber, na medida em que considera suficiente interpretar verdades primordiais já anunciadas no passado.

Xenofóbico: relativo a xenofobia, preconceito caracterizado pela aversão, pelo repúdio ou pela rejeição a pessoas ou coisas estrangeiras.

Recusa da modernidade. Nega novos costumes, novas práticas artísticas e a razão científica. Paradoxalmente, valoriza os avanços tecnológicos que prestam serviço aos interesses do regime.

Irracionalismo. Tem aversão ao Iluminismo, "Idade da Razão", considerado o marco da depravação moderna. Está diretamente ligado ao culto místico da ação pela ação, que considera a ação como um valor em si mesmo, bela em si mesma, independentemente de qualquer reflexão. Leva, por consequência, a uma desconfiança do mundo intelectual, que pode promover atitudes críticas. Nesse sentido, atribui-se ao nazista Goebbels a frase "Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola". Decorre daí uma repulsa generalizada contra intelectuais, artistas, cientistas, que se manifesta em expressões como "As universidades são um ninho de comunistas", "Os artistas são um bando de vagabundos" etc. Geralmente, os intelectuais oficiais do regime cumprem o papel de condenar todos aqueles que oferecem resistência à prepotência fascista.

Rejeição a críticas. Combate todo tipo de discordância, de apontamento de novos rumos. Não aceita o embate entre ideias divergentes, um dos pressupostos do debate científico. A divergência é vista como uma traição ao regime.

Rejeição à diversidade. Estimula um comportamento único pautado pela submissão ao líder fascista. Como consequência, não dá espaço à manifestação da diversidade, da pluralidade, em todos os campos da vida social. Instiga o ódio ao diferente, ao outro. Constrói inimigos, ainda que imaginários, para combater. É essencialmente **xenofóbico** e racista.

BETTMANN/GETTY IMAGES - COLEÇÃO PARTICULAR

A praia, pintura de Max Beckmann, exibida na exposição Arte Degenerada na cidade de Monique, na Alemanha, 1937. Essa exposição foi promovida pelo regime nazista contra a arte moderna, considerada degenerada por romper com os padrões naturalistas de perfeição, harmonia e equilíbrio na representação das formas humanas.

Enfoque

Responda no caderno.

1. A pintura *A praia*, do alemão Max Beckmann, foi provavelmente destruída pelos nazistas, que a consideravam altamente imoral. Restaram apenas fotografias em preto e branco dessa obra. Identifique elemenos na pintura que entram em choque com as concepções nazistas.
2. Na parte inferior esquerda da tela, encontra-se um exemplar do jornal italiano fascista *Il Popolo di Roma*. Explique de que forma a maneira como o jornal foi representado pode ter desagradado os nazistas alemães.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Apelo aos frustrados. Recorre aos sentimentos de grupos da população que se sentem frustrados pela falta de prestígio, de dinheiro, de esperança. Para esses grupos, o fascismo oferece uma forma de acolhimento, de pertencer à glória de um Estado forte e centralizado. Mas a condição específica para pertencer é submeter-se às necessidades do Estado, personificado no líder fascista.

Nacionalismo exacerbado. Oferece às pessoas carentes de uma identidade pessoal a possibilidade de pertencer a uma comunidade nacional, exaltando a origem gloriosa atribuída ao povo e ao país. Esse sentimento nacionalista zela pela integridade da nação contra supostas agressões externas. Alimenta a ideia de que existe um perigo permanente rondando a nação.

Força e fraqueza dos inimigos. Induz à crença de que o regime fascista está cercado por adversários poderosos e ricos. Ao mesmo tempo, eles seriam fracos diante da união indissolúvel fascista e, por isso, poderiam ser enfrentados e vencidos.

Vida para a luta. Difunde a ideia de que não é possível nem útil uma paz permanente. Somente a guerra imprimiria nobreza aos povos. A vida seria um combate incessante. O pacifismo é considerado uma espécie de aliança com os inimigos, uma traição.

Elitismo de massa. Defende que todos os fascistas pertencem ao melhor povo do mundo e concede acesso ao partido fascista a qualquer indivíduo dedicado. De outro lado, organiza a massa fascista de forma hierárquica e disciplinada, subordinando, com certo desprezo, os "fracos" aos "fortes".

Culto ao heroísmo. Educa as pessoas para seguir um modelo de vida heroica baseado no lema "Crer, obedecer e combater", adotado pelos fascistas italianos sob a liderança de Mussolini. O herói era formado para não temer a morte, que era admirada como um modo glorioso de atingir a felicidade sobrenatural. Essa morte seria a recompensa lógica para o heroísmo fascista.

Machismo e homofobia/transfobia. Valoriza-se um tipo de machismo que implica desprezo pelas mulheres e intolerância a condutas sexuais e de identidade de gênero consideradas desviantes. As condutas condenadas abrangem desde a castidade até a homossexualidade.

Direitos do povo. Não valoriza nem garante direitos específicos do indivíduo, mas, sim, direitos do povo, considerado uma entidade monolítica, um todo homogêneo. E a vontade desse povo só pode ser interpretada pelo líder fascista.

Linguagem precária. Utiliza palavras e frases próprias para se referir ao universo fascista, com vocabulário pobre, articulado de forma elementar, sem qualquer sofisticação linguística. Com isso, busca-se inibir o pensamento crítico e complexo. Hoje, observamos a presença dessa linguagem precária na cultura do cancelamento e nas *fake news*, tão frequentes nas redes sociais. **OBJETO DIGITAL** **Vídeo: Armadilhas das *fake news***

Saiba mais

A condição de desprezo, repulsa e ódio às mulheres recebe o nome de misoginia. Essa é uma palavra de origem grega: *miseó* = "ódio" + *gyné* = "mulher". As atitudes de misoginia devem ser condenadas e combatidas, inclusive com o amparo da lei.

CHRISTOPH SOEDER/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

Memorial aos Judeus Mortos da Europa, em Berlim, na Alemanha. Fotografia de 2024. Esse memorial foi construído para lembrar os milhões de judeus mortos pelo regime nazista na Europa. A preservação da memória é um importante instrumento para proteger a humanidade dos assombrosos atos cometidos no passado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

VICTOR MIGUEL/JORNAL A VERDADE

Estudantes de universidade no Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, optam (em assembleia) por entrar em greve contra cortes de verba na educação. Fotografia de 2024. A consciência política implica participação nas decisões que dizem respeito ao grupo de que se é parte, o que pode ser feito por meio do envolvimento em assembleias, do voto, de questionamentos endereçados a autoridades etc.

Consciência política

Combater formas de fascismo e autoritarismo exige o reconhecimento da importância da política. Esse reconhecimento depende da compreensão de conceitos políticos construídos ao longo da história. Nesse ponto, destacaram-se os gregos antigos, que fundaram a pólis e sistematizaram as formas de relacionamento de pessoas e instituições no espaço público da cidade-Estado.

A vida da cidade e a vida do cidadão atingiram tal grau de entrelaçamento que o filósofo Aristóteles considerou a pólis um fenômeno natural, entendendo o ser humano – que, por natureza, é um animal racional – como político. Pensando dessa forma, Aristóteles tinha uma concepção etnocêntrica, pois levou em consideração um fenômeno típico da cultura grega como padrão natural de todas as sociedades, a ponto de distinguir dois tipos de seres humanos: a) aqueles que vegetam em tribos selvagens ou formam imensos rebanhos em monarquias monstruosas; e b) aqueles que se encontram harmoniosamente associados em cidades (pólis).

No entanto, o processo histórico grego demonstra que o cidadão da pólis é uma construção cultural, e não natural. E tal construção da pólis nasce, desenvolve-se e também se transforma. Exemplo disso foi o período helenístico. Com a conquista da Grécia pelos macedônios (322 a.C.), percebemos que os antigos valores gregos sofreram transformações e mesclaram-se com outras tradições culturais. De vários modos, desfigurou-se a relação política entre cidades e cidadãos.

Nesse contexto de declínio da política, cresceu o interesse filosófico pela vida privada, pela intimidade, pela "arte de bem viver". Um dos principais filósofos dessa época, Epicuro (341 a.C.-270 a.C.), aconselhava as pessoas a se afastarem das atribulações sociais, dos conflitos políticos e a buscarem prazer e paz de espírito, cultivando a felicidade interior. "Viva oculto" era um de seus ensinamentos. Porém, viver oculto é um projeto impossível. Afinal, viver implica exposição, expressão, conexão com o outro. Em outras palavras, viver é experimentar problemas e desafios, justiças e arbitrariedades, conquistas e frustrações.

Desencanto

A ascensão e queda da política no mundo grego sugere reflexões sobre certas tendências encontradas nas sociedades contemporâneas. Durante boa parte dos séculos XIX e XX, a política empolgou as pessoas, chegando a ser considerada aspecto fundamental da vida humana.

Muitos filósofos e historiadores a elegeram como tema central de suas pesquisas e ensaios. Grandes pensadores expressaram-se sobre a relevância do poder político, que tem como função fundamental defender a sociedade contra ataques externos e impedir a desagregação social interna.

Apesar dessas constatações, houve nos últimos 50 anos um desencanto político que se espalhou por legiões de pessoas nas sociedades ocidentais. Esse desencanto foi movido por falta de representatividade de determinados grupos na política institucional, pelo cansaço em relação aos partidos políticos de diferentes espectros, que pouco refletem os desejos e as aspirações da sociedade civil, e pela decepção com os governos que tais partidos engendraram. Propagou-se entre muitos jovens um desprezo e um desinteresse pela narrativa liberal democrática, na medida em que permanecem sem solução os diversos problemas que afetam nossa vida, como a pobreza, a violência, a corrupção e a crise ecológica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O problema do individualismo

Como apontou o filósofo brasileiro Mario Sergio Cortella, no livro *Política: para não ser idiota*, ouvimos com frequência que "política é coisa de idiota". Desse modo, inverte-se o sentido original da palavra *idiota*, que, em grego, designa a pessoa mergulhada na vida privada, fechada em si mesma, que se interessa pela vida apenas no âmbito pessoal. Por isso, o verdadeiro idiota é aquele que não sai de dentro de si e, por isso, não se interessa pela vida pública e recusa a importância da política.

Além disso, muitas pessoas acabam se desiludindo com as democracias e flertando com as promessas categóricas de líderes autoritários que se apresentam como "salvadores da pátria". Nesse contexto, as primeiras décadas do século XXI mostraram uma tendência de desapreço por valores até então considerados conquistas civilizatórias, como a racionalidade crítica, o repúdio ao racismo, a separação entre religião e Estado, o respeito aos direitos humanos, a independência entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, a submissão de todos à lei etc.

Consciência das dimensões políticas

Deixar as questões coletivas de lado para cuidar somente da própria vida tornou-se tendência expressiva de grande quantidade de pessoas. Porém, separar radicalmente o coletivo do individual é impossível. O contexto social sempre nos abraça e nos limita, demonstrando a inseparabilidade da vida política e da vida pessoal. Nesse sentido, enfatizamos a necessidade de uma educação política.

Evidentemente, política não é apenas ocupar-se das ações e da vida dos governantes. Alfabetizar-se em política é adquirir consciência de coisas elementares da vida, como as causas do preço da comida, das roupas, da moradia, do transporte, do lazer, da saúde.

A educação política permite compreender que não existe sucesso profissional sem condições sociais de trabalho. Nem paz de espírito sem segurança social. Permite também reconhecer que o amor e a sexualidade, a lucidez e a loucura, a liberdade e a obediência, as modas e os modos, tudo isso pode ser politizado ou ganhar dimensão política. A educação política possibilita, por exemplo, atuar para promover a vida saudável e o bem-estar de todos; assim, é uma atitude política trabalhar no combate a doenças tropicais negligenciadas, doenças transmitidas pela água, epidemias de tuberculose, de malária etc.

A consciência política nos faz entender que nossa vida depende do convívio com outras pessoas. Quando rompemos o individualismo do "cada um por si", deixamos de fazer o jogo do político corrupto cujo desejo é que todos desprezem a política para que ele continue degradando nossas existências.

FILIPE BISPO/FOTOARENA

Vacinação contra a covid-19 em Belém, no estado do Pará. Fotografia de 2021. A política não é vivenciada apenas pelo exercício de um cargo eletivo (deputado, senador, prefeito, governador, presidente, entre outros), mas principalmente pelo compromisso com a garantia de direitos fundamentais, como saúde, educação, moradia, segurança etc.

Dica

Política: para não ser idiota

Mario Sergio Cortella e Renato Janine Ribeiro. 15. ed. Campinas: Papirus 7 Mares, 2021.

Nesse livro, os filósofos Mário Sérgio Cortella e Renato Janine Ribeiro apresentam um debate sobre os rumos da política na sociedade contemporânea, lançando mão de temas como a participação na vida pública, os conflitos entre liberdade pessoal e bem comum, a cidadania conciliada à preocupação com o meio ambiente etc.

ODS 3

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Responda no caderno.

1. **Sintetize e compare os conceitos antigo e moderno de política.**
2. **Segundo Bertrand Russell, o poder consiste na posse dos meios que levam à produção de efeitos desejados. Explique essa afirmação.**
3. **Analise a afirmação de Norberto Bobbio segundo a qual o poder político é o poder supremo em toda sociedade de desiguais. Em sua análise, relacione essa frase às três formas básicas de poder social identificadas por esse filósofo.**
4. **Analise o conceito de Max Weber para Estado. Você concorda com esse conceito? Por quê?**
5. **Formem grupos e construam um mapa conceitual sobre o Estado, identificando seus principais elementos, teorias sobre sua origem e sobre sua finalidade.**
6. **Em que sentido podemos falar de uma contraposição entre a sociedade civil e o Estado?**
7. **Qual deve ser a função dos partidos políticos em relação à sociedade civil? Em sua opinião, eles cumprem essa função no Brasil? Pesquise e justifique sua resposta.**
8. **Regime político é o modo característico pelo qual o Estado se relaciona com a sociedade civil. Como se relacionam com a sociedade civil os regimes políticos democrático e ditatorial? Explique.**
9. **Pesquise o que são movimentos sociais e como se relacionam com o Estado e com a sociedade civil. Entre os movimentos sociais pesquisados, escolha um deles. Priorize aqueles que tratem de questões como o meio ambiente, os direitos da mulher, da pessoa com deficiência, da criança, do idoso, do indígena, do negro, da população LGBTQIA+ etc. Depois, redija um relatório sobre seus objetivos específicos e modos de atuação.**
10. **Qual tem sido a função do Estado brasileiro historicamente e nos últimos anos: a de um simples mediador dos conflitos entre os diversos grupos sociais ou prioritariamente a de defensor dos interesses de grupos dominantes? Pesquise acontecimentos e análises que possam indicar caminhos e possíveis soluções para essa situação-problema. Com base na pesquisa e em seus conhecimentos, forme uma opinião. Depois, debata o tema com a turma, apresentando seus argumentos.**
11. **O filósofo estadunidense Michael Sandel considera que a meritocracia, mesmo que existisse, seria indesejável porque corrói o bem comum ao criar ricos arrogantes e pobres humilhados e ressentidos. Sandel afirma que:**

> A arrogância meritocrática reflete a tendência de vencedores a respirar fundo o sucesso, a esquecer a sorte e a sina que os ajudaram ao longo do caminho. É convicção presunçosa de pessoas que chegam ao topo que elas merecem esse destino e que aqueles embaixo merecem o deles também.
>
> SANDEL, Michael. **A tirania do mérito**: o que aconteceu com o bem comum? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 27.

   a. Explique por que Sandel considera o raciocínio meritocrático arrogante.
   b. As polêmicas em torno da meritocracia decorrem, em parte, da falta de consenso sobre o significado da palavra *mérito*. Para você, o que significa *mérito*?
   c. Considerando o argumento de Sandel, você concorda que um filho tem mérito ao receber uma herança milionária dos pais? Por quê?
   d. As pessoas têm poder apenas por mérito? Argumente para justificar sua resposta.

12. **Leia a seguir um texto sobre fanatismo político. Depois, formem grupos e façam o que se pede.**

> Por muito tempo acreditamos que o acesso à informação seria uma coisa extremamente boa para o conhecimento e o debate políticos. [...] Como o fanatismo político do passado era em parte resultado da ignorância das populações, quanto mais informações as pessoas tivessem, acreditávamos, mais inteligentes elas seriam e, portanto, seriam mais prudentes, mais tolerantes, mais certas das suas incertezas, menos dogmáticas. [...]
>
> [...] [No entanto,] quando as pessoas buscam informação política, frequentemente não estão procurando a verdade, o esclarecimento mútuo [...]. Não, na verdade, elas estão amiúde buscando confirmar os estereótipos, quer dizer, as simplificações do mundo que já adotam, reforçar os seus pré-conceitos. Eu diria mais, estão buscando informação para, com mais frequência do que seria razoável [...], satisfazer as suas angústias ao mesmo tempo políticas e existenciais. Muito pouco a ver com verdade, conhecimento [...].
>
> [...] [Hoje] vivemos uma era de abundância de informação e de fontes de informação *on-line*, que em vez de superar o fanatismo do passado criou novos fanáticos. A informação não é a água com que apagaríamos o fogo do dogmatismo, mas é a pólvora que a gente lança gostosamente nas chamas do fanatismo.
>
> GOMES, Wilson. Desinformação e fanatismo na era da superabundância de informação. **Cult**, São Paulo, 18 set. 2020. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/era-superabundancia-informacao/. Acesso em: 8 nov. 2023.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a. Segundo o texto, o fanatismo político está ligado a qual fenômeno no mundo contemporâneo?

b. Você concorda com a ideia de que muitas pessoas hoje buscam informações apenas para reforçar as próprias crenças? Debata com o grupo e argumente justificando sua posição.

c. Organizem um seminário propondo formas de superar a desinformação e o fanatismo político. Essas formas devem incluir práticas de verificação de informação. Caso considerem interessante, utilizem, na apresentação do seminário, recursos como pequenos textos expositivos, infográficos, cartazes e fotografias. Esses materiais podem ser, depois, expostos em um local acessível da escola, para que outros grupos da comunidade escolar conheçam as reflexões sobre o assunto.

13. Leia o texto a seguir.

ODS 16

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por 9 votos a 1, nesta segunda-feira (21) permitir o reconhecimento de atos de homofobia e transfobia como crime de injúria racial. Em 2019, a Corte já havia enquadrado esse tipo de discriminação ao crime de racismo.

[...]

Ao equiparar ofensas individuais ao crime de injúria racial, atos de discriminação contra pessoas LGBTQIA+ poderão ser punidos de forma mais severa, em relação às outras penas previstas em crimes contra a honra.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. STF permite reconhecer ofensa contra LGBTQIA+ como injúria racial. **G1**, 21 ago. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/21/stf-forma-maioria-para-permitir-reconhecimento-de-ofensa-contra-lgbtqia-como-injuria-racial.ghtml. Acesso em: 6 ago. 2024.

Por que mudanças na legislação, como a mostrada no trecho da reportagem, são importantes para a proteção das pessoas LGBTQIA+? Elabore uma redação dissertativo-argumentativa sobre o assunto, ressaltando o papel do Estado nesse processo.

14. (Enem-MEC)

© LAERTE

Charge de Laerte, 2020.

A charge ilustra um anseio presente na sociedade contemporânea, que se caracteriza pela

a. situação de revolta individual.

b. satisfação de desejos pessoais.

c. participação em ações decisórias.

d. permanência em passividade social.

e. conivência em interesses partidários.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 4

Territorialidade, linguagem e arte

Todos nós vivemos em um lugar onde desenvolvemos relações em que o espaço físico se torna também espaço cultural. O território se refere a nossos vínculos com o lugar em que vivemos, ao passo que a territorialidade diz respeito aos significados que atribuímos ao território.

Vivendo nesses espaços, desenvolvemos nossa identidade pessoal e social. E expressamos essa identidade por meio da linguagem verbal (palavra falada e escrita), corporal, visual e sonora.

A linguagem humana é engenhosa e versátil, pois, com uma quantidade limitada de signos (sons e sinais), permite compartilhar uma quantidade ilimitada de informações. Por meio da linguagem, trocamos conhecimentos sobre o mundo que nos rodeia, visando, por exemplo, encontrar lugares, falar sobre o clima etc. Também compartilhamos informações sobre nossas relações sociais, falando, por exemplo, sobre quem cumpre regras ou trapaceia, quem é corajoso ou covarde, quem é generoso ou egoísta, quem ama ou odeia alguém etc. Pela linguagem, os pais ensinam aos filhos aquilo que podem enfrentar sem que eles tenham que vivenciar uma experiência concreta de perigo. Não é preciso colocar a mão no fogo para saber que ele queima.

Ao tratar da linguagem em geral, vamos destacar a linguagem artística, que expressa o sentir humano, retrabalhando nossa sensação, emoção, imaginação, memória e raciocínio. A arte constitui uma dimensão cultural importante que demarca nossa territorialidade.

PAULINE BALLET/GETTY IMAGES

A competidora brasileira Maia em disputa de *breaking* em Paris, França. Fotografia de 2023. O *breaking* é um estilo de dança surgido entre os jovens no Bronx, bairro de Nova York, nos Estados Unidos, na década de 1970. Parte da cultura *hip-hop*, o estilo mescla territorialidade, linguagem e arte.

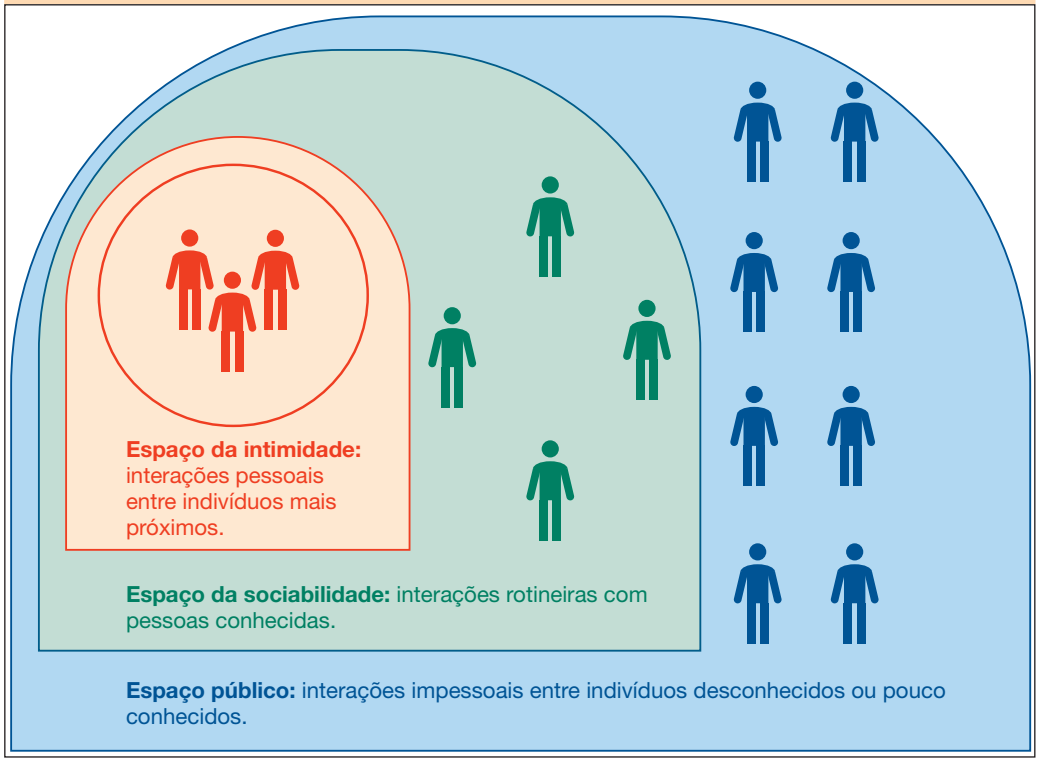
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conceitos de territorialidade

A palavra *territorialidade* surgiu no início do século XX, na área de ciências da natureza, para designar o comportamento de um animal ao exercer a posse de um território e defendê-la contra a invasão de outras espécies. Posteriormente, o antropólogo Edward T. Hall (1914-2009) usou o termo *territorialidade*, no livro *A dimensão oculta*, para se referir às percepções humanas do espaço, tanto dos grupos sociais quanto dos indivíduos.

No plano individual, Hall apresentou a territorialidade como um tipo de "bolha", um "espaço invisível" que envolve o corpo das pessoas. Ela serve para regular a distância "aceitável" entre as pessoas em suas interações. Os limites desse espaço dependem dos **padrões de cada cultura**. De acordo com Hall, em algumas culturas são observadas distâncias uniformes nas relações mantidas entre os indivíduos, as quais podem ser classificadas em tipos: íntima, social e pública. A seguir, são ilustradas três dimensões desse conceito de territorialidade.

O dinamismo do espaço nas relações humanas



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Segundo o geógrafo Robert David Sack, a territorialidade é uma estratégia humana de **influência** e **controle do uso social** do espaço. Dependendo do uso do espaço, o geógrafo Edward Soja identificou diferentes relações espaciais caracterizadas por um senso de:

- **identidade afetiva** – que consiste nas manifestações de amizade, cooperação e solidariedade entre pessoas;
- **exclusividade** – que decorre do impulso de repelir pessoas "estranhas" a um espaço identitário;
- **interação social** – que promove aproximações com o objetivo de obter benefícios recíprocos.

Responda no caderno.

Enfoque

1. A classificação dos espaços proposta por Hall foi feita com base em observações sobre o comportamento de adultos estadunidenses. Em sua opinião, essa classificação pode valer para a pluralidade cultural brasileira? Justifique.
2. Dê dois exemplos para cada um dos espaços: da intimidade, da sociabilidade e do público.

Espaço, identidade e territorialidade

Dando continuidade às análises dos conceitos de territorialidade, é importante ter em mente que as territorialidades não são estáticas como raízes fincadas em um lugar. Ao contrário, elas são **portáteis**, pois acompanham os indivíduos e grupos, permitindo, por exemplo, que migrantes se desloquem de uma região para outra e procurem reconstruir suas culturas em novos espaços. Isso pode ser ilustrado pelo nome de cidades como Nova York, Nova Friburgo, Nova Hamburgo etc., que indicam a vontade de seus fundadores de reconstruir suas territorialidades em locais distantes de suas origens.

Desse modo, o escritor britânico William Somerset Maugham (1874-1965), percebendo a relação entre o espaço em que vivemos e a formação de nossa identidade, afirmou:

> [...] os homens não são somente eles: são também a região onde nasceram, a fazenda ou o apartamento da cidade onde aprenderam a andar, os brinquedos com que brincaram em crianças, as lendas que ouviram dos mais velhos, a comida de que se alimentaram, as escolas que frequentaram, os esportes em que se exercitaram, os poetas que leram e o Deus em que acreditaram. Todas essas coisas fizeram deles o que são [...].

MAUGHAM, William Somerset. **O fio da navalha**. São Paulo: Círculo do Livro, 1993. p. 11.

DANIEL CYMBALISTA/PULSAR IMAGENS

Vista interna do Museu da Imigração, na capital de São Paulo. Fotografia de 2023. Nos estudos sobre imigração, é comum que pesquisadores considerem a ideia de que as territorialidades são portáteis; desse modo, as pessoas que migram reconstroem suas culturas em novos espaços.

Nesse sentido, como afirma o geógrafo brasileiro Eliseu Sposito, a territorialidade consiste na qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano. Para o geógrafo Milton Santos (1926-2001), território se refere à comunhão que os grupos humanos mantêm com o lugar onde vivem. Nessa comunhão, cada grupo humano atribui um significado para o espaço, constituindo assim sua territorialidade.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Muitos estudiosos consideram que as territorialidades são portáteis. O que isso significa?**
2. **Compare as noções de territorialidade propostas por Eliseu Sposito e por Milton Santos.**
3. **Releia o texto do escritor britânico William Somerset Maugham, nesta página. Inspirado nesse texto, escreva um parágrafo sobre a relação entre o espaço em que você vive e a formação de sua identidade. Em sua produção textual, trabalhe com os conceitos de territorialidade estudados por você.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Culturas juvenis

OBJETO DIGITAL Infográfico clicável: O uso responsável das redes sociais

Dentro de um país, encontramos uma série de territorialidades, demarcadas por fronteiras econômicas, sociais e culturais. Em uma mesma cidade ou comunidade, existem territorialidades que se manifestam por meio de tipos de trabalho, afinidades musicais, reuniões festivas, formas de lazer, esportes (futebol, surfe, *skate* etc.). Cada uma dessas manifestações constrói **identidades** que unem pessoas em um grupo e, por vezes, disputam fronteiras com outros grupos.

As novas territorialidades não se limitam à posse de espaços físicos, mas também estendem seus domínios a espaços culturais como o **ciberespaço**, isto é, o espaço digital. Essas novas territorialidades podem ser observadas entre as **culturas juvenis**, que consistem nas variadas formas pelas quais os jovens reinterpretam os padrões mais amplos de uma cultura. Existe uma imensa diversidade de juventudes e de culturas juvenis. Essa diversidade pode contribuir para romper com tradições e quebrar estereótipos.

As culturas juvenis são particularmente sensíveis ao uso de novas tecnologias. No entanto, toda tecnologia é um **meio** que não determina seu **fim**. Portanto, torna-se necessária uma atitude crítica, ética e responsável em relação aos usos dessas tecnologias digitais. Nesse sentido, devemos aprender a filtrar a multiplicidade dos conteúdos veiculados e não produzir nem reproduzir *fake news*, injúrias, difamações, calúnias e discursos de ódio.

Aprender a lidar com o mundo digital implica processar, transmitir e distribuir **conteúdos confiáveis**, possibilitando o acesso às ciências e à diversidade cultural. Assim exercemos nossa cidadania em prol da construção de uma sociedade mais justa e mais livre.

ULRIK PEDERSEN/DEFODI IMAGES/GETTY IMAGES

A skatista brasileira Dora Varella em competição de *skate park* nos Jogos Olímpicos de Paris, na França. Fotografia de 2024. As diversas culturas juvenis se associam muitas vezes em torno de afinidades musicais, formas de lazer e práticas esportivas.

Dica

***Fake news*: não se deixe enganar! Guia prático sobre notícias falsas e desinformação**

Simona Levi e Marc Planas. Osasco: Voo, 2022.

Voltada ao público jovem, a obra apresenta textos, dados, ilustrações e muitas informações sobre as chamadas *fake news*. Aborda também estratégias para se defender diante da desinformação criada pelas notícias falsas, incentivando a reflexão e o pensamento crítico.

Dica

Juventude, cultura e trabalho

Produção: Ação Educativa. Brasil, 2023. 25 minutos.

O *podcast* faz parte do projeto Tô no Rumo, implementado pela associação educacional sem fins lucrativos Ação Educativa. Esse episódio apresenta depoimentos das jovens artistas Midria Pereira e Julia Laura Vieira, residentes na capital de São Paulo. Elas falam sobre suas histórias de vida e as possibilidades de trabalho e profissionalização na área da cultura.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os seres humanos e sua linguagem

Um dos traços marcantes de uma territorialidade é sua linguagem verbal, corporal, visual, sonora, artística e digital. Segundo o historiador Yuval Harari, o sucesso da espécie humana no planeta se deve, provavelmente, ao desenvolvimento de sua linguagem. Não que os outros animais não tenham linguagem. Eles têm, mas a linguagem deles é menos complexa do que a nossa.

A complexidade de nossa linguagem diz respeito à capacidade de se referir aos outros, a nós mesmos e ao mundo exterior. Além disso, a linguagem nos permite transmitir informações sobre o que **não** podemos ver, tocar ou cheirar. Com ela, criamos lendas, mitos, deuses, religiões e tantas outras coisas intangíveis. Essas criações coletivas promovem uma liga entre os membros de um grupo social.

Em resumo, a linguagem é capaz de se referir ao mundo ficcional e não ficcional, às vezes tornando difícil distinguir a fronteira entre ambos. Isso ocorre porque a ficção e a não ficção, uma influenciando a outra, fazem parte da história. São expressões e reações a um tempo histórico. Por isso, o historiador Marc Ferro (1924-2021) considera, por exemplo, que um filme faz sempre parte da história, seja ele um documentário ou uma ficção, porque as crenças, as intenções e o imaginário humano estão dentro do campo dos estudos históricos. Para Marc Ferro, é importante:

> Partir da imagem, das imagens. Não procurar somente nelas exemplificação, confirmação ou desmentido de um outro saber, aquele da tradição escrita. Considerar as imagens tais como são [...]. Eles [os historiadores] reconduziram a seu legítimo lugar as fontes de origem popular [...]. Resta estudar o filme, associá-lo ao mundo que o produz. A hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é história [...].

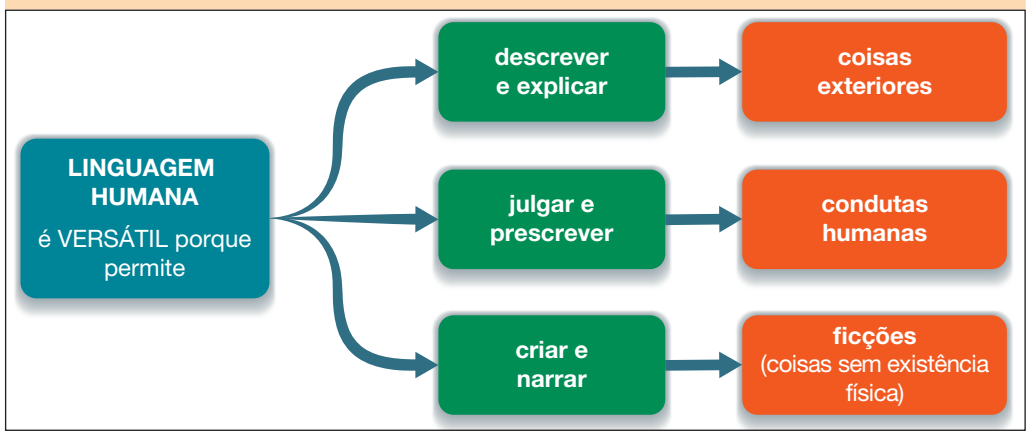
FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 203.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Examine o esquema "As potencialidades da linguagem humana". Com base nele, explique por que a linguagem humana é versátil.
2. Identifique a relação entre linguagem e territorialidade.

As potencialidades da linguagem humana



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Dica

Emicida: AmarElo – É tudo pra ontem

Direção: Fred Ouro Preto. Brasil, 2020. 89 minutos.

O documentário mostra a apresentação no Theatro Municipal, na cidade de São Paulo, do álbum *AmarElo*, composto pelo *rapper* Emicida com a participação de outros compositores. Além da apresentação principal, o documentário registra momentos nos bastidores da gravação.
A linguagem utilizada tanto no álbum quanto no *show* exalta a cultura negra e periférica.

Classificação indicativa do documentário *Emicida: AmarElo – É tudo pra ontem*: não recomendado para menores de 12 anos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Linguagem e cultura

Foi principalmente em função da linguagem que nos tornamos seres de dois mundos: o mundo cultural e o mundo natural. Assim, há uma natureza da qual fazemos parte e que inclui, por exemplo, florestas, rios e animais. E, no entanto, graças à linguagem, construímos coletivamente realidades imaginadas, como Estados, religiões, corporações, que marcam nossa cultura.

Queremos insistir nesse ponto: a linguagem tem a capacidade de inventar ficções, de criar seres que não existem na realidade física, concreta. Para entender melhor isso, verifiquemos o caso das empresas. Elas são pessoas jurídicas, que, como nós (pessoas físicas), nascem, vivem e morrem. Nascem com o registro de seu contrato social. Vivem por meio dos atos que praticam, como vender e comprar. E morrem quando são dissolvidas por deliberação de seus membros ou por decisão judicial.

É curioso observar que, quando usamos a expressão *mundo corporativo*, estamos nos referindo ao mundo empresarial. Mas a palavra *corporação* deriva da palavra latina *corpus*, que significa "corpo", e é exatamente isso que falta às corporações, pois elas são ficções jurídicas, destituídas de um corpo físico.

Também é importante observar que os entes culturais referidos por meio da linguagem se tornaram tão poderosos a ponto de interferirem na própria natureza. Um ente cultural como o Estado ou uma empresa pode, por exemplo, acabar com uma cachoeira, como aconteceu com o Salto de Sete Quedas, que foi submerso na década de 1980 para formar o lago da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Invenções ligadas à linguagem

Avancemos um pouco mais em nossa investigação. Logo, quais seriam os eventos considerados marcantes na história da linguagem e da comunicação, aqueles que tiveram o poder de abrir novas possibilidades para a humanidade?

Entre os marcos mais conhecidos do desenvolvimento da linguagem estão a criação do **alfabeto**, a **invenção da imprensa** e, em nossos dias, o desenvolvimento da **linguagem digital** e de suas **mídias**.

Analisemos uma interpretação do impacto dessas invenções, tomando por base o caso do desenvolvimento do alfabeto grego (que tinha como base o fenício), pois é aquele que mais se vincula à cultura ocidental. Seguiremos, em linhas gerais, a análise do pensador chileno contemporâneo Rafael Echeverría, apresentada em sua obra *Ontologia da linguagem*.

MAURICIO SANTANA/GETTY IMAGES

Pessoas filmam apresentação musical na capital de São Paulo. Fotografia de 2024. A linguagem digital e suas mídias causam impacto no comportamento de seus usuários, como no caso desse *show* em que inúmeros jovens fazem o registro em vídeo para publicar em redes sociais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Criação do alfabeto

LUISA RICCIARINI/BRIDGEMAN IMAGES /FOTOARENA

Coluna com inscrição grega do século VIII a.C.

Antes da criação e adoção do alfabeto na Grécia antiga, eram os **poetas** que transmitiam oralmente muitos aspectos da cultura. A juventude aprendia o que era piedade, amor, traição etc. por meio de histórias míticas e épicas, isto é, por intermédio de narrações sobre as aventuras e desventuras de seres humanos, heróis e deuses. Por exemplo: para se tornar sábio, o jovem tinha de agir como lhe contavam que Ulisses agia; para ser corajoso, devia fazer o que lhe diziam que Aquiles fazia. Esses personagens foram descritos em dois dos mais conhecidos poemas épicos da Grécia antiga, a *Ilíada* e a *Odisseia*, atribuídos ao poeta Homero, que registrou por escrito muitas das histórias e narrativas da tradição oral envolvendo deuses, heróis e seres fantásticos da mitologia grega.

Desse modo, linguagem e ação estavam estreitamente ligadas. Podemos dizer que o falar, o pronunciar certas palavras, tinha o poder de promover determinados comportamentos, indicar modelos a serem atingidos. Era uma **linguagem de ação**, baseada no relato de acontecimentos reais ou imaginários.

A partir do século IX a.C., desenvolveu-se o alfabeto grego (que tinha como base o fenício), o que facilitou a propagação da linguagem escrita na Grécia antiga, dando início a uma transformação de grandes consequências. Aos poucos, o relato oral passou a conviver com o texto escrito. A expressão escrita – feita letra a letra, palavra por palavra, linha a linha – influenciou a forma de pensar das pessoas, caracterizada cada vez mais pela **linearidade racional**.

Com isso, a linguagem de ação – característica do relato oral centrado nos acontecimentos – foi sendo gradativamente suplantada pela **linguagem de ideias** ou **linguagem de reflexão**. Passou-se a perguntar "O que é a sabedoria?", "O que é a coragem?", sem recorrer mais aos exemplos dos personagens míticos e épicos.

Assim, os poetas, declamadores e oradores foram deixando a tarefa de educar a juventude, substituídos por filósofos, preceptores e professores. A narrativa épica deixou de ser a fonte exclusiva dos exemplos e modelos, cedendo espaço para os tratados filosóficos e científicos. Valorizou-se cada vez mais o **pensar**, em detrimento de outras formas de **agir**. O mesmo ocorreu com a **teoria**, em lugar da **prática**: o **ser**, em vez do **devir**. E o papel ativo da linguagem foi sendo aos poucos esquecido.

MAXIMUM FILM/ALAMY/FOTOARENA

Representação de Aquiles, interpretado por Brad Pitt, em cena do filme *Troia*, dirigido por Wolfgang Petersen, 2004. Filho da deusa Tétis com um mortal, Aquiles era um grande guerreiro e personificava a bravura, mas também a fúria descontrolada e o mal que ela desencadeia. Suas façanhas são contadas no poema épico *Ilíada*, de Homero.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Invenção da imprensa

A partir do século XV, uma nova revolução foi provocada por outro invento: a imprensa de Gutenberg. Os livros, antes manuscritos um a um, passaram a ser impressos e tornaram-se mais numerosos, podendo ser obtidos com mais facilidade, o que favoreceu a educação, a expansão da alfabetização e a divulgação das ideias filosóficas e científicas.

Com a imprensa de Gutenberg, gradualmente o texto escrito se tornou mais acessível e relevante nas sociedades europeias, o que intensificou a mudança de mentalidade iniciada com o advento do alfabeto. Como assinalou um especialista no tema, o estadunidense Walter Ong (1912-2003), em *Oralidade e cultura escrita*:

> Um conhecimento mais profundo da oralidade primitiva ou primária permite-nos compreender melhor o novo mundo da escrita, o que ele verdadeiramente é e o que os seres humanos funcionalmente letrados realmente são: seres cujos processos de pensamento não nascem de capacidades meramente naturais, mas da estruturação dessas capacidades, direta ou indiretamente, pela tecnologia da escrita. Sem a escrita, a mente letrada não pensaria e não poderia pensar como pensa, não apenas quando se ocupa da escrita, mas normalmente, até mesmo quando está compondo seus pensamentos de forma oral. Mais do que qualquer outra invenção individual, a escrita transformou a consciência humana.
>
> ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus, 1998. p. 93.

Segundo Ong, a linguagem escrita também separou o autor do discurso (ou texto) de seus "ouvintes" (ou leitores), dificultando ou impossibilitando a interação e a interlocução – que antes eram comuns – entre os oradores e a comunidade.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Segundo Walter Ong, a escrita transformou a consciência humana. Explique essa afirmação.**
2. **Qual é a importância da linguagem escrita em seu cotidiano? Ela tem papel de destaque na comunicação? Explique.**

DIEGO GRANDI/SHUTTERSTOCK

Réplica da imprensa criada por Johannes Gutenberg no Museu Gutenberg em Mainz, na Alemanha. Fotografia de 2020. Gutenberg aperfeiçoou a técnica de impressão com caracteres (tipos) móveis, conhecida desde a Antiguidade na China e no Japão.

Dica

História da escrita, do papel, da gravura e da imprensa

Fabio Mestriner. São Paulo: M.Books, 2020.

O autor da obra apresenta os principais aspectos do desenvolvimento da imprensa de Gutenberg, identificando elementos que influenciaram esse processo, como técnicas de impressão e formas de escrita criadas por povos da Antiguidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Linguagem eletrônica

Algo semelhante às duas revoluções anteriores aconteceu com o desenvolvimento da linguagem eletrônica. Essa linguagem abrange várias mídias, desde os antigos telégrafos até a televisão, o cinema, a internet, o *tablet*, o *smartphone* e tantas outras tecnologias que surgem em curto espaço de tempo, enquanto outras rapidamente se tornam obsoletas.

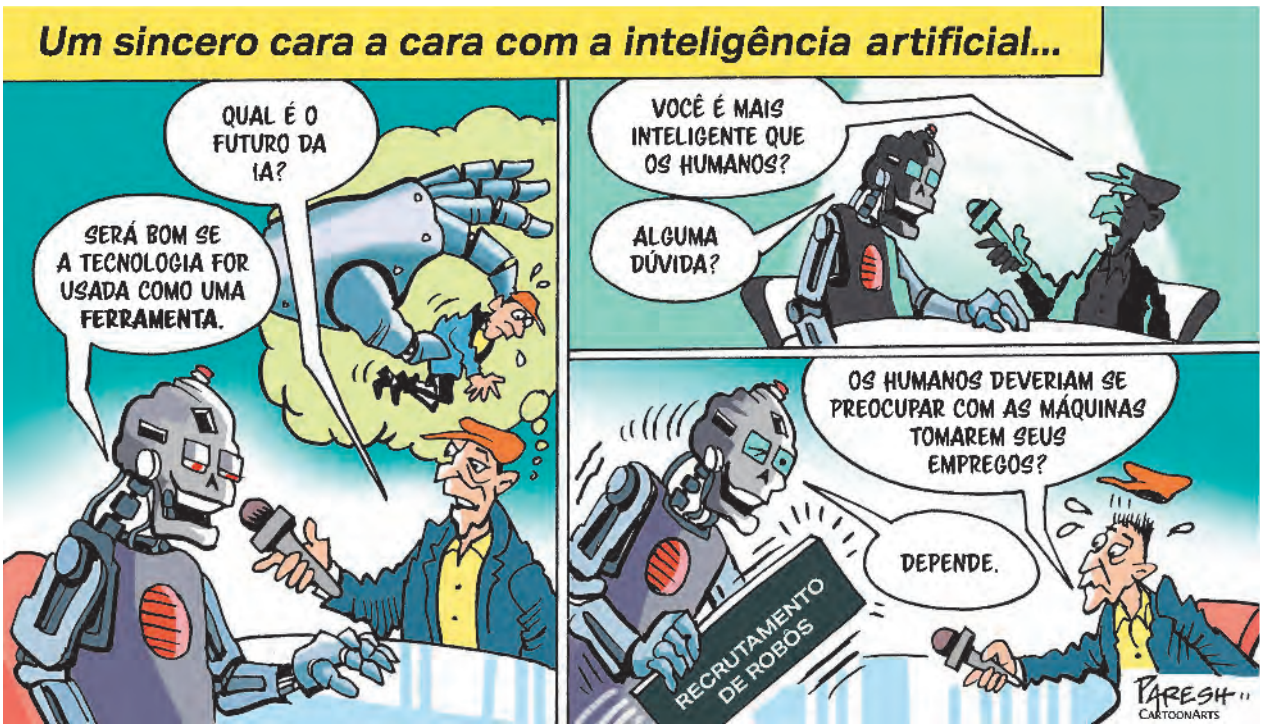
Entre as mídias eletrônicas, destacam-se atualmente as tecnologias digitais de inteligência artificial (IA) generativa, capazes de criar conteúdo (textos, imagens, áudios e vídeos) por meio de uma grande base de dados – em geral, a própria internet. Críticos apontam a necessidade de regulamentação do uso dessa tecnologia, que pode, por exemplo, oferecer riscos para profissões ligadas à produção de textos. Prova disso foi a greve, em 2023, promovida pelos roteiristas de Hollywood, nos Estados Unidos, para assegurar a proteção de seus próprios trabalhos contra o uso de inteligência artificial pelos grandes estúdios.

Há, no entanto, vários pontos positivos em relação ao uso das tecnologias digitais que, nas comunicações, superaram o problema da distância entre as pessoas. Notícias de várias partes do planeta nos chegam quase instantaneamente. Cada vez mais, diferentes culturas se interpenetram, convertendo as mudanças em um aspecto permanente da vida atual. Como resultado, o mundo transformou-se em uma "aldeia global", expressão criada pelo filósofo da comunicação Marshall McLuhan (1911-1980) na década de 1970.

O sociólogo espanhol Manuel Castells, em sua obra *Redes de indignação e esperança*, apontou que as mídias digitais se tornaram instrumentos de contestação e mobilização coletiva no século XXI. Com isso, abriu-se espaço para a participação de diferentes sujeitos em lutas sociais de alcance local e mundial. Segundo Castells, os novos movimentos sociais organizados via internet desencadearam processos de **empoderamento** e de **autonomia comunicativa** dos cidadãos, sobretudo dos jovens.

Porém, a internet não é, em si mesma, boa ou ruim. Pode ser instrumento tanto de transformação social quanto de manutenção de privilégios. Pode ampliar tanto a consciência de grupos marginalizados quanto o poder de grupos dominantes. É importante lembrar que atualmente as maiores plataformas digitais de comunicação são controladas por um pequeno conjunto de grandes empresas (*big techs*) sediadas, sobretudo, nos Estados Unidos e na China.

Quais os efeitos da popularização da internet e da concentração de poder nas *big techs*? Ainda não sabemos. O debate sobre o impacto das novas tecnologias comunicacionais permanece em aberto.



Charge de Nath Paresh, publicada em *The Khaleej Times*, Emirados Árabes Unidos, janeiro de 2020. Uma das razões para regulamentar o uso de inteligência artificial generativa é proteger os direitos de trabalhadores cujas atividades concorrem com o uso indiscriminado desse tipo de tecnologia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ANDREYPOPOV/ISTOCK/GETTY IMAGES

Mulher trabalhando na edição de vídeo digital na Alemanha. Fotografia de 2022. A edição de conteúdos digitais é uma das atividades que podem ser exercidas pelo técnico em multimídia.

Ensino técnico em multimídia

Os dados do IBGE de domicílios brasileiros com conexão à internet em 2022 foram retirados de: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022**. p. 6. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102040_informativo.pdf. Acesso em: 6 set. 2024.

O avanço das tecnologias digitais transferiu muitas atividades do nosso cotidiano para o mundo virtual. Hoje, as pessoas podem se comunicar, trabalhar, estudar e se divertir usando *smartphones*, computadores, *tablets* etc. Vários especialistas trabalham, por exemplo, para melhorar a interação do usuário com as tecnologias digitais. É esse um dos campos de atuação do profissional formado no **ensino técnico em multimídia**, que trabalha no planejamento, no desenvolvimento e na implementação de produtos para as mídias digitais.

O curso técnico possibilita, por exemplo, desenvolver a comunicação visual em meios eletrônicos, conduzir projetos de *marketing* digital, criação e atualização de *sites*, animações e *games* etc. Para isso, são ensinadas técnicas relacionadas tanto ao tratamento e à edição de fotografias, ilustrações e vídeos digitais quanto ao uso de *softwares* e princípios de programação. O curso também pode oferecer disciplinas de *marketing*, empreendedorismo e gestão de mídias sociais. É possível, ainda, atuar em produtoras e estúdios que desenvolvem animações para *streaming*, cinema e televisão, colaborar com empresas de *e-commerce*, de *marketing* digital e de jogos eletrônicos ou, então, nos departamentos de publicidade e comunicação de empresas em geral.

Criatividade e autonomia de pensamento são fundamentais para o técnico em multimídia, que precisa viabilizar as demandas dos clientes utilizando seus conhecimentos técnicos. Além dos conhecimentos específicos da sua área, é desejável que o técnico em mídias digitais saiba elaborar orçamentos e organizar cronogramas de trabalho.

O técnico em multimídia pode trabalhar por conta própria, em produtoras que desenvolvem animações para *streaming*, cinema e televisão, em empresas de *e-commerce*, de *marketing* digital e de jogos eletrônicos ou em departamentos de publicidade.

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022 apontam que cerca de 91,5% dos domicílios brasileiros têm conexão à internet, sendo o celular o principal dispositivo de acesso à rede. Os dados indicam a existência de um mercado abrangente, com diversas opções de atuação para os profissionais de multimídia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Filosofias da linguagem

No final do século XIX, surgiu uma corrente filosófica que, pela análise lógica da linguagem, procurava esclarecer o sentido das expressões (conceitos, enunciados, uso contextual) e seu uso no discurso linguístico. Por isso, ela ficou conhecida como filosofia analítica ou filosofia da linguagem.

Segundo essa corrente, muitos problemas filosóficos se reduziriam a equívocos e mal-entendidos originados do uso ambíguo da linguagem.

O desenvolvimento da filosofia analítica lançou luz sobre muitos aspectos da linguagem e influenciou diversos pensadores. Um dos filósofos contemporâneos que se vale dos resultados da filosofia analítica é Jürgen Habermas, pertencente à teoria crítica.

Entre os precursores da filosofia analítica está o lógico e matemático alemão Johann Gottlob Frege (1848-1925). Percebendo que a linguagem comum contém expressões geradoras de equívocos, Frege propôs a elaboração de uma linguagem formal que restringisse os inconvenientes e imprecisões da linguagem comum.

Outros nomes importantes da filosofia analítica foram Bertrand Russel (1872-1970) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951), que estudaremos em seguida.

Russell: filosofia analítica

Nascido no Reino Unido, Bertrand Russell escreveu mais de sessenta livros tratando de variados temas, como teoria do conhecimento, ciência, educação, política, lógica, matemática e história da filosofia. No entanto, sua contribuição filosófica mais reconhecida deu-se no campo da lógica matemática e da filosofia analítica. Em coautoria com Alfred North Whitehead (1861-1947), escreveu os três volumes de *Principia mathematica* ("princípios matemáticos", em latim), publicados entre 1910 e 1913. Obra densa e dirigida a especialistas, é considerada por muitos estudiosos uma das mais importantes contribuições à lógica desde os trabalhos de Aristóteles.

Bertrand Russell sendo entrevistado aos 89 anos em protesto antinuclear em Londres, no Reino Unido. Fotografia de 1961. Além de matemático e filósofo, Russell foi um grande defensor das causas humanitárias, liderando campanhas pacifistas pelo desarmamento nuclear.

EVENING STANDARD/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

Dono de um estilo literário elegante, irônico, cativante e polêmico, Bertrand Russell recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1950. Participou ativamente das questões sociais de sua época, lutando em prol das liberdades democráticas, da educação, da emancipação feminina e da paz mundial. Foi uma das personalidades públicas mais influentes da Europa no século XX.

A tese central de *Principia mathematica* consiste em demonstrar que toda a matemática pura advém dos princípios da lógica pura. Portanto, há uma identidade entre lógica e matemática. Posteriormente, Russell ampliou essa tese procurando estabelecer os fundamentos lógicos do conhecimento científico em geral. E prosseguindo nesse projeto, Russell desenvolveu a filosofia analítica, submetendo a linguagem humana à análise lógica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O problema fundamental da filosofia analítica

Para Bertrand Russell, grande parte dos problemas filosóficos se dissolvem em falsos problemas quando enfrentamos os equívocos, as ambiguidades e as imprecisões da linguagem cotidiana.

O problema fundamental consistiria em investigar, em termos lógicos, as proposições linguísticas para saber o que estamos realmente falando quando questionamos ou afirmamos isto ou aquilo. A filosofia analítica promoveria uma espécie de terapia linguística, desmontando as armadilhas ocultas da linguagem. Bertrand Russell ilustra esse método com um exemplo:

> Acontece com frequência de alguém se perguntar quando tudo iniciou. O que deu partida ao mundo, de que início adquiriu o seu curso? Em vez de darmos uma resposta, examinemos primeiro a formulação da pergunta. A palavra central, na pergunta, é início. Como se emprega essa palavra no discurso corrente? Para responder a esta indagação secundária, precisamos examinar o tipo de situação em que ordinariamente usamos essa palavra. Talvez pudéssemos pensar num concerto sinfônico e dizer que o seu início será às oito horas. Antes do início, poderíamos jantar na cidade, e depois do concerto voltar para casa. O importante é observar que faz sentido perguntar o que aconteceu antes do início e o que ocorreu depois. Um início é um ponto no tempo, que marca uma fase de algo que acontece no tempo. Se retomarmos agora a questão filosófica fica claro que, neste caso, empregamos a palavra início de modo completamente diferente, porque não se pretende que jamais perguntássemos o que aconteceu antes do início de todas as coisas. Na verdade, explicando assim, podemos ver o que há de errado com a pergunta. Perguntar por um início sem nada que o preceda é como perguntar por um quadrado redondo. Depois de compreendermos isso, deixaremos de fazer essa pergunta, porque compreenderemos que não tem sentido.
>
> RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 494-495.

Dica

Filosofia analítica

Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (Coleção Filosofia passo a passo).

A obra identifica, discute e examina criteriosamente as ideias dos principais filósofos e pensadores que contribuíram para a filosofia analítica, desenvolvida a partir do final do século XIX.

RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro em apresentação na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2021. Para Russell, o início de uma apresentação como essa indica que algo ocorreu antes dela. Contudo, não faz sentido o termo *início* usado para perguntar quando tudo iniciou, porque, nesse caso, trata-se de um início sem que nada tenha vindo antes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Wittgenstein: jogos de linguagem

O filósofo Ludwig Wittgenstein nasceu em Viena, na Áustria. Viveu boa parte da vida na Reino Unido, naturalizando-se britânico. O percurso filosófico de Wittgenstein pode ser dividido em duas grandes fases: a da análise lógica e a dos jogos de linguagem.

Na **primeira fase**, em que se percebem influências do pensamento de Bertrand Russell, configurada no livro *Tractatus logico-philosophicus* ("tratado lógico-filosófico", em latim), Wittgenstein intensificou a busca de uma estrutura lógica que pudesse dar conta do funcionamento da linguagem. Para ele, a estrutura da linguagem deveria ser capaz de descrever e explicar a realidade. Em suas palavras, a totalidade dos pensamentos verdadeiros expressaria uma configuração do mundo.

Em sua **segunda fase**, Wittgenstein deu um giro de 180º e se afastou dessa compreensão de que a verdade da proposição deve ser verificada na experiência do mundo real. Então, passou a afirmar a impossibilidade de uma redução legítima entre um conceito lógico (da linguagem) e um conceito empírico (da realidade).

Em outras palavras, a linguagem não seria a captura conceitual da realidade, isto é, não seria a reprodução linguística do objeto, mas, sim, uma ferramenta, uma atividade, um jogo. E os jogos de linguagem adquirem seu significado no uso social, nos diferentes modos de ser e de viver nos quais a fala e a escuta estão inseridas.

Dentro dessa perspectiva, Wittgenstein abandonou a intenção de fazer da linguagem a "pintura da realidade", como ele mesmo havia afirmado. A linguagem não é apenas um pincel do real, mas uma grande "caixa de ferramentas", que é utilizada socialmente para executar inúmeras tarefas, como mandar, pedir, recordar, relatar, inventar, agradecer etc.

Ao afirmar, em sua obra *Investigações filosóficas*, que a linguagem é semelhante a uma caixa de ferramentas, Wittgenstein não tem mais a preocupação de considerá-la falsa ou verdadeira. O que lhe interessa é saber usá-la em cada contexto social.

FELIPE BEZERRA/UNICAMP

Aula aberta com o grupo de *rap* Racionais MC's na Universidade Estadual de Campinas, no estado de São Paulo. Fotografia de 2022. Para Wittgenstein, a linguagem é como uma caixa de ferramentas: pode ser usada em situações e contextos diversos, formando "jogos de linguagem" diferentes, como no discurso acadêmico e no discurso crítico e de denúncia do *rap*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Linguagem da arte

A linguagem estética é uma importante forma de expressão da sensibilidade humana. Em sua origem, o termo *estética* vem da palavra grega *aisthetiké*, que se refere a tudo aquilo que pode ser percebido pelos sentidos. Baseado nessa etimologia, Immanuel Kant (1724-1804) definiu a estética como o estudo das condições da percepção humana. Foi o alemão Alexander Baumgarten (1714-1762), na obra intitulada *Aesthetica*, quem utilizou o termo *estética* pela primeira vez. Assim, ele contribuiu para tornar a estética um campo autônomo de estudos, cujo principal objeto de investigação é o fenômeno artístico que se traduz na obra de arte.

Baumgarten definia a nova disciplina como "ciência do conhecimento sensível". Explicada dessa forma, a estética pretende alcançar um tipo específico de conhecimento: aquele que é captado pelos sentidos. Por esse motivo, ela se contrapõe à lógica e à matemática. Essas duas disciplinas partem da razão, e não dos sentidos, para estabelecer um conhecimento "claro e distinto", conforme o ideal de saber proposto por René Descartes (1596-1650). A estética, por sua vez, parte da experiência sensorial, da percepção sensível, sem a pretensão de alcançar a mesma "clareza e distinção" da lógica e da matemática.

Saiba mais

O capacitismo refere-se à discriminação contra pessoas com deficiência e deve ser combatido. É expresso em práticas, formas de comunicação e em barreiras arquitetônicas, que impedem o exercício pleno da cidadania por parte dessas pessoas.

LEO VIANA/THENEWS2/ZUMA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

Reprodução em relevo tátil para não videntes da pintura *Independência ou morte!*, de Pedro Américo, 1888. Museu do Ipiranga, na capital de São Paulo. Fotografia de 2022. A valorização da experiência sensorial está na base do surgimento da disciplina estética. Ao colocar obras de arte táteis à disposição dos visitantes, os museus adotam atitudes anticapacitistas, possibilitando a todas as pessoas a apreciação artística nesses espaços.

Concepções de belo

O ser humano pode fazer **juízos de fato** (dizer o que são as coisas) e **juízos de valor** (julgar se determinada coisa é boa, ruim, agradável, bonita, feia etc.). Entre os juízos de valor, podemos distinguir o **juízo moral** e o **juízo estético** (também chamado de **juízo de gosto**) – e é este último que nos interessa neste capítulo.

Com o juízo estético, julgamos se algum objeto, algum acontecimento, alguma pessoa ou algum outro ser é belo. Mas o que é beleza?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dica

Descobrindo a história da arte

Graça Proença. São Paulo: Ática Didáticos, 2019.

Com textos, informações e análises contextualizadas de obras de arte representativas de diferentes períodos, o livro oferece uma viagem pelo mundo da criação artística ao longo da história.

Objetividade do belo × subjetividade do belo

De forma geral, a maioria das pessoas concordaria que belo é algo que agrada, que proporciona prazer sensorial e intelectual. No entanto, essas mesmas pessoas não chegariam a um consenso quanto à beleza de determinado objeto. Tanto é que já se tornou senso comum a afirmação de que "gosto não se discute".

Também os filósofos que se dedicaram à investigação do que é a beleza não são unânimes quanto a essa questão: para uns, a beleza está objetivamente nas coisas; para outros, é um juízo subjetivo a respeito das coisas. Onde está a beleza então?

Para os filósofos **racionalistas**, como Alexander Baumgarten, a beleza faz parte do objeto, ou seja, é uma qualidade dele. Nesse sentido, a beleza tem algo de **objetivo**. Quando afirmamos "Esta rosa é bela", isso significa que a rosa em questão possui o atributo da beleza, independentemente de quem a observa. Assim, todas as pessoas deveriam achar que tal flor é bela. Os racionalistas defendem que, para julgarmos algo como belo, nosso juízo estético deve estar fundado sobre **princípios racionais** de **validade universal**.

Para os **empiristas**, como o filósofo escocês David Hume (1711-1776) no texto *Do padrão do gosto*, a beleza não está propriamente nos objetos (não é puramente objetiva), mas depende do gosto individual, da maneira como cada pessoa observa e julga o objeto – ou seja, o juízo do que é ou não belo é **subjetivo**. O juízo estético depende, portanto, da **impressão** que o objeto causa no sujeito que o contempla. Para Hume, esse juízo seria, em grande parte, desenvolvido sob a influência da cultura em que se vive.

O irlandês Edmund Burke (1729-1797), filósofo empirista, também desenvolveu reflexões sobre os juízos estéticos. Na obra *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo,* Burke partiu essencialmente de uma teoria dos **sentimentos** e das **paixões**. Ele argumentou que os juízos estéticos dependem da maneira como os sujeitos são afetados física e emocionalmente por certos objetos.

A rosa, pintura de Salvador Dalí, 1958. Para os racionalistas, a beleza da rosa depende de suas reais propriedades. Para os empiristas, a beleza da rosa depende do modo como somos afetados por ela.

© SALVADOR DALÍ, FUNDACIÓN GALA-SALVADOR DALÍ/AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: CHRISTIE'S IMAGES/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA. LOCALIZAÇÃO: COLEÇÃO PARTICULAR

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Kant: a universalidade subjetiva do juízo estético

Tentando superar o impasse entre a objetividade e a subjetividade do belo, Kant, em seu livro *Crítica da faculdade do juízo,* buscou mostrar que, embora o juízo estético sobre as coisas seja uma capacidade **subjetiva**, há aspectos **universais** na percepção estética dos indivíduos.

Para Kant, nossa estrutura sensível (os órgãos dos sentidos) e nossa imaginação são as condições que tornam possível a percepção estética. Constatando que essas condições podem ser encontradas em todos os seres humanos, existiria certa universalidade nas avaliações estéticas. Investiguemos como o filósofo justifica isso.

EDU LYRA/PULSAR IMAGENS

Visitantes em exposição no Museu de Arte de São Paulo, na capital de São Paulo. Fotografia de 2024.

Kant entendia que o juízo estético a respeito do belo não é guiado por juízos lógicos, e sim pelo **jogo harmonioso** entre a faculdade da **imaginação** e o **entendimento**. Julgamos belo aquilo que nos proporciona um prazer desinteressado, uma sensação agradável, que não pode ser deduzida em termos lógicos. Por isso, para o filósofo, os juízos de gosto não designam uma característica do objeto contemplado, pois dependem exclusivamente da maneira como o sujeito é afetado por esse objeto, daquilo que o sujeito sente ao contemplá-lo. Em outras palavras, quando afirmamos que algo é belo, não identificamos uma propriedade real ou uma qualidade objetiva da coisa, pois se trata de um juízo baseado na relação entre a coisa e o nosso estado interior.

Entretanto, apesar de atrelado ao sujeito, o juízo estético implica universalidade, pois o que está em jogo não é meramente uma questão de gosto pessoal. Nesse sentido, Kant também afirmava que belo é o que agrada universalmente. Para o filósofo, o juízo de gosto está alicerçado em uma **universalidade subjetiva**, visto que não dizemos "Isto é belo *para mim*", mas, sim, "Isto é belo", esperando que os demais concordem com esse julgamento. Portanto, esse juízo pretende ser voz universal, já que contém uma expectativa de que aquilo que julgamos belo seja efetivamente belo. E isso decorre do fato de que existem em todos nós as faculdades que atuam no julgamento do belo: o entendimento e a imaginação.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Observe a fotografia reproduzida nesta página. Imagine que uma pessoa, diante de um quadro em um museu, afirme "Este quadro é belo". De que modo essa afirmação se relaciona com as ideias formuladas por Kant a respeito do juízo estético?**
2. **Em que constitui o jogo harmonioso que, segundo Kant, acaba por guiar o juízo estético a respeito do belo?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Hegel: a perspectiva histórica

As reflexões estéticas de Kant apontam que o belo não varia de acordo com o contexto histórico. Diferentemente da concepção kantiana, o filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831) trabalhou a questão da beleza em uma **perspectiva histórica** e **cultural**.

Para Hegel, o relativo consenso acerca de quais são as coisas belas mostra apenas que o entendimento do que é belo depende do momento histórico e cultural. Esses fatores determinariam certa visão de mundo, com base na qual algumas coisas seriam consideradas belas e outras não. Hegel desenvolveu essa tese analisando a **história da arte**, da Antiguidade até seu tempo, e demonstrando que a noção de belo variava conforme a época e o lugar.

Por isso, em Hegel, a beleza artística não diz respeito apenas à sensação de prazer que uma obra pode proporcionar, mas se refere à capacidade que ela tem de sintetizar o conteúdo cultural de determinado momento histórico. Conforme explica em seus *Cursos de Estética*, ministrados em Berlim entre 1820 e 1829, a **arte** é uma das formas de **expressão do** Geist (termo alemão que significa "espírito da época", "cultura"). O filósofo defende a existência de três formas de arte ao longo da história: a **simbólica**, elaborada na Antiguidade oriental; a **clássica**, produzida na Antiguidade ocidental; e a **romântica**, criada pelos cristãos e que não se confunde com o movimento cultural chamado Romantismo. Nessas três formas de arte, o *Geist* (Espírito) se manifesta em diferentes graus.

Na arte simbólica, prevalece o componente material em detrimento do espiritual (o paradigma é a arquitetura e as pirâmides egípcias). Na arte clássica, há um perfeito equilíbrio entre o elemento material e o espiritual, por isso Hegel a considera a arte máxima (o modelo é a escultura). Na arte romântica, o elemento material perde espaço para o espiritual (o paradigma é a pintura, a música e a poesia). Assim, a arte romântica perturba o equilíbrio conquistado na arte clássica. Isso ocorre porque a arte deixa de expressar adequadamente o espírito da época, marcada pela ascensão do cristianismo. A partir de então, o Espírito segue sua marcha em direção à **religião** e à **filosofia**, que comportam menor carga sensível. É importante notar que a noção de Espírito está vinculada a uma certa ideia de evolução histórica da cultura.

Desse modo, a arte não é apenas prazer e fruição, pois ela tem, sobretudo, o papel de mostrar de **modo sensível** a **evolução do Espírito** ao longo da história. Se uma obra consegue fazer isso, ela é bela. Para Hegel, a **beleza na arte** consiste na adequação da Ideia (o elemento espiritual) ao sensível (o elemento material). Por isso, o filósofo considera a arte clássica a maior expressão do belo, porque nela há um perfeito equilíbrio entre o material e o espiritual.

A concepção hegeliana implica também a ideia de que a percepção da beleza é uma **construção social**, pois enlaça a capacidade estética dos indivíduos e suas vivências culturais.

MET/BOT/ALAMY/FOTOARENA - MUSEU METROPOLITANO DE ARTE, NOVA YORK

Escultura produzida pelos assírios, povo que viveu na região da antiga Mesopotâmia, no século IX a.C. Nesse exemplo de obra de arte da Antiguidade oriental, que serve de estrutura para a entrada de palácios, podemos perceber o excesso de materialidade na representação de um leão alado de cinco patas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Schopenhauer: a contemplação estética

Para o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), a arte traz **alívio** ao sofrimento humano diante da permanente insatisfação da vontade.

Segundo o pensador alemão, a arte está livre das perturbações do querer (vontade) porque não se submete às injunções do conhecimento (espaço, tempo, causalidade etc.). Em razão disso, por meio da contemplação estética, o ser humano encontra uma brecha que lhe permite experimentar algo para além dos condicionamentos que cerceiam nossa vida e regem o mundo empírico. O prazer estético nos liberta da vontade insaciável atrelada às coisas transitórias, dando-nos acesso à dimensão eterna, expressa pela obra artística. Para o filósofo, a **música** seria a forma mais imaterial de arte, constituindo também sua mais alta expressão.

Portanto, podemos dizer que o belo, para Schopenhauer, seria algo mais universal, até mesmo mais do que o conhecimento científico, uma vez que nos permitiria vislumbrar – ainda que rapidamente – aspectos do mundo em sua plenitude, para além da transitoriedade dos fenômenos.

O pensamento de Schopenhauer não teve muita repercussão durante sua vida. Mas sua obra influenciou grande número de artistas, como o músico Richard Wagner e escritores como o russo Leon Tolstói, o francês Marcel Proust, o argentino Jorge Luis Borges e o brasileiro Machado de Assis.

O que é arte?

A arte pode ter várias definições. Entre elas está a da filósofa estadunidense Susanne K. Langer (1895-1985), para quem a arte pode ser entendida como **a prática de criar formas perceptíveis expressivas do sentimento humano**. Analisemos, então, o conteúdo essencial dessa definição.

- **Prática de criar:** a arte é produto do fazer humano. Deve combinar habilidade, imaginação e empenho na produção ou construção de uma obra.
- **Formas perceptíveis:** a arte concretiza-se em formas capazes de serem percebidas por nossa mente. Essas formas podem ser estáticas (uma obra arquitetônica, uma escultura) ou dinâmicas (uma música, uma dança). Qualquer que seja sua forma de expressão, cada obra de arte é sempre um todo perceptível, com identidade própria. A palavra *perceptível* não se refere às formas captadas apenas pelos sentidos exteriores, mas também pelo intelecto e pela imaginação das pessoas e dos grupos sociais.

  > Um romance, por exemplo, é usualmente lido em silêncio, com os olhos, porém não é feito para a visão, como o é um quadro; e conquanto o som represente papel vital na poesia, as palavras, mesmo em poema, não são estruturas sonoras como a música.
  >
  > LANGER, Susanne K. **Ensaios filosóficos**. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 82.

- **Expressão do sentimento humano:** a arte é sempre a manifestação (expressão) do sentir humano, entendido como toda experiência mental, incluindo sensação, emoção, imaginação, recordação e raciocínio. Sentimento envolve tudo o que possa ser sentido na relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

MARCIO JAMES/SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO AMAZONAS

Encenação da ópera *O contractador dos diamantes*, composta por Francisco Mignone, no Teatro Amazonas, em Manaus, no estado do Amazonas. Fotografia de 2023. A execução de uma ópera envolve a mescla de diferentes formas perceptíveis: estáticas (a arquitetura do teatro, o cenário e os objetos cênicos) e dinâmicas (a música, o canto e os gestos).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Diferença entre arte e técnica

Os gregos antigos não tinham a mesma concepção de arte que temos hoje. Na Grécia antiga, obras como as esculturas de Fídias e Míron ou as peças teatrais de Sófocles não eram chamadas de arte. Os gregos não tinham uma palavra específica para nomear as obras de arte. Muito daquilo que atualmente chamamos de arte era denominado *techné* (em grego, "técnica") e abrangia atividades tão distintas como a carpintaria e a poesia.

Essa concepção perdurou até o final do século XIII. Segundo o historiador da arte Hans Belting (1935-2023), as pinturas e as esculturas religiosas criadas no Ocidente cristão desde o fim do Império Romano até meados do século XIII também não eram vistas como arte por seus criadores. O historiador sustenta que os conceitos de arte e de artista sugiram gradualmente, consolidando-se no **Renascimento**.

No mesmo sentido, o crítico de arte Arthur Danto (1924-2013) destacou que os registros rupestres de Lascaux, na França, não foram concebidos como arte pelos seus criadores. No entanto, esses registros são considerados arte na atualidade.

A palavra *arte* é de origem latina (*ars*) e seu primeiro uso conhecido remete a manuscritos do século XIII. Originalmente, **arte** e **artesanato** eram a mesma coisa e estavam associados a uma habilidade técnica. Foi a partir do século XVIII que os conceitos de arte e técnica foram separados. Isso ocorreu com a valorização das chamadas **belas-artes**, expressão consagrada nos escritos do filósofo francês Charles Batteux (1713-1780).

No livro *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio*, Batteux apresentou regras universais que se aplicariam a todas as belas-artes (música, poesia, pintura, escultura e dança). Para Batteux, essas artes seriam regidas por um mesmo princípio: imitar a natureza, que em si é bela. Em contraposição às belas-artes, estariam as artes mecânicas, fundadas na utilidade, as quais deram origem às profissões liberais (medicina, advocacia, engenharia etc.). Existiriam, ainda, a arquitetura e a eloquência, que combinam as belas-artes e as artes mecânicas. Consagrou-se, assim, a ruptura entre a técnica e as belas-artes. A técnica estaria vinculada ao conceito de utilidade, enquanto as belas-artes estariam comprometidas com o belo, o encanto, o agradável e o prazeroso.

PRYZMAT/ISTOCK/GETTY IMAGES

Cariátides no templo de Erecteion, do século V a.C., em Atenas, na Grécia. Fotografia de 2024. Muito daquilo que hoje consideramos arte grega antiga tinha utilidade cotidiana, como ânforas, vasos, esculturas de devoção, estelas funerárias, partes da estrutura de templos etc.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O abuso da beleza

Durante toda a Idade Moderna, principalmente no Renascimento, o conceito de beleza esteve atrelado à definição de arte. Sobretudo na pintura, prevalecia a ideia de que a arte se aperfeiçoava à medida que dispunha de técnicas de **imitação da realidade**. Nesse caso, a beleza de uma obra de arte dependia da fidelidade com que ela representava o real.

No final do século XIX, a arte deixou de ter a beleza como uma de suas principais finalidades, como apontou o crítico Arthur Danto no livro *O abuso da beleza*. Foi nessa época que surgiu o impressionismo, movimento artístico mais preocupado em representar as impressões subjetivas do pintor do que em imitar a realidade. A partir de então, o ideal de beleza como imitação da realidade entrou em declínio. No mundo contemporâneo, a arte abandonou esse conceito de belo. Danto ilustrou esse processo com duas obras de arte:

- *Fonte*, *ready-made* de Marcel Duchamp (1917) – que transformava um urinol (portanto, um produto industrial) em um objeto artístico;
- *Brillo Boxes*, esculturas de Andy Warhol (1964) – que reproduzia caixas de esponjas de aço de uma marca popular nos Estados Unidos, tornando difícil distinguir objetos de consumo de obras de arte.

Nesses dois exemplos, não há uma preocupação com a **beleza externa**, com a imitação da realidade. Para o crítico, a beleza externa foi substituída por um **conceito interno**, por um significado incorporado à obra de arte. Nesse caso, se há uma beleza em jogo, trata-se apenas de uma **beleza interna**, que se traduz na proposta de cada obra, incluindo desde as ideias que a originaram até o significado que ela manifesta. No caso de *Brillo Boxes*, por exemplo, a beleza interna decorria da compreensão de que esculturas em madeira de caixas de esponjas de aço podem ser arte tanto quanto uma escultura em mármore de um deus grego.

Réplica de 1950 do original *Fonte*, *ready-made*, de Marcel Duchamp, 1917, que foi perdido e provavelmente destruído.

© ASSOCIATION MARCEL DUCHAMP / AUTVIS, BRASIL, 2024. FOTO: PHILADELPHIA MUSEUM OF ART/GIFT (BY EXCHANGE) OF MRS. HERBERT CAMERON MORRIS, 1998/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA. LOCALIZAÇÃO: MUSEU DE ARTE DA FILADÉLFIA, FILADÉLFIA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dica

O leilão da Brillo Box

Direção: Lisanne Skyler. Estados Unidos, 2016.
40 minutos.

O documentário trata das esculturas *Brillo Box* criadas por Andy Warhol na década de 1960. O valor artístico dessas esculturas foi muito questionado quando foram expostas ao público pela primeira vez, mas atualmente a originalidade proposta por Andy Warhol se tornou emblemática para compreender que a arte não precisa se subordinar a imperativos como o da beleza.

Classificação indicativa do documentário *O leilão da Brillo Box*: livre.

As ideias de Antonio Cândido estão presentes em: CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000. p. 22.

Fenômeno social

Vimos que o conceito de arte pode estar associado ou não à noção de técnica ou à noção de beleza. Em qualquer caso, é necessário reconhecer que a atividade artística constitui um fenômeno social, isto é, a obra de arte mantém vínculos com a sociedade em que estão inseridos o artista e o público. Nesse sentido, podemos dizer que:

- **O artista é um ser social** e, como tal, reflete na obra de arte sua maneira própria de sentir o mundo, manifestando alegrias e angústias, decepções e esperanças.
- **A obra de arte é percebida socialmente pelo público.** Por mais íntima e subjetiva que seja a experiência do artista incorporada em sua obra, essa experiência será sempre percebida de alguma maneira pelas pessoas. A obra de arte será, então, um elemento de **comunicação** entre o artista e seu público. Assim, como afirmou Lukács:

> Uma arte que seja por definição sem eco, incompreensível para os outros – uma arte que tenha o caráter de puro monólogo – só seria possível num asilo de loucos [...]. A necessidade de repercussão, tanto do ponto de vista da forma quanto do conteúdo, é a característica inseparável, o traço essencial de toda obra de arte [...] em todos os tempos.

LUKÁCS, György. Arte livre ou arte dirigida? *In*: **Revista Civilização Brasileira**, n. 13, ano III, p. 163, maio 1967.

De acordo com o crítico literário brasileiro Antonio Cândido (1918-2017), podemos dizer que, como fenômeno social, a arte mantém relações intensas com a sociedade. Essas relações não são estáticas e imutáveis, ao contrário, são dinâmicas, modificando-se conforme o contexto histórico. E envolvem três elementos fundamentais: a **obra de arte**, seu **autor** e o **público**. Formam-se em torno desses três elementos (autor, obra e público) os vínculos entre arte e sociedade em um amplo sistema de relações recíprocas.

Quanto ao artista, as relações de sua arte com a sociedade podem ser de paz e harmonia, de fuga e ilusão, de protesto e revolta, de ativismo e intervenção social. Quanto à sociedade – considerando principalmente o Estado –, seu relacionamento com determinada arte pode ser de contribuição e incentivo ou de censura e limitação da atividade criadora.

Sobre a relação entre o artista e a sociedade, o poeta mexicano Octavio Paz (1914-1998) escreveu:

> O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem. Essa revelação é o significado último de todo o poema e quase nunca é dita de modo explícito, mas é o fundamento de todo dizer poético.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 55.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

JUST STOP OIL/HANDOUT/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

Ativistas colam as mãos na parede onde fica a tela *Girassóis*, feita em 1889 pelo artista Vincent van Gogh, após jogarem sopa de tomate sobre a obra, na Galeria Nacional de Londres, no Reino Unido. Fotografia de 2022. Esse protesto visava chamar a atenção para a negligência com que são tratados o meio ambiente e os mais pobres, em contraste com o zelo e a proteção destinados à arte.

Museu, arte e sociedade

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

ODS 10

O texto a seguir, da cientista política contemporânea Françoise Vergès, analisa criticamente os museus ocidentais, relacionando essas instituições a diferentes questões da atualidade, como as mudanças climáticas, o racismo estrutural, a arte e a sociedade.

> O museu ocidental é aquele tipo estranho de lugar onde podemos encontrar no mesmo espaço quadros, objetos, móveis e estátuas de vários continentes e várias épocas, mas também milhares de restos mortais – crânios, ossos, cabelos. Essa instituição [...] nasceu sob a sua forma atual no século XVIII – o século das revoluções (entre as quais a Revolução Haitiana, muito frequentemente esquecida), quando o tráfico escravagista atingiu um pico inigualável e banqueiros, seguradores, armadores, proprietários de escravizados [...] enriqueceram consideravelmente. [...] O século XVIII foi também o da consolidação do ideal de branquitude, que supostamente reunia em si beleza, razão e princípios de liberdade. Mas o museu ocidental conquistou verdadeiramente sua glória no século XIX, quando juntou ao acervo milhares de objetos de arte e restos mortais que soldados, [...] missionários, aventureiros, mercadores e governadores trouxeram com eles no fim das guerras imperialistas e de colonização. [...]
>
> O museu realizou uma formidável inversão retórica, dissimulando aspectos conflituosos e criminosos de sua história e apresentando a si mesmo como um depósito do universal, um guardião do patrimônio da humanidade, um espaço para ser cuidado, protegido e preservado de contestações, um espaço com *status* de santuário, isolado das desordens do mundo. [...]
>
> Contudo, há décadas o museu é contestado e questionado. Comunidades, nações e Estados exigem reparações e restituições. Em outubro de 2022, para denunciar a inação dos governantes diante da crise climática, ambientalistas escolheram o museu ocidental como local de atuação: sopa, purê e talco foram jogados em grandes obras da arte ocidental. [...] [A ativista] Phoebe Plummer declarou em alto e bom som: "O que vale mais: a arte ou a vida? A arte vale mais do que a comida, mais do que a justiça?". Nos dias seguintes, em Paris, Postdam, Berlim, Haia, Madri e Camberra houve ações similares. O debate se concentrou na legitimidade do ato, na sua eficácia e relação com a desobediência civil, e na pertinência ou não de usar a arte para discutir o clima. [...]
>
> [...] E, no entanto, essas ações nos museus aconteceram ao mesmo tempo que, na vigésima sétima Conferência das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (COP27), realizada [...] [em] 2022 [...], no Egito, os Estados ocidentais se mostravam de novo reticentes em aceitar a demanda dos países mais pobres [...] para compensar "perdas e prejuízos" causados por séculos de capitalismo racial. [...]
>
> A destruição de palácios e o embargo de suas riquezas, as pilhagens e os roubos sistemáticos e a narrativa de uma história da arte centrada na Europa contribuíram para dar recursos e uma aura inigualáveis ao museu. Sem a pilhagem dos tesouros artísticos europeus pelos exércitos napoleônicos, sem o roubo dos frisos do Partenon em 1802, sem o saque do Palácio de Verão [...] em 1860 [...], em Pequim, sem o roubo dos bronzes do Benim em 1897 [...], o museu ocidental não teria alcançado a glória que alcançou no século XIX e conserva desde então.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu, 2023. p. 7-13.

Atividades

Responda no caderno.

1. Em que consiste o museu ocidental para Françoise Vergès?
2. Ao longo deste capítulo, foi discutida a relação entre o artista, a obra de arte e a sociedade. Levando em conta o texto de Françoise Vergès, de que modo é possível considerar o museu um fenômeno social? Apresente argumentos, relacionando o museu ocidental tanto ao fenômeno artístico quanto aos processos históricos.
3. Com base no texto e em seus conhecimentos, responda: há pertinência em usar a arte para discutir as mudanças climáticas? Justifique sua resposta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Fenômeno universal

Afirmar que a arte é um fenômeno social não significa reduzi-la a mero produto de condicionamentos históricos e ideológicos. Não há dúvida de que esses condicionamentos existem e atuam sobre o artista. Porém, na realização da obra de arte, todos os elementos que a envolvem precisam ser resolvidos artisticamente, isto é, traduzidos em termos de criação estética. É nessa criação que reside o valor de toda grande obra de arte. Ocorre nela uma espécie de rompimento com o tempo imediato e um encontro do ser humano com algo de eterno.

Por meio da criação estética, a obra tende a se universalizar, a permanecer viva através dos tempos, anunciando uma mensagem artística que, independentemente de seu conteúdo ideológico, expressa profunda sensibilidade. Por isso, é capaz de atrair pessoas de diferentes países, culturas ou sociedades. Como escreveu o filósofo austríaco Ernst Fischer (1899-1972):

> Toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento.
>
> FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 17.

Assim, as **circunstâncias particulares** presentes na criação artística unem-se, harmoniosamente, a elementos de **universalidade**, que penetram no espírito humano, gerando um sentido de permanente fascínio.

Sobre essa **permanência** da obra de arte, a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) escreveu:

> É como se a estabilidade humana se tornasse transparente na permanência da arte, de sorte que certo pressentimento de imortalidade – não a imortalidade da alma ou da vida, mas de algo imortal alcançado por mãos mortais – tornou-se tangivelmente presente para fulgurar e ser visto, soar e ser escutado, falar e ser lido.
>
> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 210.

Dica

Acesso à arte e à cultura para quem?

Produção: Espaço do Conhecimento UFMG. Brasil, 2024. 6 minutos.

Nesse episódio, que faz parte do *podcast* Pílulas do Conhecimento, discute-se o acesso à produção cultural e artística nas cidades brasileiras, em especial na cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais.

OBJETO DIGITAL
Carrossel de imagens: Composições geométricas em obras de Rubem Valentim

VINCENT BOSSON/FOTOARENA – MUSEU DE ARTE MODERNA DA BAHIA, SALVADOR

Templo de oxalá, grupo escultórico de Rubem Valentim, 1977. Exposto na 35ª Bienal de São Paulo, na capital de São Paulo. Fotografia de 2023. As formas dessas esculturas remetem à cultura africana ancestral. Embora sejam obras artísticas que representam algo de particular, elas têm algo de permanente e universal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Arte e realidade

O historiador da arte Ernst Gombrich (1909-2001), em seu livro *A história da arte*, afirma que uma pintura é frequentemente condenada por não representar um tema de forma correta. Não existe, porém, uma representação artística correta ou verdadeira. O que existe são representações artísticas mais conhecidas e consolidadas no imaginário de uma sociedade. Conheça a seguir uma historieta contada pelo historiador da arte Ernst Gombrich sobre a relação entre arte e realidade:

> Uma senhora que estava visitando o ateliê do pintor [Henri Matisse] observou: "Mas certamente o braço dessa mulher está comprido demais!" Ao que o artista, polido, respondeu: "Madame, a senhora está enganada. Isso não é uma mulher, é um quadro".

GOMBRICH, Ernst H. **Arte e ilusão** – um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 122.

Outro exemplo é o do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973), que representou animais semelhantes de modo diferente. Na gravura *A mãe galinha* (1936), o artista criou uma obra graciosa para ilustrar um livro sobre história natural. Trata-se de uma representação relativamente realista da aparência dos animais. Já na obra *Galo* (1938), Picasso ressaltou a agressividade e a petulância de um galo cantando. Trata-se, nesse caso, de uma representação caricatural e expressiva, que foge das imagens com as quais estamos acostumados.

São representações distintas de um animal criadas pelo mesmo artista. Apesar de suas diferenças, ambas expressam formas perceptíveis do sentir humano, conforme indicou Susanne K. Langer.

© SUCCESSION PABLO PICASSO/AUTVIS, BRASIL, 2024.
FOTO: ALBUM/FOTOARENA. LOCALIZAÇÃO: INSTITUTO DE ARTE DE CHICAGO, ILLINOIS

A mãe galinha, gravura de Pablo Picasso, 1936. A obra foi criada para ilustrar uma edição do livro *História Natural, geral e particular*, escrito por Georges-Louis Leclerc no século XVIII.

Ética e estética

Por diversos ângulos e diferentes enfoques, as discussões sobre a beleza e o estético tiveram presença marcante no pensamento de vários autores, desde a Antiguidade grega até nossos dias. Muitas dessas especulações tenderam a associar o **belo** ao **bom**, entrelaçando os campos filosóficos da **estética** e da **ética**.

Sócrates e Platão, por exemplo, já diziam que o que é bom é belo, e o que é belo é bom. Não precisamos, porém, ir tão longe, pois o próprio senso comum faz essa relação semântica. Quando um indivíduo age mal, costuma-se dizer: "Que feio!"; se ele age de maneira ética, fala-se que teve uma "bela" atitude.

Também se verifica um entrelaçamento entre estética e ética quando se constata que o belo pode despertar o bom no indivíduo e que, por isso, deve fazer parte de sua **educação**.

© SUCCESSION PABLO PICASSO/AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: SCALA, FLORENÇA. LOCALIZAÇÃO: MUSEU DE ARTE MODERNA DE NOVA YORK, NOVA YORK

Galo, ilustração de Pablo Picasso, 1938.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Educação estética

Como forma de harmonizar e aperfeiçoar o mundo e de promover a liberdade do indivíduo, o filósofo alemão Friedrich von Schiller (1759-1805) propôs a **educação estética**, além da **educação ética**. Em suas palavras, "para chegar a uma solução, mesmo em questões políticas, o caminho da estética deve ser buscado, porque é pela beleza que chegamos à liberdade" (SCHILLER, Friedrich. **Sobre a educação estética**. São Paulo: Herder, 1963. p. 35).

Assim, se o belo desperta o bom no indivíduo, este irá se perceber menos pressionado por insatisfações e necessidades e poderá agir de acordo com sua boa consciência. Se, por meio do belo, o mundo material se reconciliasse com uma forma superior de moralidade, o ensino da arte, educando os sentidos e a sensibilidade, poderia tornar, portanto, o indivíduo melhor.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Com base na citação de Friedrich Schiller, explique a ideia de que o ensino da arte, ao educar os sentidos e a sensibilidade, pode tornar o ser humano melhor.**
2. **Será o sentimento do belo sempre bom? E a percepção do bem, será sempre bela? Como é para você? Elabore hipóteses e argumente com base em suas vivências pessoais e seus conhecimentos prévios. Depois, escreva um texto apresentando seus argumentos e conclusões.**

Arte e indústria cultural

O mesmo Schiller que defendia a educação estética alertava:

> [...] a arte é filha da liberdade e quer ser legislada pela necessidade do espírito, não pela carência da matéria. Hoje, porém, a carência impera e curva em seu jugo tirânico a humanidade caída. O proveito [a vantagem, o lucro] é o grande ídolo do tempo; quer ser servido por todas as forças e cultuado por todos os talentos. Nesta balança grosseira o mérito espiritual da arte não pesa, e ela, roubada de todo estímulo, desaparece no ruidoso mercado do século. Até o espírito da investigação filosófica arranca, uma a uma, as províncias da imaginação, e as fronteiras da arte vão se estreitando à medida que a ciência amplia as suas.
>
> SCHILLER, Friedrich. **Sobre a educação estética**. São Paulo: Herder, 1963. p. 35.

Apesar de escrita há cerca de dois séculos, essa observação continua atual. Seu autor considera que existe uma **arte ideal**, cuja função seria servir à necessidade do espírito humano e não ao "mercado do século", ou seja, aos interesses econômicos que determinam o que pode e deve ser feito para atender à demanda de mercado.

Com essas palavras, Schiller refere-se a um fenômeno contemporâneo que já despontava em sua época: a **indústria cultural**, termo cunhado pelos filósofos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) no livro *Dialética do esclarecimento*, no qual ele aparece pela primeira vez. A obra foi publicada em 1947.

Segundo Adorno e Horkheimer, a arte e os bens culturais com frequência estão submetidos aos interesses do sistema capitalista e, quando isso ocorre, não passam de negócios, como qualquer outro produto do mercado (daí a expressão "indústria cultural").

Essa indústria de lazer e divertimento investe em determinados produtos culturais que agradam às massas de forma imediata. Ela não está preocupada com uma educação estética, ou seja, com a criação de condições para que a maior parte das pessoas possa apreciar manifestações artísticas de maior qualidade.

© ESTATE OF ROY LICHTENSTEIN/AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: ADAGP IMAGES, PARIS/SCALA, FLORENÇA. LOCALIZAÇÃO: GALERIA NACIONAL DE ARTE MODERNA DA ESCÓCIA, EDIMBURGO

No carro, pintura de Roy Lichtenstein, 1963. Lichtenstein foi um dos representantes da *pop art*, movimento artístico que surgiu na década de 1950 com a proposta de empregar, nas obras de arte, elementos culturais presentes no imaginário das massas, como celebridades do cinema, produtos industrializados, revistas em quadrinhos etc.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Indústria cultural, técnica e cinema

Para Adorno e Horkheimer, a produção em massa torna possível a difusão de "mercadorias culturais" (filmes, músicas, *shows,* revistas), por meio das quais a indústria cultural vende os valores dominantes do capitalismo, promovendo uma "colonização do espírito" dos consumidores. Em algumas de suas expressões, como o cinema, a arte chega a ser convertida muitas vezes em vitrine para vender mercadorias, como automóveis, roupas, refrigerantes, computadores etc. Assim, estimulando certos padrões de consumo, o cinema costuma prestar serviço à dominação capitalista.

> O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria [cultural] imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. [...] Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social [capitalista]. [...]

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 99-100.

Nessa interpretação de Adorno, só haveria a "arte ideal" de Schiller fora da tirania do mercado. No entanto, Adorno era cético sobre a possibilidade de a arte emancipar as pessoas por meio da indústria cultural, porque, dentro do sistema capitalista, ela estaria sempre submetida à produção da "mesmice" oferecida ao consumidor.

VCG/GETTY IMAGES

Divulgação do filme estadunidense *Avatar: o caminho da água*, dirigido por James Cameron, em cinema de Pequim, na China. Fotografia de 2022. Os produtos da indústria do cinema são vendidos e consumidos em grande escala. Estima-se que os dois filmes da franquia *Avatar* faturaram, juntos, mais de 5 bilhões de dólares de bilheteria em todo o mundo.

Cultura de massa × cultura popular

Adorno e Horkheimer substituíram o termo cultura de massa pelo conceito de indústria cultural. Por quê? Em sua época, o termo cultura de massa foi utilizado para se referir à produção cultural surgida espontaneamente das próprias massas, isto é, uma expressão da arte popular. Mas não é disso que se trata.

A cultura de massa não surge espontaneamente do povo, pois resulta de estratégias propositais de manipulação das massas. Já a cultura popular é constituída de expressões próprias e originais de um povo que refletem a dinâmica de sua identidade, de seus saberes e de suas práticas.

A cultura de massa homogeneíza e mercantiliza as manifestações artísticas ao oferecer à exaustão seus produtos. Seu objetivo preponderante é obter lucro. Não está preocupada em estimular o espírito inovador, a originalidade, a interpretação crítica. Trabalha com estereótipos, lugares-comuns e banalidades capazes de alcançar sucesso repentino. Enquanto a cultura popular expressa **modos** de ser e viver de um povo, a cultura de massa busca criar **modas** lucrativas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Arte e técnica

No século XX, a questão da arte e da técnica assumiu novos contornos. A técnica deixou de ser compreendida apenas como uma habilidade ou destreza do artista e passou a ser encarada como instrumento tecnológico. Os filósofos refletiram sobre as novas técnicas incorporadas ao fazer artístico, como a fotografia e o cinema, cuja produção está condicionada justamente à tecnologia.

Adorno e Horkheimer tinham uma visão pessimista sobre os efeitos provocados pelo avanço vertiginoso da técnica, ligados à dominação capitalista. Entretanto, filósofos como Walter Benjamin (1892-1940) interpretaram com otimismo o surgimento das novas técnicas. Em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin vê com entusiasmo a cultura de massa e as novas tecnologias de reprodução por meio das quais ela se difunde. Para ele, essas tecnologias permitiram levar a obra de arte a um grande público e, assim, romper o círculo restrito das elites que a cultivavam.

Tradicionalmente, a obra de arte tinha **valor de culto**, algo semelhante ao que ocorria com imagens de santos contempladas reservadamente apenas por alguns sacerdotes. Era uma arte confinada em museus e acessível a um grupo de privilegiados.

Por meio das técnicas empregadas pela cultura de massa, a arte se liberou para um público maior, democratizando o acesso a bens culturais. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica substituiu, portanto, o valor de culto pelo **valor de exposição**, ou seja, passou a ter valor por sua capacidade de ser difundida entre um grande número de pessoas.

EUGENE ATGET/HERITAGE IMAGES/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

Rua de la Montagne (6432), fotografia de Eugène Atget, feita aproximadamente em 1923. Para Benjamin, as primeiras fotografias, retratos de entes queridos guardados para trazê-los à lembrança, ainda carregavam algum valor de culto, ao passo que em fotografias como esta, de Eugène Atget, das ruas vazias de Paris, já se começava a observar o declínio desse tipo de valor.

Saiba mais

Além do cinema e da fotografia, novas técnicas de reprodução, como o gramofone e o rádio, provocaram mudanças em outros campos das artes.

Na segunda metade do século XIX, com o gramofone, foi possível ouvir uma música em um momento diferente daquele em que ela foi originalmente interpretada. Já no século XX, a popularização do rádio tornou possível levar a música para um grande número de ouvintes.

Ao longo dos séculos XX e XXI, as técnicas de reprodução da música foram aperfeiçoadas e facilitaram o acesso a essa arte. O mercado da música se ampliou com o desenvolvimento da **indústria musical**.

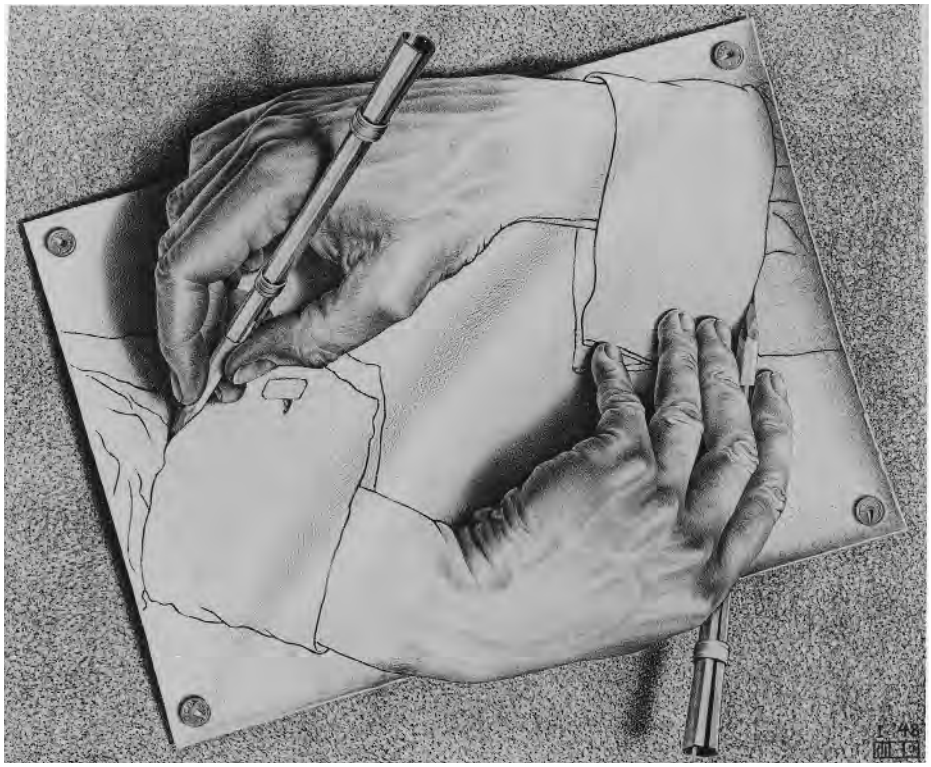
Indústria musical: o termo se refere ao conjunto de empresas e indivíduos que trabalham na criação e na distribuição de música. A indústria musical, desse modo, é composta de organizações como gravadoras, produtoras de *shows* e plataformas digitais de conteúdo multimídia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

OFICINA

Responda no caderno.

1. **Observe a ilustração feita pelo artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher e responda: essa imagem poderia ser considerada uma metáfora da circularidade linguística humana? Justifique sua resposta.**



M.C. ESCHER'S "DRAWING HANDS" © 2024 THE M.C. ESCHER COMPANY-THE NETHERLANDS - COLEÇÃO PARTICULAR

Mãos que desenham, gravura de autoria de Maurits Cornelis Escher, 1948.

2. **A linguagem permite "gerar realidades" ao conferir novos significados para nossas experiências. Um exemplo disso pode ser demonstrado quando pensamos nos diversos usos que podem ser sugeridos a um mesmo objeto. Um tijolo, por exemplo, pode servir como peso de papel, para construir uma casa ou, quando moído, para obter um pó vermelho (Cf. KNELLER, George F. Arte e ciência da criatividade. São Paulo: Ibrasa, 1971. p. 80). Agora, elabore hipóteses sobre usos do palito de fósforo em campos como artes, matemática e ciências naturais. Quais os usos mais criativos e curiosos vocês deram ao palito de fósforo?**

3. **Escreva um parágrafo interpretando as considerações do texto sobre a importância de se falar ou se calar. Procure relacionar fatos históricos e acontecimentos pessoais que confirmem tal reflexão.**

> Basta pensar nas infinitas oportunidades em que uma pessoa, um grupo, um país mudaram de direção e alteraram sua história porque alguém disse o que disse. Da mesma maneira, reconhecemos que a história (individual ou coletiva) poderia ter sido muito diferente do que foi se alguém tivesse se calado, se não tivesse dito o que disse.
>
> ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontología del lenguaje**. Santiago: Dolmen, 1997. p. 33. (Tradução nossa).

4. **De acordo com Bertrand Russell, o maior desafio para qualquer pensador é enunciar o problema de tal modo que possa permitir uma solução.**
   - **a.** Analise essa ideia de Russell, considerando aspectos do pensamento do filósofo britânico e as características da filosofia analítica.
   - **b.** Você concorda que muitos problemas em nossas vidas não passam de falsos problemas, os quais resultam de imprecisões da linguagem, isto é, de problemas de comunicação com outras pessoas? Justifique seu argumento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Lexicógrafos: profissional dedicado à lexicografia, isto é, à elaboração de léxicos, glossários ou dicionários.

5. **Leia o comentário de Russell sobre Wittgenstein.**

> O Wittgenstein tardio [...] parece ter-se cansado do pensamento sério e ter inventado uma doutrina que tornaria tal atividade desnecessária. Eu não acredito, nem por um momento, que a doutrina que tem essas consequências preguiçosas seja verdadeira. Percebo, no entanto, que tenho uma inclinação profundamente forte contra ela, pois, de fato, a filosofia é, na melhor das hipóteses, uma pequena ajuda para os **lexicógrafos** e, na pior, uma diversão inútil à mesa de chá.
>
> RUSSELL, Bertrand. My philosophical development *apud* WILLINSKY, John. Chapter 9: Wittgenstein's Dictionary. **Counterpoints**, v. 184, p. 187-219, 2001. (Tradução nossa).

Qual é a crítica feita por Russell às teorias desenvolvidas por seu discípulo Wittgenstein? Justifique sua interpretação com base nas visões dos dois filósofos sobre o papel da linguagem.

6. **O *rap* é uma linguagem musical cuja sigla refere-se à expressão inglesa *rythm and poetry* ("ritmo e poesia"). Sua principal característica é a fala ritmada e rimada construída com expressões usadas nas ruas. O *rap* surgiu como uma forma de resistência cultural dos afro-estadunidenses. Geralmente, suas letras narram acontecimentos cotidianos e denunciam a opressão sofrida por quem mora nas periferias de grandes cidades. Os compositores e intérpretes de *rap* são chamados de *rappers* ou MC's (mestres de cerimônias). No Brasil, são comuns *raps* que têm como base o samba ou sons eletrônicos.**

Levando tudo isso em consideração, formem grupos e criem um *rap* denunciando alguma injustiça social vivenciada no Brasil atual. Depois, em uma data combinada com o professor, apresentem o *rap* criado por vocês aos demais colegas da turma e, se possível, ao restante da comunidade escolar. A apresentação pode ocorrer em um espaço coletivo e acessível da escola, e as letras do *rap* podem ser lidas em voz alta pelos membros dos grupos.

7. **Sobre as reflexões estéticas, responda às questões a seguir.**
   a. O que diferencia fundamentalmente o conhecimento que a estética pretende atingir do conhecimento lógico-matemático?
   b. Quais são as visões de Kant, Hegel e Schopenhauer sobre o belo?
   c. Qual é o conceito de arte proposto por Susanne K. Langer? Explique.

8. **"Gosto não se discute." Sobre essa máxima, qual seria a opinião de uma pessoa que sustenta uma posição objetiva e de outra que defende uma concepção subjetiva a respeito da beleza? Que tal realizar uma pequena entrevista para refletir sobre esse assunto?**
   a. Escolha duas ou três pessoas de seu convívio familiar e peça a elas que participem de uma pequena entrevista. Em seguida, leia para elas as diretrizes da entrevista que você está conduzindo:

> **"Gosto não se discute."**
> **1. Você concorda com essa afirmação? (Sim ou Não).**
> **2. Por quê? Apresente argumentos para justificar sua opinião.**

   b. Anote as respostas dos entrevistados no caderno. Compartilhe-as com o restante da turma e com o professor. Depois, em sala de aula, conversem sobre os resultados: nas entrevistas conduzidas pela turma, há mais pessoas que concordam com a afirmação ou há mais pessoas que discordam dela? Que argumentos elas utilizaram para justificar a opinião?
   c. Para finalizar, elabore um texto sintetizando suas conclusões a respeito das questões abordadas na entrevista. No texto, empregue os conceitos estudados neste capítulo, referentes à posição objetiva e à concepção subjetiva a respeito da beleza.

9. **Levando em conta o que foi discutido no capítulo, interprete esta afirmação de Lukács: "O artista vive em sociedade e – queira ou não – existe uma influência recíproca entre ele e a sociedade" (LUKÁCS, György. Arte livre ou arte dirigida? Revista Civilização Brasileira, n. 13, ano III, p. 176, maio 1967).**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

10. Analise a relação entre arte e cultura de massa tendo como referência o problema apontado por Schiller há cerca de dois séculos: "Hoje [...] a carência [da matéria] impera e curva em seu jugo tirânico a humanidade caída. O proveito é o grande ídolo do tempo; quer ser servido por todas as forças e cultuado por todos os talentos" (SCHILLER, Friedrich. Sobre a educação estética. São Paulo: Herder, 1963. p. 35).

11. A indústria cultural não está preocupada com a educação estética, ou seja, com a criação de condições para que a maioria das pessoas possa ter acesso a manifestações artísticas de maior qualidade e usufruí-las. Você concorda com essa afirmação? Pesquise no rádio, na televisão, no cinema, nas livrarias e na programação cultural de sua cidade exemplos de programas, filmes, artistas, livros, eventos culturais que confirmam sua opinião. Anote suas conclusões e o resultado de sua pesquisa. Em seguida, debata o tema com os colegas.

12. (Enem-MEC)

Texto 1

Uma filosofia da percepção que queira reaprender a ver o mundo restituirá à pintura e às artes em geral seu lugar verdadeiro.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas**: 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Texto 2

Os grandes autores de cinema nos pareceram confrontáveis não apenas com pintores, arquitetos, músicos, mas também com pensadores. Eles pensam com imagens, em vez de conceitos.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1**: a imagem-movimento. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Adaptado).

De que modo os textos sustentam a existência de um saber ancorado na sensibilidade?

a. Admitindo o belo como fenômeno transcendental.

b. Reafirmando a vivência estética como juízo de gosto.

c. Considerando o olhar como experiência de conhecimento.

d. Apontando as formas de expressão como auxiliares da razão.

e. Estabelecendo a inteligência como implicação das representações.

13. (Unesp-SP)

Texto 1

Com a falta de evidência do conceito de arte, e com a evidência de sua historicidade, ficam em questão não só a criação artística produzida no presente e a herança cultural clássica ou moderna, mas também a relação problemática entre a arte e as várias modalidades de produção de imagens e de ofertas de entretenimento que surgiram a partir do século XX.

SÜSSEKIND, Pedro. **Teoria do fim da arte**, 2017. (Adaptado).

Texto 2

A discussão sobre o grafite como arte ou como vandalismo reflete o modo como cada gestão pública entende essas intervenções urbanas. Até 2011, o grafite em edifícios públicos era considerado crime ambiental e vandalismo em São Paulo. A partir daquele ano, somente a pichação continuou sendo crime. De um modo geral, a pichação é considerada uma intervenção agressiva e que degrada a paisagem da cidade. O grafite, por sua vez, é considerado arte urbana.

MODELLI, Lais. De crime a arte: a história do grafite nas ruas de São Paulo. **BBC Brasil**, 28 jan. 2017. (Adaptado).

No contexto filosófico sobre o conceito de arte, os dois textos concordam em relação à

a. necessidade de engajamento político no processo autoral.

b. ausência de critério consensual na legitimação artística.

c. carência de investimento privado na formação artística.

d. atuação de legislação pública no cenário criativo.

e. exigência de embasamento tradicional na produção cultural.

14. (Unioeste-PR) O ensaio "Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas", de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, publicado originalmente em 1947, é considerado um dos textos essenciais do século XX que explicam o fenômeno da cultura de massa e da indústria do entretenimento. É uma das várias contribuições para o pensamento contemporâneo do Instituto de Pesquisa Social fundado na década de 1920, em Frankfurt, na Alemanha. Um ponto decisivo para a compreensão do conceito de "indústria cultural" é a questão da autonomia do artista em relação ao mercado.

Assim, sobre o conceito de "Indústria Cultural" é CORRETO afirmar:

a. A arte não se confunde com mercadoria e não necessita da mídia nem de campanhas publicitárias para ser divulgada para o público.

b. Não há uniformização artística, pois toda cultura de massa se caracteriza por criações complexas e diversidade cultural.

c. A cultura é independente em relação aos mecanismos de reprodução material da sociedade.

d. A obra de arte se identifica com a lógica de reprodução cultural e econômica da sociedade.

e. Um pressuposto básico é que a arte nunca se transforma em artigo de consumo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE 3

ÉTICA E CIDADANIA

Você já deixou de consumir algo de empresas ou marcas por considerá-las antiéticas? Que tipos de produto você jamais compraria por contrariar seus valores pessoais? Você concorda que os consumidores estão cada vez mais determinados a não gastarem dinheiro com empresas cujos valores não são compatíveis com os deles?

Com base nesses questionamentos, pense de que forma você vem adquirindo valores éticos ao longo da vida. Qual é o papel da família, da escola e dos amigos na construção desses valores? Existe algum grupo ou instituição interferindo nesse processo? Em seguida, identifique no cotidiano situações que levam você a vivenciar a empatia ou a preocupação com o outro.

Por fim, reúna-se em grupo e compartilhe essas reflexões com os colegas. Juntos, definam o conceito de ética com base no diálogo entre vocês.

ALAIN PITTON/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Ativistas ambientais se manifestam contra a prática do *greenwashing*, em Tolouse, na França. Fotografia de 2021. Adotada por empresas que utilizam a defesa do meio ambiente apenas como estratégia de *marketing*, sem, contudo, implementar medidas nesse sentido, essa prática é considerada antiética.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FRANCK FIFE/AFP

Pessoa manuseia testes *antidoping* que serão aplicados em atletas olímpicos, na localidade de Saint-Denis, próxima a Paris, na França. Fotografia de 2023. Testes *antidoping* são realizados durante as competições esportivas com o objetivo de identificar a presença de substâncias que possam melhorar artificialmente o desempenho dos atletas. O *doping* é considerado uma prática antiética no mundo do esporte.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os termos que compõem o título desta unidade – ética e cidadania – representam categorias amplamente mobilizadas nos estudos desenvolvidos nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, pois nos ajudam a compreender as noções de respeito, convivência e coletividade e a relação entre questões sociais, culturais e individuais no mundo contemporâneo.

Esta unidade ocorre nos quatro livros desta coleção. Desse modo, os capítulos de história, geografia, sociologia e filosofia se complementam e favorecem a construção de conhecimento interdisciplinar.

Neste volume de filosofia, a unidade se desenvolve por meio da investigação dos fundamentos da ética em distintas correntes filosóficas, além do estudo da noção de normas morais e jurídicas, da noção de consciência moral, das ideias de liberdade e responsabilidade, do conceito de violência e do processo de construção de valores morais.

Nos próximos dois capítulos, você vai:

- compreender conceitos de ética e distinguir normas morais de normas jurídicas;
- analisar os fundamentos da ética com base em diferentes correntes filosóficas;
- investigar o desenvolvimento da consciência moral;
- conhecer diferentes perspectivas sobre as ideias de liberdade e responsabilidade;
- discutir as formas e as causas da violência;
- analisar processos de construção de valores morais.

Capítulo 5

A conduta ética

A conduta humana que consideramos exemplar, um modelo a ser seguido pelas pessoas, costuma ser chamada de "comportamento ético". No entanto, nem sempre é tarefa fácil identificar um comportamento ético. Com frequência, surgem dúvidas sobre qual é a melhor forma de agir diante de outra pessoa ou de uma circunstância.

Um exemplo público de dilema ético foi o caso envolvendo uma jovem, vítima de um acidente de carro, o pai dela e o governo italiano. Em razão dos traumas que sofreu, a jovem foi internada em um hospital, onde entrou em estado de coma. Apesar de toda assistência médica, o coma tornou-se irreversível e a jovem permaneceu 17 anos sendo sustentada artificialmente por aparelhos. Inconformado com essa situação dramática, o pai da jovem passou a lutar na justiça para que os aparelhos fossem desligados. Contra o pedido do pai, havia a posição do governo italiano, que condenava a eutanásia. Depois de uma longa batalha judicial, que durou 12 anos, o tribunal superior da Itália acolheu em definitivo o pedido do pai. As opiniões se dividiram sobre a forma correta de se agir.

Para refletir sobre nossas condutas, existe uma disciplina filosófica denominada ética, que investiga os diversos sistemas morais elaborados pelos seres humanos, buscando compreender quais são os pressupostos e as consequências desses sistemas.

ANDRE PENNER/AP PHOTO/IMAGEPLUS

Filhotes de papagaio recebem alimento e cuidados veterinários em Jundiaí, no estado de São Paulo. Fotografia de 2020. A conduta ética não se aplica apenas nas relações entre os seres humanos, mas também na relação com o meio ambiente e com as outras espécies.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Definição de ética

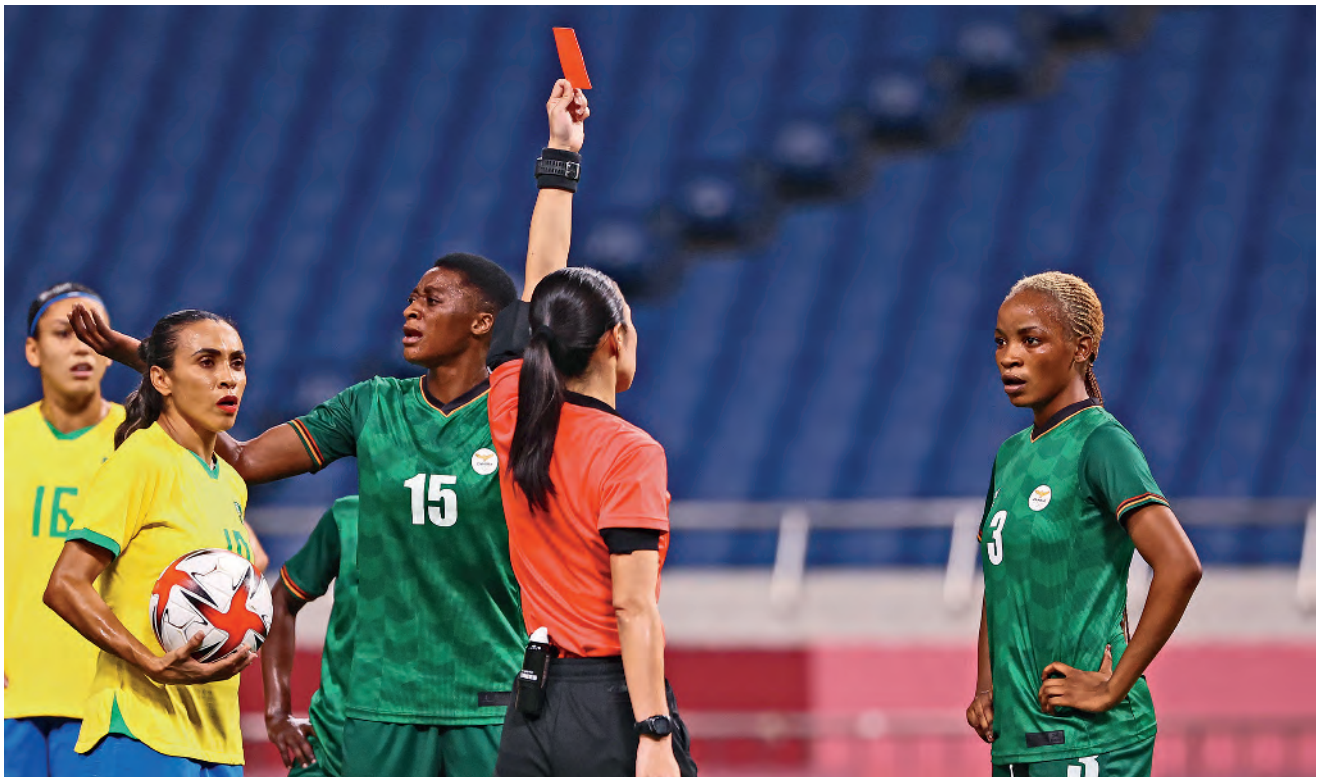
Em nosso cotidiano, fazemos escolhas sobre o que consideramos bom, justo ou correto. As escolhas conscientes nos levam a julgar, isto é, a atribuir um valor, um peso às coisas e situações. O verbo *julgar* vem do latim *judicare*, que significa "avaliar", "ponderar".

Os valores partilhados por um grupo social em determinado tempo e espaço podem originar sistemas de normas morais. Essas normas são estudadas pela ética e servem para orientar e, muitas vezes, fundamentar a conduta humana.

Na origem etimológica, a palavra *ética* vem do grego *ethikos* = "comportamento", e *moral* deriva do latim *mos*, *mor-* = "comportamento". Assim, *moral* é a tradução latina da palavra grega *ética* e, por isso, neste livro, não faremos grandes distinções entre um termo e outro.

Ética é um campo da filosofia permeado por questões sociológicas, antropológicas, históricas, religiosas etc. O boxe "Trabalho e juventudes", na página seguinte, apresenta uma profissão que requer, no dia a dia, reflexões éticas, na medida em que traz à tona questões como melhoramento genético e uso tecnológico de organismos vivos.

A ética é uma filosofia prática que tem o propósito de unir o **saber** ao **fazer**. Ela busca aplicar o conhecimento sobre o **ser** para construir aquilo que **deve ser**.



Partida de futebol feminino entre as seleções da Zâmbia e do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio, no Japão. Fotografia de 2021. O dispositivo punitivo do cartão vermelho em partidas de futebol tem o efeito de uma norma que regula a conduta ética das jogadoras em campo.

BUDA MENDES/FIFA/GETTY IMAGES

Dica

A ética

Franklin Leopoldo e Silva e Joel Gracioso. São Paulo: Martins Fontes, 2019. (Coleção Filosofias: o prazer do pensar).

Nesse livro introdutório, os professores Franklin Leopoldo e Silva e Joel Gracioso explicam como a compreensão filosófica do que é a ética varia ao longo da história, acompanhando a mudança de costumes e de valores nas sociedades. A investigação parte da ética aristotélica, na Antiguidade grega, que era baseada nos hábitos, e passa pela ética filosófico-religiosa de Tomás de Aquino, na Idade Média, até culminar na ética laica de Immanuel Kant, na Idade Moderna.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Técnico em biotecnologia

A biotecnologia é um campo do conhecimento que reúne tecnologias capazes de utilizar organismos vivos para modificar ou fabricar produtos como insumos, alimentos, vacinas etc. A biotecnologia é aplicada, por exemplo, no setor agrícola, com o objetivo de melhorar geneticamente as espécies cultivadas. Além desse setor, a biotecnologia também é empregada na medicina.

O **curso técnico em biotecnologia** é considerado novo, pois esse campo do conhecimento só se difundiu no Brasil a partir do final do século XX. Costuma ser uma opção de estudo para aqueles que se interessam por biologia, química e novas tecnologias.

Entre as atividades exercidas pelos técnicos em biotecnologia estão: o controle e monitoramento de processos laboratoriais; a análise de substâncias e materiais biológicos; a manipulação de biomoléculas, microrganismos, células e tecidos animais e vegetais; a produção de vacinas, *kits* de diagnóstico; a participação nas perícias criminais; e a pesquisa de melhoramento genético.

O mercado de trabalho desse profissional inclui a atuação em: laboratórios de biologia molecular e de análises clínicas; bancos de materiais biológicos e de genes; empresas do setor de saúde humana, animal e ambiental; estações de tratamento de água; e escritórios de patentes biotecnológicas.

O setor de biotecnologia vem recebendo muitos investimentos em diversos países, movimentando de forma significativa o mercado global, especialmente a partir da pandemia de covid-19, que impôs a necessidade de buscar soluções urgentes de combate à doença, como o rápido desenvolvimento de vacinas e de meios de obtenção de diagnósticos.

A biotecnologia contribuiu para que o Brasil se tornasse um dos maiores produtores mundiais de alimentos, destacando-se nesse setor a liderança da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Dica

As informações sobre pesquisas envolvendo o uso de biotecnologia para modificar mosquitos *Aedes aegypti* foram extraídas de: JONES, Frances. *Aedes aegypti* transgênicos já estão no mercado. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ed. 325, mar. 2023. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/aedes-aegypti-transgenicos-ja-estao-no-mercado/. Acesso em: 13 dez. 2023.

Embrapa

Disponível em: https://www.embrapa.br/tema-transgenicos/perguntas-e-respostas. Acesso em: 28 maio 2024.

A Embrapa apresenta uma página com perguntas e respostas sobre biotecnologia. Vale a pena realizar uma visita virtual à página para obter informações complementares sobre o assunto.

CARLA CARNIEL/REUTERS/FOTOARENA

Pesquisas em biotecnologia modificaram geneticamente larvas de mosquitos *Aedes aegypti*, transmissores da dengue, da febre amarela, da zika e da chicungunha, para gerar apenas descendentes machos, que não picam e não transmitem doenças. Laboratório de biotecnologia em Campinas, no estado de São Paulo. Fotografia de 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Normas morais e jurídicas

As normas morais e jurídicas expressam valores históricos e culturais das sociedades. Por isso, não existem moral nem direito se não houver sociedade.

Há elementos comuns entre essas normas, pois ambas estabelecem regras de conduta a serem cumpridas na convivência social. Apesar dessas semelhanças, existem diferenças fundamentais entre as normas morais e jurídicas, como exposto no quadro a seguir.

Normas morais × normas jurídicas

Critérios	Normas morais	Normas jurídicas
Relação com o Estado	Não apresentam necessariamente uma vinculação com o Estado.	Mantêm uma relação estreita com o Estado.
Cumprimento das normas	São seguidas com base nas convicções pessoais e do grupo social.	São cumpridas sob o risco de sanção pelo Estado em caso de desobediência.
Tipo de punição	A eventual punição pode variar bastante. Depende da consciência moral do indivíduo e do vigor com que o grupo social impõe suas normas.	As punições estão previstas na legislação.
Abrangência e especificidade	A esfera da moral é mais ampla que a do direito, abrangendo diversos aspectos da vida humana.	A esfera do direito restringe-se a questões específicas nascidas da interferência de condutas sociais. Costumam ser regidas pelo princípio de que tudo é permitido, exceto aquilo que a lei expressamente proíbe.

Dessas diferenças, merece destaque o tipo de **punição** gerado pelas normas morais e jurídicas.

Quando alguém **não** diz "bom dia" a um vizinho ou amigo, essa descortesia ofende apenas uma norma ética e **não** provoca a reação punitiva do Estado. No entanto, quando alguém comete homicídio, essa conduta fere o Código Penal. Portanto, o homicídio é um crime que provoca a reação punitiva do Estado.

É bom lembrar que certas transgressões éticas, mesmo não violando normas jurídicas, podem provocar punições severas, como a expulsão do grupo ao qual a pessoa pertence. Por exemplo, um homem que cantava no coral de uma igreja, após se divorciar de sua mulher, foi afastado desse coral porque sua religião não aceitava o divórcio, considerando o casamento um laço indissolúvel.

ERIK LAAN/SHUTTERSTOCK

Escultura representando a justiça, com os olhos vendados e com uma espada e uma balança nas mãos, em Breda, nos Países Baixos. Fotografia de 2023.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Os ideais de justiça estão baseados na capacidade de promover uma avaliação imparcial dos direitos das partes e no poder de fazer valer as decisões de cada uma. Levando isso em consideração, observe a fotografia desta página e responda: qual é o significado dos olhos vendados? Se necessário, faça uma breve pesquisa.**
2. **Ainda analisando os elementos simbólicos da escultura que representa a justiça, procure explicar: qual é o significado da balança?**
3. **E qual é o significado da espada?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Desenvolvimento da consciência moral

Segundo o pensador Jean Piaget (1896-1980), a formação da pessoa resulta do desenvolvimento cognitivo e moral. Por sua vez, a moral se manifesta no amplo conjunto de normas que guiam nossas vidas desde a infância.

Piaget distinguiu três grandes momentos sucessivos no desenvolvimento da consciência moral:

- **período da anomia** – representado pela incapacidade de compreensão e assimilação das normas. Há incapacidade de estabelecer julgamentos, pois a consciência está em um estágio pré-moral;
- **período da heteronomia** – representado pela aquisição de normas não elaboradas pelo próprio indivíduo, mas ditadas externamente pelos pais, pelos educadores, pelo Estado etc. As normas são cumpridas conforme são impostas como obrigações exteriores à consciência do indivíduo;
- **período da autonomia** – representado pela autodeterminação do indivíduo em face das normas. As regras são cumpridas à medida que são compreendidas e validadas pela consciência do indivíduo.

FARRELL GREHAN/CORBIS/GETTY IMAGES

O pensador Jean Piaget. Fotografia de 1975. Em seus estudos, Piaget mesclou psicologia, epistemologia e educação.

No período da autonomia, a norma passa por um processo de reflexão, questionamento e reinterpretação. Esse processo costuma ser compartilhado entre os membros de um grupo social, que podem transformar as regras por meio do consenso democrático.

Entretanto, Piaget observou também que esses períodos devem ser entendidos de forma **flexível**, porque dependem das experiências de cada sujeito. Algumas pessoas podem progredir rapidamente para a autonomia, outras, mais lentamente. E há aqueles que só conseguem se desenvolver até o período da anomia ou da heteronomia. Essa variação depende de uma série de fatores sociais e pessoais.

Saiba mais

O filósofo André Comte-Sponville argumenta que a polidez, isto é, a maneira bem-educada de lidar com os outros, constitui o início da moral. Verifique os argumentos dele.

> O recém-nascido não tem moral, nem pode ter. Tampouco o bebê e, por um bom tempo, a criança. O que esta descobre, em compensação, e bem cedo, são as proibições. "Não faça isso: é sujo, é ruim, é feio, é maldade..." Ou: "É perigoso", e a criança logo saberá diferenciar entre o que é mau (o erro) e o que faz mal (o perigo). [...] Bem? Mal? A regra basta, ela precede o julgamento e o funda. Mas a regra é [...] convenção [...] – regra de fato, [...] regra de polidez! Não dizer palavrões, não interromper as pessoas, não empurrá-las, não roubar, não mentir... Todas essas proibições se apresentam identicamente para a criança ("É feio"). [...]
>
> A moral começa, pois, no ponto mais baixo – pela polidez – e de algum modo tem de começar. [...] É por ela que, imitando as maneiras da virtude, talvez tenhamos uma oportunidade de virmos a ser virtuosos. "A polidez", observava [o filósofo moralista francês] La Bruyère, "nem sempre inspira a bondade, a equidade, a complacência, a gratidão; pelo menos dá uma aparência disso e faz o homem parecer por fora como deveria ser por dentro." Por isso ela é insuficiente no adulto e necessária na criança. É apenas um começo, mas o é. Dizer "por favor" ou "desculpe" é simular respeito; dizer "obrigado" é simular reconhecimento. É aí que começam o respeito e o reconhecimento.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 15-17.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Liberdade e responsabilidade

Os seres humanos possuem **consciência moral**, ou seja, a faculdade de refletir sobre a própria conduta e intenções futuras, realizando julgamentos. No entanto, somente ações praticadas em liberdade podem ser julgadas moralmente.

Quando **não há liberdade** de escolha, quando se é coagido a praticar uma ação ou omissão, o agente não pode ser responsabilizado pelo que praticou. Nesse caso, sua conduta foi induzida por forças externas, como ameaças físicas, econômicas e psicológicas.

Quando, porém, **estamos livres** para praticar esta ou aquela conduta, tornamo-nos **responsáveis** por nossas escolhas e, então, estamos sujeitos a julgamentos morais.

Ao fazer suas escolhas, os seres humanos exercem **liberdade** e **responsabilidade**. A palavra *responsabilidade* vem do latim *respondere* = "responder", e significa estar em condições de assumir as consequências dos atos praticados. Em outras palavras, assumir responsabilidade implica estar sujeito a julgamentos morais e a penas ou recompensas pelos atos realizados.

Se o julgamento moral está atrelado à noção de liberdade, cabe, então, a seguinte pergunta: somos realmente livres para decidir?

Existem, basicamente, três posições sobre essa questão: defesa do determinismo, defesa da liberdade e defesa da relação entre liberdade e determinismo. Analisemos os argumentos de cada uma delas.

Pérolas a porcos, tirinha de Stephan Pastis, 2017. A tirinha reflete sobre o potencial que as redes sociais têm de causar uma espécie de aprisionamento, distraindo os usuários da realidade circundante.

Dica

Dilema das redes

Direção: Jeff Orlowski. Estados Unidos, 2020. 94 minutos.

Com base no depoimento de ex-funcionários e executivos de grandes empresas de tecnologia, o documentário trata do poder exercido pelas redes sociais sobre os usuários, influenciando desde seus hábitos de consumo até suas decisões políticas. De certa maneira, conduz à seguinte reflexão: será que os usuários, por se expressarem abertamente nas redes sociais, não têm apenas uma ilusão de liberdade, visto que suas escolhas podem ser manipuladas?

Classificação indicativa do documentário *Dilema das redes*: não recomendado para menores de 12 anos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Hobbes: determinismo

O **determinismo** concebe que todos os fenômenos (materiais e psíquicos) estão interligados e determinados por relações necessárias de causa e efeito, das quais não é possível escapar.

De acordo com essa doutrina, o ser humano estaria sempre determinado, por sua **natureza biológica** ou por sua **inserção histórico-social**. Em outras palavras, o ser humano seria uma criatura forjada pela natureza e pela cultura, sem liberdade autêntica para agir e reagir.

Um dos principais precursores do determinismo foi Thomas Hobbes (1588-1679), que nasceu na Inglaterra e estudou no Magdalen Hall, em Oxford. No período da revolução liberal inglesa, Hobbes defendeu o rei Carlos I, depois decapitado, e foi obrigado a exilar-se na França. No exílio, tornou-se preceptor do príncipe de Gales, futuro Carlos II da Inglaterra, e acompanhou a subida de Cromwell ao poder.

A filosofia de Hobbes foi muito influenciada pelas ideias de Francis Bacon (1561-1626) e de Galileu Galilei (1564-1642). Como estes, abandonou as grandes pretensões metafísicas (a busca da essência do ser) e buscou investigar as causas e propriedades das coisas. A filosofia, para ele, seria a ciência dos corpos, isto é, de tudo que tem existência material. Os corpos se dividiriam em corpos naturais, investigados pela filosofia da natureza, e corpos artificiais, como o Estado, investigados pela filosofia política. Assim, tudo o que não é corpóreo seria excluído da filosofia como não filosofia.

Para compreender o determinismo hobbesiano, é importante investigar a concepção do autor sobre a realidade.

Materialismo e mecanicismo

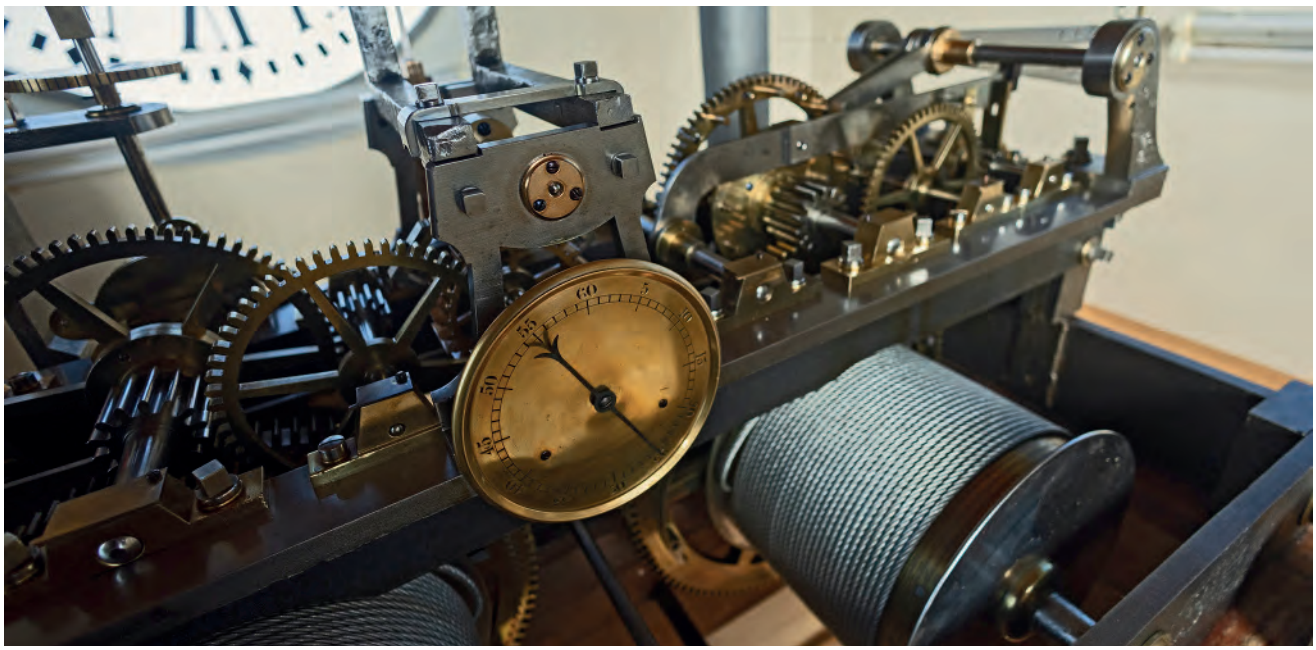
Para Hobbes, toda a realidade poderia ser explicada com base em dois elementos: corpo e movimento.

Corpo é o elemento material que existe independentemente do pensamento. Movimento é a mudança ou transformação dos corpos, que pode ser determinada em termos matemáticos.

Se a realidade é constituída de corpos em movimento, o que seriam as qualidades das coisas (o belo, o bom, o útil, o justo etc.)? Para Hobbes, as qualidades seriam "fantasmas do sensível", ou seja, efeitos provocados pelo movimento dos corpos.

A concepção de realidade de Hobbes é materialista. Em outras palavras, a matéria é a realidade primeira e fundamental de tudo o que existe. Além disso, Hobbes é mecanicista no sentido de que todos os fenômenos se explicam por um conjunto de causas mecânicas, isto é, de forças e movimentos.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) dizia que o movimento era a passagem da potência para o ato (por exemplo, da semente para a planta). Já Hobbes entendia o movimento como a mudança física de uma coisa.



EDUARDO PARRA/EUROPA PRESS/GETTY IMAGES

Engrenagens de relógio localizado na Casa Real dos Correios, em Madri, na Espanha. Fotografia de 2023. A filosofia moral de Hobbes foi influenciada por uma concepção mecanicista dos corpos e do movimento. Essa concepção se funda em relações de causalidade, como no caso do funcionamento de um relógio, em que uma engrenagem é causa do movimento da outra.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Determinismo, responsabilidade e justiça

Não há lugar para o acaso e para a liberdade incondicionada na filosofia de Hobbes. Isso ocorre porque todos os movimentos dos corpos decorrem necessariamente de nexos causais.

Nesse sentido, o filósofo inglês conceitua a liberdade como a ausência de obstáculos ao movimento. Em suas palavras:

> *Um homem livre é aquele que* [...] *não é impedido de fazer o que tem vontade de fazer*. Mas, sempre que as palavras *livre* e *liberdade* são aplicadas a qualquer coisa que não é um *corpo*, há um abuso de linguagem, pois o que não se encontra sujeito ao movimento não se encontra sujeito a impedimentos.
>
> HOBBES, Thomas. **Leviatã**: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 179. (Grifos nossos).

Assim, o ser humano é livre quando tem poder para realizar a própria vontade sem ser contrariado. Porém, essa vontade consiste na reação interna ao movimento de um corpo externo. Essa reação se traduz em querer ou repudiar o movimento das coisas. Desse modo, somos livres quando realizamos nossa vontade, mas esta depende do movimento dos corpos.

É importante perceber que a liberdade não seria um atributo da vontade, mas apenas do agente como corpo. E a vontade humana é definida por Hobbes como uma reação interna, de desejo ou repulsa, ao movimento de um corpo externo. Portanto, a vontade não é a causa de si mesma, mas, sim, determinada por causas externas e necessárias.

Na visão de Hobbes, a justiça e a lei derivam do poder do Estado, que seria capaz de ordenar o desejo de conservação da vida e assegurar a coexistência comum. O poder político é central na filosofia hobbesiana. Onde não existe poder político, não existe lei. E, onde não existe lei, não existe justiça ou injustiça.

De forma semelhante, Hobbes não acreditava na existência de valores universais do bem e do mal. Para ele, é a lei do Estado que estabelece o critério objetivo para indicar o bem e o mal, o justo e o injusto. Sem um poder político subordinando a todos, o bem é o que cada indivíduo deseja para si e o mal é aquilo que lhe desagrada ou ameaça.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Leia a tirinha localizada nesta página. Qual é o assunto tratado nela?
2. As falas dos personagens, na tirinha, relacionam-se com o determinismo de Hobbes ou são incompatíveis com o que foi proposto pelo filósofo? Para responder, construa argumentos e use as ideias hobbesianas sobre liberdade incondicionada e acaso.

Armandinho, tirinha de Alexandre Beck, 2019. Será que aceitar a incerteza sobre o futuro é algo compatível com o determinismo hobbesiano?

Sartre: liberdade moral

Contrapondo-se à interpretação determinista, alguns filósofos defendem que o ser humano é sempre livre. Esses filósofos reconhecem a existência das determinações externas (sociais) e internas (biológicas). Entretanto, eles sustentam que toda pessoa tem uma **liberdade moral** acima dessas determinações. Isso ocorre porque, apesar de estar submetido a uma variedade de situações, todo ser humano está no mundo, luta, vive com os outros e é mortal.

Um dos principais pensadores dessa corrente foi Jean-Paul Sartre (1905-1980), que se tornou o filósofo mais conhecido da corrente existencialista. Grande parte de sua fama deve-se não propriamente a sua obra filosófica, mas a suas peças de teatro e seus romances, entre os quais se destacam *A náusea*, *O muro*, *A idade da razão* e *O diabo e o bom Deus*.

Sartre recebeu significativa influência filosófica de Martin Heidegger (1889-1976). Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da luta da resistência francesa contra o nazismo. Também aderiu ao marxismo, considerando-o a filosofia de sua época, mas, diante da intervenção soviética na Hungria, em 1956, rompeu com o Partido Comunista, acusando-o de se desviar do sentido autêntico do marxismo.

Em 1964 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, mas se recusou a recebê-lo por razões pessoais, segundo carta enviada à Academia Sueca. De modo geral, Sartre não se inclinava a receber prêmios e honrarias oficiais.

Agora, vamos conhecer alguns conceitos elaborados por Sartre que ajudam a compreender sua concepção de liberdade.

Ente em-si e ente para-si

A principal obra filosófica de Sartre é *O ser e o nada*, publicada em 1943. Nessa obra, ele ataca duramente a teoria aristotélica da potência. Aristóteles explicou as mudanças do ser pela passagem da potência ao ato. Para Sartre, o ser é o que é. Trata-se, na linguagem sartreana, do **ente em-si**, que é pleno, fechado, completo.

Em contraposição ao ente em-si, Sartre concebe a existência do ser especificamente humano, denominando-o **ente para-si**. Enquanto o ente em-si representa a **plenitude do ser**, o ente para-si é o **nada**. Assim, para Sartre, a característica tipicamente humana é o nada: um "espaço aberto". Isso não significa que a totalidade do ser humano (incluindo, por exemplo, seu corpo) seja nada. O nada representado pelo ente para-si é nossa característica típica, singular, aquilo que faz do ser humano um ente não estático, não compacto, incompleto, acessível às possibilidades de mudança.

LELA CORRADINI

Montagem da peça *As moscas*, de Jean-Paul Sartre, na capital de São Paulo. Fotografia de 2019. Com essa peça, encenada pela primeira vez em 1943 durante a ocupação nazista na França, Sartre oferecia uma forma de resistência ao regime alemão e encorajava o povo francês na luta pela liberdade. As moscas simbolizam um mal, uma praga que é necessário combater.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Liberdade e condição humana

Se o ser humano fosse um ser maciço, total, pleno, com uma essência definida, ele não poderia ter nem consciência nem liberdade. Primeiro, porque a consciência é um espaço aberto a múltiplos conteúdos. Segundo, porque a liberdade representa a possibilidade de escolha. Por intermédio de suas escolhas, o ser humano constrói a si mesmo e torna-se responsável pelo que faz.

Assim, para Sartre, se as pessoas não expressassem esse "vazio de ser", a consciência delas estaria pronta, acabada, fechada. E, nesse caso, não poderiam manifestar liberdade, pois estariam presas à realidade estática do ser pleno, do ser em-si. Ele chama essa realidade pronta e acabada de **essência** e, para concluir, afirma que, no ser humano, a **existência precede a essência**. A existência é nosso espaço de liberdade, de procura, de indeterminação.

Outra consequência dessa característica específica do não ser é a inexistência de uma natureza humana, ou seja, de uma constituição previamente determinada do ser humano. Assim, para Sartre, o que existiria é uma condição humana, isto é, o conjunto de limites *a priori* que esboçam a situação fundamental do ser humano no universo. E o filósofo acrescenta:

> As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã – ou senhor feudal ou proletário. Mas o que não varia é a necessidade para ele de estar no mundo, de lutar, de viver com os outros e de ser mortal.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 16. (Coleção Os pensadores).

Portanto, segundo Sartre, um dos valores fundamentais da condição humana é a liberdade. Há uma célebre formulação sartreana que diz que o ser humano está condenado a ser livre. Isso ocorre porque o exercício da liberdade move o ser humano, leva à produção de sentidos, impulsiona a ultrapassagem de limites e gera incertezas. Enfim, a liberdade torna o ser humano responsável por suas ações.

Quando se tornou mais influenciado pelo marxismo, Sartre reconheceu que havia conferido excessiva extensão à liberdade humana, pois tinha exagerado ao desprezar o peso das pressões econômicas, sociais e culturais.

Dica

A liberdade

Alexandre Carrasco. São Paulo: Martins Fontes, 2024. (Coleção Filosofias: o prazer do pensar).

Nesse livro, o professor Alexandre Carrasco parte de situações corriqueiras nas quais se menciona a ideia de liberdade para, em seguida, aprofundar a investigação do conceito com base nas reflexões de Michel de Montaigne (1533-1592), Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961).

BETTMANN/GETTY IMAGES

Repórteres entrevistando Simone de Beauvoir, em Paris, na França. Sartre aparece ao lado dela. Fotografia de 1970.
A filósofa existencialista Simone de Beauvoir, companheira de Sartre, afirmava que não se nasce mulher, torna-se mulher. Essa formulação significa que a condição da mulher é construída social e culturalmente, em vez de estabelecida por uma essência biológica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Relação liberdade-determinismo

A terceira via de interpretação considera que o ser humano está sujeito tanto a determinações quanto à liberdade. Os defensores dessa posição afirmam que determinação e liberdade não se excluem, mas se completam.

Nessa concepção, a liberdade humana não existe em um vazio, mas, sim, dentro de uma realidade determinada, que impõe limitações físicas, psíquicas, econômicas, sociais, políticas etc. Para ilustrar isso, vamos aplicar aqui uma metáfora famosa: a pomba quer liberdade para voar. Porém, por mais que elimine obstáculos ao seu voo (pessoas, construções, árvores etc.), não poderia eliminar o obstáculo do próprio ar. O voo livre não seria possível no vazio, sem a resistência do ar.

Apesar dessas limitações e obstáculos, o indivíduo exerce sua liberdade ao identificar e solucionar problemas conforme suas possibilidades. O exercício da liberdade promove libertação, que significa dar liberdade, tornar-se livre. O processo de libertação depende da **consciência** das barreiras e dos desafios que nos cercam. Nesse sentido, a liberdade é a compreensão das necessidades que envolvem a experiência humana.

Analisemos brevemente o modo como os filósofos Baruch Espinosa (1632-1677) e Karl Marx (1818-1883) explicam as relações entre liberdade e determinismo.

Espinosa: liberdade na consciência da necessidade

Baruch Espinosa nasceu em Amsterdã, nos Países Baixos, em uma família de imigrantes judeus de origem hispano-portuguesa. Na filosofia, desenvolveu um racionalismo radical, que se caracterizou pela crítica às superstições religiosas, políticas e filosóficas. Na visão de Espinosa, a superstição religiosa dá origem a superstições políticas e filosóficas.

JAN VAN DER WOLF/ISTOCK/GETTY IMAGES

Monumento a Espinosa, de Nicolas Dings, 2008. Fotografia tirada em Amsterdã, nos Países Baixos, 2023. Na base do monumento, além do nome de Espinosa, está grafada uma frase do filósofo: "O objetivo do Estado é a liberdade".

De acordo com Espinosa, a fonte de toda superstição é a imaginação incapaz de compreender a ordem real do universo. Sendo incapaz de conhecer a verdade, a imaginação inventa que a realidade foi criada por um Deus **transcendente** e, por vezes, voluntarioso, nas mãos de quem as pessoas não passam de joguetes. Transcendente é aquilo que está além das coisas deste mundo, fugindo à compreensão e à experiência humana.

Para combater essas superstições em sua origem, Espinosa escreveu a *Ética*, cujo texto expressa argumentos na forma de uma demonstração matemática. Nesse livro, busca demonstrar a natureza racional de Deus como um ser imanente, que se manifesta em todas as coisas. Esse **Deus imanente** não está nem fora nem dentro do universo; ele é o próprio universo. Por isso, Espinosa propunha a equação: **Deus = Natureza**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A equação de Espinosa significava que Deus é a natureza universal, em suas causas e seus efeitos. Portanto, tudo o que existe foi criado por Ele. No entanto, Deus não se separa das suas criaturas após tê-las criado. Em outras palavras, Deus se expressa em suas criaturas e elas, por sua vez, expressam Deus.

Nesse entendimento racionalista de Deus, não há lugar para tragédia nem para mistérios: tudo se torna compreensível à luz da razão. A filosofia teria o papel de desenvolver o conhecimento racional do Deus imanente. E a liberdade humana consiste em agir com base na compreensão da necessidade natural, isto é, na compreensão das determinações que emanam da natureza. Em outras palavras, **liberdade humana consistiria na consciência da necessidade**.

Marx: dialética liberdade-determinismo

De acordo com o filósofo Marx, os indivíduos não podem ser pensados de forma abstrata, como na filosofia de Hegel, nem de forma isolada, como nas filosofias de Ludwig Feuerbach (1804-1872), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e de tantos outros que Marx criticou.

Na visão de Marx, o sentido de liberdade forjado por esses autores implica que ser livre é poder fazer tudo o que se quer, desde que não prejudique os direitos dos outros. Isso pressupõe que todos devem ser considerados iguais perante a lei, mas não leva em conta as diferenças existentes entre os diversos grupos sociais que constituem uma sociedade. Desse modo, ignorando as relações sociais e as condições concretas de existência, essa concepção moral de liberdade deu origem a **indivíduos isolados** (mônadas sociais) formados por e para uma sociabilidade baseada em valores como a competitividade e a concorrência.

Essa concepção abstrata de liberdade constituiria uma das formas assumidas pela **ideologia dominante** de uma sociedade, pois difunde os valores considerados necessários à manutenção das relações sociais existentes. Para contrapô-la, Marx entende o desenvolvimento histórico-social como decorrente das transformações ocorridas no **modo de produção**, ou seja, na maneira como se organiza a produção material em um dado estágio de desenvolvimento social. Essa maneira depende do desenvolvimento das forças produtivas (a força de trabalho humano e os meios de produção, como máquinas, ferramentas etc.) e das relações sociais de produção (relação de senhor-escravo, senhor-servo, burguês-proletariado). Para Marx, pode-se falar em modo de produção escravista, feudal, capitalista etc.

STR/AFP/GETTY IMAGES

Consumidores aguardam, em fila, para adquirir um novo modelo de *smartphone* em loja de Hangzhou, na China. Fotografia de 2023. Um padrão de consumo que exerce forte influência sobre consumidores de todo o mundo certamente se estabelece conforme os ditames da ideologia dominante.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dica

Marx: uma introdução

Jorge Grespan. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

Com linguagem acessível, apresenta os principais conceitos desenvolvidos por Karl Marx em sua obra, traçando um panorama sintético e bastante didático do pensamento desse filósofo.

História e liberdade

De acordo com Marx, as grandes transformações históricas se deram principalmente no campo da economia, causadas por contradições geradas no interior do próprio modo de produção. Uma contradição ocorreu, por exemplo, quando, no final da Idade Moderna, a burguesia passou a deter poder econômico sem um correspondente poder político. Nesse sentido, a Revolução Francesa é, de modo geral, uma revolução burguesa.

Marx concebe uma história feita pelos sujeitos, que interferem no processo histórico e podem, dentro de certas condições materiais, transformar a realidade social, sobretudo se alterarem seu modo de produção. Não existe história sem sujeitos históricos. A história nada mais é do que a atividade dos seres humanos perseguindo seus objetivos.

É assim então que o materialismo histórico-dialético concilia a liberdade com a necessidade do determinismo. Nas palavras de Marx: "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado" (MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Nova Cultural, 1978. p. 329. (Coleção Os pensadores)).

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Com base no texto desta página e no da página anterior, responda: de que maneira Marx explica as relações entre liberdade e determinismo?**
2. **Com base em sua resposta à atividade anterior, faça uma reflexão sobre a frase de Marx que diz: "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem [...]". Relacione as ideias presentes nessa frase com a crítica feita pelo filósofo à concepção abstrata de liberdade. Por fim, organize suas ideias e redija um pequeno texto dissertativo-argumentativo sobre o assunto. Compartilhe seu texto com os colegas e o professor.**

FABIO TEIXEIRA/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

Professores se organizam em greve pela regularização do piso salarial, na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2023. A greve é um dos recursos utilizados pelos trabalhadores (proletariado) para reivindicar seus direitos e transformar a realidade social.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A violência: formas e causas

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

ODS 10

A questão da liberdade e do determinismo está intimamente ligada ao debate sobre as origens da violência e as formas pelas quais ela se apresenta. Até que ponto atos violentos são livres ou determinados?

Quando se fala em violência ou maldade, uma das primeiras coisas em que pensamos é no assassino, no ladrão, no corrupto, nos golpistas da internet, enfim, nos inúmeros criminosos que agridem pessoas e roubam o patrimônio alheio. Além disso, podemos pensar na violência dentro da família, geralmente contra mulheres, crianças e idosos.

Menos comum é pensarmos na violência institucionalizada pela opressão social, como a violência da miséria, da falta de moradia, do desamparo à saúde pública, do descaso pela educação, do racismo estrutural, e em violências que afetam, por exemplo, pessoas negras, indígenas, com deficiência e LGBTQIA+.

Também existe a violência do ser humano contra o meio ambiente, que provoca danos climáticos e desequilíbrios ecológicos. Por fim, há ainda a violência do ser humano contra si mesmo, que assume formas extremas nos casos graves de dependência química, automutilação e suicídio.

Assim, podemos dizer que a violência ou a maldade são formas de preconceito, injustiça, agressão praticadas pelo ser humano contra si próprio, contra outras pessoas (sociedade) ou contra a natureza.

No entanto, o que causa a violência ou a maldade? Ao refletir sobre esse assunto, a filósofa Hannah Arendt (1906-1975) reconheceu que o mal faz parte daquelas coisas das quais até mesmo as pessoas mais eruditas parecem não saber quase nada. Apesar das dificuldades, é possível identificar pelo menos duas respostas antagônicas sobre as causas da violência ou da maldade: a instintivista e a socioambientalista.

Saiba mais

Segundo estudiosos, o racismo estrutural não se refere, apenas, a atos discriminatórios isolados, mas, sim, a atos discriminatórios enraizados na sociedade, que fazem parte de um processo histórico mais amplo.

> A herança discriminatória da escravidão [...] em conjunto com a falta de medidas e ações que integrassem os negros e os indígenas na sociedade, como políticas de assistência social ou de inclusão racial no mercado de trabalho, gerou o que se entende por racismo estrutural, ou seja, uma discriminação racial enraizada na sociedade.

ROMUALDO, Julia Reis *et al*. O que é racismo estrutural? **Politize!** 22 jun. 2021. Disponível em: https://www.politize.com.br/equidade/o-que-e-racismo-estrutural/. Acesso em: 28 maio 2024.

Dica

Em um mundo melhor

Direção: Susanne Bier. Dinamarca, 2010. 119 minutos.

O enredo do filme se concentra na família de Anton, um médico que vive entre dois mundos: mora com a família na Dinamarca e trabalha em um campo de refugiados na África. Seu filho Elias é perseguido por um garoto mais velho no colégio onde estuda. A história muda de rumo quando Elias conhece Christian, novo aluno de sua escola. Cada personagem reage à violência de uma maneira diferente, despertando reflexões sobre como lidar com esse problema.

Classificação indicativa do filme *Em um mundo melhor*: não recomendado para menores de 14 anos.

IAN ROBLES/EYEPIX GROUP/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

Pessoas se refrescam em fontes de água em uma praça na Cidade do México, no México. Fotografia de 2024. Segundo os especialistas, as ondas de calor extremo enfrentadas nos últimos anos são expressão das mudanças climáticas, impulsionadas pela violência humana contra o meio ambiente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Instintivistas × socioambientalistas

Os instintivistas afirmam que a violência, concretizada nas guerras, nos crimes, na opressão social, na conduta autodestrutiva, é provocada por instintos inatos inscritos na genética de todos os seres humanos. Esse instinto agressivo busca sua descarga aproveitando certas ocasiões para se manifestar. No grupo de pensadores instintivistas destacam-se dois médicos austríacos: Sigmund Freud (1856-1939), criador da psicanálise, e Konrad Lorenz (1903-1989), criador da etologia. Há, entretanto, inúmeras divergências entre as concepções de Freud e Lorenz.

Os socioambientalistas negam que a violência seja um atributo inato do ser humano. Afirmam que o comportamento (pacífico ou violento) é moldado pela influência do ambiente em que se vive, isto é, pelos fatores sociais, econômicos, políticos. Assim, as diferenças de conduta entre as pessoas corresponderiam às diferenças socioambientais que teriam influenciado a personalidade dos indivíduos. No grupo socioambientalista destaca-se a corrente dos psicólogos behavioristas (do inglês *behavior*, "comportamento"), fundada pelo psicólogo John Watson (1878-1958) e desenvolvida pelo também psicólogo Burrhus Skinner (1904-1990).

Em resumo, para os instintivistas, o ser humano reproduz os impulsos orgânicos de sua espécie, ao passo que, para os socioambientalistas, o ser humano reage à influência de seu ambiente social. Para entender melhor essas diferentes concepções, vamos examinar o argumento do instintivista Konrad Lorenz.

AKG-IMAGES/ALBUM/FOTOARENA

Mãos do marionetista, fotografia de Tina Modotti, 1929. A metáfora do títere – da marionete – é utilizada para tratar do controle e da manipulação de pessoas. Para os instintivistas, esse controle provém dos instintos, para os socioambientalistas, do ambiente.

De acordo com Lorenz, o sentimento que nos possibilita distinguir o bem do mal provém essencialmente de características inatas. Para ele, é falsa a crença de que qualquer comportamento humano é moldável pelo ambiente social. Acreditar nisso poderia levar a consequências desastrosas. Nesse sentido, Lorenz cita o caso de um jovem assassino que, depois de matar uma pessoa, foi submetido a intenso tratamento psicoterapêutico. Posteriormente, foi considerado curado e posto em liberdade. Solto, o jovem cometeu, sucessivamente, mais quatro assassinatos. Foi preciso que o criminoso executasse cruelmente uma sequência de vítimas para que uma sociedade, movida pelo socioambientalismo, admitisse que esse jovem representava um perigo público.

Além dos instintivistas e dos socioambientalistas, há outra posição que sustenta o seguinte: o ser humano não é um títere, que só reage passivamente ao ambiente (socioambientalismo), e também não é prisioneiro dos instintos filogenéticos (instintivismo). O ser humano é natural e cultural. É um ser complexo, multideterminado, que age e reage, cria e copia sentidos para a vida.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os valores morais

De modo geral, as condutas dos indivíduos podem variar entre dois extremos, o do consentimento e o da negação da moral vigente, constituindo o que podemos chamar de **escolhas morais**.

Na escolha moral estão em jogo tanto fatores objetivos como subjetivos. Os **fatores objetivos** estão relacionados aos costumes e às normas estabelecidos, bem como à educação e à cultura em geral. Os **fatores subjetivos** estão ligados à liberdade e à responsabilidade pessoal.

Uma primeira possibilidade de escolha é a da ação **moralmente boa ou correta**, que ocorre quando o indivíduo adere conscientemente a uma norma moral e a cumpre, reconhecendo-a como legítima. É o caso, por exemplo, de alguém que trata de maneira respeitosa as outras pessoas por entender que todos merecem respeito.

Entretanto, uma pessoa pode entender que todos merecem respeito e, ainda assim, ser desrespeitosa. É o caso, por exemplo, de quem compreende que sua ação é **moralmente má ou incorreta**, isto é, que contraria determinada norma moral baseando-se em um desejo particular. É como se o indivíduo abrisse uma exceção para fugir da norma. Um exemplo é quando alguém é indelicado com outra pessoa por um motivo banal (pressa, mau humor etc.), embora reconheça que a atitude correta é demonstrar respeito por todos.

Outra possibilidade ocorre quando o indivíduo recusa conscientemente uma norma moral por entendê-la inadequada ou ilegítima. Essa situação caracteriza-se como um **conflito ético**, que aponta para uma ruptura com a moral vigente. Um exemplo dessa conduta é o uso de biquínis na década de 1970 nas praias brasileiras, que confrontou a moral vigente da época sobre o grau de exposição pública do corpo feminino.

Dica

As virtudes morais

Marco Zingano. São Paulo: Martins Fontes, 2013. (Coleção Filosofias: o prazer do pensar).

Nesse livro, o professor Marco Zingano aborda com atualidade o tema das virtudes morais, discutindo, além dos conceitos de bom e mau, valores como o altruísmo, a amizade e o amor.

HULTON-DEUTSCH COLLECTION/CORBIS/GETTY IMAGES

A atriz alemã Marlene Dietrich. Fotografia da década de 1930. A atriz confrontou a moral de sua época ao usar calças publicamente, em um período em que o uso desse tipo de traje por mulheres era malvisto e recriminado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O que são valores?

Vivemos todos os dias cercados por situações e coisas pelas quais manifestamos algum tipo de preferência. Isso significa que não somos indiferentes. Ser indiferente é não sentir, não perceber, não julgar, não se interessar por nada. Podemos dizer que o valor se caracteriza pela não indiferença entre o sujeito que aprecia e o objeto apreciado.

O valor, ou essa não indiferença do sujeito perante o objeto, pode ter um caráter positivo ou negativo. Melhor: o valor necessariamente tem de ser positivo ou negativo, porque o ponto neutro (a indiferença) seria a ausência do valor.

Como não somos indiferentes ao mundo, valorizamos as coisas que consideramos úteis, justas, boas, belas, prazerosas etc. Da mesma maneira, desvalorizamos a inutilidade, a injustiça, a maldade, a feiura, a dor. Há um campo da filosofia que se dedica ao estudo dos valores: a **axiologia** (do grego *axia* = "valor" + *logia* = "estudo").

Os estudos axiológicos procuram responder questões como: qual é a origem dos valores? Os valores são subjetivos ou objetivos? São universais ou particulares? Analisemos como algumas correntes filosóficas respondem a essas questões.

Saiba mais

No texto a seguir, a filósofa Simone de Beauvoir propõe de que forma os valores aparecem aos olhos de uma criança, o que nos faz refletir sobre a possibilidade de os valores serem constituídos socialmente e precederem nossa existência.

> O que caracteriza a situação da criança é que ela se encontra lançada num universo que ela não contribuiu para constituir, que foi moldado sem ela e que lhe aparece como um absoluto ao qual só pode submeter-se; aos seus olhos, as invenções humanas: as palavras, os costumes, os valores são fatos dados, inelutáveis como o céu e as árvores; isso quer dizer que o mundo em que ela vive é o mundo da seriedade, uma vez que o próprio do espírito da seriedade é considerar os valores como coisas prontas. E isso não significa que a própria criança seja séria; ao contrário, a ela é permitido brincar, despender livremente sua existência [...]. O mundo verdadeiro é o dos adultos, [...] ela acredita no ser de seus pais, de seus professores: ela os toma pelas divindades que eles em vão tentam ser e cuja aparência eles se comprazem a imitar diante de olhos ingênuos; as recompensas, as punições, os prêmios, as palavras de elogio ou de acusação insuflam nela a convicção de que existem um bem, um mal, fins em si, como existem um sol e uma lua [...].

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 35-36.

WARNER BROS/EVERETT COLLECTION/FOTOARENA

Fotograma do filme *Sonhos*, dirigido por Akira Kurosawa, 1990. Em um dos contos apresentados no filme, um camponês de 103 anos de idade provoca a reflexão dos mais jovens sobre a importância de cultivar valores simples e que aproximem o ser humano do meio ambiente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Subjetivismo axiológico

Para os subjetivistas, as coisas e as ações não têm valor em si mesmas. Eles defendem que o valor decorre da preferência de um sujeito. E de onde surgem essas preferências? Essas preferências se desenvolvem de acordo com a história de vida de cada pessoa, que é única. Portanto, o sujeito é a medida de todas as coisas, e, por isso, o valor varia no tempo e no espaço.

Quando alguém gosta de um filme, considerando-o bom, poderíamos supor que esse filme traz, em si mesmo, um ótimo roteiro, excelentes atores, uma bela fotografia etc. Porém, os subjetivistas dirão que, em última instância, uma pessoa gosta de um filme porque ele despertou a emoção dela, suas memórias, tocou em suas experiências de vida.

Outro exemplo de subjetivismo é encontrado no provérbio popular "Quem ama o feio, bonito lhe parece". Esse provérbio mostra que o sujeito, movido pelo amor, transfere qualidades à coisa que ama. Nesse sentido, os subjetivistas não acreditam na existência de valores universais, válidos para todas as pessoas.

Objetivismo axiológico

Para os objetivistas, as coisas e as ações têm valor em si mesmas. Eles defendem que o valor decorre de propriedades intrínsecas das coisas que as tornam, por exemplo, úteis, belas, boas, verdadeiras, justas.

A frase popular "A mentira tem pernas curtas" reflete uma posição objetivista. Isso ocorre por afirmar que a mentira, aquilo que é falso ("pernas curtas"), pode até nos iludir por um momento, mas não se sustenta por muito tempo, pois a verdade acabará se impondo. Isso demonstra que existe uma verdade objetiva.

Para os objetivistas, de onde vêm os valores? Uma das respostas seria a seguinte: os valores vêm do mundo das ideias, do mundo dos seres absolutos, imutáveis e universais. Nesse sentido, os valores existem em si e por si mesmos. No entanto, as coisas do mundo real refletem algo da essência desses valores ideais.

Assim, os valores em si não mudam, mas os objetos que os refletem podem mudar com o tempo. Por exemplo, considerando um objeto cortante, podemos dizer que uma lasca afiada era útil no Paleolítico, enquanto uma serra elétrica é útil em nossos dias. O objeto útil muda conforme a época. Mas o valor utilidade permanece.

VINCENT VAN GOGH - MUSEU VAN GOGH, AMSTERDÃ

Os sapatos, pintura de Vincent van Gogh, 1886. Nessa tela, o pintor representa a utilidade intrínseca a um utensílio em específico: o par de sapatos de uma camponesa, desgastado pelo uso diário, úmido pelo contato com a terra.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Historicidade axiológica

Para uma terceira corrente, os valores não dependem apenas das vivências de cada sujeito nem existem em si nas coisas ou no mundo ideal. Então, onde eles existem? Existem na relação histórico-social que se estabelece entre o sujeito e seus objetos. Nesse sentido, o filósofo Adolfo Sánchez Vázquez (1915-2011) define:

> [...] o valor não é propriedade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças à sua relação com o homem como ser social. Mas, por sua vez, os objetos podem ter valor somente quando dotados realmente de certas propriedades objetivas. [...]
>
> É o homem – como ser histórico-social e com a sua atividade prática – que cria os valores e os bens nos quais se encarnam [esses valores], independentemente dos quais só existem como projetos ou objetos ideais. Os valores são, pois, criações humanas, só existem e se realizam *no* homem e *pelo* homem.
>
> As coisas não criadas pelo homem (os seres da natureza) só adquirem um valor entrando numa relação especial com ele, integrando-se no seu mundo como coisas humanas ou humanizadas.
>
> VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 121.

Segundo essa visão, o valor não é algo que reside somente no objeto, tampouco somente no sujeito; ele é construído na **relação histórica** entre o sujeito e o objeto.

ALBERT BIERSTADT - GALERIA THE ST. JOHNSBURY ATHENAEUM, ST. JOHNSBURY

As montanhas do Yosemite, pintura de Albert Bierstadt, 1867. Para o filósofo Adolfo Sánchez Vázquez, as coisas não criadas pelos seres humanos (ou seja, as coisas da natureza) adquirem valor ao integrar o mundo humano como coisa humanizada.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Segundo Adolfo Sánchez Vázquez, "os valores são, pois, criações humanas". Ainda de acordo com esse filósofo, como os valores são criados pelos seres humanos?
2. Organize um pequeno esquema (mapa mental, tabela ou resumo em tópicos, por exemplo) para identificar as diferenças entre as ideias de Adolfo Sánchez Vázquez, as dos filósofos subjetivistas e as dos objetivistas no que se refere aos estudos dos valores.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pluralismo axiológico

Na mesma linha de pensamento da historicidade axiológica, o filósofo Isaiah Berlin (1909-1997) defendia o pluralismo dos valores ou **pluralismo axiológico**. Para ele, os valores são produzidos historicamente e, por isso, não podem ser rigidamente enquadrados numa escala única aplicável a todos os povos, antigos e modernos, ocidentais e orientais etc. Assim, é impossível estabelecer, de modo universal, uma ordem hierárquica de valores que desconsidere a diversidade cultural.

Segundo Berlin, a pretensão de impor uma hierarquia absoluta de valores para todas as pessoas provocaria formas implacáveis de tirania política. Ao contrário disso, o pluralismo axiológico é característico das democracias que promovem a convivência dos "diferentes". Trata-se de uma convivência pacífica que tem como base o respeito recíproco de uns com os outros.

O pluralismo axiológico vincula-se, de certa forma, ao **relativismo ético**, para o qual a moral é fruto de padrões culturais, que, por sua vez, variam no tempo e no espaço. Assim, a ética dependeria da ótica cultural, isto é, de perspectivas socialmente construídas.

Admitindo a existência de várias moralidades, o pluralismo dos valores defende que a virtude não se reduz a um mandamento a ser aplicado a ferro e fogo. A virtude estaria voltada para a busca de consensos, da tolerância e do respeito pelo outro, em prol de uma **cultura da paz**.

Dica

Isaiah Berlin: liberdade e pluralismo

Produção: Café Filosófico CPFL. Brasil, 2 abr. 2023. 45 minutos.

Nesse episódio do Café Filosófico, disponível em plataformas de vídeo da internet, o filósofo Eduardo Wolf discute as ideias de Isaiah Berlin, relacionando-as aos conceitos de pluralismo de valores, liberdade, conflito e busca pela paz.

TED STRESHINSKY/CORBIS/GETTY IMAGES

Jovens ligados ao movimento *hippie* assistem a uma apresentação de música em São Francisco, nos Estados Unidos. Fotografia de 1967. O movimento *hippie*, surgido nos Estados Unidos durante a década de 1960, defendeu a cultura da paz contrapondo-se ao militarismo e à Guerra do Vietnã (1955-1975). Na faixa, em inglês, é possível ler: "Amor". O lema "paz e amor" e outras mensagens enfatizando o pacifismo eram usados pelos integrantes do movimento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dica

A conquista do voto feminino no Brasil

Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2013/Abril/serie-inclusao-a-conquista-do-voto-feminino-no-brasil. Acesso em: 8 ago. 2024.

Texto sobre a trajetória das mulheres na conquista do voto feminino no Brasil.

História e valores

Estudamos que o sistema moral de cada grupo social é elaborado ao longo do tempo e espaço, tendo como fonte os valores reconhecidos por uma sociedade. A origem última desses valores permanece uma discussão em aberto.

De modo geral, os valores são adquiridos pelos indivíduos por meio de um processo de transmissão da cultura. Cada pessoa assimila, desde a infância, as noções de bem e de mal, que se desdobram na construção dos sistemas de direitos e obrigações que regulam a vida social.

Além de seu caráter social, a moral tem dimensões individuais, que dizem respeito à consciência íntima de cada pessoa. Isso significa que, por um lado, compartilhamos um conjunto de normas coletivas; por outro, podemos refletir sobre essas normas, reinterpretá-las e rejeitá-las, se for o caso. Afinal, não somos culpados pelo mundo que encontramos ao nascer, mas, conforme nossas possibilidades, podemos fazer algo pelo mundo que está sendo construído (ou destruído).

Na história, há vários exemplos de pessoas que não se submeteram às normas morais vigentes. Em alguns casos, essas transgressões, apesar de terem sido iniciadas de maneira individual, rapidamente ganharam caráter coletivo. Além disso, a insubmissão pôde se traduzir em questionamento e resistência contra normas opressoras. Isso aconteceu, por exemplo, no caso da Revolta da Chibata (1910), quando marujos se rebeleram contra os castigos físicos impostos pelo código disciplinar da Marinha brasileira. João Cândido (1880-1969), líder da revolta, passou para a história como o "almirante negro" que acabou com o castigo da chibata na Marinha do país.

Há muitos exemplos históricos de transformações nos valores que, frequentemente, vieram acompanhadas da necessidade de alteração da legislação. É importante ressaltar que muitas dessas transformações não ocorreram de maneira espontânea, pois exigiram luta incessante de grupos vulnerabilizados. Foi o caso do direito de voto pelas mulheres, conquistado em vários países ocidentais durante o século XX.

UNDERWOOD ARCHIVES/GETTY IMAGES

A ativista estadunidense Rosa Parks tendo impressões digitais coletadas em Montgomery, nos Estados Unidos. Fotografia de 1956. Parks foi presa por se recusar a ceder seu lugar em um ônibus a uma pessoa branca. Sua atitude suscitou protestos e culminou na declaração de inconstitucionalidade de leis de segregação racial em transportes públicos.

LEONARDO MUNOZ/VIEWPRESS/GETTY IMAGES

Ativista protesta cortando o cabelo após morte de Mahsa Amini, no Irã. Manifestação em Nova York, nos Estados Unidos. Fotografia de 2022. Naquele ano, Mahsa Amini foi presa e assassinada pela "polícia da moralidade" em Teerã, no Irã, por supostamente infringir lei que exige que as mulheres cubram o cabelo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Revolução da mulher

Na história de diversas sociedades, são abundantes os exemplos de normas morais e jurídicas que proibiam as mulheres de estudar, sair de casa, escolher o marido, participar das decisões políticas, adquirir patrimônio em nome próprio etc. Desse modo, a maioria das mulheres foi subjugada e quase todos os espaços de poder foram (e ainda são majoritariamente) ocupados por homens.

No mundo ocidental, as conquistas sociais femininas ganharam força, sobretudo a partir do século XIX. Essas lutas foram impulsionadas por **movimentos feministas** que reivindicam **igualdade de direitos**, respeitando as **diferenças entre os gêneros**. No século XVIII, a filósofa feminista Mary Wollstonecraft (1759-1797) afirmou que o objetivo não era que as mulheres tivessem poder sobre os homens, mas, sim, poder sobre si mesmas.

Entre as reivindicações feministas estavam: direito ao voto político, direito de ser eleita para cargos públicos, acesso igualitário à educação, equidade salarial entre homens e mulheres, fim da violência doméstica e sexual.

Muitas dessas lutas mudaram o panorama ocidental do século passado, a ponto de o filósofo e jurista Norberto Bobbio (1909-2004) afirmar que a grande transformação do século XX foi a revolução da mulher. Alguns marcos dessas conquistas no Brasil foram o direito ao voto (1932), o uso da pílula anticoncepcional (década de 1960), a Lei Maria da Penha (2006), cujo objetivo é punir e coibir a violência doméstica, e a Lei do Feminicídio (2015), que tornou homicídio qualificado o assassinato de mulheres cometido em razão de seu gênero.

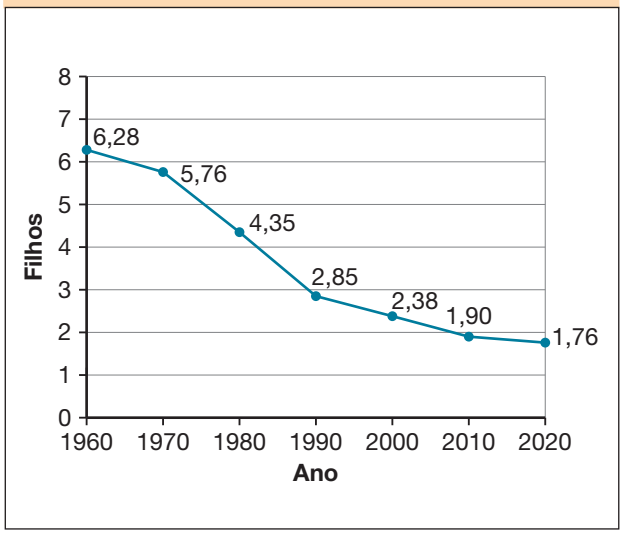
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MARCHA ZUMBI ESTÁ VIVO/ARQUIVO JANUÁRIO GARCIA/ ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

OBJETO DIGITAL *Podcast*: O feminismo e as redes sociais

A antropóloga e filósofa brasileira Lélia Gonzalez (ao centro) discursa em ato público na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 1983. Lélia dedicou sua carreira à pesquisa sobre relações de gênero e etnia, principalmente sobre a condição das mulheres negras no Brasil.

Brasil: taxa de fecundidade – 1960-2020



ERICSON GUILHERME LUCIANO /ARQUIVO DA EDITORA

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Considerando que a taxa de fecundidade é o número médio de filhos por mulher na idade fértil (de 15 a 49 anos), compare as taxas da década de 1960 e de 2020.**
2. **Com base em conhecimentos prévios e nos dados apresentados, formule hipóteses para explicar de que modo a mudança na taxa de fecundidade entre 1960 e 2020 reflete conquistas das mulheres no Brasil.**

ODS 5

Fonte: YAZBEK, Priscila; LOPES, Léo. Impacto econômico do envelhecimento da população pode ser adiado, diz presidente do IBGE. **CNN Brasil**, 12 jan. 2022. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/impacto-economico-do-envelhecimento-da-populacao-pode-ser-adiado-diz-presidente-do-ibge/. Acesso em: 5 fev. 2024.

Instrumentos de proteção às mulheres

O texto a seguir aborda questões referentes ao feminicídio, ou seja, o homicídio de uma mulher pela condição de ser mulher. As motivações para o feminicídio estão ligadas à misoginia, condição de ódio e repulsa às mulheres, e a contextos de violência doméstica e familiar.

O texto também aborda a importância de uma lei que puna esse tipo de crime e a necessidade de criar instrumentos de proteção contra ameaças à mulher.

É importante notar que as discussões sobre o combate à misoginia e sobre a proteção das mulheres em casos de feminicídio se relacionam, também, com comportamentos enraizados na sociedade e que refletem, muitas vezes, o sexismo ainda existente. O sexismo está ligado à ideia de que um sexo é "melhor" e mais "competente" que o outro (no caso, o sexo masculino, em sociedades marcadas pelo machismo). Também pode ser entendido como uma atitude que define um comportamento padrão para homens, de um lado, e mulheres, de outro – como se existissem costumes e comportamentos a serem respeitados por cada sexo. A ideia de que mulheres não devem exercer determinadas profissões, e de que estas profissões seriam "destinadas" aos homens, por exemplo, é sexista.

> O principal ganho com a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015) é justamente tirar o problema da invisibilidade [quanto à violência contra a mulher]. [...] a tipificação [do crime] é vista por especialistas como uma oportunidade para dimensionar a violência contra as mulheres no país, quando ela chega ao desfecho extremo do assassinato [...].
>
> A preocupação em criar uma legislação específica no Brasil para punir e coibir o feminicídio segue uma tendência crescente entre organizações internacionais: órgãos da ONU discutem a criação de protocolos para investigar e enfrentar o problema, enquanto outros 15 países latino-americanos já criaram leis específicas ou com dispositivos para lidar com o assassinato de mulheres. [...]
>
> Profissionais que atendem mulheres em situação de violência salientam a importância de reconhecer e não subestimar a ameaça e outras formas de violência psicológica. Com frequência, por não deixarem evidências aparentes, esses casos acabam sendo considerados menos importantes pelos profissionais da rede de atendimento ou até pela própria vítima. [...]
>
> A violência psicológica é considerada pela Organização Mundial da Saúde como a forma mais presente de agressão intrafamiliar à mulher, que, apesar de não deixar marcas físicas evidentes, é uma grave violação dos direitos humanos das mulheres, que produz reflexos diretos na sua saúde mental e física. [...] O não reconhecimento da gravidade da violência contra as mulheres e de suas raízes discriminatórias concorre [...] para que as agressões aconteçam [...] [e] também auxiliam a manter a situação de violência até o extremo do assassinato. Age também como um obstáculo para que muitas mulheres não busquem ajuda para sair da situação de violência e, ainda, para que, quando buscarem, não sejam devidamente acolhidas.
>
> INSTITUTO Patrícia Galvão. **Dossiê violência contra as mulheres**. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/. Acesso em: 6 set. 2024.

LUIZ RAMPELOTTO/EUROPANEWSWIRE/PICTURE-ALLIANCE/DPA/IMAGEPLUS

A política sul-africana Phumzile Mlambo-Ngcuka (ao centro), diretora executiva da ONU Mulheres, em sessão na sede das Nações Unidas, em Nova York, nos Estados Unidos. Fotografia de 2020. Na ocasião, ela e sua equipe participam do lançamento de um documento que trata dos direitos das mulheres.

Dica

ONU Mulheres – Brasil

Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/. Acesso em: 29 maio 2024.

A ONU Mulheres, ligada à Organização das Nações Unidas, foi criada em 2010 para fortalecer a defesa dos direitos das mulheres. A sede da instituição está em Nova York, nos Estados Unidos. Há escritórios regionais em diversos outros lugares do mundo, incluindo o Brasil. Na página, há informações sobre a ação dessa instituição no Brasil, com textos, fotos, artigos, vídeos e informativos sobre campanhas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

BETTMANN/GETTY IMAGES

Elvis Presley cantando em um programa de televisão nos Estados Unidos. Fotografia de 1956.

DAVID REDFERN/REDFERNS/GETTY IMAGES

Jimi Hendrix se apresentando em festival de música nos Estados Unidos. Fotografia de 1970. Hendrix é considerado um dos maiores guitarristas de todos os tempos e um dos músicos mais influentes da história do *rock*.

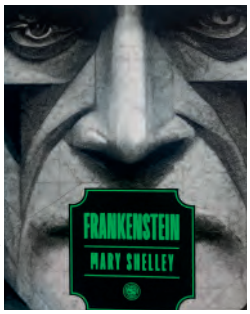
Rock: uma revolução dos costumes

A palavra *rock* é a abreviação de *rock and roll* (ou *rock'n'roll*), que, em inglês, significa "balançar e rolar". Esse gênero surgiu nos anos 1950, nos Estados Unidos e na Inglaterra, de onde saíram figuras como Elvis Presley (1935-1977), Bob Dylan, Jimi Hendrix (1942-1970) e David Bowie (1947-2016).

Influenciado sobretudo pelo *blues*, pelo *jazz* e pela *country music*, o *rock* tem um ritmo marcado por batidas intensas e vibrantes. Ele ultrapassa o campo da música, manifestando os anseios de liberdade de uma juventude por vezes reprimida sexual e moralmente. Assim, de certo modo, revolucionou comportamentos, descontraindo modos de dançar, falar, vestir etc.

O surgimento e a popularização do *rock* nas décadas de 1950 e 1960 coincidiram com os movimentos de descolonização da África e da Ásia de suas tradicionais metrópoles. Em outra dimensão, o *rock*, com sua dança descontraída, seus requebrados, representou uma espécie de descolonização de uma juventude em relação a suas "metrópoles morais", que disciplinavam seus modos de ser, como famílias tradicionais, igrejas, escolas autoritárias e trabalhos burocráticos.

Os grandes *shows* e festivais de *rock* se tornaram megaproduções que continuam atraindo grande parcela da juventude. O *rock* é um bom exemplo de um paradoxo: transformou-se em um produto comercial massificado, embora em suas origens fosse transgressor e singular.



REPRODUÇÃO/CLUBE DE LITERATURA CLÁSSICA

Capa do livro *Frankenstein*, de Mary Shelley, ilustrado por Vicente Pessôa com o auxílio de inteligência artificial generativa, 2022. No mundo editorial, o uso de inteligência artificial suscita, ainda, questões sobre direito autoral.

OBJETO DIGITAL
Infográfico clicável: Inteligência artificial (IA) no recrutamento de RH

Ética e inteligência artificial

Leia, a seguir, trechos de um texto sobre ética e inteligência artificial, escrito por Ana Cristina Bicharra Garcia, professora e pesquisadora de informática aplicada. O texto discute como a inteligência artificial pode reproduzir preconceitos estruturais da sociedade, o que exige reflexões éticas.

A transformação digital vem fomentando o uso de técnicas de Inteligência Artificial (IA) por empresas e por governos. A realidade é que o cidadão mal se dá conta de que interage com sistemas inteligentes o tempo todo, seja numa simples compra de cartão de crédito, seja recebendo dicas no seu canal preferido de *streaming*. [...]

Entretanto, apesar dos avanços e benefícios que a IA, em especial o aprendizado de máquina, vem trazendo, pesquisadores têm alertado para exemplos de vieses e preconceitos exacerbados por sistemas inteligentes. [...]

Como funciona a inteligência artificial e o aprendizado de máquinas

Para discutirmos o uso da IA, seus benefícios e suas limitações, devemos antes entender o seu funcionamento. A IA é uma área da computação voltada a desenvolver algoritmos e sistemas capazes de realizar tarefas que demandam habilidades associadas à inteligência humana. Dentre os exemplos mais conhecidos do uso da IA, encontramos a capacidade de poder se comunicar conosco na nossa linguagem, como os assistentes pessoais dos nossos celulares [...]. O emprego de técnicas de IA deve fazer com que a máquina possa ainda planejar sequências de atividades para alcançar metas, como nos sistemas inteligentes que sabem jogar xadrez; [e] raciocinar para resolver problemas complexos, como nos sistemas de diagnóstico médico [...].

[...]

[...] A inteligência da máquina depende da qualidade dos dados e dos exemplos a que ela é submetida, e vai reproduzir o conhecimento que está impregnado nesses dados. Não é o suficiente se garantir que os dados estejam corretos. Esta seria a premissa básica, mas não é suficiente. Se a máquina receber dados e informações carregados de vieses e preconceitos de raça, de gênero, [...] de forma física ou de qualquer outro traço, ela irá não só aprender com eles como perpetuá-los, durante o seu processo de aprendizado, quando exposta a novos dados. [...]

Dados não são neutros

Em 2016, um concurso de beleza chamou a atenção da mídia, pois se colocava como o primeiro certame cujos julgadores seriam máquinas, isto é, o júri seria composto por robôs. A novidade divulgada pelos realizadores era que o júri seria composto exclusivamente por agentes artificiais ("júri-robô") gerados por inteligência artificial. [...] Esses robôs foram treinados para avaliar rugas, simetria facial, medidas faciais e uniformidade na coloração da pele antes de escolherem os homens e mulheres vencedores, considerando as várias categorias desde os 18 aos 69 anos de idade. Dessa forma, a promoção do evento garantia que o júri do projeto Beauty.AI escolheria as concorrentes mais atraentes, sem preconceitos [...] socioculturais. [...]

[...] Entretanto, quando os resultados foram revelados, tanto criadores quanto o público ficaram incomodados ao ver que havia um fator gritante ligando os vencedores: os robôs fortemente preteriram os participantes negros. Dos 44 vencedores, quase todos eram brancos, alguns eram asiáticos e apenas um tinha pele escura. [...] Ainda que a maioria dos participantes fosse branca, muitas pessoas negras enviaram fotos, incluindo-se grupos da Índia e da África. [...]

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O grupo de desenvolvedores e de promotores do concurso procurou prontamente comprovar que o sistema inteligente [...] não tinha sido construído para tratar a pele clara como um sinal de beleza. Então, o que teria levado os juízes robôs a chegar à escolha de mulheres brancas como vencedoras do concurso? Para discutirmos a causa do viés no resultado do concurso é preciso lembrar que foi usada aprendizagem de máquina para gerar o modelo do que era o belo. A base de treinamento usada foi com imagens de atores e atrizes de Hollywood que em sua grande maioria, na época, eram pessoas brancas. Embora tenha se especulado sobre uma série de razões pelas quais o algoritmo favorecia os brancos, o principal problema era que os dados que o projeto usou para estabelecer padrões de atratividade não incluíam minorias em quantidades suficientes. [...]

Dados têm validade

Além da inexistência de neutralidade nos dados, uma segunda característica que deve ser levada em conta diz respeito à validade do conhecimento. Consequentemente, as informações contidas nas bases de dados que guiam o aprendizado da máquina podem estar datadas. Logo, a tomada de decisão num momento ou determinado contexto histórico pode ser totalmente diferente de outro, pode ser até mesmo inaceitável. Em 2018, [...] [uma grande empresa de tecnologia] resolveu ampliar seu processo de recrutamento. Como sabia que iria receber milhares de currículos, decidiu investir em um sistema inteligente que faria uma pré-seleção dos currículos. Para treinar o sistema, ela contou com a vasta base de dados dos seus funcionários. O desejo dos projetistas e responsáveis pelo recrutamento era contratar pessoas que se ajustassem bem ao estilo da empresa. Entretanto, o resultado do processo seletivo foi parar nas páginas dos jornais. Nenhuma mulher foi pré-selecionada. E mais, nenhum homem que tivesse estudado em universidade com nome de mulher foi selecionado. A empresa pediu desculpas e disse que não era a sua intenção. O que não foi levado em conta pelos projetistas e desenvolvedores é que a presença de mulheres na área de computação e, mesmo no comércio eletrônico, é recente. A base de dados de funcionários da empresa era majoritariamente masculina. Portanto, os funcionários bem-sucedidos ao longo da história da empresa eram em sua grande maioria homens e foi isso que o sistema aprendeu. [...]

Considerações finais

[...] é preciso reconhecer e discutir as distorções que o emprego de técnicas de inteligência artificial não só exacerba, mas perpetua, como vieses raciais e desigualdades. Dados não são neutros. Eles registram decisões humanas que são processos de escolhas e tais escolhas podem estar impregnadas de preconceitos. Um sistema inteligente eficiente apreende dos dados tais preconceitos e os consolida. Mais grave ainda é que as decisões vindas da máquina vêm revestidas de mérito pela *performance* nas métricas matemáticas de acurácia e precisão, o que lhes confere uma pretensa aura de imparcialidade. É importante que os desenvolvedores entendam sua responsabilidade no desenvolvimento de sistemas inteligentes que sejam éticos para não reproduzirem em larga escala, através de algoritmos e redes de Inteligência Artificial, os vieses que os dados carregam. Entender o contexto na geração dos dados e no uso atual, estressar o sistema para identificar grupos que possam ser prejudicados com as respostas e criar sistemas que sejam capazes de explicar suas respostas são algumas das atitudes que privilegiariam a ética nos sistemas. Além disso, o cidadão tem que estar atento ao seu direito de resguardar sua privacidade e mesmo a propriedade de seus dados [...]. É preciso exigir das empresas e dos governos que seus sistemas inteligentes sejam transparentes [...].

GARCIA, Ana Cristina Bicharra. Ética e inteligência artificial. **Computação Brasil**, Porto Alegre, p. 14-18, 21, nov. 2020.

Atividades

Responda no caderno.

1. Segundo a autora, por que não basta garantir que os dados utilizados pela inteligência artificial estejam corretos?
2. De que forma a teoria da probabilidade, desenvolvida no campo da matemática, ajuda a entender os resultados do concurso de beleza e do processo de recrutamento mencionados no texto?
3. Quais são as principais formas de violência institucional que a inteligência artificial pode reproduzir e consolidar? Quem seriam as vítimas mais vulneráveis a esse tipo de violência no Brasil?
4. Em sua interpretação, o que significa fazer uso responsável da inteligência artificial? Argumente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

OFICINA

Responda no caderno.

1. Em sua opinião, quais são as grandes questões que a ética procura investigar e responder no mundo de hoje? Justifique.

2. Em que são semelhantes as normas morais e as normas jurídicas? O que as distingue? A que campo de estudo pertence cada uma?

3. Qual é a relação entre moral e liberdade? Argumente por meio dos seguintes conceitos: consciência moral, juízo, escolha e liberdade.

4. Só faz sentido julgar moralmente a ação de uma pessoa se essa ação foi praticada em liberdade. Explique essa afirmação e dê exemplos.

5. No pensamento de Hobbes não há lugar para a liberdade. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

6. Por que para Espinosa a liberdade consiste na consciência da necessidade?

7. Como se expressa, no âmbito da moral, a relação dialética entre o indivíduo e a sociedade? Quando ocorrem transformações nas normas morais?

8. Com base nas distinções feitas neste capítulo, analise e compare as seguintes escolhas morais:

a. a ação correta e a ação incorreta;

b. a ação incorreta e a que expressa conflito ético.

9. Há pensadores que defendem o relativismo moral e outros que defendem a existência de um conjunto de valores comuns, válidos em todas as culturas, do qual podemos erguer as bases de um sistema moral. Nessa linha do objetivismo moral, insere-se o pensador Umberto Eco.

> Estou convencido de que certamente existem noções comuns a todas as culturas, e que todas elas se referem às posições de nosso corpo no espaço.
>
> Somos animais de postura ereta, por isso é cansativo permanecer muito tempo de cabeça para baixo e, portanto, temos uma noção comum de alto e baixo, tendendo a privilegiar o primeiro sobre o segundo. Igualmente temos noções de direita e esquerda, do estar parado e do caminhar, do estar em pé ou deitado, do arrastar-se e do saltar, da vigília e do sono. [...] sabemos o que significa bater em uma matéria resistente, penetrar em uma substância mole ou líquida, esmagar, [...] chutar, talvez até dançar. A lista poderia continuar longamente e compreender o ver, o ouvir, comer ou beber, [...] recordar, sentir desejo, medo, [...] prazer ou dor [...]. Portanto [...], temos concepções universais acerca do constrangimento [das normas]: não se deseja que alguém nos impeça de falar, ver, ouvir, dormir, [...] ir aonde quisermos; sofremos se alguém nos amarra ou mantém-nos segregados, nos bate, fere ou mata, nos sujeita a torturas físicas ou psíquicas [...].
>
> [...] Se nossos semelhantes tivessem respeitado esses "direitos do corpo" não teríamos tido [...] os cristãos no circo, [...] a fogueira para os hereges, os campos de extermínio [...].
>
> [...] A dimensão ética começa quando entra em cena o outro. Toda lei, moral ou jurídica, regula relações interpessoais, inclusive aquelas com um outro que a impõe.
>
> ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 93-95.

a. Por que o autor acredita que existem padrões objetivos em todas as culturas?

b. Baseando-se no texto, cite atividades que podem ser encontradas em todas as culturas.

c. Que tipos de normas objetivas podem ser deduzidas considerando nossa "corporalidade"? Dê exemplos.

10. Há pensadores que defendem que o ser humano tem uma essência, uma natureza própria, um conteúdo permanente que determina aquilo que somos. Outros pensadores, como Sartre, afirmam que a existência humana precede a essência, isto é, que o ser humano não tem uma natureza fixa e pronta (essência) que possa ser definida por algum conceito. "Isso significa que, primeiramente, existe o homem, ele se deixa encontrar, surge no mundo, e que ele só se define depois. E ele será tal como ele se fizer: O homem é aquilo que ele faz de si mesmo." (SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Nova Cultural, 1978. p. 24). Você concorda com Sartre? Baseando-se em suas experiências pessoais, reflita sobre esse tema e discuta-o com seus colegas.

11. A seguir, leia o texto do filósofo brasileiro Mario Sergio Cortella e responda às questões.

> A ideia de consciência sobre os propósitos está ligada à noção de valores. Quais são os meus valores? O que eu acho que vale e o que eu acho que não vale? A minha vida valerá de que modo? É uma vida com ou sem valia? Que valia eu quero colocar nela? Para que serve essa vida? Qual é o meu papel dentro da estrutura em que atuo? [...]
>
> O filósofo espanhol Ortega y Gasset afirmou "eu sou eu e minha circunstância [e se não a salvo não me salvo]". Quando chego numa relação afetiva ou num grupo de amigos, não estou absolutamente isento do que carrego na minha história. O meu caminhar é feito com todas as minhas coisas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ora, se Ortega y Gasset classifica o indivíduo não como uma mera identidade, mas levando em conta a sua história com outros, o mesmo vale em relação a essa questão.

Qual é o meu principal propósito de natureza ética? Me elevar, não ter uma vida degradante, mas elevar comigo toda a minha circunstância, aqueles que me acompanham. A ética entra nesse circuito porque o propósito da vida coletiva, e não só individual, deveria ser fazer com que a vida fosse melhor para todos e todas.

CORTELLA, Mario Sergio. **Por que fazemos o que fazemos?** São Paulo: Planeta, 2016. p. 91-92.

a. Explique o sentido da frase de Ortega y Gasset: "eu sou eu e minha circunstância".

b. Para Cortella, que tipo de valor deve se tornar o propósito ético de uma vida? Você concorda com ele? Que propósitos você já definiu para sua existência?

12. Em determinadas culturas, muitas práticas (como o divórcio, as relações homoafetivas e a autonomia feminina) foram proibidas ou moralmente condenadas. Ao longo do tempo, elas passaram a ser mais aceitas, embora ainda encontrem resistências em alguns setores da sociedade. Além disso, atualmente, novas práticas (como as da engenharia genética e da inteligência artificial) têm gerado conflitos éticos. Pesquise os argumentos de dois ou mais grupos envolvidos em um conflito ético. Em seguida, redija um texto dissertativo-argumentativo explicando esse conflito e identificando os valores que ele põe em jogo. Em seu texto, posicione-se criticamente sobre o conflito ético e apresente seu juízo sobre ele.

13. (UPE-PE) A violência em diversas modalidades é um fenômeno presente em todas as culturas. Essa questão é abordada pela filosofia, conferindo-lhe os seguintes sentidos:

I. Toda ação provocada pelo desconhecimento do sujeito às diretrizes da moral.

II. Uma ação contra a pessoa, percebida como exercício da força física e da coação psíquica, para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si, contrária aos seus interesses e desejos, contrária ao seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos, como a morte, a loucura, a autoagressão.

III. Uma ação do indivíduo contra o grupo, isto é, quando uma cultura e uma sociedade definem o que entendem por mal, crime e vício.

IV. Uma violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém.

V. Tudo aquilo que reduz um sujeito à condição de objeto.

Estão CORRETAS apenas

a. II e III.
b. II, IV e V.
c. I e III.
d. II e IV.
e. II, III, IV e V.

Mafalda, tirinha de Quino, 2003.

© SUCESSORES DE JOAQUÍN S. LAVADO TEJÓN (QUINO). TODA MAFALDA/FOTOARENA

14. (Enem-MEC)

A figura do inquilino ao qual a personagem da tirinha se refere é o(a)

a. constrangimento por olhares de reprovação.
b. costume imposto aos filhos por coação.
c. consciência da obrigação moral.
d. pessoa habitante da mesma casa.
e. temor de possível castigo.

15. (Unisc-RS) Apresentados os enunciados abaixo, qual deles melhor caracteriza o tema da ética filosófica?

a. A ética filosófica estuda a maneira como as pessoas agem dentro de determinada sociedade.
b. A ética filosófica consiste em um conjunto de normas relativas à vida sexual das pessoas.
c. A ética filosófica é o estudo das normas que regem o exercício de determinada profissão.
d. A ética filosófica é um discurso racional e argumentativo cujo objetivo é fundamentar critérios para avaliar as ações humanas, seja para louvá-las ou para censurá-las.
e. A ética filosófica consiste na explicação das normas de comportamento que se encontram na Bíblia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 6

Ética na história

Ao desenvolver a consciência reflexiva, o ser humano passou a fazer julgamentos, tomar decisões e agir no mundo com base em alguma reflexão ética, isto é, em concepções relativas ao bem e ao mal, ao justo e ao injusto.

Ao longo da história, os filósofos formularam diferentes concepções de ética. Alguns defendem que há valores morais universalmente válidos. Outros sustentam que os valores morais são relativos às pessoas e às sociedades. Uns acham que o bem consiste naquilo que é útil, enquanto outros o consideram um valor em si. Alguns afirmam que os valores morais do indivíduo dependem dos valores da sociedade, isto é, que o coletivo influencia o individual. Outros defendem que a ética é uma questão individual, que diz respeito à vida interior de cada um. Uns acreditam que a ética está baseada em valores teológicos transcendentes. Outros pensam que os valores são criados historicamente pelos seres humanos.

De modo geral, entendemos que a ética tanto influencia as condutas humanas quanto é influenciada historicamente por essas condutas. Além disso, torna-se difícil compreender os modos de agir dos grupos sociais sem entender seus pressupostos éticos, que estão culturalmente arraigados na estrutura das sociedades.

Neste capítulo, destacaremos alguns autores e teorias éticas que marcaram a história do pensamento.

FG TRADE/E+/GETTY IMAGES

Profissionais em um escritório unem as mãos em gesto que indica consenso e trabalho em equipe. Fotografia de 2022. Para muitos filósofos, desde os gregos antigos aos contemporâneos, os valores morais dependem da união e do consenso entre os sujeitos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Antiguidade

Os debates filosóficos sobre a conduta humana ganharam vigor na Antiguidade, principalmente a partir do século V a.C. Nesse período, a democracia se consolidou na cidade de Atenas e começou a se difundir pela Grécia antiga. Com isso, os cidadãos podiam participar da vida pública por meio da palavra e da razão. E muitos filósofos dedicaram sua atenção a questões éticas e políticas.

A seguir, destacaremos algumas concepções éticas dos sofistas e dos filósofos Sócrates (469 a.C.-399 a.C.), Platão (428 a.C.-347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.).

Sofistas: relativismo

Em grego, a palavra *sofista* significa "sábio" ou "mestre" (da raiz *sofia* = "sabedoria"). Na Grécia antiga, os sofistas eram professores viajantes que, por determinada quantia, vendiam ensinamentos práticos de filosofia. Levando em consideração os interesses dos alunos, davam aulas de eloquência e de sagacidade mental. Ensinavam conhecimentos úteis para o sucesso nos negócios públicos e privados.

O momento histórico vivido pelo mundo grego favoreceu o desenvolvimento dessa atividade praticada pelos sofistas. Era uma época de lutas políticas e de intenso conflito de opiniões nas assembleias. Por isso, os cidadãos mais ambiciosos sentiam necessidade de aprender a arte de argumentar em público e, assim, fazer prevalecer seus interesses pessoais.

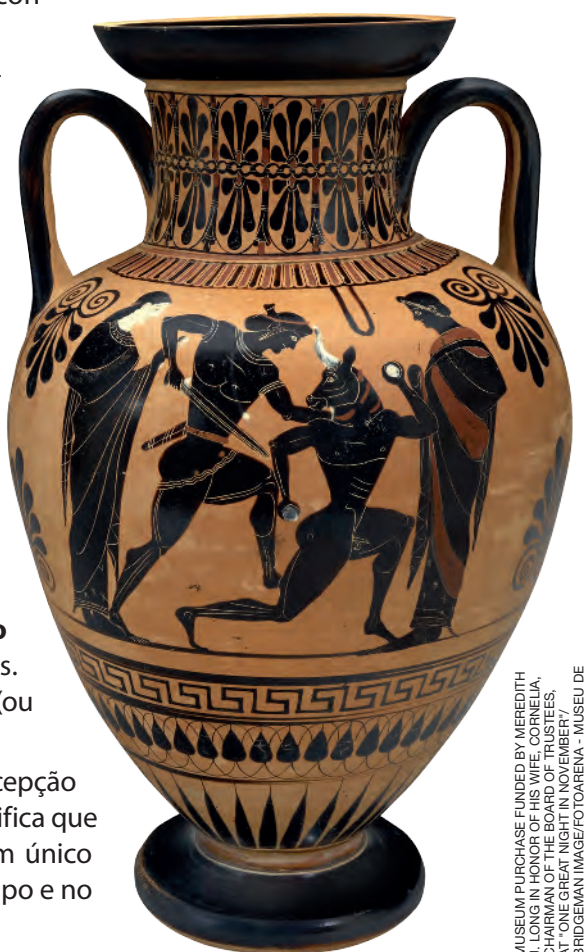
As lições dos sofistas tinham como objetivo o desenvolvimento da argumentação, da habilidade retórica, do conhecimento de doutrinas divergentes. Eles ensinavam raciocínios e concepções que seriam utilizados na arte de convencer as pessoas.

Essas características dos ensinamentos dos sofistas favoreceram o surgimento de concepções filosóficas relativistas sobre as coisas. Conforme o relativismo, não há uma verdade única, objetiva e absoluta.

Como afirma o filósofo contemporâneo André Comte-Sponville, para sofistas, "tanto a verdade quanto o valor são relativos ao sujeito que os diz [...]. Em suma, todo valor – inclusive o valor de verdade – resulta em certo arranjo, mais ou menos eficaz, do discurso" (COMTE-SPONVILLE, André. **Valor e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 38).

Na concepção de muitos sofistas, a verdade e o valor que a ela se atribui estão atrelados ao discurso que exprime certo ponto de vista (perspectivismo) ou interesse. Então, tudo seria relativo aos indivíduos ou grupos sociais, inseridos em momentos históricos, marcados por um conjunto de fatores e de circunstâncias que moldam as sociedades. Desse modo, **não** existiriam verdades e normas sociais universalmente válidas. Segundo essa ética relativista, o que é válido para uma pessoa (ou comunidade) pode não ser para outra.

O sofista Protágoras (c. 480 a.C.-410 a.C.) resumiu sua concepção na frase: "**O homem é a medida de todas as coisas**". Isso significa que as diversas realidades sociais não podem ser reduzidas a um único sistema de valores morais, pois essas realidades variam no tempo e no espaço, de acordo com as diferentes culturas.



Ânfora grega produzida no século VI a.C. A imagem que decora o objeto representa o episódio mítico em que o herói ateniense Teseu mata Minotauro. Os gregos antigos desenvolveram uma ética racionalista, de prevalência da razão sobre as paixões. O mal e as paixões desenfreadas eram representados por personagens monstruosos.

MUSEUM PURCHASE FUNDED BY MEREDITH J. LONG IN HONOR OF HIS WIFE, CORNELIA, CHAIRMAN OF THE BOARD OF TRUSTEES, 1947 "ONE GREAT NIGHT IN NOVEMBER"/ BRIDGEMAN IMAGE/FOTOARENA - MUSEU DE BELAS ARTES, HOUSTON

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sócrates: a essência humana

Nascido em Atenas, Sócrates é tradicionalmente considerado um marco divisório da história da filosofia grega. Por isso, os filósofos que o antecederam são chamados de **pré-socráticos**, e os que o sucederam, de **pós-socráticos**. O próprio Sócrates, porém, não deixou nada escrito. O que sabemos sobre ele e seu pensamento vem dos textos de seus discípulos e de seus adversários.

Na época em que viveu, Sócrates era frequentemente confundido com os sofistas. Porém, ao contrário deles, Sócrates opunha-se à relativização da moralidade e ao uso da retórica para atingir interesses pessoais. Além disso, ele não "vendia" seus ensinamentos. Desenvolvia o saber filosófico em praças públicas, em diálogo com os jovens. Aliás, o **diálogo socrático** se tornou um gênero literário utilizado por Platão e Xenofonte (c. 430 a.C.-354 a.C.), tendo Sócrates como personagem. Com isso, o filósofo demonstrava que era preciso unir a vida concreta ao pensamento. Unir o **saber** ao **fazer**, a **consciência intelectual** à **consciência prática ou moral**.

Tanto quanto os sofistas, Sócrates abandonou a preocupação dos filósofos pré-socráticos em explicar a natureza e se concentrou na problemática do ser humano. Apesar dessa semelhança, o filósofo ateniense travou uma polêmica profunda com os sofistas.

Sócrates procurava um fundamento último para as interrogações humanas: o que é o bem? O que é a virtude? O que é a justiça? Para ele, os sofistas situavam suas reflexões considerando dados empíricos, o sensório imediato, sem se preocupar com a investigação de uma essência (da virtude, da justiça, do bem etc.) com base na qual a própria realidade empírica pudesse ser avaliada.

A pergunta fundamental de Sócrates era: o que é o ser humano? Ou seja, qual é sua essência? Por isso, o **autoconhecimento** era um dos pontos básicos da filosofia socrática. A frase "Conhece-te a ti mesmo", inscrita no Oráculo de Delfos, era a recomendação básica feita pelo filósofo a seus discípulos.

Na concepção socrática, o conhecimento da essência humana seria universalmente válido (ao contrário do que sustentavam os sofistas), tendo caráter moral e prático. Assim, para ele, quem conhece o bem sempre age corretamente ou com virtude e quem age mal o faz por ignorância do bem. Decorre disso que ninguém pratica a maldade por vontade própria.

Segundo Sócrates, a essência do ser humano é sua **alma**, entendida como a sede da razão, nosso eu consciente, que inclui a consciência intelectual e a consciência moral. Para o filósofo, a alma racional distinguiria o ser humano de todos os outros seres da natureza. Por isso, sua ética é considerada racionalista.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

IVOTHEEDITORS/ISTOCK/GETTY IMAGES

Ruínas do Oráculo de Delfos, em Delfos, na Grécia. Fotografia de 2023. Esse oráculo, um dos mais importantes da Antiguidade, era um lugar de culto consagrado ao deus Apolo.

A condenação de Sócrates

Sócrates não dava importância à condição socioeconômica de seus discípulos. Dialogava com ricos e pobres, cidadãos e escravizados. O que importava eram as qualidades interiores de cada pessoa, pois essas condições eram indispensáveis ao processo de autoconhecimento.

Para a democracia ateniense, da qual não participava a maioria da população (composta de escravizados, estrangeiros e mulheres), Sócrates foi considerado uma ameaça social, um subversivo. Interessado na prática da virtude e na busca da verdade, contrariava os valores dominantes na sociedade ateniense. Por isso, recebeu a acusação de ser **injusto com os deuses da cidade** e de **corromper a juventude**. No final do julgamento, foi condenado a beber cicuta (veneno extraído de uma planta de mesmo nome).

Diante de seus juízes, Sócrates assumiu uma postura altiva e imperturbável, de quem nada teme. Permanecia absolutamente em paz com sua própria consciência. Se alguém lhe perguntasse "Não te envergonhas, Sócrates, de ter dedicado a vida a uma atividade pela qual te condenam à morte?", ele responderia: "Estás enganado, se pensas que um homem de bem deve ficar pensando, ao praticar seus atos, sobre as possibilidades de vida ou de morte. O homem de valor moral deve considerar apenas, em seus atos, se eles são justos ou injustos, corajosos ou covardes" (PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. p. 80. (Coleção Os pensadores)).

Por fim, Sócrates concluiu suas últimas palavras: "Bem, é chegada a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor destino, se eu, se vós, é segredo para todos, exceto para a divindade" (PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. p. 97. (Coleção Os pensadores)).

Foi assim que Sócrates procurou caracterizar sua vida. Construiu uma personalidade corajosa, guiando sua conduta pelo critério de justiça que encontrou como correto. Viveu conforme sua própria consciência. Morreu sem ter renunciado a seus mais caros valores morais.

JACQUES-LOUIS DAVID – MUSEU METROPOLITANO DE ARTE, NOVA YORK

A morte de Sócrates, pintura de Jacques-Louis David, 1787.

Dica

Sócrates

Direção: Roberto Rossellini. Itália, França e Espanha, 1971. 120 minutos.

O filme é uma espécie de biografia cinematográfica, narrando a condenação de Sócrates e o instante de sua morte. Na versão em DVD, o filme é acompanhado por uma aula do professor Roberto Bolzani, especialista em filosofia antiga.

Classificação indicativa do filme *Sócrates*: não recomendado para menores de 14 anos.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Na tela de Jacques-Louis David, qual figura representa Sócrates? Quais elementos possibilitaram identificá-lo?
2. Como os discípulos de Sócrates foram representados?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Platão: a ideia do bem

Tribunal dos Heliastas: tribunal composto de 500 cidadãos escolhidos por sorteio. Para fazer parte do tribunal, o indivíduo devia ser considerado cidadão, apresentar conduta ilibada (ou seja, íntegra e livre de suspeitas), ter ao menos 30 anos de idade e não possuir dívidas com o poder público.

O principal discípulo de Sócrates foi o filósofo ateniense Platão. Sua confiança na participação democrática ficou abalada após ver seu mestre ser condenado e executado pelo **Tribunal dos Heliastas**. Com essa desconfiança, Platão concebeu uma ética estreitamente ligada com sua política e metafísica.

Para o filósofo, havia um dualismo entre o **mundo sensível** e o **mundo inteligível**. O mundo sensível, que chega a nós pelos sentidos, seria formado por sensações transitórias, efêmeras, imperfeitas e mutáveis. Já o mundo inteligível, conhecido por meio da razão, seria constituído de ideias permanentes, eternas, perfeitas e imutáveis.

No mundo inteligível, a ideia de bem é: "a causa de tudo que é belo e direito, [...] fonte imediata da verdade e da inteligência, que precisará ser contemplada por quem quiser agir com sabedoria, tanto na vida pública como na [vida] particular" (PLATÃO. **A República**. Belém: Edufpa, 2000. p. 323).

Em relação aos seres humanos, Platão situou o corpo no mundo sensível e a alma no mundo inteligível. Haveria, então, uma superioridade da alma sobre o corpo. E a própria alma teria três partes hierarquizadas:

- **alma concupiscente** (ou apetite) – situada no ventre e ligada aos desejos carnais, como comer e beber;
- **alma irascível** (ou vontade) – localizada no peito e relacionada às paixões, como raiva, coragem, medo e orgulho;
- **alma racional** (ou razão) – situada na cabeça e vinculada ao conhecimento e à sabedoria.

Os desejos e as paixões estão presos ao corpo, ao mundo sensível, que é ilusório e enganoso. Por isso, o apetite e a vontade precisam ser governados pela razão para que o ser humano se eleve do mundo sensível ao mundo das ideias. É por meio dessa elevação que superamos as falsas impressões ligadas aos sentidos do corpo (tato, olfato, paladar, visão e audição) e atingimos a **ideia de bem**. Na caminhada em direção à ideia de bem, o ser humano não deve andar sozinho, mas, sim, com a sociedade. Portanto, no plano ético, o indivíduo bom é também o bom cidadão.

A condição humana, pintura de René Magritte, 1935. De acordo com Platão, a arte, por imitar as coisas do mundo sensível, estaria muito afastada da verdade, a qual se encontra no mundo inteligível.

© MAGRITTE, RENÉ/AUTVIS, BRASIL, 2024. BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA. MUSEU E GALERIA DE ARTE NORWICH CASTLE, NORWICH

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Saiba mais

Para expor suas doutrinas, Platão frequentemente criava alegorias, como o **mito da caverna**, que ajuda a compreender o processo do conhecimento.

De acordo com essa alegoria, a maioria dos seres humanos se encontra como prisioneira de uma caverna, permanecendo de costas para a entrada e de frente para a parede escura do fundo. Devido a uma luz que entra na caverna, o prisioneiro contempla na parede do fundo as sombras dos seres que passam na frente da caverna. Acostumado a ver somente essas projeções, iludia-se acreditando que as sombras eram a verdadeira realidade.

Se escapasse da caverna e alcançasse o mundo luminoso da realidade, ficaria livre da ilusão. Mas, estando acostumado às sombras, às ilusões, teria de habituar seus olhos à visão do real: primeiro olharia as estrelas da noite, depois as imagens das coisas refletidas nas águas tranquilas, até que pudesse encarar diretamente o Sol e enxergar a fonte de toda a luminosidade.

No mito da caverna, as sombras projetadas no fundo da caverna corresponderiam ao mundo sensível, ao passo que os objetos da realidade iluminada corresponderiam ao mundo inteligível.

Mentirinhas, tirinha de Fábio Coala, 2021.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Qual é a inversão do mito da caverna proposta pela tirinha desta página?**
2. **Que crítica está por trás dessa inversão?**
3. **Você concorda com o ponto de vista do cartunista? Explique.**

Aristóteles: a teoria das quatro causas

Aristóteles foi discípulo de Platão e também desenvolveu uma reflexão ética racionalista, mas sem o dualismo corpo-alma. Para isso, buscou a causa final do ser humano. O filósofo emprega o termo **causa** em sentido bastante amplo, isto é, no sentido de tudo aquilo que determina a realidade de um ser. Distingue, assim, quatro tipos de causas fundamentais:

- **causa material** – refere-se à matéria de que é feita uma coisa. Exemplo: o mármore utilizado na confecção de uma estátua;
- **causa formal** – refere-se à forma, à natureza específica, à configuração de uma coisa, tornando-a "um ser propriamente dito". Exemplo: uma estátua em forma de homem, e não de cavalo;
- **causa eficiente** – refere-se ao agente que produziu diretamente a coisa. Exemplo: o escultor que fez a estátua;
- **causa final** – refere-se ao objetivo, à intenção, à finalidade ou à razão de ser de uma coisa. Exemplo: o escultor tinha como finalidade exaltar a figura do soldado ateniense.

Segundo Aristóteles, a causa final comanda todas as demais. É a finalidade que determina do que as coisas são feitas (causa material) e qual é sua configuração (causa formal). É ela também que guia a intervenção de um agente transformador (causa final).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A felicidade no meio-termo

Com base na teoria das quatro causas, Aristóteles formulou uma pergunta fundamental: qual é o fim último do ser humano? A resposta encontrada pelo filósofo foi: a **felicidade**. Todos nós buscamos a felicidade. E o que Aristóteles entende por felicidade? Para ele, a felicidade não se confunde com o simples prazer, como o prazer das sensações ou o prazer proporcionado pela riqueza; a felicidade consiste na realização da essência humana.

Aristóteles considera que a essência do ser humano é a atividade racional, o ato de pensar. Ele define o ser humano como ser racional. Investigando a questão ética, o filósofo diz:

> [...] o que é próprio de cada coisa é, por sua natureza, o que há de melhor e mais aprazível [agradável]; e assim, para o homem, a vida conforme a razão é a melhor e a mais aprazível, já que a razão, mais que qualquer outra parte do homem, é o homem. Donde se conclui que essa vida é também a mais feliz.
>
> ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985. 1178a 5.

Portanto, para ser feliz, o ser humano deve viver de acordo com sua razão, sua consciência reflexiva, sua essência. E, orientando seus atos para uma conduta ética, a razão irá conduzi-lo à prática da virtude. E o que seria a virtude? Aristóteles explica:

> A virtude é [...] um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; [...] enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo.
>
> ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985. 1106b 35-1107a 5.

Para Aristóteles, a virtude representa o **meio-termo**, a justa medida de equilíbrio entre o excesso e a falta de um atributo qualquer. Por exemplo, a virtude da prudência é o meio-termo entre a precipitação e a negligência; a virtude da coragem é o meio-termo entre a covardia e a valentia insana; a perseverança é o meio-termo entre a fraqueza de vontade e a vontade obsessiva.

Mas note que esse ponto de equilíbrio não é fixo, isto é, não pode ser estabelecido de antemão, pois varia de acordo com a circunstância ou ocasião (onde, quando, quanto, com quem, com o quê, como etc.). Por exemplo: não é exatamente corajoso quem reage a um assalto à mão armada, ou seja, não é esse tipo de atitude que garante a excelência moral (no caso, a coragem) de uma pessoa. Sobre essas questões, Aristóteles considerava o seguinte:

> [...] tanto o medo como a confiança, o apetite, a ira, a compaixão e em geral o prazer e a dor podem ser sentidos em excesso ou em grau insuficiente; e, num caso como no outro, isso é um mal. Mas senti-los na ocasião apropriada, com referência aos objetos apropriados, para com as pessoas apropriadas, pelo motivo e da maneira conveniente, nisso consistem o meio-termo e a excelência característicos da virtude.
>
> ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985. 1106b 17-23.

Assim, aquele que se dedica à vida teórica, ao pensamento racional, pode identificar o meio-termo que guiará sua conduta para praticar a virtude e ser feliz. Todavia, no contexto histórico da Grécia antiga, marcada pela escravidão, poucos podiam se dedicar à vida teórica. Então, para Aristóteles, a maioria das pessoas aprenderia a agir corretamente pelo **hábito**, isto é, por meio da prática constante e reiterada de ações virtuosas.

Também é importante notar que, tanto em Platão como em Aristóteles, a **ética** estava vinculada à **vida política**. Aristóteles refere-se mesmo à política como uma continuação da ética, pois o ser humano necessita da vida em comum para alcançar a felicidade em sua plenitude.

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

Mulher ajuda cadeirante a atravessar a rua, usando faixa de pedestres, na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2023. Segundo Aristóteles, a virtude depende de sua prática, que se manifesta em nossos hábitos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ética estoica e epicurista

Em 338 a.C., o Império Macedônico conquistou a Grécia. A partir desse momento, começou o período helenístico, que teve seu auge sob a liderança de Alexandre Magno. Devido à expansão militar do Império Macedônico, o período helenístico caracterizou-se por um processo de interação entre a cultura grega clássica e a cultura dos povos orientais conquistados.

Na história da filosofia, a produção filosófica do período helenístico corresponde basicamente à continuação das atividades das escolas platônica (Academia) e aristotélica (Liceu), dirigidas, respectivamente, pelos discípulos dos dois grandes mestres, Platão e Aristóteles.

Há, porém, uma transformação em relação ao passado nesse período. Os valores gregos mesclam-se com as mais diversas tradições culturais. A antiga liberdade do cidadão grego, exercida na autonomia de suas cidades, é desfigurada pelo domínio macedônico.

Com o declínio da participação do cidadão nos destinos da cidade, a reflexão política também se enfraqueceu. O centro das reflexões éticas deslocou-se da vida pública para a vida privada, para a intimidade. As preocupações coletivas cedem lugar às preocupações individuais.

As principais correntes filosóficas desse período tratam da vida interior do sujeito. Formulam-se, então, diversos modelos de conduta, "artes de viver", "filosofias de vida". Parece que a principal preocupação dos filósofos é proporcionar aos indivíduos desorientados e inseguros com a vida social alguma forma de paz de espírito, isto é, alguma forma de felicidade interior em meio às atribulações da época. Um dos principais filósofos desse período, Epicuro (341 a.C.-270 a.C.), aconselhou às pessoas que se afastassem dos perigos e intranquilidade da vida política e buscassem a felicidade em sua vida privada. "Viva oculto", era um de seus ensinamentos.

Vamos indicar os elementos básicos das concepções éticas de duas correntes filosóficas desse período: o epicurismo, herdeiro de Epicuro, e o estoicismo, herdeiro de Zenão de Cício (cerca de 336 a.C.-264 a.C.).

Dica

Portal Grécia antiga

Disponível em: https://greciantiga.org/. Acesso em: 5 jun. 2024.

A página, em funcionamento desde 1997, apresenta muitos artigos sobre a história da Grécia na Antiguidade. Conteúdos e imagens sobre arte, ciência, filosofia, história, mitologia, música, esporte, literatura e religião na Grécia antiga estão organizados em seções temáticas.

ARCHIVES CHARMET/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - COLEÇÃO PARTICULAR

O jardim dos filósofos, pintura de Antal Strohmayer, 1834. Epicuro participou por algum tempo da vida intelectual de Atenas, mas, cansado de discussões que ele julgava inúteis, logo decidiu recolher-se com seus discípulos no jardim de sua casa, longe da agitação da cidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Epicurismo: prazer e ataraxia

O epicurismo, fundado por Epicuro, propunha que o ser humano deve buscar o prazer, pois, segundo essa corrente filosófica, o prazer é o princípio e o fim de uma vida feliz. Isso não pode ser confundido com um tipo de hedonismo marcado pela procura desenfreada dos prazeres mundanos.

Epicuro distinguia dois grandes grupos de prazeres. No primeiro grupo estavam os prazeres mais duradouros, que encantam o espírito, por exemplo: a boa conversação, a contemplação das artes, a audição da música etc. No segundo grupo estavam os prazeres mais imediatos, muitos dos quais movidos pela explosão das paixões e que, ao final, poderiam resultar em dor e sofrimento, como a gula, a luxúria e a vaidade.

O filósofo identificou o medo da morte como uma das principais fontes de todos os medos. Para combater esse temor, desenvolveu um argumento interessante:

> Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.
>
> Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado.
>
> Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos.
>
> EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 27-29.

MATHEUS JOSÉ MARIA

Público visita exposição *Dos Brasis – arte e pensamento negro*, no Sesc Belenzinho, na capital de São Paulo. Fotografia de 2023. Para Epicuro, a fruição artística está entre os prazeres duradouros.

Dessa forma, para que possamos desfrutar os grandes prazeres do intelecto, precisamos aprender a dominar os prazeres exagerados da paixão, como os medos, os apegos, a cobiça, a inveja. Os filósofos epicuristas buscavam a **ataraxia**, termo grego usado para designar o estado de ausência da dor, caracterizado pela quietude, pela serenidade e pela imperturbabilidade da alma.

Para os filósofos epicuristas, a ataraxia, que, como vimos, é o estado de ausência da dor, pode ser alcançada por meio da busca racional, moderada e serena de prazeres mais duradouros, e não de prazeres imediatos.

Enfoque

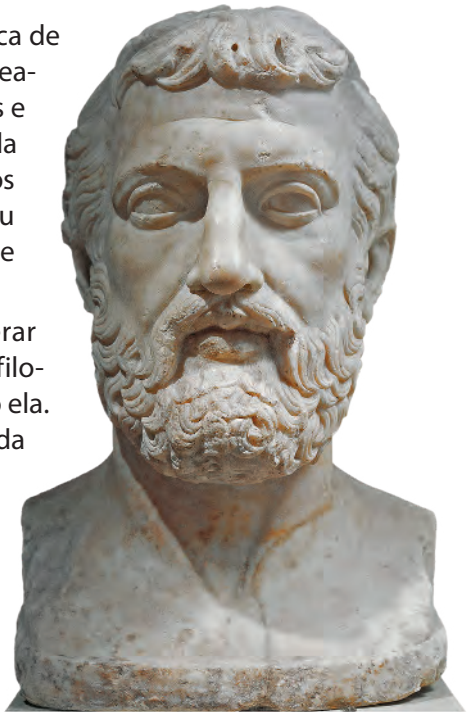
Responda no caderno.

1. Segundo Epicuro, "a morte não significa nada para nós". Por quê?
2. Epicuro considera, ainda, que "É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera". Em que medida essa frase se relaciona com a busca da ataraxia? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Estoicismo: apatia e amor ao destino

O estoicismo, fundado por Zenão de Cício, é a corrente filosófica de maior influência em seu tempo. Os estoicos defendiam que toda realidade existente é uma realidade racional. Todos os seres (humanos e naturais) fazem parte dessa realidade. O que chamamos de Deus nada mais é do que a fonte dos princípios que regem a realidade. Integrados à natureza, os seres humanos não têm nenhum outro lugar para ir ou para onde fugir, além do próprio mundo onde vivem. Somos deste mundo e, ao morrer, nos dissolvemos neste mundo.



DEA/A. DAGLI ORTI/DE AGOSTINI/GETTY IMAGES - MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, VENEZA

Busto de Zenão de Cício produzido no século II a.C.

Segundo o estoicismo, não dispomos de poderes para alterar substancialmente a ordem universal do mundo. Mas por meio da filosofia podemos compreender essa ordem universal e viver segundo ela. Assim, em vez do prazer dos epicuristas, Zenão propõe o dever da compreensão como o melhor caminho para a felicidade. Ser livre é viver segundo nossa própria natureza, que, por sua vez, integra a natureza do mundo.

No plano ético, os estoicos defendiam uma atitude de austeridade física e moral, baseada em virtudes como a resistência ante o sofrimento, a coragem ante o perigo e a indiferença ante as riquezas materiais. O ideal perseguido era um estado de plena serenidade para lidar com os sobressaltos da existência, fundado na aceitação e compreensão dos "princípios universais" que regem toda a vida.

Dessa forma, o estoicismo desenvolveu uma ética baseada na procura da paz interior e no autocontrole individual, fora dos contornos da vida política. Assim, o princípio da ética estoica é a eliminação das paixões (**apatia**) e a aceitação imperturbável da ordem cósmica e do destino nela inscrito (**amor ao destino**). Isso ocorre porque tudo que acontece seria parte de um plano superior guiado por uma razão universal. Para os estoicos, a ataraxia (ou a imperturbabilidade da alma) só poderia ser alcançada por meio da apatia e do amor ao destino.

MUHAMMAD ANUAR BIN JAMAL/SHUTTERSTOCK

Montanha-russa em parque de diversões em Bangkok, na Tailândia. Fotografia de 2023. A busca por descargas incontroláveis de emoção, como aquelas experienciadas em atrações do gênero das montanhas-russas, é incompatível com a serenidade almejada pelos estoicos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Povos bárbaros: para os romanos, "bárbaros" eram os povos que habitavam fora das fronteiras do Império e falavam outras línguas que não o latim, a língua oficial.

Idade Média

Ao longo do século V d.C., o Império Romano do Ocidente sofreu ataques constantes dos denominados **povos bárbaros**. Os sucessivos e violentos confrontos, principalmente nas invasões germânicas, levaram ao esfacelamento do poder de Roma. Desenvolveu-se, a partir de então, uma nova estruturação da vida social europeia, que corresponde ao período medieval.

Em meio a todas as mudanças, a Igreja Católica se tornou uma poderosa instituição social. Para isso, consolidou sua organização e difundiu a doutrina católica ao mesmo tempo que incorporou e preservou muitos elementos da cultura greco-romana.

No plano da cultura, a influência da Igreja foi tão ampla que configurou um quadro intelectual em que a fé cristã se tornou o pressuposto (isto é, o antecedente necessário) de toda a vida espiritual. A forte presença da fé cristã marcou o pensamento filosófico medieval.

Os filósofos medievais herdaram alguns elementos da tradição filosófica grega, reconfigurando-os no interior de uma ética cristã. No século XIII, por exemplo, o filósofo cristão Tomás de Aquino (1225-1274) recuperou da ética aristotélica a ideia de felicidade como fim último do ser humano, mas cristianizou essa noção ao identificar Deus como a fonte dessa felicidade.

A seguir, estudaremos com mais detalhe a concepção ética do filósofo Agostinho, que pertencia à Antiguidade tardia, período de transição da Idade Antiga para a Idade Média, e que já trazia elementos do mundo medieval.

Os sete pecados capitais: ganância, pintura de Jacques de Backer, cerca de 1595. Para o catolicismo, os sete vícios principais do ser humano são: soberba, ganância, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Na ganância, valem mais os bens materiais que os espirituais, o que constituiria uma inversão dos valores cristãos.

FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES - MUSEU DE CAPODIMONTE, NÁPOLES

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Agostinho: o livre-arbítrio

Aureliano Agostinho (354-430) nasceu em Tagaste, província romana situada na África, e faleceu em Hipona, hoje localizada na Argélia. Nessa última cidade, ocupou o cargo de bispo da Igreja Católica. Por isso, o filósofo ficou conhecido como Agostinho de Hipona.

Até completar 32 anos, Agostinho não era cristão e levava uma vida voltada aos prazeres do mundo. Chegou a ter um filho, fruto de um relacionamento não permitido na época.

Em sua formação intelectual, Agostinho despertou primeiro para a filosofia, com a leitura de Cícero. Posteriormente, deixou-se influenciar pelo maniqueísmo, doutrina persa que afirmava ser o universo dominado por dois grandes princípios opostos, o bem e o mal, que lutavam incessantemente entre si.

Mais tarde, já insatisfeito com o maniqueísmo, viajou para Roma e Milão, entrando em contato com o ceticismo e, depois, com o neoplatonismo, movimento filosófico do período greco-romano desenvolvido por pensadores inspirados em Platão, que se espalhou por diversas cidades do Império Romano, sendo marcado por sentimentos religiosos e crenças místicas.

AUTORIZADO PELO MINISTÉRIO DA CULTURA DA ITÁLIA/SANDRO BELLU/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - GALERIA NACIONAL DA ÚMBRIA, PERUGIA

Agostinho e três discípulos, pintura de Bernardino di Betto Pinturicchio, cerca de 1500.

Em Agostinho, cresceu e se aprofundou, então, uma grande crise existencial, uma inquietação quase desesperada em busca de sentido para a vida. Foi nesse período crítico que ele se encontrou com Santo Ambrósio, bispo de Milão, sentindo-se extremamente atraído por suas pregações. Pouco tempo depois, converteu-se ao cristianismo, tornando-se seu grande defensor pelo resto da vida.

A superioridade da alma sobre o corpo

Em sua obra, Agostinho argumenta em favor da superioridade da alma, isto é, defende a supremacia do espírito sobre o corpo, sobre a matéria. Para ele, a alma teria sido criada por Deus para reinar sobre o corpo, para dirigi-lo à prática do bem.

O homem pecador, entretanto, utilizando-se do livre-arbítrio, costumaria inverter essa relação, fazendo o corpo assumir o governo da alma. Com isso, o pecador submeteria o espírito à matéria, o que, segundo Agostinho, equivaleria a subordinar o eterno ao transitório, a essência à aparência.

A verdadeira liberdade estaria na harmonia das ações humanas com a vontade de Deus. Para Agostinho, ser livre é servir a Deus, pois o prazer de pecar é a escravidão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Concessão: ato de ceder (ou entregar) algo a uma pessoa; transmissão.

Predestinadas: pessoas que estão destinadas (ou escolhidas) previamente a alguma coisa; nesse contexto, ligado à história e ao período da Idade Média, o termo refere-se às pessoas consideradas escolhidas (ou eleitas) por Deus para a bem-aventurança eterna.

Boas obras ou graça divina?

Segundo o filósofo, aquele que trilha a via do pecado só consegue retornar aos caminhos de Deus e da salvação mediante a combinação de seu esforço pessoal de vontade e da **concessão** da graça divina. Para Agostinho, sem a graça de Deus, o ser humano não pode alcançar a salvação. No entanto, nem todas as pessoas receberiam essa graça, somente as **predestinadas** à salvação.

A questão da graça, tal como colocada pelo filósofo, marcou profundamente o pensamento medieval cristão. Posteriormente, a doutrina da predestinação foi adotada por alguns ramos da teologia protestante (Reforma Protestante). Na mesma época de Agostinho, outro teólogo, Pelágio (cerca de 350-423), afirmava que a boa vontade e as boas obras humanas seriam suficientes para a salvação individual. Era a doutrina do **pelagianismo**.

Agostinho colocou-se contra essa doutrina e, no concílio de Cartago do ano de 417, o papa Zózimo condenou o pelagianismo como heresia e adotou a concepção agostiniana de necessidade da graça divina, doada por Deus a seus eleitos.

A Igreja condenou o pelagianismo porque essa doutrina conservava a noção grega de autonomia da vida moral humana, isto é, a noção de que o ser humano pode salvar-se por si só. Bastaria ser bom e fazer boas obras, sem a necessidade da intervenção divina. Essa noção pelagiana se chocava com a ideia de submissão total do ser humano ao Deus cristão, defendida pela Igreja. Pode-se afirmar que tal postura da Igreja assinala uma ruptura com a filosofia grega e com sua ética considerada pagã.

Decorre disso a forma como se passa a enfatizar a subjetividade, a interioridade, o "voltar-se a si mesmo". Enquanto a filosofia grega clássica identificava o ser humano com o cidadão (nas palavras de Aristóteles, um animal racional e político), a filosofia cristã agostiniana vinculava o ser humano a Deus ("nosso mestre interior"). É essa vinculação que permite exaltar a salvação pessoal e responsabilizar cada ser humano por seus próprios atos.

Dica

A Idade Média explicada aos meus filhos

Jacques Le Goff. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

O historiador medievalista Jacques Le Goff apresenta, nessa obra, as principais características da Idade Média. Em forma de diálogo, o livro aborda temas como a religiosidade, o mundo do trabalho, a literatura e as invenções do período.

FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES - MUSEU DE ARTE THOMAS HENRY, CHERBOURG-EN-COTENTIN

A conversão de Agostinho, pintura de Fra Angelico, cerca de 1430. Essa pintura representa o episódio de conversão de Agostinho, em que o filósofo se recolhe à sombra de uma figueira para que, de maneira solitária e introvertida, pudesse encontrar Deus.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Liberdade e pecado

Agostinho afirmava que Deus não criou o mal, mas criou o homem como ser dotado de razão. Já a vontade humana é uma força que impulsiona a vida, e não uma função específica ligada ao intelecto. Agostinho contrapõe-se, dessa forma, ao intelectualismo moral, que teve sua expressão máxima em Sócrates. Nesse intelectualismo, a vontade e a razão são indissociáveis, possibilitando discernir o bem e o mal.

Isso significa que a liberdade humana é própria da vontade, e não da razão. Desde o nascimento, essa vontade nos inclina para o mal, tornando-se fonte do pecado. O ser humano peca porque usa de seu livre-arbítrio para satisfazer uma vontade má, mesmo sabendo que essa atitude é pecaminosa. Estas palavras de Agostinho demonstram as causas mais comuns do pecado:

> O ouro, a prata, os corpos belos e todas as coisas são dotadas dum certo atrativo. O prazer de conveniência que se sente no contato da carne influi vivamente. Cada um dos outros sentidos encontra nos corpos uma modalidade que lhes corresponde. Do mesmo modo a honra temporal e o poder de mandar e dominar encerram também um brilho, donde igualmente nasce a avidez de vingança. [...] A vida neste mundo seduz por causa duma certa medida de beleza que lhe é própria, e da harmonia que tem com todas as formosuras terrenas. [...]
>
> Por todos estes motivos e outros semelhantes, comete-se o pecado, porque, pela propensão imoderada para os bens inferiores, embora sejam bons, se abandonam outros melhores e mais elevados, ou seja, a Vós, meu Deus, à vossa verdade e à vossa lei.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 33. (Coleção Os pensadores).

Por isso, Agostinho afirma que o indivíduo não pode ser autônomo em sua vida moral, isto é, deliberar livremente sobre a própria conduta. No entanto, quando seus atos são conduzidos pela vontade, e não pela razão, ele pode querer o mal e praticar o pecado, motivo pelo qual necessita da graça divina para salvar-se.

De acordo com o filósofo, o ser humano tem **livre-arbítrio**, ou seja, é livre para escolher agir bem ou agir mal, escolher aproximar-se ou afastar-se de Deus. Da mesma maneira, na Bíblia, não era má em si mesma a fruta da árvore do conhecimento criada por Deus, má foi a desobediência de Adão e Eva a Deus quando escolheram comer a fruta.

O mal (ou o pecado) deriva de uma vontade viciada, que subordina a alma ao corpo, a razão às paixões, o eterno ao transitório, a essência à aparência. A verdadeira liberdade estaria na harmonia das ações humanas com a vontade de Deus e seria obtida pelo caminho ascendente, que vai do mundo exterior dos sentidos ao mundo interior do espírito.

Com a noção de livre-arbítrio, Agostinho acentuou o papel da **subjetividade** humana nas coisas do mundo. O conceito de livre-arbítrio esvaziou a noção grega de liberdade como possibilidade de realização plena dos indivíduos em seu meio social. Em outras palavras, diminuiu a importância da dimensão social da liberdade, que passou a ter um caráter mais pessoal e individualista.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Para Agostinho, razão e vontade são indissociáveis? Justifique sua resposta.**
2. **Explique como Agostinho entende a noção de pecado.**

NELSON ALMEIDA/AFP/GETTY IMAGES

Vista de área inundada durante enchente em Canoas, no estado do Rio Grande do Sul. Fotografia de 2024. Diante do sofrimento causado por catástrofes naturais, permanece a pergunta: qual é a origem do mal?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Revolução Industrial: complexo de transformações socioeconômicas que alterou a vida de sociedades da Europa Ocidental e de outras regiões do mundo a partir de meados do século XVIII.

Obscurantismo: prática que impede a disseminação do conhecimento; nesse contexto, refere-se aos indivíduos que se encontram na ignorância, sem acesso à instrução de qualquer tipo.

Idade Moderna

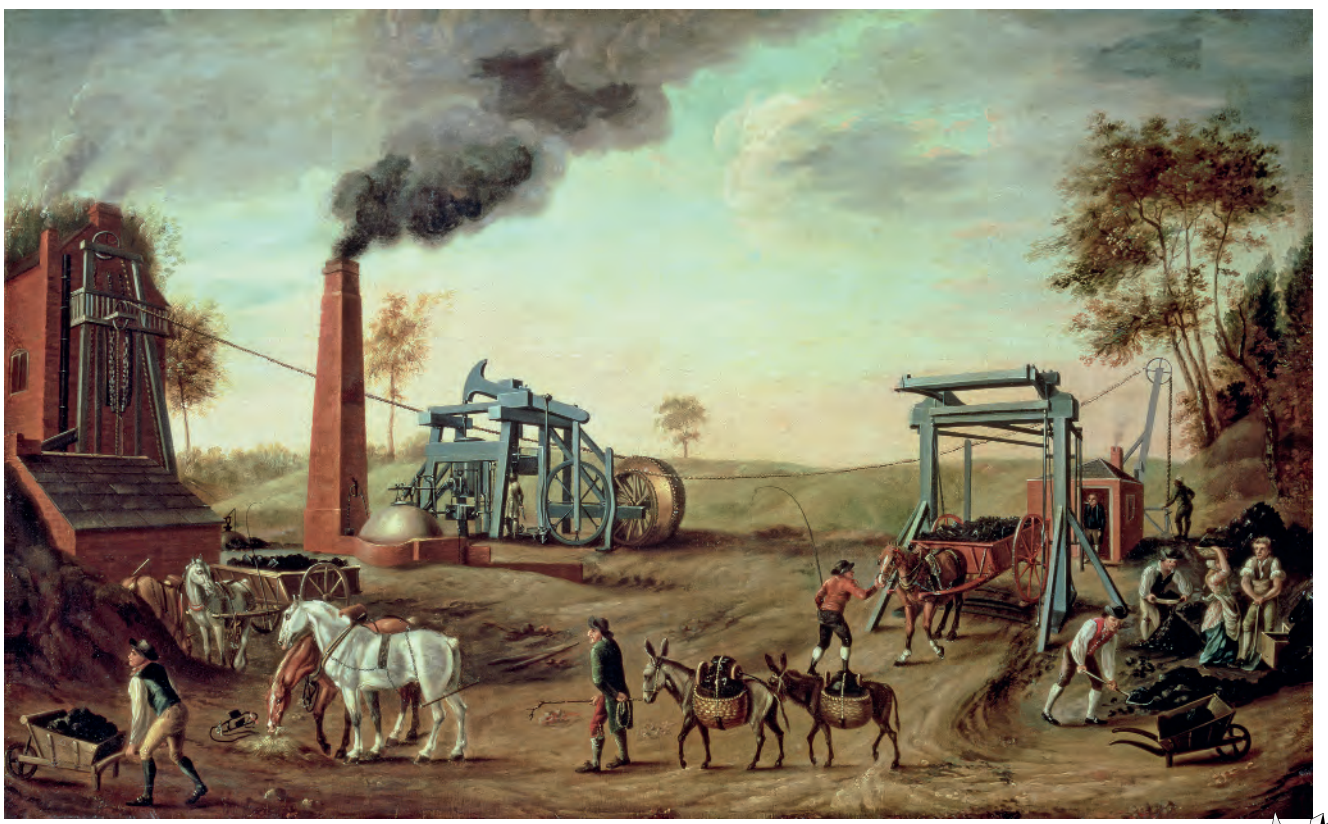
A partir do século XV, com o Renascimento cultural, as reformas religiosas, a formação dos Estados nacionais e a expansão marítimo-comercial, desenvolveu-se uma nova mentalidade na Europa Ocidental. Até então, havia predominado a visão **teocêntrica**, que considerava Deus o centro de tudo. Na Idade Moderna, o teocentrismo começou a ser substituído por uma tendência **antropocêntrica**, que valorizava a obra e a compreensão humanas.

Nesse contexto, houve o desenvolvimento do racionalismo e de uma filosofia laica (não religiosa), que se mostrariam mais otimistas em relação à capacidade da razão de intervir no mundo, organizar a sociedade e aperfeiçoar a vida humana. A confiança na razão foi reforçada pela **Revolução Industrial**, com seus avanços técnicos e científicos em campos como a química, a física e a matemática.

No século XVIII, com base na mentalidade antropocêntrica e racionalista, difundiu-se pela Europa um movimento intelectual chamado **iluminismo**, abrangendo a filosofia, as artes, as ciências, a política e o direito. O nome *iluminismo* faz referência à representação do conhecimento como um feixe de luz, em contraposição às trevas, que representariam a ignorância e a superstição. Entre os séculos XVII e XVIII, a expressão *luz natural* era usada para designar a capacidade humana de pensar com autonomia.

Segundo os filósofos iluministas, o papel do indivíduo letrado era investigar e discutir os limites do poder, dos costumes e da natureza para libertar a humanidade do **obscurantismo** e dos laços feudais. O objetivo principal era transformar a sociedade, para que a razão norteasse a educação, as instituições políticas e os costumes.

Os iluministas passam a defender a ideia de que a moral deve ser fundamentada não mais em valores religiosos, e sim nos oriundos da compreensão do que é a natureza humana. E a reflexão mais expressiva a esse respeito relaciona-se justamente com a natureza da racionalidade humana, formulada por Immanuel Kant (1724-1804).



Topo de um posto de mineração, pintura de cerca de 1775. Os avanços técnicos da Revolução Industrial intensificaram a confiança na razão.

BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - GALERIA DE ARTE WALKER/MUSEUS NACIONAIS, LIVERPOOL

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Kant: agir por dever

O filósofo Immanuel Kant é considerado o maior filósofo do iluminismo alemão e um dos principais pensadores de todos os tempos. Como a maioria dos iluministas, Kant defendia que o ser humano deveria se guiar por sua própria razão, sem se deixar enganar pelas crenças, tradições e opiniões alheias.

Para Kant, as normas morais têm origem na razão. Em suas obras *Crítica da razão prática* e *Fundamentação da metafísica dos costumes*, ele caracteriza a razão humana como **legisladora** e capaz de elaborar **normas universais**. Esse seria um predicado universal dos seres humanos, isto é, uma qualidade comum a todos.

Kant entendia que as normas morais devem ser obedecidas como deveres, mas a noção kantiana de **dever** é muito particular, pois se confunde com a própria noção de **liberdade**. Isso ocorre porque, em seu pensamento, o indivíduo que obedece a uma norma moral atende àquilo que a **razão**, no uso de sua liberdade, determinou como correto. Assim, é livre quem age por dever, movido por um mandamento da razão chamado **imperativo categórico**: "Age apenas segundo uma máxima [um princípio] tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal" (KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1998. p. 59).

Desse modo, o imperativo categórico é uma determinação que deve ser observada sempre, em toda e qualquer decisão ou ato moral que venhamos a praticar. Em outras palavras, Kant quer dizer que nossa conduta deve ser tal que possa ser universalizada, ou seja, realizada por todos os outros indivíduos sem prejuízo para a coletividade.

Por exemplo, jogar lixo no chão pode se tornar uma prática universal? Imagine todo mundo jogando seus resíduos na rua ou em qualquer lugar o tempo todo. Não seria o caos? Portanto, não se deve jogar lixo na rua. Quando uma ação não pode ser universalizada, ela não é moralmente correta.

Dica

Kant: Kant e a lei moral

Ralph Walker. São Paulo: Editora Unesp, 1999. (Coleção Grandes filósofos).

Em linguagem acessível, o livro apresenta os principais aspectos da filosofia moral de Immanuel Kant, destacando que, para o filósofo alemão, as normas morais são objetivas e conhecidas por nós por meio da razão, e não pela experiência.

Melancolia, obra de Vik Muniz, 2010. Resíduos descartados no lixão de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro, foram utilizados na composição dessa obra. A reciclagem, por exemplo, é uma ação considerada moralmente correta.

© VIK MUNIZ/AUTVIS, BRASIL, 2024. COLEÇÃO GALERIA NARA ROESLER, BRASIL.

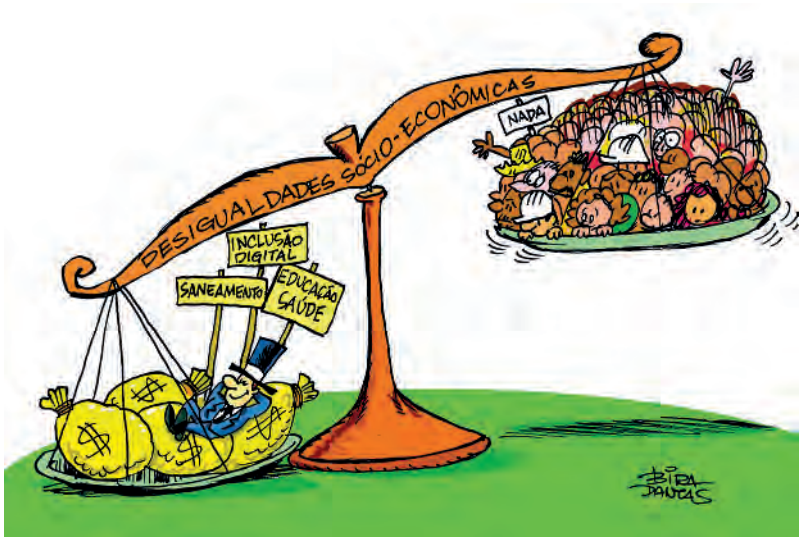
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Boa vontade e ética formalista

E por que realizamos atos contrários ao dever e, portanto, contrários à razão? Kant dirá que é porque nossa vontade é também afetada pelas inclinações (desejos, paixões, medos), e não apenas pela razão. Por isso ele afirma que devemos educar a vontade para alcançar a **boa vontade**, que seria aquela guiada unicamente pela razão. Kant distingue ainda os sujeitos que agem **conforme o dever** dos sujeitos que agem **por dever**.

Uma pessoa age conforme o dever quando o que move sua ação é um interesse particular ou uma inclinação imediata. É o caso de um comerciante que trata honestamente seus clientes para não perdê-los. A razão que fundamenta a ação desse comerciante é um interesse particular, destituído de valor moral. De modo semelhante, age conforme o dever quem busca conservar a própria vida sem compreender que a vida de todos é um valor a ser preservado em si mesmo. Segundo Kant, a ação de zelar pela própria vida também não tem conteúdo moral, sendo movida simplesmente por uma inclinação imediata.

Já a ação por dever ocorre quando os sujeitos agem movidos por um princípio moral, pelo imperativo categórico. É o que ocorre quando o comerciante é honesto com seus clientes porque considera a honestidade um valor em si mesmo, a que todos devem obedecer. Também ocorre quando alguém conserva a própria vida movido pelo princípio de que a vida tem um valor intrínseco. Dessa forma, para sabermos se uma ação é moralmente boa, precisamos observar seus princípios, suas razões determinantes, com quais propósitos um sujeito age, em vez de nos determos apenas à ação observável.



© BIRA DANTAS

Charge de Bira Dantas, 2023.

A ética kantiana é uma **ética formal** ou **formalista**, pois postula o dever como norma universal, sem discutir a condição individual e concreta de cada pessoa diante desse dever. Enfim, Kant nos dá a forma geral da ação moralmente correta (o imperativo categórico), mas não diz nada acerca de seu conteúdo, nem o que devemos fazer em situações específicas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enfoque

Responda no caderno.

1. A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi estabelecida em 1948, pouco tempo depois da criação da Organização das Nações Unidas. Essa declaração reconhece os direitos humanos e as liberdades individuais das pessoas do mundo todo. Em seu primeiro artigo, ela diz que "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos" (Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 5 jun. 2024). Ela declara também que devem ser garantidas as liberdades de expressão, de reunião e de pensamento. Com base nisso e na charge de Bira Dantas, explique os desafios para a concretização dos direitos humanos.
2. Relacione a crítica apresentada na charge à filosofia moral de Kant.

ODS 10

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

Idade Contemporânea

A partir do século XIX, a reflexão ética se desdobrou em uma série de concepções distintas acerca da moral e de seus alicerces. Em comum, apresentaram a recusa de uma fundamentação exterior, transcendental para a moralidade, centrando no indivíduo concreto a origem dos valores e das normas morais. Um dos primeiros passos na formulação de uma ética nesse sentido foi dado por Friedrich Hegel (1770-1831), em sua crítica ao formalismo de Kant.

Hegel: o fundamento histórico-social

O filósofo Friedrich Hegel, nascido na Alemanha, foi o principal expoente do idealismo alemão. Sua obra costuma ser apontada, com frequência, como o ponto culminante da teoria filosófica organizada em torno de um sistema. Talvez nenhum outro pensador tenha conseguido elaborar, como ele, um sistema de pensamento tão abrangente, reunindo disciplinas tão diversas como direito e estética.

Buscando respostas para o maior número de questões, ele tentou conciliar a filosofia com a realidade. Entre as principais obras de Hegel estão *Fenomenologia do Espírito*, *Princípios da filosofia do direito, Cursos de estética* e *Lições sobre a história da filosofia*.

Segundo Hegel, ao não levar em consideração a história e a relação do indivíduo com a sociedade, a ética kantiana não apreende os conflitos reais existentes nas decisões morais. Kant teria considerado a moral apenas como uma questão pessoal, íntima e subjetiva, na qual o sujeito precisa se decidir entre suas inclinações (desejos, medos etc.) e sua razão.

Para Hegel, portanto, a moralidade assume conteúdos diferenciados ao longo da história das sociedades, e a vontade individual seria apenas um dos elementos da vida ética de uma sociedade em seu conjunto. A moral seria o resultado da relação entre o indivíduo e o conjunto social. E em cada momento histórico, a moral se manifestaria tanto nos códigos normativos como, implicitamente, na cultura e nas instituições sociais. Desse modo, Hegel vinculou a ética à história e à sociedade.

Para compreendermos a ética hegeliana, é importante entendermos alguns pontos básicos com base nos quais se desenvolveu sua reflexão.

CHRISTOPHEL FINE ART/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES - MUSEU NACIONAL DO PALÁCIO DE VERSALHES E TRIANON, VERSALHES

Tomada da Bastilha e prisão do marquês de Launay, pintura produzida entre 1789 e 1791. A queda da Bastilha é um dos marcos da Revolução Francesa, processo que motivou diversas reflexões por parte de Hegel, que considerava importante conciliar a filosofia com a realidade histórica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Espírito e movimento dialético

O primeiro desses pontos é o entendimento da realidade como **Espírito**. Esse conceito, desenvolvido considerando a filosofia de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) e Friedrich Schelling (1775-1854), é ampliado ainda mais em Hegel. Entender a realidade como Espírito, de acordo com Hegel, é entendê-la não apenas como substância (um "enrijecimento" do Espírito, como pensava Schelling), mas também como sujeito. Isso significa pensar a realidade como processo, como movimento, e não somente como coisa (substância).

O segundo ponto básico da filosofia hegeliana diz respeito justamente a esse movimento da realidade. A realidade, enquanto Espírito, tem vida própria, um **movimento dialético**. Por movimento dialético, Hegel caracteriza os diversos momentos sucessivos (e contraditórios) pelos quais determinada realidade se apresenta. Em seu texto *Fenomenologia do Espírito*, Hegel usa o exemplo da planta, desenvolvendo o seguinte raciocínio:

> O botão desaparece no desabrochar da flor, e pode-se dizer que é refutado pela flor. Igualmente, a flor se explica por meio do fruto como um falso existir da planta, e o fruto surge em lugar da flor como verdade da planta. Essas formas não apenas se distinguem, mas se repetem como incompatíveis entre si. Mas a sua natureza fluida as torna, ao mesmo tempo, momentos da unidade orgânica na qual não somente não entram em conflito, mas uma existe tão necessariamente quanto a outra; e é essa igual necessidade que unicamente constitui a vida do todo.
>
> HEGEL, Georg W. Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. p. 6.

As férias de Hegel, pintura de René Magritte, 1958. Nessa pintura, é representado o movimento dialético hegeliano: um copo contendo água é representado sobre um guarda-chuva, que repele o líquido.

© MAGRITTE, RENÉ/AUTVIS, BRASIL, 2024. CHRISTIE'S IMAGES/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA. COLEÇÃO PARTICULAR

Desse modo, é possível afirmar que Hegel deseja captar em sua filosofia o movimento da realidade. Assim como um botão precisa desaparecer para que a flor surja, e a flor desaparece para que surja o fruto, da mesma forma todas as coisas passam por um processo dinâmico de transformações que acaba por levar a uma síntese superior.

Ainda levando em consideração o exemplo da planta, presente no texto de Hegel localizado nesta página, percebemos que o filósofo ressalta que a realidade não é estática, mas dinâmica. Além disso, para Hegel, o movimento da realidade apresenta momentos que se contradizem, sem, no entanto, perderem a unidade do processo, que leva a um crescente autoenriquecimento.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Reconstitua, com suas palavras, o exemplo da planta desenvolvido por Hegel para explicar o movimento dialético.
2. Para Hegel, contradição e unidade são ideias incompatíveis? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dialética: tese, antítese e síntese

Esse desenvolvimento, que se faz por meio do embate e da superação de contradições, Hegel denominou **dialética**. Embora esse termo apareça já na Antiguidade, com Platão, em Hegel o conceito de dialética se aplica a algo distinto: não é um método ou uma forma de pensar a realidade, e sim o movimento concreto da realidade. Por isso, para compreender a realidade, o pensamento também deve ser dialético.

Hegel entende esse movimento do real, ou do Espírito que se realiza, como um movimento que se processa em três momentos: o primeiro, do ser em-si; o segundo, do ser outro ou fora de; e o terceiro, que seria o retorno, do ser para-si.

Usando o exemplo da planta, ele distingue os três momentos afirmando que a semente é a planta em-si, mas que ela deve morrer como semente e, portanto, sair fora de si, a fim de se tornar, desdobrando-se, a planta para-si.

AMARILDO OLIVEIRA/TUCUPI IMAGENS

Floração do guaraná.

ANDRE DIB/PULSAR IMAGENS

Cacho com frutos de guaraná. Seguindo a comparação feita por Hegel, podemos dizer que o fruto é a antítese da flor (tese).

Portanto, nesse exemplo, é possível perceber que a realidade para Hegel é um contínuo devir, no qual um momento prepara o outro; no entanto, para que esse outro momento aconteça, o anterior tem de ser negado.

Esses três momentos são comumente chamados de **tese**, **antítese** e **síntese**. Eles se sucedem com um movimento em espiral, ou seja, um movimento circular que não se fecha. Assim, cada momento final, que seria a síntese, torna-se a tese de um movimento posterior, de caráter mais avançado.

Consciência rumo ao saber absoluto

Compreender a dialética da realidade, segundo Hegel, exige um trabalho árduo da razão, que deve se afastar do entendimento comum e se colocar no ponto de vista do absoluto. O filósofo afirma que a consciência que alcança o saber absoluto atinge a razão, ou seja, supera o entendimento finito e adquire "a certeza de ser toda a realidade". Desse modo, a razão alcançaria a consciência da unidade entre ser e pensar, harmonizando subjetividade e objetividade.

O pensamento de Hegel se apresenta, assim, como um grande sistema, que permite pensar tanto a natureza, a realidade física, quanto o Espírito. O fio condutor dessa reflexão totalizante é a relação entre finito e infinito.

O trabalho da filosofia seria superar o entendimento finito e limitado das coisas finitas e limitadas para alcançar o saber absoluto, que é o saber da coisa-em-si. Seria o caminhar da consciência rumo ao saber absoluto, a busca da infinitude a partir da consciência finita.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Relação entre filosofia e história

Como sistema filosófico, a obra de Hegel procurou demonstrar em vários campos do saber esse caminho do conhecimento finito ao conhecimento absoluto, em relação tanto à natureza quanto ao Espírito.

No que concerne à natureza, rompeu com a visão romântica, que a divinizava, proclamando a absoluta superioridade do Espírito, que se realiza na história humana por meio da liberdade. E reconheceu no Espírito três momentos:

- **Espírito subjetivo** – que se refere ao indivíduo e à consciência individual;
- **Espírito objetivo** – que se refere às instituições e costumes historicamente produzidos pelos seres humanos;
- **Espírito absoluto** – que se manifesta na arte, na religião e na filosofia, como espírito que se compreende a si mesmo.

A história, para Hegel, é o desdobramento do Espírito objetivo. O Espírito objetivo, por sua vez, é a realização da liberdade na sociedade e se manifesta no direito, na **moralidade** e na **eticidade**, englobando a família, a sociedade e o Estado. O Estado político é o momento mais elevado do Espírito objetivo, de forma tal que o indivíduo só existe como membro do Estado, conforme afirma o filósofo em *Princípios da filosofia do direito*.

Hegel declara ainda que a história é o desdobramento do Espírito no tempo. A filosofia da história deve captar o movimento histórico não como momentos estanques, mas do ponto de vista da razão, do absoluto. Dessa perspectiva, a história é uma contínua evolução da ideia de liberdade, que se desenvolve segundo um plano racional.

Assim, os conflitos, as guerras, as injustiças, as dominações de um povo sobre outro deveriam ser entendidos como contradições e momentos negativos, que funcionam como motor dialético da história. Usando os termos da dialética hegeliana, esses momentos seriam a antítese, que se contrapõe à tese, fazendo surgir uma etapa superior, que seria a síntese.

Hegel resume essa concepção afirmando que tudo o que é real é racional e que tudo o que é racional é real. Isso equivaleria a dizer que todas as coisas existentes, mesmo as piores, fazem parte de um plano racional e que, portanto, têm um sentido dentro do processo histórico. Esse conceito hegeliano recebeu inúmeras críticas, na medida em que poderia levar a certo conformismo ou a uma passividade diante das injustiças sociais.

LUCAS SCHIFRES/GETTY IMAGES - MUSEUS DO VATICANO, CIDADE DO VATICANO

Laocoonte e seus filhos, escultura atribuída a Agesandro, Atenodoro e Polidoro, século I a.C. Hegel considerava essa escultura pertencente ao que ele designava como arte clássica, exemplo de bela arte nascida do Espírito absoluto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Marx: materialismo histórico-dialético

O filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) fez uma crítica radical ao idealismo hegeliano. Afirmava que Hegel inverte a relação entre o que é determinante – a realidade material – e o que é determinado – as representações e conceitos sobre essa realidade. A filosofia idealista de Hegel seria, então, uma mistificação que concebia o mundo real, concreto, como manifestação de uma razão absoluta. Contrapondo-se ao idealismo hegeliano, Marx e Friedrich Engels (1820-1895) escreveram:

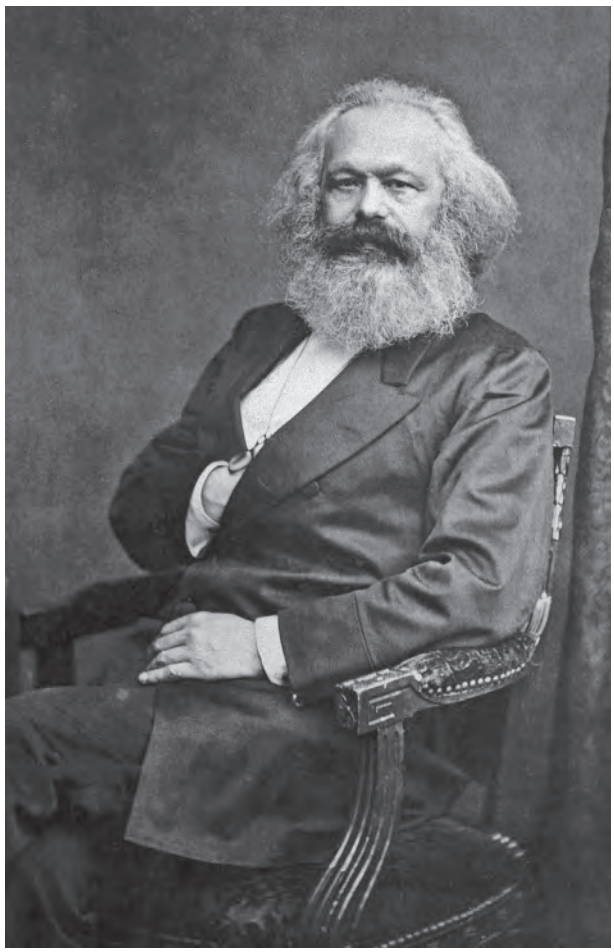
> Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação. Esses pressupostos são, portanto, constatáveis por via puramente empírica.
>
> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 86-87.

Marx procurou, portanto, compreender a história real dos sujeitos com base nas condições materiais em que eles vivem. Essa visão da história foi chamada posteriormente, por seu companheiro de estudos Friedrich Engels, de **materialismo histórico**.

Para Marx, o desenvolvimento histórico-social resulta das transformações ocorridas no modo de produção. Nessa análise, o filósofo se vale dos princípios da dialética, mas afirma que seu método dialético não só difere do hegeliano, como é também sua antítese.

Na concepção hegeliana, a dialética se torna instrumento de legitimação da realidade existente. No pensamento de Marx, contudo, a dialética leva-nos a compreender que é possível negar essa realidade. Ou seja, a dialética em Marx permite compreender a história em seu movimento.

Em resumo, se é possível transformar o processo histórico, podemos também transformar a moral dominante, que, em geral, atende aos interesses dos poderosos. A partir da modernidade, a moral e o direito cumprem o papel de assegurar as condições capitalistas que interessam à burguesia. Observe, por exemplo, o que ocorreu com o conceito de liberdade, que teoricamente é um direito de todos, mas na prática está condicionada ao poder do dinheiro e do mercado.



BETTMANN/GETTY IMAGES

O filósofo Karl Marx. Fotografia produzida aproximadamente em 1875.

Dica

O trabalho e a técnica

Ivan Domingues. São Paulo: Martins Fontes, 2016. (Coleção Filosofias: o prazer do pensar).

Nesse livro introdutório, Ivan Domingues discute a relação entre o trabalho e a técnica, relação que o autor entende ter se intensificado nas sociedades industrializadas dos séculos XX e XXI. Para tanto, Domingues trata, entre outros autores, do pensamento de Karl Marx, que acentuava a importância da análise das condições materiais da vida e assinalava o aspecto alienante do trabalho no sistema capitalista, ao distanciar o trabalhador do resultado final de seu trabalho (a mercadoria).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Nietzsche: genealogia da moral

Filologia: estudo científico do texto, da linguagem e do desenvolvimento de uma língua ou de uma família de línguas. É feito com base na análise de textos literários e outros registros escritos.

Friedrich Nietzsche (1844-1900) nasceu em Röcken, uma localidade da Alemanha atual. Filho de um culto pastor protestante, estudou grego, latim, teologia e filosofia. Aos 24 anos tornou-se professor titular de **filologia** na Universidade da Basileia, em uma época em que o hegelianismo era hegemônico no mundo alemão. Ainda jovem, começou a sentir os sintomas de uma doença que o levaria progressivamente à debilidade física, a episódios de perda da consciência e a crises de loucura no final da vida.

Diferentemente da maioria dos filósofos, Nietzsche escreveu a maior parte de suas obras sob a forma de **aforismos**, sentenças curtas que exprimem um conceito, um conselho ou um ensinamento, também conhecidas como **máximas**. Os aforismos do filósofo tratam de diversos temas, como religião, moral, artes e ciências.

Os aforismos do autor revelam uma crítica radical e impiedosa à tradição filosófica e aos valores fundamentais da civilização ocidental. O próprio Nietzsche definiu seu pensamento como "uma filosofia a golpes de martelo". Com Karl Marx e Sigmund Freud (1856-1939), foi classificado como um dos três mestres da suspeita pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005).

Em sua crítica aos valores morais dominantes, Nietzsche propôs uma nova abordagem: a genealogia da moral, isto é, o estudo da formação histórica dos valores morais. Sua conclusão foi de que o bem e o mal não constituem noções absolutas. Nesse sentido, as concepções morais são elaboradas em determinada época com base em interesses de grupos específicos, ou seja, são produtos histórico-culturais.

Apesar de sua origem humana, as concepções morais são impostas pelas religiões (o judaísmo e o cristianismo) como se fossem produtos da "vontade de Deus" e, portanto, valores absolutos. Esses valores impuseram às pessoas as noções e os sentimentos de dever, culpa, dívida e pecado. O resultado foi a configuração de indivíduos medíocres, tímidos, insossos, não criativos, depauperados e submissos.

Classificação indicativa do filme *Dias de Nietzsche em Turim*: não recomendado para menores de 14 anos.

Dica

Dias de Nietzsche em Turim

Direção: Júlio Bressane. Brasil, 2001. 85 minutos.

O filme trata da vivência intelectual de Friedrich Nietzsche durante sua estada na cidade italiana de Turim, entre abril de 1888 e janeiro de 1889. Nesse período, quando Nietzsche já era acometido de delírios em razão de sua doença, redigiu importantes obras, como *Ecce homo* e *Crepúsculo dos ídolos*. Em paralelo, o filme retrata atividades comuns da vida do filósofo, como ir à feira e encomendar um terno.

WALTRAUD GRUBITZSCH/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

Monumento em homenagem a Friedrich Nietzsche, localizado em Naumburg, na Alemanha. Fotografia de 2019. O filósofo foi representado sentado em uma cadeira, conversando com uma garota, que parece questioná-lo sobre algo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Questionando valores

Nietzsche ainda denunciou a existência de uma "moral de rebanho" na civilização cristã e burguesa, pois essa moral estaria baseada na submissão irrefletida e acomodada de grande parte das pessoas aos valores dominantes. E, dessa crítica, surge também a questão do valor da existência humana.

No texto a seguir, o escritor e sociólogo Antonio Candido (1918-2017) interpreta esse aspecto do acomodamento irrefletido às normas estabelecidas:

> O que é **tacitamente** aceito por nós; o que recebemos e praticamos sem atritos internos e externos, sem ter sido por nós conquistado, mas recebido de fora para dentro, é como algo que nos foi dado; são dados que incorporamos à rotina, reverenciamos passivamente e se tornam **peias** ao desenvolvimento pessoal e coletivo. Ora, para que certos princípios, como a justiça e a bondade, possam atuar e enriquecer, é preciso que surjam como algo que obtivemos ativamente a partir da superação dos dados. [...] Para essa conquista das mais **lídimas** virtualidades do ser é que Nietzsche ensina a combater a complacência, a **mornidão** das posições adquiridas, que o comodismo intitula moral, ou outra coisa bem soante.
>
> [...] Aceitamos por via de integração, participação submissa no grupo, tendendo a transformar os gestos em simples repetição automática. [...] Ora, a obra de Nietzsche nos pretende sacudir, arrancar deste torpor, mostrando as maneiras pelas quais negamos cada vez mais a nossa humanidade, submetendo-nos em vez de nos afirmarmos.
>
> CANDIDO, Antonio. O portador. *In*: NIETZSCHE. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 419-420. (Coleção Os pensadores).

Tacitamente: de forma não consciente, de modo implícito.

Peias: espécie de amarras que prendem os pés.

Lídimas: autênticas, genuínas.

Mornidão: no sentido figurado, usado neste contexto, significa ausência de vigor, ou ausência de energia.

Assim, quando compreendemos que os valores presentes em nossas vidas são construções humanas e quando questionamos o valor dos valores, estamos no dever de refletir sobre nossas concepções morais e enfrentar o desafio de viver por nossa própria conta e risco.

JUAN CARLOS LUCAS/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Jovens participam de manifestação pelo combate às mudanças climáticas em Madri, na Espanha. Fotografia de 2019. No cartaz, em espanhol, é possível ler: "Não há dinheiro em um planeta morto". São cada vez mais frequentes manifestações públicas que questionam os valores de empresas e governos que fingem ignorar as mudanças climáticas.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Para Antonio Candido, os valores aceitos e não questionados por grande parte das pessoas tornam-se amarras ao desenvolvimento pessoal e coletivo. Por quê?
2. Procure interpretar o texto de Antonio Candido, reproduzido nesta página, respondendo à seguinte questão: Candido concorda ou discorda das ideias de Nietzsche? Apresente argumentos para sua resposta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Apolíneo e dionisíaco

DEA/G. NIMATALLAH/DE AGOSTINI/GETTY IMAGES - MUSEUS DO VATICANO, CIDADE DO VATICANO

Apolo de Belvedere, escultura representando o deus grego Apolo, século II a.C.

Em sua obra, Nietzsche criticou a tradição da filosofia ocidental desde Sócrates, a quem acusa de ter negado a intuição criadora da filosofia anterior, pré-socrática.

Nessa análise, o filósofo alemão estabelece a distinção entre dois princípios: o **apolíneo** e o **dionisíaco**, com base nos deuses gregos Apolo (deus da razão, da clareza, da ordem, da segurança) e Dionísio (deus da aventura, da música, da fantasia, da desordem, do risco), respectivamente.

Para Nietzsche, esses dois princípios – o apolíneo e o dionisíaco – são dimensões complementares da realidade, mas foram separados na Grécia socrática, que, optando pelo culto à razão, secou a seiva criadora da filosofia, contida na dimensão dionisíaca. Para o filósofo, o mundo seria o reino das misturas, das turbulências, das complexidades, razão pela qual se opôs às cisões separadoras entre alto e baixo, superior e inferior, ideal e real, sensível e inteligível, como ocorreu a partir do período clássico do pensamento grego antigo.

Vontade de potência

De acordo com Nietzsche, no livro *Genealogia da moral*, a moral judaico-cristã é hostil à vida, pois sustenta valores que desprezam o corpo e negam a vontade de potência. Segundo a professora Scarlett Marton, o filósofo identifica a vontade de potência com:

> [...] vontade orgânica; ela é própria não unicamente do homem, mas de todo ser vivo; mais ainda: exerce-se nos órgãos, tecidos e células, nos numerosos seres vivos microscópicos que constituem o organismo. Atuando em cada elemento, encontra empecilhos nos que o rodeiam, mas tenta submeter os que a ela se opõem e colocá-los a seu serviço. Manifestando-se ao deparar resistências, desencadeia uma luta que não tem pausa ou fim possíveis.
>
> MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 1993. p. 62.

PERSEOMEDUSA/ALAMY/FOTOARENA - MUSEU NACIONAL DO BARGELLO, FLORENÇA

Baco, escultura de Michelangelo representando o deus Baco (nome romano para Dionísio), século XVI.

Termo ambíguo, dadas as características assistemáticas da escritura nietzschiana, a vontade de potência deu margem a distintas interpretações. Muitos reduziram-na a uma tese biológica que tentava justificar o espírito de competição dos seres humanos e seu apetite por poder, tendo inclusive sido apropriada equivocadamente por ideólogos do nazismo na defesa de suas pretensões dominadoras.

Hoje em dia, porém, predomina a interpretação de que a vontade de potência refere-se não apenas a um **conjunto de pulsões competitivas**, sem outra finalidade que não seja a própria vida, mas também a um **impulso de afirmação da vida** na direção de uma transcendência criadora, que conduziria a uma plenitude existencial.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Niilismo

Segundo Nietzsche, quando o cristianismo deixou de ser a "única verdade" para se tornar uma das interpretações possíveis do mundo, toda a civilização ocidental e seus valores absolutos também foram postos em xeque. Nesse contexto, ocorre uma escalada do niilismo, que deve ser entendido como "um sentimento opressivo e difuso, próprio às fases agudas de ocaso de uma cultura. O niilismo seria a expressão afetiva e intelectual da decadência" (GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 64-65).

O niilismo moderno apontado por Nietzsche assentava-se, entre outras coisas, na afirmação da "morte de Deus", interpretada como a rejeição à crença em um ser absoluto e transcendental, capaz de traçar para todos os humanos "o caminho, a verdade e a vida". Quer dizer, perde-se um referencial moral importante, de um ser que estaria a todo momento vigiando nossas ações. Em um aforismo intitulado "O homem desvairado", Nietzsche sintetiza a gravidade desse acontecimento:

> [...] Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuíra sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? [...] A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós?
>
> NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência**. Aforismo 125. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 148.

Assim, o professor Oswaldo Giacoia Junior explica que, por meio do niilismo,

> [...] o homem moderno vivencia a perda de sentido dos valores superiores de nossa cultura. Por essa ótica, niilismo seria o sentimento coletivo de que nossos sistemas tradicionais de valoração, tanto no plano do conhecimento quanto no ético religioso, ou sociopolítico, ficaram sem consistência e já não podem mais atuar como instâncias doadoras de sentido e fundamento para o conhecimento e a ação.
>
> GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 65.

Apesar desse niilismo em relação aos valores consagrados da civilização, Nietzsche defendeu também valores afirmativos da vida, capazes de expandir as energias **latentes** em nós.

"Ouse conquistar a si mesmo": essa talvez seja a grande indicação nietzschiana àqueles que buscam viver a "liberdade da razão", sem conformismo, resignação ou submissão.

FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES - MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, SÃO PAULO

Quatro bailarinas em cena, pintura de Edgar Degas, 1885-1890. Em *Assim falava Zaratustra*, Nietzsche afirmou que só poderia crer em um Deus que soubesse dançar. O filósofo considerava a dança uma arte de afirmação da vida e de expansão de nossas energias latentes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Bentham e Stuart Mill: utilitarismo

Outra corrente que se opôs à ética do dever de Kant e a seu formalismo surgiu na Inglaterra, no século XIX, no contexto da tradição empirista e liberal desse país. Trata-se do **utilitarismo**, proposto pelo filósofo Jeremy Bentham (1748-1832) e posteriormente desenvolvido pelo filósofo e economista John Stuart Mill (1806-1873). Ambos sustentavam que a ação ética está assentada em situações concretas, nas quais o indivíduo deve decidir sobre seu agir tomando por base o princípio de utilidade. Conforme escreveu Bentham:

> Por princípio de utilidade entende-se aquele princípio que aprova ou desaprova qualquer ação segundo a tendência que tem a aumentar ou a diminuir a felicidade da pessoa cujo interesse está em jogo, ou, o que é a mesma coisa em outros termos, segundo a tendência a promover ou a comprometer a referida felicidade. Digo qualquer ação, com o que tenciono dizer que isto vale não somente para qualquer ação de um indivíduo particular, mas também de qualquer ato ou medida de governo.
>
> BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 4. (Coleção Os pensadores).

Quer dizer que **útil**, do ponto de vista da moralidade, é aquilo que traz **felicidade** e **bem-estar** ao **indivíduo** e à **sociedade**. Essa ideia se transforma em uma teoria que reformula a questão ética em torno da felicidade, convertendo-a em uma espécie de aritmética social: uma ação será tanto mais útil, ou moral, se ela buscar obter o maior grau possível de felicidade ao maior número possível de pessoas. Assim, o lema ético utilitarista poderia ser assim resumido: "Age sempre de forma a produzir a maior quantidade de bem-estar ao maior número de indivíduos possível".

As concepções utilitaristas surgiram quando o **bem-estar econômico** começava a tornar-se um valor importante nas **sociedades capitalistas**. Assim, o que Bentham e Stuart Mill diziam é que não é possível ser feliz sem desfrutar ao mesmo tempo de certo grau básico de bem-estar material. E que a felicidade material de poucos obtida por meio da infelicidade de muitos não é de utilidade para a sociedade, não sendo, portanto, moral. Não é possível ser feliz enquanto outros vivem na miséria e na infelicidade. Por isso, o utilitarismo propunha que o interesse pessoal de cada indivíduo – e sua maior felicidade – deve ser justamente a obtenção do **bem-estar coletivo**, já que sem este não se pode ser verdadeiramente feliz.

Stuart Mill também enfatizou o valor de desenvolver, além da educação intelectual, certos sentimentos morais, como a solidariedade e a compaixão pelos que sofrem, pois esses sentimentos ajudariam no desenvolvimento de condutas solidárias, filantrópicas e justas.

MICHAEL RUNKEL/ROBERTHARDING/GETTY IMAGES

Interior do Presídio Modelo, construído na Ilha da Juventude, em Cuba, na década de 1920. Ele foi fechado em 1967. Fotografia de 2023. Jeremy Bentham é conhecido também por ter concebido um sistema penitenciário denominado pan-óptico (como no exemplo da fotografia), que permitiria a um único vigilante, posicionado no centro do edifício, observar todos os prisioneiros. Esse modelo de controle poderia ser aplicado também a hospitais e escolas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CONTRAPONTO

Fundamentos da ética

Os textos a seguir, de Immanuel Kant e Jeremy Bentham, expressam diferentes concepções sobre os fundamentos da ética. Kant estabelece uma ética formal, ao passo que Bentham identifica como base da moralidade o princípio utilitarista.

Texto 1

[...] o dever deve ser a necessidade prática-incondicionada da ação; tem de valer portanto para todos os seres racionais (os únicos aos quais se pode aplicar sempre um imperativo), e *só por isso* pode ser lei também para toda a vontade humana. Tudo o que, pelo contrário, derive da disposição natural particular da humanidade, de certos sentimentos e tendências, mesmo até, se possível, duma propensão especial que seja própria da razão humana e não tenha que valer necessariamente para a vontade de todo o ser racional, tudo isso pode na verdade dar lugar para nós a uma máxima, mas não a uma lei; pode dar-nos um princípio subjetivo segundo o qual poderemos agir por queda ou tendência, mas não um princípio objetivo que nos *mande* agir mesmo a despeito de todas as nossas tendências, inclinações e disposições naturais. [...]

[...]

Tudo portanto o que é empírico é, como acrescento ao princípio da moralidade, não só inútil, mas também altamente prejudicial à própria natureza dos costumes; pois o que constitui o valor particular de uma vontade absolutamente boa, valor superior a todo o preço, é que o princípio da ação seja livre de todas as influências de motivos contingentes que só a experiência pode fornecer.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007. p. 64-65.

Texto 2

A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a *dor* e o *prazer*. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. Ao trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é **reto** do que é errado, e, por outra, a cadeia das causas e dos efeitos.

Os dois senhores de que falamos nos governam em tudo o que fazemos, em tudo o que dizemos, em tudo o que pensamos, sendo que qualquer tentativa que façamos para sacudir este senhorio outra coisa não faz senão demonstrá-lo e confirmá-lo. Através das suas palavras, o homem pode pretender **abjurar** tal domínio, porém na realidade permanecerá sujeito a ele em todos os momentos da sua vida.

O *princípio da utilidade* reconhece esta sujeição e a coloca como fundamento desse sistema, cujo objetivo consiste em construir o edifício da felicidade através da razão e da lei. Os sistemas que tentam questionar este princípio são meras palavras e não uma atitude razoável, capricho e não razão, obscuridade e não luz.

BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 3. (Coleção Os pensadores).

Reto: nesse contexto, em sentido figurado, refere-se ao comportamento ligado a valores como integridade, honestidade e sinceridade. Nesse sentido, compreende a ideia de retidão, ou seja, aquilo que está em conformidade com a lei e a justiça.

Abjurar: deixar de crer, renegar, renunciar a algo.

Atividades

Responda no caderno.

1. Qual é o papel da experiência empírica na ética formalista de Kant?
2. Explique a diferença entre a ética formalista e a ética utilitarista considerando o conteúdo do último parágrafo do texto de Kant e o do primeiro parágrafo do texto de Bentham.
3. Compare a ética formalista de Kant à ética utilitarista de Bentham com base nas noções de razão e de universalidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dica

Falando nisso 439: Jürgen Habermas

Produção: Christian Dunker. Brasil, 2024. 42 minutos.

Nesse *podcast*, com base nas questões colocadas por seus ouvintes, o psicanalista Christian Dunker traça uma breve biografia do filósofo Jürgen Habermas e explica sua teoria da ação comunicativa.

Habermas: razão comunicativa

Outra busca de respostas e de fundamentação para uma ética contemporânea desenvolveu-se no campo da análise da linguagem. O filósofo alemão Jürgen Habermas é um dos maiores representantes dessa corrente, com sua ética do discurso, fundada no diálogo e no consenso entre os sujeitos.

O que se buscaria nesse diálogo é a **razão comunicativa** que, tendo sido reconhecida pelos participantes do diálogo, serviria como fundamentação última para a ação moral. Para Habermas, a razão comunicativa não é algo pronto nem acabado, mas se constrói com base em uma argumentação que leva a um entendimento entre os indivíduos. É uma razão interpessoal e não subjetiva; é uma razão processual e não definitiva. Com base nessa razão, surgiria a **ação comunicativa**. Explica o professor Luiz Reppa:

> Mas o que vem a ser esse conceito central de ação comunicativa? A expressão parece conter algo de paradoxal, já que se pode supor que, ao agirmos, não nos comunicamos, e, ao nos comunicarmos, não agimos. Por ação não se entende somente a intervenção que podemos realizar no mundo das coisas, não se entende um "fazer", como serrar uma madeira ou apertar um botão. Por ação podemos entender também a realização de relações sociais em uma inter-ação. Dessa perspectiva, é preciso incluir a comunicação como elemento essencial da ação, já que nenhuma interação social é possível sem a comunicação.
>
> No entanto, é importante também o modo de entender aqui o termo "comunicação". Não se trata de uma mera troca de informações a respeito de alguma coisa no mundo. Comunicação aqui se refere a algo mais exigente. A ação comunicação é um tipo de interação social em que o meio de coordenar os diversos objetivos das pessoas envolvidas é dado na forma de um acordo racional, do entendimento recíproco entre as partes, alcançado através da linguagem. Ou seja, comunicação se refere a um determinado uso da linguagem, o uso da linguagem orientado para a obtenção de um acordo, de um consenso.

REPPA, Luiz. Jürgen Habermas e o modelo reconstrutivo de teoria crítica. *In*: NOBRE, Marcos (org.). **Curso livre de teoria crítica**. Campinas: Papiros, 2008. p. 166.

ROLAND WITSCHEL/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

O filósofo Jürgen Habermas em sua casa em Starnberg, na Alemanha. Fotografia de 1981.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Características da ética discursiva de Habermas

Para que essa comunicação leve a um entendimento real entre os indivíduos, é necessário que o diálogo seja livre, sem constrangimentos de qualquer ordem, e que o convencimento se dê com argumentos válidos e coerentes. A ética discursiva de Habermas é, portanto, uma aposta na linguagem e na capacidade de entendimento entre as pessoas na busca de uma ética **democrática**, e não autoritária, baseada em valores consensualmente aceitos e validados.

A grande questão que permanece em relação a essa proposta ética é quanto às condições sociopolíticas de realização de um diálogo livre e igualitário na sociedade de hoje, marcada pela desigualdade, pelo constrangimento e pela concentração de poder nas mãos de uma reduzida parcela da população. No entanto, como aponta Marcos Nobre:

> A ação comunicativa se caracteriza por pressupor a cada vez uma série de condições como: que não haja assimetrias de poder, dinheiro ou posição social entre os sujeitos que pretendem se entender, que os sujeitos só se deixem convencer pelo melhor argumento; ou que não haja distúrbios psicológicos que atrapalhem a comunicação. Salta aos olhos, entretanto, que condições como essas *jamais se cumprem* no mundo real das relações sociais, em que as assimetrias [...] entre os sujeitos são a regra e não a exceção. Mas esse é justamente o argumento de Habermas: ao orientar sua ação para o entendimento, os sujeitos *antecipam necessariamente* tais condições ideais, pois sem elas não seria possível uma ação comunicativa [...].
>
> NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 57.

EVARISTO SA/AFP/GETTY IMAGES

Indígenas que fazem parte do Acampamento Terra Livre participam de sessão no Congresso Nacional, em Brasília, no Distrito Federal. Fotografia de 2024. Fundamentada no diálogo e no consenso, a ética do discurso de Habermas fortalece os valores democráticos.

Saiba mais

Um conceito que se aproxima da ética discursiva de Habermas é o de comunicação não violenta. Segundo o psicólogo estadunidense Marshall Rosenberg, a comunicação não violenta é uma poderosa ferramenta para lidar com conflitos em contextos como a escola e a família. Ela tende a conciliar ideias, partindo de uma abordagem democrática e avessa ao autoritarismo. Na comunicação não violenta, expressamo-nos com honestidade e de maneira simples, e ouvimos o que o outro tem a dizer respeitosa e empaticamente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

OFICINA

Responda no caderno.

1. Por que a ética do período clássico grego é considerada racionalista? Justifique com exemplos das concepções éticas dos filósofos desse período.

2. Quais são as semelhanças e as diferenças fundamentais entre Sócrates e os sofistas?

3. O que Sócrates fez para ser considerado um elemento perturbador da democracia ateniense?

4. Leia a seguir um resumo da parábola dos dois cavalos alados, elaborada por Platão na obra *Fédro*. Em seguida, utilizando elementos dessa parábola, redija um texto explicando a importância da dualidade corpo-alma na concepção ética de Platão.

   Platão compara a alma humana a uma carruagem puxada por dois cavalos alados, isto é, com asas. Um dos cavalos é branco e o outro é preto. Um dos cavalos representa a inteligência, sendo delicado, suave e dócil. Já o outro representa as paixões, sendo impaciente e impulsivo. A carruagem é dirigida por um cocheiro, que representa a razão. Essa carruagem transita pelo mundo das ideias, lugar supraceleste que somente a alma é capaz de atingir. No entanto, a alma tem dificuldades para guiar os dois cavalos, o que faz com que eles percam suas asas e a carruagem caia. Dessa maneira, a alma desce da região supraceleste e se encarna em um corpo. Se a alma chegou a vislumbrar algumas ideias, ou seja, a luz, o corpo encarnado será humano. Caso contrário, será o de outro animal. Platão afirmava que o corpo representa um obstáculo para o verdadeiro conhecimento. Nossa vida material, sensível, proporciona apenas a oportunidade para que a alma se recorde das regiões supracelestiais. No mundo das ideias, existe uma ideia suprema, que é o Bem.

5. Aristóteles explicava a virtude como o meio-termo entre dois vícios. Com base nessa afirmação, explique a ética aristotélica.

6. Confronte a ética epicurista com a estoica, destacando semelhanças e diferenças.

7. Por que a ética do período medieval é chamada de cristã? Quais são os aspectos que a caracterizam como cristã e que a diferenciam da ética grega?

8. Sobre a ética de Agostinho, faça o que se pede.
   a. Explique a relação que Agostinho estabelece entre corpo e espírito.
   b. Defina o papel que a vontade humana tem no pensamento agostiniano.
   c. A virtude é o bom uso da liberdade de escolha, ou seja, do livre-arbítrio? Explique.
   d. Explique de que maneira o conceito de graça divina, defendido por Agostinho, rompe com a ética pagã.

9. Elabore uma redação dissertativo-argumentativa sobre o valor das boas obras. Você entende que alguém que procura agir sempre corretamente e realizar boas obras (por exemplo, ajudar os mais necessitados) cresce como ser humano e se torna uma pessoa melhor? Ou você crê que as ações são apenas expressão de características intrínsecas e que ninguém muda com as próprias ações, sejam elas boas ou más?

10. Por que a ética da Idade Moderna pode ser considerada uma ética antropocêntrica? Vincule sua resposta a uma interpretação da seguinte frase de Voltaire, um filósofo desse período: "Ser desprezado por aqueles com quem se vive é coisa que ninguém pôde e jamais poderá suportar. Talvez seja esse o maior freio que a natureza tenha posto nas injustiças dos homens" (VOLTAIRE. **Tratado de metafísica**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 88. (Coleção Os pensadores)).

11. Para Kant, a virtude é a força das máximas do indivíduo na realização de seu dever. Com base nessa afirmação, explique a ética kantiana.

12. Para Hegel, a história não é apenas uma justaposição de acontecimentos no tempo, mas resulta de um processo de contradições dialéticas que, interpretado com base no espírito absoluto, demonstra racionalidade e caminha no sentido da liberdade plena.

    Em sua interpretação, essa concepção de Hegel é uma noção racional e otimista dos acontecimentos históricos ou revela mais um perigoso conformismo, como entenderam seus críticos? Reúna-se com colegas para debater essa questão, buscando argumentar por meio de exemplos concretos.

13. Sobre si mesmo, Nietzsche afirmou: "Eu não sou um homem, sou dinamite" (NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p. 102). Identifique e explique as "dinamites" lançadas pelo filósofo nos seguintes domínios:
    a. tradição filosófica;
    b. moral;
    c. religião.

14. Desde o início do período contemporâneo, a reflexão ética radicalizou a recusa de uma fundamentação transcendental para a moralidade. Seu ponto de partida não seria mais o ser humano ideal, e sim o indivíduo concreto e social, com suas necessidades, desejos, limitações e aberturas. Sintetize como se expressa essa tendência nas concepções éticas dos seguintes filósofos:
    a. Hegel e Marx;
    b. Bentham e Stuart Mill;
    c. Habermas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

15. (Enem-MEC)

> Uma pessoa vê-se forçada pela necessidade a pedir dinheiro emprestado. Sabe muito bem que não poderá pagar, mas vê também que não lhe emprestarão nada se não prometer firmemente pagar em prazo determinado. Sente a tentação de fazer a promessa; mas tem ainda consciência bastante para perguntar a si mesma: não é proibido e contrário ao dever livrar-se de apuros desta maneira? Admitindo que se decida a fazê-lo, a sua máxima de ação seria: quando julgo estar em apuros de dinheiro, vou pedi-lo emprestado e prometo pagá-lo, embora saiba que tal nunca sucederá.
>
> KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os pensadores).

De acordo com a moral kantiana, a "falsa promessa de pagamento" representada no texto:

a. assegura que a ação seja aceita por todos a partir da livre discussão participativa.

b. garante que os efeitos das ações não destruam a possibilidade da vida futura na terra.

c. opõe-se ao princípio de que toda ação do homem possa valer como norma universal.

d. materializa-se no entendimento de que os fins da ação humana podem justificar os meios.

e. permite que a ação individual produza a mais ampla felicidade para as pessoas envolvidas.

16. (UEL-PR) Leia o texto a seguir.

> No caso de processos de entendimento mútuo linguísticos, os atores erguem com seus atos de fala, ao se entenderem com outros sobre algo, pretensões de validez, mais precisamente, pretensões de verdade, pretensões de correção e pretensões de sinceridade, conforme se refiram a algo no mundo objetivo (enquanto totalidade dos estados de coisas existentes), a algo no mundo social comum (enquanto totalidade das relações interpessoais legitimamente reguladas de um processo social) ou a algo no mundo subjetivo próprio (enquanto totalidade das vivências a que têm acesso privilegiado).
>
> HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 79.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a teoria do agir comunicativo, é correto afirmar que, para Habermas, a verdade de um enunciado é

a. um ideal inatingível, devido aos infinitos desacordos que são próprios da comunicação, em que diferentes posições se tornam inconciliáveis entre si.

b. subjetiva, pois o conteúdo dos enunciados é uma representação mental, e como tal não pode ser compartilhado pelos diversos participantes de uma comunidade linguística.

c. impossível, pois o espaço público é repleto de coações e restrições de todo tipo, que impedem o entendimento linguístico e o estabelecimento da verdade dos enunciados.

d. relacionada com alguma utilidade prática ou que possa resultar em alguma vantagem para aqueles que a aceitarem como tal, sendo a eficiência técnica a maior das vantagens possível.

e. um consenso intersubjetivo que resulta de uma prática dialógica em que cada participante apresenta justificativas para suas pretensões de validez, fundamentado em uma situação ideal de fala.

17. (Unicentro-PR) Indique a alternativa que apresenta, corretamente, a questão central da ética.

a. O que a coisa é?

b. O que acontece?

c. O que existe?

d. Por que pensamos?

e. Por que se deve fazer?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE 4

TRABALHO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O que você pensa sobre o trabalho? Com o que você trabalha ou pretende trabalhar? Quais expectativas você tem para o futuro? Já sabe que caminhos deseja trilhar para alcançar seus objetivos e interesses no campo profissional?

Além disso, você diria que sua visão a respeito do trabalho coincide com a de seus familiares? O que você pensa sobre o tipo de trabalho que eles realizam? Eles gostam do que fazem? Por quê? Você acredita que eles podem desenvolver a criatividade e mobilizar as próprias potencialidades? Que problemas ou desafios são enfrentados por eles no cotidiano de trabalho? De forma geral, o trabalho traz satisfação para seus familiares? Reúna-se com colegas e reflitam, juntos, sobre todas essas questões.

Com base nesses questionamentos e partindo de suas experiências e das vivências de seus familiares e colegas, proponha uma definição para o conceito de trabalho. Depois, compartilhe-a com o professor e o restante da turma.

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

Estudantes em aula de robótica e de *hardware*, na qual aprendem a configurar e fazer a manutenção de computadores e seus componentes. Curso técnico de informática integrado ao Ensino Médio, em Pontes e Lacerda, no estado de Mato Grosso. Fotografia de 2018.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FOCA LISBOA/UFMG

Sandra Regina Goulart Almeida, reitora da Universidade Federal de Minas Gerais (gestões 2018-2022 e 2022-2026), em frente à reitoria da universidade, em Belo Horizonte. Fotografia de 2018. Com a luta por igualdade de gênero, tem crescido a participação da mulher em cargos de liderança, para os quais é necessário delegar tarefas, resolver conflitos, controlar orçamentos e apresentar resultados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O desenvolvimento dos temas propostos nesta unidade explora as diversas dimensões do trabalho, categoria central nos estudos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Explorar a noção de trabalho e os significados que são dados a essa importante esfera da vida é uma oportunidade para compreender melhor a natureza das ações individuais e coletivas e para analisar o mundo em permanente transformação social.

Esta unidade ocorre nos quatro livros desta coleção. Desse modo, os capítulos de história, geografia, sociologia e filosofia se complementam e favorecem a construção de conhecimento interdisciplinar.

Neste volume de filosofia, a unidade aborda diferentes perspectivas sobre o tema do trabalho, considerando os processos de alienação do trabalhador e as noções de sociedade do tempo livre e de sociedade do desemprego. Além disso, a unidade investiga os temas do amor e do projeto de vida, que, ao lado do trabalho, integram a busca por um sentido para a vida humana.

Nos próximos dois capítulos, você vai:

- conhecer diferentes perspectivas filosóficas sobre o trabalho;
- compreender as noções de consumo e lazer alienado;
- discutir os temas da sociedade do tempo livre e da sociedade do desemprego;
- analisar diferentes visões sobre o amor à luz da filosofia;
- investigar o conceito de projeto de vida;
- compreender o processo de construção da consciência do outro e da natureza.

Capítulo 7

Trabalho e alienação

Trabalho é um conceito amplo que abrange dimensões históricas, filosóficas, sociológicas etc. Tais dimensões podem ser ilustradas em frases como: "O trabalho produz coisas úteis, transforma a natureza, gera riquezas", "O trabalho bem remunerado, geralmente, requer qualificação".

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a educação visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, a seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho. Essas três grandes finalidades da educação estão entrelaçadas, pois é difícil exercer cidadania e desenvolver-se plenamente como pessoa sem se qualificar para o trabalho.

Mas, afinal, qual é a real função do trabalho em nossa vida? Ele serve mais à liberdade ou é um meio de exploração? Trabalhamos para atender a um objetivo? Ou o trabalho intenso tornou-se uma finalidade em si mesma? O que é trabalho alienado? Até que ponto o trabalho humano será substituído pelas novas tecnologias?

As respostas a essas perguntas não são unânimes e geram controvérsias. Neste capítulo, vamos abordar o mundo do trabalho em diversas perspectivas filosóficas.

ISMAR INGBER/PULSAR IMAGENS

Recenseador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consultando mapa na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2022. Ao fundo, trabalhadores plataformizados, ou seja, de aplicativos digitais. A realidade do trabalho no Brasil engloba trabalhadores com direitos trabalhistas assegurados e aqueles sem seguridade social, os chamados trabalhadores informais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conceito de trabalho

A princípio, podemos dizer que trabalho é toda atividade na qual o ser humano utiliza sua energia para satisfazer necessidades ou atingir determinado objetivo individual ou coletivo. A palavra *energia* é utilizada, aqui, como a capacidade de uma pessoa para realizar uma obra, um trabalho. Energia vem do grego *en* = "dentro" + *érgon* = "obra", "trabalho".

Para alguns filósofos, como Karl Marx (1818-1883), o trabalho é o que distingue o ser humano de outros animais. Nesse sentido, é uma atividade tipicamente humana, porque implica a existência de um projeto mental que modela uma conduta a ser desenvolvida para alcançar um objetivo.

CHICO FERREIRA/PULSAR IMAGENS

Artesão produzindo cerâmica em Coronel José Dias, no estado do Piauí. Fotografia de 2022. O conceito de trabalho abarca diferentes atividades, entre as quais se incluem os ofícios dos artesãos, como o ceramista.

> [...] uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Pois o homem não transforma apenas o material em que trabalha. Ele realiza no material o projeto que trazia em sua consciência. Isso exige, além do esforço físico dos órgãos que trabalham, uma vontade orientada para um objetivo, vontade que se manifesta pela atenção e controle das operações durante o tempo de trabalho.
>
> MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia ao capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1, p. 211-212.

Então, para Marx, na obra *O capital*, uma abelha constrói sua colmeia com habilidades de um exímio arquiteto. Porém, a diferença entre um arquiteto e uma abelha é que ele cria em sua mente o projeto que pretende executar na realidade. Assim, o trabalho humano envolve operar de acordo com um projeto previamente concebido.

Desse modo, por intermédio do trabalho, o ser humano acrescenta um mundo novo – a cultura – ao mundo natural já existente. O trabalho é um elemento essencial da **relação dialética**: ser humano e natureza; saber e fazer; teoria e prática. Ele se desenvolve nas relações dos indivíduos com a sociedade e a natureza, caracterizando seus modos de ser e viver, seus saberes e suas práticas.

Relação dialética: relação em que, por meio de influências recíprocas, as contradições entre elementos opostos são superadas.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Para Marx, o ser humano "realiza no material o projeto que trazia em sua consciência". Explique a relação entre essa frase de Marx e o conceito de trabalho discutido nesta página.
2. Escreva um pequeno parágrafo elaborando, com suas próprias palavras, o conceito de trabalho. Depois, compare seu texto com os dos colegas. Há pontos em comum entre as formas de conceituar trabalho? Há diferenças?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Papéis do trabalho

Para que serve o trabalho? Qual é a sua função? Essas questões podem ser abordadas, basicamente, considerando duas perspectivas:

- **aspecto individual** – percebemos que o trabalho permite ao ser humano expandir suas energias, desenvolver sua criatividade e realizar suas potencialidades. Por meio do trabalho, enquanto molda e muda sua realidade, o ser humano transforma a si próprio, ou seja, trabalhando podemos modificar o mundo e a nós mesmos;
- **aspecto social** – entendido como esforço conjunto dos membros de uma comunidade, o trabalho cumpre a função de manutenção e satisfação da vida e de desenvolvimento da coletividade.

Essas duas perspectivas, tal como foram descritas, manifestam uma **visão positiva e ideal** do trabalho, que teria como função promover a realização individual, a edificação da cultura e a solidariedade entre os seres humanos. Nessa visão, o trabalho seria central para a expressão das potencialidades humanas.

Entretanto, há também uma **visão negativa e crítica**, segundo a qual, em vez de libertar, o trabalho aprisiona. Em vez de servir ao bem comum, foi utilizado para o enriquecimento de alguns, gerando desigualdades socioeconômicas. De ato de criação, tornou-se rotina de reprodução. De recompensa, transformou-se em castigo. Enfim, em vez de elemento de realização de nossas potencialidades, foi convertido em instrumento de **alienação**, conceito que estudaremos neste capítulo.

Existe uma hipótese de que o termo *trabalho* tenha vindo do latim *tripalium*, nome de um instrumento de tortura feito de três pedaços de madeira. Independentemente da veracidade dessa etimologia, não há exagero em afirmar que existem formas de trabalho que torturam e "trituram" o trabalhador.

Dica

Modo de produção

Direção: Dea Ferraz. Brasil, 2017. 75 minutos.

O documentário relata o cotidiano do Sindicato de Trabalhadores Rurais em Ipojuca, no estado de Pernambuco. *Modo de produção* analisa a importância dos sindicatos para garantir o cumprimento de diretrizes de segurança e de direitos dos trabalhadores.

Classificação indicativa do documentário *Modo de produção*: livre.

RICARDO OLIVEIRA/PULSAR IMAGENS

Pescadores consertam rede de pesca em Careiro da Várzea, no estado do Amazonas. Fotografia de 2023. O trabalho tem um aspecto social de esforço conjunto dos integrantes de uma comunidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Concepções de trabalho

A seguir, vamos destacar algumas concepções de trabalho formuladas por importantes filósofos ao longo da história. Algumas dessas concepções traduzem a realidade dominante no contexto social em que foram produzidas. Outras propõem a transformação desse panorama. Tendo em vista determinado tempo histórico, as concepções filosóficas são tanto expressão de certa realidade quanto reação a ela.

Aristóteles: liberdade e necessidade

Na Grécia antiga, o **trabalho manual** foi considerado uma atividade menor, quase desprezível, que pouco se diferenciava da atividade animal. Valorizava-se o **trabalho intelectual**, próprio dos seres humanos que se dedicavam à cidadania e ao saber.

Segundo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), no livro *Política*, tanto a cidadania quanto a filosofia buscam o fim supremo do ser humano: a **felicidade** (em grego, *eudaimonia*), sua realização pessoal e social. Esse fim supremo seria conquistado por meio do **ócio**, isto é, por uma vida guiada pela **liberdade**.

Em contraposição ao ócio, havia o **negócio**, que representava uma vida subordinada às **necessidades** cotidianas (a produção de alimentos, a confecção de roupas, a construção de edificações etc.). Aristóteles concebia o trabalho como negócio, isto é, a negação do ócio.

Nesse sentido, devemos lembrar que boa parte do trabalho na Grécia antiga era exercido por **escravizados**. Aristóteles defendia a escravidão como algo natural. Ele acreditava que existia uma intenção da própria natureza em distinguir os homens livres dos escravizados. Estes tinham corpos fortes adaptados a obedecer e executar atividades servis. Já os homens livres tinham corpos incapazes para o trabalho braçal, mas aptos para a cidadania e a busca do saber.

Assim, Aristóteles concluía que os cidadãos não deveriam levar uma vida de trabalho trivial ou de negócio, pois essas atividades eram incompatíveis com os valores e a prática da política e da filosofia. Nas palavras do filósofo, "A intenção da natureza é fazer também os corpos dos homens livres e dos escravizados diferentes – os últimos fortes para as atividades servis, os primeiros eretos, incapazes para tais trabalhos, mas aptos para a vida de cidadãos" (ARISTÓTELES. **Política**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985. p. 1254b).

Atualmente, a escravidão é repudiada, pois "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos", segundo o artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 1948 e assinada por vários países do mundo, incluindo o Brasil.

DEA/L. PEDICINI/DE AGOSTINI/GETTY IMAGES - MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, NÁPOLES

Alto-relevo representando o interior de uma oficina metalúrgica da cidade de Pompeia, na Roma antiga, século I. O trabalho manual foi por muitos séculos desvalorizado em relação ao trabalho intelectual, o que de modo geral, hoje, se traduz na diferença de rendimentos conforme o grau de escolaridade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tomás de Aquino: o bem árduo

FINE ART IMAGES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES - MUSEU CONDÉ, CHANTILLY

Calendário com doze cenas das atividades laborais realizadas mês a mês ao longo do ano, criado por Pietro de Crescenzi, cerca de 1460. Relacionado com a vida rural, esse calendário revela como a organização do trabalho, na Idade Média, estava vinculada aos ciclos naturais e às estações do ano no hemisfério norte.

Em muitas sociedades da Europa Ocidental, a antiga concepção de trabalho não se alterou nem se transformou de modo expressivo durante a Idade Média. Assim, nesse período, o trabalho intelectual permaneceu o mais valorizado em diversos contextos: na Igreja, na administração pública, na hierarquia militar etc.

De acordo com o cristianismo medieval, o trabalho nos aproxima da redenção que Jesus Cristo realizou por meio da crucificação, pois nos leva a suportar o lado penoso e o sofrimento da vida, fortalecendo o espírito para que possamos alcançar o reino celestial. Assim, na obra *Suma Teológica*, o teólogo e filósofo cristão Tomás de Aquino (1225-1274) referia-se ao trabalho como um bem árduo, um esforço, o suor com o qual ganhamos o pão (**Gênesis**, 3:19).

Para o cristianismo, como relata o livro bíblico *Gênesis*, o trabalho é digno na medida em que faz do trabalhador um colaborador de Deus na tarefa de prosseguir a obra de sua criação, levando adiante a missão atribuída ao primeiro ser humano de povoar e controlar a Terra.

Locke: a propriedade privada

No início da modernidade, a burguesia acentua o papel do trabalho como um meio de ascensão social, contrariando a nobreza, que desfrutava de altos cargos simplesmente em função da hereditariedade. Entre os pensadores que destacam esse papel do trabalho estava o filósofo inglês John Locke (1632-1704).

Em seu livro *Segundo tratado sobre o governo*, Locke concebia o trabalho como a atividade que transforma coisas naturais em recursos que satisfazem nossas necessidades. Para Locke, tudo o que existia na natureza (os rios, os animais, as montanhas, as árvores etc.) pertencia, originalmente, a todos os humanos. No entanto, quando o indivíduo acrescenta seu próprio trabalho às coisas da natureza, ele exclui o direito comum dos demais sobre essa coisa. Foi dessa maneira que o trabalho permitiu a **criação da propriedade privada**. Assim, uma floresta pertence a todos. Porém, quando retiro dessa floresta um tronco de árvore, corto-o e com ele construo uma canoa, esse objeto me pertence, torna-se minha propriedade.

Para Locke, ao longo da história, essa relação trabalho-propriedade foi se complicando. A **introdução do dinheiro** possibilitou a aquisição de propriedades, que antes eram conquistadas apenas por meio do trabalho. O dinheiro foi decisivo para a concentração da propriedade e o aumento das **desigualdades econômicas**. Com as desigualdades, multiplicaram-se os conflitos entre as pessoas e, para mediá-los e contê-los, foi necessária a instituição do **Estado**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Hegel: a autoconstrução

Já no século XIX, o filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831), em seus escritos, definiu o trabalho como elemento de **autoconstrução** do ser humano. Ele destaca, assim, o aspecto positivo do trabalho que mencionamos antes, isto é, o fato de o indivíduo não apenas se formar por meio do trabalho, mas também se libertar do **jugo** da natureza.

Jugo: nesse contexto, domínio, controle.

Ao lidar com a natureza, por intermédio do trabalho, o indivíduo desenvolve a consciência de si e do outro e, enfim, desenvolve sua cultura, em termos de saber e de fazer. Satisfazendo suas necessidades por meio do trabalho, o ser humano se torna plenamente humano.

Desse modo, o trabalho seria a manifestação da consciência individual e coletiva, atendendo a necessidades tanto pessoais quanto sociais. Assim, "o que o indivíduo faz para si torna-se um fazer para toda a espécie [humana]" (HEGEL, Friedrich. **O sistema de vida ética**. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 182).

Marx: a exploração

Karl Marx, por sua vez, embora reconheça esse aspecto da autoconstrução no trabalho, também apontou seu lado negativo nas sociedades capitalistas. Isso ocorre porque a liberdade do trabalhador ficou abalada quando ele foi destituído dos meios de produção. Sem outra opção para sobreviver, o trabalhador teve de vender sua força de trabalho para os detentores dos meios de produção. Tais meios abrangem, por exemplo: os recursos naturais (terras, subsolo, águas, matérias-primas etc.); os instrumentos de trabalho que transformam esses recursos; as instalações de produção (fábricas, meios de transporte e de comunicação etc.); as instalações de comércio e os bancos.

Em seus livros, como em *O capital* e nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx destacou as condições degradantes a que os trabalhadores tiveram de se submeter no início da industrialização, apontando seus efeitos danosos sobre os indivíduos. Entre esses efeitos está o processo de alienação, tema do tópico seguinte.

DEA PICTURE LIBRARY/GETTY IMAGES - GALERIA NACIONAL DE ARTE, OSLO

Tecelagem em Hjula, desenho de Wilhelm Peters, 1886. Note a importância dos instrumentos de trabalho para a realização das tarefas dessas tecelãs norueguesas, na localidade de Oslo, no final do século XIX.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Identifique e explique, com suas próprias palavras, a mudança importante na concepção de trabalho entre o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna.**
2. **Para você, conhecer as diferentes concepções filosóficas sobre o trabalho feitas ao longo da história (como as elaboradas por Tomás de Aquino, Locke, Hegel e Marx) pode ajudar a compreender as relações de trabalho atualmente no Brasil? Por quê?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Processo de alienação

A palavra *alienar* vem do latim *alienare,* que significa "tornar algo alheio a alguém", isto é, "tornar algo pertencente a outro". Hoje, esse termo tem significados distintos, dependendo do contexto em que é usado.

No **direito**, por exemplo, designa a transferência da propriedade de um bem a outra pessoa. Nesse sentido, costuma-se dizer que "os bens do devedor foram alienados". Já na **psicologia**, refere-se ao estado patológico do indivíduo que se tornou alheio a si próprio, sentindo-se como um estranho, sem contato consigo mesmo ou com o meio social em que vive.

Na **filosofia**, por sua vez, o termo *alienação* foi utilizado inicialmente por Hegel para designar o processo pelo qual os indivíduos colocam suas potencialidades nos objetos por eles criados. Significaria, assim, uma exteriorização da criatividade humana, de sua capacidade de construir obras no mundo. Nesse sentido, o mundo da cultura seria uma alienação do espírito humano, uma criação do indivíduo, que nela se reconheceria.

Diferentemente de Hegel, o filósofo Marx identificou dois momentos distintos no processo de exteriorização da criatividade:

- **objetivação** – primeiro momento, que se refere especificamente à capacidade da pessoa de se objetivar, de se exteriorizar nos objetos e nas coisas que cria, o que é algo próprio do saber-fazer humano;
- **alienação** – segundo momento, aquele em que o indivíduo, principalmente no capitalismo, após transferir suas potencialidades para seus produtos, deixa de identificá-los como obra sua. Os produtos já "não pertencem" a quem os produziu. Com isso, são "estranhos" a ele, seja no plano psicológico, seja no econômico ou social.

Na sociedade contemporânea, o processo de alienação atinge vários campos da vida humana, impregnando as relações das pessoas com o trabalho, o consumo, o lazer, com seus semelhantes e consigo mesmas. Entre as principais características dessas relações alienadas estão:

- **adesão à consciência alheia** – segundo o filósofo francês Gabriel Marcel (1889-1973), viver é ter consciência de que algo no mundo depende de mim e só de mim. Nesse sentido, o alienado não tem uma vida plena, porque, para agir e pensar, depende do outro (o líder político autoritário, o chefe da empresa, o grupo esportivo ao qual pertence). Um exemplo extremado da falta de consciência de si mesmo: o marechal nazista Hermann Göring chegou a dizer que não tinha consciência pessoal, pois sua consciência se chamava Adolf Hitler;
- **despersonalização** – ao perder sua identidade, a pessoa alienada age de forma submissa ao que vem de fora. Isso se expressa, por exemplo, no consumismo, na idolatria de pessoas, no fanatismo. Trata-se de uma forma aguda de despersonalização, em que ocorre um esvaziamento do próprio "eu" para mergulhar nos padrões do outro. A pessoa alienada torna-se estranha a si mesma;
- **medo da liberdade** – o alienado prefere ficar preso à influência do outro e cumprir ordens automaticamente. Com isso, ele esmaga sua própria liberdade e perde o senso de responsabilidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FINNBARR WEBSTER/GETTY IMAGES

Público diante da obra *Amantes do celular*, de Banksy, em exposição em Bristol, no Reino Unido. Fotografia de 2021.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Interprete a obra de Banksy com base no conceito de alienação.**
2. **Qual é a ironia presente na foto, considerando a crítica feita pela obra de Banksy e a postura do público da exposição?**

Trabalho alienado

A alienação afeta milhões de trabalhadores nas sociedades contemporâneas. A produção econômica transformou-se no objetivo imposto às pessoas, em vez de as pessoas serem o objetivo da produção. Para o filósofo francês contemporâneo Jean-Luc Ferry:

> [...] a economia moderna funciona como a seleção natural em Darwin: de acordo com uma lógica de competição globalizada, uma empresa que não progrida todos os dias é uma empresa simplesmente destinada à morte. Mas o progresso não tem outro fim além de si mesmo, ele não visa a nada além de se manter no páreo com outros concorrentes.
>
> FERRY, Jean-Luc. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 247.

Essa mentalidade se acentuou a partir do século XVIII, quando teve início a industrialização da economia. A Revolução Industrial impôs o estabelecimento de novas formas de organizar o trabalho seguindo a lógica de lucro, de tal maneira que as relações sociais passaram a ser regidas pela economia, e não o contrário.

O trabalho na maioria das indústrias se tornou cada vez mais rotineiro, automatizado e especializado, subdividindo-se em múltiplas operações. Os objetivos dos empresários industriais eram economizar tempo e aumentar a produtividade. O economista escocês Adam Smith (1723-1790), no livro *A riqueza das nações*, exemplificou como essas transformações impactaram a fabricação de alfinetes em sua época:

> Um operário não treinado para essa atividade [...] nem familiarizado com a utilização das máquinas [...] poderia talvez fabricar um único alfinete em um dia [...]. Entretanto, da forma como essa atividade é hoje executada, não somente o trabalho todo constitui uma indústria específica, mas ele está dividido em uma série de setores [...].
>
> Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete [...]. Assim, a [...] atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas, as quais, em algumas manufaturas, são executadas por pessoas diferentes, ao passo que, em outras, o mesmo operário às vezes executa 2 ou 3 delas.
>
> [...] [Com essa divisão do trabalho,] 10 pessoas conseguiam produzir entre elas mais do que 48 mil alfinetes por dia.
>
> SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1. p. 65-66. (Coleção Os pensadores).

Essa forma de organização do trabalho em linhas de montagem foi, posteriormente, aperfeiçoada pelo engenheiro Frederick Taylor (1856-1915), cujo método ficou conhecido como **taylorismo**.

Uma das consequências do taylorismo é que a fragmentação do trabalho também conduziu a uma **fragmentação do saber**, pois o trabalhador perdeu a noção de conjunto do processo produtivo. De acordo com o filósofo contemporâneo francês Edgar Morin, a divisão do trabalho traz consigo os inconvenientes da superespecialização e do despedaçamento do saber.

O despedaçamento do saber caracteriza o trabalho alienado, ainda observado em muitas atividades econômicas atuais em que a ação do trabalhador é limitada ao cumprimento de ordens e à repetição.

As ideias de Edgar Morin estão presentes em sua obra **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 27 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

© 2024 BANCO DE MÉXICO DIEGO RIVERA FRIDA KAHLO MUSEUMS TRUST. AV. 5 DE MAYO N. 2, COL. CENTRO, ALC. CUAUHTÉMOC, C.P. 06000, CIDADE DO MÉXICO BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - INSTITUTO DE ARTE DE DETROIT, DETROIT

Indústria de Detroit, mural de Diego Rivera, 1932-1933. Nesse mural, o artista representa os movimentos incessantes e repetitivos dos trabalhadores na linha de montagem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de fevereiro de 1998.

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

ODS 8

Exploração e embrutecimento

Ao executar a rotina do trabalho alienado, o trabalhador é submetido a um sistema de **exploração** que, em grande parte, não lhe permite desfrutar dos benefícios de sua própria atividade. O trabalhador alienado produz para satisfazer as necessidades do mercado e não propriamente as suas. Ele pode fabricar coisas maravilhosas para uma elite econômica, enquanto vive de maneira modesta ou miserável.

Nas sociedades contemporâneas, a execução constante de atividades rotineiras e burocráticas leva o ser humano a criar uma infinidade de coisas que no fundo o dominam. Paradoxalmente, a criatura (coisas) parece estar acima do criador (seres humanos).

Enfim, o trabalho alienado está associado ao desprazer e à exploração do trabalhador. Notemos como Marx descreveu esse processo de alienação (exteriorização do trabalho) nos *Manuscritos econômico-filosóficos*:

> Em que consiste, então, a exteriorização [...] do trabalho?
>
> Primeiro, que o trabalho é *externo* [...] ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica [...] e arruina o seu espírito. [...] O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, *trabalho obrigatório*. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um *meio* para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza [...] evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste.
>
> MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 82-83.

A rotina desgastante corrói o envolvimento afetivo e intelectual que o trabalhador teria com o próprio trabalho. Desse modo, a relação do trabalhador com seu trabalho vai se tornando fria, monótona e depressiva.

Um exemplo contemporâneo de exploração do trabalho ocorre com trabalhadores que prestam serviço às plataformas digitais (trabalhadores de aplicativos), entregando mercadorias, conduzindo pessoas, comprando produtos em supermercados e lojas, entre outros. Em consequência da baixa remuneração, esses trabalhadores precisam efetuar numerosos deslocamentos. Vítimas de ampla precarização de suas relações de trabalho, eles não desfrutam, de modo geral, de salário mínimo, férias, proteção à saúde etc. Pior do que a subordinação ao patrão tradicional, esses trabalhadores de aplicativos estão subordinados à impessoalidade e à frieza dos algoritmos.

Dica

Estou me guardando para quando o Carnaval chegar

Direção: Marcelo Gomes. Brasil, 2019. 86 minutos.

Documentário sobre o mundo do trabalho em Toritama, no estado de Pernambuco. As fábricas da cidade só param de funcionar em uma data: o Carnaval. O documentário reflete sobre os processos de exploração do trabalho.

Classificação indicativa do documentário *Estou me guardando para quando o Carnaval chegar*: não recomendado para menores de 10 anos.

ZEITGEIST FILMS/COURTESY EVERETT COLLECTION/FOTOARENA

Fotograma do filme *Você não estava aqui*, dirigido por Ken Loach, 2019. O filme se passa em Newcastle, no Reino Unido, e mostra a rotina de um trabalhador plataformizado que tem a ilusão de ser um empreendedor autônomo, embora seja explorado com jornadas de trabalho extenuantes e mal remuneradas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Mercado de personalidades

Atingido pela alienação, o ser humano perde contato com seu eu genuíno, com sua individualidade. Ele é transformado em **mercadoria**, sentindo-se como uma "coisa" que precisa alcançar sucesso financeiro, profissional, intelectual, social, sexual, político, esportivo etc.

Segundo o pensador alemão Erich Fromm (1900-1980), no livro *Análise do homem*, o ser humano alienado age como se participasse de uma espécie de "mercado de personalidades". Quando uma pessoa se insere nesse mercado, quando consegue "vender-se", tem a sensação de aceitação e sucesso. Caso não consiga se inserir ou se vender, tem a autoestima abalada e mergulha em uma sensação de fracasso. Nesse sentido, Fromm afirma:

> Como o homem moderno se sente ao mesmo tempo como o vendedor e a mercadoria a ser vendida no mercado, sua autoestima depende de condições que escapam a seu controle. Se ele tiver sucesso, será "valioso"; se não, imprestável. O grau de insegurança daí resultante dificilmente poderá ser exagerado.
>
> FROMM, Erich. **Análise do homem**. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 69.

NELSON ALMEIDA/AFP/GETTY IMAGES

Consumidores tentam adquirir produtos em loja durante dia especial de descontos, na capital de São Paulo. Fotografia de 2023. A capacidade de consumo é um dos fatores que valorizam o indivíduo no mercado das personalidades.

Dominado por essa orientação mercantil, o indivíduo não mais se identifica com o que ele é, sabe ou faz. Não se preocupa com sua realização íntima e pessoal, mas apenas com o sucesso decorrente de vender suas qualidades. Seus lemas seriam: "Sou o que o mercado quer que eu seja"; "Vivo para atender ao mercado".

As relações sociais também ficam seriamente comprometidas. Cada pessoa vê a outra segundo critérios e valores definidos pelo "mercado de personalidades". O outro passa a valer também como um objeto, uma mercadoria.

Um dos princípios que orientam essas relações alienadas é a **apatia**, que se traduz nestes comandos: "Não se envolva com a vida de ninguém", "Fique desligado". A apatia é um bloqueio da capacidade de sentir e se revela, sobretudo, no afastamento dos compromissos sociais. Esse não envolvimento pode levar a situações extremas de ausência de solidariedade. Seja nas ruas, seja nas redes sociais, é comum observarmos pessoas que encaram com indiferença a miséria ou a tragédia do outro.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Erich Fromm também considera que, atingida pela alienação, "[...] a pessoa é compelida a lutar incessantemente pelo sucesso, e qualquer retrocesso é uma grave ameaça à sua autoestima" (FROMM, Erich. Análise do homem. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 69). Em sua opinião, essa situação colabora para o aumento da competição entre as pessoas? Por quê?**
2. **Como vimos anteriormente, a Revolução Industrial acabou por estabelecer, já nos séculos XVIII e XIX, novas formas de organizar o trabalho seguindo a lógica do lucro. Procure identificar relações entre essa concepção de trabalho e as ideias do filósofo Erich Fromm.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consumo alienado

ODS 12

Como podemos definir **consumo**? Consumir significa utilizar, gastar, dar fim a algo. O ser humano consome uma série de produtos necessários a sua vida.

E o que seria o **consumo alienado**? Antes de refletirmos sobre esse conceito, consideremos o brutal abismo socioeconômico que separa ricos e pobres no mundo. Nesse sentido, a globalização trouxe benefícios para alguns setores da população (os "incluídos"), embora tenha marginalizado enorme quantidade de pessoas (os "excluídos"). Isso se reflete, por exemplo, na concentração de riqueza no mundo. Durante a pandemia de covid-19, por exemplo, o 1% mais rico da população mundial acumulou 2/3 de toda nova riqueza criada.

Essa situação mostra que, enquanto boa parte das pessoas enfrenta dificuldades para atender a suas necessidades básicas, uma minoria pode dar-se ao luxo de esbanjar o supérfluo. Nesse contexto, podemos discorrer sobre o consumo alienado, fenômeno comum entre a parcela da população com poder de compra. Não tem sentido falarmos em consumo alienado entre a multidão de famintos, esmagada pela miséria.

A alienação está, ainda, presente nas situações em que o consumidor não se importa com o impacto ambiental e humano de seu consumo. Consumir de maneira consciente e responsável requer não colaborar com a produção de empresas que, por exemplo, utilizam mão de obra análoga à escravidão e têm práticas agressivas contra o meio ambiente.

Relação produção-consumo

Em *Contribuição à crítica da economia política*, Marx mostrou a dialética entre produção e consumo. Observou que **toda produção é também consumo**. Isso ocorre porque, para produzir algo, o trabalhador consome tanto matéria-prima como sua própria energia física e mental.

Por outro lado, **todo consumo é também produção**, pois os seres humanos se produzem por meio do consumo. Por exemplo, consumimos alimentos para "produzir" nosso corpo. Além disso, o consumo nos produz não apenas no campo físico, mas também no campo intelectual e emocional.

MARTIN BERNETTI/AFP/GETTY IMAGES

Vista aérea de lugar de descarte de roupas usadas no Deserto do Atacama, no Chile. Fotografia de 2021. O consumo alienado estimula a mera produção de mercadorias desacompanhada de um investimento em formas sustentáveis de produção e de descarte de resíduos.

Há, portanto, uma relação dialética entre consumo e produção. A produção cria não só bens materiais e não materiais, mas também o **consumidor** para esses bens. Se não fosse assim, a produção não teria sentido. Então, quando se produz algo, supõe-se que alguém irá consumir essa produção.

Por isso, a publicidade é elemento fundamental das sociedades capitalistas. Por meio dela, os indivíduos são induzidos à necessidade de consumir. Aí começa uma roda-viva: a produção movimenta o consumo; o consumo movimenta a produção. Essa dupla criação de necessidades gera a "reprodução" do sistema capitalista.

A estimativa sobre a concentração de renda foi retirada de: OXFAM. **Survival of the richest**: how we must tax the super-rich now to fight inequality, 2023. Disponível em: https://www.oxfam.org/en/research/survival-richest. Acesso em: 10 jul. 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consumo e *status*

Como se desenvolve a alienação no consumo? Para refletir sobre essa questão, é importante compreender que os indivíduos se formam interagindo com o mundo objetivo e que consumir significa participar de um patrimônio construído pela sociedade. Assim, além de atender às necessidades individuais, o consumo expressaria também a forma pela qual o indivíduo está integrado à sociedade.

Entretanto, observamos nas sociedades contemporâneas que a maior parte das pessoas é excluída do consumo efetivo do patrimônio social. Portanto, o circuito produção-consumo não visa atender prioritariamente às necessidades das pessoas, mas sim às necessidades de expansão do sistema capitalista, em sua busca pelo lucro. Isso levou à mercantilização de tudo e de todos.

Nesse sistema, como aponta o sociólogo contemporâneo Immanuel Wallerstein (1930-2019), há algo de absurdo compondo a "lógica capitalista":

> Acumula-se capital a fim de se acumular mais capital. Os capitalistas são como camundongos numa roda, correndo sempre mais depressa a fim de correrem ainda mais depressa. Nesse processo, algumas pessoas sem dúvida vivem bem, mas outras vivem miseravelmente, e mesmo as que vivem bem pagam um preço por isso [...].
>
> WALLERSTEIN, Immanuel. **O capitalismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 34.

O fato de a maior parte das pessoas estar excluída da possibilidade de consumir e a permanente busca do lucro são fenômenos entrelaçados a tal ponto que o filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007) considera que a lógica capitalista do consumo se baseia exatamente na impossibilidade de que todos consumam.

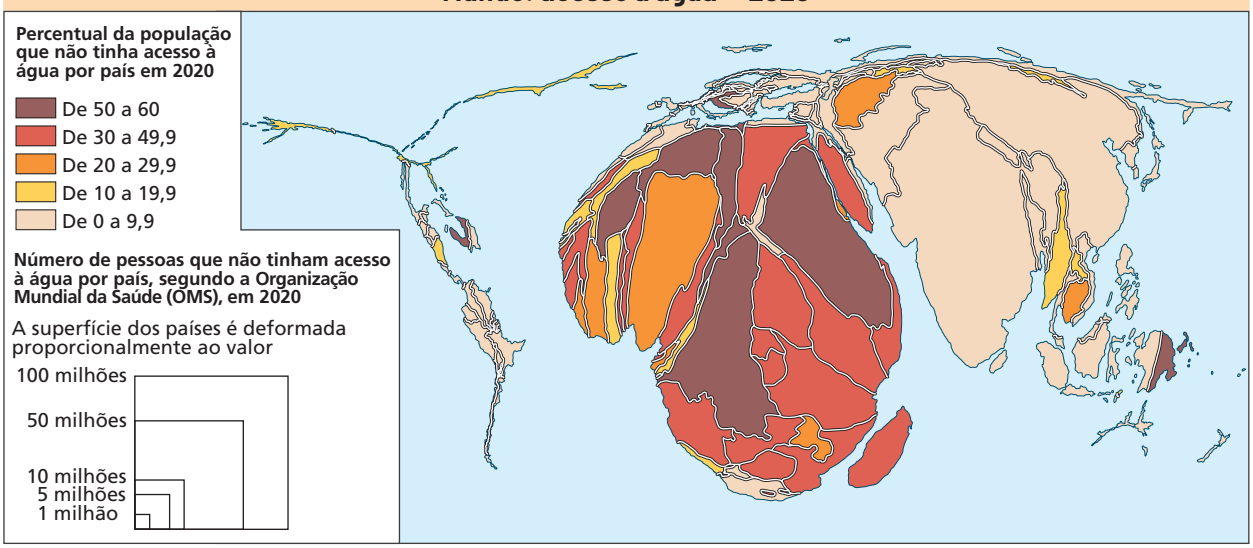
De acordo com a análise de Baudrillard, o consumo funciona como uma forma de afirmar a diferença de *status* entre os indivíduos. Um exemplo simples: o fato de alguém possuir um automóvel de luxo só tem sentido se **poucos indivíduos** puderem tê-lo. Assim, o objeto adquirido funciona como um signo de prestígio social e da diferença de *status*.

Dentro da lógica de consumir para, assim, adquirir prestígio social, o desejo de **ter** substitui o vazio do **ser**. Nas palavras de Baudrillard, "[...] o prazer de mudar de vestuário, de objetos, de carro, vem sancionar psicologicamente constrangimentos de diferenciação social e de prestígio" (BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Lisboa: Edições 70, 1972. p. 38).

A propaganda trata de assegurar essa distinção ao associar marcas e grifes a comportamentos e padrões inacessíveis à maioria da população. Além disso, é impossível que todos os seres humanos tenham o mesmo padrão de consumo dos mais ricos, devido ao impacto que o consumismo em escala mundial causaria ao meio ambiente, isto é, o planeta já teria entrado em colapso.

Por fim, quando falamos de desigualdade na capacidade de consumir, não devemos pensar apenas no acesso a artigos de luxo. Embora o assunto seja o patrimônio social, vale lembrar que mesmo os recursos naturais, como a água, não estão disponíveis a todos igualmente no mundo, como mostra a anamorfose no mapa a seguir.

Mundo: acesso à água – 2020



ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL/ARQUIVO DA EDITORA

Fonte: BLANCHON, David; BOISSIÈRE, Aurèlie. **Atlas mondial de l'eau**: défendre et protéger notre bien commun. 4. ed. Paris: Autrement, 2022. p. 170. Edição digital.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Felicidade pelo consumo

O consumo alienado é movido pelo desejo do consumidor de sentir-se uma "exceção" em meio à multidão. É como se a posse de um objeto compensasse a perda da própria identidade.

As empresas e seus departamentos de *marketing* sabem disso e se empenham em colocar no mercado produtos que se sucedem em uma rapidez impressionante, como substitutos para essa insatisfação que o indivíduo sente em relação a si próprio. Isso se traduz na ansiedade de adquirir o que se deseja em vez de desejar o que já se adquiriu.

Em outras palavras, o consumidor alienado age como se a felicidade consistisse apenas em uma questão de poder sobre as coisas, deixando de ter prazer com aquilo que ama. Como afirmou o filósofo alemão Max Horkheimer (1895-1973), "quanto mais intensa é a preocupação do indivíduo com o poder sobre as coisas, mais as coisas o dominarão, mais lhe faltarão os traços individuais genuínos" (HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976. p. 141).

Assim, no consumo alienado não existe um verdadeiro prazer motivado pelo objeto em si mesmo, não existe uma relação direta e real entre a coisa adquirida e o sentimento que ela provoca no consumidor. Este compra rótulos e grifes. Escova os dentes com o "sabor refrescante" do creme dental. Toma banho com o sabonete das "estrelas do cinema". Veste o tênis do atleta famoso. Come os alimentos indicados pelo influenciador digital.

Induzidos pela propaganda que promove o **fetiche** das mercadorias, os consumidores são transformados em escravos dóceis, cujo gosto é condicionado pela rotina de produção daquilo que tem sucesso, como apontou Theodor Adorno (1903-1969), parceiro intelectual de Horkheimer, em *O fetichismo na música*. O consumo deixa de ser um meio de expressão do prazer pessoal e se transforma em um fim em si mesmo. Torna-se um ato obsessivo alimentado pelo apetite de novidade e distinção social.

Dica

Você precisa de quê? A diferença entre consumo e consumismo

Silmara Franco. São Paulo: Moderna, 2016.

Com textos em linguagem acessível e infográficos, a obra apresenta discussões relevantes sobre as diferenças entre desejo e necessidade e entre consumo e consumismo. Analisa, também, o papel e o peso da propaganda na lógica consumista e busca explorar atitudes que possibilitem o consumo consciente e atrelado à cidadania.

Fetiche: objeto a que se presta culto ou adoração exagerada.

LEANDRO BRASILIO

Performance do grupo teatral Desvio Coletivo na capital de São Paulo. Fotografia de 2023. Nessa *performance*, os atores vendados e com roupas semelhantes carregam várias sacolas de compras, o que remete ao consumo alienado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A mania do novo

OBJETO DIGITAL *Podcast*: Consumo e moda

Para o consumidor alienado, comprar o celular de última geração, o tênis recém-lançado e o novo modelo de carro representa um sinal infalível de *status*.

Assim, multidões frequentam avidamente os grandes centros de compra para contemplar as novidades das vitrines e, se possível, adquiri-las. Há um amor obsessivo pelas novidades que afeta praticamente todas as relações que o ser humano é capaz de estabelecer com o mundo.

Evidentemente, esse amor desenfreado pelas novidades e o desejo de adquirir os produtos de última geração correspondem aos interesses dos grandes produtores econômicos, das grandes indústrias, no contexto da lógica capitalista. Produzir objetos que logo se tornam obsoletos é um princípio fundamental da indústria que opera seguindo essa lógica.

Desse modo, o fenômeno que testemunhamos, e do qual participamos (mesmo sem perceber), corresponde à chamada **obsolescência programada**, que consiste na estratégia de produzir e distribuir mercadorias cuja vida útil é propositalmente limitada. O produto se torna obsoleto depois de determinado período, seja porque deixa de funcionar e vale mais a pena comprar um novo do que consertar o antigo, seja porque fica "fora de moda".

Além disso, se o amor pelas novidades é uma forma de obsessão característica do consumismo, seu oposto, a aversão às novidades, também constitui uma distorção da consciência transformadora.

Escapar dessas armadilhas não é um problema a ser resolvido apenas por meio da consciência e da vontade individuais. É uma tarefa ampla que envolve a revisão crítica dos valores dominantes em toda a sociedade.

PRADEEPGAURS/SHUTTERSTOCK

Componentes eletrônicos sendo separados para reciclagem em Haridwar, na Índia. Fotografia de 2021. Como resultado da obsolescência programada, utilizada sobretudo na indústria de eletrônicos, é necessário desenvolver estratégias para minimizar o impacto do descarte desses produtos sobre o meio ambiente.

Dica

Obsolescência programada

Produção: O assunto é. Brasil, 2020. 9 minutos.

O episódio do *podcast O assunto é* apresenta uma conversa entre três professores das áreas de engenharia elétrica e de telecomunicações do Instituto Federal de Educação da Paraíba, em João Pessoa. Analisando o fenômeno da obsolescência programada, a conversa destaca o problema do lixo eletrônico e do consumo exacerbado de produtos que são feitos para não durar por muito tempo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Lazer alienado

E o que dizer de nosso lazer? Será que o processo de alienação na sociedade industrial afeta também a utilização de nosso tempo livre? Analisemos.

A indústria cultural e de diversão vende jogos de *videogame*, aplicativos de celular, filmes, seriados, músicas, *shows*, livros e peças de teatro como qualquer outra mercadoria. E o consumidor alienado compra seu lazer da mesma maneira como compra seu creme dental ou seu xampu. Consome os filmes da moda e frequenta os lugares badalados sem um envolvimento autêntico com o que faz.

Agindo desse modo, muitos forçosamente tentam se divertir e até enganam a si mesmos achando que se divertem. Na maioria das vezes, fazem isso só para ostentar seus divertimentos – na verdade, ilusórios – nas redes sociais. No entanto, com essa falsa alegria disfarçam a ausência de um envolvimento verdadeiro.

Nesse contexto, a lógica capitalista afeta até mesmo a relação do indivíduo com as obras de arte. Reduzidas ao nível de mercadorias, elas passam a obedecer à lei da oferta e da procura. Tornam-se puros "negócios" fabricados pela **indústria cultural**, expressão criada pelos pensadores da **Escola de Frankfurt**.

Assim, criações humanas como a arte podem se transformar em mero objeto de consumo produzido de forma padronizada, visando basicamente à obtenção de lucros econômicos.

OCTIFANNY/SHUTTERSTOCK

Fãs de Taylor Swift em fila para tirar foto em instalação dedicada à cantora estadunidense em *shopping center* de Cingapura. Fotografia de 2024. Na lógica capitalista, o lazer está frequentemente associado ao consumo.

Dica

Indústria cultural e meios de comunicação

Rodrigo Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2014. (Coleção Filosofias: o prazer do pensar).

Nesse livro, o professor Rodrigo Duarte discute a vida entre o trabalho e o lazer. Para tanto, aborda a produção de entretenimento de massa com base no conceito de indústria cultural, cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, filósofos da Escola de Frankfurt.

Saiba mais

Escola de Frankfurt é o nome dado ao grupo de pensadores alemães do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, fundado na década de 1920. Sua produção ficou conhecida como teoria crítica. Entre eles, destacaram-se Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin (1892-1940), Herbert Marcuse (1898-1979), Jürgen Habermas e Erich Fromm.

Apesar de haver grandes diferenças de pensamento entre esses autores, identificamos neles a preocupação comum de estudar variados aspectos da vida social, de modo a compor uma teoria crítica da sociedade como um todo. Para tanto, investigaram as relações existentes entre os campos da economia, da psicologia, da história e da antropologia.

Os pontos de partida fundamentais de suas reflexões foram a teoria marxista (na verdade, uma leitura original do marxismo) e a teoria freudiana, que trouxe à tona elementos novos sobre o psiquismo das pessoas. Há, no entanto, outras influências, como as dos filósofos Friedrich Hegel e Immanuel Kant (1724-1804) e a do sociólogo Max Weber (1864-1920).

A Escola de Frankfurt concentrou seu interesse na análise da sociedade de massa, termo que busca caracterizar a sociedade atual, na qual o avanço tecnológico é colocado a serviço da reprodução da lógica capitalista, enfatizando o consumo e a diversão como formas de garantir o apaziguamento e a diluição dos problemas sociais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Perspectivas do trabalho

Na análise do processo histórico-social que acabamos de fazer, percebemos que o trabalho quase se transformou no oposto daquilo que poderia ser para um indivíduo: de possibilidade de liberdade e realização, tornou-se sinônimo de frustração, submissão e sofrimento.

Essa é a ideia que grande parte das pessoas tem acerca do trabalho, porque, de fato, é dessa forma que ele se apresenta para determinadas classes sociais. O trabalho é tido unicamente como um meio de sobrevivência, como algo penoso pelo qual todos têm de passar.

Diante do que estudamos até aqui, podemos nos questionar: o trabalho é realmente uma categoria fundamental para o ser humano? Em outras palavras, é por meio do trabalho que o ser humano se autoconstrói?

A questão é complexa porque são muitas as situações em que se utiliza a palavra *trabalho*. Mas então voltamos à nossa pergunta inicial: o que é o trabalho? Será apenas o que uma ordem econômica exploradora reconhece como trabalho? Se o que recusamos é a forma como ele se apresenta – o trabalho forçado, aquele que significa privação e não realização de nossas capacidades –, será possível alcançarmos uma forma mais livre de trabalho?

Sociedade do tempo livre

Tais questões nos levam ao tema do desenvolvimento tecnológico atual. A mecanização e a automatização da produção vêm suprimindo diversas tarefas rotineiras antes desempenhadas por trabalhadores. Como resultado dessa automatização, é possível imaginar que um dia viveremos em uma sociedade na qual as pessoas possam dispor de maior tempo livre. É a perspectiva, como diversos teóricos denominam, da sociedade do tempo livre.

Calcula-se que, na passagem do século XIX para o XX, um trabalhador em países como Reino Unido e França vivia, em média, de 45 a 50 anos e trabalhava aproximadamente 120 mil horas ao longo de sua vida.

Hoje, nos países desenvolvidos, o trabalhador vive cerca de 75 a 80 anos e trabalha aproximadamente 80 mil horas ao longo da vida. Na interpretação do sociólogo italiano Domenico De Masi (1938-2023), em *O ócio criativo*, poderemos ter no futuro mais espaço para esse tipo de ócio. Isso significa que o ser humano se ocuparia de atividades criativas à medida que os esforços físico e intelectual fossem desempenhados pelas máquinas e por inteligência artificial.

VINCENT VAN GOGH - MUSEU D'ORSAY, PARIS

Meio-dia: descanso do trabalho, pintura de Vincent van Gogh, cerca de 1891. O descanso do trabalho e o tempo livre são elementos imprescindíveis para a manutenção da saúde e do bem-estar do trabalhador.

Dica

Juventude e trabalho - Documentários

Produção: Canal Saúde/Fundação Oswaldo Cruz. Brasil, 2023. 26 minutos.

Esse episódio, que faz parte da série *Documentários*, aborda o tema das juventudes e as perspectivas para o trabalho. Apresenta depoimentos de jovens, em especial aqueles quem vivem em grandes centros urbanos, que falam sobre como estão tentando se preparar para os desafios do mercado de trabalho.

As estimativas sobre os anos e as horas trabalhadas ao longo da vida foram retiradas de: MASI, Domenico De. Em busca do ócio. **Veja 25 anos**: reflexões para o futuro. São Paulo: Abril, 1993. p. 45-46. Edição especial.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Futuro do mundo do trabalho

LAURENT VITEUR/GETTY IMAGES

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han é professor na Universidade de Berlim e vem publicando diversos ensaios sobre a sociedade do trabalho e o papel da tecnologia no mundo atual. Fotografia de 2015.

Leia, a seguir, dois textos que expressam diferentes concepções sobre a incorporação de novas tecnologias ao mundo do trabalho. O primeiro deles é uma entrevista com o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. O segundo é trecho de uma obra do historiador israelense Yuval Harari.

Texto 1

Pergunta. Como é possível que, em um mundo obcecado pela hiperprodução e pelo hiperconsumo, os objetos desapareçam ao mesmo tempo que caminhamos para um mundo de não coisas?

Resposta. Existe, sem dúvida, uma hiperinflação dos objetos, ou seja, eles estão em todo lugar. No entanto, são objetos descartáveis, com os quais não podemos de fato criar vínculos. Atualmente, não estamos obcecados por coisas, mas por informações e dados, ou seja, por não coisas. [...]

P. Nesse mundo que você descreve, um mundo de hiperconsumo onde as relações humanas se perdem, por que é importante ter objetos que amamos e cultivar hábitos de vida?

R. As coisas são uma estrutura de apoio que proporciona paz de espírito na vida. Hoje em dia, isso é muitas vezes encoberto pela informação. O celular não é uma coisa. Ele produz e processa informação, e a informação nos dá o oposto de paz de espírito. Ela nos sobrecarrega de surpresas e nos mergulha em um turbilhão de notícias. Os hábitos dão alguma estabilidade à vida. [...]

P. O seu livro [intitulado *Não coisas: reviravoltas do mundo da vida*] afirma que, em um mundo digital, nos tornaremos *homo ludens*, centrados na diversão e não no trabalho. Porém, [...] será que todos teremos acesso a esse estilo de vida?

R. Falei sobre o desemprego digital. A digitalização levará ao desemprego em massa, o que representará um problema muito sério no futuro. O futuro da humanidade consistirá na renda básica e nos jogos de computador? É um panorama desanimador. Na obra *Pão e circo*, [o poeta romano] Juvenal se refere a uma sociedade romana onde a ação política não é mais possível. As pessoas são mantidas felizes com comida e entrenimento gratuitos. A dominação total é aquela em que as pessoas só se dedicam ao entretenimento. [...] No começo da digitalização, as pessoas sonhavam que o trabalho seria substituído pela diversão. Na realidade, o capitalismo digital explora impiedosamente o desejo humano pela diversão. Pense nas redes sociais, que incorporam de forma deliberada elementos lúdicos para viciar seus usuários.

P. De fato, os celulares eram a promessa de certa liberdade... mas não estaremos, na verdade, aprisionados por eles?

R. Hoje, o celular é tanto um local de trabalho digital quanto um confessionário digital. [...] O celular é o objeto de culto da dominação digital. [...] O *like* é um "amém" digital. Continuamos confessando nossos pecados. [...] Mas não pedimos perdão: em vez disso, estamos preocupados em chamar a atenção.

HAN, Byung-Chul. Byung-Chul Han: 'The smartphone is a tool of domination. It acts like a rosary'. [Entrevista cedida a] Sergio Fanjul. **El País**, 15 out. 2021. (Tradução nossa). Disponível em: https://english.elpais.com/usa/2021-10-15/byung-chul-han-the-smartphone-is-a-tool-of-domination-it-acts-like-a-rosary.html. Acesso em: 19 jan. 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Texto 2

No passado, as máquinas competiram com humanos principalmente em habilidades físicas, enquanto os humanos se mantiveram à frente das máquinas em capacidade cognitiva. Por isso, quando trabalhos manuais na agricultura e na indústria foram automatizados, surgiram novos trabalhos no setor de serviços que requeriam o tipo de habilidade cognitiva que só os humanos possuíam: aprender, analisar, comunicar e acima de tudo compreender as emoções humanas. No entanto, a IA [Inteligência Artificial] está começando agora a superar os humanos em um número cada vez maior dessas habilidades, inclusive a de compreender as emoções humanas. [...]

É crucial entender que a revolução da IA não envolve apenas tornar os computadores mais rápidos e mais inteligentes. Ela se abastece de avanços nas ciências da vida e nas ciências sociais também. [...]

[...]

E a IA não só está em posição de hackear humanos e superá-los no que eram, até agora, habilidades exclusivamente humanas. Ela também usufrui de modo exclusivo de habilidades não humanas, o que torna a diferença entre a IA e um trabalhador humano uma questão qualitativa e não apenas quantitativa. Duas habilidades não humanas especialmente importantes da IA são a conectividade e a capacidade de atualização.

Como humanos são seres individuais, é difícil conectar um ao outro e se certificar de que estão todos atualizados. Em contraste, computadores não são indivíduos, e é fácil integrá-los numa rede flexível. Por isso estamos diante não da substituição de milhões de trabalhadores humanos individuais por milhões de robôs e computadores individuais, mas, provavelmente, da substituição de humanos individuais por uma rede integrada. [...]

[...]

Da mesma forma, se a Organização Mundial de Saúde identificar uma nova doença, ou se um laboratório produzir um novo remédio, é quase impossível atualizar todos os médicos humanos no mundo quanto a esses avanços. Em contraste, mesmo que haja 10 bilhões de médicos de IA no mundo – cada um monitorando a saúde de um único ser humano –, ainda se poderá atualizar todos eles numa fração de segundo, e todos serão capazes de dar uns aos outros *feedbacks* quanto às novas doenças ou remédios. Essa vantagem potencial de conectividade e capacidade de atualização é tão enorme que ao menos em algumas modalidades de trabalho talvez faça sentido substituir *todos* os humanos por computadores, mesmo que individualmente alguns humanos sejam melhores em seu trabalho do que as máquinas. [...]

[...]

Impedir por completo a perda de empregos é uma estratégia pouco atraente e provavelmente indefensável, porque significa abrir mão do imenso potencial positivo da IA e da robótica. No entanto, os governos podem decidir retardar o ritmo da automação para reduzir seu impacto e dar tempo para reajustes.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 42-58.

NICOLAS MAETERLINCK/BELGA MAG/AFP/GETTY IMAGES

O historiador israelense Yuval Harari é professor na Universidade Hebraica de Jerusalém. Em suas obras, aborda desde as origens dos seres humanos até os impactos das tecnologias na atualidade. Fotografia de 2022.

OBJETO DIGITAL
Carrossel de imagens: Inovações tecnológicas do século XXI

Atividades

Responda no caderno.

1. O primeiro texto sustenta que, atualmente, estamos mais interessados em coisas ou em não coisas? Explique.
2. O segundo excerto aponta que a inteligência artificial está superando o ser humano. Quais são as duas habilidades da inteligência artificial destacadas no texto que comprovam esse argumento? Explique a importância delas.
3. Qual é a interpretação de cada autor sobre os impactos das novas tecnologias no mundo do trabalho? Qual é a sua opinião sobre o tema? Argumente justificando-a.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Sociedade do desemprego

A dificuldade de instaurar uma "sociedade do tempo livre" consiste no fato de que a simples automatização, por si só, não garante efeitos positivos. A presença avassaladora de máquinas e inteligência artificial também poderia levar a uma realidade opressiva, isto é, a uma sociedade do desemprego. Diante disso, surgem questões gerais: como evitar que as pessoas percam empregos? E como criar novos empregos? No mundo atual, esses questionamentos permanecem em aberto.

O desemprego não é um fenômeno novo. Contudo, os avanços na informática, na robótica e na biotecnologia têm levado várias profissões ao desaparecimento e ameaçado outras tantas.

Segundo relatório elaborado em 2019 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 56% das ocupações de emprego formal no Brasil deverão ser afetadas pela automação e pelo desenvolvimento de novas tecnologias, e muitas dessas atividades poderão até ser extintas. Entre as atividades de elevado potencial de automação, constam aquelas associadas à agropecuária, à indústria têxtil e de vestuário, aos serviços bancários e de limpeza. Já as atividades de menor potencial de automação são, entre outras, as de professor do Ensino Superior, analista de recursos humanos e advogado. Ocorre que as atividades que mais empregam estão no grupo daquelas que mais facilmente poderão ser substituídas por máquinas, o que representa a possibilidade de um agravamento do desemprego estrutural.

Além disso, segundo os autores do relatório do Ipea de 2019,

> Aspectos tecnológicos [...] não são os únicos determinantes da substituição de trabalho por tecnologias de automação. O custo relativo capital/trabalho, **barreiras regulatórias**, substituições entre ocupações, aumento ou redução da especialização setorial, entre outros fatores, também influenciam a velocidade da adoção de novas tecnologias, retardando, em alguns casos, a difusão de tecnologias já maduras.

KUBOTA, Luis Claudio; MACIENTE, Aguinaldo Nogueira. Propensão à automação das tarefas ocupacionais no Brasil. **Radar**: tecnologia, produção e comércio exterior, Brasília, DF, n. 61, p. 27, dez. 2019.

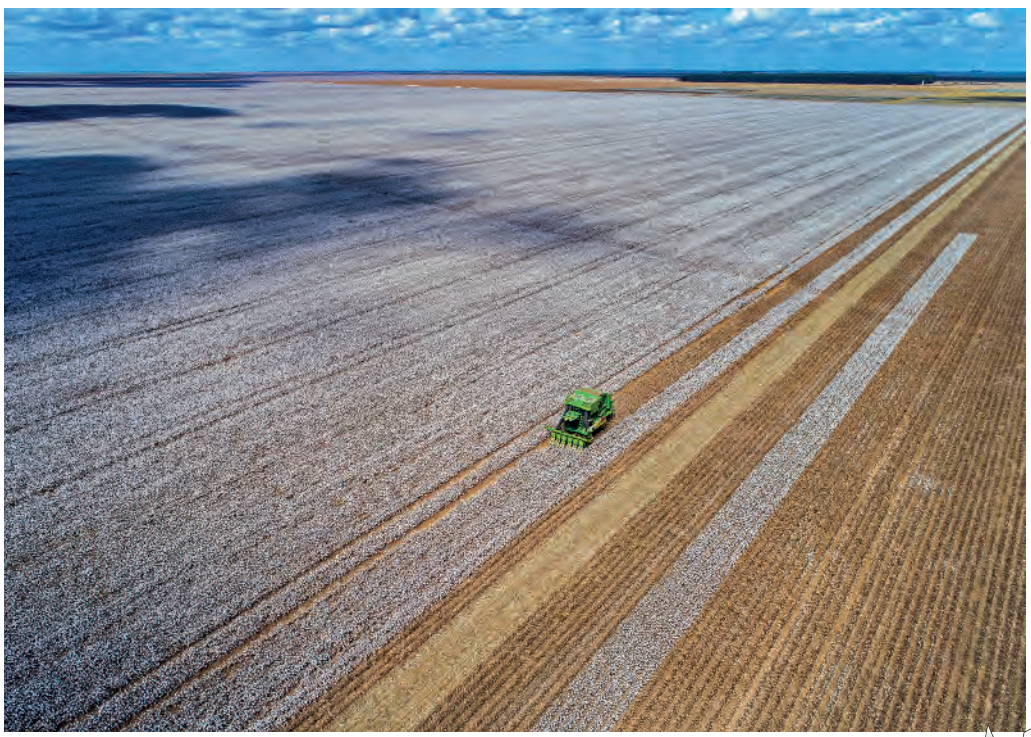
Dica

Guia Brasileiro de Ocupações

Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/guia-brasileiro-de-ocupacoes. Acesso em: 16 set. 2024.

Plataforma *on-line* organizada pelo Ministério do Trabalho em conjunto com a Organização Internacional do Trabalho. O objetivo da plataforma é facilitar ao público o acesso a informações sobre as ocupações existentes no mercado de trabalho brasileiro.

Barreiras regulatórias: nesse contexto, o termo se refere ao processo de regulação da produção interna de um país, com o objetivo de proteger os produtos locais em relação aos importados.



CHICO FERREIRA/PULSAR IMAGENS

Colheita mecanizada em fazenda de produção de algodão em Formosa do Rio Preto, no estado da Bahia. Fotografia de 2022. No Brasil, a agricultura comercial altamente mecanizada, com produção voltada para o mercado externo, utiliza pouca mão de obra humana.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dinâmicas do emprego no Brasil

A tabela a seguir apresenta a participação dos setores (agropecuária, indústria e serviços) na economia brasileira entre os anos 2000 e 2018. Conhecer a participação desses setores na economia, identificando as mudanças que sofreram ao longo do tempo, faz parte dos estudos de geografia e pode nos ajudar a compreender melhor o mundo do trabalho e as dinâmicas do emprego no país.

Ao examinar a tabela, um dos processos que chamam a atenção refere-se ao seguinte: ao mesmo tempo que a participação da agropecuária, de modo geral, diminuiu de 2000 a 2018, a dos serviços aumentou.

JOÃO PRUDENTE/PULSAR IMAGENS

Interior de fábrica de tecidos em Guaranésia, no estado de Minas Gerais. Fotografia de 2020. Apesar de ter passado por períodos de crescimento (conforme a tabela desta página), a participação da indústria na economia brasileira diminuiu em 2018.

Brasil: evolução da participação dos setores econômicos nas ocupações/empregos totais (em %) – 2000-2018

Setores econômicos	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014	2016	2018
Agropecuária	**21,2**	**20,0**	**20,4**	**18,8**	**17,0**	**15,8**	**13,3**	**13,4**	**13,1**	**12,8**
Indústria	**18,5**	**18,3**	**18,4**	**18,6**	**19,7**	**20,8**	**21,3**	**20,9**	**19,5**	**18,7**
Indústria extrativa mineral	0,2	0,2	0,3	0,2	0,3	0,3	0,3	0,3	0,2	0,2
Indústria de transformação	10,5	10,3	10,8	11,1	11,6	11,8	11,8	11,3	10,6	10,5
Baixa IT	6,7	6,5	6,8	6,9	6,9	6,9	6,9	6,6	6,3	6,3
Média-Baixa IT	2,0	1,9	1,9	2,0	2,2	2,3	2,3	2,3	2,0	1,9
Média-Alta IT	1,5	1,5	1,7	1,8	2,0	2,2	2,2	2,0	1,8	1,8
Alta IT	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,5	0,5	0,4	0,4
Serviços industriais de utilidade pública (SIUP)	0,7	0,6	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,6	0,7	0,7
Construção civil	7,1	7,1	6,7	6,7	7,1	8,0	8,5	8,7	8,0	7,3
Serviços	**60,2**	**61,7**	**61,2**	**62,6**	**63,3**	**63,4**	**65,3**	**65,7**	**67,5**	**68,5**
Comércio	17,4	18,0	18,0	18,2	17,8	18,2	18,4	18,4	18,5	18,5
Transporte e armazenagem	4,2	4,4	4,2	4,3	4,6	4,3	4,5	4,5	4,7	4,8
Comunicação e informação	1,0	1,0	1,1	1,1	1,2	1,2	1,3	1,3	1,3	1,3
Prestados às empresas	3,7	4,0	4,3	4,3	4,7	5,3	5,7	5,8	5,9	6,0
Intermediação financeira	1,1	1,1	1,1	1,1	1,0	1,1	1,1	1,2	1,2	1,2
Imobiliárias e aluguéis	0,4	0,4	0,4	0,4	0,3	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4
Outros serviços	32,5	32,9	32,6	33,2	33,7	33,1	34,0	34,1	35.5	36,4

Fonte: SILVA, Felipe Queiroz. Mudança estrutural e produtividade do trabalho no Brasil nos anos 2000: bônus ou ônus estrutural? **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 16-17, 2021.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Com base nas informações publicadas no relatório do Ipea em 2019 e sabendo que o setor agropecuário elevou significativamente a produtividade no intervalo entre os anos de 2000 e de 2018, crie uma hipótese para justificar a queda na participação da agropecuária nas ocupações totais no país, conforme mostrado na tabela desta página.

ODS 8

2. A tabela mostra que, a partir de 2014, ano em que se instalou uma crise econômica no Brasil, houve um crescimento das ocupações no setor de serviços, no qual estão incluídos os trabalhadores plataformizados. Explique a relação entre esse crescimento e o avanço dos aplicativos de transporte de passageiros e de mercadorias, sobretudo comida, no mercado brasileiro.

Desafios e possibilidades

Para evitar o desemprego estrutural, uma possibilidade seria reduzir o tempo de trabalho, o que conduziria também à construção de uma sociedade com mais tempo livre. Talvez estejamos caminhando para essa sociedade do tempo livre, porém diversos autores questionam os fundamentos e o alcance dessa perspectiva. Consideram que existe potencialmente essa hipótese, mas não como fruto automático do modelo econômico atual, globalizado, imposto à maioria das pessoas nos países em desenvolvimento. Como ressalta o filósofo francês André Gorz (1923-2007):

> [...] o trabalho socialmente útil, distribuído entre todos os que desejam trabalhar, deixa de ser a ocupação exclusiva ou principal de cada um: a ocupação principal pode ser uma atividade ou um conjunto de atividades autodeterminadas, levadas a efeito não por dinheiro, mas em razão do interesse, do prazer ou da vantagem que nela se possa encontrar. A maneira de gerir a abolição do trabalho e o controle social desse processo serão questões políticas fundamentais dos próximos decênios.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 12.

As sucessivas crises econômicas que o mundo tem vivido e a crescente insatisfação popular em diversos países são evidências da inadequação desse modelo. Ainda vivemos em um mundo marcado por imensos contrastes. De um lado, encontramos realidades socioeconômicas de alto padrão (produtos de grife, aeroportos, edifícios luxuosos etc.) desfrutadas por um restrito grupo de pessoas – os incluídos. De outro lado, persistem numerosos problemas e mazelas, que atingem milhões de seres humanos – os excluídos.

Nesse contexto, como na Grécia antiga, o "ócio criativo" parece ser a condição de apenas uns poucos, não da maioria. Que mudanças socioeconômicas poderiam ser promovidas para a construção de um mundo mais justo, livre e solidário? Pense nisso.

EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS

Vista aérea da capital de São Paulo. Fotografia de 2020. As grandes desigualdades sociais, que fomentam ao mesmo tempo a opulência e a miséria, revelam a incapacidade do modelo econômico atual de proporcionar uma vida digna a todos.

Dica

Semana de 4 dias de trabalho: tem chance?

Produção: Café da Manhã. Brasil, 2023. 28 minutos.

O episódio do *podcast* Café da Manhã fala sobre a semana de quatro dias de trabalho (sem redução de salário), modelo adotado em algumas empresas de países como Inglaterra, Irlanda e Estados Unidos. Pesquisadores constataram que, entre as consequências da adoção desse modelo, estão a melhora no bem-estar dos funcionários e o aumento da produtividade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

OFICINA

Responda no caderno.

1. **O que significa dizer que o trabalho é uma "atividade tipicamente humana"? Argumente.**
2. **Sobre a dicotomia entre trabalho manual e intelectual, responda às questões.**
   a. Como tem sido valorizado o trabalho braçal ao longo da história? Explique.
   b. Em sua interpretação, essa dicotomia ainda faz sentido no mundo contemporâneo? Reflita e justifique sua resposta.
3. **Apesar de entender o trabalho como uma "eterna necessidade natural da vida social", Karl Marx desenvolveu um enfoque distinto ao de Friedrich Hegel em sua interpretação sobre o trabalho. Como você analisa essa diferença?**
4. **Explique a diferença entre objetivação e alienação.**
5. **"O trabalhador só se sente feliz em seus dias de folga, enquanto no trabalho permanece aborrecido." Baseando-se no texto, como você explica essa frase de Karl Marx?**
6. **Sobre a visão de Aristóteles a respeito do trabalho, responda às questões.**
   a. Para o filósofo, qual é a diferença entre ócio e negócio?
   b. Qual é o principal argumento do pensador para justificar a escravidão? Esse argumento faz sentido atualmente? Explique.
7. **Com base na concepção cristã medieval de trabalho, principalmente segundo Tomás de Aquino, interprete o seguinte trecho bíblico: "Em tudo o que fizer colocais a vossa alma, como para o Senhor e não para homens, sabendo que o Senhor vos recompensará como a seus herdeiros: é Cristo o Senhor a quem servis" (Epístola aos Colossenses, 3,23).**
8. **Leia e interprete o texto a seguir, no qual John Locke explica o fundamento da propriedade privada no trabalho:**

> Embora a terra e todas as criaturas inferiores sejam comuns a todos os homens, cada homem tem uma propriedade em sua própria pessoa; a esta ninguém tem qualquer direito senão ele mesmo. O trabalho de seu corpo e a obra das suas mãos, pode dizer-se, são propriedade dele.
>
> LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 227. (Coleção Os pensadores).

9. **Que papel tem a propaganda no processo de alienação? Justifique sua resposta.**
10. **Muitos autores analisam o problema da obsolescência programada considerando o ponto de vista dos impactos ambientais. Leia mais sobre esse assunto no texto a seguir. Depois, para explicar de que forma a obsolecência programada se relaciona com as questões referentes aos impactos ambientais citados no texto, elabore uma apresentação oral no formato de *podcast* analisando criticamente essa questão e compartilhe-a com os colegas.**

> Esse ciclo vicioso de comprar, consumir, descartar e comprar novamente, foi criado como estratégia do desperdício; e, atualmente, se vislumbra que tal estratégia de mercado traz mais problemas do que soluções, tendo em vista que a produção acelerada aumenta a exploração de recursos naturais, aumenta a emissão de gases poluentes, aumenta o consumo de energia elétrica, bem como o uso do consumo de água, e auxilia para o aumento de temperatura do planeta, gerando, ademais, uma quantidade cada vez maior de resíduos sólidos e lixos eletrônicos.
>
> GRUBBA, Leilane Serratine; LOCATELLI, Huryel. Obsolescência programada: impactos no desenvolvimento sustentável e sustentado na sociedade contemporânea. **Revista de Direito**, Viçosa, MG, v. 15, n. 1, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/14617/7862. Acesso em: 3 jul. 2024.

11. **O texto a seguir oferece algumas sugestões de consumo consciente, que podem ser colocadas em prática por todas as pessoas. Há, contudo, ações que empresas e governos também devem praticar com vistas a combater o consumismo exacerbado tão presente em nossa sociedade. Que ações seriam essas? Qual é o papel das empresas e dos governos nesse processo? Escreva um pequeno texto sobre o assunto.**

> [...] os consumidores devem incluir, em suas escolhas de compra, um compromisso ético, uma consciência e uma responsabilidade quanto aos impactos sociais e ambientais que suas escolhas e comportamentos podem causar em ecossistemas e outros grupos sociais, na maior parte das vezes geográfica e temporalmente distantes.
>
> CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005. p. 18-19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao8.pdf. Acesso em: 3 jul. 2024.

12. **Considerando exemplos de sua vida cotidiana, explique como o processo de alienação afeta o indivíduo:**
   a. em sua relação consigo mesmo;
   b. em sua maneira de relacionar-se com outras pessoas;
   c. em sua forma de consumir;
   d. em seu jeito de descansar e se entreter.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

13. Leia atentamente o texto seguinte e, com base nele, explique como seria a sociedade do tempo livre.

> A sociedade do tempo liberado [...] baseia-se no princípio do 'trabalhar menos para todos trabalharem e ter mais atividades por conta própria'. Dito de outra maneira, o trabalho socialmente útil [...] deixa de ser a ocupação exclusiva ou principal de cada um: a ocupação principal pode ser [...] um conjunto de atividades autodeterminadas, levadas a efeito não por dinheiro, mas em razão do interesse, do prazer ou da vantagem que nela se possa encontrar.
>
> GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 12.

14. Em grupo, com base no que vocês estudaram, reflitam sobre as seguintes afirmações: "O trabalho dignifica o ser humano" e "O trabalho escraviza o ser humano". Interprete e debata essa contradição com seus colegas. Você considera possível superá-la?

15. Crie uma charge inspirando-se nos seguintes textos:

a. "Os capitalistas são como camundongos numa roda, correndo sempre mais depressa a fim de correrem ainda mais depressa. Nesse processo, algumas pessoas sem dúvida vivem bem, mas outras vivem miseravelmente" (Immanuel Wallerstein).

b. "[...] nesse estilo [capitalista] de vida em que vivíamos até agora, era corrente esse pensamento de que tempo é dinheiro, era corrente dizer que o tempo valia dinheiro. Porém, esse mundo era um mundo de vida e vivência impossíveis para várias pessoas, de vida e vivência impossíveis para vários mundos. Vou ser mais explícita: o mundo de um país capitalista é um mundo que torna impossível a vida e a vivência dos mundos que estão sendo explorados pelo capitalismo" (Conceição Evaristo).

16. Formem grupos e façam uma entrevista com duas pessoas do convívio de vocês, perguntando: você associa seu trabalho a um prazer ou a um sofrimento? Por quê? Como você se sente durante seus momentos de folga? Em seguida, redijam um texto dissertativo-argumentativo analisando as respostas dos entrevistados, propondo hipóteses sobre as perspectivas apresentadas pelos entrevistados.

17. O escritor e ativista político franco-cubano Paul Lafargue (1842-1911) foi um crítico da idolatria interessada do trabalho e um defensor do direito à "preguiça". Leia o trecho a seguir, que expressa sua visão sobre o assunto.

> Aristóteles previa que: "Se cada instrumento pudesse executar sua função própria sem ser mandado, ou por si mesmo [...]; se, por exemplo, as rocas das fiandeiras fiassem por si sós, o dono da oficina não precisaria mais de auxiliares, nem o senhor, de escravos". O sonho de Aristóteles é nossa realidade. Nossas máquinas de hálito de fogo, membros de aço, infatigáveis, de uma fecundidade maravilhosa e inesgotável, realizam docilmente, por si sós, seu santo trabalho; no entanto, a mente dos grandes filósofos do capitalismo continua dominada pelo preconceito do assalariado, a pior das escravidões. Ainda não entendem que a máquina é: o redentor da humanidade, o Deus que resgatará o homem das *sordidae artes* ["trabalhos manuais"] e do trabalho assalariado, o Deus que lhe concederá os lazeres e a liberdade.
>
> LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 118-119.

Reúna-se com os colegas para debater sobre essa interpretação.

18. (Enem-MEC)

> A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão que essa pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho.
>
> ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

No texto, o tempo livre é concebido como

a. consumo de produtos culturais elaborados no mesmo sistema produtivo do capitalismo.

b. forma de realizar as diversas potencialidades da natureza humana.

c. alternativa para equilibrar tensões psicológicas do dia a dia.

d. promoção da satisfação de necessidades artificiais.

e. mecanismo de organização do ócio e do prazer.

19. (Enem-MEC)

Texto 1

Cidadão
Tá vendo aquele edifício, moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me vem um cidadão
E me diz desconfiado

Os trechos da atividade 14 foram extraídos de: WALLERSTEIN, Immanuel. **O capitalismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 34; RIBEIRO, Ewerton Martins. Para projetar 'mundos possíveis', é preciso repensar o tempo, propõe Conceição Evaristo. **UFMG Notícias**, 18 set. 2020. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/para-projetar-mundos-possiveis-e-preciso-repensar-o-tempo-propoe-conceicao-evaristo#:~:text=Vou%20ser%20mais%20expl%C3%ADcita%3A%20o,os%20povos%20ind%C3%ADgenas%20e%20quilombolas. Acesso em: 2 abr. 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

"Tu tá aí admirado
Ou tá querendo roubar?"
Meu domingo tá perdido
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer.

CIDADÃO. Intérprete: Zé Ramalho. Compositor: Lúcio Barbosa. *In*: **ZÉ Ramalho**, 20 Super Sucessos. Intérprete: Zé Ramalho. Rio de Janeiro: Sony Music. 1999.

Texto 2

O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. Esse fato simplesmente subentende que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, agora se lhe opõe como um ser estranho, como uma força independente do produtor.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

Com base nos textos, a relação entre trabalho e modo de produção capitalista é:

a. Baseada na desvalorização do trabalho especializado e no aumento da demanda social por novos postos de emprego.

b. Fundada no crescimento proporcional entre o número de trabalhadores e o aumento da produção de bens e serviços.

c. Estruturada na distribuição equânime de renda e no declínio do capitalismo industrial e tecnocrata.

d. Instaurada a partir do fortalecimento da luta de classes e da criação da economia solidária.

e. Derivada do aumento da riqueza e da ampliação da exploração do trabalhador.

20. (Enem-MEC)

O uso de novas tecnologias envolve a assimilação de uma cultura empresarial na qual haja a integração entre as propostas de modernização tecnológica e a racionalização. Nem sempre o uso de novas tecnologias é apenas um processo técnico na medida em que pressupõe uma nova orientação no controle do capital, no processo produtivo e na qualificação da mão de obra. Dos diversos efeitos que derivaram dessa orientação, a terceirização, a precarização e a flexibilização aparecem com constância como características do paradigma flexível, em substituição ao modelo taylorista-fordista.

HERÉDIA, Vânia. Novas tecnologias nos processos de trabalho: efeitos da reestruturação produtiva. **Scripta Nova**, n. 170, ago. 2004 (adaptado).

O uso de novas tecnologias relacionado ao controle empresarial é criticado no texto em razão da

a. operacionalização da tarefa laboral.

b. capacitação de profissionais liberais.

c. fragilização das relações de trabalho.

d. hierarquização dos cargos executivos.

e. aplicação dos conhecimentos da ciência.

21. (Enem-MEC)

O comércio soube extrair um bom proveito da interatividade própria do meio tecnológico. A possibilidade de se obter um alto desenho do perfil de interesses do usuário, que deverá levar às últimas consequências o princípio da oferta como isca para o desejo consumista, foi o principal deles.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. (Adaptado).

Do ponto de vista comercial, o avanço das novas tecnologias indicado no texto está associado à

a. atuação dos consumidores como fiscalizadores da produção.

b. exigência de consumidores conscientes de seus direitos.

c. relação direta entre fabricantes e consumidores.

d. individualização das mensagens publicitárias.

e. manutenção das preferências de consumo.

22. (UEG-GO) O termo alienação é polêmico e possui diversas interpretações filosóficas e científicas. O filósofo Hegel foi um dos primeiros a oferecer relevância para esse termo. A concepção mais conhecida de alienação, no entanto, é a de Karl Marx, que desenvolveu uma discussão aprofundada sobre o trabalho alienado, que, segundo ele, é

a. um processo mental no qual o trabalhador se vê alienado e fora da realidade, ficando completamente alheio ao mundo, tal como diziam os alienistas do século XIX.

b. um termo filosófico abstrato e ideológico, que deveria ser substituído pelo conceito de exploração, que revelava a verdadeira relação entre capitalistas e trabalhadores.

c. um conceito universal existente em todas as sociedades humanas, pois o ser humano precisa efetivar o trabalho para sobreviver e, assim, é constrangido a fazer o que não gosta.

d. uma relação social na qual o não-trabalhador controla a atividade do trabalhador e, por conseguinte, o resultado do trabalho, explicando assim a origem da propriedade.

e. uma ideia ultrapassada produzida por filósofos materialistas que queriam transferir a alienação da consciência, tal como colocava Hegel, para o trabalho humano.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 8

Amar e projetar

Você já estudou aspectos do mundo do trabalho, que dizem respeito às atividades que garantem necessidades básicas da vida. Além do trabalho, existe outro aspecto central para os seres humanos. É a atividade de amar.

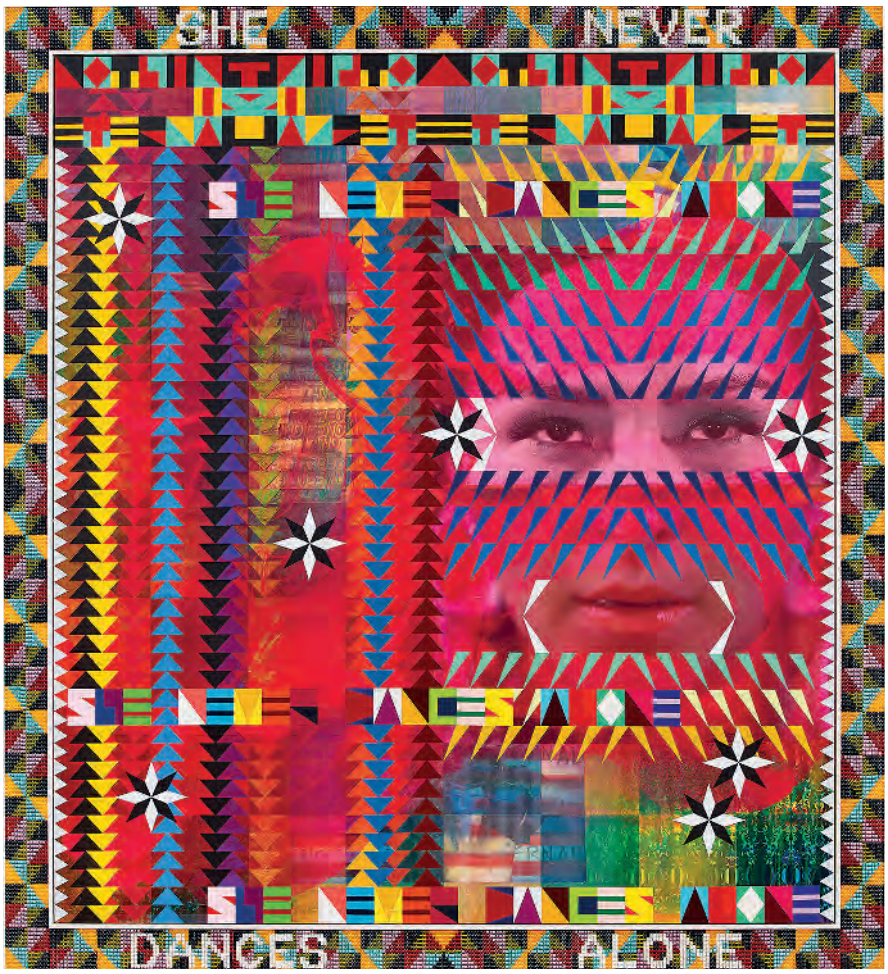
O sentimento de amor diz respeito ao convívio, aos laços afetivos, ao prazer de desfrutar do que gostamos e de estar em companhia de quem queremos bem. Então, o trabalho e o amor são duas dimensões complementares de nossas vidas.

De acordo com o pensamento de Sigmund Freud (1856-1939), podemos dizer que o trabalho e o amor são pilares da saúde mental. Para que esses pilares sejam sólidos, devem participar de forma equilibrada de nosso projeto de vida. Assim, reunindo as dimensões respectivamente produtiva e afetiva, o ser humano tem a capacidade de refletir e agir sobre o presente para planejar o futuro.

As dimensões produtiva e afetiva (trabalho e amor) não dependem apenas da relação da pessoa consigo mesma, mas também da maneira como se relaciona com os outros e com o mundo que a cerca.

Desde já, devemos dizer que há grande diferença entre projetar e sonhar. Existem muitas pessoas que vivem sonhando com o futuro, que imaginam coisas boas que lhes possam acontecer. Contudo, simplesmente sonhar não faz as coisas acontecerem. Projetar é ir além do mero sonho. É avaliar quais atitudes devemos tomar para realizar nossos sonhos. É manter os pés no chão para sentir o caminho que pretendemos percorrer.

Neste capítulo, vamos abordar algumas concepções de amor e características de um projeto de vida.



MAX YAWNEY - JEFFREY GIBSON/CORTESIA DO ARTISTA E ROBERTS PROJECTS LOS ANGELES, CALIFORNIA - COLEÇÃO PARTICULAR

She never dances alone (Ela nunca dança sozinha), obra de Jeffrey Gibson, 2021. O título dessa obra destaca a maneira humana de existir, que se constitui em companhia do outro. Para tanto, o artista utiliza elementos da arte do povo originário ojíbua, da América do Norte, e celebra a força feminina.

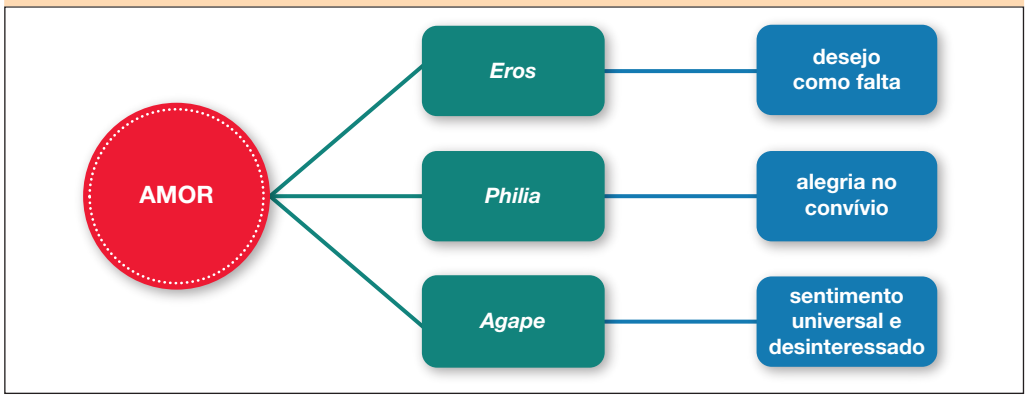
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Concepções de amor

O amor é um tema antigo. Segundo o filósofo contemporâneo André Comte-Sponville, na obra *O amor*, há três palavras gregas associadas ao amor: *eros*, *philia* e *agape*. Essas três palavras permeiam as reflexões filosóficas sobre o amor desde a Antiguidade. Analisemos:

- ***Eros*** – é o desejo despertado pela beleza e pelas virtudes do ser amado. É uma resposta apaixonada às qualidades dele. A primeira resposta, no plano físico, pode ser o desejo sexual, que, de acordo com Platão (428 a.C.-347 a.C.), poderia ser aperfeiçoado, de modo ascendente, em busca da essência, da beleza absoluta. Nesse sentido, *eros* é o desejo de buscar o que nos falta.
- ***Philia*** – é a manifestação do convívio afetuoso, que abrange os laços entre amigos, casais, pais, filhos etc. Para Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), a *philia* é alegrar-se, regozijar-se.
- ***Agape*** – amor como caridade e compaixão, que independe das qualidades do ser amado. Foi desenvolvido principalmente pela tradição filosófica cristã, como o "amor a Deus" e, por extensão, o "amor ao próximo". Nesse sentido, o amor é concebido como um sentimento universal e sublime que busca a comunhão da humanidade.

Dimensões do amor



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Então, o amor pode assumir, desde formas mais íntimas, como o amor conjugal, o amor entre pais e filhos, até formas mais amplas (*agape*), que abrangem laços entre todos os seres humanos. De certo modo, os conceitos de *eros*, *philia* e *agape* ajudam a pensar os laços afetivos mantidos atualmente, mesmo que a cultura das sociedades contemporâneas seja profundamente diferente da cultura das sociedades gregas antigas, nas quais esses conceitos foram gestados.

A seguir, vamos falar um pouco mais dessas concepções de amor.

© CHAGALL, MARC/AUTVIS, BRASIL, 2024; PICTORIAL PRESS LTD/ALAMY/FOTOARENA, MUSEU DE ARTE MODERNA, NOVA YORK

O aniversário (primeira versão), pintura de Marc Chagall, 1915. O amor entre casais é entendido tanto como *eros* quanto como *philia*.

Dica

Intocáveis

Direção: Olivier Nakache e Éric Toledano. França, 2011. 112 minutos.

O filme trata da amizade que surge entre um milionário tetraplégico e seu cuidador. O profissional contratado a princípio se mostra inábil para a função, mas, com o tempo, desenvolve-se entre ambos um convívio afetuoso, de alegria e empatia, uma relação entre amigos.

Classificação indicativa do filme *Intocáveis*: não recomendado para menores de 14 anos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Platão: *eros*

Platão apresenta o amor como *eros* em sua obra *O banquete*. Nela, o personagem Sócrates, inspirado no filósofo homônimo, define o amor como desejo e o desejo como aquilo que nos falta (isto é, desejamos coisas que estão ausentes). Esse desejo se confunde com uma esperança carente. Essa esperança se relaciona com a espera daquilo que não possuímos, daquilo que não chegou. Afinal, não tem sentido esperar aquilo que já possuímos, aquilo que já somos ou aquilo que já fazemos. Assim, se o amor é uma esperança do que nos falta, então, ele nunca se completa, permanecendo inquieto e ávido.

Inquietude e avidez causam sofrimento ou tristeza. Mas por que esse tipo de amor implicaria sofrer? Se o amor corresponde ao desejo daquilo que nos falta, então, amamos sempre o que não temos e, contraditoriamente, não temos aquilo que amamos. Assim, o amor entendido como *eros* levaria a um dilema: os amantes querem viver juntos porque estão apaixonados; posteriormente, deixam de estar apaixonados justamente porque passaram a viver juntos. Para esse dilema, Platão propõe duas soluções.

A primeira, mais simples, é buscar a satisfação eterna, a imortalidade, por meio da procriação ou da criação. A procriação gera filhos, a criação gera obras culturais (políticas, artísticas, científicas, filosóficas etc.). Cada um se imortalizaria quando tivesse filhos ou criasse obras culturais. Entretanto, isso é insuficiente, porque os filhos também morrem e as obras culturais podem perecer ou ser esquecidas.

A segunda solução proposta por Platão é a busca do ideal que verdadeiramente desperta o amor. Nessa busca, partimos do mais concreto e imediato, como a beleza física do ser amado, e nos elevamos gradualmente. Nesse caminho em direção à perfeição, alcançaríamos a beleza da alma e, por fim, a essência da beleza, que é eterna e imutável.

Ao comentar as soluções de Platão, o filósofo Comte-Sponville diz que a primeira é decepcionante e a segunda é muito exigente. Na prática, ambas representam o amor infeliz, eternamente insatisfeito com o que é atual e presente.

Dica

Asas do desejo

Direção: Wim Wenders. Alemanha Ocidental e França, 1987. 127 minutos.

Drama no qual vários anjos assistem às desventuras dos humanos, mas não podem ser vistos nem sentir emoções. Porém, um deles, chamado Damiel, apaixona-se pela trapezista Marion e, para realizar seu amor, deseja tornar-se humano.

Classificação indicativa do filme *Asas do desejo*: livre.

RALF STRATHMANN/ROAD MOVIES FILMPRODUKTION/ARGOS/PHOTO12/AFP

Fotograma do filme *Asas do desejo*, dirigido por Wim Wenders, 1987. O filme narra o sofrimento do anjo Damiel diante da impossibilidade de concretizar seu amor pela trapezista circense Marion.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Aristóteles: *philia*

Uma alternativa para superar a concepção platônica é o amor como *philia*, que foi assinalado por Aristóteles e Baruch Espinosa (1632-1677). Para Comte-Sponville, esses filósofos encontraram um caminho para superar aquele amor movido pela busca incessante daquilo que nos falta.

Segundo essa nova concepção, amor é desejo, mas desejo não significa sempre falta, privação ou ausência. Quando almoço, meu desejo é simplesmente almoçar. Quando ouço uma música, meu desejo está no prazer de ouvi-la. Precisamos, então, distinguir *eros* – o desejo como falta ou carência, que está relacionado à esperança de realizar algo no futuro – de *philia* – o desejo como prazer e poder, que está relacionado com aquilo que é atual e já está presente em nossas vidas.

O texto a seguir explica o desejo como *philia*.

> Desejar o que fazemos, o que temos ou o que existe chama-se querer, chama-se agir, chama-se [...] regozijar-se. [...] Pois quando há ação? Quando há prazer? Quando há alegria? A resposta é muito simples. Há ação, há prazer, há alegria cada vez que desejamos o que fazemos, o que temos, o que somos ou o que existe, em suma, cada vez que desejamos *aquilo que não nos falta*. [...]
>
> [...] amar é poder desfrutar alguma coisa ou se regozijar dela.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 264 e 269.

Nessa concepção, o amor se expressa na alegria do encontro com o outro e na amizade de conviver com aqueles que estão junto a nós. É o amor feliz, que se nutre da própria atividade de amar. Essa atividade consiste em querer o bem de quem amamos e jamais a sua posse.

Para Aristóteles, o amor do gênero *philia* adquire diversas formas, como o amor entre os casais, o amor paterno, o amor fraterno e o convívio com os amigos que amamos. É a alegria do amor, aqui e agora. De todo modo, o **paradigma** que traduz esse tipo de amor é o da amizade. Segundo Aristóteles, no livro *Ética a Nicômaco*:

> [...] amizade [...] é uma forma de excelência moral [...], além de ser extremamente necessária na vida. De fato, ninguém deseja viver sem amigos, mesmo dispondo de todos os outros bens; achamos até que as pessoas ricas e as ocupantes de altos cargos e as detentoras do poder são as que mais necessitam de amigos; realmente, de que serve a prosperidade sem a oportunidade de fazer benefícios, que se manifesta principalmente e em sua mais louvável forma em relação aos amigos? [...] Os amigos também ajudam os jovens a evitar os erros, e ajudam as pessoas idosas, amparando-as em suas necessidades [...].
>
> [...] E a amizade não é somente necessária; ela também é nobilitante, pois louvamos as pessoas amigas de seus amigos, e pensamos que uma das coisas mais nobilitantes é ter muitos amigos; além disto, há quem diga que a bondade e a amizade se encontram nas mesmas pessoas.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985. p. 153-154.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Qual é a concepção de Aristóleles a respeito da amizade?**
2. **Você concorda com a afirmação de que os amigos ajudam os mais jovens a evitarem os erros? Justifique sua resposta.**
3. **Qual é a importância da amizade para você?**

Paradigma: mesmo que padrão, modelo que serve de exemplo.

WILSON WEBB/7E ART/COLUMBIA PICTURES/PHOTO12/AFP

Fotograma do filme *Adoráveis mulheres*, dirigido por Greta Gerwig, 2019. O filme explora a relação de amor e as dificuldades enfrentadas por quatro irmãs no contexto da Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Agostinho: *agape*

Eros e *philia* representam formas de amar com endereço específico; são expressões de amor orientadas para os mais próximos, ou seja, direcionadas para pessoas conhecidas, do convívio íntimo. Portanto, representam um amor que tem seu alcance limitado a certo número de pessoas.

A humanidade atingiu 8 bilhões de pessoas em 2022, segundo estimativa do Fundo de População das Nações Unidas. No entanto, geralmente amamos algo em torno de dez a trinta pessoas. Como ficam os demais indivíduos que estão absolutamente fora de nosso círculo restrito de amor? Se o amor não alcança os demais seres humanos, que tipo de sentimento temos por eles? Será que a resposta passa pelo desprezo, pela insensibilidade, pela indiferença?

Foi por meio do cristianismo que a noção de amor ultrapassou o campo específico de *eros* e *philia* para atingir um ideal de amor sublime, o qual podemos chamar de *agape*. Esse terceiro tipo de amor foi enunciado, por exemplo, neste trecho bíblico:

> Jesus viu as multidões, subiu à montanha e sentou-se. Os discípulos se aproximaram, e Jesus começou a ensiná-los:
>
> [...] Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: [...] Ame seu próximo e odeie o seu inimigo! Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos e rezem por aqueles que perseguem você! Assim vocês se tornarão filhos do Pai que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre maus e bons, e a chuva cair sobre justos e injustos.
>
> [...] Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles.

EVANGELHO segundo São Mateus, 5:1-2, 5:43-45 e 7:1. *In*: **Bíblia sagrada**. São Paulo: Paulus, 2017.

O trecho transcrito indica que o amor cristão deve se estender a todo próximo. Mais que isso, propõe que devemos amar até mesmo os inimigos. Trata-se, então, de um amor supremo, que busca a comunhão universal da humanidade. Por isso, o amor *agape* foi enunciado como um ideal de vida para os cristãos. Como justificar esse ideal de vida?

Um dos maiores filósofos cristãos da Antiguidade tardia, Agostinho de Hipona (354-430), defendia que o amor está na essência de Deus. Apoiando-se no *Evangelho de João*, que afirma que "Deus é amor", Agostinho diz que o ser humano não pode amar a Deus se não amar o próximo. Isso ocorre porque tanto o amor a Deus quanto o amor ao próximo formam um conjunto indissociável. Para ele, esse amor *agape* – fraterno, sublime e solidário – é a revelação da essência de Deus à consciência humana. Nesse sentido, a única medida do amor é amar sem medida.

Por fim, é preciso ponderar que, depois de analisar diferenças entre o amor como *eros*, *philia* e *agape*, seria um erro, como alerta Comte-Sponville, separá-los de modo radical e considerá-los três essências totalmente distintas. Melhor seria entendê-los como três dimensões do amor.

LOUISE GUBB/CORBIS/GETTY IMAGES

Nelson Mandela visita escola em Joanesburgo, na África do Sul. Fotografia de 1993. De certo modo, Mandela, laureado com o Prêmio Nobel da Paz em 1993 e ex-presidente da África do Sul, defendia a concepção de amor *agape* ao afirmar: "As pessoas são ensinadas a odiar e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, porque o amor é algo mais natural para o coração humano do que seu oposto".

Dica

ODS 16: Paz, justiça e instituições eficazes

Produção: IBGE. Brasil, 2019. 4 minutos.

Esse vídeo faz parte da série IBGE Explica. Ele aborda os sentidos do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16, que almeja a promoção de uma cultura de paz e de solidariedade e a garantia do acesso à justiça para todas as pessoas no mundo.

A frase de Nelson Mandela foi extraída de: MELO, Alexandre de. Quem foi Nelson Mandela? **Cult**, 18 jul. 2022. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/quem-foi-nelson-mandela/. Acesso em: 21 fev. 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Erich Fromm: a arte de amar

O filósofo e psicanalista Erich Fromm (1900-1980) desenvolveu uma importante concepção sobre o amor, expressa em seu livro *A arte de amar*, que vamos sintetizar a seguir.

Fromm entende o amor como uma resposta saudável que oferecemos à necessidade de nos unirmos a outros seres. Entretanto, a palavra *amor* é usada frequentemente de forma ambígua e até contraditória. Às vezes, chamam de amor desde uma simples admiração por alguém até paixões ardorosas, de curta duração. Outras vezes, chamam de amor desde formas de submissão de uma pessoa até formas de dominação sobre o outro.

Leia o comentário de Fromm.

> O homem é dotado de razão; é a vida consciente de si mesma; tem consciência de si, de seus semelhantes, de seu passado e das possibilidades de seu futuro. Essa consciência de si mesmo como entidade separada, a consciência de seu próprio e curto período de vida, do fato de haver nascido sem ser por vontade própria e de ter de morrer contra sua vontade, de ter de morrer antes daqueles que ama, ou estes antes dele, a consciência de sua solidão e separação, de sua impotência ante as forças da natureza e da sociedade, tudo isso faz de sua existência apartada e desunida uma prisão insuportável. Ele ficaria louco se não pudesse libertar-se de tal prisão e alcançar os homens, unir-se de uma forma ou de outra com eles, com o mundo exterior.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991. p. 28.

O incômodo provocado pelo sentimento de solidão nos leva a buscar diversas formas de união com os outros e com o mundo. Fromm distingue duas formas negativas dessa tentativa de união.

- **Submissão** – o ser humano tenta unir-se submetendo-se a determinada pessoa, a um grupo político, a uma instituição religiosa etc. Nesses casos, o submisso prefere perder o senso de si mesmo para conquistar alguma forma de pertencimento. O objetivo do submisso é superar sua solidão tornando-se ligado a algo ou alguém que lhe transmite a sensação de amparo ou de acolhimento.
- **Dominação** – o ser humano tenta unir-se ao mundo por meio do domínio sobre outras pessoas ou sobre a natureza. Nesse caso, o dominador utiliza, por exemplo, o poder físico, econômico ou intelectual. O objetivo do dominador também é vencer sua solidão, em uma tentativa insana de tornar o outro parte integrante de si mesmo.

Submissão ou dominação são coisas opostas. No entanto, elas têm elementos comuns, como o modo **simbiótico** da relação.

Simbiótico: refere-se à simbiose, ou seja, à integração de organismos diferentes em que um faz parte do outro. Ocorre simbiose, por exemplo, quando o feto em gestação está intimamente ligado à mãe. O termo simbiose tem origem grega (*syn* = "juntos" + *biose* = "viver").

Tanto na submissão quanto na dominação as pessoas perdem sua integridade e sua liberdade. O submisso e o dominado mantêm uma relação doentia de dependência mútua. Quem tem a paixão de submeter (masoquismo) ou a paixão de dominar (sadismo) nunca está satisfeito, porque vive do outro e para o outro. O masoquismo e o sadismo representam, para Fromm, formas de **união simbiótica**, na qual duas pessoas vivem juntas sem que cada uma preserve sua autonomia ou integridade.

Para Fromm, as uniões simbióticas (domínio e submissão) não podem ser consideradas amor. Por isso, o autor propõe um conceito de amor autêntico, amadurecido, que abordaremos a seguir.

FRANK BRAMLEY - TATE BRITAIN, LONDRES

Um amanhecer sem esperança, pintura de Frank Bramley, 1888. Segundo Fromm, o incômodo provocado pela solidão pode levar as pessoas a buscarem diversas formas de conexão com os outros e com o mundo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O amor autêntico

Além dessas formas negativas de união (submeter ou dominar), existe o amor autêntico. Observe o que diz Erich Fromm.

> Há apenas uma paixão que satisfaz a necessidade humana de unir-se com o mundo, adquirindo, ao mesmo tempo, sensação de integridade e individualidade, e essa paixão é o amor. *Amor é a união com alguém ou algo* [...] *sob a condição de manter a separação e integridade própria.* É uma sensação de partilha, de comunhão, que permite a plena manifestação da atividade interior. [...] O amor está na sensação de solidariedade humana com os nossos semelhantes, está no amor erótico [...], no amor materno e também no amor-próprio, como ser humano [...]. No ato de amar sou uno com tudo e, no entanto, sou eu mesmo, um ser humano singular, independente, limitado, mortal.
>
> FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 44.

O amor é a união genuína que preserva a integridade das pessoas. Nela, um oferece ao outro alegria, compreensão, prazer e vitalidade. O amor autêntico é uma forma de arte que expande as potencialidades dos envolvidos. O amor é uma arte, assim como viver é uma arte. E, como toda arte, o amor também exige empenho no aprendizado de uma teoria e de uma prática. No entanto, grande parte das pessoas considera que nada é mais fácil do que amar, apesar de tantos fracassos e decepções.

Para Fromm, o amor implica um conjunto de atitudes interdependentes. São elas: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento.

- **Cuidado** (do latim *cogitare*, "dar atenção a") é o interesse legítimo pela vida e pelo crescimento de quem amamos. Nesse sentido, amar é cuidar sem dominar, é unir duas liberdades. O amor seria como uma planta que temos de cuidar e regar, não bastando deixá-la no vaso esperando que cresça sozinha. Nesse sentido, o cuidado exige uma atitude ativa, de participação interessada na felicidade da pessoa amada.
- **Responsabilidade** (do latim *respondere*, "responder") é a resposta voluntária que oferecemos às necessidades do outro, incluindo aquelas que não foram explicitamente declaradas. Nesse sentido, não é uma obrigação que vem de fora, não é uma imposição. Essa responsabilidade se expressa na atitude solidária em relação ao outro.
- **Respeito** (do latim *respicere*, "olhar para") é sentir interesse pelo desenvolvimento da identidade do outro. Respeitar não significa temer. Quem respeita estimula as potencialidades do semelhante, gosta de ver a pessoa amada pensar e agir com autonomia. Respeitar é ver a pessoa tal como ela é, com suas qualidades e defeitos. O filósofo Theodor Adorno (1903-1969) traduziu essa ideia de maneira precisa: "Será amado quando você puder mostrar-se fraco sem que o outro se aproveite disso para demonstrar sua força" (ADORNO, Theodor. **Minima moralia**. Londres: Verso, 2005. p. 192. (Tradução nossa)).
- **Conhecimento** (do latim *cognoscere*, "saber") decorre das atitudes anteriores. Amar implica conhecer o outro de forma ativa e profunda, para além das aparências. É como mergulhar ousadamente na experiência da união. Mas não devemos esquecer de que o conhecimento do outro depende também do conhecimento de si mesmo. À medida que me encontro e me descubro, também posso encontrar e descobrir o outro.

Saiba mais

O texto a seguir, do psicólogo Frederick Perls (1893-1970), traz a ideia de que, nos relacionamentos genuínos, devemos preservar a identidade de cada um.

> Não estou nesse mundo para corresponder às suas expectativas.
>
> Nem você está nesse mundo para corresponder às minhas.
>
> Você é você e eu sou eu.
>
> Se nos encontrarmos, será maravilhoso.
>
> PERLS, Frederick. **Gestalt therapy verbatim**. Gouldsboro: The Gestalt Journal Press, 1969. Introdução. (Tradução nossa).

TIM GOODE/PA IMAGES/GETTY IMAGES

A atleta paralímpica Loida Ollero, que compete em levantamento de peso, é incentivada pelo treinador. Fotografia de 2021. Da concepção de Fromm, podemos inferir que uma relação de respeito implica olhar para o outro, interessar-se por seu desenvolvimento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

bell hooks: definir o amor

A filósofa estadunidense bell hooks (1952-2021) publicou, no ano 2000, a obra *Tudo sobre o amor*, que traz reflexões sobre o amor enquanto ação política transformadora. Em um mundo governado pelo império do lucro e marcado por guerras, epidemias e miséria, o amor é visto como irracional, como bobagem, como assunto menor. Contudo, segundo hooks, é o amor que nos dá esperança de transformar o mundo e a nós mesmos. Em suas reflexões, a filósofa foi influenciada por pensadores como Erich Fromm e o filósofo e pedagogo brasileiro Paulo Freire (1921-1997).

MARGARET THOMAS/THE THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

A filósofa estadunidense bell hooks. Fotografia de 1999. Segundo explica a filósofa, o nome com que assina suas obras é todo escrito em letras minúsculas com o objetivo de realçar seu trabalho, e não suas qualidades pessoais.

Para hooks, no dia a dia, falta uma definição clara do que é o amor, para tirá-lo do campo de qualquer tipo de sentimento de conexão. Formular uma definição clara e compartilhada de amor é importante para cultivá-lo, para nos tornarmos pessoas amorosas. Afinal, uma definição degradada de amor pode torná-lo ausente de nossas vidas. Como afirma hooks:

> Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Uma boa definição marca nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar. Conforme nos movemos em direção ao destino desejado, exploramos o caminho, criando um mapa. Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor – partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor.
>
> HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021. p. 55-56.

Segundo hooks, os dicionários trazem definições que tendem a enfatizar o **amor romântico**, entendido como afeição terna e apaixonada, muitas vezes com atração sexual de uma pessoa por outra. Entretanto, essas definições são insuficientes e degradam o real significado do amor, pois levam à ideia equivocada de que não temos nenhum controle e nenhuma responsabilidade sobre as consequências do ato de amar.

Em vez de um sentimento meramente romântico, o amor é um **ato de vontade**, ou seja, uma intenção e uma ação, porque implica liberdade de **escolha** (podemos escolher amar ou não). A partir disso, hooks define o amor como o ato de vontade que nutre o crescimento espiritual daquele que ama e daquele que é amado. Nessa definição, a filósofa usa a palavra "espiritual" com o sentido de uma força vital que alguns chamam de alma e que, quando é alimentada, faz crescer nossa capacidade de autorrealização e nossa aptidão para a vida em comum.

OBJETO DIGITAL
Podcast: O amor na perspectiva de bell hooks

Enfoque

Responda no caderno.

1. Para a filósofa estadunidense bell hooks, por que é importante formular uma definição para o amor?
2. bell hooks considera que o amor é apenas um sentimento? Qual seria, para ela, uma boa definição de amor?
3. Para você, o que é o amor? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dica

Conheça bell hooks com Mariléa de Almeida

Produção: Matéria Bruta. Brasil, 2021. 23 minutos.

Nesse episódio do *podcast Matéria Bruta*, a historiadora brasileira Mariléa de Almeida fala sobre as principais ideias de bell hooks, apresentando a trajetória da filósofa e os temas tratados em suas obras.

Abuso, mentira e patriarcalismo

Enquanto ação, o amor tem consequências sobre as quais temos **responsabilidade** e **comprometimento**. É uma ação que molda nossos sentimentos. Por isso, não faz sentido supor que alguém possa cometer crimes contra outra pessoa porque a ama demais (o chamado crime passional). Nesse sentido, hooks diz que:

> Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado. [...]
>
> A maioria de nós tem dificuldade de aceitar uma definição de amor que afirma que nunca somos amados em contextos nos quais existe abuso [físico ou psicológico]. Esse pensamento defeituoso com frequência molda nossas percepções adultas do amor. Então, assim como nos apegamos à ideia de que aqueles que nos machucaram quando éramos crianças nos amavam, tentamos racionalizar o fato de sermos machucados por outros adultos, insistindo que eles nos amam.
>
> HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021. p. 48-51.

Assim, para hooks, o amor é incompatível com o abuso físico ou psicológico porque ele (o amor) consiste em um ato de vontade voltado para o crescimento espiritual do ser amado, e não para sua degradação. O abuso é uma forma de violência que rebaixa a força vital, de modo que não poderia ser um dos ingredientes do amor. É possível considerar que essas ideias de bell hooks se aproximam da distinção formulada por Erich Fromm entre o amor autêntico e as formas negativas de união (a submissão e a dominação).

Além de ser incompatível com o abuso e a violência, o amor é inconciliável com a mentira, porque tem como fundamento a **confiança** e, com isso, a **honestidade**. Porém, aprendemos a mentir desde a infância. Nessa fase da vida, muitas crianças aprendem a mentir sobre seus sentimentos, seus pensamentos e suas ações, com o objetivo de evitar uma punição ou para não magoar um adulto. Mesmo que sejam ensinadas a só dizer a verdade, à medida que crescem, as pessoas percebem que os adultos mentem com frequência, até nas situações mais banais, como diante da pergunta "Tudo bem?". Omitir informações também é mentir sobre quem somos. As crianças logo compreendem o poder da mentira e sua capacidade de manipular as pessoas.

RICARDO CEPPI/GETTY IMAGES

Marcha de mulheres indígenas realizada em Buenos Aires, na Argentina, em 8 de março de 2024. Nessa manifestação, as participantes protestavam contra situações abusivas às quais as mulheres são submetidas, como a violência doméstica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Associando a mentira ao **patriarcalismo** predominante na sociedade em que vivemos, a filósofa diz:

> A criança ferida dentro de muitos homens é um menino que, da primeira vez que falou suas verdades, foi silenciado pelo sadismo paterno, por um mundo patriarcal que não queria que ele reivindicasse seus reais sentimentos. A criança ferida dentro de muitas mulheres é uma menina que foi ensinada desde os primórdios da infância que deveria se tornar outra coisa que não ela mesma e negar seus verdadeiros sentimentos, para atrair e agradar os outros. Quando homens e mulheres punem uns aos outros por dizer a verdade, reforçamos a ideia de que o melhor é mentir. Para sermos amorosos, precisamos estar dispostos a ouvir as verdades uns dos outros e, o mais importante, reafirmar o valor de dizer a verdade. As mentiras podem fazer as pessoas se sentirem melhor, mas não nos ajudam a conhecer o amor.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021. p. 91.

Responda no caderno.

Enfoque

1. **Segundo bell hooks, o amor é incompatível com o abuso físico ou psicológico. Por quê?**
2. **Por que é importante, desde a infância, termos uma definição clara que valorize o significado do amor?**

Amor-próprio e ética amorosa

De acordo com hooks, para alguém ser honesto com o outro, precisa ser honesto consigo mesmo. Precisamos ser honestos sobre quem somos. Sabendo quem sou, posso então amar o outro. E esse amor se desenvolve por meio de uma combinação de qualidades: compromisso, cuidado, confiança, respeito, conhecimento e responsabilidade. Com tais qualidades podemos cultivar o amor em relação a nós mesmos (**amor-próprio**), o amor ao outro e o amor ao mundo.

Desse modo, para hooks, o amor-próprio não se confunde com o egoísmo ou com o narcisismo. Trata-se, na verdade, de amar a nós mesmos como gostaríamos de ser amados por outra pessoa. Amor-próprio é aceitarmos a nós mesmos e nos autoafirmarmos naquilo que somos, em nossa capacidade de desenvolver qualidades amorosas. É a base do amor ao outro e ao mundo.

Para hooks, o amor é uma força ativa que pode transformar o mundo, que implica escolher sair da passividade para desafiar o cinismo e a desesperança predominantes no mundo contemporâneo. A prática amorosa nos permite resistir à ganância, à indiferença, ao individualismo e à obsessão pelo poder. Ao nos fazer perceber que nossa vida e nosso futuro estão estreitamente ligados ao de todas as outras pessoas, o amor nos impulsiona a lutar por justiça, igualdade e bem-estar coletivo. Esse é o papel de uma ética amorosa.

Garfield, tirinha de Jim Davis, 2004. Para bell hooks, amor-próprio é aceitar-se e autoafirmar-se naquilo que se é.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dica

Afinal, o que é o tal amor líquido?!

Produção: Falando nIsso. Brasil, 2023. 40 minutos.

Nesse episódio do *podcast Falando nIsso*, o psicanalista Christian Dunker apresenta o conceito de amor líquido, cunhado por Zygmunt Bauman para explicar o modo como as relações se desenvolvem por meio das redes sociais.

Bauman: amor líquido

Vivemos em uma cultura consumista na qual o modo "ter" predomina sobre o modo "ser". "Ter" refere-se à posse ou ao domínio, ao passo que "ser" diz respeito à existência, à realidade, à autenticidade.

Na sociedade em que predomina o modo "ter", quase tudo se torna uma coisa para o consumo, isto é, todo objeto pode ser coisificado, reificado. Dessa maneira, qualquer produto pode ser desejado, comprado, descartado e substituído por outro. O pensador Zygmunt Bauman (1925-2017) chamou esse processo de **vida líquida**. A lógica do consumismo é aplicada até mesmo às relações afetivas, por meio da despersonalização dos indivíduos para torná-los meros objetos, produtos disponíveis no mercado das personalidades.

Uma das consequências dessa coisificação é valorizar a troca de parceiros em detrimento da permanência do amor. Nas relações coisificadas, a pessoa que transforma o outro em um objeto também se torna uma coisa. Afinal, o que projetamos na figura do outro representa, de certo modo, a imagem daquilo que somos.

Bauman caracterizou essa fragilidade dos laços humanos como um estado de **amor líquido**. Observou que, atualmente, fala-se mais em conexões do que em relacionamentos. Em vez de parcerias, fala-se mais em "redes", que servem tanto para conectar quanto para desconectar. Nesse caso, a característica da relação virtual é que, a qualquer instante, pode-se apertar a tecla *delete*. Para Bauman:

> Amor líquido é um amor "até segundo aviso", o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele. Na sua forma "líquida", o amor tenta substituir a qualidade por quantidade – mas isso nunca pode ser feito, como seus praticantes mais cedo ou mais tarde acabam percebendo. É bom lembrar que o amor não é um "objeto encontrado", mas um produto de um longo e muitas vezes difícil esforço e de boa vontade.
>
> BAUMAN, Zygmunt. Sociólogo polonês cria tese para justificar atual paranoia contra a violência e a instabilidade dos relacionamentos amorosos. [Entrevista cedida a] Adriana Prado. **IstoÉ**, 24 set. 2010. Disponível em: https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/. Acesso em: 8 jan. 2024.

Desse modo, uma cultura consumista, que promete produtos prontos, de uso imediato e prazeres instantâneos, não favorece a construção amorosa. Isso se dá porque o amor não é o encontro de coisas ou pessoas prontas e completas. O amor revela seu verdadeiro significado na construção do ser amado.

Drabble, tirinha de Kevin Fagan, 2016. As relações nas redes sociais são expressão do conceito de liquidez de Bauman. Nelas, por exemplo, uma amizade é desfeita por meio do recurso do *unfollow*, ou seja, "deixar de seguir".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A necessidade de amar e a desaprendizagem do amor

Apesar das dificuldades, o amor representa uma das necessidades mais profundas da experiência humana. Uma necessidade que exige humildade, empenho e coragem.

Segundo Bauman:

> Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no outro, o companheiro no amor. [...]
>
> Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais humanos.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 22.

Nos dias atuais, tornou-se cada vez mais fácil a expansão das experiências amorosas que **não** se traduzem em verdadeiro encontro com o outro. Os episódios amorosos se caracterizam por serem rápidos e, às vezes, intensos e repetidos. Tais experiências terminam e recomeçam rapidamente porque são descartáveis. Essa repetição demonstra mais uma **desaprendizagem do amor** do que o aumento da capacidade de amar.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **No texto de Bauman, na página anterior, o pensador diz que "o amor não é um 'objeto encontrado', mas um produto de um longo e muitas vezes difícil esforço e de boa vontade". De que maneira essa frase se contrapõe à ideia de vida líquida?**
2. **Identifique, no texto de Bauman transcrito nesta página, as qualidades que são importantes para o amor. Você concorda com essa ideia? Justifique.**

MAGRITTE, RENÉ/AUTVIS, BRASIL, 2024. FOTO: LUISA RICCIARINI/BRIDGEMAN/FOTOARENA. MUSEU DE ARTE MODERNA, NOVA YORK

Os amantes II, pintura de René Magritte, 1928. Podemos questionar se as relações afetivas efêmeras dão margem para conhecer verdadeiramente o outro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Projeto de vida

HOPPER STONE/7E ART/FOX 2000 PICTURES/LEVANTI/PHOTO12/AFP

Fotograma do filme *Estrelas além do tempo*, dirigido por Theodore Melfi, 2016. Os conhecimentos complexos construídos pela humanidade não são assimilados espontaneamente; eles precisam ser aprendidos.

Quando nascemos, somos criaturas vulneráveis e impotentes. O bebê humano quase nada pode fazer por si mesmo além de chorar para pedir ajuda. Se não existir alguém que ofereça respostas aos apelos de seu choro, ele não sobrevive.

Ao contrário da humanidade, grande parte do comportamento animal é "pré-programado" biologicamente para reagir às condições ambientais. Desse modo, a vida de cada animal é, em larga medida, uma variante dos padrões básicos já vividos por sua espécie. Já os seres humanos não repetem, por hereditariedade, o comportamento de seus antepassados.

Reflita sobre esta afirmação: mesmo passados quase dois milhões de anos desde que os primeiros hominídeos dominaram o fogo, uma criança que nasceu hoje desconhece essa arte de produzir chamas. Isso demonstra que **não** herdamos geneticamente tudo que sabemos; precisamos aprender, passo a passo, os conhecimentos já constituídos pelo grupo social ao qual pertencemos.

Somos dotados pela natureza de um órgão complexo, o cérebro, capaz de operações sofisticadas e que nos permite aprender e desenvolver cultura (isto é, nosso modo de ser e de viver). Aprender e criar são capacidades que desenvolvemos no convívio com os outros e por meio de nosso próprio esforço. Esse é o processo cultural de "nascer sem parar".

Saiba mais

Nossa capacidade de criar múltiplos projetos de vida, segundo nossos interesses e as possibilidades abertas em nosso universo cultural – e até mesmo as possibilidades de romper com esse universo –, está inserida no processo que o historiador israelense Yuval Harari chamou de **revolução cognitiva**. Sobre isso, Harari comenta:

> Desde que apareceram, as culturas nunca cessaram de se transformar e se desenvolver, e essas alterações irrefreáveis são o que denominamos "história". A revolução cognitiva é, portanto, o ponto em que a história declarou independência da biologia. Até a revolução cognitiva, os feitos de todas as espécies humanas pertenciam ao reino da biologia [...]. A partir da revolução cognitiva, as narrativas históricas substituem as narrativas biológicas como nosso principal meio de explicar o desenvolvimento do *Homo sapiens*. Para entender a ascensão do cristianismo ou a Revolução Francesa, não basta compreender a interação entre genes, hormônios e organismos. É necessário, também, levar em consideração a interação entre ideias, imagens e fantasias.
>
> Isso não significa que o *Homo sapiens* e a cultura humana tenham se tornado isentos de leis biológicas. Ainda somos animais, e nossas capacidades físicas, emocionais e cognitivas continuam sendo moldadas por nosso DNA. Nossas sociedades são construídas com os mesmos tijolos que as sociedades dos neandertais ou dos chimpanzés, e, quanto mais examinamos esses tijolos – sensações, emoções, laços familiares –, menos diferenças encontramos entre nós e outros primatas.

HARARI, Yuval. ***Sapiens***: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 46.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

As informações sobre o consumo calórico do cérebro foram retiradas de: CALORIES burned in 30 minutes for people of three different weights. **Harvard Health Publishing**, 8 mar. 2021. Disponível em: https://www.health.harvard.edu/diet-and-weight-loss/calories-burned-in-30-minutes-for-people-of-three-different-weights. Acesso em: 22 fev. 2024; GÓMEZ LÓPEZ, Ángeles. O cérebro queima em um dia as mesmas calorias que correr meia hora. Então, pensar muito emagrece? **El País**, 27 nov. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/23/ciencia/1542992049_375998.html. Acesso em: 22 fev. 2024.

Pensar cansa, pensar compensa

Segundo pesquisas científicas, nosso cérebro é responsável por cerca de 20% de nosso gasto calórico diário. Um dos motivos desse consumo é que o cérebro funciona continuamente; até enquanto dormimos, ele está em operação – uma pessoa de 70 quilogramas tem um gasto de aproximadamente 22 quilocalorias a cada 30 minutos de sono. Mas o consumo energético cerebral pode variar dependendo da situação. Por exemplo, quando estudamos para uma prova difícil, consumimos mais energia do que quando ficamos em pé em uma fila, considerando a duração equivalente das atividades. Logo, não há dúvida de que pensar cansa. Mas, sem esse esforço, não conseguiríamos criar o mundo da cultura (antroposfera) nem produziríamos arte, ciência ou tecnologia.

O arqueólogo Gordon Childe (1892-1957), na obra *Evolução cultural do homem*, apontou que a expansão de nosso cérebro está inscrita em nossa biologia. Basta observar que os ossos do crânio do bebê humano nascem relativamente frouxos e macios para que o cérebro possa se expandir. Durante esse processo inicial de crescimento da criança, assim como ocorre com os filhotes de qualquer mamífero e da maioria das aves, nós dependemos totalmente de nossos cuidadores, pais, mães etc. E vale destacar que a condição de dependência da criança é muito longa.

A infância prolongada dos seres humanos é ocupada, sobretudo, pela **educação**, por meio da qual se aprende a falar, contar e escrever. Essa educação por anos envolve o conjunto de nossas relações sociais, em família, na escola e na comunidade. Como nos ensinou Paulo Freire em seus escritos, a educação é um processo indispensável à humanização do ser humano, que nasce incompleto, impotente e inacabado.

Dica

O que é cultura

José Luiz dos Santos. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros passos).

O livro apresenta algumas concepções de cultura, considerando que o termo refere-se tanto àquilo que caracteriza a existência social de um povo quanto ao conjunto de crenças, conhecimentos e ideias presentes em determinada sociedade.

NATALIA LEBEDINSKAIA/MOMENT/GETTY IMAGES

Bebê de 1 ano de idade brinca com estrutura que promove a coordenação motora. Fotografia de 2022. Segundo Paulo Freire, a educação integra o processo de humanização.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Qual é a relação entre as noções de projetar e de futuro?
2. O ser humano é um ser que projeta. Quais são seus projetos e que caminhos você tem traçado para realizá-los?

A vocação de projetar

Todos nós nutrimos inúmeros desejos, mesmo sabendo que, muitas vezes, não temos o poder de realizá-los; daí o impasse de manifestarmos um querer maior do que nosso poder. Apesar disso, frequentemente nosso poder é maior que nosso fazer. Haverá, então, um modo de sair desse impasse, isto é, uma maneira de conciliar o **querer**, o **poder** e o **fazer**? Uma das saídas consiste justamente no **trabalho de projetar**.

O que é projetar? Etimologicamente, a palavra *projetar* vem do latim *pro* = "à frente" + *jactum* = "lançar", significando "aquilo que é lançado à frente". Em certo sentido, projetar tem algo em comum com *programar*, palavra que, em sua origem grega (*pro*, "diante de" + *gramma*, "texto escrito"), sugere a ideia de um texto, de um plano previamente elaborado. De modo geral, a diferença no uso dessas palavras é que projetar indica o trabalho de formar uma visão ampla dos objetivos, ao passo que programar se refere às etapas mais detalhadas de nosso plano.

Em uma abordagem filosófica, projetar implica **antecipar possibilidades futuras** levando em conta nossas ações e reflexões do presente e nossa capacidade de promover mudanças. Diante das possibilidades de vida, cabe-nos projetar aquela que, de fato, queremos e podemos construir. Enfim, projetar é tornar-se sujeito da construção da própria história.

Na obra *Ser e tempo*, o filósofo Martin Heidegger (1889-1976) defendeu que, quando nasce, o indivíduo é "lançado" no mundo, com o qual se relaciona, e, assim, toma consciência de estar em meio às coisas. Lançado no mundo, o ser humano é também **ser de projeto**, que julga a si mesmo e escolhe entre as possibilidades de que dispõe. Desse modo, projetar é uma vocação constitutiva (ontológica) do ser humano. "Seja o que você é", eis o lema da pessoa que se projeta.

STEFANO RAVERA/ALAMY/FOTOARENA - GALERIA NACIONAL DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA, ROMA

As três idades da mulher, pintura de Gustav Klimt, 1905. Essa tela representa o dinamismo da vida. No entanto, ao longo do tempo, não só nosso corpo se transforma, mas também aquilo que somos, uma vez que existimos como seres de projeto.

Outro importante filósofo, Jean-Paul Sartre (1905-1980) afirmava que somos sempre um projeto por um motivo elementar: não nascemos prontos, estáticos, acabados. Ao contrário, vivemos um processo constante de vir a ser, um dinamismo de tornar-se. Vivemos a aventura de nos lançar à frente. Enfim, somos essencialmente um projeto.

A construção de um projeto de vida depende da ampliação da nossa consciência para sentir o querer, avaliar o poder e mobilizar o fazer.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Educação e projeto

Na visão de Paulo Freire, expressa na obra *Pedagogia do oprimido*, o projeto verdadeiramente humano se traduz como uma vocação de "ser mais". Nesse sentido, podemos dizer que a finalidade da educação é contribuir para a construção de tal projeto, cuidando do desenvolvimento integral da pessoa, da preparação para o exercício da cidadania e da qualificação para o trabalho. São três finalidades interdependentes que devem considerar nossas dimensões físicas, emocionais e cognitivas. Desse modo, por exemplo, é inadmissível uma qualificação para o trabalho que mutile o desenvolvimento integral da pessoa ou a afaste do exercício da cidadania.

Na prática, construir um projeto de vida se assemelha a solucionar vários quebra-cabeças. Porém, não existe uma solução certa ou errada, tampouco o resultado dessa construção é definitivo ou imutável. Existem vários projetos de vida, sendo que nenhum deles, em si mesmo, é melhor do que outro. Além disso, projetar não significa seguir receitas que vão prescrever nossas ações sem que possamos alterá-las. Diante de um rumo, precisamos reavaliar continuamente os caminhos.

Um projeto de vida pode e deve ser construído ao longo de uma vida. Mas é interessante começar sua elaboração desde a juventude, momento de intenso desenvolvimento da autonomia intelectual e moral, como defende o pedagogo suíço Jean Piaget (1896-1980). Quando percorremos alguns caminhos planejados desde cedo, temos mais tempo para aprender e realizar ajustes.

Sobre a juventude e a elaboração de um projeto de vida, deve-se considerar que:

> [...] a vivência da juventude, desde a adolescência, tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social. O jovem, a princípio, torna-se capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, fazendo deste o momento por excelência do exercício de sua inserção social. Esse período pode ser crucial para que ele se desenvolva plenamente como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem experimentar e desenvolver suas potencialidades.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 117, p. 1068, out./dez. 2011.

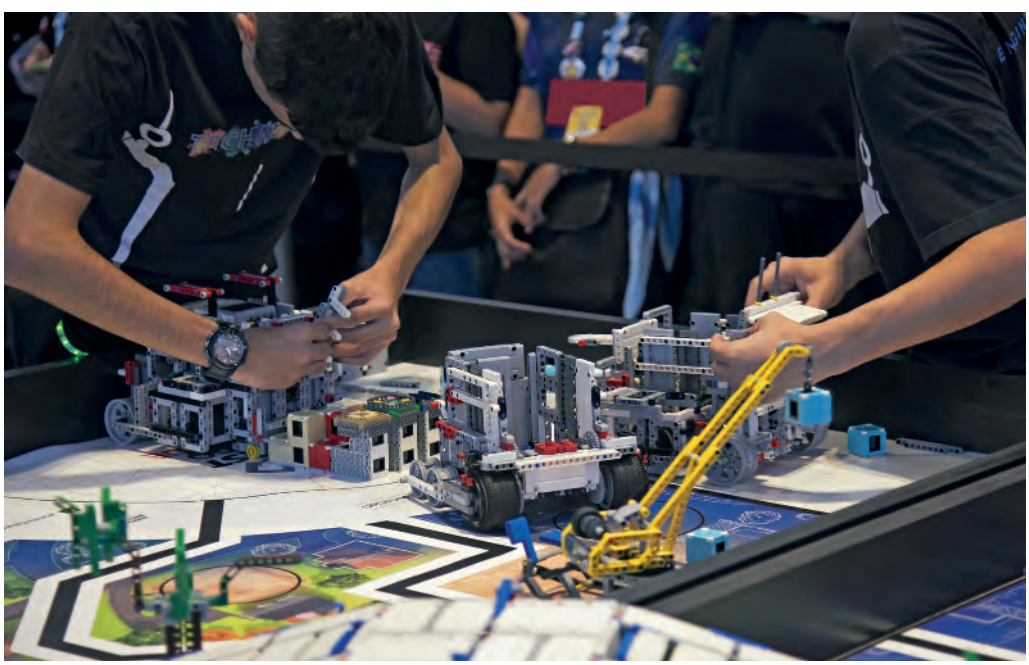
Dica

Nunca me sonharam

Direção: Cacau Rohden. Brasil, 2017. 90 minutos.

Documentário sobre as expectativas, os projetos e os sonhos de jovens secundaristas que estudam em escolas públicas do país. Apresenta relatos de estudantes, professores, diretores e outros profissionais da educação.

Classificação indicativa do documentário *Nunca me sonharam*: não recomendado para menores de 10 anos.



DELFIM MARTINS/PULSAR IMAGENS

Torneio de robótica na capital de São Paulo. Estudantes de todas as regiões do Brasil participaram desse evento. Fotografia de 2020. O ensino técnico, cujos cursos apresentam disciplinas mais práticas, preocupa-se com a qualificação dos estudantes para o trabalho e com o desenvolvimento, por meio da educação, de projetos de vida.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Construção de um projeto

Cada projeto de vida tem um caráter singular, que pode ser pensado por meio de um triplo movimento da:

- consciência de si – voltada para o nosso próprio eu;
- consciência do outro – voltada para o convívio social;
- consciência da natureza – voltada para a conexão com o meio ambiente. Também é chamada de consciência ecológica.

© KOBRA, EDUARDO/ AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: ENRIQUE SHORE/ALAMY/FOTOARENA

O futuro é agora, grafite do artista Kobra na fachada da sede da ONU em Nova York, nos Estados Unidos. Fotografia de 2022. Nesse mural, o artista, com consciência crítica, chama a atenção para o modo como as gerações do presente entregarão o planeta para as gerações futuras.

O despertar da consciência crítica (ou senso crítico) depende dessas três dimensões: a reflexão sobre si, sobre o outro e sobre a natureza. Por exemplo, o desenvolvimento excessivo da consciência do outro levaria à perda da identidade pessoal, à idolatria do outro, à alienação. Por sua vez, o crescimento somente da consciência de si, sem atenção ao outro, conduz ao isolamento, ao egoísmo, ao narcisismo.

Saiba mais

O texto a seguir, escrito pelo educador José Moran, trata da importância da reflexão e da elaboração de um projeto de vida. Considera também que uma sociedade pluralista implica múltiplos projetos de vida.

> O projeto de vida bem desenhado é do interesse de todos, porque nos ajuda a propor perguntas fundamentais, a buscar as respostas possíveis, a fazer escolhas difíceis e a avaliar continuamente nosso percurso. Isso dará sentido e prazer ao aprender em todos os espaços e tempos e de múltiplas formas, em cada etapa da nossa vida.
>
> Muitas pessoas não desenvolvem esse autoconhecimento, a capacidade de perceber-se, avaliar-se, transformar-se. Isso pode ser ensinado em qualquer etapa da vida; quanto antes, melhor. [...] Quem consegue desenvolver esta percepção sobre si com mais frequência enxerga melhor onde se encontra, ilumina melhor seus caminhos, consegue desenhar com maior clareza as próximas etapas. Há muitas abordagens filosóficas e religiosas sobre estas questões; o importante é conseguir perceber-se como pessoas que estamos progredindo, evoluindo mais, tomando decisões mais coerentes, integrando mais o conhecimento intelectual, as emoções, os valores. Interessa a todos, em qualquer fase em que se encontrem das suas vidas, tornar mais consciente esse processo de reflexão sobre sua própria experiência, trajetória, projetos.
>
> Numa sociedade pluralista, o projeto de vida se traduz em propostas diferentes, fruto de filosofias distintas. O importante é que trabalhe com valores fundamentais, de amplo consenso e que não se feche em nichos ideológicos restritivos, preconceituosos, limitadores. O projeto de vida precisa estar num contexto de valorização pessoal, integração social, compreensão das diferenças e promoção da autonomia, a partir de uma visão científica e filosófica aberta e atualizada.

MORAN, José. **A importância de construir projetos de vida na educação**. p. 1-2. Disponível em: https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2017/10/vida.pdf. Acesso em: 9 fev. 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consciência de si

Observe dois desdobramentos da **consciência de si**: o autoconhecimento e a autodeterminação.

O **autoconhecimento** implica refletir profundamente sobre nossa identidade e potencialidade, sobre nossa capacidade física e mental, sobre nossos sentimentos, pensamentos e nossas atitudes. Equivale a praticar a inscrição do Oráculo de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo". Sócrates (469 a.C.-399 a.C.) recomendava essa prática a seus discípulos por considerá-la uma condição necessária para conhecer o mundo e agir nele.

O autoconhecimento depende de refletirmos sobre nossa personalidade. De modo geral, entendemos por personalidade a trama do que somos, expressa no modo pelo qual conduzimos nossa vida.

Segundo estudos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), a personalidade humana pode ser definida por dois grandes tipos psicológicos: a introversão e a extroversão. Uma pessoa mais introvertida tende a voltar-se para a própria intimidade, para o mundo interior, ao passo que uma pessoa mais extrovertida tende a verter-se para fora, para o mundo exterior. Todas as pessoas têm um pouco de extroversão e de introversão.

É interessante conhecermos nossos traços psicológicos para aprendermos a manifestá-los conforme o desafio que enfrentamos em determinado momento. O ideal, então, seria mobilizar de forma flexível a capacidade de nos voltarmos para a interioridade ou para a exterioridade. Afinal, como enfatizava o próprio Jung, o mundo precisa tanto de extroversão quanto de introversão.

Já a **autodeterminação** envolve conhecer aquilo que pensamos, sentimos e fazemos e cuidar disso. Para o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), é com base no autoconhecimento e no cuidado de si que desenvolvemos a capacidade de construir nossa vida e, ao mesmo tempo, de nos relacionar com os outros. A relação entre autoconhecimento e cuidado de si foi desenvolvida por Foucault no livro *História da sexualidade: o cuidado de si*.

Portanto, a autodeterminação procura escapar de imposições externas, ligadas, por exemplo, aos padrões sociais dominantes ou modismos. Quem se autodetermina não se torna refém de uma cultura digital marcada por mídias sociais nas quais as pessoas vivem "seguindo" o outro. E seguindo o quê? Seguindo o modo de vida que os outros exibem, simbolizado em imagens de refeições, roupas, viagens, festas, *shows* e *selfies*. Esses tipos de imagem muitas vezes valorizam determinado padrão de beleza, replicando preconceitos, como a gordofobia (endereçada a pessoas com sobrepeso ou obesidade), e podem produzir **dismorfia**, uma preocupação obsessiva com algum detalhe do próprio corpo. Assim, as pessoas deixam de construir seu caminho e fazer suas escolhas. Em vez disso, elas tendem a reproduzir comportamentos, valores e ideias difundidos por celebridades digitais.

A autodeterminação implica romper com a inércia, com a passividade, e desenvolver a autonomia da vontade, a liberdade de escolher os rumos de nossa vida, sem isolamento ou egocentrismo.

Dica

Jung: vida e obra

Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Esse livro da psiquiatra alagoana Nise da Silveira aborda diversos aspectos do pensamento de Jung, incluindo sua teoria dos tipos psicológicos.

Pessoas fotografam evento esportivo em Bucareste, na Romênia. Fotografia de 2022. Muitas vezes, as pessoas compartilham fotografias de suas experiências nas redes sociais. Isso costuma gerar no outro a sensação de estar "perdendo" algo.

CRISTI CROITORU/SHUTTERSTOCK

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tornar-se pessoa

Leia a seguir um texto sobre a autoconsciência escrito pelo psicológo clínico Rollo May (1909-1994), que apontou um importante momento da evolução biológica humana para analisar suas consequências históricas e éticas.

Há alguns anos, um psicólogo adquiriu um chimpanzé da mesma idade de seu filho bebê. Com a ideia de fazer uma experiência, como é hábito entre os de sua especialidade, criou o ser humano e o macaco juntos em sua casa. Durante os primeiros meses os dois evoluíram mais ou menos no mesmo ritmo, brincando juntos e revelando poucas diferenças. Mas, após um ano, uma transformação começou a manifestar-se no bebê, e daí em diante a diferença entre os dois tornou-se pronunciada.

Deu-se exatamente o que era de se esperar, pois existe pouca diversidade entre o ser humano e qualquer filhote de mamífero, desde a origem do feto no ventre materno, passando pelo primeiro pulsar do coração, até a expulsão no momento do parto, o início da respiração independente e os primeiros meses de vida. Mas aos dois anos, mais ou menos, surge no ser humano a mais importante e radical ocorrência no **processo evolutivo**, isto é, a **autoconsciência**. Ele começa a perceber que é um "eu". Quando feto, no ventre materno, fazia parte do "nós original" com sua mãe. Mas àquela altura a criança, pela primeira vez, toma consciência de sua liberdade. Sente-a, segundo Gregory Bateson, no contexto do relacionamento com os pais. Sente a si mesma como um indivíduo independente, capaz de opor-se a eles, se necessário. Esta notável ocorrência constitui o nascimento da pessoa no **animal humano**.

[...]

Esta autoconsciência, esta capacidade para ver-se do exterior, é a característica distintiva do homem. Um amigo meu tem um cão que o espera à porta do seu estúdio todas as manhãs e, quando alguém se aproxima, salta e ladra, querendo brincar. Meu amigo afirma que o cão diz, ao latir: "Sou um cão à espera de alguém que brinque comigo, a manhã inteira. Será que você quer brincar?" Todos os que gostam de cães neles projetam tais ideias. Mas na realidade isto é exatamente o que um cão não pode expressar. É capaz de demonstrar que quer brincar levando a pessoa a jogar uma bola para que ele vá buscá-la, mas não pode sair de si mesmo e contemplar-se agindo, pois não tem autoconsciência.

Isto significa que o cão vive também livre de ansiedade neurótica e de sentimentos de culpa, com que o ser humano foi duvidosamente abençoado. Há quem prefira dizer que o cão não foi amaldiçoado com a autoconsciência. [O poeta estadunidense] Walt Whitman, fazendo eco a esta ideia, sente inveja dos animais:

Creio que eu poderia viver com os animais...
Que não suam e lamentam sua condição
E não ficam insones à noite
Chorando suas faltas...

Mas na verdade a autoconsciência é a origem das mais altas qualidades humanas. Existe na capacidade de se distinguir entre "eu" e o mundo e proporciona ao homem o talento de suspender o tempo, que é a aptidão para sair do presente e imaginar-se na véspera ou no dia seguinte. Assim os seres humanos podem aprender com o passado e planejar o futuro. O homem é, portanto, um **mamífero histórico** no sentido em que é capaz de sair de si mesmo e contemplar sua história, influenciando assim seu desenvolvimento como pessoa e, em menor extensão, a marcha dos acontecimentos em seu país e na sociedade como um todo. A autoconsciência existe sob a aptidão humana para usar símbolos, isto é, desligar algo do que ele é, como os dois sons que constituem a palavra "mesa", convencionando que servirão para toda uma classe de objetos. O homem pode, portanto, pensar em abstrações, como "beleza", "razão" e "bondade".

Esta faculdade da autoconsciência lhe confere o talento de ver-se a si mesmo como os outros o veem e sentir empatia. Existe ainda sob a notável aptidão para transportar-se até a sala de alguém, onde na realidade só se encontrará na semana seguinte, e em imaginação planejar sua maneira de agir. Permite que a pessoa se coloque no lugar de outra e imagine como se sentiria e o que faria se fosse ela. Por pior que se use, deixe de usar, ou mesmo abuse desta aptidão, ela constitui os rudimentos da capacidade para amar ao próximo, ter sensibilidade ética, considerar a verdade, criar a beleza, dedicar-se a ideais e morrer por eles, caso necessário.

Realizar tais potencialidades é ser uma pessoa. [...]

[...]

[...] a experiência da própria identidade, ou o processo de tornar-se uma pessoa, é ao mesmo tempo a experiência mais simples e mais profunda de nossa vida. Como todos sabem, uma criança reagirá indignada se alguém,

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

para aborrecê-la, a chamar por um nome que não é o seu. É como se lhe estivessem tirando a identidade – algo de muito precioso para ela. [...]

Duas meninas gêmeas ilustraram de modo expressivo o quanto é importante para uma criança ser pessoa com seus próprios direitos. As duas eram muito amigas, principalmente porque se complementavam, sendo uma extrovertida, o centro do grupo quando havia visitas, e contentando-se a outra em ficar só, desenhando e escrevendo poeminhas. Os pais, como geralmente acontece no caso de gêmeos, vestiam-nas de maneira idêntica para sair a passeio. Estavam com três anos e meio, mais ou menos, quando a menina extrovertida começou a querer vestir-se diferente da irmã. Se necessário usava até um vestido mais velho e mais feio, contanto que não ficasse igual à irmã. Se esta se vestia depois, suplicava, às vezes chorando, que não usasse um vestido igual ao seu. Isso intrigou os pais, uma vez que a menina não demonstrava ansiedade em outros sentidos. Finalmente, seguindo um pressentimento, perguntaram: "Quando vocês duas saem para passear você gosta de ouvir as pessoas que encontram dizerem: 'Olhe aquelas duas gêmeas'?". Imediatamente a garotinha exclamou: "Não, quero que digam: 'Olhe para aquelas duas meninas diferentes!'"

Esta exclamação espontânea, revelando algo que obviamente era muito importante para a menina, não pode ser explicada sob a alegação de que ela queria destacar-se, uma vez que receberia mais atenção se estivesse vestida de maneira idêntica à irmã. Revela a exigência de ser alguém independente, possuir sua identidade pessoal – uma necessidade para ela mais importante do que a atenção ou o prestígio.

A menina expressou corretamente a finalidade de todo ser humano tornar-se uma pessoa. [...]

MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 69-77. (Grifos nossos).

TARA MOORE/DIGITALVISION/GETTY IMAGES

As identidades pessoais estão suscetíveis, em sociedade, a momentos de apagamento e a momentos de afirmação.

Atividades

Responda no caderno.

1. Explique por que, segundo o texto, a autoconsciência é a mais importante ocorrência de nosso processo evolutivo.
2. Segundo o autor, o ser humano é um mamífero histórico, que pode "aprender com o passado e planejar o futuro". Argumente por que essa capacidade está diretamente ligada à autoconsciência.
3. Como o autor ilustra o quanto é importante, para o ser humano, ser diferente, diverso, e ter uma identidade pessoal?
4. O que significa para você "tornar-se pessoa"? Responda com base em suas vivências e na interpretação do texto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consciência do outro

Observe dois desdobramentos da consciência do outro: a empatia e a sociabilidade.

A **empatia** implica desenvolver sintonia em relação aos outros, aos pensamentos e sentimentos deles, e, com isso, compreender diferentes visões de mundo. Assim, podemos encarar o outro como um **objetivo**, e não como uma **objeção**. Esse outro pode ser não apenas um indivíduo, como também um coletivo local, mundial ou até o conjunto dos seres vivos.

Por vezes, a palavra *empatia* tem sido empregada de forma equivocada, referindo-se à demonstração de concordar com o outro. Ao nos debruçarmos sobre a raiz etimológica grega do termo (*en* = "dentro de" + *patheia* = "sentimento"), perceberemos que se trata da busca de compreender o que se passa dentro do outro, e não de concordar necessariamente com ele.

A empatia se distingue da *simpatia* – do "sentir junto" –, palavra também proveniente do grego (*syn* = "junto" + *patheia* = "sentimento"). Simpatia se refere a uma afinidade emocional pelo outro, o que, em grau elevado, pode levar à idolatria dele. Já a empatia não significa perder a si mesmo para aderir incondicionalmente às razões do outro, a ponto de levar o indivíduo a tornar-se parte de um rebanho social. Dentro desse rebanho, as pessoas não têm senso crítico e, por isso, pensam igual, vestem-se igual, têm a mesma opinião, usam as mesmas marcas.

O exercício da empatia relaciona-se com o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação. Busca a compreensão da alteridade (as condições do outro), a escuta social e a superação do egocentrismo. A empatia é fundamental para construirmos relacionamentos duradouros e estáveis, promovendo nossa capacidade de trabalhar em equipe.

É possível distinguir três tipos principais de empatia: a **cognitiva**, a **afetiva** e a **ativa**. A empatia cognitiva é a capacidade de compreender o que as pessoas pensam sobre o mundo e como elas elaboram seus pontos de vista. A empatia afetiva consiste em perceber como os outros se sentem diante das experiências de vida deles. E a empatia ativa consiste em combinar as empatias cognitiva e afetiva, colocando-as em prática por meio de atos de solidariedade e cooperação.

A **sociabilidade** envolve cultivar o sentimento coletivo, a cooperação e a solidariedade. Isso implica compreender o outro e desenvolver habilidades voltadas para o convívio respeitoso e plural e, no plano mais amplo, para o exercício da cidadania em prol da construção de uma sociedade justa, livre e democrática. Sem sociabilidade, caímos na perspectiva individualista do "cada um por si". Porém, a vida de cada um está indissoluvelmente ligada à vida dos outros, à vida coletiva. Aliás, a sociabilidade tem sido apontada desde Aristóteles como característica essencial do ser humano.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Dos três tipos de empatia vistos nesta página (cognitiva, afetiva e ativa), qual deles é tema da tirinha? Explique.
2. Na situação apresentada, Armandinho, Camilo e Pudim exercem essa empatia? Justifique.

Armandinho, tirinha de Alexandre Beck, 2019.

© ALEXANDRE BECK

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consciência da natureza

Nos dois últimos séculos, o ser humano vem vivenciando um processo de separação da natureza. Em termos filosóficos, essa separação foi assinalada por René Descartes (1596-1650), que distinguia de forma radical o corpo (coisa extensa) do espírito (coisa pensante). Em outras palavras, o mundo do corpo, da matéria, do mensurável era bem diferente do mundo subjetivo da mente, do espírito, do imensurável. Com essa ruptura, que se deu por meio do desenvolvimento da ciência e da técnica, a natureza foi transformada em mero objeto de exploração humana.

No mundo contemporâneo, precisamos rever urgentemente essa separação, a fim de buscar um relacionamento harmonioso entre o ser humano e a natureza. Esse relacionamento deve ser recuperado porque o humano é, simultaneamente, um ser:

- **no mundo natural** – isso significa que não existimos fora do tempo e do espaço, portanto não existimos fora do mundo, fora da natureza. Embora sejamos marcados pela cultura, temos raízes fincadas na natureza. Sentimos a natureza ao nascer, respirar, beber, comer, envelhecer e morrer. Sentimos no calor e no frio, no dia e na noite, no dormir e no acordar, na dor e no prazer. Como seres no mundo, estamos envolvidos no espaço da natureza porque fazemos parte dela;
- **com o mundo natural** – isso significa que nos relacionamos com múltiplos seres naturais, com os quais nossa existência se conecta, desde os seres inanimados (o mar, as estrelas, o ar, a água, as árvores, as montanhas etc.) até os seres animados (as aves, os peixes, outros mamíferos etc.).

Nenhum projeto de vida pode florescer baseado no domínio perverso da natureza. Esse domínio se intensificou com a globalização, que levou ao impulso de produzir e consumir a qualquer custo. Em uma escala gigantesca, sucederam-se devastações de ecossistemas, ameaças à biodiversidade e alterações climáticas, como o aquecimento global.

Apesar dos graves impactos ao meio ambiente, cresceu também a consciência de que vivemos em um planeta finito, que não suporta um desenvolvimento irresponsável, ilimitado e desordenado. Com sua rica e delicada diversidade de plantas e animais, a Terra necessita do cuidado das pessoas e dos povos.

LUDOVIC MARIN/AFP/GETTY IMAGES

Escultura de Artur Bordalo (conhecido como Bordalo II) em Lisboa, Portugal. Fotografia de 2022. Em seus trabalhos, o artista utiliza resíduos urbanos visando promover a consciência ecológica e denunciar o consumismo.

Dica

Meio ambiente: e eu com isso?

Nurit Bensusan. São Paulo: Peirópolis, 2019.

Esse livro, escrito pela bióloga brasileira Nurit Bensusan, é composto de diversas crônicas que analisam a responsabilidade humana nos problemas ambientais do mundo contemporâneo e incentivam a busca de soluções para eles.

OBJETO DIGITAL
Vídeo: Economia verde

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A citação do neurocientista Ken Mogi foi extraída da seguinte reportagem: O que é o *ikigai*, o segredo japonês para uma vida longa, feliz e saudável. **BBC News Brasil**, 2 jun. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-44293333. Acesso em: 16 ago. 2024.

Saiba mais

Segundo o neurocientista Ken Mogi, o *ikigai* pode ajudar as pessoas a ter uma vida feliz e mais saudável: "Se você acha seu *ikigai*, as pequenas coisas que dão significado à vida podem te ajudar a preservar sua saúde por mais tempo".

O projeto profissional

Na vida cotidiana, quando perguntamos para alguém "O que você pretende ser?", é comum ouvirmos respostas que indicam a vontade de ser médico, comerciante, músico, advogado, professor etc. Isso mostra a importância que as pessoas atribuem à carreira profissional. Assim, a resposta à pergunta "O que você pretender ser?" costuma ser resumida à indicação de uma profissão.

Contudo, a construção de um projeto de vida, do qual a profissão é uma parte, abrange o desenvolvimento integral da pessoa. O que significa profissão? É a atividade econômica que desempenhamos para obter nosso meio de subsistência.

Existem, no mercado de trabalho, inúmeras profissões. Escolher a mais adequada e preparar-se para exercê-la são atitudes fundamentais a serem tomadas pelos jovens. Às vezes, uma profissão mal escolhida traz consequências penosas, com repercussões nos campos psicológico e econômico.

No atual momento da vida brasileira, são imensos os desafios que as pessoas enfrentam para escolher, de forma concreta, a profissão que pretendem exercer no futuro, especialmente se considerarmos que o mercado de trabalho passa por profundas mudanças tecnológicas, políticas e éticas.

Tanto na construção de nosso projeto de vida quanto na escolha da profissão, precisamos equilibrar o que queremos com o que podemos, combinar razão e emoção, habilidades afetivas e cognitivas, levar em conta o eu (**subjetividade**) e o mundo (**objetividade**). Pois, quando nos envolvemos em nossas atividades de forma integral, há uma renovação em nós e naquilo que fazemos.

No Japão, o projeto de vida pode ser representado por um ***ikigai***, palavra que supostamente surgiu em Okinawa, um grupo de ilhas no sul do país que apresenta uma população de moradores centenários, com uma expectativa de vida bem acima dos padrões japoneses. Essa palavra pode ser traduzida por "razão de viver", "aquilo que torna a vida valiosa", "o motivo pelo qual despertamos todas as manhãs". Trata-se de um conceito-chave de uma filosofia oriental popular que, segundo especialistas em saúde pública, contribui de forma decisiva para que as pessoas vivam mais e melhor, desenvolvendo um propósito de vida.

BIANCA CANADA/ATO PRESS/FOLHAPRESS

Feira de profissões em colégio público de Caraguatatuba, no estado de São Paulo. O evento contou com muitas atividades, como teste vocacional e compartilhamento de informações sobre diversas profissões. Fotografia de 2024. Feiras como essa contribuem para que os estudantes desenvolvam projetos profissionais com autonomia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Qual é seu projeto de vida?

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

ODS 3

O *ikigai* expressa um projeto de vida pessoal por meio de mandalas que relacionam trabalho, contexto social e valores éticos. Em geral, o mundo ocidental adequou esse procedimento à sua realidade, frequentemente focado nos componentes trabalho e renda. No Ocidente, aplica-se o *ikigai* com base em quatro perguntas: O que amo? Em que sou bom? De que o mundo precisa? Qual é o valor pago pelo trabalho? Verifique o *ikigai* com quatro círculos reproduzido nesta página. Dois deles remetem mais diretamente à pessoa e à sua atividade: "Aquilo que você ama" e "Aquilo em que você é bom". Os outros dois círculos se referem predominantemente às respostas do mundo à atividade da pessoa: "Aquilo de que o mundo precisa" e "Aquilo que o mundo paga". Com base nele, você pode elaborar seu próprio *ikigai*.

Há diversas maneiras de sistematizar um projeto de vida, de colocá-lo no papel para que fique mais perceptível para nós. O *ikigai* é apenas uma delas. O importante é, independentemente da idade que temos e da fase de vida em que estamos, refletirmos continuamente sobre nossos projetos pessoais, sobre as experiências que queremos viver, as pessoas com quem queremos estar e sobre a melhor forma, para nós, de enfrentar os desafios que a vida apresenta. Afinal, o autoconhecimento defendido pelos filósofos desde a Antiguidade faz parte de um autocuidado, indispensável para preservar a saúde emocional, auxiliando o indivíduo a reconhecer as próprias emoções e desenvolver um senso crítico.

Exemplo de *ikigai*

ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

TRABALHO E JUVENTUDES

Bacharelado em psicologia

Desde pequenos, aprendemos a desenvolver hábitos de higiene, de boa alimentação e de exercício corporal. Outro aspecto importante do autocuidado tem sido cada vez mais destacado: a preocupação com a saúde mental, que envolve conhecer e administrar emoções e sentimentos de modo a manter relações pessoais satisfatórias, conquistar objetivos pessoais e superar adversidades. Segundo o *Informe mundial sobre saúde mental*, publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2022, estima-se que, no mundo, uma a cada oito pessoas sofria de transtornos como ansiedade e depressão.

Diante desse panorama, cresce a necessidade de bacharéis em psicologia. Esse curso fornece um amplo conhecimento sobre os processos mentais e o comportamento humano. No exercício da profissão, o psicólogo atua na realização de diagnósticos, na prevenção e no tratamento de distúrbios emocionais e de doenças mentais, ao mesmo tempo que contribui para que as pessoas ampliem o conhecimento que têm sobre si, facilitando o desenvolvimento pessoal dos sujeitos atendidos.

O campo de atuação é amplo. O psicólogo pode se dedicar ao atendimento clínico (a psicoterapia), mas também trabalhar em empresas junto ao setor de recursos humanos. Além disso, pode atuar no esporte, ajudando atletas a lidar com pressões e frustrações; em escolas, contribuindo para a aprendizagem; e em órgãos do governo, ajudando pessoas em situação de vulnerabilidade social.

A promoção da saúde mental tem ganhado destaque nos últimos anos, sobretudo após os efeitos da pandemia de covid-19. Dessa forma, governos e empresas têm dedicado mais atenção ao tema. Exemplo disso é a criação de dispositivos e aplicativos que monitoram a saúde mental, contribuindo para que as pessoas pratiquem o autocuidado e procurem profissionais da área da saúde mental quando necessário.

A estimativa sobre ansiedade e depressão foi retirada de: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Informe mundial sobre salud mental**: transformar la salud mental para todos. 16 jun. 2022. Disponível em: https://www.who.int/es/publications/i/item/9789240050860. Acesso em: 23 fev. 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Responda no caderno.

1. Para o filósofo André Comte-Sponville, havia três palavras gregas associadas ao amor: *eros*, *philia* e *agape*. Sintetize o significado dessas concepções de amor.
2. Como Aristóteles diferencia o amor *philia* do amor *eros*?
3. No contexto do amor *agape*, como você interpreta a frase: "A medida do amor é amar sem medida"?
4. Ao adquirir consciência de sua solidão e separação, o ser humano procura unir-se de alguma forma a outras pessoas e ao mundo exterior. Segundo Erich Fromm, quais são as duas formas negativas e qual é a forma positiva dessa união? Explique-as.
5. Para Fromm, quais atitudes interdependentes caracterizam o amor? Explique cada uma delas.
6. Zygmunt Bauman chamou de amor líquido o envolvimento frágil e descartável das relações humanas na sociedade contemporânea. Para o autor, como esse amor líquido se manifesta no mundo digital? Reúna-se com mais três colegas e discutam as percepções de vocês sobre o tema. Antes da discussão, elaborem uma pauta com aproximadamente dez questões. Um dos integrantes do grupo deve orientar o debate com base nessa pauta, sem deixar que o grupo se disperse em diálogos fora do tema. Pode ser interessante gravar essa discussão no formato de *podcast*.
7. De acordo com Paulo Freire, o que significa desenvolver um projeto de vida verdadeiramente humano?
8. Ao elaborar um projeto de vida, a consciência realiza qual movimento triplo? Identifique elementos de cada um desses movimentos.
9. Pesquise a letra das músicas "Canção da América", de Milton Nascimento e Fernando Brant, e "Canção do amor demais", de Vinicius de Moraes e Antônio Carlos Jobim. Se possível, ouça-as. Depois, reflita com seus colegas: qual concepção filosófica de amor (*eros* ou *philia*) dialoga melhor com cada uma delas? Explique.
10. Imagine como será sua vida daqui a 20 anos. Leve em conta que você começou a construir um projeto de vida durante a juventude, orientado pelo autoconhecimento, pela autodeterminação, pela empatia e pela sociabilização. Reúna-se com alguns colegas para trocarem ideias e refletirem sobre as questões a seguir. Depois, elabore, individualmente, um resumo escrito com suas respostas.
    a. Como você gostaria que fosse seu relacionamento com familiares e amigos?
    b. Que profissão você gostaria de ter? Esse trabalho daria a você uma perspectiva de autoconstrução, alegria e liberdade? Como?
    c. No futuro, como gostaria de utilizar seu tempo livre? O que faria para descansar e se descontrair?
    d. O que você precisa fazer para realizar seu projeto de vida?
11. Leia o texto a seguir e responda às questões.

> De onde vem a palavra oportunidade? Vem do nome de um vento. Os romanos tinham o hábito na Antiguidade de dar nome aos ventos. E um vento que eles apreciavam imensamente, que levava o navio em direção ao porto, era chamado de *ob portus*, o vento oportuno. O que é oportunidade? É quando você pega o vento favorável, aquele que o leva para o porto. O vento inoportuno é o que o tira da direção do porto. O que é o porto? O porto – assim como uma porta – é segurança, é entrada e saída, é aquilo que o impede de ficar estanque na coisa mais perigosa que existe, que é ser prisioneiro do mesmo.
>
> O porto ou a porta impede que eu fique isolado, que eu fique ilhado, sem alternativa. Por isso, a oportunidade é aquilo que nos tira do mesmo porque o porto ou uma porta é, antes de mais nada, uma saída. Como é saída em grego? *Exodus*. Na Bíblia, é a passagem clássica dos hebreus, conduzidos por Moisés, até a terra prometida, Canaã. A palavra em inglês que veio de *exodus* é *exit*. Que significa "sucesso", "resultado positivo" e, também, "saída".
>
> Para ir da oportunidade ao êxito é preciso enfrentar os medos de mudança, romper com esse sentimento e ir atrás do vento oportuno. Para isso, é preciso mudar a mentalidade. É preciso ter uma mentalidade humilde. [...]
>
> Uma característica central de quem não perde oportunidade é a capacidade de ter audácia. Não confunda audácia com aventura. A mudança se faz com os audaciosos, não com os aventureiros. O grande pensador alemão Immanuel Kant, no século XVIII, dizia: "Avalia-se a inteligência de um indivíduo pela quantidade de incertezas que ele é capaz de suportar". Suportar não significa sucumbir, mas resistir às incertezas e continuar. Para resistir às incertezas é preciso ter audácia. [...] Audacioso ou audaciosa é aquele ou aquela que planeja, organiza, estrutura e vai. Aventureiro ou aventureira é quem diz: "Vamos que vamos e veremos no que dá".
>
> CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual é a tua obra?**: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 46-47.

    a. Qual é a origem etimológica da palavra *oportunidade*?
    b. O que é preciso fazer para "ir da oportunidade ao êxito"?
    c. *Ética* vem do grego *ethos*, que significa "atitude", "comportamento". Em sua interpretação, qual é a característica central do *ethos* daquele que não perde uma oportunidade?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

d. Ao assumir os riscos da mudança, devemos agir somente baseados em certezas? Em sua resposta, pense em exemplos de sua vida pessoal.

12. No texto a seguir, o historiador indiano Vijay Prashad apresenta alguns dados relevantes sobre o trabalho de cuidado exercido em grande parte pelas mulheres. Com base nesses dados e no que você aprendeu sobre amor e trabalho, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "O trabalho de cuidado exercido por mulheres". Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos para a defesa de seu ponto de vista.

ODS 8

Em todo o mundo, as mulheres empregam em média 4 horas e 25 minutos por dia em trabalhos de cuidado não remunerados, enquanto os homens gastam em média 1 hora e 23 minutos por dia no mesmo tipo de serviço. Essa foi a conclusão de um estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de 2018.

O que é trabalho de cuidado? O estudo da OIT o define como "atividades e relações envolvidas na satisfação das necessidades físicas, psicológicas e emocionais de adultos e crianças, idosos e jovens, debilitados e saudáveis".

Existem dois principais tipos de trabalho de cuidado, conforme descrito pela OIT. O primeiro se caracteriza por atividades de cuidado direto (às vezes chamadas de tarefas de "alimentação" ou "relacionais"), como "alimentar um bebê, cuidar de um parceiro doente, ajudar um idoso a tomar banho ou a realizar exames de saúde, ou ensinar crianças pequenas".

O segundo é caracterizado por atividades de cuidado indireto, que não envolvem cuidados pessoais face a face, como limpar, cozinhar, lavar roupa e outras tarefas domésticas (às vezes referidas como "cuidados não relacionais" ou "trabalho doméstico"), que fornecem as pré-condições para o cuidado pessoal. Os trabalhos de cuidado direto e indireto operam em conjunto, e é esse trabalho físico e emocional que mantém a estrutura social.

Mulheres e meninas, mostra o estudo da OIT, realizam três quartos do trabalho de cuidado não remunerado necessário para manter as famílias e a sociedade.

Se aquelas que realizam trabalho assistencial não remunerado recebessem um salário mínimo em seus respectivos países, esse montante salarial chegaria a 11 trilhões de dólares (equivalente a 15% do Produto Interno Bruto global [...]).

PRASHAD, Vijay. Não é amor, é trabalho não pago. **Brasil de Fato**, 29 mar. 2021. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2021/03/29/nao-e-amor-e-trabalho-nao-pago. Acesso em: 16 ago. 2024.

13. (Enem-MEC)

Os andróginos tentaram escalar o céu para combater os deuses. No entanto, os deuses em um primeiro momento pensam em matá-los de forma sumária. Depois decidem puni-los da forma mais cruel: dividem-nos em dois.

Por exemplo, é como se pegássemos um ovo cozido e, com uma linha, dividíssemos ao meio. Desta forma, até hoje as metades separadas buscam reunir-se. Cada um com saudade de sua metade, tenta juntar-se novamente a ela, abraçando-se, enlaçando-se um ao outro, desejando formar um único ser.

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

No trecho da obra *O banquete*, Platão explicita, por meio de uma alegoria, o:

a. bem supremo como fim do homem.
b. prazer perene como fundamento da felicidade.
c. ideal inteligível como transcendência desejada.
d. amor como falta constituinte do ser humano.
e. autoconhecimento como caminho da verdade.

14. (UECE-CE) Zygmunt Bauman (1925-2017), sociólogo autor de debates teóricos sobre a pós-modernidade ou, como ele denomina, a modernidade líquida, faz uma análise crítica ao que ele chamou de "amizade Facebook", própria desses tempos de redes sociais-virtuais e das novas tecnologias de comunicação e informação. Em entrevista concedida ao projeto Fronteiras do Pensamento no ano de 2011, que é parte da programação do Café Filosófico CPFL – tal entrevista de Bauman é facilmente encontrada no *site* de compartilhamentos de vídeos Youtube –, este sociólogo conta que um "viciado em Facebook" se gabou que tinha feito em um dia, apenas, 500 novas amizades, nesta referida rede social-virtual. Bauman retrucou, no entanto, dizendo que ele, na época com 86 anos, não tinha conseguido ter tantos amigos durante toda a sua vida. Porém, Bauman afirma que, provavelmente, os significados de "amigo" que ele e o referido "viciado em Facebook" possuem não são os mesmos, mas são, na verdade, bem diferentes.

Sobre os significados dessa "amizade Facebook" e da concepção de "amigo" que Bauman aponta ser diferente, é correto dizer que

a. a diferença entre o tipo de "amizade Facebook" do tipo de "amizade" a que Bauman se referiu reside no fato de que, na primeira, é mais difícil se desfazer dos amigos.
b. as "amizades" feitas por meio do Facebook ou do Instagram não partem da concepção de comunidade ou de laços humanos, mas da ideia de redes de contato.
c. as amizades podem ser facilmente feitas nas redes virtuais-sociais, mas, diferente de outras, têm a possibilidade de ser duradouras e sinceras.
d. amizades feitas pela convivência e confiança são próprias desses tempos da modernidade líquida, onde tudo é liquefeito rapidamente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE 5

ESTADO, PODER E DEMOCRACIA

"Governo federal anuncia R$ 50,9 bilhões em medidas para o Rio Grande do Sul". No primeiro semestre de 2024, manchetes como essa circularam em jornais e portais de notícias, referindo-se às medidas tomadas pelo governo para ajudar o estado do Rio Grande do Sul a superar os danos provocados pelas fortes chuvas e inundações ocorridas à época.

Nessa crise, a atuação do Estado foi fundamental para enfrentar a tragédia humanitária. Entre as ações estatais imprescindíveis para a reconstrução do Rio Grande do Sul, estavam: investimentos em infraestrutura de transporte, drenagem e limpeza urbana e recursos disponibilizados para as famílias desabrigadas.

Com base nesse exemplo, reflita sobre o papel do Estado. Como você percebe a presença e a ausência do Estado no dia a dia? Como você imagina que seria o enfrentamento de crises e tragédias humanitárias sem a presença do Estado?

ANSELMO CUNHA/AFP/GETTY IMAGES

Bombeiros se mobilizam em São Sebastião do Caí, no estado do Rio Grande do Sul. Fotografia de 2024. Membros do Exército, da Defesa Civil, do Corpo de Bombeiros, da Polícia Federal e da Polícia Militar atuaram no resgate das vítimas das inundações que ocorreram no estado do Rio Grande do Sul no início de 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ALAN CHAVES/AFP/GETTY IMAGES

Oficiais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) sobrevoam em helicópteros área da Floresta Amazônica, em operação para conter o desmatamento e a prática do garimpo ilegal em terras indígenas. Fotografia de 2023.

Estado, poder e democracia são os termos que estruturam esta unidade e que permitem desenvolver debates relevantes para as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas sobre, por exemplo, o respeito ao bem comum, a inclusão social e a promoção da cidadania. Os temas aqui abordados exploram o papel e as formas de legitimação do Estado, os diferentes sistemas de governo e as lógicas de poder.

Esta unidade ocorre nos quatro livros desta coleção. Desse modo, os capítulos de história, geografia, sociologia e filosofia se complementam e favorecem a construção de conhecimento interdisciplinar.

Neste volume, a unidade trata do estudo da filosofia política, o que implica investigar os conceitos fundamentais de pensadores antigos, as origens da noção moderna de Estado, as teorias que tratam do processo de expansão do capitalismo e as principais correntes filosóficas da política na contemporaneidade.

Nos próximos dois capítulos, você vai:

- conhecer a filosofia política da Grécia antiga, com destaque para o pensamento de Platão e de Aristóteles;
- discutir os princípios da filosofia política moderna, compreendendo a base do pensamento humanista e as teorias de Maquiavel;
- compreender as teorias contratualistas propostas por pensadores como Hobbes, Locke, Montesquieu e Rousseau;
- analisar o processo de expansão do capitalismo, discutindo os desdobramentos da Revolução Industrial e da Revolução Francesa;
- compreender as correntes filosóficas da política na contemporaneidade, por meio do estudo de pensadores como Hegel, Marx, Foucault, Mbembe, Rawls e Habermas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 9

Política: dos antigos aos modernos

Os *Homo sapiens* existem há cerca de 200 mil anos. Ao longo de toda sua história, nunca adotaram a solidão como forma habitual de vida. Os *sapiens* dependem de seus semelhantes para viver e sobreviver, o que demonstra que a sociabilidade é característica fundamental de nossa espécie.

A necessidade de conviver ("viver com") e de organizar a vida em comum está na origem da política. Entre os gregos antigos, a política diz respeito ao conjunto de práticas que regem a vida coletiva na pólis (cidade-Estado). A atividade política precisa dar respostas a perguntas cruciais como as apresentadas a seguir.

- Por que vivemos juntos? Apenas no convívio encontramos a felicidade? Dependemos do outro apenas para sobreviver?
- Quem deve nos governar? Os mais sábios? Os mais fortes? Os escolhidos pela vontade de Deus ou os escolhidos pela maioria do povo?
- Qual é o objetivo desse governo? Distribuir justiça? Promover o bem comum? Impor estabilidade à vida coletiva?
- Há limites para o poder do governante? Quais seriam esses limites? Como evitar o abuso de poder?

Vários filósofos refletiram sobre essas e outras indagações políticas. Neste capítulo, vamos estudar algumas respostas que se tornaram clássicas na tradição filosófica e impactaram a formação dos Estados contemporâneos.

CHICO FERREIRA/PULSAR IMAGENS

Escritório com espaço de trabalho compartilhado na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2022. Nesse tipo de espaço de convivência, são necessárias algumas regras para organizar a vida em comum. Por exemplo, a proibição de falar alto ou deixar o viva-voz do *smartphone* ativado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Filosofia política grega

A partir do século VIII a.C., formaram-se na Grécia antiga várias **pólis**, isto é, cidades independentes que desenvolveram os próprios governos, calendários, leis e moedas. Dentre as pólis que mais se destacaram estavam Atenas e Esparta, pela liderança que, em certas épocas, exerceram sobre as demais cidades gregas.

O surgimento da pólis coincide com a valorização do *logos* (em grego, "razão") na resolução dos problemas da vida. Aos poucos, a pólis foi concebida como um produto natural da razão humana e, por isso, poderia ser explicada de forma racional.

Foi em Atenas que, por volta do século VI a.C., desenvolveu-se uma nova maneira de governar a pólis conhecida como **democracia**. Nessa forma de governar, os cidadãos dirigiam os destinos da cidade com base no princípio da isonomia (do grego *is(o)-* = "igualdade" + *nomia* = "de direitos"). Mas convém lembrar que a democracia ateniense era elitista, pois os cidadãos representavam um reduzido número de pessoas, excluindo, por exemplo, os estrangeiros (metecos), os escravizados, as mulheres e os jovens menores de 21 anos.

A democracia ateniense foi marcada pelo debate público sobre a administração da cidade. Esse debate exigia a formulação de raciocínios convincentes, não apenas sobre questões políticas, mas também sobre os mais variados aspectos da vida social.

Nesse sentido, o historiador Jean-Pierre Vernant (1914-2007) afirmou que a filosofia nasceu como filha da cidade. Tal nascimento estava relacionado com a valorização da palavra, da argumentação e da comunicação, sujeitas à crítica e à controvérsia no debate público. Com isso, ocorreu uma divulgação de saberes a um círculo cada vez mais amplo de pessoas; saberes antes reservados a uma restrita aristocracia. O exercício da linguagem tornou-se, então, um importante instrumento de poder político.

Platão: reis-filósofos

Nascido em Atenas, Platão (428 a.C.-347 a.C.) pertencia a uma das mais nobres famílias atenienses. Seu nome verdadeiro era Arístocles, mas, devido a sua constituição física, recebeu o apelido de Platão, termo grego que significa "de ombros largos".

Platão foi discípulo de Sócrates, a quem considerava o mais sábio e mais justo dos homens. Após a morte de seu mestre, fez inúmeras viagens, expandindo seus horizontes culturais e amadurecendo suas reflexões filosóficas.

Por volta de 387 a.C. retornou a Atenas, onde fundou sua própria escola filosófica, a **Academia**, nome relacionado ao herói mítico Academus. A Academia foi uma das primeiras instituições permanentes de Ensino Superior do mundo ocidental. Uma espécie de universidade pioneira dedicada à pesquisa científica e filosófica, além de se tornar um centro de formação política.

Platão transmitiu sua filosofia por meio de obras escritas em forma de diálogos entre vários personagens. Podemos dizer que a fala do personagem Sócrates continha as ideias centrais da filosofia platônica, cuja importância deu origem a uma expressão famosa: toda filosofia ocidental são notas de rodapé a Platão.

Antes de tratarmos propriamente da concepção política de Platão, vamos abordar a teoria das ideias, que justifica o governo dos filósofos.

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

Jovem votando na capital do Rio de Janeiro, durante as eleições municipais realizadas em 2020. No Brasil, vigora o regime democrático, que se baseia no princípio da soberania popular, exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Teoria das ideias

Um dos aspectos mais importantes da filosofia de Platão é sua teoria das ideias, com a qual procura explicar o conhecimento humano. Segundo ele, o conhecimento – da ciência e da filosofia – se desenvolve por meio da passagem do mundo das aparências para o mundo das essências. Analisemos.

- A primeira etapa desse processo é dominada pelas impressões vindas dos sentidos (o **mundo sensível**). As impressões são responsáveis pela opinião que temos sem uma busca metódica.
- O conhecimento autêntico ultrapassa a esfera das impressões, o plano da opinião, avançando racionalmente para o **mundo das ideias** (ou **mundo inteligível**). Em vez de "amor às opiniões" (filodoxia), atingiríamos o "amor ao saber" (filosofia).

A **opinião** nasce da percepção da **aparência** e da diversidade das coisas. Já o conhecimento pleno consiste no domínio do ser absoluto, eterno e imutável. Na visão de Platão, a maioria das pessoas vive no mundo das sombras, na ilusão e no domínio da crença. Somente os filósofos, por meio do método da **dialética**, poderiam alcançar o conhecimento verdadeiro.

No que consiste, basicamente, a dialética?

Etimologicamente, a palavra *dialética* vem do grego *dialektiké* e significa "a arte do diálogo e do debate". Servia para designar, na Antiguidade clássica, o método de argumentação utilizado por filósofos como Sócrates e Platão.

A característica principal desse método era a demonstração de uma tese baseada na análise crítica das contradições contidas no raciocínio do interlocutor. Para esses filósofos, o choque de ideias, o desvendamento das contradições de um raciocínio, representava um dos meios mais eficientes na busca incessante da verdade.

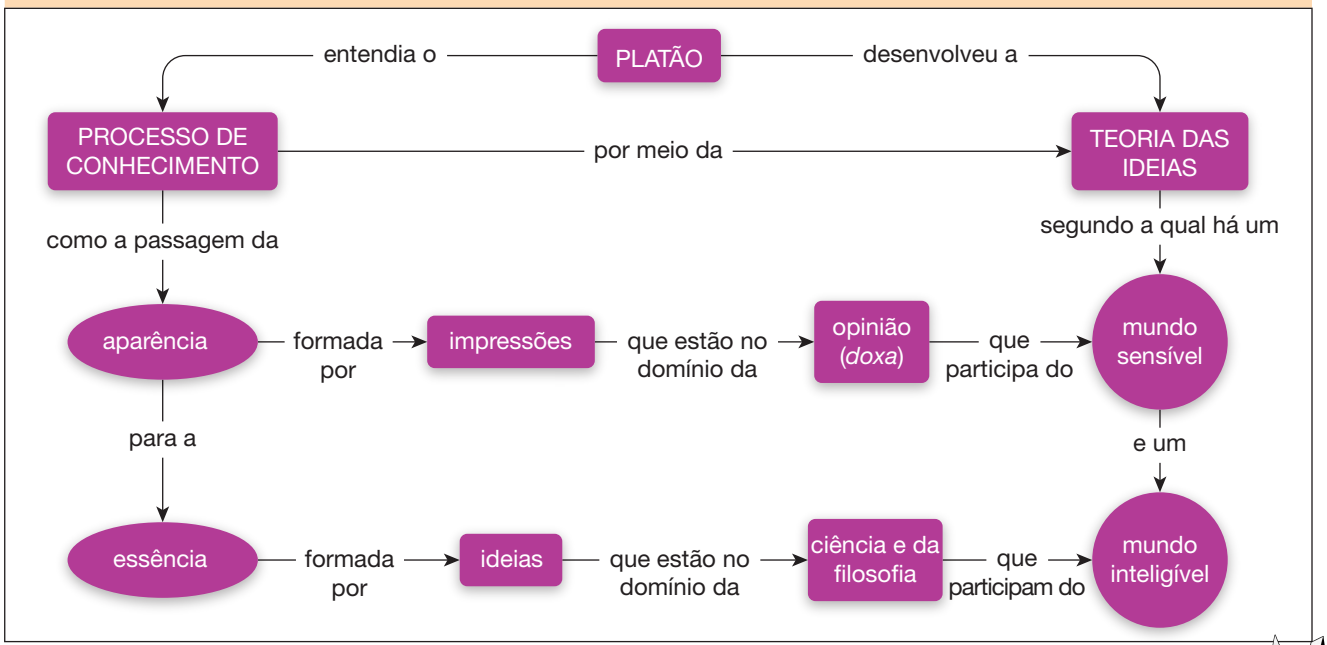
De certo modo, a teoria das ideias de Platão representa uma tentativa de enfrentar o dilema apresentado pelas duas grandes tendências anteriores da filosofia grega: a concepção do **ser eterno e imutável**, de Parmênides, e a concepção do **ser plural e móvel**, de Heráclito. Segundo Platão, o ser eterno e universal habita o mundo da luz racional e da essência. Os seres particulares e mutáveis habitam o mundo das sombras e sensações, das aparências e ilusões.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Com base no mapa conceitual (nesta página) e na teoria de Platão, diferencie ciência e filosofia de opinião.
2. O mundo sensível é o mundo das essências? Explique.

Mapa conceitual sobre o processo de conhecimento e a teoria das ideias de Platão



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os filósofos no poder

Na juventude, Platão alimentou o ideal de participação política em Atenas. Depois, desiludiu-se com a democracia ateniense por considerá-la injusta, como demonstrou, por exemplo, a condenação de Sócrates à morte. Passou a defender que a justiça só poderia ser alcançada pelos governantes que trilhassem o caminho da filosofia.

Vimos que Platão acreditava que a maioria das pessoas vivia no mundo das opiniões, das sombras, sem ter um conhecimento da realidade. Decorre disso que o povo (em grego, *demos*) não teria condições de governar a si mesmo. Ao contrário, devia subordinar-se ao governo dos mais sábios, isto é, dos filósofos, que se libertaram do mundo das aparências e atingiram o mundo luminoso da verdade.

Por isso, em seu livro *A república*, Platão imaginou uma sociedade ideal, governada por reis-filósofos. Nesse livro, explicou que o ser humano possui três partes da alma: razão, vontade e apetite. A primeira ligada à sabedoria; a segunda, às paixões; e a terceira, a necessidades físicas.

Platão fez uma analogia entre as partes da alma e os grupos sociais da cidade (pólis). Assim, classificou esses grupos em três:

- **Governantes** – responsáveis pelo governo da cidade e pela elaboração de suas leis. Esse grupo corresponderia à razão;
- **Guerreiros** – responsáveis pela defesa da cidade e pelo cumprimento das leis. Esse grupo corresponderia à vontade;
- **Produtores** – responsáveis pela produção econômica, como os artesãos, agricultores e criadores de animais. Esse grupo corresponderia ao apetite.

A justiça na cidade dependeria do equilíbrio entre esses três grupos sociais, ou seja, cada qual cumprindo sua função. A cidade seria como um corpo cujas partes funcionam em harmonia. Da mesma forma que a alma racional predomina no indivíduo, os sábios devem comandar a cidade.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Segundo o texto "Os filósofos no poder", qual é a imagem que Platão faz do povo em geral?
2. Você concorda com essa visão? Em sua opinião, essa visão persiste nos dias atuais?

Mudanças de humor selvagens, instalação de Tim Noble e Sue Webster, 2010. O mundo das aparências é como as sombras nessa instalação, que não condizem com a realidade dos objetos que as provocam.

© TIM NOBLE AND SUE WEBSTER/AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: ANDY KEATES, 2024 - COLEÇÃO PARTICULAR

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O modelo de ensino na cidade ideal

Ao lado desse ideal de governo, Platão propõe um modelo de ensino no qual as pessoas seriam educadas da mesma maneira até cerca de 20 anos de idade. Nesse momento, seria feita uma primeira seleção para identificar aqueles que cuidariam da subsistência da cidade (produtores) e aqueles que deveriam prosseguir seus estudos. Posteriormente, haveria uma segunda seleção para identificar aqueles que cuidariam da segurança da cidade (os guerreiros). Por fim, seria selecionado um grupo que, prosseguindo os estudos, teria condições de administrar a cidade (governantes).

A concepção política de Platão é aristocrática, pois supõe que a maioria das pessoas é incapaz de dirigir a cidade e que apenas uma pequena parcela está apta para o exercício do poder. Aristocracia (do grego *aristo* = "o melhor" + *kratía* = "poder") é a forma de governo em que o poder é exercido pelos "melhores". Nesse caso, segundo Platão, os "melhores" governantes seriam os mais sábios, e não os mais ricos.

Platão **não** considerava a democracia a melhor forma de governo. Somente os filósofos, aqueles que saíram do mundo das opiniões, teriam condições de governar, dando ordem e direção ao povo prisioneiro das sombras.

Dica

Alexandre

Direção: Oliver Stone. Estados Unidos, 2004. 175 minutos.

O filme narra a história de Alexandre, o Grande, desde quando era um garoto sob a tutoria de Aristóteles até sua ascensão ao poder e conquista da Pérsia.

Classificação indicativa do filme *Alexandre*: não recomendado para menores de 14 anos.

Aristóteles: o homem político

Nascido em Estagira, na Macedônia, Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) foi um dos mais importantes filósofos gregos. Suas ideias prevaleceram no pensamento ocidental por quase dois mil anos.

Filho de Nicômaco, médico do rei da Macedônia, provavelmente herdou do pai o interesse pelas ciências naturais. Aos 18 anos foi para Atenas e ingressou na Academia de Platão. Ali teve uma atuação brilhante que o qualificaria para assumir a direção da escola após a morte de seu mestre. No entanto, seu nome foi rejeitado por ser um estrangeiro em Atenas. Decepcionado, deixou a Academia e foi para a Ásia Menor.

Em 343 a.C., foi convidado pelo rei da Macedônia, Felipe II, para ser professor de seu filho Alexandre. Permaneceu nessa função por três anos, até que Alexandre assumiu a direção do Império Macedônico.

STOCK MONTAGE/ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES

A educação de Alexandre, o Grande, por Aristóteles, gravura do século XIX.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Por volta de 335 a.C., Aristóteles regressou a Atenas, fundando sua própria escola filosófica, conhecida como Liceu, uma escola rival da Academia. Nos jardins do Liceu, Aristóteles dava suas aulas caminhando e, por isso, foi chamado de **peripatético** (do grego *peritateo* = "ir e vir conversando"). É curioso notar que *discursar*, em sua origem latina, significa "ir e vir". Somente séculos depois é que o termo adquiriu o sentido de "argumentar racionalmente".

Aristóteles lecionou no Liceu até a morte de Alexandre, em 323 a.C. A partir daí, os atenienses foram se rebelando contra a dominação macedônica e contra aqueles que tinham ligação com ela, como era o caso de Aristóteles. Diante disso, o filósofo decidiu abandonar Atenas para evitar que os atenienses "pecassem duas vezes contra a filosofia" (a primeira vez teria sido com Sócrates).

Dica

A filosofia de Aristóteles

Produção: Parabólica. Brasil, 2022. 23 minutos.

Esse episódio do *podcast Parabólica* apresenta e discute a filosofia e a teoria política de Aristóteles.

Da sensação ao conceito

Segundo Aristóteles, a finalidade básica das ciências seria desvendar a constituição essencial dos seres, procurando defini-la em termos reais.

Ao refletir sobre a realidade, Aristóteles reconhecia a multiplicidade dos seres percebidos por nossos sentidos. Assim, o que vemos, ouvimos, cheiramos e pegamos constituem elementos da realidade sensível. Em outras palavras, a observação do real nos leva a constatar a existência de seres particulares, concretos, mutáveis. Constatada essa existência, seria possível buscar a essência do ser. Aristóteles distinguia dois aspectos do ser:

- a **substância** – aquilo que é estrutural e essencial do ser;
- o **acidente** – aquilo que é atributo circunstancial e não essencial do ser.

A substância corresponde àquilo que mais intimamente o ser é em si mesmo. Os acidentes pertencem ao ser, mas não são necessários para definir a natureza própria de cada ser. Analisemos um exemplo: uma árvore pode eventualmente ter suas folhas verdes ou ressecadas em consequência de várias condições, como falta de chuvas, calor excessivo, doenças, pragas etc. Essas circunstâncias variadas podem levar a acidentes (folhas verdes ou secas) que não fazem parte da substância da árvore.

Com essa ontologia (do grego *onto* = "ser" + *logia* = "estudo"), Aristóteles discordava da teoria das ideias de Platão, segundo a qual a realidade sensorial não passava de mera distorção, sombra ou ilusão da realidade verdadeira. Para Aristóteles, o processo de conhecimento caminhava do particular para o universal (indução), visando estabelecer conceitos gerais.

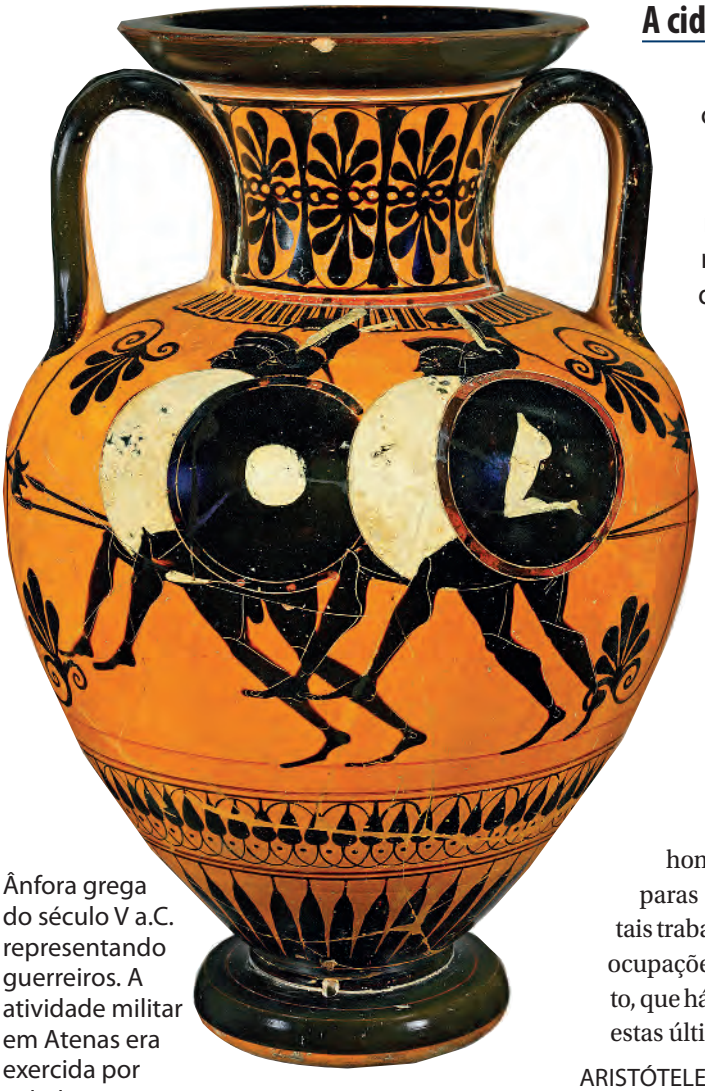
Aristóteles aplicava sua ontologia a variados objetos de estudo, como as formas de organização social. Por isso, estudou diversas constituições políticas para compreender as estruturas essenciais de cada regime de governo.

DAVID HENLEY/PICTURES FROM HISTORY/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES - MUSEUS DO VATICANO, CIDADE DO VATICANO

Detalhe do afresco *A escola de Atenas*, de Rafael Sanzio, 1510-1511. Esse detalhe sugere distinção entre a teoria do conhecimento de Platão e a de Aristóteles: o primeiro aparece com o indicador voltado para cima, apontando para o mundo inteligível, enquanto o segundo tem a palma da mão voltada para baixo, indicando o mundo sensível.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SEPIA TIMES/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES - MUSEU METROPOLITANO DE ARTE, NOVA YORK



Ânfora grega do século V a.C. representando guerreiros. A atividade militar em Atenas era exercida por cidadãos e, eventualmente, por metecos.

A cidade e o cidadão

Aristóteles considerava a cidade (pólis) uma criação natural e o ser humano, por natureza, um animal social e político, dotado de linguagem complexa. É com o uso dessa linguagem que tecemos nossa sociabilidade, tanto na vida pública quanto na vida privada. Enfim, é por meio da linguagem que compartilhamos noções de prazer e dor, justiça e injustiça, bem e mal.

O filósofo identificava duas espécies de seres humanos: os que viviam como rebanhos, em "grupos selvagens", e se destinavam à escravidão; e os que conviviam em cidades (pólis), desfrutando da liberdade de cidadãos. Justificava, assim, a escravidão, fundamentando-se em uma compreensão equivocada do que seriam disposições naturais, quando, na verdade, a escravidão é uma construção social.

> Alguns seres, com efeito, desde a hora de seu nascimento são marcados para ser mandados ou para mandar [...]. [...]
>
> A intenção da natureza é fazer também os corpos dos homens livres e dos escravizados diferentes – os últimos fortes paras as atividades servis, os primeiros eretos, incapazes para tais trabalhos, mas aptos para a vida de cidadãos (esta se divide em ocupações militares e em ocupações pacíficas). [...] É claro, portanto, que há casos de pessoas livres e escravizadas por natureza, e para estas últimas a escravidão é uma instituição conveniente e justa.
>
> ARISTÓTELES. **Política**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985. p. 1254a-1255a.

Segundo o historiador francês Gustave Glotz (1862-1935), no livro *Cidade grega*, o filósofo toma um fenômeno social como modelo natural de todo o gênero humano. Desse modo, o pensamento aristotélico refletia a realidade histórica de Atenas, onde a sociedade estava dividida em três grandes grupos:

- **cidadãos** – eram os homens maiores de 21 anos, nascidos de pai e de mãe atenienses. Somente eles possuíam direitos políticos de participar da democracia. O número de cidadãos variou conforme a época. Alguns historiadores calculam que representou, em média, cerca de um décimo da população total. As mulheres não faziam parte do grupo dos cidadãos;
- **metecos** – eram os estrangeiros que habitavam Atenas. Não tinham direitos políticos e estavam proibidos de adquirir terras, mas podiam se dedicar ao comércio e ao artesanato. Em geral, pagavam impostos para viver na cidade e, em certas épocas, podiam ser convocados à prestação do serviço militar. Aristóteles viveu em Atenas na condição de meteco, pois sua cidade natal era Estagira, na Macedônia. Muitos autores referem-se a Aristóteles como "o estagirita";
- **escravizados** – formavam a maioria da população e eram considerados propriedade de seu senhor, embora houvesse leis que os protegessem contra maus-tratos.

A democracia ateniense era profundamente elitista, pois restringia-se a um número reduzido de cidadãos, excluindo da participação política os demais membros da população, como mulheres, jovens menores de 21 anos, escravizados e estrangeiros.

Saiba mais

Embora o conceito grego de democracia não fosse igual ao atual, é na pólis ateniense que, como mostrou o historiador Jean-Pierre Vernant, o poder, antes oculto nos palácios, tornou-se visível em praça pública. Era uma nova maneira de pensar e praticar o poder.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Política: continuação da ética

Para Aristóteles, a cidade não deve ser vista como um mero ajuntamento de pessoas que habitam um mesmo espaço. Ao contrário, ela deveria ser edificada com base em dois grandes pilares: a justiça e a amizade.

A justiça (em grego, *diké*) consiste na virtude de dar a cada um o que é seu, solucionando de forma equilibrada os conflitos de interesse. A prática da justiça seria guiada pela aplicação das leis, que, por sua vez, inspira-se nos ideais de poder e paz, ordem e segurança.

A amizade (em grego, *philia*) consiste na escolha deliberada de viver junto em uma comunidade a fim de preservar os interesses comuns. Aristóteles sugere que a comunidade política tem sua origem na necessidade de proporcionar um bom convívio a seus membros, por meio da participação em festas religiosas, recreações e variados tipos de lazer, por exemplo.

Entrelaçando a justiça, a amizade e outras virtudes, Aristóteles conclui que a política é uma continuação da ética. Porém, enquanto a ética tem como principal objetivo o bem pessoal, a política busca o bem comum. E ambas são complementares.

Segundo o filósofo, é por meio desse conjunto de virtudes que atingimos a felicidade. E a virtude é o meio-termo entre posições extremadas. O meio-termo deve guiar a conduta dos cidadãos também na vida pública.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Formas de governo

Depois de analisar diversos governos de sua época, Aristóteles elaborou uma tipologia das formas de governo que influenciou, em grande medida, o pensamento político ocidental. Ele classificou três formas de governo, que variavam de acordo com a quantidade de pessoas que exercia o poder supremo: uma, algumas ou muitas pessoas. Com base nessa classificação, o filósofo distinguiu **três formas puras** e **três formas impuras**.

As formas puras são aquelas em que o governante exerce o poder visando ao bem comum. Já as formas impuras são aquelas em que o governante exerce o poder no interesse de si próprio ou de seu grupo.

Formas de governo segundo Aristóteles

Formas puras	Formas impuras
Monarquia: governo de um	**Tirania**: monarca governa para atender a seus próprios interesses.
Aristocracia: governo dos melhores	**Oligarquia**: governo no interesse dos mais ricos.
República (*politeia*): governo constitucional da maioria	**Democracia**: governo no interesse dos mais pobres, que costumam representar a maioria da população.

Fonte: ARISTÓTELES. **Política**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985. p. 1279b.

Ao longo de sua exposição, Aristóteles conclui que a monarquia é melhor do que a aristocracia. Por sua vez, a aristocracia seria melhor do que a república. No entanto, aquilo que é humano frequentemente se corrompe. Quando isso acontece, a corrupção do melhor torna-se o pior. Pensando nisso, Aristóteles considerou que a tirania é pior do que a oligarquia e esta é pior do que a democracia. Assim, o filósofo acabou por fazer uma bela defesa da democracia: ela seria o desvio mais moderado das formas de governo.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Para Aristóteles, por que a tirania e a oligarquia são formas impuras de governo?
2. O estadista britânico Winston Churchill (1874-1965) afirmou: "A democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as demais". Apesar dos diferentes contextos históricos, você diria que essa frase de Churchill pode ter relação, em alguns aspectos, com o raciocínio político aristotélico? Explique.

Cidadania, pertencimento e acolhimento

A palavra cidadania teve diversos significados históricos. No tempo de Aristóteles, ser cidadão ateniense significava pertencer a um seleto grupo de pessoas conhecidas como eupátridas. Pertenciam a esse grupo pessoas do sexo masculino, maiores de 21 anos, nascidas na cidade de Atenas. A maioria dos atenienses não era cidadão, incluindo as crianças, as mulheres e os escravizados.

Em outros momentos da história, se pensarmos na restrição dos direitos de votar, de estudar em escolas públicas, de exercer grande parte das profissões ou de ocupar cargos elevados, a cidadania também esteve limitada aos homens.

Atualmente, no Brasil, a cidadania está vinculada ao direito de votar e ser votado, que é um dos pilares da vida democrática. Para além dessa dimensão política, ser cidadão poderia significar muitas outras coisas, como podemos notar na letra do samba "É!", de Gonzaguinha (1945-1991).

É!

A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer o nosso humor
A gente quer do bom e do melhor

A gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar, mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade

É!
A gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
[...]

É!
A gente quer viver pleno direito
A gente quer viver todo respeito
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
[...]

É. Intérprete e compositor: Gonzaguinha. *In*: **Corações marginais**. Ariola, 1988. 1 LP, faixa 4.

Atividades

Responda no caderno.

1. Em termos jurídicos, a cidadania se desdobra, por exemplo, em direitos civis (Capítulo I da Constituição Federal de 1988, art. 5º) e em direitos sociais (Capítulo II da Constituição, art. 6º a art. 11). Pesquise esses capítulos e construa um quadro relacionando os direitos civis e sociais aos versos do samba "É!".
2. Qual trecho da letra revela aversão aos corruptos e a suas "desculpas" esfarrapadas? Explique.
3. Para o autor, cidadania é mais do que pertencimento, é também acolhimento. Justifique essa ideia com base nos versos do samba.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A política em Cícero e Agostinho

Classificação indicativa do filme *Santo Agostinho*: livre.

As influências de Platão e de Aristóteles no campo da reflexão política foram marcantes tanto na Antiguidade romana quanto na Idade Média. E ainda hoje persiste a ideia de que a política tem como objetivo promover o bem comum. Em Platão, o bem comum dizia respeito à justiça. Por sua vez, Aristóteles considerava que o bem comum dizia respeito à felicidade.

Entre os filósofos romanos antigos, como Cícero (106 a.C.-43 a.C.), a teoria política privilegiava a formação do bom governante, alguém que seria capaz de promover a concórdia e o consenso. Para isso, uma visão equilibrada era necessária, uma vez que o excesso de justiça, por exemplo, podia se tornar excesso de injustiça (segundo expressão latina, *summum ius, summa iniuria*, "o máximo do direito, o máximo da injustiça"). Essa ideia de Cícero significa que a aplicação muito rigorosa e formal da lei pode causar grandes injustiças.

Na Idade Média, com a ascensão do cristianismo, a Igreja Católica foi se consolidando como uma poderosa instituição. Reservou para si o exercício do poder espiritual sobre todos os cristãos. Mas esse poder espiritual tinha de conviver com o poder temporal exercido pelos reis.

Um dos grandes filósofos cristãos foi Agostinho de Hipona (354-430), também conhecido como Santo Agostinho. Embora seja um filósofo da Antiguidade tardia, suas ideias representam a passagem para a Idade Média. Agostinho escreveu o livro *A cidade de Deus*, em que tratou das relações recíprocas entre:

- **poder temporal** – que reina na cidade terrena, onde a felicidade se basearia nos prazeres do corpo;
- **poder espiritual** – que reina na cidade celeste, onde a felicidade se basearia no amor a Deus.

Ao longo da Idade Média, intérpretes da obra de Agostinho enfatizavam a superioridade do poder espiritual sobre o poder temporal.

ARCHIVES CHARMET/BRIDGEMAN/FOTOARENA - BIBLIOTECA NACIONAL, PARIS

Iluminura de tradução francesa do livro *A cidade de Deus*, de Agostinho, século XV. Na parte de cima é representada a cidade celeste, na qual impera o poder espiritual; na parte de baixo, a cidade terrena, na qual reina o poder temporal.

Dica

Santo Agostinho

Direção: Roberto Rossellini. Itália, 1972. 121 minutos.

Nesse filme, o diretor Roberto Rossellini faz um recorte da vida de Santo Agostinho, apresentando aspectos de sua biografia e concentrando a narrativa em um momento específico, quando o pensador se tornou bispo de Hipona.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Filosofia política moderna

Durante o período medieval, predominou na Europa uma fragmentação do poder político. Já no início da Idade Moderna, essa situação começou a mudar. Alguns reis concentraram poder e foram construindo os Estados modernos.

De modo geral, o Estado moderno tinha como características:

- **governo soberano** – no mundo feudal, o poder político baseava-se na suserania, isto é, na relação de fidelidade e de subordinação entre o suserano e o vassalo. Na Idade Moderna, no lugar da suserania, desenvolveu-se a noção de soberania, pela qual o soberano tinha o direito de fazer valer as decisões perante os súditos;
- **território definido** – para impor as decisões do governo soberano, era preciso definir as fronteiras políticas do Estado, isto é, estabelecer os limites territoriais de cada país. Dentro desses limites, todas as decisões do governo deveriam ser respeitadas;
- **Poder Judiciário unificado** – para levar as normas do Estado a todo o território, era preciso criar uma justiça unificada;
- **força militar permanente** – para garantir a execução das leis e da vontade do soberano, era preciso que o Estado mantivesse forças armadas (exército e marinha) controladas pelo governo;
- **idioma nacional** – para unir os membros da sociedade em torno do Estado nacional, valorizou-se a cultura de cada povo, que tem como um de seus principais elementos de expressão o idioma nacional.

A centralização política ocorreu em momentos diferentes nos reinos europeus. Verifique alguns exemplos no quadro a seguir.

Centralização política em reinos europeus

Reinos europeus	Centralização
Portugal	Século XII
Espanha	Século XV
Inglaterra	Século XV
França	Século XV
Alemanha	Século XIX
Itália	Século XIX

NATIONAL MUSEUMS GALLERIES OF WALES/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - MUSEU NACIONAL, CARDIFF

A família de Henrique VIII – uma alegoria da sucessão Tudor, pintura de Lucas de Heere, cerca de 1572. No centro da obra é representado Henrique VIII, o soberano da Inglaterra e da Irlanda de 1509 a 1547.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Humanismo

OBJETO DIGITAL
Vídeo: Leonardo da Vinci

Ao final da Idade Média, desenvolveu-se um movimento intelectual conhecido como humanismo, que representou uma reação ao modo de ser e de viver tipicamente medieval. Em vez de um mundo centrado em Deus, os humanistas queriam construir um mundo centrado no ser humano. Em vez de supervalorizarem a fé religiosa, valorizavam a razão. Em vez de enfatizarem o coletivismo da cristandade, priorizavam o individualismo e a liberdade.

De certo modo, o humanismo combatia a oposição rigorosa entre corpo e alma, procurando recompor o ser humano em sua integridade. Além disso, impulsionou a pesquisa, a observação da natureza e a vontade de fazer ciência.

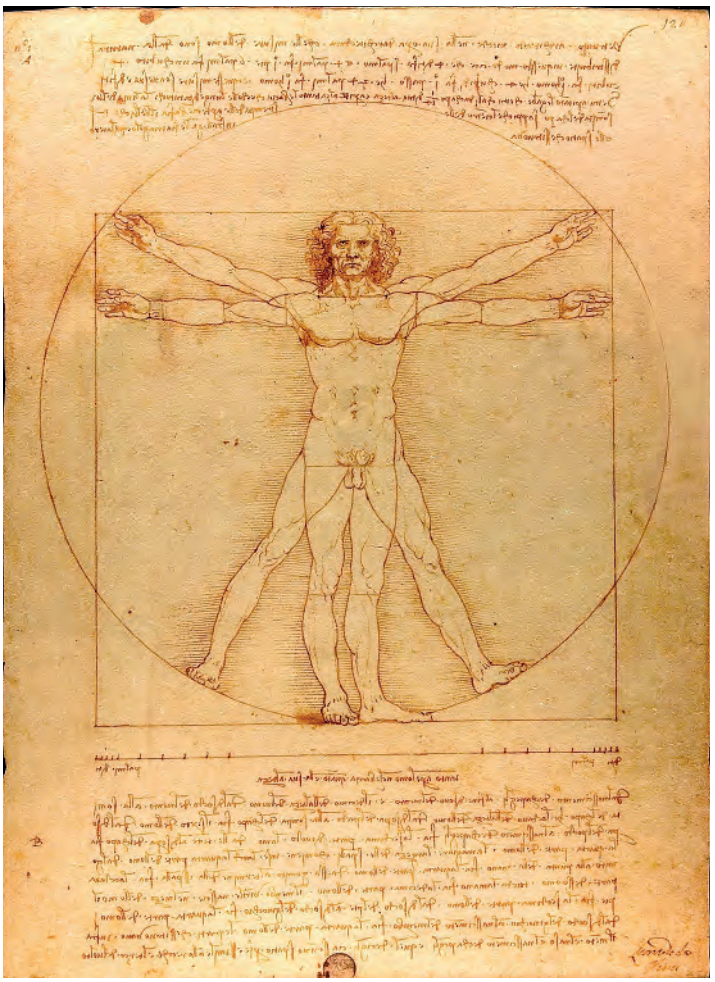
Um exemplo dessa concepção humanista está na obra do italiano Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494). Em um de seus livros, o autor argumenta que Deus criou o ser humano conferindo-lhe a liberdade de construir a si mesmo. Por isso, desde o nascimento, o ser humano não teria uma natureza definida ou um destino predeterminado. Por quê? Porque ele pode ser juiz ou artesão de sua própria vida, modelando-se na obra que decidiu ser. Dessa forma, poderia tanto degenerar-se em um ser bestial como elevar-se a realidades sublimes.

Dessa forma, Pico della Mirandola escreveu:

> Nestas circunstâncias, ao homem, obra *a priori* indeterminada, após alocado no centro do universo, o Criador lhe falou:
>
> [...]
>
> "Tu, não submetido a quaisquer limites, só à mercê do arbítrio que em tuas mãos coloquei, definas a ti próprio.
>
> No centro do universo poderá apreciar tudo que está a sua volta."

MIRANDOLA, Giovanni Pico della. **Discurso pela dignidade do homem**. Porto Alegre: Editora Fi, 2015. p. 60-62.

Valorizar a vida ativa em lugar da mentalidade contemplativa foi um traço do humanismo. Com isso, surgiu um tipo de filósofo que buscava não apenas pensar a realidade, mas agir sobre ela para dominá-la. É o caso de Nicolau Maquiavel (1469-1527).



LEONARDO DA VINCI - GALERIA DA ACADEMIA, VENEZA

Homem vitruviano, gravura de Leonardo da Vinci, 1492. Para produzir essa obra, Da Vinci se baseou no trabalho do arquiteto romano Vitruvius (80 a.C.-15 a.C.), que fez estudos relacionando as proporções do corpo humano à arquitetura. Tais proporções representam ideais de beleza.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Identifique, no trecho da obra de Pico della Mirandola, uma passagem que se relaciona diretamente com a gravura *Homem vitruviano*, de Leonardo da Vinci. Elabore um parágrafo para explicar sua escolha.**
2. **As proporções apresentadas na gravura de Leonardo da Vinci, que traduzem um ideal de beleza, excluem outros tipos de corpo? Justifique sua resposta dando exemplos.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Maquiavel: autonomia da política

O filósofo florentino Nicolau Maquiavel tornou-se uma referência clássica do pensamento político, principalmente ao escrever *O príncipe*. Nesse livro, expõe seus argumentos sobre a arte de governar. Ele rompeu com as concepções tradicionais por **não** tratar a política de um ponto de vista moral ou religioso.

O filósofo vê a política como o exercício de conquista e manutenção do poder em uma realidade concreta. Tal realidade é dinâmica, pois se move por meio do conflito de interesses dos grupos sociais, uns querendo dominar e outros resistindo à dominação.

Analisando o jogo de poder, Maquiavel desenvolveu os seguintes conceitos:

TADEUSZ KUNTZE - MUSEU NACIONAL DE VARSÓVIA, VARSÓVIA

Fortuna, pintura de Tadeusz Kuntze, 1754. Nessa tela, a alegoria da fortuna aparece representada no centro, com os olhos vendados, para enfatizar a aleatoriedade com que distribui alguns objetos.

- **fortuna** – entre os antigos romanos, Fortuna era a deusa da sorte e do destino. Era representada na forma de uma mulher que distribuía, aleatoriamente, tanto coisas boas quanto ruins, tanto prosperidade e riqueza quanto decadência e miséria. Em Maquiavel, a fortuna refere-se aos acontecimentos de um momento histórico, incluindo suas venturas e desventuras, tempestades e bonanças;
- ***virtù*** – é a capacidade de o líder político dominar a fortuna para manter o poder. Nesse sentido, ele age dentro de sua circunstância histórica, tirando o melhor proveito dos "ventos" que impulsionam as forças sociais. O governante realista sabe diferenciar o ideal e o real, o possível e o inalcançável.

Atento à ocasião (fortuna), o governante – que Maquiavel chama de príncipe – age de forma oportuna (*virtù*), valendo-se dos meios necessários para atingir os fins pretendidos. Nas palavras do filósofo: "Nas ações de todos os homens, e sobretudo nas dos príncipes, [...] considera-se o fim [o resultado das coisas]. Cuide, pois, o príncipe de vencer e manter o Estado: os meios serão sempre julgados honrosos e louvados por todos [...]" (MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 87-88).

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Para Maquiavel, "[...] é feliz aquele [governante] que combina o seu modo de proceder com as exigências do tempo e, similarmente, [...] são infelizes aqueles que, pelo seu modo de agir, estão em desacordo com os tempos" (MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 120). Essa frase tem relação com quais conceitos de Maquiavel? Justifique.**
2. **Você concorda com a ideia contida nessa frase de Maquiavel? Essa ideia poderia ser usada no cotidiano? Explique.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Interpretações de *O príncipe*

Ao longo da história, muito se debateu sobre a utilidade das lições que Maquiavel expôs em *O príncipe*. Elas servem para compor um manual de tirania ou revelam como evitar os males da opressão? Será que Maquiavel, como sugeriu Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), fingiu dar lições ao príncipe para dar lições ao povo?

Não se pode afirmar que Maquiavel foi um defensor da violência e do mal como únicos instrumentos de eficácia política. Entretanto, também não foi um defensor do governante que agia sempre de mãos limpas e coração puro. Ele acreditava que as pessoas são geralmente más, ingratas, covardes e egoístas. Elas teriam mais dificuldade de entender a essência do que a aparência. Por isso, aparentar ter boas qualidades era mais útil do que efetivamente tê-las.

Como defensor do realismo político, considerava irrealista reagir ao mal somente com bondade. Se possível, o príncipe não devia se afastar do bem. Mas, se necessário, devia saber utilizar o mal. Dizia, por exemplo, que as pessoas têm mais receio de ofender a quem temem do que a quem amam, pois o amor é mantido por laços de lealdade, que se rompem com as circunstâncias. O mesmo não se dá com o temor, que é mantido pelo medo do castigo.

As interpretações negativas de Maquiavel deram origem, na linguagem comum, ao adjetivo *maquiavélico*, que designa "comportamento sem moral", "enganador" ou "desleal".

Ao longo da história, poucos filósofos despertaram um número tão grande de polêmicas e contestações. Mas é fato que Maquiavel desvinculou a moral e a religião da esfera política, tornando-a um campo autônomo, o que foi reforçado por outros pensadores. Com isso, é considerado o fundador do pensamento político moderno.

ALINARI/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - MUSEU DE FLORENÇA COMFERA, FLORENÇA

Panorama da cidade de Florença, na atual Itália, em 1490. Gravura produzida no século XV. Tratando da dinâmica do poder, Maquiavel escreveu uma obra sobre sua cidade: *História de Florença*.

Dica

Maquiavel: a lógica da força

Maria Lúcia de Arruda Aranha. São Paulo: Moderna, 2006. (Coleção Logos).

Nesse livro introdutório, a professora Maria Lúcia de Arruda Aranha explica o pensamento republicano de Maquiavel. A análise aborda o pensamento do filósofo florentino de modo a superar as interpretações negativas que deram origem ao adjetivo *maquiavélico*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Bodin: direito divino de governar

Para a Igreja Católica, todo poder pertence a Deus e, por isso, o governante deveria representar a vontade de Deus. Esse elo entre o poder religioso e o poder político foi defendido pelo filósofo francês Jean Bodin (1529-1596), que desenvolveu a tese de que a autoridade do governante deriva diretamente de Deus, e não da vontade do povo. Teses como essa foram enquadradas na teoria do direito divino de governar.

Em sua obra *Os seis livros da república*, Bodin elaborou um dos primeiros conceitos de **soberania** como o poder de criar e anular leis. Para Bodin, a soberania era o poder máximo do Estado sobre os súditos a fim de assegurar a coesão social.

Ao falar em "**república**", Bodin utiliza essa palavra no sentido de "coisa pública" (do latim *res*, "coisa"), e não como forma de governo oposta à monarquia. Na mesma linha de pensamento de Tomás de Aquino (1225-1274), Jean Bodin afirmava que a monarquia era o regime mais adequado à natureza das coisas. Argumentava que a família tem um só chefe, o pai; o céu tem apenas um Sol; o universo, só um Deus criador. Assim, a soberania do Estado seria realizada plenamente apenas na figura de um monarca (também chamado de príncipe).

Entretanto, Bodin alertava que o príncipe não deveria ser confundido com um tirano, pois deveria se subordinar a certas leis.

> [...] quanto às leis divinas e naturais, todos os príncipes da Terra estão a elas sujeitos, e não está em seu poder infringi-las, se não quiserem ser culpados de lesa-majestade divina, fazendo guerra a Deus, a cuja grandeza todos os monarcas do mundo devem subjugar-se e baixar a cabeça com todo temor e reverência. E assim o poder absoluto dos príncipes e senhorias soberanas não se estende de modo algum às leis de Deus e da natureza [...].
>
> BODIN, Jean. **Os seis livros da república**. São Paulo: Ícone, 2011. p. 207. v. 1.

Dentre essas leis naturais, Bodin destacava o **direito à liberdade** dos súditos e às suas **propriedades privadas**. Conclui, então, que a política é a arte de governar em harmonia com as leis de Deus e da natureza.

Dica

Os três mosqueteiros

Direção: Paul Anderson. Reino Unido, Alemanha e França, 2011. 110 minutos.

O filme é uma adaptação do romance homônimo de Alexandre Dumas que conta as aventuras dos mosqueteiros Athos, Porthos e Aramis, que ajudam o jovem D'Artagnan a se tornar também um mosqueteiro. Richelieu, bispo que se tornou primeiro-ministro de Luís XIII, também participa da trama.

Classificação indicativa do filme *Os três mosqueteiros*: não recomendado para menores de 10 anos.

HENRI-PAUL MOTTE - MUSEU ORBIGNY-BERNON, LA ROCHELLE

O cardeal Richelieu no Cerco de la Rochelle, pintura de Henri-Paul Motte, 1881. Richelieu, na França do século XVII, representou a ligação entre o poder político e o religioso, tendo inspirado o personagem homônimo do livro *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Classificação indicativa do filme *Leviatã*: não recomendado para menores de 14 anos.

Contratualismo: origens do Estado

Nos séculos XVII e XVIII, muitos filósofos tentaram oferecer justificativas racionais para a existência da sociedade e a criação do Estado. De modo geral, essas justificativas dependiam da resposta que ofereciam para duas questões principais:

- **Qual é a natureza do ser humano?** – Em suas diversas conjeturas, esses filósofos chegaram, em geral, à conclusão básica de que os seres humanos são, por natureza, livres e iguais.
- **Qual é a origem do poder do Estado?** – Segundo os contratualistas, o poder do Estado nasceu de um contrato social. Contrato significa "trato com", ou seja, consiste em um acordo de livre vontade. Supõe-se que, em dado momento, as pessoas decidiram abrir mão de parte de sua liberdade e igualdade naturais para estabelecer um contrato que possibilitasse a vida social.

Dica

Leviatã

Direção: Andrey Zvyagintsev. Rússia, 2014. 141 minutos.

O filme narra a história de uma família que luta para impedir a desapropriação de suas terras pelo prefeito corrupto de uma pequena cidade russa. O título do filme foi inspirado em uma interpretação do monstro marinho bíblico e da teoria política hobbesiana.

Hobbes: Estado absoluto

O primeiro grande contratualista foi o filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679). Ao contrário de Aristóteles, que considerava o ser humano um ser social, Hobbes defendia que o ser humano não possui um instinto natural de sociabilidade.

Para o filósofo inglês, cada indivíduo encara seu semelhante como um concorrente que precisa ser dominado. "O homem é o lobo do próprio homem", dizia Hobbes. Enquanto não houver o domínio, existirá uma competição intensa até que a dominação seja alcançada. Essa situação gera uma guerra permanente que caracteriza o **estado de natureza**.

Como pôr fim à brutalidade do estado de natureza? A solução encontrada por Hobbes seria criar artificialmente a sociedade governada pelo Estado. Por meio de um contrato social, os indivíduos transferiram o poder de governar a si próprios ao Estado, que seria o governante de todos.

Uma das principais obras de Hobbes é o *Leviatã*, em que compara o Estado a uma criação monstruosa destinada a acabar com a anarquia e com o caos. O nome *Leviatã* se refere a um poderoso e indomável monstro mencionado na Bíblia.

Em resumo, Hobbes defendeu a necessidade de um **poder soberano e absoluto** capaz de reger a vida em sociedade e de impedir que os indivíduos se destruam mutuamente. O papel do Estado seria impor ordem, segurança, paz e direção à conturbada vida social.

BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - COLEÇÃO PARTICULAR

Frontispício da obra *Leviatã*, de Hobbes, 1651. Na parte superior, a representação maior de Leviatã, o soberano, tem o corpo formado por súditos voltados para ele, enquanto o próprio Leviatã está voltado para a cidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Locke: Estado liberal

Assim como Hobbes, o filósofo inglês John Locke (1632-1704) foi um pensador contratualista. Nascido em Wrington, Inglaterra, Locke estudou na Universidade de Oxford, manifestando interesse pelo estudo de química, teologia, filosofia e, por fim, medicina, área na qual se formou.

Na época de universidade, Locke entrou em contato com o pensamento de Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650). Em 1675, crises políticas levaram-no a abandonar a Inglaterra em direção à França e, mais tarde, à Holanda. O filósofo regressou à Inglaterra somente em 1688, participando da chamada Revolução Gloriosa, que levou Guilherme de Orange ao trono inglês. A partir de então, dedicou-se às atividades intelectuais.

A tábula rasa

Em sua obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, Locke combateu a doutrina das **ideias inatas**, pois defendia que nossa mente, no instante do nascimento, é como uma tábula rasa. E o que isso significa?

A expressão *tábula rasa* significa "tábua lisa", superfície plana na qual nada foi escrito nem gravado. Assim, para esse filósofo, quando nascemos, nossa mente seria como um papel em branco, sem nenhuma ideia previamente escrita.

Locke era um empirista. Defendia que nada existe em nossa mente que não tenha sua origem nos sentidos. Nossas ideias seriam adquiridas por meio da sensação e da reflexão.

- **Ideias da sensação** – são nossas primeiras ideias, que chegam à mente quando temos uma experiência sensorial. Seriam moldadas pelas qualidades próprias dos objetos externos. Por sensação, Locke entende, por exemplo, as ideias de amarelo, branco, quente, frio, mole, duro, amargo, doce etc.
- **Ideias da reflexão** – resultam de um processo interno que associa e combina sensações. Essas ideias não poderiam ser obtidas diretamente das coisas externas. A reflexão seria nosso "sentido interno", que se desenvolve quando a mente se debruça sobre si mesma, analisando suas próprias operações. Por ideias da reflexão, Locke entende, por exemplo, a dúvida, a crença, o argumento.

Das ideias simples, a mente avança em direção às ideias mais complexas. Apesar dessa classificação, Locke admitia que nem todo conhecimento tem origem apenas na experiência sensível. O conhecimento matemático teria como base fontes racionais não empíricas. Nesse sentido, Locke não era um empirista radical.

No trecho a seguir, extraído da obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, Locke tratou de como nossas ideias vão sendo adquiridas, por meio do sentido (sensação) e da reflexão.

> Primeiro, os sentidos deixam entrar as ideias particulares e com elas como que abastecem um armário ainda vazio; depois o espírito gradualmente vai-se familiarizando com elas, alojando-as na memória e dando-lhes nomes; por último, faz sobre elas abstrações e, pouco a pouco, aprende a usar nomes gerais. Desta maneira o homem se fornece com as ideias e as palavras que constituem o material sobre o qual atua a sua faculdade discursiva. E, assim, o uso da razão dia a dia se torna maior, à medida que aumenta também o material que utiliza.
>
> LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. v. 1, p. 39.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

JUNOPHOTO/FSTOP/GETTY IMAGES

Para Locke, quando nascemos, não temos nenhuma ideia "gravada" (ideia inata) em nosso cérebro. Nossa mente é como um papel em branco, que passa a ser "escrito" a cada experiência sensorial que assimilamos.

Direitos naturais

De certa maneira, Locke "transportou" para o campo político suas teorias sobre o conhecimento humano. Para ele, se não existe ideia inata, também não deveria existir **poder inato**.

Preocupado em proteger a liberdade do cidadão, afirmava que o poder social deveria nascer de um **contrato** entre as pessoas. Portanto, Locke também era um contratualista. Porém, enquanto Hobbes imaginava um estado de natureza marcado pela "guerra de todos contra todos", Locke fez uma reflexão mais moderada. Supunha que, originalmente, as pessoas viviam em relativa igualdade e liberdade. Por meio do trabalho, cada um transformava as coisas naturais em sua propriedade privada. Porém, o surgimento do dinheiro propiciou a concentração de riquezas, acirrando os conflitos sociais. Para resolver esses conflitos, foi criado o Estado, com a função de garantir a segurança e os direitos naturais dos indivíduos. Os direitos naturais seriam aqueles que já existiam no estado de natureza, como a liberdade e a propriedade. Nas palavras do autor:

> A única maneira pela qual uma pessoa qualquer renuncia à liberdade natural [...] consiste em concordar com outras pessoas em [...] unir-se numa comunidade [política] para viverem com segurança, conforto e paz.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. p. 71. (Coleção Os pensadores).

Foi com Locke que surgiu a concepção de Estado liberal, segundo a qual o Estado deve regular as relações entre os homens e atuar como juiz nos conflitos sociais. Mas deve fazer isso garantindo as liberdades e direitos individuais, no que se refere tanto ao pensamento e à expressão quanto à propriedade e à atividade econômica.

Adversário da tirania, do abuso do poder, Locke é apontado por muitos historiadores como o fundador do iluminismo. Seu pensamento exerceu profunda influência na fundamentação da democracia liberal, contribuindo para a difusão de valores como a tolerância religiosa, a liberdade individual, a expansão da educação e a livre-iniciativa econômica.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Retome o texto de John Locke, na página anterior. Qual é a relação entre o que está exposto no trecho e as ideias políticas de Locke?
2. O pensamento de Locke influenciou na difusão de certos valores que permanecem até hoje. Que valores são esses? Para você, quais são os mais importantes?

© JOAO CALDAS

Encenação da peça *Liberdade, liberdade* por estudantes do bacharelado em teatro da Escola Superior de Artes Célia Helena, na capital de São Paulo. Fotografia de 2019. Essa peça é de autoria de Millôr Fernandes e Flávio Rangel e foi criada em 1965 em resistência à ditadura civil-militar brasileira. Locke é um defensor da democracia liberal, que tem como um de seus pilares a livre expressão intelectual, artística e de comunicação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Iluminismo: confiança na razão

Antigo Regime: sistema social e político que predominou em muitas sociedades europeias durante a Idade Moderna (do século XV ao XVIII), que se caracterizavam pela divisão por estamentos, pelo predomínio da população rural e pelo absolutismo monárquico.

Na Idade Moderna, o capitalismo se expandiu juntamente com a ascensão da burguesia. Em paralelo, cresceu a confiança na razão e no progresso, em função dos avanços tecnológicos e científicos ligados, em grande parte, à Revolução Industrial.

Com a confiança na razão e no progresso, desenvolveu-se no século XVIII um movimento cultural denominado iluminismo. Havia uma crença de que era possível "iluminar" as pessoas com as "luzes" da razão.

Na política, os iluministas buscavam libertar os seres humanos das algemas que marcaram o **Antigo Regime**. Entre essas algemas estavam o tradicionalismo religioso, a influência da Igreja na vida pública e a divisão baseada em estratos sociais. Assim, os iluministas formularam teorias defendendo:

- o **liberalismo político e econômico** em reação ao absolutismo e ao mercantilismo – o liberalismo pregava a não intervenção do Estado na economia, a livre-iniciativa e a liberdade de expressão;
- a **igualdade jurídica** entre as pessoas em reação aos privilégios que existiam na sociedade estamental – todos seriam considerados iguais perante a lei, tendo garantidos os direitos à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade;
- a **tolerância religiosa** em reação ao poder dogmático da Igreja – as pessoas teriam a liberdade de escolher e praticar a própria religião, sem o constrangimento do Estado.

SEPIA TIMES/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

Frontispício da *Enciclopédia*, obra organizada por Diderot e D'Alembert, 1751. Nessa gravura, a Verdade é representada por uma figura feminina no topo, rodeada de intensa luz e coberta por um véu transparente, o qual representa a superstição. À sua direita, a alegoria da Razão aparece descobrindo-a e retirando um objeto que a amordaçava.

Saiba mais

Na segunda metade do século XVIII, dois filósofos franceses se uniram em um ousado e grandioso projeto iluminista: a organização de uma enciclopédia contendo verbetes sobre os principais conhecimentos produzidos até a época. Intitulado *Enciclopédia*, o projeto foi encabeçado pelos filósofos Denis Diderot e Jean le Rond D'Alembert e contou com a colaboração de vários pensadores, estabelecendo uma rede de conexão entre diversos campos do saber em uma única obra, que compreendia 28 volumes publicados entre 1751 e 1772. Dessa forma, os iluministas buscavam concretizar um de seus princípios: a universalização do conhecimento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Valores iluministas e ideias burguesas

De acordo com a análise do filósofo e sociólogo Lucien Goldmann (1913-1970), na obra *A ilustração e a sociedade atual*, os valores fundamentais defendidos pelos iluministas (igualdade, tolerância, liberdade e propriedade privada) poderiam ser relacionados com a atividade comercial. Em outras palavras, esses pensadores desenvolveram ideias burguesas. Conheça essa interpretação.

Igualdade jurídica: no ato comercial – por exemplo, a compra e venda –, todas as eventuais desigualdades entre compradores e vendedores não são essenciais, pois o que efetivamente importa é a igualdade jurídica dos participantes da relação comercial. De fato, grande parte da burguesia dessa época defendeu a igualdade de todos perante a lei, mesmo com a permanência das desigualdades socioeconômicas.

Tolerância religiosa ou filosófica: para a efetivação do ato comercial, não importam as convicções religiosas ou filosóficas das pessoas, pois essas convicções não influenciam a capacidade econômica de um indivíduo. De fato, os representantes da burguesia assumiram na época do iluminismo a defesa da tolerância.

Liberdade pessoal e social: o comércio só pode se desenvolver em uma sociedade na qual as pessoas tenham liberdade para realizar seus negócios, porque não pode haver mercado comercial sem homens livres recebendo salários. De fato, verifica-se que a burguesia se posicionou contra a escravidão.

Propriedade privada: o comércio também só é possível entre pessoas que detenham a propriedade de bens ou de capitais, pois a propriedade privada confere ao proprietário o direito de usar, fruir e dispor livremente do que lhe pertence. De fato, os representantes da burguesia nessa época passaram a defender o direito à propriedade privada, que se tornou essencial à sociedade capitalista.

Dica

Tolerância

Roger-Pol Droit. São Paulo: Contexto, 2017.

Nesse livro, Roger-Pol Droit analisa o significado do conceito de tolerância e discute como essa é uma conduta fundamental para o mundo em que vivemos.

PAULO CARNEIRO/PHOTOPRESS/FOLHAPRESS

Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2023. Essa data é celebrada anualmente, no dia 21 de janeiro. A liberdade religiosa, que remonta aos valores fundamentais defendidos pelos iluministas, permanece sendo um princípio pelo qual é necessário lutar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Montesquieu: separação de poderes

O jurista francês Charles-Louis de Secondat (1689-1755), barão de Montesquieu, escreveu *O espírito das leis*. Nessa obra, formulou a teoria da separação funcional dos poderes do Estado em três:

- **Poder Executivo** – que executa as normas e decisões relativas à administração pública;
- **Poder Legislativo** – que elabora e aprova as leis;
- **Poder Judiciário** – que aplica as leis.

A separação dos poderes visava evitar abusos dos governantes e proteger as liberdades individuais. Sobre isso, Montesquieu escreveu:

> Quando, na mesma pessoa ou no mesmo corpo de magistratura, o Poder Legislativo está reunido ao Poder Executivo, não existe liberdade [...].
>
> Tampouco existe liberdade se o poder de julgar não for separado do Poder Legislativo, o poder sobre a vida e a liberdade dos cidadãos seria arbitrário, pois o juiz seria legislador. Se estivesse unido ao Poder Executivo, o juiz poderia ter a força de um opressor.
>
> Tudo estaria perdido se o mesmo homem, ou o mesmo corpo dos principais, ou dos nobres, ou do povo exercesse os três poderes: o de fazer as leis, o de executar as resoluções públicas e o de julgar os crimes ou as querelas entre os particulares.
>
> MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 168.

Na época de Montesquieu já existia uma separação de poderes semelhante à que ele propôs. Porém, a obra *O espírito das leis* enfatizou a necessidade dessa separação de poderes, estabelecendo que eles deveriam ser exercidos por **diferentes pessoas** de forma equilibrada. O objetivo era estabelecer um sistema de equilíbrio e controle recíproco entre esses três poderes.

Os poderes Executivo e Legislativo se limitariam mutuamente. O Poder Judiciário limitaria a si mesmo, porque Montesquieu entendia que os juízes seriam apenas a "boca da lei", ou seja, responsáveis pela aplicação das leis. Mas a concepção sobre o Poder Judiciário mudou ao longo do tempo, pois, ao aplicar a lei, os juízes a interpretam.

Apesar de sua preocupação em limitar o poder do Estado, Montesquieu não defendia a implantação de uma república democrática. Suas simpatias políticas inclinavam-se para uma monarquia constitucional inspirada na Inglaterra de seu tempo.

Atualmente, a teoria da separação dos três poderes é adotada por diversos países, incluindo o Brasil. A Constituição Federal brasileira consagra essa separação e a harmonia dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário em seu artigo 2º. Além disso, estabelece, no artigo 60, inciso III, que essa divisão constitui **cláusula pétrea**, isto é, norma que não pode ser alterada ou abolida.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Interprete filosoficamente essa tirinha. Você considera possível relacioná-la com alguma teoria política que estudamos?
2. É possível relacionar o conteúdo dessa tirinha com o exercício do poder político na atualidade?

Hagar, o Horrível, tirinha de Chris Browne, 2002.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Direito

O direito integra as chamadas Ciências Humanas e Sociais. Seu objetivo é estudar o conjunto de normas jurídicas. Essas normas regem as relações sociais, organizando a vida coletiva e tendo como ideal a promoção da justiça. Pode-se dizer que o direito nasce da necessidade de criar regras para prevenir e resolver conflitos entre os membros de uma sociedade.

Esse campo do conhecimento é dividido em diversos ramos, como o direito constitucional, o direito civil, o direito penal, o direito internacional, direito tributário, o direito do trabalho e o direito digital.

A escolha pelo **curso superior em direito** pode ser uma boa opção para os estudantes que gostam de ler, escrever e argumentar com clareza, defendendo teses de alcance social.

Após a finalização do curso, os profissionais podem atuar, por exemplo, como advogados, promotores de justiça, defensores público, delegados de polícia, juízes e professores universitários.

O ensino jurídico teve início no Brasil em 1827 com a criação dos cursos de direito em São Paulo (SP) e em Olinda (PE). Desde então, esse vem sendo um dos cursos mais procurados pelos estudantes brasileiros, o que eleva o país a uma posição de destaque no número de faculdades de direito. Esse panorama revela um mercado de trabalho favorável e dinâmico para os profissionais da área, pois as normas que regem os fenômenos sociais estão sempre em transformação.

ODS 16

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

LUCAS EMANUEL

Associação Abayomi Juristas Negras, criada em 2019 em Recife, Pernambuco, com o principal objetivo de ampliar a aprovação de candidatas e candidatos negros e indígenas em concursos públicos do Poder Judiciário. Fotografia de 2024.

Dica

Direito Romano

Produção: Estado da Arte. Brasil, 2015. 51 minutos.

O episódio do *podcast Estado da Arte* apresenta uma conversa entre três professores de direito, Bernardo Queiroz de Moraes, Carlos Boucault e Tomás Olcese, que debatem como as origens do direito contemporâneo podem ser encontradas no direito romano da Antiguidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Rousseau: vontade geral

O filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau também formulou uma teoria contratualista. Em sua obra *Do contrato social*, argumentou que o soberano deve conduzir o Estado segundo a vontade geral de seu povo, tendo em vista o bem comum. O filósofo se perguntava por que o ser humano abriu mão de sua liberdade para transferi-la ao Estado. Sobre essa questão, escreveu:

> O homem nasceu livre e por toda parte está **agrilhoado**. Aquele que acredita ser o senhor dos outros não deixa de ser mais escravo do que eles. Como essa mudança se deu? Ignoro-o. O que pode torná-la legítima? Creio poder resolver essa questão.
>
> ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social. *In*: **Rousseau**: escritos sobre a política e as artes. São Paulo: Ubu, 2020. p. 505.

Agrilhoado: acorrentado, preso.

Para Rousseau, o único fundamento legítimo do poder político é o **contrato social** pelo qual cada cidadão concorda em submeter sua vontade particular à vontade geral. Desse modo, cada pessoa deve obediência ao poder político se esse corresponder à vontade geral do povo. **Somente o povo é a fonte legítima da soberania do Estado**.

Pelo contrato social, o cidadão assume obrigações com a comunidade política sem estar submetido à vontade particular de uma só pessoa. É a lei que estabelece essas obrigações, as quais expressam a vontade geral.

Portanto, quando alguém cumpre a lei, está obedecendo a sua própria vontade como cidadão. Isso está ligado ao princípio da legalidade, segundo o qual: "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (Constituição Federal, art. 5º, inciso II).

A finalidade da vontade geral é promover o **bem comum**. Trata-se de uma vontade coletiva que não se reduz à mera soma das vontades individuais ou de grupos, quase sempre voltadas à satisfação de interesses particulares e egoístas.

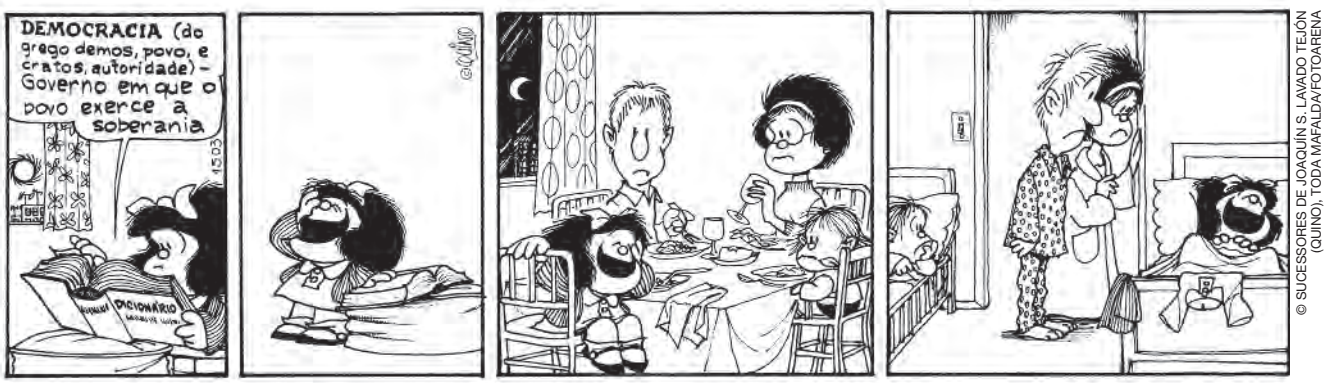
A filosofia de Rousseau influencia o debate político até os dias atuais. Suas ideias de soberania popular, igualdade e liberdade inspiraram movimentos tão importantes quanto a Revolução Francesa. Mas Rousseau também foi alvo de críticas. Por exemplo, não é tão fácil apurar uma "vontade geral" que traduza o bem comum, uma vez que os cidadãos têm visões conflitantes sobre o que é melhor para a sociedade.

Dica

O iluminismo e os reis filósofos

Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção Tudo é história).

A obra aborda as relações entre o pensamento dos filósofos iluministas e as teorias políticas que surgiram naquele contexto.



Mafalda, tirinha de Quino (1932-2020).

© SUCESSORES DE JOAQUÍN S. LAVADO TEJÓN (QUINO). TODA MAFALDA/FOTOARENA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Observe a tirinha da personagem Mafalda. É possível dizer que o conceito de democracia, lido por ela no primeiro quadrinho, aproxima-se das ideias de Jean-Jacques Rousseau?
2. Qual foi a reação de Mafalda após fazer a leitura no primeiro quadrinho? Em sua opinião, por que ela teve essa reação?

OFICINA

Responda no caderno.

1. **Elabore um texto sobre os aspectos do pensamento político de Platão que culminam com a ideia de um rei-filósofo.**
2. **Com base no pensamento de Aristóteles, o ser humano é por natureza um animal político. Explique como o filósofo:**
   - **a.** chegou a essa conclusão;
   - **b.** relacionou essa conclusão com a ideia de bem comum.
3. **Com base no livro *A cidade de Deus*, de Agostinho de Hipona, é correto afirmar que:**
   - **a.** o poder temporal é superior ao poder espiritual.
   - **b.** o poder espiritual se expressa na felicidade do amor a Deus.
   - **c.** não existe qualquer relação entre a cidade celeste e a cidade terrena.
   - **d.** o poder temporal, relativo à salvação eterna, diz respeito à passagem do tempo na cidade terrena.
4. **O realismo político de Nicolau Maquiavel inaugurou uma nova maneira de pensar a política. Que novidade foi essa?**
5. **Qual é a origem do poder do Estado? Responda a essa pergunta tendo como base as ideias de Jean Bodin e a tese geral do contratualismo.**
6. **O "homem é o lobo do próprio homem". Considerando o pensamento de Thomas Hobbes, que concepção de Estado decorre dessa afirmação?**
7. **John Locke e Jean-Jacques Rousseau também formularam suas teorias contratualistas acerca da origem do Estado, polemizando em grande parte com as concepções de Thomas Hobbes. Compare as concepções de estado de natureza e de Estado propostas por Locke e Rousseau com aquelas formuladas por Hobbes.**
8. **Qual é a importância da separação e do equilíbrio dos poderes, propostos por Montesquieu? O que acontece sem essa divisão? Mesmo que haja essa separação funcional, é possível que um poder interfira no outro? Isso ocorre ou já ocorreu no Brasil? Pesquise e debata o assunto com seus colegas.**

9. **O texto do capítulo destaca alguns valores defendidos pelos pensadores iluministas. Em sua opinião, quais desses valores são mais importantes para uma sociedade democrática? Justifique sua resposta, dê exemplos e apresente-os aos colegas.**
10. **Organizem-se em grupos com cinco ou seis integrantes. Vocês vão debater o projeto político de Platão, levando em consideração os conhecimentos construídos neste capítulo e tomando por base as seguintes perguntas:**
    - **a.** Vocês consideram importante que um governante tenha conhecimentos filosóficos? Por quê?
    - **b.** Na opinião de vocês, quais qualidades deve ter um governante para que ele possa promover o bem comum?
    - **c.** Por quais critérios podemos definir o bem comum?

    Lembrem-se: procurem fundamentar as respostas identificando exemplos de líderes políticos que, na opinião do grupo, promoveram o bem comum. Como as ações desses líderes se alinham ou não com o projeto de Platão? Registrem no caderno as conclusões do debate. Depois, elaborem coletivamente um texto dissertativo-argumentativo com o tema: "As qualidades do bom governante e o bem comum".
11. **Segundo Jean-Pierre Vernant, a filosofia grega é filha da pólis. Por isso, para os gregos antigos, o *Homo sapiens* é *Homo politicus*, aquele que participa das decisões que envolvem a vida pública. Em nossos dias, você acredita que a política tem despertado o interesse da maioria das pessoas? Debata esse assunto com os colegas explicando seu posicionamento.**

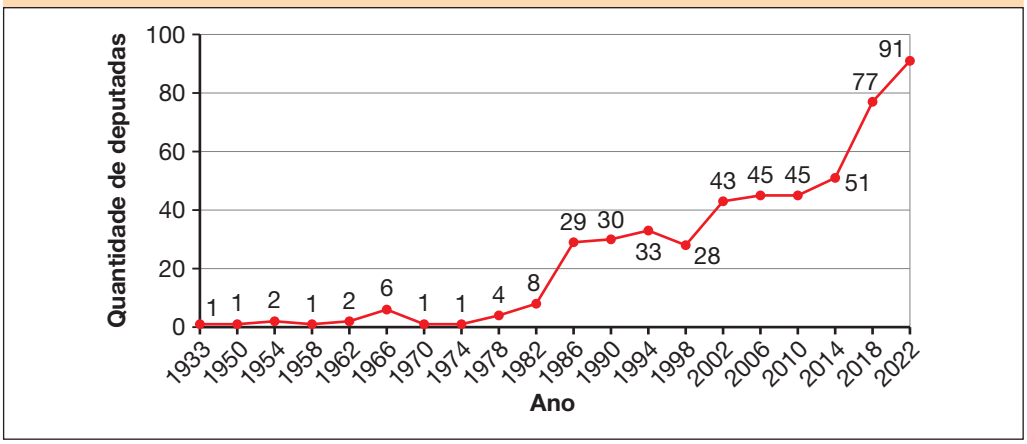
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

12. Ao longo da história, em diversas sociedades, as mulheres foram excluídas do exercício do poder político. No Brasil, por exemplo, elas só conquistaram o direito de votarem e serem votadas na década de 1930. Tendo isso em vista e com base na fotografia e no gráfico a seguir, responda às questões.

FELLIPE SAMPAIO/SCO/STF

Ministros do Supremo Tribunal Federal (em pé, da esquerda para a direita, Flávio Dino, André Mendonça, Alexandre de Moraes, Edson Fachin, Nunes Marques e Cristiano Zanin; sentados, da esquerda para a direita, Dias Toffoli, Gilmar Mendes, Roberto Barroso, Cármen Lúcia e Luiz Fux). À direita, com faixa vermelha, Paulo Gonet, Procurador-Geral da República. Fotografia de 2024.

Brasil: evolução da bancada feminina na Câmara dos Deputados – 1933-2022



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Fonte: SIQUEIRA, Carol. Bancada feminina aumenta 18,2% e tem duas representantes trans. **Agência Câmara**, 3 out. 2022. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/911406-bancada-feminina-aumenta-182-e-tem-duas-representantes-trans/. Acesso em: 10 maio 2024.

a. O Supremo Tribunal Federal representa a mais alta corte do Poder Judiciário brasileiro. Na fotografia, estão presentes seus 11 ministros atuantes em 2024. Qual é o número de mulheres? Que percentual esse número representa?

b. A Câmara dos Deputados é composta de 513 deputados. Sua função típica consiste na elaboração de leis nacionais, junto ao Senado Federal.

- Quantas deputadas federais foram eleitas em 2022? Que percentual esse número representa?
- A curva mostra uma tendência de avanço ou retrocesso na presença de mulheres na Câmara dos Deputados?

c. Em sua avaliação, a presença das mulheres em cargos de poder está aumentando? Pesquise dados sobre a presença de mulheres no Senado Federal, na Assembleia Legislativa de seu estado, na Câmara de Vereadores e na Prefeitura de seu município. Em seguida, debata com os colegas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

13. (Enem-MEC)

Polemizando contra a tradicional tese aristotélica, que via na sociedade o resultado de um instinto primordial, Hobbes sustenta que no gênero humano, diferentemente do animal, não existe sociabilidade instintiva. Entre os indivíduos não existe um amor natural, mas somente uma explosiva mistura de temor e necessidade recíprocos que, se não fosse disciplinada pelo Estado, originaria uma incontrolável sucessão de violências e excessos.

NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia**: das origens à Idade Moderna. São Paulo: Globo, 2005. (Adaptado).

Referente à constituição da sociedade civil, considere, respectivamente, o correto posicionamento de Aristóteles e Hobbes:

a. Instrumento artificial para a realização da justiça e forma de legitimação do exercício da coerção e da violência.

b. Realização das disposições naturais do homem e artifício necessário para frear a natureza humana.

c. Resultado involuntário da ação de cada indivíduo e anulação dos impulsos originários presentes na natureza humana.

d. Objetivação dos desejos da maioria e representação construída para possibilitar as relações interpessoais.

e. Realização da razão e expressão da vontade dos governados.

14. (Uece-CE)

O florentino Nicolau Maquiavel é considerado pela maioria dos historiadores da política como o primeiro grande pensador moderno a romper com a visão aristotélica sobre o sentido da vida política. Se para o filósofo grego o exercício da vida na pólis representava a consumação da natureza racional do homem e a manifestação maior da sua excelência e do bem, Maquiavel, nas palavras de Pierre Manent: "foi o primeiro dos mestres da suspeita... o primeiro a trazer a suspeita para o ponto estratégico da vida dos homens: seu convívio, sua vida política. Se empenhou, Maquiavel, em nos convencer do caráter central ou substancial do mal na coisa pública".

MANENT, Pierre. **História intelectual do liberalismo**: dez lições. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 28-29. (Adaptado).

A partir da leitura do trecho e levando em consideração o surgimento do pensamento político moderno, em Maquiavel, analise as seguintes proposições:

I. O pensamento político de Maquiavel foi inovador em relação ao pensamento clássico, por considerar que não há um "bem" absoluto em contraposição a um "mal" a ser combatido. Em certas situações, o "bem" advém e é mantido pelo "mal".

II. Maquiavel e praticamente todos os filósofos da modernidade negavam a existência do bem comum. Uma característica marcante na concepção de política moderna era a de que a conquista e o exercício do poder político eram o principal elemento a considerar.

III. Muito influenciado pelas disputas políticas de seu tempo, Maquiavel baseou-se na experiência concreta da coisa pública. Ao contrário dos antigos que viam a política como a realização do fim último da cidadania, ele procurou descrever o processo político de seu tempo.

É correto o que se afirma em

a. I, II e III.

b. I e III apenas.

c. I e II apenas.

d. II e III apenas.

15. (Etec-SP)

Quando na mesma pessoa, ou no mesmo órgão de governo, o Poder Legislativo está unido ao Poder Executivo, não existe liberdade [...]. E também não existe liberdade se o Poder Judiciário (poder de julgar) não estiver separado do Poder Legislativo (poder de fazer as leis) e do Poder Executivo (poder de executar, de pôr em prática as leis).

Montesquieu. **O espírito das leis**, 1748. *In*: FREITAS, Gustavo de. **900 textos e documentos de história**. Lisboa: Plátano, 1978. p. 24. v. 3.

Político, filósofo e escritor, o Barão de Montesquieu (1689-1755) se notabilizou por sua teoria sobre a separação dos poderes, que organiza o funcionamento de muitos dos Estados modernos até a atualidade. Ao formular sua teoria, Montesquieu criticou o regime absolutista e defendeu a divisão do governo em três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – como forma de

a. garantir a centralização do poder monárquico e a vontade absoluta dos reis, bem como defender os interesses das classes dominantes.

b. desestabilizar o governo e enfraquecer o Judiciário, bem como garantir a impunidade dos crimes cometidos pelos mais pobres.

c. evitar a concentração de poder e os abusos dos governantes, bem como proteger as liberdades individuais dos cidadãos.

d. estabilizar o governo e fortalecer o Executivo, bem como liberar as camadas subalternas da cobrança de impostos.

e. fortalecer o povo e eliminar os governos, bem como eliminar as formas de punição consideradas abusivas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 10

Política contemporânea

A filosofia política contemporânea se estende do século XIX ao XXI. Esse período foi marcado por profundas transformações no modo de conceber o poder, o ser humano e a sociedade.

O século XIX viu o surgimento de pensadores como Friedrich Hegel (1770-1831), Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895) e Auguste Comte (1798-1857), cujas ideias desafiaram as noções existentes de poder e autoridade. Com sua dialética idealista, Hegel rejeitou o contratualismo e concebeu o indivíduo como parte orgânica do Estado. Já Marx e Engels criticaram o papel do Estado na manutenção das desigualdades sociais e lançaram as bases para uma série de movimentos políticos e sociais. Por fim, Comte, fundador do positivismo, defendeu reformas graduais da sociedade permeadas por uma visão moral.

No século XX, a filosofia política foi palco de vários debates sobre a natureza do poder, a estrutura da sociedade e o papel do indivíduo. Analisando as relações sociais mais cotidianas, Michel Foucault (1926-1984) identificou o exercício de micropoderes. Achille Mbembe formulou o conceito de necropolítica para explicar o racismo e outras formas de violência. Buscando conciliar igualdade e liberdade, John Rawls (1921-2002) propôs sua teoria da justiça para definir o papel do Estado. Já Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), representantes da Escola de Frankfurt, criticaram a indústria cultural e a sociedade de consumo. Influenciado pelos frankfurtianos, Jürgen Habermas desenvolveu a teoria da ação comunicativa e defendeu a democracia deliberativa.

As ideias de todos esses pensadores contribuíram para as concepções de política, poder e sociedade no século XXI. Este capítulo vai explorar essas contribuições e o impacto que tiveram na filosofia política contemporânea.

Visões de resistências, sonhos de liberdade, grafite de Acme na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2022. O artista retratou líderes da luta pela igualdade racial, com destaque para o ativista estadunidense Martin Luther King Jr.

ISMAR INGBER/PULSAR IMAGENS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Século XIX: expansão do capitalismo

O mundo contemporâneo resulta de múltiplos vetores históricos. Dentre eles, destacam-se: a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Essa dupla de revoluções constitui a maior transformação da história humana desde o surgimento da agricultura, da criação de animais, da metalurgia, da escrita e da cidade.

Para ilustrar os imensos efeitos dessa dupla de revoluções, o historiador Eric Hobsbawm (1917-2012) indica uma série de palavras e expressões que foram inventadas ou ganharam novos significados nesse período. São termos que marcam a vida do mundo atual: *fábrica*, *indústria*, *emprego*, *salário*, *classe trabalhadora*, *classe média*, *nacionalidade*, *cidadania*, *capitalismo*, *socialismo*, *liberal*, *conservador* e *ideologia*.

Analisemos, em resumo, algumas características da Revolução Industrial e da Revolução Francesa.

Revolução Industrial

A **Revolução Industrial**, de origem inglesa, provocou grandes transformações econômicas. Como tendência geral, as pequenas oficinas dos artesãos foram sendo substituídas pelas fábricas. As ferramentas foram trocadas pelas máquinas. No lugar das tradicionais fontes de energia, como água, vento e força muscular, passou-se a utilizar o carvão e a eletricidade.

Antes desse período, a maioria das pessoas morava no campo e produzia, em pequena escala, os itens de que necessitava para viver, como alimentos, roupas e utensílios. A partir de então, com a industrialização, a velha Europa agrária foi se urbanizando. Uma multidão de pessoas deixou o campo para trabalhar nas fábricas nascentes.

O processo de industrialização teve repercussão na vida social e gerou luta política. De um lado, havia a reivindicação dos operários por condições dignas de trabalho e melhores salários. De outro, havia o empenho dos empresários em aumentar seus lucros e expandir seus negócios.

A Revolução Industrial teve enormes consequências com desdobramentos que podem ser notados até nossos dias. Ela impulsionou o desenvolvimento científico e tecnológico acompanhado de um inédito crescimento da população mundial. O avanço da industrialização, da urbanização e da explosão demográfica levou o ser humano a intervir atrozmente na natureza, causando impactos devastadores. Hoje não existe nenhum canto da Terra que esteja completamente livre dos impactos da presença humana.

XXSTRINGERXX/REUTERS/FOTOARENA

Distrito de Pudong, em Xangai, na China. Fotografia de 1987.

DUKAI PHOTOGRAPHER/MOMENT/GETTY IMAGES

Distrito de Pudong, em Xangai, na China. Fotografia de 2023. As transformações ocorridas nesse distrito representam de maneira exemplar como, por meio do desenvolvimento tecnológico, o ser humano é capaz de intervir no espaço social.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Revolução Francesa

A **Revolução Francesa** aboliu as estruturas sociais e políticas do Antigo Regime. Lutou contra o absolutismo monárquico e os privilégios da nobreza na França. Promoveu uma primeira declaração dos direitos humanos e da cidadania, afirmando que nascemos livres e iguais em direitos. Seu lema "liberdade, igualdade e fraternidade" inspirou diversos movimentos políticos pelo mundo em favor da democracia e da luta contra governos opressores.

A luta da burguesia contra a nobreza caracterizou a Revolução Francesa. Conquistou, sobretudo, a ampliação do direito ao voto e a garantia da liberdade econômica e da liberdade de expressão. Porém, para alguns historiadores, a burguesia substituiu o privilégio do nascimento (nobreza) pelo privilégio do dinheiro.

Posteriormente, essa luta abriu espaço para as reivindicações das classes trabalhadoras contra a exploração econômica e a opressão política. A insatisfação contra o domínio capitalista foi canalizada por correntes socialistas.

A Revolução Industrial e a Revolução Francesa contribuíram para difundir a crença iluminista no poder da razão como instrumento capaz de emancipar o ser humano, tanto na vida privada quanto na vida pública. No entanto, essa confiança na racionalidade foi colocada em xeque diante da profusão de guerras, da exploração do trabalho e da miséria social. Em reação a isso, surgiram movimentos culturais como o Romantismo.

REPRODUÇÃO/L&PM POCKET

Capa do livro *Iracema*, de José de Alencar, considerado expressão do Romantismo brasileiro.

Romantismo

O Romantismo foi um movimento cultural que envolveu a arte e a filosofia. Surgiu no final do século XVIII e predominou durante a primeira metade do século XIX.

De modo geral, o Romantismo reagiu contra o espírito racionalista, que pretendia explicar friamente o mundo e a sociedade. O movimento romântico percebeu precocemente que a mecanização do mundo industrial ameaçava a liberdade e a identidade próprias do ser humano. Então, teve como característica a exaltação e a idealização da natureza como força vital que resiste à frieza tecnológica.

Em contraposição à ênfase na racionalidade, o Romantismo valorizava a expressão das emoções e da subjetividade. Assim, o sujeito era o centro da concepção romântica do mundo, alguém que se recusa a seguir os padrões da sociedade urbano-industrial, que não se enquadra na fragmentação do trabalho das fábricas e que busca recuperar o sentido do que é viver e do porquê viver.

O Romantismo influenciou vários setores das artes, como a pintura, a música e a literatura. No plano político, impulsionou o nacionalismo, valorizando a língua e as tradições de cada povo. Esse ideal se tornou bandeira importante para os povos que lutavam pela autonomia nacional em várias regiões da Europa e da América.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Como os indígenas são representados na capa escolhida para o romance *Iracema*, de José de Alencar?**
2. **De que modo as ideias do romantismo são representadas nessa capa?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O ideário romântico pode ser identificado na obra de vários filósofos. É o caso de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), considerado um pensador pré-romântico. Em suas obras – em especial no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* –, ele teceu elogios àquele que vivia na pureza do estado natural, contrapondo-se à hipocrisia e à falsidade da civilização. Aquele que na pureza do estado natural foi posteriormente chamado de "o bom selvagem", embora essa expressão não tenha sido utilizada por Rousseau.

O idealismo alemão é exemplo da influência romântica na filosofia, pois reteve aspectos do nacionalismo, do amor à pátria, da valorização do povo e do Estado. O maior representante do idealismo alemão foi Hegel.

CASPAR DAVID FRIEDRICH - GALERIA DE ARTE DE HAMBURGO, HAMBURGO

Caminhante sobre o mar de névoa, pintura de Caspar David Friedrich, cerca de 1817. Nessa pintura do Romantismo alemão, a subjetividade de um caminhante solitário é representada diante da grandiosidade da natureza.

Hegel: do Estado surge o indivíduo

O filósofo alemão Friedrich Hegel, no livro *Princípios da filosofia do direito*, criticou a concepção liberal do Estado, encontrada tanto em John Locke (1632-1704) quanto em Jean-Jacques Rousseau. Para Hegel, o liberalismo político está equivocado desde sua raiz ao afirmar que indivíduos isolados se reuniram para fundar o Estado. De acordo com o filósofo alemão, nunca existiu um indivíduo isolado, porque o ser humano é essencialmente **social**. Um ser que só encontra sentido dentro de uma sociedade, cujas manifestações são:

- a **sociedade civil** – conjunto das lutas que envolvem os indivíduos associados em famílias e em grupos de interesses econômicos;
- a **sociedade política** – associação representada pelo Estado. Seu objetivo seria conciliar os interesses privados em conflito por meio de uma síntese capaz de propiciar o interesse público ou o bem comum.

Hegel rejeita as visões contratualistas de Thomas Hobbes (1588-1679), Locke e Rousseau. Para Hegel, o Estado não é nem a simples reunião de indivíduos nem é formado por meio de um acordo de vontades individuais. Ao nascer, o indivíduo já faz parte de um todo social. É criado dentro de uma cultura, aprende a falar determinada língua e age segundo certas regras sociais. Por isso, a sociedade precede o indivíduo. Tal precedência do social sobre o individual tem como síntese o Estado.

Hegel considera que o Estado constitui o auge da **razão objetiva**, isto é, das instituições e dos costumes historicamente construídos. Nessa concepção, o indivíduo é considerado parte orgânica do Estado. Na prática, as ideias políticas hegelianas levaram a um culto do Estado que alimentou o nacionalismo alemão. Alguns críticos de Hegel chegam a considerá-lo um defensor oficial do Estado prussiano de sua época.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Comte: o positivismo

O francês Auguste Comte criou uma doutrina chamada **positivismo**, que se caracteriza por um tom geral de confiança nos benefícios da industrialização, bem como por um entusiasmo em relação ao progresso capitalista, guiado pela técnica e pela ciência.

A doutrina positivista foi criticada por ter uma visão ingênua sobre a industrialização e o conhecimento científico, concentrando-se apenas nos benefícios desses processos. Apesar das críticas, essa doutrina influenciou muitos pensadores, inclusive no Brasil, sobretudo aqueles que instituíram a república no país em 1889.

Comte vinculava o desenvolvimento da vida social ao da vida intelectual, partindo da premissa de que o ser humano determina a sociedade em que vive e é determinado por ela. Por isso, antes de abordarmos a proposta política positivista, é importante conhecer características de sua doutrina no campo do conhecimento e da cultura.

FRANCK LEGROS/SHUTTERSTOCK

Busto de Auguste Comte em Paris, na França. Escultura de Jean-Antoine Injalbert, 1902. Fotografia de 2024.

OBJETO DIGITAL ***Podcast*: A influência do positivismo na Proclamação da República no Brasil**

Características do positivismo

O positivismo se baseia na valorização do método científico das ciências positivas e na recusa das discussões metafísicas. O objetivo desse método positivo é a descoberta das leis gerais que regem os fenômenos naturais e sociais. Com base nessas leis, o ser humano seria capaz de prever os fenômenos, podendo agir sobre a realidade. Por isso, "ver para prever" é um dos lemas positivistas.

O conhecimento científico é considerado um instrumento de transformação da realidade, de domínio do ser humano sobre a natureza. Em sentido amplo, esse conhecimento promoveria o progresso, isto é, a evolução da humanidade. Assim, desenvolveu-se a noção de progresso em "linha reta", aplicável a todas as sociedades.

Para Comte, o progresso deve andar junto com a ordem; portanto, é visto como o desenvolvimento da ordem. Não existiria, assim, progresso com anarquia, rebeliões e violência.

"Ordem e progresso" é o lema da bandeira do Brasil, diretamente inspirado na conhecida expressão de Comte: "O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim". O filósofo positivista brasileiro Teixeira Mendes (1855-1927) afirmou que o lema da bandeira nacional expressava o desejo de confraternização do país, conciliando o que está estabelecido (ordem) com as mudanças (progresso).

Lei dos três estados

Ao pensar sobre o progresso histórico e cultural da humanidade, Comte elaborou a lei dos três estados. Essa lei estabeleceu que as sociedades passaram sucessivamente por três diferentes estágios:

- **teológico ou fictício** – representaria o ponto de partida da inteligência humana. Nele, os fenômenos do mundo são vistos como produzidos por seres sobrenaturais. O ponto culminante desse estado foi quando o ser humano substituiu o politeísmo (numerosas divindades independentes) pelo monoteísmo (ação providencial de um Deus único);
- **metafísico ou abstrato** – marcado pela substituição dos seres sobrenaturais do estágio teológico por noções abstratas sobre a essência das coisas, como as noções de bem, belo, justo etc.;
- **científico ou positivo** – estágio definitivo da evolução racional da humanidade. Pelo uso combinado do raciocínio e da observação, o ser humano passou a entender os fenômenos do mundo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reforma da sociedade

Um dos temas centrais da obra filosófica de Comte é a necessidade de uma reorganização completa da sociedade. Nessa tarefa, ele próprio pretendeu desempenhar o papel de um reformador universal "encarregado de instituir a ordem de uma maneira soberana" (VERDENAL, René. A filosofia positiva de Auguste Comte. *In*: CHÂTELET, François (org.). **História da filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 215. v. 5).

Essa reconstrução da sociedade consistia, para Comte, na regeneração das opiniões (ideias) e dos costumes (ações) humanos. Seria uma reestruturação intelectual das pessoas e não de uma revolução social, como propunham filósofos socialistas franceses de sua época, como Saint-Simon (1760-1825), Jean-Baptiste Joseph Fourier (1768-1830) e Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865).

A reforma da sociedade deveria obedecer à reorganização intelectual, depois à reorganização moral e, por fim, à política. Segundo Comte, a Revolução Francesa destruiu valores importantes da sociedade tradicional europeia, como a hierarquia, a ordem, a paz e o respeito entre as classes sociais. Após destruir esses valores, a revolução não os substituiu por outros capazes de organizar a sociedade burguesa. Essa seria a grande tarefa a ser desempenhada pela filosofia positiva, isto é, restabelecer a ordem no capitalismo industrial.

Em relação aos conflitos entre proletários e capitalistas, Comte assumiu uma posição que foi vista como conservadora. Considerava indispensável a existência dos empreendedores capitalistas e dos operários trabalhando duro nas fábricas. Na prática, aceitava a exploração de classes. Defendia um tipo de doutrinação destinada aos trabalhadores. O objetivo era enaltecer os trabalhos práticos e mecânicos e inspirar nos operários:

> [...] o gosto por eles [esses trabalhos mecânicos], quer enobrecendo seu caráter habitual, quer adoçando suas consequências penosas. Conduzindo, de resto, a uma sadia apreciação das diversas posições sociais e das necessidades correspondentes, predispõem a perceber que a felicidade real é compatível com todas e quaisquer condições, desde que sejam desempenhadas com honra e aceitas convenientemente.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 85. (Os pensadores).

Nos últimos quinze anos de sua vida, Comte decidiu criar uma nova seita religiosa, denominada Religião da Humanidade. A deusa dessa religião tinha os traços de sua amada Clotilde de Vaux e os "santos" eram pensadores como Dante Alighieri, William Shakespeare, Galileu Galilei, Adam Smith etc.

Para difundir os princípios dessa nova religião, Comte elaborou também o livro *Catecismo positivista*. Nessa obra, deixou explícitas suas intenções, formulando o que estava impensado em trabalhos anteriores, isto é, suas concepções dogmáticas, autoritárias e conservadoras.

CARLOS ELIAS JUNIOR/FOTOARENA

Fachada da Igreja Positivista do Brasil, na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2024. Fundada em 1881 por seguidores de Auguste Comte, essa igreja segue os preceitos da Religião da Humanidade.

Responda no caderno.

Enfoque

1. No trecho do *Discurso sobre o espírito positivo*, de que modo, para Comte, o operário deve encarar os trabalhos mecânicos?
2. Em sua opinião, essa posição assumida por Comte é conservadora? Justifique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Marx: a luta de classes

O alemão Karl Marx é, provavelmente, um dos filósofos que maior influência exerceu sobre a sociedade contemporânea. Como afirmou o pensador francês Raymond Aron (1905-1983), se a grandeza de um filósofo tivesse de ser medida pelos debates que ele suscitou, ninguém nos últimos séculos poderia ser comparado a Karl Marx.

Em setembro de 1844, Marx conheceu o também alemão Friedrich Engels, que se tornou seu amigo inseparável. Juntos, participaram de diversas atividades políticas e escreveram várias obras que lhes custaram duras perseguições dos governos constituídos. Em 1847, Marx e Engels filiaram-se à Liga dos Comunistas, escrevendo, a pedido da assembleia dessa sociedade, o célebre *Manifesto comunista*.

Para Marx e Engels, o ser humano não existe de forma abstrata, permanente e universal, tampouco existe de forma isolada, por si mesmo, afastado de seus semelhantes. De acordo com Marx, o indivíduo é um ser concreto, histórico e social. Ele enfatiza esse ponto ao afirmar que a essência humana consiste no conjunto das relações sociais.

O que significa conceber os humanos como seres históricos? Significa dizer que os indivíduos agem, sentem e pensam inseridos no contexto histórico de uma sociedade, em que se destacam certas condições materiais de produção da vida. Essas condições, no entanto, não se reduzem à criação de bens necessários à manutenção do corpo físico. Marx também considera que, ao produzir coisas, o ser humano constrói a si mesmo.

Segundo Marx, a produção da vida material **condiciona** o processo geral de vida política e espiritual. Mas condicionar não significa determinar de forma absoluta. Afinal, dentro de circunstâncias históricas, pode existir o "**estranhamento**" das injustiças e das opressões, o qual, por sua vez, impulsiona lutas por transformações. Nesse sentido, toda história humana é movida por essas lutas. Sobre isso, afirmaram Marx e Engels:

> A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e aprendiz; numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das classes em luta.
>
> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Ched Editorial, 1980. p. 8.

Segundo Marx, caberia à classe social que possui um caráter revolucionário intervir com ações concretas para que essas transformações ocorram. Foi o que aconteceu, por exemplo, na passagem do feudalismo ao capitalismo, por meio das revoluções burguesas. Posteriormente, o capitalismo também criou uma classe revolucionária, o proletariado, que luta contra a burguesia.

Marx acreditava que o proletariado seria capaz de promover uma revolução socialista, estimulando a cooperação e a solidariedade em vez da exploração e da competição típicas do capitalismo. Contudo, as ideias de Marx foram distorcidas e transformadas em dogma, dando origem a um socialismo autoritário que foi implantado, por exemplo, na União Soviética, na China e em Cuba.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

JADE GAO/AFP/GETTY IMAGES

Representações de Mao Tsé-Tung vendidas em mercado de antiguidades em Pequim, na China. Fotografia de 2023. Mao Tsé-Tung foi o político autoritário responsável por liderar a Revolução Chinesa, em 1949, que implementou no país uma república socialista unipartidária.

Estranhamento: atitude de quem não acha que tudo é natural, óbvio. A atitude de estranhamento está ligada à concepção grega de *thaumázein*, usada por Platão com o sentido de "espantar-se", "admirar-se", sendo a primeira disposição de ânimo do filosofar.

Estado e desigualdades

Dentro de uma visão marxista, os grupos humanos, em sua origem, formavam uma sociedade sem classes e sem Estado. Nessa sociedade, as funções administrativas eram exercidas pelo conjunto dos membros da comunidade.

Em determinado estágio do desenvolvimento histórico, certas funções administrativas tornaram-se privativas de um grupo separado de pessoas, que foi reunindo forças para impor normas à vida coletiva. Teria sido por meio desse núcleo dirigente que surgiu o **Estado**, uma instituição resultante da **desigualdade social** entre governantes e governados.

Estudamos que Hegel considerava o Estado uma instituição que promovia o interesse coletivo. Ao contrário disso, Marx afirmava que o Estado jamais exerceu essa função ao longo da história. Para esse filósofo, em vez do bem comum, o Estado sempre promoveu o bem de alguns. E, no máximo, contribuiu para amenizar os choques sociais, evitando uma luta direta entre as classes em conflito.

Conforme escreveu Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, embora o Estado tenha se originado da necessidade de conter os antagonismos entre classes, ele próprio surgiu no meio desse conflito para representar os interesses da classe mais poderosa, isto é, dos grupos que tinham força para reprimir as classes dominadas (os escravizados na Antiguidade, os servos no feudalismo e os assalariados no capitalismo).

Desse modo, o Estado atuaria como **instrumento de dominação** de uma classe sobre outra. Na sociedade capitalista, por exemplo, o domínio de classe se identificaria diretamente com a "proteção da propriedade privada" dos que a detêm, em oposição àqueles que nada possuem. Como resultado disso, a propriedade privada é um dos valores defendidos nos mais diversos sistemas jurídicos.

A concepção do Estado como instrumento de dominação pressupõe que ele existe para administrar os conflitos causados pela forma antissocial (desigual, excludente) da sociedade. Assim, Marx e Engels diferenciam-se dos filósofos anteriores porque sua crítica ao Estado atinge a essência mesma dessa instituição. Em outras palavras, o Estado se nutre das insuficiências da sociedade em promover a igualdade de condições materiais. Enfim, **o Estado nasce da desigualdade para manter a desigualdade**.

Dica

Eu, Daniel Blake

Direção: Ken Loach. Reino Unido, França e Bélgica, 2016. 100 minutos.

O filme narra o drama do viúvo Daniel Blake, um marceneiro de 59 anos que, após sofrer um ataque cardíaco, é impedido por laudo médico de voltar a trabalhar, apesar de não ter recursos para prover sua subsistência. Blake se torna amigo de Katie, que enfrenta grandes dificuldades para criar seus dois filhos. O filme discute o sistema de assistência financeira do Estado britânico, cujos entraves burocráticos podem deixar cidadãos desamparados, aprofundando desigualdades.

Classificação indicativa do filme *Eu, Daniel Blake*: não recomendado para menores de 12 anos.

ALAIN PITTON/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Manifestantes protestam, no Dia do Trabalhador, contra reforma previdenciária que adia a idade mínima de aposentadoria, em Toulouse, na França. Fotografia de 2023. Nesse caso, os manifestantes reagiram ao poder do Estado de impor normas à coletividade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A função do Estado e os direitos humanos

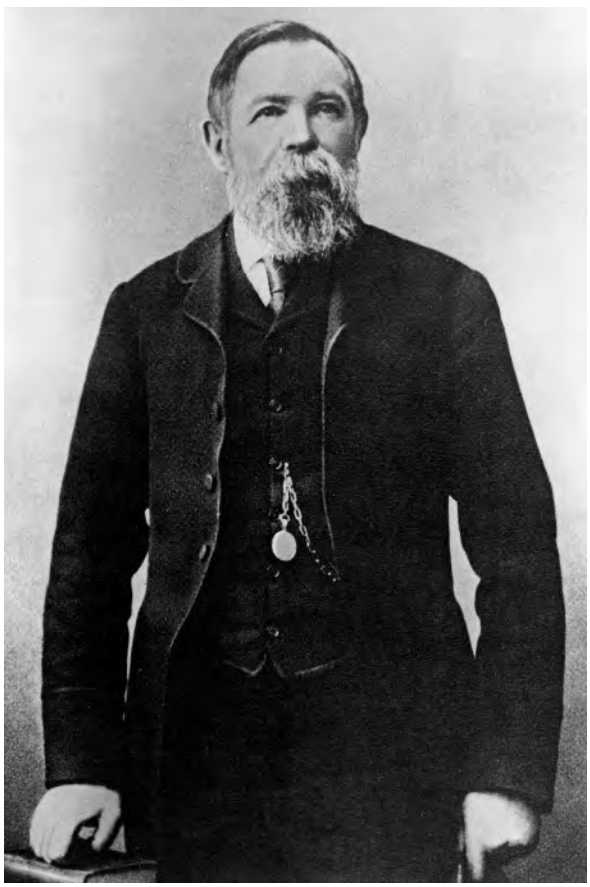
No primeiro dos textos a seguir, Friedrich Engels formula sua tese sobre a origem e a função do Estado, baseando-a no antagonismo entre classes. No segundo texto, são transcritos artigos da Declaração dos Direitos Humanos de 1948, adotada pela Organização das Nações Unidas e da qual o Brasil é signatário, tendo inspirado artigos da Constituição Federal de 1988.

Texto 1

O Estado não é pois, de modo algum, um poder que se impôs à sociedade de fora para dentro [...]. É antes um produto da sociedade, quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento; é a confissão de que essa sociedade se enredou numa irremediável contradição com ela própria e está dividida por antagonismos irreconciliáveis que não consegue conjurar. Mas para que esses antagonismos, essas classes com interesses econômicos colidentes não se devorem e não consumam a sociedade numa luta estéril, faz-se necessário um poder colocado aparentemente por cima da sociedade, chamado a amortecer o choque e a mantê-lo dentro dos limites da "ordem". Este poder nascido da sociedade, mas posto acima dela se distanciando cada vez mais, é o Estado. [...]

Como o Estado nasceu da necessidade de conter o antagonismo das classes, e como, ao mesmo tempo, nasceu em meio ao conflito delas, é, por regra geral, o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante, classe que, por intermédio dele, se converte em classe politicamente dominante e adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida. Assim, o Estado antigo foi, sobretudo, o Estado dos senhores de escravos para manter os escravos subjugados; o Estado feudal foi o órgão de que se valeu a nobreza para manter a sujeição dos servos e camponeses dependentes; e o moderno Estado representativo é o instrumento de que se serve o capital para explorar o trabalho assalariado. Entretanto, por exceção, há períodos em que as lutas de classes se equilibram de tal modo que o poder do Estado, como mediador aparente, adquire certa independência momentânea em face das classes. [...]

O filósofo alemão Friedrich Engels. Fotografia de 1893.



UNIVERSAL HISTORY ARCHIVE/UIG/GETTY IMAGES

Além disso, na maior parte dos Estados históricos, os direitos concedidos aos cidadãos são regulados de acordo com as posses dos referidos cidadãos, pelo que se evidencia ser o Estado um organismo para a proteção dos que possuem contra os que não possuem. Foi o que vimos em Atenas e em Roma, onde a classificação da população era estabelecida pelo montante dos *gens* [ou *genos*, comunidades compostas de pessoas com descendência comum]. O mesmo acontece no Estado feudal da Idade Média, onde o poder político era distribuído conforme a importância da propriedade territorial. E é o que podemos ver no censo eleitoral dos modernos Estados representativos.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. p. 191, 193-194. (Perspectivas do homem).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Texto 2

Artigo 13

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar.

[...]

Artigo 17

1. Todo ser humano tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

[...]

Artigo 21

1. Todo ser humano tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.

2. Todo ser humano tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.

FOTOSEARCH/ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES

Eleanor Roosevelt, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, mostrando a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Fotografia de 1948.

3. A vontade do povo será a base da autoridade do governo; essa vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

[...]

Artigo 23

1. Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

2. Todo ser humano, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

3. Todo ser humano que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

4. Todo ser humano tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para proteção de seus interesses.

[...]

Artigo 30

Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer dos direitos e liberdades aqui estabelecidos.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 22 mar. 2024.

Atividades

Responda no caderno.

1. O que caracteriza o texto 1 como uma interpretação marxista do Estado?
2. Em sua opinião, a interpretação de Engels aceita ou rejeita a hipótese liberal do Estado? Explique.
3. No texto 2, quais são os direitos humanos estabelecidos em cada artigo?
4. Com base em seus conhecimentos prévios e na leitura do texto 2, cite as possíveis causas sociais das violações aos direitos humanos no mundo atual. Argumente considerando a crítica que Engels fez à função do Estado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Séculos XX e XXI: era de incertezas

O século XIX foi um período marcado por grandes convicções. De modo geral, muitos filósofos estavam confiantes no poder da razão; os cientistas, entusiasmados com o progresso tecnológico; os capitalistas, radiantes com as vantagens da expansão industrial; os românticos, vibrantes com a valorização da pátria e dos sentimentos nacionais; os socialistas pregando ardorosamente a construção do socialismo; e assim por diante. Poucas dessas convicções subsistiram intactas nos séculos XX e XXI, caracterizados como uma era de incertezas.

No século XX, duas guerras mundiais derramaram sangue em uma escala jamais vista na história. A Revolução Russa impulsionou a ascensão do socialismo em várias partes do mundo e, quase ao findar o século, desembocou no colapso da União Soviética. A explosão da barbárie nazista aterrorizou o mundo.

Depois da Segunda Guerra, a tecnologia deu um salto vertiginoso. Telescópios hiperpotentes exploraram os confins do universo. Naves espaciais iniciaram a conquista do cosmo. A engenharia genética registrou avanços antes restritos aos livros de ficção. Os computadores, a internet e os *smartphones* chegaram à vida cotidiana de milhões de usuários. No entanto, a tecnologia trouxe também a corrida armamentista, o medo da destruição atômica e a devastação ambiental.

As impressões dos grandes intelectuais contemporâneos a respeito do século XX são díspares e, por vezes, antagônicas. Alguns veem esse século como uma época inédita pela vastidão dos dramas humanos, pelos massacres, pelas guerras e pandemias. Uma estimativa das grandes violências do século XX menciona 187 milhões de mortes provocadas por decisão humana.

Outros pensadores reconhecem que, apesar das violências, o século XX também foi um período de desenvolvimento científico e de importantes conquistas sociais, como a progressiva emancipação feminina. Não fosse por esses avanços, a população mundial não teria crescido mais de três vezes durante o século XX. Saltou de aproximadamente 1,7 bilhão de pessoas em 1900 para cerca de 6 bilhões em 2000 e para 8 bilhões em 2022.

Entretanto, os avanços tecnológicos fizeram pouco para diminuir as imensas desigualdades sociais do mundo. Calcula-se que, em 2021, 76% da riqueza mundial concentrava-se nas mãos de 10% da população do planeta, ao passo que metade da humanidade detinha somente 2% da riqueza mundial, enfrentando problemas de desnutrição, falta de moradia, desamparo à saúde e à educação.

Ao mesclar destruição e violência com um estupendo avanço tecnológico, forjou-se no mundo contemporâneo uma mentalidade menos arrogante quanto aos benefícios infalíveis da racionalidade científica. Ficou evidente que, destituídas de valores éticos, a ciência e a tecnologia não contribuem para o bem-estar das pessoas. Em certos casos, prestam serviço à tirania e à barbárie.

Dica

Classificação indicativa do filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos*: livre.

Nós que aqui estamos por vós esperamos

Direção: Marcelo Masagão. Brasil, 1999. 73 minutos.

O filme é inspirado no livro *Era dos extremos*, do historiador britânico Eric Hobsbawm, e conta, por meio de imagens e vídeos que são fontes documentais, os principais acontecimentos do século XX.

A estimativa sobre as mortes provocadas por decisão humana no século XX e os dados sobre o crescimento populacional e a concentração de renda no mundo foram extraídos de: HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 21; BANCO MUNDIAL. **Our World in Data**. Disponível em: https://ourworldindata.org/grapher/population. Acesso em: 9 maio 2024; NAÇÕES UNIDAS. **World Population Prospects 2022**: Summary of Results. ONU: Nova York, 2022; CHANCEL, L.; PIKETTY, T.; SAEZ, E.; ZUCMAN, G. *et al.* (coord.). **World Inequality Report 2022**. World Inequality Lab. Disponível em: https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2022/03/0098-21_WIL_RIM_RAPPORT_A4.pdf. Acesso em: 13 maio 2024.

JOHN MOORE/GETTY IMAGES

Drone utilizado para ataques aéreos pousado em uma instalação do Exército dos Estados Unidos. Fotografia de 2022. A tecnologia de guerra está em constante desenvolvimento, o que leva a humanidade a questionar os benefícios da racionalidade científica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Foucault: microfísica do poder

Um dos principais pensadores contemporâneos foi o filósofo francês Michel Foucault, que centrou sua investigação em temas como as dinâmicas do **poder**, a **sexualidade** e as **instituições sociais** (notadamente as educativas, psiquiátricas e carcerárias).

De acordo com Foucault, as sociedades modernas apresentam uma nova organização do poder que se desenvolveu a partir do século XVIII. Nessa nova organização, o poder não se concentra apenas no setor político (Estado) e em suas formas de repressão, mas se dissemina pelos vários âmbitos da vida social. Para esse filósofo, o poder fragmentou-se em **micropoderes** e tornou-se muito mais eficaz. Em seu livro *Microfísica do poder*, Foucault explica:

> Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que se podem exercer na sociedade. [...]
>
> [...] O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. [...] O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca não o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. [...] O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente [...] é seu centro de transmissão.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 181-184.

Assim, sem se deter apenas no macropoder concentrado no Estado ou nas grandes corporações econômicas, Foucault analisou esses micropoderes que se espalham pelas mais diversas instituições da vida social, isto é, os poderes exercidos por uma imensa rede de pessoas que interiorizam e cumprem as **normas** estabelecidas pela **disciplina social**. Entre as várias pessoas que exercem micropoderes estão, por exemplo, pais, médicos, sacerdotes, professores, guardas e fiscais.

Adotando essa perspectiva de análise, conhecida como **microfísica do poder**, ele defende que o poder está em toda parte, não porque engloba tudo, e sim por ser proveniente de todos os lugares. Na vida cotidiana, segundo o filósofo, esbarramos mais com os guardiões dos micropoderes – os pequenos donos dos poderes periféricos – do que com os detentores dos macropoderes.

Seu objetivo, como filósofo, foi expor estruturas veladas de poder, tendo Friedrich Nietzsche (1844-1900) como inspiração. Assim como Nietzsche, Foucault afirmou a relação entre saber e poder:

> Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha "ao compasso da verdade" – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm, por esse motivo, poderes específicos. A produção de discursos "verdadeiros" (e que, além disso, mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 231.

VCG/GETTY IMAGES

Estação de inspeção de entrada no aeroporto de Qingdao, na China. Fotografia de 2023. A disciplina social é produto da ação de uma infinidade de agentes, com seus micropoderes, como os de funcionários que fiscalizam e controlam a entrada de pessoas em determinado local mediante a apresentação de documentos.

Dica

O pensamento de Michel Foucault com Leandro Chevitarese

Produção: Canal Curta! Brasil, 2021. 9 minutos.

Nesse episódio do *podcast Matéria Bruta*, o professor Leandro Chevitarese faz uma breve introdução ao pensamento de Michel Foucault, destacando conceitos como o de microfísica do poder.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Genealogia do poder

Foucault, inspirado em Nietzsche, também desenvolveu seu método de pesquisa à maneira de uma **genealogia**. Como o filósofo alemão, ele se baseou na noção de que os valores – o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, o sadio e o doente etc. – são consagrados historicamente em função de interesses relativos ao poder dentro da sociedade. Em outras palavras, a definição do que é bom, verdadeiro ou sadio depende das instâncias nas quais o poder se encontra.

Na visão de Foucault, esse poder não seria essencialmente de repressão ou de censura, mas, antes, um **poder criador**, no sentido de que produz a realidade e seus conceitos. Em seu livro *Vigiar e punir*, ele explica o que entende por poder:

> É preciso cessar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ele "exclui", "reprime", "recalca", "censura", "discrimina", "mascara", "esconde". Na verdade, o poder produz: produz o real; produz os domínios de objetos e os rituais de verdade.
>
> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 161.

Nessa mesma obra, Foucault acompanha a evolução dos **mecanismos de controle social e de punição**, que se tornaram cada vez menos visíveis e mais racionalizados. Caracteriza a sociedade contemporânea como uma **sociedade disciplinar**, na qual prevalece a produção de práticas disciplinares de vigilância e de controle constantes, que se estendem a todos os âmbitos da vida dos indivíduos.

ALICE BRILL/ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Pacientes do Hospital Psiquiátrico do Juqueri em ateliê livre de pintura, na capital de São Paulo. Fotografia de 1950. Foucault refletiu sobre os mecanismos de controle social que normatizam quem é doente ou sadio e o que é considerado loucura ou enquadrado em certo padrão de racionalidade.

Uma das formas mais eficientes dessa vigilância e dessa disciplina se dá, no entender do filósofo francês, por meio de discursos e práticas científicas aparentemente neutras e racionais, que procuram normatizar o comportamento dos indivíduos.

Exemplo disso seria o tratamento científico dado à sexualidade, segundo o qual o comportamento sexual é normatizado por meio do convencimento racional dos indivíduos sobre os cuidados necessários à própria vida nesse âmbito. Desse modo, assumindo a face do **saber**, o poder, segundo Foucault, atinge os indivíduos em seu **corpo**, em seu **comportamento** e em seus **sentimentos**.

Assim, como o poder encontra-se em múltiplos espaços, a resistência a esse estado de coisas não caberia, para o filósofo, a um partido ou classe revolucionária, pois estes se dirigiriam a um único foco de poder. Seria necessária, portanto, a ação de múltiplos pontos de resistência.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Segundo Foucault, o que são micropoderes?
2. O que os micropoderes moldam? Explique dando exemplos de seu cotidiano.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Achille Mbembe: necropolítica

Se lançarmos um olhar crítico sobre o mundo contemporâneo, veremos que milhões de pessoas estão à beira da morte em função de violências que se traduzem em guerras, genocídios, **ecocídios**, racismos e novas escravizações.

Ao refletir sobre esses processos brutais, o filósofo camaronês Achille Mbembe formulou o conceito de necropolítica em seu ensaio homônimo de 2003, que alcançou grande repercussão nos debates da filosofia política. Em síntese, necropolítica consiste em subjugar a vida ao poder da morte. Assim, matar ou reduzir pessoas à condição de mortos-vivos constituem formas de exercício da necropolítica e do necropoder.

Chefiado por Adolf Hitler (1889-1945), o **Estado nazista** é um exemplo emblemático de necropolítica. O nazismo escancarou que a soberania do Estado tinha como elemento central o **direito de matar**. A administração da morte se manifestava em um conjunto de dispositivos que incluía as torturas da Gestapo, as execuções sumárias de adversários, as leis segregacionistas e, sobretudo, a criação de campos de extermínio, onde foram mortos cerca de 6 milhões de judeus, além de outros grupos de pessoas, como homossexuais, ciganos e comunistas. O horror dos campos de extermínio nazistas já foi considerado o lugar extremo de submissão dos seres humanos à mais absoluta condição inumana.

Com base em Foucault, o filósofo Achille Mbembe escreveu que:

> Segundo Foucault, o Estado nazista foi o mais completo exemplo de um Estado exercendo o direito de matar. Esse Estado, ele afirma, tornou a gestão, a proteção e o cultivo de vida coextensivos ao direito soberano de matar. Por uma extrapolação biológica do tema do inimigo político, organizando a guerra contra os seus adversários e, ao mesmo tempo, expondo seus próprios cidadãos à guerra, o Estado nazi é visto como aquele que abriu caminho para uma tremenda consolidação do direito de matar, que culminou no projeto da "**solução final**". Ao fazê-lo, tornou-se o arquétipo de uma formação de poder que combinava as características de Estado racista, Estado assassino e Estado suicidário.
>
> MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 19.

Para além da singularidade do extermínio nazista, Mbembe amplia sua análise para outras situações de poder que também levaram à destruição de milhões de corpos humanos. Esses poderes soberanos que assumem o direito de matar, diz ele, estão longe de serem casos isolados de insanidade prodigiosa. Ao contrário, seguem premissas destrutivas que constituem o *nomos* (lugar) do espaço político em que ainda vivemos, embora possuam longas raízes históricas.

Dica

Zona de interesse

Direção: Jonathan Glazer. Estados Unidos, Reino Unido e Polônia, 2023. 104 minutos.

O filme se passa durante a Segunda Guerra Mundial e narra o cotidiano de Rudolf Höss, comandante nazista, e de sua família, que vivem em uma bela casa com jardim ao lado do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. A aparente normalidade da vida dessa família contrasta com a realidade de extermínio presente na vizinhança. O filme chama a atenção para a banalidade com que foi efetivada a necropolítica no Estado nazista.

Classificação indicativa do filme *Zona de interesse*: não recomendado para menores de 14 anos.

PAUL S. AMUNDSEN/NTB/AFP

O filósofo camaronês Achille Mbembe discursa em Begen, na Noruega. Fotografia de 2024.

Ecocídios: destruição do meio ambiente em larga escala provocada pelo ser humano.

Solução final: expressão usada pelos nazistas para se referir indiretamente à criação de campos de extermínio destinados à liquidação em massa de pessoas indesejadas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

EMANOEL ARAÚJO - GALERIA JACK SHAINMAN, NOVA YORK

O navio, escultura de Emanoel Araújo, 2021. Nessa obra, o artista resgata a memória do sofrimento imposto aos africanos escravizados.

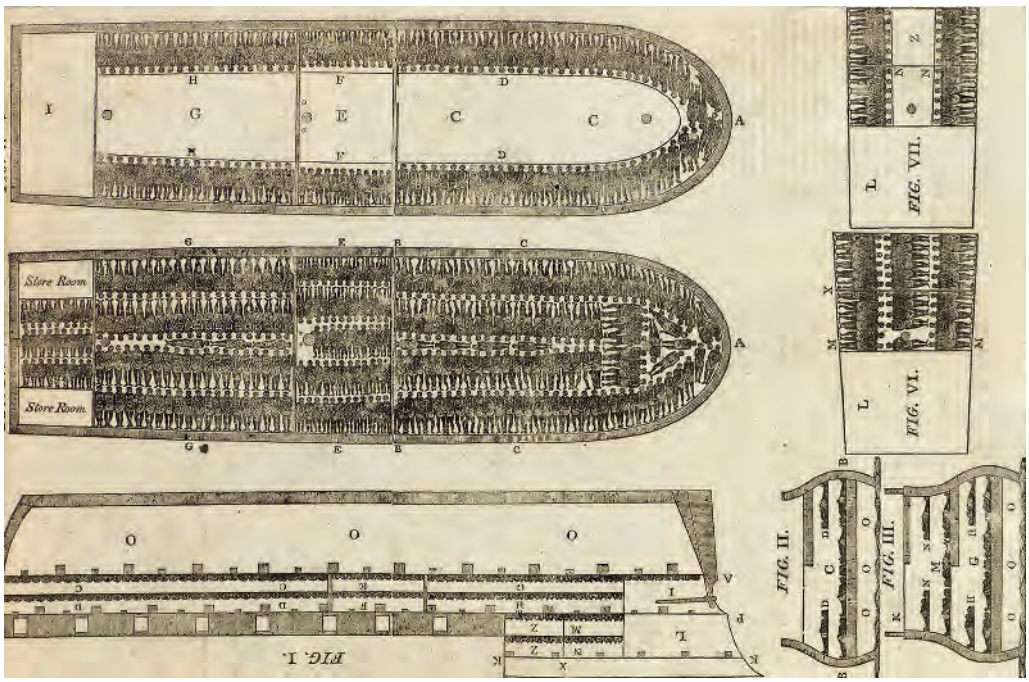
A tripla perda do escravizado

Do século XVI ao XIX, as premissas do extermínio humano podem ser encontradas, por exemplo, no **tráfico de escravizados** que abalou a vida de 10 a 20 milhões de africanos, arrancados de modo atroz de seus lugares de origem para serem transportados para a América. Mbembe diz:

> [...] a condição de escravizado resulta de uma tripla perda: perda de um "lar", perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é expulsão fora da humanidade). [...]
>
> [...] O curso violento da vida de um escravizado se manifesta pela disposição de seu capataz em se comportar de forma cruel e descontrolada ou no espetáculo de sofrimentos imposto ao corpo do escravizado. Violência, aqui, torna-se um componente da etiqueta, como dar chicotadas ou tirar a vida do escravizado: um capricho ou um ato de pura destruição visando incutir o terror. A vida do escravizado, em muitos aspectos, é uma forma de morte-em-vida.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 27-29.

Assim como o genocídio dos povos indígenas, a escravização dos povos africanos expõe a necropolítica do colonialismo europeu diretamente relacionada à fundação da modernidade ocidental. Desde essa época, foi montado um sistema político baseado na junção de burocracia e massacre, sistema que, posteriormente, também se expressou no nazismo.



GRAPHICAARTIS/ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES

Gravura da planta de um navio negreiro representando os escravizados, 1814. Essas embarcações chegavam a transportar até 600 pessoas escravizadas em cada viagem transatlântica. Apelidados de tumbeiros, devido às condições insalubres, estima-se que ao menos um quarto dos escravizados embarcados morriam durante o trajeto.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Explique como, para o filósofo Achille Mbembe, a escravização impôs uma espécie de morte-em-vida.
2. Como as imagens reproduzidas nesta página evidenciam essa ideia de Achille Mbembe?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Máquinas de matar

A partir da Revolução Industrial, o desenvolvimento tecnológico das máquinas de matar em larga escala tornou o extermínio de seres humanos, segundo Mbembe, um procedimento puramente técnico, impessoal e rápido. Entre essas **máquinas de matar** estão guilhotinas, câmaras de gás, bombas aéreas inteligentes, mísseis de longa distância, *drones* etc.

Na era da globalização, o confronto entre adversários com alta e baixa tecnologia militar multiplicou de forma inédita a capacidade destrutiva do mais forte. Essas guerras não visam tanto conquistar e administrar o território do inimigo. Buscam, sobretudo, esmagar o inimigo ou fragmentar seu poder. Nesse contexto, o Estado perde o monopólio da violência, pois não é a única instância que exerce o direito de matar. Mbembe demonstra isso tomando o exemplo da África:

> Muitos Estados africanos já não podem reivindicar monopólio sobre a violência e sobre os meios de coerção dentro de seu território. Nem mesmo podem reivindicar monopólio sobre seus limites territoriais. A própria coerção tornou-se produto do mercado. A mão de obra militar é comprada e vendida num mercado em que a identidade dos fornecedores e compradores não significa quase nada. Milícias urbanas, exércitos privados, exércitos de senhores regionais, segurança privada e exércitos de Estado proclamam, todos, o direito de exercer violência ou matar.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 53.

Não somente na África, mas em diversos lugares do mundo, a erosão da autoridade do Estado multiplicou a existência de "estados paralelos" que dominam territórios, impõem suas "leis" e exercem o direito de matar. Tais **poderes paralelos** (milícias, organizações criminosas, máfias etc.) adquirem tamanha força social que se institucionalizam como empresas, investem milhões no mercado financeiro, comandam legiões de funcionários, corrompem os agentes do Estado e elegem bancadas de parlamentares.

Portanto, a necropolítica contemporânea espalha-se pelo cotidiano das pessoas ocupando territórios onde já não existe garantia do direito à vida, à justiça e à liberdade. Além disso, a necropolítica produz grupos de pessoas que são alvos do necropoder. São considerados **mortos-vivos**, ou seja, pessoas que, por variados pretextos, tornam-se indesejadas, discriminadas, descartáveis; em suma, aptas a morrer sem causar remorso em quem as mata.

STEPHEN MATUREN/GETTY IMAGES

Terrence Floyd mostra camisa com o rosto de seu irmão, George Floyd, assassinado em 2020 por um policial durante uma abordagem em Mineápolis, nos Estados Unidos. Fotografia de 2022. O conceito de necropolítica abarca a violência praticada por forças repressivas do próprio Estado.

Dica

Sobrevivendo no inferno

Racionais MC's. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

O livro traz os *raps* do álbum *Sobrevivendo no inferno*, do grupo Racionais MC's, acompanhados de fotografias e textos de apresentação. Esse álbum, considerado o mais importante do *rap* brasileiro, traz canções que abordam o tema da violência de que são vítimas jovens negros e periféricos. As composições nos fazem refletir sobre como a necropolítica é praticada ainda hoje nas periferias do Brasil.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Rawls: justiça como equidade

Na história política ocidental, sobretudo desde os tempos da Revolução Francesa, encontramos diferentes grupos políticos que lutam por **liberdade** e **igualdade**. No entanto, nem todos conferem a mesma ênfase a esses dois valores. Uns enfatizam os ideais de liberdade; outros, os da igualdade. Em busca da solucão desse impasse, o filósofo político estadunidense John Rawls construiu um modelo de sociedade que seria capaz de conciliar o livre e o igual. A obra de Rawls dialoga com grandes nomes da filosofia política, como Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), Hobbes, Locke, Adam Smith, Rousseau, Kant (1724-1804) e Marx.

Podemos dizer que as reflexões de Rawls se basearam na constatação histórica de que a sociabilidade é inerente ao ser humano. Porém, vivendo em sociedade, a ação de um indivíduo interfere na vida de outras pessoas, provocando, consequentemente, a reação de seus semelhantes. Muitas vezes, como sugeriu Hobbes, essa interferência teve efeitos destrutivos, gerando caos social.

Em *Uma teoria da justiça*, Rawls sustentou que somente haveria uma interação construtiva de condutas quando os membros da sociedade decidissem **cooperar** para obter benefícios recíprocos. Desse modo, nasceria um **novo contrato social** (acordo entre vontades), no qual indivíduos racionais e morais abririam mão de parte de sua liberdade em troca de uma **rede de proteção social**. O objetivo desse acordo voluntário seria construir um equilíbrio entre rivalidades individuais e estabilidade social.

Com esse novo contrato social, os cidadãos deveriam ser considerados **iguais em direitos e deveres**, ou seja, seria justo que todos tivessem igual acesso à:

- liberdade política (direito de votar e ocupar cargo público);
- liberdade de expressão e de reunião;
- liberdade de consciência e de pensamento;
- liberdade individual (direito à integridade física, proteção contra opressão psicológica e contra prisões arbitrárias etc.).

Dica

A justiça e o direito

Alfredo Culleton e Fernanda Frizzo Bragato. São Paulo: Martins Fontes, 2015. (Filosofias: o prazer do pensar).

O livro introdutório constrói um panorama da justiça e do direito ao longo da história, partindo da tradição aristotélica até a atualidade. Discute, entre outras questões, a concepção de justiça distributiva de John Rawls, pautada na conciliação entre liberdade e igualdade, em que a justiça busca equalizar assimetrias sociais.

FREDERIC REGLAIN/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

O filósofo estadunidense John Rawls em Paris, na França. Fotografia de 1987. Rawls defendeu que um Estado justo deve garantir a seus cidadãos igualdade em direitos e deveres.

No entanto, Rawls também considera que todos devem ser igualmente livres para estabelecer quais desigualdades (de riqueza ou de autoridade) são vantajosas e úteis para a preservação do interesse coletivo. Disso se conclui que são justas as **desigualdades (sociais e econômicas) que resultam no maior benefício possível para todos**, sobretudo para os menos favorecidos. Nesse sentido, Rawls afirma:

> Embora a distribuição de riqueza e de renda não precise ser igual, deve ser vantajosa para todos e, ao mesmo tempo, os cargos de autoridade e de responsabilidade devem ser acessíveis a todos. [...] A injustiça se constitui, então, simplesmente de desigualdades que não são vantajosas para todos.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. Martins Fontes: São Paulo, 2008. p. 74-75.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Na construção dessa sociedade livre e igualitária, Rawls concedia primazia à liberdade. Isso ocorre porque, sem liberdade, o ser humano não poderia exercer racionalmente sua vontade, nem mesmo a vontade de escolher uma sociedade justa.

Em sua visão igualitária e liberal, Rawls reconhece a diversidade e as distinções entre as pessoas, pois os seres humanos são diferentes em seus modos de ser e de viver. Porém, as diferenças individuais não poderiam justificar inadmissíveis desequilíbrios socioeconômicos, os quais violam noções fundamentais de justiça consagradas nas Constituições democráticas de vários países contemporâneos. Essas noções fundamentais de justiça estão expressas nas garantias dos direitos à vida, à dignidade e à propriedade, e também dos direitos sociais à alimentação, à saúde, à educação, à moradia etc.

DANIEL LEAL/AFP/GETTY IMAGES

Manifestação durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima em Glasgow, no Reino Unido. Fotografia de 2021. Segundo o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos têm direito à liberdade de opinião e de expressão.

Saiba mais

Segundo a teoria da justiça de John Rawls, para que uma sociedade seja considerada justa, ela deve adotar medidas que assegurem maiores oportunidades para as camadas mais vulneráveis. Assim, nas sociedades justas, os benefícios devem ser distribuídos de modo a favorecer os mais pobres, aqueles que são vítimas de preconceitos ou que foram até então menos amparados pelo Estado. É esse o significado da expressão *justiça distributiva*, que busca sanar as assimetrias sociais responsáveis por vulnerabilizar determinados grupos. Esses grupos passam, portanto, a ser prioridade em políticas públicas de redução das desigualdades, como no caso da implementação de ações afirmativas, das quais é exemplo a Lei de Cotas no Brasil, sancionada em 2012.

ODS 10

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Adorno e Horkheimer: desesperança

Na análise da sociedade de massa, que se desdobra em vários aspectos, um tema muito presente é a crítica da razão. De acordo com Max Horkheimer e Theodor Adorno, a razão iluminista, que visava à emancipação dos indivíduos e ao progresso social, terminou por levar a uma dominação maior das pessoas justamente em virtude do desenvolvimento tecnológico-industrial. Horkheimer acreditava que o problema estava na própria razão controladora e instrumental, que busca sempre a dominação, tanto da natureza quanto do próprio ser humano.

Assim escreveu Max Horkheimer, em 1946, na obra *Eclipse da razão*:

> Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte do pensamento e da atividade do homem, sua autonomia como um indivíduo, sua capacidade de resistir ao crescente aparato de manipulação de massa, seu poder de imaginação, seu juízo independente são aparentemente reduzidos. O avanço dos recursos técnicos de esclarecimento é acompanhado por um processo de desumanização.
>
> HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 8.

No texto *A dialética do esclarecimento*, de 1947, Horkheimer e Adorno fazem duras críticas ao iluminismo, que estimulou o desenvolvimento da razão controladora e instrumental predominante na sociedade contemporânea. Denunciam também o desencantamento do mundo, a deturpação das consciências individuais e a assimilação dos indivíduos ao sistema social dominante.

Em resumo, esses filósofos denunciam a morte da razão crítica, asfixiada pelas relações de produção capitalista. Se denúncias semelhantes já haviam sido feitas no campo do marxismo, o que há de característico nos filósofos da Escola de Frankfurt é a desesperança em relação à possibilidade de transformação dessa realidade social.

Essa desesperança seria atribuída ao diagnóstico da ausência de consciência revolucionária no proletariado (trabalhadores), que teria sido assimilado, absorvido pelo sistema capitalista, seja pelas conquistas trabalhistas alcançadas, seja pela alienação de suas consciências, promovida pela indústria cultural.

O termo *indústria cultural*, difundido por Adorno e Horkheimer, é usado para designar a indústria da diversão de massa, veiculada por meios de comunicação, como televisão, cinema, rádio, revistas, jornais, músicas, propagandas e mídias digitais. Graças à indústria cultural e da diversão seria obtida a homogeneização dos comportamentos, a massificação das pessoas.

A falta de perspectiva de transformação social levou Adorno a se refugiar na teoria estética, ao entender que o campo da arte é o único reduto autêntico da razão emancipatória e da crítica à opressão social.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Na tirinha de André Dahmer, o personagem com uma roupa de proteção laranja e amarela representa um algoritmo da internet. Com base nisso, como você interpreta a tirinha?
2. Como o conceito de indústria cultural nos ajuda a entender o funcionamento das mídias digitais?

© ANDRÉ DAHMER

Tirinha de André Dahmer, 2023.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Habermas: democracia deliberativa

Jürgen Habermas, um dos pensadores de maior influência nas últimas décadas, também discorda de Adorno e Horkheimer em alguns pontos centrais: razão, verdade e democracia. Sabemos que esses dois filósofos chegaram a um impasse quanto à possibilidade de uma razão emancipatória no mundo atual, já que a razão contemporânea estaria asfixiada pelo desenvolvimento do capitalismo, o qual teria entorpecido a consciência do proletariado, perpetuando-se dessa forma como sistema.

De acordo com Habermas, essa é uma posição perigosa em filosofia, pois poderia conduzir a uma crítica radical da modernidade e, em consequência, da razão, o que levaria ao irracionalismo. Para ele, em discurso pronunciado em 1980 e intitulado *Modernidade: um projeto inacabado*, o projeto da modernidade ainda não foi cumprido, ou seja, o potencial para a racionalização do mundo ainda não se esgotou. Por isso Habermas costuma ser descrito como "o último grande racionalista". Essa ideia do filósofo repercutiu em vários de seus escritos, como em *Teoria da ação comunicativa* (1981) e *O discurso filosófico da modernidade* (1985).

De acordo com Habermas, existem alguns pontos falhos na avaliação feita por Adorno e Horkheimer, cuja identificação permitiria estabelecer uma retomada do projeto emancipatório, porém em novas bases. Rompendo com a teoria marxista em alguns de seus pontos fundamentais – por exemplo, a centralidade do **trabalho** e a identificação do **proletariado** como agente da transformação social –, Habermas elabora, como nova perspectiva, outro conceito de razão: uma **razão dialógica**, isto é, aquela que, em determinada situação, nasce do **diálogo** e da **argumentação** entre os agentes interessados.

Trata-se, portanto, da razão que surge da chamada **ação comunicativa**, do uso da linguagem e da conversação como meio de conseguir o **consenso**. Para tanto, é necessária uma ação social que fortaleça as estruturas capazes de promover as condições de liberdade e de não constrangimento, imprescindíveis ao diálogo.

Verdade intersubjetiva e democracia

O conceito de **verdade** também se modifica em função dessa nova perspectiva. Habermas propõe o entendimento da verdade não mais como uma adequação do pensamento à realidade, mas como fruto da ação comunicativa; não como verdade subjetiva, mas como **verdade intersubjetiva** (entre sujeitos diversos), que surge do diálogo entre os indivíduos. Nesse diálogo aplicam-se algumas regras: a não contradição, a clareza de argumentação e a falta de constrangimentos de ordem social, entre outras.

Assim, razão e verdade deixam de constituir conteúdos ou valores absolutos e passam a ser definidas **consensualmente**. E sua validade será tanto maior quanto melhores forem as condições nas quais se dê o diálogo, o que se consegue com o **aperfeiçoamento da democracia**.

O pensamento de Habermas incorpora e desenvolve, portanto, reflexões propostas pela filosofia da linguagem. A ênfase dada por ele à razão comunicativa pode ser entendida como uma maneira de tentar "salvar" a razão, que teria chegado a um beco sem saída. Assim, se o mundo contemporâneo é regido pela razão instrumental, conforme denunciaram os filósofos que o antecederam na teoria crítica, para Habermas caberia à razão comunicativa o papel de resistir a essa razão instrumental e reorientá-la.

AYHAN SIMSEK/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

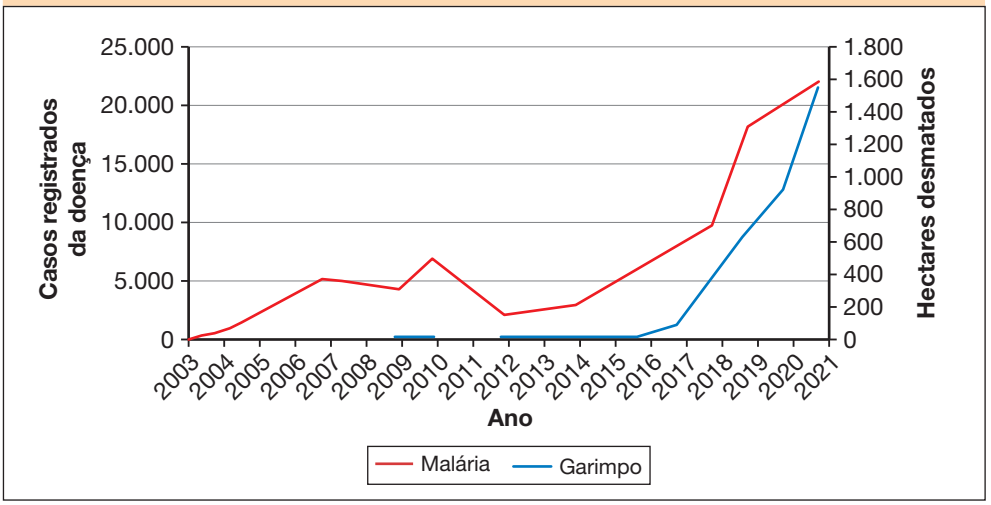
O filósofo alemão Jürgen Habermas discursa em Berlim, na Alemanha. Fotografia de 2017. Habermas propôs um novo conceito de razão – a razão comunicativa – como forma de retomar o projeto emancipatório da humanidade em novas bases.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Responda no caderno.

1. Identifique e caracterize a dupla de revoluções que marcou o mundo contemporâneo.
2. O que foi o Romantismo? A que esse movimento reagia? O que defendia? Identifique correntes filosóficas influenciadas por concepções românticas.
3. Qual foi a crítica feita por Friedrich Hegel às concepções políticas de Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau? Explique a ideia hegeliana de que o Estado precede o indivíduo.
4. O que foi o positivismo? Quais eram seus lemas? O que essa doutrina defendia em termos políticos?
5. Marx foi contrário às explicações metafísicas da tradição filosófica, que consideram o ser humano de forma abstrata, rígida e universal. É correta essa afirmação? Justifique.
6. Explique a caracterização dos séculos XX e XXI como uma "era de incertezas".
7. Quais são as múltiplas formas de dominação a que se refere Michel Foucault, explicitadas por ele em suas investigações sobre a microfísica do poder e a genealogia do poder?
8. A partir de 2017, garimpeiros ilegais invadiram a Terra Indígena Yanomami, na Amazônia. O garimpo ilegal provoca desmatamento e poluição dos rios e do solo com mercúrio, levando à proliferação de doenças entre os indígenas e destruição de seus meios de subsistência. Em paralelo, os garimpeiros ilegais entram em confronto direto com os indígenas, impedem a chegada de profissionais de saúde e desviam alimentos e medicamentos destinados aos Yanomami. No início, a crise sanitária e socioambiental nas terras Yanomami foi praticamente ignorada pelos governos e pelos grandes meios de comunicação. Nesse contexto, milhares de indígenas, incluindo crianças, ficaram desnutridos, gravemente doentes e morreram. Além disso, milhares de hectares de suas terras foram devastados. Com base nessas informações e no gráfico a seguir, faça o que se pede.

Terra Indígena Yanomami: garimpo × malária – 2003-2021



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Fonte: ANDRADE, Jéssica. Garimpo ilegal cresceu 54% na Terra Yanomami apenas em 2022. **Correio Braziliense**, 30 jan. 2023. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/01/5069926-garimpo-ilegal-cresceu-54-na-terra-yanomami-apenas-em-2022.html. Acesso em: 16 jul. 2024.

a. O gráfico apresenta uma correlação entre quais fenômenos? Em que período esses fenômenos se intensificaram?
b. É possível estabelecer uma relação de causalidade entre os fenômenos apresentados no gráfico? Pesquise em fontes confiáveis e justifique com base em dados.
c. Como a crise socioambiental Yanomami pode ser explicada com base no conceito de necropolítica elaborado por Achille Mbembe? Explique.

9. John Rawls construiu um modelo de sociedade livre e igualitária. Por que ele concedeu primazia à liberdade? Qual é a visão de Rawls sobre as desigualdades?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

10. Caracterize o que se poderia definir como "pessimismo teórico" de Theodor Adorno e Max Horkheimer.

11. Jürgen Habermas exprime uma visão mais otimista do que Theodor Adorno e Max Horkheimer em relação a três questões: a razão, a verdade e a democracia. Explique a visão mais otimista do filósofo em relação a essas questões.

12. Karl Marx afirmou que a luta de classes é o motor da história. Considerando que vivemos em um país com imensa desigualdade econômica entre os grupos sociais, em seu entendimento, há luta de classes no Brasil? Por quê? Que classes estariam em conflito? Haveria no país uma classe revolucionária? Reflita e debata com os colegas sobre essas questões.

13. Formem grupos e pesquisem sobre uma versão contemporânea do liberalismo, dirigida ao âmbito econômico, que é conhecida como *neoliberalismo*. Em seguida, debatam com os colegas em sala de aula: o neoliberalismo teve bons resultados? Que críticas ele recebe? Quais são as alternativas ao neoliberalismo? Reflitam, posicionem-se e argumentem sobre essas questões.

14. (Enem-MEC)

> O leproso é visto dentro de uma prática de rejeição, ao exílio-cerca; deixa-se que se perca lá dentro como numa massa que não tem muita importância diferenciar; os pestilentos são considerados num policiamento tático meticuloso onde as diferenciações individuais são os efeitos limitantes de um poder que se multiplica, se articula e se subdivide. O grande fechamento por um lado; o bom treinamento por outro. A lepra e a sua divisão; a peste e seus recortes. Uma é marcada; a outra, analisada e repartida. O exílio do leproso e a prisão da peste não trazem consigo o mesmo sonho político.
>
> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

Os modelos autoritários descritos no texto apontam para um sistema de controle que se baseia no(a)

a. formação de sociedade disciplinar.

b. flexibilização do regramento social.

c. banimento da autoridade repressora.

d. condenação da degradação humana.

e. hierarquização da burocracia estatal.

15. (Enem-MEC)

> Na regulação de matérias culturalmente delicadas, como, por exemplo, a linguagem oficial, os currículos da educação pública, o *status* das Igrejas e das comunidades religiosas, as normas do direito penal (por exemplo, quanto ao aborto), mas também em assuntos menos chamativos, como, por exemplo, a posição da família e dos consórcios semelhantes ao matrimônio, a aceitação de normas de segurança ou a delimitação das esferas pública e privada – em tudo isso reflete-se amiúde apenas o autoentendimento ético-político de uma cultura majoritária, dominante por motivos históricos. Por causa de tais regras, implicitamente repressivas, mesmo dentro de uma comunidade republicana que garanta formalmente a igualdade de direitos para todos, pode eclodir um conflito cultural movido pelas minorias desprezadas contra a cultura da maioria.
>
> HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro**: estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002.

A reivindicação dos direitos culturais das minorias, como exposto por Habermas, encontra amparo nas democracias contemporâneas, na medida em que se alcança

a. a secessão, pela qual a minoria discriminada obteria a igualdade de direitos na condição da sua concentração espacial, num tipo de independência nacional.

b. a reunificação da sociedade que se encontra fragmentada em grupos de diferentes comunidades étnicas, confissões religiosas e formas de vida, em torno da coesão de uma cultura política nacional.

c. a coexistência das diferenças, considerando a possibilidade de os discursos de autoentendimento se submeterem ao debate público, cientes de que estarão vinculados à coerção do melhor argumento.

d. a autonomia dos indivíduos que, ao chegarem à vida adulta, tenham condições de se libertar das tradições de suas origens em nome da harmonia da política nacional.

e. o desaparecimento de quaisquer limitações, tais como linguagem política ou distintas convenções de comportamento, para compor a arena política a ser compartilhada.

16. (Unimontes-MG) A questão das classes sociais ocupa um papel fundamental na teoria de Karl Marx. Para ele, existem condicionantes e determinantes na complexa relação entre indivíduo e sociedade e entre consciência e existência social. Considerando as reflexões de Karl Marx sobre esse tema, identifique a alternativa incorreta.

a. A luta de classes desenvolve-se no modo de organizar o processo de trabalho e no modo de se apropriar do resultado do trabalho humano.

b. A luta de classes está presente em todas as ações dos trabalhadores quando lutam para diminuir a exploração e a dominação.

c. Em meio aos antagonismos e às lutas sociais, o indivíduo pode repensar a realidade, reagir e até mesmo transformá-la, unindo-se a outros em movimentos sociais e políticos.

d. As classes sociais sustentam-se em equilíbrios dinâmicos e solidários, sendo a produção da solidariedade social o resultado necessário à vida em sociedade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

UNIDADE 6

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE

> Sou vigia do meu povo e tento defender minha comunidade, a natureza e a floresta, que é a casa do povo. Para vocês, floresta é meio ambiente; para nós, ela é uma casa onde se guarda a alimentação e onde vivem outros povos indígenas com seus costumes tradicionais.
>
> KOPENAWA, Davi. *In*: FACHIN, Patricia. Bem-Viver: um aprendizado para a humanidade. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, 23 ago. 2010. Disponível em: https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3449-davi-kopenawa. Acesso em: 20 ago. 2024.

Essas frases foram ditas por Davi Kopenawa, xamã e líder indígena Yanomami. Segundo Kopenawa, qual é o significado da floresta para os Yanomami? A comunidade em que você vive se relaciona com a natureza da mesma forma que esse povo indígena?

Com base nessas reflexões, reúna-se com os colegas e discutam de que forma a lógica predatória de exploração da natureza pode estar contribuindo para uma crise ecológica planetária. Proponha alguns caminhos para a preservação do meio ambiente em sua comunidade.

MARCOS AMEND/PULSAR IMAGENS

Na parte inferior, aldeia Watoriki na Terra Indígena Yanomami, em Barcelos, no estado do Amazonas. Fotografia de 2021.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

BRUNO KELLY/REUTERS/FOTOARENA

Pesquisadores instalam rastreadores de GPS em botos, em Tefé, no estado do Amazonas. Fotografia de 2024. Os equipamentos servirão para monitorar os movimentos dos animais e suas reações às mudanças de temperatura. A morte de botos vem sendo causada pela alta temperatura da água e pela seca dos rios amazônicos, fenômenos provocados pelas mudanças climáticas e que representam ameaças à vida aquática.

Esta unidade, "Sociedade e meio ambiente", desenvolve uma temática atual e relevante para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que se refere às relações entre os seres humanos e a natureza.

Os termos *sociedade* e *meio ambiente* estruturam discussões sobre a forma como os indivíduos, grupos e povos organizam o espaço físico-territorial por eles ocupado. Trata-se de debater a ação humana no meio ambiente e o modo como as sociedades se apropriam dos recursos naturais, provocando profundas transformações ambientais.

Esta unidade ocorre nos quatro livros desta coleção. Desse modo, os capítulos de história, geografia, sociologia e filosofia se complementam e favorecem a construção de conhecimento interdisciplinar.

Neste volume, a unidade desenvolve estudos sobre a condição humana, a revolução cognitiva, o conceito de cultura, a questão ecológica, a cosmovisão indígena e o princípio responsabilidade.

Nos próximos dois capítulos, você vai:

- analisar os diversos aspectos da condição humana;
- compreender o significado da revolução cognitiva;
- discutir o conceito de cultura e as noções de diversidade cultural, etnocentrismo e pluralidade;
- avaliar criticamente a lógica de domínio da natureza e discutir a questão ecológica;
- conhecer a cosmovisão indígena com base no pensamento de Ailton Krenak;
- compreender o princípio responsabilidade proposto por Hans Jonas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 11

Condição humana

Muitas características já foram apontadas para definir o que somos: criativos, destrutivos, libertários, submissos, sábios, tolos... Afinal, o que é o ser humano?

Essa questão provavelmente surgiu quando os humanos tomaram consciência de si mesmos e se perceberam como seres separados do mundo em que viviam.

Trata-se de uma questão intrigante porque o sujeito que faz a pergunta – o que é o ser humano? – confunde-se com o próprio objeto que deve ser examinado. Isso significa que essa questão equivale a outra: quem sou eu? Disso derivam muitas outras indagações: o que fundamentalmente nos distingue? Qual é o nosso papel no mundo? O que temos de natural e de cultural?

Na tradição filosófica, surgiram diversas respostas para essas perguntas. Como veremos, houve autores que identificaram a característica distintiva do ser humano no pensamento racional, na linguagem simbólica, na liberdade, no trabalho, no amor ou na conjugação de todos esses elementos. Por meio da linguagem simbólica, por exemplo, somos capazes de produzir textos, canções e obras de arte que expressam ideias, sentimentos, sonhos, questionamentos e muitas outras dimensões da condição humana.

A obra *Fugindo da crítica*, de Pere Borell del Caso (reproduzida nesta página), trata de diferentes aspectos da condição humana ao apresentar uma criança "saindo" de uma pintura, provavelmente procurando escapar dali antes que estudiosos de arte, os "críticos", destruam com seus comentários a obra onde ela se encontra.

Neste capítulo, vamos abordar vários aspectos da condição humana.

FINE ART IMAGES/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - BANCO DA ESPANHA, MADRI

Fugindo da crítica, pintura de Pere Borell del Caso, 1874. A vontade de produzir arte e a criatividade, bem como o incômodo diante de críticas negativas, são aspectos que fazem parte da condição humana.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Animal racional

Uma das mais conhecidas respostas à questão "o que é o ser humano?" foi elaborada pelo filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). Em seu livro *Política*, afirma que o ser humano é um animal racional (*zoon logikon*, em grego). Nessa definição, ser racional constitui a característica que nos distingue da categoria "animal".

E o que significa ser racional? Significa desenvolver a razão (*logos*, em grego), ou seja, a capacidade de pensar de forma sistemática e fundamentada, combatendo preconceitos, mitos, paixões e fantasias. Por meio da razão elaboramos raciocínios, isto é, processos mentais baseados em informações conhecidas para alcançar uma informação nova ou que não estava manifesta.

A exposição do raciocínio em linguagem é chamada de **argumento**, ou seja, a expressão do raciocínio por meio de um conjunto de sentenças ou proposições.

Saiba mais

O raciocínio é estudado por um ramo da filosofia chamado lógica. Em uma definição preliminar, a lógica é a ciência que estuda os métodos do raciocínio, isto é, os princípios que regem o processo de inferência. No entanto, a lógica não consiste em um método exato, fixo, que descreve os diferentes modos de raciocinar, de pensar ou de descobrir. As habilidades do raciocínio dependem de vários fatores, como inteligência, criatividade, curiosidade, percepção aguda e memória de conhecimentos acumulados.

Verifique exemplos de dois tipos de raciocínio: o **dedutivo**, que caminha do geral para o particular, e o **indutivo**, que caminha do particular para o geral. Dedução: todos os mamíferos possuem cérebro; o chimpanzé é um mamífero; logo, todo chimpanzé possui cérebro. Indução: todos os chimpanzés já observados possuem cérebro; logo, todo chimpanzé provavelmente possui cérebro.

Dica

Leitura e escrita de textos argumentativos

Marcus Sacrini. São Paulo: Edusp, 2022.

Nesse livro, o professor de filosofia Marcus Sacrini apresenta técnicas para a leitura e escrita de textos argumentativos. Essas técnicas podem ser aplicadas em textos publicados em diversos meios de comunicação impressos e digitais, como jornais, revistas e fóruns de discussão *on-line*.

Matéria e forma

Aristóteles estabeleceu que, em todos os seres, encontramos dois princípios distintos e inseparáveis: a matéria e a forma.

A matéria é o suporte natural do ser. Esse suporte pode sofrer mudanças em sua forma. Por exemplo, em uma estátua de mármore, a matéria é o mármore, ao passo que a forma é a figura esculpida. Outro exemplo: em uma esfera de bronze, o bronze é a matéria, e a esfera é a forma. Assim, podemos dizer que a forma é o elemento específico que configura a matéria.

No caso do ser humano, a forma é a **psique racional**, isto é, o princípio determinante da vida humana. Já a matéria é representada pelo nosso **corpo**. A parte racional deve guiar nosso lado irracional por meio de um processo em que a razão busca organizar o que está desordenado e dar unidade ao que está disperso.

A musa adormecida, escultura de Constantin Brancusi, 1910. No caso dessa escultura, a matéria é o bronze, e a forma é a cabeça de uma mulher.

© SUCCESSION BRANCUSI/AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: ALBUM/FOTOARENA. LOCALIZAÇÃO: INSTITUTO DE ARTE DE CHICAGO, ILLINOIS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Razão da fé e fé na razão

Inspirando-se em Aristóteles, o filósofo medieval Tomás de Aquino (1225-1274) considerava que os dons potenciais da razão (alma) poderiam se concretizar na matéria, isto é, em nosso corpo, em nossa conduta. Para isso, a vontade racional deveria prevalecer sobre os impulsos naturais. Como filósofo cristão, Aquino acreditava que a vontade racional era guiada por leis divinas, expressas na Bíblia, sobretudo no *Novo Testamento*. Dessa maneira, podemos dizer que Aquino cristianizou as ideias de Aristóteles, procurando oferecer justificativas racionais para a fé cristã.

O pensamento de Aquino e de outros filósofos católicos integrava-se à mentalidade medieval predominante, que considerava o ser humano de um ponto de vista coletivo: pessoas inseridas na cristandade.

A partir do Renascimento, no século XV, as transformações culturais abriram espaço para a expressão das individualidades no campo das artes, das ciências e da filosofia. Foram exaltadas a curiosidade, a livre iniciativa, o espírito aventureiro. Muitos intelectuais renascentistas reduziram a ênfase no "mundo de Deus" (**teocentrismo**) e passaram a valorizar o "mundo humano" (**antropocentrismo**).

Ao contrário de Aquino, os filósofos renascentistas lançaram um olhar laico (não religioso) sobre as ideias de Aristóteles, pois pretendiam revitalizar a confiança no poder da razão. Essa confiança na razão foi, por exemplo, exaltada por Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) em seu *Discurso pela dignidade do homem*. Nesse livro, o autor argumenta que Deus criou o ser humano lhe conferindo a liberdade de construir a si mesmo. Isso significa que Deus não impôs a cada um de nós um destino determinado, previamente definido. Em vez disso, atribuiu às pessoas vontade e discernimento para fazer escolhas. O ser humano pode ser juiz e artesão da própria vida, modelando-se na obra que decidiu ser. Tanto poderá degenerar-se em uma criatura bestial como elevar-se a realidades sublimes.

Coisa pensante

A valorização da razão encontrou sua expressão máxima no racionalismo moderno, que tem como um de seus fundadores o pensador francês René Descartes (1596-1650). Ao definir o ser humano, Descartes sustentou que somos essencialmente uma **coisa pensante** (*res cogitans*). Nesse sentido, escreveu: "[...] nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão" (DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Nova Cultural, 1973. p. 100. (Coleção Os pensadores)).

Por isso, Descartes recomendava só aceitar como verdadeiro aquilo que passasse pelo exame analítico da razão. A sensação, a imaginação e as paixões seriam fontes de erro.

O racionalismo cartesiano influenciou profundamente a cultura ocidental a tal ponto que seu método analítico e matemático transformou-se no modelo universal de todo pensamento científico e filosófico. Com base nessa concepção, desenvolveu-se uma valorização extrema do que é racional, matemático, mensurável, observável e científico. Só a partir do século XX, esse paradigma racionalista foi confrontado com uma visão nova e complexa da realidade, na qual também são valorizadas as emoções, a sensibilidade estética e a força do simbólico. Essa nova visão destacou também a importância da relação recíproca entre mente e corpo, natureza e cultura, sociedade e ecologia, relação abordada no capítulo 12, "Ser humano e meio ambiente".

CRISTOFANO DELL'ALTISSIMO - GALERIA UFFIZI, FLORENÇA

Retrato de Giovanni Pico della Mirandola, pintura de Cristofano dell'Altissimo, século XV. Para Pico della Mirandola, o ser humano, diferentemente dos outros animais, não é constrangido por nenhuma limitação predefinida, como a agressividade que define as feras.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ser de linguagem

Como estudamos, Aristóteles define o ser humano como *zoon logikon*. Entretanto, em grego, o termo *logos* significa tanto "razão" quanto "linguagem". Por isso, o filósofo ressaltou que o ser humano é um ser de linguagem, o único animal que tem o dom da palavra, capaz de elaborar discursos ou mensagens verbais inteligíveis.

Entre os humanos, a linguagem alcançou um desenvolvimento singular e gigantesco. Por meio dela, podemos nos referir a nós mesmos, aos objetos que nos cercam (árvores, animais, rios etc.) e ao mundo da ficção (lendas, mitos, entidades etc.). A linguagem permite compartilhar nosso modo de pensar, sentir e agir. Aliás, segundo a filósofa Hannah Arendt (1906-1975), as pessoas só experimentam o significado das coisas na medida em que podem falar e ser compreendidas entre si. Portanto, a linguagem é indispensável para a vida em comum, para a sociabilidade, para o discurso político. Mais adiante, neste capítulo, abordaremos outros aspectos do pensamento de Arendt.

É por meio da linguagem, por exemplo, que pais e mães se comunicam com os filhos e lhes transmitem suas experiências pessoais, mas também algo mais amplo: as experiências acumuladas e compartilhadas pelo grupo social. Enfim, a linguagem é o chão por onde caminha a cultura, expressando saberes e práticas.

Além disso, a linguagem nos possibilita sair do mundo imediato do aqui e agora, transportando-nos, em pensamento, para o mundo da imaginação, dos sonhos e das memórias. Essa dimensão da linguagem foi, de algum modo, indicada pelo escritor Guimarães Rosa. Em uma passagem de seu livro *Manuelzão e Miguilim*, o menino Miguilim é colocado de castigo pelo pai, mas não se queixa porque, mesmo quieto em um lugar, ele podia "brincar de pensar".

Para ilustrar essa concepção de que somos seres linguísticos, o antropólogo e filósofo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009) propôs o seguinte exercício de imaginação:

> Suponhamos que num planeta desconhecido encontremos seres vivos que fabricam utensílios. Isso não nos dará a certeza de que eles se incluem na ordem humana. Imaginemos, agora, esbarrarmos com seres vivos que possuam uma linguagem que, por mais diferente que seja da nossa, possa ser traduzida para nossa linguagem – seres, portanto, com os quais poderíamos nos comunicar. Estaríamos, então, na ordem da cultura e não mais da natureza.
>
> LÉVI-STRAUSS, Claude *apud* CUVILLIER, Armand. **Sociologia da cultura**. Porto Alegre: Globo, 1975. p. 2.

Segundo Lévi-Strauss, o desenvolvimento da linguagem e da comunicação teria distanciado definitivamente o ser humano da ordem comum dos animais – animais que também somos e nunca deixaremos de ser.

ARCHIVES DU 7EME ART/PHOTO12/AFP

Fotograma do filme *O discurso do rei*, dirigido por Tom Hooper, 2010. De acordo com estudiosos, a experiência da comunicação por meio da linguagem seria um dos aspectos que caracterizam a humanidade.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Por que dizemos que a linguagem é o chão por onde caminha a cultura?**
2. **Crie uma tirinha sobre o papel e a importância do desenvolvimento da linguagem entre os seres humanos. Compartilhe sua produção com os colegas e o professor.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ser simbólico

Expressando essa nossa característica ser linguístico, o filósofo Ernst Cassirer (1874-1945) definiu o ser humano como um animal simbólico, isto é, como o único animal dotado de uma linguagem pela qual atribui sentido às coisas presentes e ausentes, coisas de uma realidade física ou de uma realidade imaginada. Enquanto os demais animais estão mergulhados no universo físico do ser, o ser humano ultrapassa essa dimensão física e também habita o universo simbólico, que se expressa na filosofia, na ciência, no mito, na arte e na religião. Dessa maneira, nossa espécie busca organizar o mundo caótico e inquietante dos fenômenos atribuindo significado às coisas, tecendo explicações sobre sua realidade.

Nas palavras de Cassirer:

> [...] no mundo humano encontramos uma característica nova que parece ser a marca distintiva da vida humana. [...] O homem descobriu, por assim dizer, um novo método para adaptar-se ao seu ambiente. Entre o sistema receptor e o efetuador [do plano físico], que são encontrados em todas as espécies animais, observamos no homem um terceiro elo que podemos descrever como o sistema simbólico. Essa nova aquisição transforma o conjunto da vida humana. Comparado aos outros animais, o homem não vive apenas em uma realidade mais ampla; vive, pode-se dizer, em uma nova dimensão da realidade.
>
> CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 47-48. (Coleção Trópicos).

Levando em conta essas considerações, Cassirer apontou a necessidade de superar uma definição restritiva do ser humano como essencialmente racional. Para ele, além da racionalidade, desenvolvemos uma linguagem simbólica marcada por sentimentos e afetos. Com o termo *simbólico*, Cassirer pretende dar conta de múltiplas dimensões humanas, que abrangem pensamento, linguagem, emoção e atitude.

A filosofia de Cassirer foi importante para combater a extrema valorização da racionalidade como elemento condutor da vida humana. Essa visão racionalista sufocou a riqueza de dimensões tão presentes em nossas vidas, vinculadas à emoção, à sensação e ao imaginário.

OMONIYI AYEDUN OLUBUNMI/ALAMY/FOTOARENA

Escultura representando Odudua, em Ifé, na Nigéria. Fotografia de 2017. No universo simbólico dos mitos iorubás, a divindade Odudua, munida de um saco com um pouco de terra, um dendezeiro e uma galinha, foi responsável pela criação da Terra.

Rousseau: liberdade e perfectibilidade

O filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), em seu livro *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, procurou explicar o que tornaria o ser humano diferente dos outros animais.

Para tratar desse tema, Rousseau supôs que o ser humano do passado tinha a mesma conformação física do atual, ou seja, andava sobre dois pés, usava as mãos como fazemos atualmente, lançava seu olhar sobre a natureza e se admirava com a vasta extensão do céu.

Logo ao nascer, os humanos têm um corpo menos forte e menos ágil do que o de muitos animais. Porém, ao longo da vida, conseguem se organizar de forma mais vantajosa do que várias espécies.

Após refletir sobre o ser humano no sentido físico, Rousseau se propõe a pensá-lo no sentido metafísico (do grego *meta* = "além" + *physis* = "natureza") e moral. Assim, o filósofo aponta duas características que nos diferenciam dos demais animais: a **liberdade** e a **perfectibilidade**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capacidade de ser livre

O animal é conduzido pela natureza para realizar suas necessidades naturais, como comer, beber, dormir, reproduzir-se etc. Já o ser humano, além da natureza, possui um espaço de liberdade, ou seja, uma capacidade de escapar dos instintos naturais. Em função dessa liberdade, a pessoa é capaz de criar um mundo novo, de desenvolver **metafísicas**, isto é, algo além da física, como sugere o sentido original grego da palavra.

Desse modo, ao refletir sobre a condição humana e a capacidade que os seres humanos têm de serem livres, Rousseau começa afirmando: "Em todo animal, vejo apenas uma máquina engenhosa que a natureza dotou de sentidos para recompor-se a si mesma, e para defender-se, até certo ponto, de tudo o que tende a destruí-la ou danificá-la" (ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. *In*: **Rousseau**: escritos sobre a política e as artes. São Paulo: Ubu, 2020. p. 181).

Em seguida, Rousseau identifica o mesmo tipo de funcionamento e de comportamento na "máquina humana", mas destaca uma diferença fundamental: entre os animais, a natureza faz tudo sozinha, ao passo que o ser humano acrescenta à natureza suas qualidades de agente livre.

O animal não pode se afastar da regra que lhe foi prescrita pela natureza. Rousseau ilustra essa questão com o seguinte exemplo:

> Um pombo morreria de fome ao lado de um recipiente com as melhores carnes, e um gato ao lado de uma porção de frutas ou de grãos, embora tanto um como o outro possam muito bem nutrir-se do alimento que desdenham, desde que tivessem a prudência de experimentá-lo.
>
> ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. *In*: **Rousseau**: escritos sobre a política e as artes. São Paulo: Ubu, 2020. p. 181-182.

Ao contrário dos animais de outras espécies, os seres humanos podem cometer atos imprudentes e até morrer em decorrência disso. Mas também podem se autoconstruir. Por que isso acontece? Porque os seres humanos são livres para obedecer ou resistir a algo, segundo Rousseau. Desse modo, o filósofo afirma que, nos seres humanos, "a vontade ainda fala quando a natureza se cala".

Em resumo, na visão de Rousseau, o animal não é livre, porque é limitado pelos instintos naturais e deles não pode escapar. Já o ser humano pode se afastar da natureza, para o bem ou para o mal. Não é tanto a inteligência que nos distingue especificamente dos animais, mas sim a qualidade de ser livre. A natureza manda nos animais, e eles obedecem. A natureza também manda nos seres humanos, mas eles se reconhecem livres para obedecer ou resistir.

Dica

Blade Runner, o caçador de androides

Direção: Ridley Scott. Estados Unidos, 1982. 117 minutos.

Produzido na década de 1980, o filme é uma ficção sobre a vida na Terra no século XXI, época em que as pessoas conviveriam com androides muito semelhantes aos humanos. O filme faz pensar sobre quem somos nós. Haveria algo que nos distingue dos androides, assim como a capacidade de ser livre nos distingue dos outros animais? Uma sequência intitulada *Blade Runner 2049* e dirigida por Denis Villeneuve foi lançada em 2017.

Classificação indicativa do filme *Blade Runner, o caçador de androides*: não recomendado para menores de 14 anos.

Garfield, tirinha de Jim Davis, 1981. Diferentemente dos seres humanos, que são livres, os gatos se comportam de acordo com o instinto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capacidade de se aperfeiçoar

Rousseau também afirma que os humanos, em razão de sua liberdade, detêm a capacidade de se aperfeiçoar, em termos individuais e sociais. Essa capacidade é chamada de **perfectibilidade**.

A criança se transforma em cidadão por meio da educação. As sociedades mudam suas paisagens, seus saberes e suas práticas por meio da cultura. Já o animal é, ao final "de alguns meses, o mesmo que se tornará por toda a vida, e sua espécie, passados mil anos, a mesma do primeiro ano" (ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. *In*: **Rousseau**: escritos sobre a política e as artes. São Paulo: Ubu, 2020. p. 182-183).

Para Rousseau, o animal não se aperfeiçoa porque já nasce pronto pelas mãos da natureza. Já o ser humano vive um processo contínuo de nascer, afinal, temos a capacidade de, em certa medida, construir nossa história, com erros e acertos, vícios e virtudes.

Com base nessa concepção, podemos concluir que não existe em nós uma essência fixa, pronta e acabada, isto é, uma natureza implacável que determina nosso modo de ser e de viver. De um lado, a espécie *Homo sapiens* apresenta uma base natural comum que garante semelhanças entre seus membros. De outro lado, os indivíduos humanos diferem uns dos outros, assim como as sociedades diferem entre si.

As consequências dessas considerações rousseaunianas são imensas. O filósofo francês contemporâneo Luc Ferry indica, por exemplo, que a visão humanista de Rousseau se opõe frontalmente ao **racismo** e ao **machismo**. Por quê? Porque, em relação ao racismo, esse preconceito parte do princípio de que a espécie humana é dividida em "raças" e que cada "raça" tem uma essência comum que a torna diferente de outras.

Decorrem do preconceito étnico-racial certos estereótipos, como os expressos nas frases: "O brasileiro só pensa em samba, futebol e carnaval", "O africano é um brincalhão que não gosta do trabalho", "O árabe é um comerciante esperto" etc. Estereótipos semelhantes também foram criados pelo machismo, que atribui à mulher uma "natureza" mais sensível do que inteligente, uma capacidade para lidar com coisas mais concretas do que abstratas e uma tendência para cuidar da casa e dos filhos em vez de administrar uma empresa, ocupar cargos de liderança em diferentes profissões ou ocupar cargos políticos.

Se observarmos bem, a tese de Rousseau desqualifica todos esses preconceitos étnico-raciais ou machistas. Para o filósofo, homens e mulheres não estão acorrentados por determinações étnico-raciais ou de gênero. Atualmente, lutamos por uma sociedade que nos dê condições para ser o que somos, diferentes e plurais e, ao mesmo tempo, dotados de direitos humanos que devem ser respeitados.

Saiba mais

O racismo está baseado na noção equivocada de que a humanidade está dividida em raças. A seguir, verifique o que diz o biólogo sueco Svante Pääbo, ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 2022, ao ser indagado se o conceito de raça faz sentido.

> Ele [o conceito de raça] não faz sentido do ponto de vista científico. Sempre soubemos que a noção de raça nunca fez sentido. Encontramos as mesmas sequências de DNA em todo lugar do mundo. Se você está na Europa e caminha para o leste, onde é que as pessoas deixam de ser europeias e começam a ser asiáticas? Isso é totalmente arbitrário. Isso é uma questão social. De certa forma, faz sentido trabalhar com o conceito de populações, apesar de a definição de população negra, por exemplo, também não ser muito clara.

PÄÄBO, Svante. Nós e os macacos. [Entrevista cedida a] Marcos Pivetta. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 64, p. 38, maio 2001.

BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - COLEÇÃO PARTICULAR

Ilustração do livro *Emílio*, tratado da educação escrito por Rousseau, 1762. Nesse livro, o personagem Emílio é educado para ser cidadão do mundo, apto para viver feliz em qualquer sociedade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Trabalho

Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) entendem que o trabalho nos distingue dos outros animais. Desse modo, o processo de construção dos meios de vida do ser humano é desenvolvido por meio do trabalho:

> Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida [...]. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material.
>
> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 87.

De acordo com essa visão, o modo como os seres humanos constroem sua existência molda sua vida psíquica e suas relações sociais. No entanto, em seus estudos, Marx fazia uma distinção fundamental entre o **trabalho livre** e o **trabalho alienado**. O primeiro é um ato de criação de vida, de autorrealização. O segundo é um ato de degradação da vida, de exploração, de escravização.

Dessa maneira, o trabalho livre é a expressão característica do ser humano, em termos de capacidade física e mental. Ao se expressar, o ser humano torna-se pessoa e constrói a si mesmo. Nessa perspectiva, trabalhar é uma atividade criadora tipicamente humana. E só criamos verdadeiramente quando estamos livres da exploração. A mais contundente crítica feita por Marx à sociedade capitalista foi que ela perverteu o significado do trabalho, reduzindo-o ao trabalho forçado, alienado e mutilador da criatividade humana.

Portanto, um dos objetivos fundamentais de Marx era a emancipação do trabalho. Isso significava extinguir de algum modo o trabalho alienado para abrir espaço ao trabalho livre, criativo e produtivo.

O sociólogo Domenico De Masi (1938-2023) propõe que, como consequência dos avanços tecnológicos que substituem vários trabalhos humanos, será necessário desestruturar a lógica do trabalho alienado, dando lugar ao trabalho escolhido. Será necessária alguma síntese equilibrada entre trabalho, estudo e lazer. Será preciso valorizar o **ócio criativo**, que se revela em um estado no qual desfrutamos da alegria de viver e de conviver, de estarmos em harmonia conosco, com os outros e com os lugares ao nosso redor. No entanto, o ócio deve ser cultivado para servir à arte de bem viver. Do contrário, pode se degenerar em tédio, ansiedade e vazio existencial.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Lévi-Strauss defendeu que o desenvolvimento da linguagem distanciou os seres humanos da ordem comum dos animais. Considerando essa questão, compare o pensamento de Lévi-Strauss com o de Marx e Engels.
2. Para Marx, o que significa trabalho livre? Qual é a importância desse conceito para o entendimento da condição humana?

COLLART HERVÉ/SYGMA/GETTY IMAGES

Trabalhadores no garimpo de Serra Pelada, em Curionópolis, no estado do Pará. Fotografia da década de 1980. Esses trabalhadores enfrentavam com habitualidade situações perigosas e insalubres, vivendo, ainda, em condições precárias, o que caracteriza uma forma de trabalho alienado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ócio e negócio

Frequentemente, pensamos que grande parte das realizações humanas é fruto do trabalho árduo, disciplinado e perseverante. Porém, não podemos esquecer que inúmeras coisas relevantes criadas pelo ser humano tiveram origem no ócio, isto é, no tempo dedicado ao lazer, ao lúdico, à brincadeira. Como exemplos dessas criações, os arqueólogos Graeber e Wengrow indicaram:

> A cerâmica foi inventada, bem antes do Neolítico, para a confecção de estatuetas, modelos em miniatura de animais e outras figuras, e somente mais tarde resultaria em vasilhas para guardar e cozinhar alimentos. Os primeiros indícios de mineração estão associados à obtenção de minerais usados como pigmentos, e só mais tarde à extração de metais para uso industrial. As sociedades mesoamericanas nunca empregaram meios de transporte com rodas, mas sabemos que tinham familiaridade com raios, rodas e eixos, pois os usavam em brinquedos para crianças. É notório que os gregos antigos formularam o princípio dos engenhos a vapor, mas só os usaram em portas de templos que pareciam se abrir sozinhas ou em ilusões teatrais similares. Igualmente conhecido é o emprego da pólvora por cientistas chineses, mas apenas em fogos de artifício.
>
> Durante quase toda a história, portanto, o âmbito do lúdico e do ritualístico constituiu ao mesmo tempo um laboratório científico e, em qualquer sociedade, um repertório de conhecimentos e técnicas que poderiam ou não ser aplicados na solução de problemas práticos.

GRAEBER, David; WENGROW, David. **O despertar de tudo**: uma nova história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 743.

Ócio e *negócio* são palavras contrapostas, sendo que, etimologicamente, negócio é a negação do ócio. O negócio aponta para o campo do trabalho regular e da necessidade. Já o ócio aponta para a atividade de lazer, para a liberdade e o prazer.

Se pensarmos que vida é tempo, o ócio abre espaço para a liberdade, isto é, para que você se torne dono de seu tempo, dono de sua vida. Já o negócio está mais ligado à garantia da sobrevivência e segurança. Atualmente, a palavra *negócio* tem o sentido de transação comercial, mas podemos utilizá-la no sentido de um trabalho que impõe missão, submissão e obediência a rotinas.

Isso fica claro na Antiguidade clássica, constituída de sociedades escravistas, quando se costumava dizer que **a liberdade é filha do ócio**, ao passo que o negócio era coisa de quem era escravizado. Aristóteles, por exemplo, foi taxativo ao afirmar que o ócio era indispensável para o exercício da cidadania. Para ele, como destacou na obra *Política*, o trabalho braçal, no campo ou na cidade, era considerado degradante. Foi, portanto, na Antiguidade clássica que predominou a concepção de que as atividades intelectuais tinham mais prestígio do que as atividades braçais. Posteriormente, o pensamento cristão medieval manteve essa tradição de considerar a vida intelectual mais digna do que as ocupações da vida prática.

No início da era moderna, com a ascensão da burguesia, essa hierarquia entre ócio e negócio começou a sofrer transformações. A doutrina calvinista, por exemplo, considerava que o trabalho intenso, honesto e constante não somente levava à prosperidade econômica, mas também sinalizava a salvação eterna. Em certo momento, nas sociedades capitalistas industriais, o trabalho foi tão exaltado que o ócio virou sinônimo de vagabundagem. Ainda hoje, o ócio é associado a uma cabeça vazia. Daí o provérbio popular: "Cabeça vazia é oficina do diabo". Esse ditado popular pressupõe que, se a pessoa não tem um trabalho para fazer, ela cai no vazio, no tédio, na depressão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

PIETER BRUEGEL, O VELHO - MUSEU DE HISTÓRIA DA ARTE, VIENA

Caçadores na neve, pintura de Pieter Bruegel, o Velho, 1565. Nessa tela, além de retratar a paisagem característica na região de Flandres (Países Baixos) durante o inverno, o artista representa detalhes do cotidiano das pessoas no século XVI, mostrando como a vida comunitária se organizava em torno do trabalho.

No mundo contemporâneo, o trabalho permanece como tema central. A impressão que temos é a de que tudo gira em torno dele: a família, as relações afetivas, o lazer, a educação e mesmo a saúde. Existem pessoas, os chamados *workaholics*, que se sentem mal nos fins de semana prolongados ou quando tiram férias. Pessoas que experimentam esse sentimento provavelmente consideram que o trabalho é a única coisa valiosa em suas vidas. Nessa mesma linha, repare que, quando alguém pergunta "Quem você é?", as pessoas costumam responder dizendo o nome da profissão que elas exercem: sou médico, motorista, entregador, pedreiro, advogado, analista de sistemas, professor, estudante...

Nas últimas décadas, no contexto da relação entre ócio e negócio, quando o trabalho parecia ser a única coisa capaz de trazer dignidade ao ser humano, surgiu uma nova tendência que considera o ócio indispensável à criatividade e à construção de projetos de vida. Assim, no século XXI, entramos em um momento decisivo de reconhecer que ócio e negócio são pilares fundamentais para a vida saudável. Ambos devem ser equilibrados na construção de uma personalidade integral, em suas dimensões ética, política, estética, emocional etc.

Amor

O amor impulsiona a atração entre pessoas. Pensadores como Sigmund Freud (1856-1939) consideram que o amor é um dos fundamentos do convívio e da cultura. Para ele, o primeiro êxito cultural foi reunir certo número de pessoas em comunidade.

De maneira semelhante, o filósofo contemporâneo alemão Axel Honneth defende que o amor constitui a primeira esfera do **reconhecimento social**. Para Honneth, formamos nossa identidade pessoal quando nos reconhecemos no plano interpessoal, ou seja, o indivíduo só se relaciona bem consigo mesmo na medida em que também é reconhecido por seu grupo. Caso isso não ocorra, trava-se uma **luta por reconhecimento social**, que também é uma luta por afirmação da própria identidade. Essas ideias são defendidas sobretudo na obra de Honneth intitulada *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*.

De acordo com Honneth, a esfera do amor tem início nas relações entre pais e filhos e entre familiares e amigos, que nos possibilitam desenvolver os laços interpessoais em grupos restritos. Por meio desses laços, uma pessoa aprende a amar a si mesma e também a amar os outros. Aprende a desenvolver **autoconfiança** e, sobre esse pilar, constrói sua personalidade e reconhece o outro como alguém que também precisa de amor e reconhecimento. Assim, o amor é o fio com o qual tecemos relações de solidariedade, confiança e respeito aos direitos humanos.

AMANDA FRANCELINO

Casamento de Amanda e Aline, realizado na capital de São Paulo. Fotografia de 2023. Para Axel Honneth, a experiência do amor está atrelada ao reconhecimento social e permite a ampliação do amor de si e da autoconfiança.

Dica

A. I. – Inteligência artificial

Direção: Steven Spielberg. Estados Unidos, 2001. 146 minutos.

Um casal que perdeu o filho decide adotar um menino-robô capaz de ter emoções humanas e especialmente programado para demonstrar amor incondicional por sua proprietária-mãe. O filme mostra as dificuldades enfrentadas por esse menino-robô.

Classificação indicativa do filme *Inteligência artificial*: livre.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Significados do humano

Os dois poemas a seguir encerram concepções distintas a respeito do ser humano. O primeiro, intitulado "Se", é de autoria do poeta britânico Rudyard Kipling. O segundo, cujo título é "Traduzir-se", foi escrito pelo poeta brasileiro Ferreira Gullar. Leia-os atentamente e faça o que se pede.

Texto 1

Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;
De crer em ti quando estão todos duvidando,
E para esses no entanto achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te **esquivares**,
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar – sem que a isso só te atires,
De sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores;
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
Em armadilhas as verdades que disseste,
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado, tornar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe,
E a persistir assim quando, exaustos, contudo,
Resta a vontade em ti que ainda ordena: "Persiste!";

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
E, entre reis, não perder a naturalidade,
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
Se a todos podes ser de alguma utilidade,
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que mais – tu serás um homem, ó meu filho!

Esquivares: conjugação do verbo *esquivar*, que significa evitar, fugir de algo desagradável.

Resignado: que expressa aceitação; conformado.

KIPLING, Rudyard. Tradução de Guilherme de Almeida. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 5 maio 2007. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u92310.shtml. Acesso em: 11 abr. 2024.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Texto 2

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

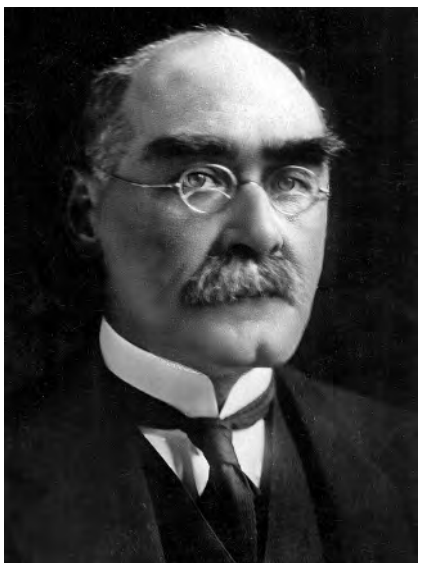
Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

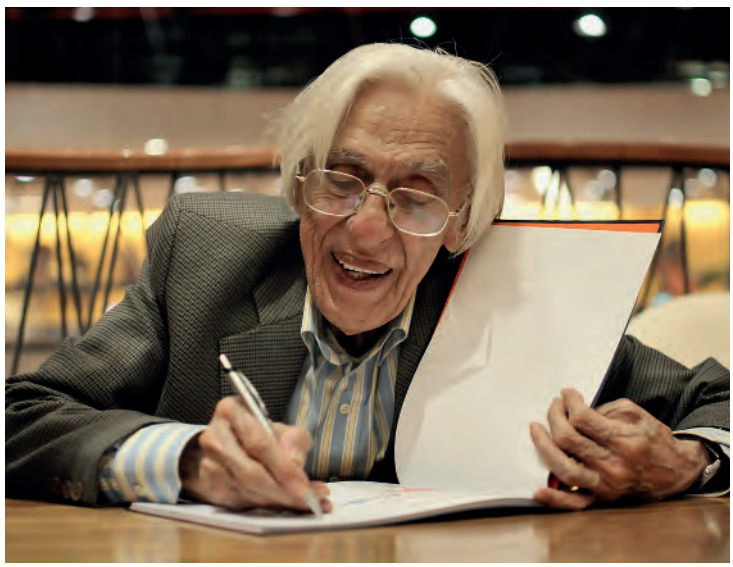
Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

GULLAR, Ferreira. **Na vertigem do dia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 30-31.



CULTURE CLUB/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

O poeta britânico Rudyard Kipling, 1925.



FÁBIO GUINALZ/FOTOARENA

O poeta brasileiro Ferreira Gullar durante lançamento de livro na capital de São Paulo, 2013.

Atividades

Responda no caderno.

1. As quatro estrofes do poema de Kipling começam com a conjunção condicional *se*. Explique o que esse uso expressa.
2. Analisando o poema de Ferreira Gullar, podemos dizer que somos um todo com partes uniformes? Ou, pelo contrário, somos formados de partes complexas, contraditórias e plurais? Justifique sua resposta.
3. Com quais das características humanas expressas nos dois poemas você mais se identifica? Justifique sua escolha.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Hannah Arendt: a condição humana

Hannah Arendt nasceu na Alemanha e pertencia a uma família judaica. Estudou com os filósofos Martin Heidegger (1889-1976) e Karl Jaspers (1883-1969). Apesar de seu amplo diálogo com a tradição filosófica, ela recusava o título de filósofa, por não construir categorias universais como faziam os filósofos. A autora, portanto, preferia ser chamada de teórica política.

No período do regime nazista na Alemanha (entre 1933 e 1945), Arendt foi forçada a fugir de seu país natal, refugiando-se nos Estados Unidos. Ali se tornou professora universitária e escreveu algumas de suas principais obras, como *Origens do totalitarismo* (1951), *A condição humana* (1958) e *Eichmann em Jerusalém* (1963). Essas obras influenciaram profundamente o pensamento político contemporâneo, sobretudo dos filósofos Jürgen Habermas, Seyla Benhabib e Giorgio Agamben.

A seguir, analisaremos alguns aspectos da obra *A condição humana*. Inicialmente, deve-se destacar que Arendt rejeitava a ideia de **natureza humana**.

Para a autora, o ser humano **jamais** é um simples "quê", uma coisa, um objeto com características predeterminadas que possam ser conhecidas e definidas de forma absoluta. Não existe uma natureza humana no sentido de um conjunto de características sem as quais deixaríamos de ser humanos. Ao contrário, o ser humano é um "quem", ou seja, uma **singularidade**, um ser único desde seu nascimento.

Segundo Arendt, podemos apenas falar em **condição humana**, que não explica o que ou quem somos, mas delineia condições pelas quais vivemos, que são produzidas tanto pela natureza quanto pelo próprio ser humano, podendo assim ser alteradas. A condição humana é formada pela soma de atividades e capacidades do ser humano. Nesse sentido, para Arendt, o tema central de sua obra é "**O que estamos fazendo**".

A pensadora entendia que a condição humana se manifesta em três atividades gerais: o trabalho, a obra e a ação. Vamos analisar cada uma dessas atividades.

Dica

Hannah Arendt

Direção: Margarethe von Trotta. França, Alemanha e Luxemburgo, 2012. 113 minutos.

Filme baseado na vida de Hannah Arendt. A obra aborda o período em que ocorre o julgamento do oficial nazista Adolf Eichmann, em 1961, e a forma como Hannah Arendt escreveu sobre o caso. Ao longo da trama, temas como o antissemitismo, o nazismo e o mal são analisados e discutidos.

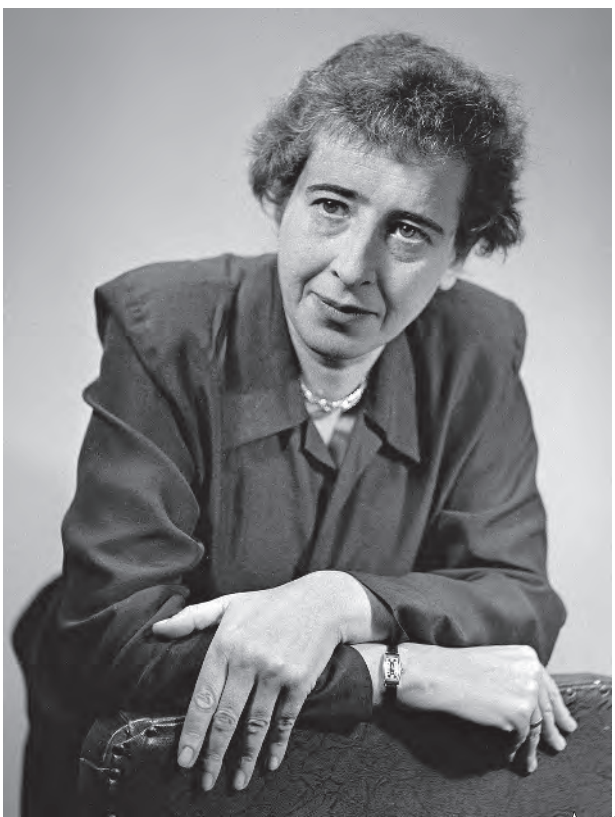
Classificação indicativa do filme *Hannah Arendt*: não recomendado para menores de 12 anos.

Saiba mais

Estudiosos consideram que a obra *A condição humana* apresenta reflexões fundamentais até os dias de hoje.

> [...] percebe-se, desde as primeiras páginas [da obra *A condição humana*], que se está diante de um texto grandioso, que busca compreender "o que" o homem moderno está fazendo e "como" está realizando as atividades que o condicionam, as quais correspondem ao manter-se vivo, à criação de um mundo artificial e à ação no espaço público.

PASSOS, Fábio Abreu dos. "Pensar o que estamos fazendo": o alcance d'A condição humana no pensamento filosófico-político contemporâneo. **Princípios: Revista de Filosofia**. Natal, v. 25, n. 48, p. 90, set./dez. 2018.



FRED STEIN ARCHIVE/ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES

A filósofa alemã Hannah Arendt. Fotografia de 1949.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Trabalho: reprodução da vida

O trabalho é imposto pela necessidade de comer, beber e reproduzir a própria vida humana. Não há espaço para a liberdade no trabalho, que corresponde a processos predominantemente biológicos e automáticos. Em relação a esses processos, os seres humanos são iguais, sem particularidades entre si. O trabalho garante a sobrevivência do indivíduo e da espécie.

Basicamente, o trabalho é a reprodução da vida natural, que constitui um fato da existência biológica humana. Para o ser humano, o trabalho é a produção para o consumo, de modo que seus produtos não têm durabilidade. Como afirma Arendt:

> [...] é típico de todo trabalho nada deixar atrás de si, que o resultado do seu esforço seja consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido. E, no entanto, esse esforço [...] decorre de enorme premência e é motivado por um impulso mais poderoso do que qualquer outro, pois a própria vida depende dele.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 107-108.

A pensadora critica o espaço exagerado que o trabalho ganhou nas sociedades modernas, a ponto de toda atividade séria ser chamada de trabalho e as demais atividades serem consideradas lazer. Segundo a autora:

> Diz-se frequentemente que vivemos numa sociedade de consumidores, e, uma vez que [...] o trabalho e o consumo são apenas dois estágios do mesmo processo, imposto ao homem pelas necessidades da vida, isso é o mesmo que dizer que vivemos em uma sociedade de trabalhadores. [...] quase conseguimos reduzir todas as atividades humanas ao denominador comum de assegurar as coisas necessárias à vida e produzi-las em abundância. Não importa o que façamos, supostamente o faremos com vistas a "prover nosso próprio sustento"; é esse o veredito da sociedade, e vem diminuindo rapidamente o número de pessoas capazes de desafiá-lo [...].

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 156-157.

De acordo com Arendt, uma sociedade pautada apenas pelo trabalho está presa à necessidade, a ciclos que se repetem e não abrem espaço para o novo. Seu resultado é a própria cultura de massas, na qual todos buscam avidamente por diversão para compensar a penosa situação de viver para trabalhar em vez de trabalhar para viver.

JEAN-FRANÇOIS MILLET - MUSEU D'ORSAY, PARIS

As respigadoras, pintura de Jean-François Millet, 1857. Segundo a concepção de Hannah Arendt, no trabalho predominam processos biológicos e automáticos.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Hannah Arendt afirma que "vivemos em uma sociedade de trabalhadores". Por quê?
2. O fato de o trabalho ter um espaço exagerado na sociedade é visto como algo positivo ou negativo por Arendt? Explique.
3. Você consegue identificar, hoje, elementos que demonstrem a centralidade do trabalho na vida das pessoas? Converse sobre o assunto com um colega e registrem suas conclusões no caderno.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Com base no pensamento de Hannah Arendt, escreva um parágrafo diferenciando obra e trabalho.
2. Procure encontrar, em seu cotidiano, exemplos que demonstrem o desaparecimento da distinção entre trabalho e obra. Justifique suas escolhas.

Obra: fabricação do mundo artificial

Na visão de Hannah Arendt, a atividade da obra corresponde à fabricação de coisas duráveis, que têm alguma permanência. É uma atividade que decorre da necessidade humana de criar um mundo artificial, separado da natureza. Esse mundo artificial estabiliza a vida humana, diante das constantes mutações inerentes aos ciclos naturais. Esse mundo permanece após a morte do ser humano, ultrapassando a existência de seus fabricantes. Nesse sentido:

> O mundo, o lar construído pelo homem na Terra e fabricado com o material que a natureza terrena coloca à disposição de mãos humanas, consiste não de coisas que são consumidas, mas de coisas que são usadas. Se a natureza e a Terra constituem, de modo geral, a condição da *vida* humana, então o mundo e as coisas do mundo constituem a condição na qual essa vida especificamente humana pode estar em casa na Terra.
>
> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 167.

Então, enquanto o trabalho consiste na produção e no consumo da vida, a obra consiste na produção e no uso do mundo. Ao serem usadas, as obras **não** seriam imediatamente destruídas, embora possam se desgastar. Por sua obra, o ser humano fabrica bens duráveis, como uma cadeira, uma mesa, uma casa. São bens que interrompem os incessantes ciclos destrutivos do consumo, estabilizando a existência humana no mundo.

Porém, nas sociedades modernas, a distinção entre trabalho e obra desapareceu. Todas as coisas se tornaram bens de consumo, descartáveis, com a única finalidade de sustentar a vida, e não o mundo humano.

© PANTER AND HALL FINE ART, LONDON/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - COLEÇÃO PARTICULAR

Burlington Arcade, pintura de Sophy Bristol, 1973. A tela retrata um centro comercial na cidade de Londres. De acordo com Hannah Arendt, o mundo do trabalho é voltado para o consumo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ação política: pluralidade

Arendt afirma que a ação política corresponde à condição humana da **pluralidade**, ou seja, ao fato de que os seres humanos existem sempre no plural, porque cada um de nós é singular, único, desde seu nascimento, e vive junto com outros seres humanos. É a única atividade que ocorre **diretamente** entre humanos, sem a mediação de objetos artificiais ou de matéria natural. Como afirma a pensadora:

> A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e da distinção. Se não fossem iguais, os homens não poderiam compreender uns aos outros e os que vieram antes deles, nem fazer planos para o futuro [...]. Se não fossem distintos, [...] não precisariam do discurso nem da ação para se fazerem compreender. [...]
>
> Agir, em seu sentido mais geral, significa tomar iniciativa, iniciar [...], imprimir movimento a alguma coisa [...].
>
> O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso [...] só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. [...]
>
> A ação e o discurso são tão intimamente relacionados porque o ato primordial e especificamente humano deve conter [...] resposta à pergunta que se faz a todo recém-chegado: "Quem és?". Essa revelação de quem alguém é está implícita tanto em suas palavras quanto em seus feitos [...].
>
> Essa qualidade reveladora do discurso e da ação passa a um primeiro plano quando as pessoas estão *com* as outras, nem "pró" nem "contra" elas – isto é, no puro estar junto dos homens.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 219-225.

Para Arendt, quando agimos e falamos no espaço público, compartilhamos nossa singularidade, nossos pontos de vista sobre o mundo, mostrando aos outros quem somos e contribuindo para a criação de novas realidades. Pela ação, o ser humano se sente pertencente ao mundo. Ele sai das sombras do **espaço privado** e ingressa nas luzes do **espaço público**, no qual cada singularidade aparece.

Em suma, pela ação e pelo discurso, somos livres para ser quem somos, escapando da necessidade que ainda existia nas atividades do trabalho e da obra. Entretanto, como as consequências da ação política são imprevisíveis, é fundamental agirmos com **responsabilidade**, pela construção de um mundo comum.

A ação política não pode aniquilar a pluralidade humana, sob o risco de destruir a si mesma. Agir significa convencer, persuadir os outros, e não forçá-los ou obrigá-los a aceitar nossos pontos de vista. A ação não se dá pela violência, mas sim pelo **discurso persuasivo no espaço público**.

As várias juventudes, com seus estilos e gostos singulares, refletem a condição humana de pluralidade.

PAULO MANZI/ARQUIVO DA EDITORA

Enfoque

Responda no caderno.

1. Com base no pensamento de Hannah Arendt, o que significa dizer que somos todos iguais em nossa diferença?
2. Por que, para Arendt, a ação política é a atividade propriamente livre do ser humano? Compare a ação política com o trabalho e a obra.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Síntese humana

A seguir, vamos estudar como o ser humano representa a síntese complexa de diversas características que, ao final, definem sua singularidade. Para isso, precisamos articular a racionalidade, a linguagem e a perfectibilidade humana com a relação natureza-cultura.

Comecemos com algumas constatações sobre nossas habilidades corporais.

Se compararmos, por exemplo, o corpo humano com o de outros animais, constataremos que o nosso corpo não é tão capacitado quanto o deles para enfrentar uma série de dificuldades. Como ilustra o arqueólogo australiano Gordon Childe (1892-1957), não temos, por exemplo, um couro peludo como o do urso-polar para manter o calor corporal em um ambiente frio. O corpo humano também não é excepcionalmente bem adaptado, como o de alguns animais, à fuga, à autodefesa ou à caça. Por isso, não temos a capacidade de correr como uma lebre ou um avestruz. Não temos a coloração protetora do tigre ou a armadura defensiva da tartaruga ou da lagosta. Não temos asas para voar e poder localizar mais facilmente uma presa. Faltam-nos o bico, as garras e a acuidade visual do gavião. No entanto, observa Childe:

> O ser humano pode ajustar-se a um número maior de ambientes do que qualquer outra criatura, multiplicar-se infinitamente mais depressa do que qualquer mamífero superior, e derrotar o urso-polar, a lebre, o gavião e o tigre, em seus recursos especiais. Pelo controle do fogo e pela habilidade de fazer roupas e casas, o homem pode viver, e vive e viceja, desde os polos da Terra até o Equador. Nos trens e automóveis que constrói, pode superar a mais rápida lebre ou avestruz. Nos aviões e foguetes pode subir mais alto do que a águia, e, com telescópios, ver mais longe do que o gavião.
>
> Mas fogo, roupas, casas, trens, automóveis, aviões e telescópios não são parte do corpo humano. Eles não são herdados no sentido biológico. O conhecimento necessário para sua produção e uso é parte do nosso legado social. Resulta de uma tradição acumulada por muitas gerações e transmitida, não pelo sangue, mas através da linguagem (fala e escrita). É o cérebro grande e complexo, centro de um extenso e delicado sistema nervoso, que permite ao ser humano desenvolver cultura.

CHILDE, Gordon. **A evolução cultural do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 40-41.

F DE JESUS/SHUTTERSTOCK

Cerâmicas de inspiração marajoara à venda em Belém, no estado do Pará. Fotografia de 2022. As cerâmicas marajoaras, que permitem preservar e cozinhar alimentos, são fruto da cultura homônima, desenvolvida por povos indígenas na Ilha de Marajó há cerca de 3 mil anos.

Por esse argumento, podemos concluir que, diferentemente dos outros animais, os humanos não são apenas seres biológicos produzidos pela natureza; são também seres que **modificam a natureza** e **desenvolvem cultura**, ou seja, somos seres fundamentalmente culturais, e a cultura molda nossas vidas.

> Um dos fatos mais importantes sobre nós [seres humanos] talvez seja que todos nascemos com o equipamento natural para viver milhares de tipos de vida, mas acabamos vivendo somente uma.
>
> [...]
>
> [...] A cultura [...] não é apenas um aspecto ornamental da existência humana, mas – a base principal de sua especificidade – a condição essencial para tal existência.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. Nova York: Basic Books, 1973. p. 45-46. (Tradução nossa).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Inato e adquirido

Aprendemos em biologia que boa parte do comportamento dos animais está vinculada a reflexos e instintos (padrões inatos, não aprendidos, de conduta), relacionados a estruturas biológicas hereditárias. Assim, o comportamento de um inseto é praticamente igual ao de qualquer outro de sua espécie, hoje e sempre. É o que observamos, por exemplo, na atividade das abelhas nas colmeias ou das aranhas tecendo suas teias.

Outro exemplo são os filhotes de mamíferos, que, de maneira geral, já nascem sabendo como sugar o leite materno. Em contrapartida, discute-se atualmente que o ato de amamentar não é instintivo por parte da mãe, pois os seres humanos, diferentemente dos outros animais, são influenciados pela cultura.

Vale mencionar também que algumas espécies animais apresentam, além dos comportamentos considerados inatos, algumas reações imprevisíveis, mais flexíveis, que variam de acordo com as circunstâncias ambientais. É o caso, por exemplo, de cães e gatos, nos quais se percebe muitas vezes o que se poderia chamar de "personalidade". Em chimpanzés e gorilas, é possível encontrar atos inteligentes e uma capacidade elementar de raciocínio.

Todavia, se incluirmos o ser humano nessa comparação, podemos inferir que existe grande diferença entre o comportamento dele e o dos animais em geral no que diz respeito a certas habilidades. Para dar um só exemplo, mesmo o chimpanzé mais evoluído possui apenas **rudimentos** daquilo que lhe permitiria desenvolver a linguagem simbólica – como qualquer humano saudável é capaz de fazer. O ser humano desenvolve a linguagem simbólica e tudo o que dela resulta: aprender, reelaborar o conteúdo aprendido e promover o novo (inventar).

Rudimentos: estruturas ou elementos iniciais. O termo se refere também a noções básicas ou superficiais a respeito de algo.

CHRISTIE'S IMAGES/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - COLEÇÃO PARTICULAR

Mãe e suas crianças em Saint-Siméon: amor de mãe, pintura de Adolphe-Félix Cals, 1877. Segundo pesquisadores, tanto filhotes de outros mamíferos como bebês apresentam o ato instintivo da amamentação.

Saiba mais

A linguagem simbólica corresponde ao sistema de símbolos, isto é, de signos que, por convenção (acordo entre as pessoas), representam alguma coisa. Por exemplo, as línguas portuguesa, inglesa, tupi etc.

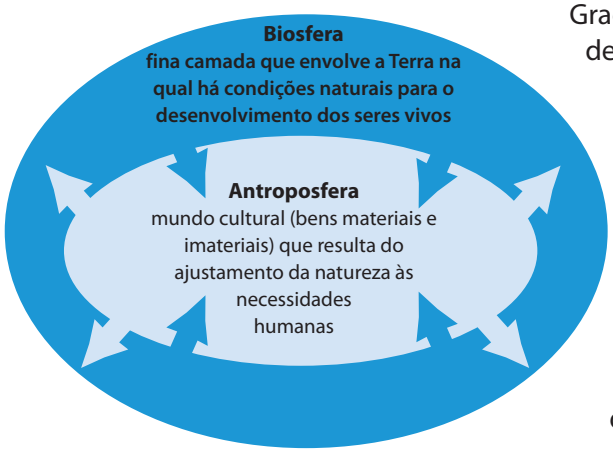
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Biosfera e antroposfera

A vida de cada animal é, em grande medida, semelhante ao padrão básico vivido por sua espécie. Já o ser humano detém a capacidade de romper com boa parte de seu passado, questionar o presente e criar a novidade futura.

Assim, podemos dizer que o ser humano não nasce pronto pelas "mãos da natureza". Como defendem pensadores como Jean-Paul Sartre e Hannah Arendt, a vida humana seria um "parto" constante, um processo contínuo de nascimento e construção de si mesmo. Evidentemente, o ser humano constrói a si mesmo dentro de suas condições biológicas e de seu contexto histórico.

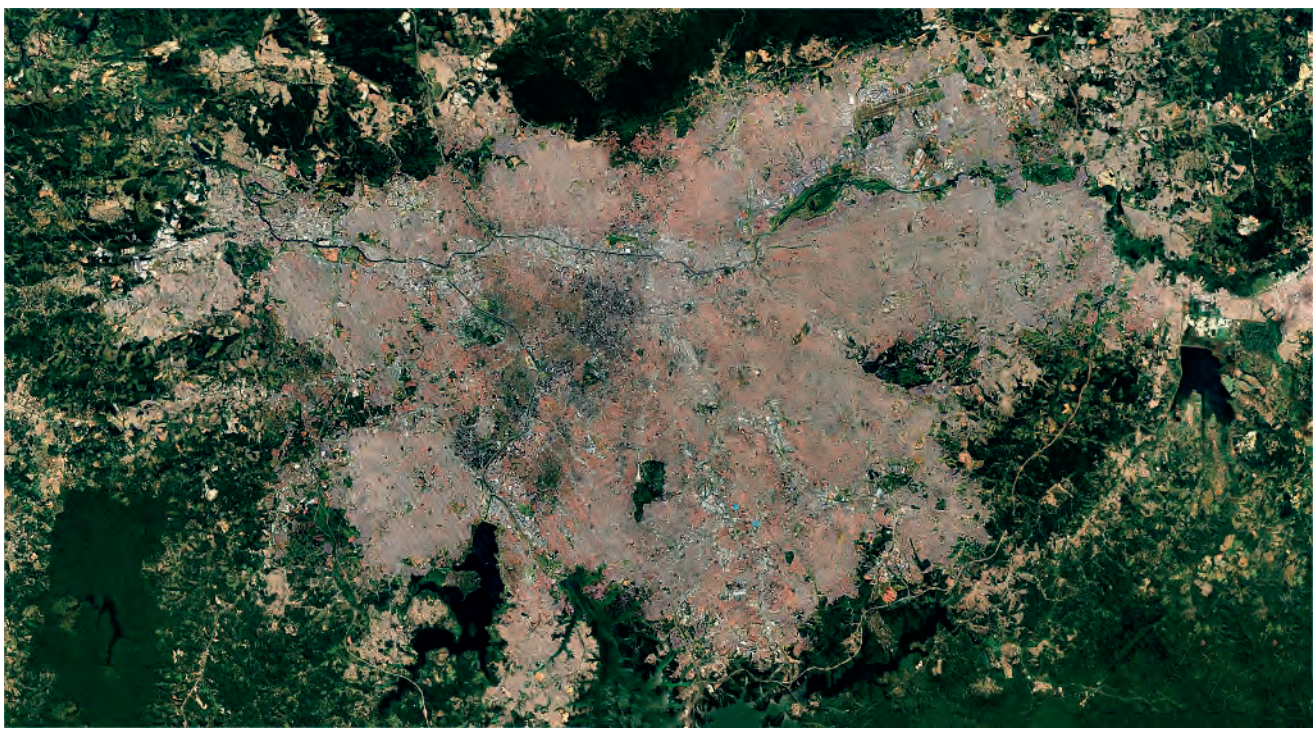
Do ponto de vista biológico, a característica humana de aprender e criar, de perceber, interpretar e comunicar o que percebeu, de transformar a si mesmo e o que está a seu redor parece estar intimamente ligada à complexidade de seu **sistema nervoso** e, especificamente, do **cérebro humano**.



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Graças à **plasticidade** (capacidade de modelar-se e ser modelado) de seu sistema nervoso, o organismo humano apresenta condutas inatas e aprendidas. Assim, desenvolveu a consciência reflexiva, a socialização, a linguagem, que se manifestam em forma de cultura.

Por meio da cultura, o ser humano criou para si um "mundo novo", diferente do cenário natural originalmente encontrado. Em outras palavras, dentro da **biosfera**, a parte do planeta que reúne condições para o desenvolvimento da vida, os humanos foram construindo a **antroposfera**, a parte do mundo que resulta do ajustamento da natureza às necessidades humanas.



© 2024 MAXAR TECHNOLOGIES, AIRBUS/GOOGLE MAPS

Imagem de satélite da Região Metropolitana de São Paulo, 2024. Essa imagem mostra a intervenção humana no espaço, construindo o que pode ser designado como antroposfera.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Natureza-cultura

A antroposfera, criada pelas diferentes culturas, é a morada do ser humano no mundo. Constitui o **cosmo humano**, um espaço construído por realizações e conhecimentos desenvolvidos pelos diferentes grupos sociais.

Isso significa que no ser humano ocorre uma **síntese**, uma integração de características hereditárias e adquiridas, inatas e aprendidas, aspectos individuais e sociais, elementos naturais e culturais. Em contraste com outros animais, o ser humano está submetido a diversas condições naturais, mas demonstrou que pode superar várias dessas limitações em função da cultura. Como afirmou o filósofo francês contemporâneo Edgar Morin, somos seres plenamente biológicos e plenamente culturais.

Essa condição parece fazer dos humanos seres inquietos, ambíguos, contraditórios, instáveis e dinâmicos. Seres com a capacidade de projetar e antecipar soluções. Capazes não só de criar coisas extraordinárias, mas também de destruir de modo devastador. Capazes de acumular um saber imenso e, no entanto, permanecer angustiados por dúvidas profundas que os fazem sempre propor novas perguntas e novos desafios.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ENKH-ORGIL/ISTOCK/GETTY IMAGES

Músicos com trajes tradicionais em festival de música em Ulan Bator, na Mongólia. Fotografia de 2023. Ao fundo, é possível observar parte de um *ger*, palavra que significa "casa" nas línguas mongólicas.

Saiba mais

Parte da população da Mongólia adota hábitos nômades que integram seu modo de vida. Assim, o nomadismo, para esses povos, expressa a capacidade de projetar e antecipar soluções. Em razão dos climas extremos do país, essas pessoas preferem se deslocar constantemente, buscando (de acordo com a época do ano) as regiões com as melhores condições naturais para viver. O *ger*, que corresponde a uma cabana circular de madeira, coberta por uma lona, e que pode ser desmontada e levada para qualquer lugar, é, assim, uma das expressões da cultura desses povos nômades.

Dica

Gattaca – experiência genética

Direção: Andrew Niccol. Estados Unidos, 1997. 106 minutos.

Ficção científica que explora o drama de uma pessoa concebida naturalmente em um mundo que valoriza humanos programados para serem "superiores". Por meio de manipulação genética, os seres humanos alteram suas capacidades naturais, o que impacta no mundo cultural.

Classificação indicativa do filme *Gattaca – experiência genética*: não recomendado para menores de 14 anos.

Revolução cognitiva

BRIDGEMAN/FOTOARENA - MUSEU EGÍPCIO, CAIRO

Colar com pingente produzido no Egito antigo, c. 1069-945 a.C. A mulher representa a deusa Ísis e, sobre sua cabeça, estão alguns símbolos associados a essa divindade. Com a revolução cognitiva, os seres humanos criaram, por exemplo, religiões, entidades e deuses (como a representada na imagem).

Como apresentado no capítulo 1, para o filósofo Teilhard de Chardin, o momento decisivo da caminhada humana foi o "passo da reflexão" (ter consciência de que sabe). Desenvolvendo o tema, o historiador Yuval Harari chamou esse acontecimento de "revolução cognitiva". Analise como Harari a caracteriza:

> O surgimento de novas formas de pensar e se comunicar, entre 70 mil anos atrás e 30 mil anos atrás, constitui a revolução cognitiva. O que a causou? Não sabemos ao certo. A teoria mais aceita afirma que mutações genéticas acidentais mudaram as conexões internas do cérebro dos [*Homo*] *sapiens*, possibilitando que pensassem de uma maneira sem precedentes e se comunicassem usando um tipo de linguagem totalmente novo. [...]
>
> [...] a característica verdadeiramente única da nossa linguagem não é sua capacidade de transmitir informações sobre homens e leões. É a capacidade de transmitir informações sobre coisas que não existem. Até onde sabemos, só os *sapiens* podem falar sobre tipos e mais tipos de entidades que nunca viram, tocaram ou cheiraram.
>
> Lendas, mitos, deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a revolução cognitiva. [...]

O QUE ACONTECEU NA REVOLUÇÃO COGNITIVA?

Nova habilidade	Benefícios
Capacidade de transmitir maiores quantidades de informação sobre o mundo à volta dos *Homo sapiens*.	Planejamento e realização de ações complexas, como evitar leões e caçar bisões.
Capacidade de transmitir grandes quantidades de informação sobre as relações sociais dos *sapiens*.	Grupos maiores e mais coesos, chegando a 150 indivíduos.
Capacidade de transmitir grandes quantidades de informação sobre coisas que não existem de fato, tais como espíritos tribais, nações [...] e direitos humanos.	a. Cooperação entre números muito grandes de estranhos. b. Rápida inovação do comportamento social.

[...]

A imensa diversidade de realidades imaginadas que os *sapiens* inventaram e a diversidade resultante de padrões de comportamento são os principais componentes do que chamamos "culturas".

HARARI, Yuval. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2017. p. 30, 32, 45-46.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Para Yuval Harari, o que deu início à "revolução cognitiva"?
2. Quais foram as consequências da "revolução cognitiva" para o pensamento e a linguagem?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conceitos de cultura

Falamos até agora sobre a distinção entre natureza e cultura. Mas o que queremos dizer exatamente quando usamos a palavra *cultura*? Para responder a essa pergunta, investiguemos primeiro o uso desse vocábulo em alguns contextos.

Os biólogos, por exemplo, referem-se à criação de certos animais como cultura – cultura de micro-organismos, cultura de carpas e assim por diante.

Na linguagem cotidiana, dizemos que uma pessoa tem cultura quando frequentou boas escolas e/ou leu bons livros, dominando diversos tipos de conhecimento (científicos, humanísticos, artísticos etc.). Nesse contexto, a palavra *cultura* é sinônima de erudição em determinada área. Também há o sentido atrelado às manifestações populares, como a literatura de cordel e as celebrações tradicionais, como a Folia de Reis, expressões da chamada cultura popular.

Na Grécia antiga, o termo *cultura* adquiriu uma significação especial. Correspondia à chamada *paideia*, processo de formação do cidadão pelo qual se realizava o que os gregos consideravam a verdadeira natureza do ser humano, isto é, o desenvolvimento da filosofia (o conhecimento de si e do mundo) e a consciência da vida em comunidade.

Apesar de diferentes, podemos perceber em todas essas acepções a existência de três ideias básicas, articuladas entre si: **desenvolvimento**, **formação** e **realização**. Como estudaremos a seguir, essas ideias básicas estão também presentes no uso que damos à palavra *cultura*.

Dica

Cultura popular brasileira

Alceu Maynard Araújo. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

Em linguagem acessível para diversos públicos, a obra apresenta as principais manifestações da cultura popular brasileira, como festividades, bailados, folguedos, ritos, lendas e pratos de culinária regional.

RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

Apresentação do grupo Tambor de Crioula Pai Velho em festa de São João na cidade de São Luís, no estado do Maranhão. Fotografia de 2023. Entre os conceitos de cultura presentes na linguagem cotidiana, está o de cultura popular, que designa tradições como o tambor de crioula, manifestação cultural afro-brasileira presente no estado do Maranhão. Essa manifestação cultural, composta de danças, cantos e músicas, é registrada como Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil desde 2007.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Diversidade cultural

Empregada por antropólogos, historiadores e sociólogos, a cultura designa o conjunto dos modos de vida criados e transmitidos de uma geração a outra entre os membros de determinada sociedade. Abrange conhecimentos, crenças, artes, normas, costumes e muitos outros elementos desenvolvidos e consolidados pelas coletividades humanas.

Assim, a cultura pode ser considerada um amplo conjunto de conceitos, símbolos, valores e atitudes que modelam e caracterizam uma sociedade. Envolve o que pensamos, fazemos e temos como membros de um grupo social. Nesse sentido, todas as sociedades humanas, da Pré-História aos dias atuais, possuem uma cultura. E cada cultura tem seus próprios valores, suas próprias "verdades".

Podemos falar, por exemplo, em cultura chinesa ou brasileira (própria de uma nação), cultura cristã ou muçulmana (própria de um grupo religioso), cultura familiar ou cultura juvenil (própria de um grupo de famílias ou conjunto de jovens) etc.

De forma mais filosófica, enfim, podemos definir a cultura como as múltiplas respostas oferecidas por um grupo humano aos desafios da existência. Essas respostas manifestam-se em termos de conhecimento, paixão e comportamento (nos correspondentes gregos, *logos*, *pathos* e *ethos*, respectivamente), isto é, em termos de razão, sentimento e ação.

As respostas culturais variam conforme o povo, tendo em vista que os grupos humanos enfrentaram diferentes desafios para viver e sobreviver. Disso resultou a rica **diversidade** e **pluralidade** cultural humana.

Dica

Entre os muros da escola

Direção: Laurent Cantet. França, 2007. Duração: 128 minutos.

O filme retrata o cotidiano de uma sala de aula de uma escola da periferia de Paris, na França. A convivência entre os estudantes, que pertencem a distintos grupos sociais e têm diversas origens, é marcada por tensões que refletem o choque entre suas diferentes culturas.

Classificação indicativa do filme *Entre os muros da escola*: não recomendado para menores de 12 anos.

© KOBRA, EDUARDO/AUTVIS, BRASIL, 2024
FOTO: VINCENT BOSSON/FOTOARENA

Coexistência, mural de Kobra na capital de São Paulo. Fotografia de 2021. O mural, concebido durante a pandemia de covid-19, representa crianças de cinco religiões (da esquerda para a direita: islamismo, budismo, cristianismo, judaísmo e hinduísmo). A pluralidade cultural também se manifesta na diversidade de crenças.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Características gerais

O arqueólogo estadunidense Robert Braidwood (1907-2003) procurou indicar os principais elementos que caracterizam a cultura:

> A cultura é duradoura, embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. No entanto, a cultura também se modifica conforme mudam as normas e entendimentos.
>
> Quase se pode dizer que a cultura vive nas mentes das pessoas que a possuem. Mas as pessoas não nascem com ela; adquirem-na à medida que crescem. Suponha que um bebê húngaro recém-nascido seja adotado por uma família residente nos Estados Unidos, e que nunca digam a essa criança que ela é húngara. Ela crescerá tão alheia à cultura húngara quanto qualquer outro americano.
>
> Assim, quando falo da antiga cultura egípcia, refiro-me a todo o conjunto de entendimentos, crenças e conhecimentos pertencentes aos antigos egípcios. Significa, por exemplo, tanto suas crenças [religiosas] sobre o que faz o trigo crescer quanto sua habilidade para fazer os implementos necessários à colheita. [...] Quando falo de cultura, estou pensando em algo que perdurou através do tempo. Se qualquer egípcio morresse, mesmo que fosse o faraó, isso não afetaria a cultura egípcia daquele momento determinado.
>
> BRAIDWOOD, Robert. **Homens pré-históricos**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985. p. 41-42.

Vários estudiosos concordam com os elementos apontados pelo arqueólogo, caracterizando a cultura como:

- adquirida pela aprendizagem, e não herdada pelos instintos;
- transmitida de geração a geração, por meio da linguagem, nas diferentes sociedades;
- criada exclusivamente pelos seres humanos, incluindo a produção material e não material;
- múltipla e variável, no tempo e no espaço, de sociedade para sociedade.

Dica

Pirâmides de Gizé: passeio virtual

Disponível em: https://www.google.com/maps/about/behind-the-scenes/streetview/treks/pyramids-of-giza/. Acesso em: 24 jul. 2024.

Nesse *site*, é possível fazer um passeio virtual pelas pirâmides de Gizé, nos arredores de Cairo, no Egito. Construídas há cerca de 4,6 mil anos, as pirâmides, bem como os artefatos arqueológicos encontrados nesses locais, constituem fontes de estudo da cultura egípcia.

ELODIE BOBIER/SHUTTERSTOCK

Parte externa do Templo de Luxor, na cidade de mesmo nome, no Egito. Fotografia de 2023. A construção desse templo teve início no governo de **Amenotepe**. Perceba que a cultura egípcia permanece viva em seus templos e monumentos.

Amenotepe: faraó do Antigo Egito que governou, aproximadamente, entre 1391 a.C. e 1353 a.C.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Cultura e cotidiano

A cultura abrange um conjunto de conceitos, valores e atitudes que se expressam na vida em comum. Na prática, todo indivíduo vive sob a influência de diversas culturas, não só de uma, pois participa de distintos grupos sociais.

Um brasileiro, por exemplo, que tenha uma família, frequente uma igreja e trabalhe com mídias digitais, recebe influência de pelo menos quatro fontes culturais: a cultura popular brasileira (que pode ser dividida em diversas subculturas); a cultura familiar, basicamente transmitida por seus pais e avós; a cultura de seu grupo religioso; e a cultura digital.

Outro exemplo são as diversas culturas juvenis, ou seja, a expressão de saberes e práticas dos diferentes grupos de jovens. Esses jovens manifestam suas identidades por meio de músicas, danças, poesias, vestimentas, modos de falar, linguagem digital etc.

Cada universo cultural do qual uma pessoa participa influi em sua maneira de pensar, sentir e agir. Porém, quase sempre não temos consciência do quanto as culturas influenciam nossa maneira de ser e perceber a realidade. Vamos entender melhor esse processo.

Dica

O que é *slam* de poesia

Emerson Alcalde. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

Livro escrito por Emerson Alcalde, poeta, escritor e cofundador do *Slam da Guilhermina*, primeiro *slam* a ser realizado nas ruas da capital de São Paulo. A obra apresenta aos leitores um panorama geral do *slam* (batalhas de poesia), explicando as características e a importância dessa manifestação cultural.

Saiba mais

O texto a seguir fala sobre a relação entre as culturas juvenis e os territórios das cidades. Esses espaços passam a ter significado para determinados grupos, que ali expressam suas identidades.

> As culturas juvenis constituem os territórios das cidades. Ao serem apropriados por certos grupos sociais, espaços como [...] uma praça, uma quadra esportiva, uma feira, um campo de futebol e outros [...] passam a ter significados para esses sujeitos, que os convertem em seu território. Diferentes áreas de uma cidade ou de uma zona rural podem ser apropriadas simbolicamente por grupos sociais em variadas escalas espaciais e temporais. É comum que grupos que se identificam com determinado estilo cultural elejam um determinado espaço da cidade para se reunir periodicamente, por exemplo. O sociólogo português José Machado Pais [...] afirma que a rua fornece formas simbólicas de afirmação da cultura juvenil, pois os espaços físicos são transformados em espaços sociais.

REIS, Juliana Batista dos; SALES, Shirlei Rezende. **Juventudes**: culturas juvenis e cibercultura. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. p. 18-19. (*E-book*).

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

Apresentação da poetisa ganense Twita Lite no campeonato mundial de *slam*, na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2023. O *slam* é uma competição de poesia criada oralmente de maneira improvisada e espontânea, partindo de temas livres. Tornou-se uma das manifestações de protesto próprias das culturas juvenis periféricas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Invisibilidade cultural

Em geral, vivemos dentro de nossa cultura como se todas as pessoas tivessem nosso modo de ser e as diversas experiências do mundo fossem sempre vividas da forma como nós as experimentamos. Somos como um peixe que nasceu dentro de um aquário e pensa que o mundo todo se resume àquele ambiente restrito.

No entanto, quando viajamos para lugares diferentes, percebemos novos modos de falar, comer, vestir etc. Nessas situações, "saímos do aquário" e estranhamos o outro (vale mencionar que as palavras *estranho* e *estrangeiro* têm a mesma origem latina: "o que é de fora").

A percepção de elementos culturais distintos, que estão "fora de nós", ajuda-nos a tomar consciência de nosso próprio modo de ser e de viver. Aquilo que era invisível para nós se torna então visível. Enfim, temos a possibilidade de "ver" nossas próprias características culturais: como nos vestimos, comemos, pensamos, agimos etc. Entretanto, depois que retomamos a rotina, nossa cultura tende a tornar-se novamente invisível para nós à medida que retomamos nossas vivências habituais.

Quando não temos consciência de nossa cultura, quando não conseguimos distingui-la, também não conseguimos questioná-la.

Etnocentrismo e pluralidade

Um indivíduo que vive mergulhado na própria cultura pode acreditar que seu modo de ser e viver é a única realidade existente. Isso é chamado de **etnocentrismo**, que significa considerar a própria cultura como o "centro" de tudo. A postura etnocêntrica costuma tornar as pessoas preconceituosas e arrogantes em relação a grupos culturais distintos. Às vezes, o etnocentrismo assume formas graves de intolerância, provocando violência e perseguição contra quem é diferente. Ao contrário do etnocentrismo, a convivência pacífica entre os povos exige a valorização da pluralidade cultural.

Além dos problemas relacionados aos outros, a aceitação incondicional de nossos próprios padrões culturais traz problemas para nós mesmos. Isso ocorre porque toda cultura é dinâmica, devendo ser questionada e transformada para responder aos novos desafios da existência.

Por isso, mesmo integrados a uma cultura, não podemos deixar de criticá-la, desafiá-la, confrontá-la, abrindo espaço para o novo e para as mudanças.

Responda no caderno.

Enfoque

1. **Explique de que forma o etnocentrismo pode se conjugar com a intolerância.**
2. **Reflita sobre a(s) cultura(s) à(s) qual(is) você pertence (por exemplo: cultura familiar, cultura religiosa, cultura brasileira etc.). Procure identificar alguns de seus elementos mais concretos, como a maneira de se vestir, e mais abstratos, como a maneira de pensar.**
3. **Em seu cotidiano, você evita assumir posturas etnocêntricas? Como? Pense em ações que poderiam ser realizadas em sua escola para promover os direitos humanos, a solidariedade, o respeito às diferenças e às liberdades individuais e registre-as.**

DIDIER MARTI/MOMENT/GETTY IMAGES

Ilha flutuante construída com totora (uma espécie de junco) sobre o Lago Titicaca, no Peru. Fotografia de 2022. Os indígenas uros já construíam ilhas como essas no século XV. Hoje, cerca de 1,3 mil descendentes desse povo habitam as ilhas, que são ancoradas à margem com o uso de cordas. O que você acharia de morar em uma ilha desse tipo, feita por você mesmo e sua família?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Responda no caderno.

1. **Aristóteles definiu o homem com a expressão grega *zoon logikon*. Explique o duplo significado dessa definição.**
2. **Há uma diferença significativa entre os modos como Tomás de Aquino e Pico della Mirandola tratam as ideias de Aristóteles. Identifique essa diferença.**
3. **É possível dizer que o racionalismo de René Descartes contribui para promover a diversidade de saberes e vivências culturais? Por quê? Qual é a importância dessa diversidade na construção de projetos de vida?**
4. **Sobre sua tela *O quarto do artista em Arles*, Vincent Van Gogh escreveu que: "a cor se encarregará de tudo", promovendo "uma sugestão de repouso ou de sono"; "contemplar o quadro deve ser repousante para o cérebro ou, melhor dizendo, para a imaginação" (GOGH, Vincent Van *apud* GOMBRICH, Ernst. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 1999. p. 548).**

VINCENT VAN GOGH - MUSEU VAN GOGH, AMSTERDÃ

O quarto do artista em Arles, pintura de Vincent Van Gogh, 1889.

   a. Analise a tela e as frases de Van Gogh. Ao pintar seus quadros, o artista não se preocupava em retratar a "realidade", mas sim utilizar cores e formas para expressar os próprios sentimentos. Identifique a concepção de ser humano que mais se aproxima da obra de Van Gogh (o racionalismo de Descartes, o simbólico de Cassirer ou a perfectibilidade de Rousseau). Justifique sua resposta.

   b. Escolha um lugar que você frequenta e faça uma representação artística de seus sentimentos em relação a esse local. Podem ser sentimentos de calma, agitação, alegria, tristeza, amor, ódio etc. Depois, apresente sua criação para os colegas.

5. **Identifique as frases incorretas. Depois, reescreva-as de forma correta.**
   a. Os seres humanos nascem prontos pelas "mãos da natureza", pois seus comportamentos são determinados somente por estruturas hereditárias.
   b. Uma das principais diferenças entre nós, seres humanos, e os outros animais é a grande plasticidade (capacidade de modelar-se e ser modelado) de nosso sistema nervoso, que nos adapta a ambientes variados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

c. A antroposfera é independente da biosfera e, por isso, a vida humana se desenvolve sem conexão com as condições ecológicas do planeta.

d. O etnocentrismo se justifica, pois está demonstrado que há uma hierarquia separando culturas superiores de inferiores.

6. Reúna-se com colegas para debater a seguinte questão: por que nós, apesar de pertencermos à mesma espécie biológica, desenvolvemos modos de vida tão diferentes e, por vezes, conflitantes? Após o debate, elaborem um relatório que sintetize os argumentos do grupo, destacando os pontos de maior concordância e discordância.

7. Em grupo, identifiquem algumas culturas de jovens brasileiros. Se possível, procurem caracterizar essas culturas por meio de expressões artísticas, formas de linguagem, modos de se vestir, atitudes etc.

8. À luz de tudo o que estudamos neste capítulo, interprete estas frases do filósofo francês Blaise Pascal (1623-1662): "Que quimera é, então, o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio!" (PASCAL, Blaise. Pensamentos. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 144. (Coleção Os pensadores)). Depois, debata a respeito dela com dois colegas.

9. O processo de envelhecimento também faz parte da condição humana. Contudo, na atualidade, o etarismo deve ser tratado como fenômeno social a ser combatido. Etarismo é a discriminação de pessoas com base na idade. Estereótipos que consideram a velhice "incapacitante", por exemplo, expressos em comentários e formas de marginalização de pessoas em diversos espaços (no ambiente de trabalho, na família etc.) são exemplos de etarismo. Segundo o professor Egídio Dórea, "Diversos estudos mostram que mais de 35% da população que trabalha é uma população 50+ e essa população agrega do ponto de vista de benefícios financeiros e benefícios organizacionais"; ele ainda diz que "Com o aumento da expectativa de vida, esse será o nosso presente, será nosso futuro: pessoas de 50, 60 anos que estão se capacitando" (ETARISMO é o mais frequente e universal dos preconceitos. Jornal da USP, 16 mar. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/radio-usp/etarismo-e-o-mais-frequente-e-universal-dos-preconceitos/. Acesso em: 18 set. 2024).

ODS 10

Com base no estudo do capítulo e em seus conhecimentos, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema "A condição humana e o combate ao etarismo". Selecione, organize e relacione, de forma coerente, argumentos para a escrita de seu texto.

10. (Enem-MEC)

> Sem dúvida, os sons da voz (*phone*) exprimem a dor e o prazer; também a encontramos nos animais em geral; sua natureza lhes permite somente sentir a dor e o prazer e manifestar-lhes entre si. Mas o *logos* é feito para exprimir o justo e o injusto. Este é o caráter distintivo do homem face a todos os outros animais: só ele percebe o bem e o mal, o justo e o injusto, e os outros valores; é a posse comum desses valores que faz a família e a cidade.
>
> ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Adaptado).

Para o autor, a característica que define o ser humano é o *logos*, que consiste na

a. evolução espiritual da alma.
b. apreensão gradual da verdade.
c. segurança material do indivíduo.
d. capacidade racional de discernir.
e. possibilidade eventual de transcender.

11. (Enem-MEC)

> Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político. E tudo que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. Haverá, talvez, verdades que ficam além da linguagem e que podem ser de grande relevância para o homem no singular, isto é, para o homem que, seja o que for, não é um ser político. Mas homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos.
>
> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

No trecho, a filósofa Hannah Arendt mostra a importância da linguagem no processo de

a. entendimento da cultura.
b. aumento da criatividade.
c. percepção da individualidade.
d. melhoria da técnica.
e. construção da sociabilidade.

12. (UEL-PR) Com base na concepção de ócio criativo, de Domenico De Masi, identifique a alternativa correta.

a. A intensificação do trabalho alienado e precarizado na sociedade pós-industrial amplia as necessidades sociais pela conquista do direito ao ócio criativo como um tempo de lazer descompromissado.
b. A tendência da sociedade pós-industrial é a ênfase no trabalho pelo dinheiro, no estudo como obrigação e no lazer como expressão do ócio criativo e mecanismo de fuga da alienação capitalista.
c. Ao elaborar uma abordagem centrada nas experiências das classes trabalhadoras fabris, a teoria do ócio criativo seria incapaz de captar as relações sociais em profissões mais recentes e dinâmicas.
d. Ao enfocar trabalho, estudo e lazer como atividades básicas relativamente autônomas, a teoria do ócio criativo impediria o necessário entendimento sobre a erosão das fronteiras entre essas atividades.
e. O ócio criativo é uma fusão entre trabalho, estudo e lazer e, pela interpenetração entre essas três atividades, a noção de tempo livre deixa de significar um tempo vazio.

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capítulo 12

Ser humano e meio ambiente

Desde seu aparecimento, o *Homo sapiens* usou seu saber para produzir uma série de coisas de seu interesse. Aprendeu a controlar o fogo, a cozinhar alimentos, a tecer roupas, a fazer armas, a montar veículos com rodas, a projetar e a produzir navios oceânicos etc. Seu saber foi construindo seu poder, voltado para "dominar" a natureza e explorar um mundo cujos recursos naturais pareciam inesgotáveis.

No entanto, há cerca de 200 anos, o poder da técnica deu um salto imenso, com os desdobramentos da Revolução Industrial. O *Homo sapiens* ampliou enormemente sua condição de *Homo faber* (do latim, "homem que faz"). Tornou-se capaz de inventar o automóvel, o avião, o telefone, o cinema, a televisão, a bomba atômica, o computador e a internet, por exemplo. Nesse ponto, o poder tecnológico ganhou uma autonomia que busca seu contínuo progresso. Em vez de libertar, esse poder passou a escravizar. Em vez de promover uma vida melhor, passou a ameaçar a vida no planeta. O progresso técnico se transformou em um processo automático, autossuficiente e desenfreado.

Agora, estamos no momento histórico de assumir o controle desse poder técnico, que nos submete e devasta o planeta. Daí surge a necessidade de uma nova ética, uma ética ambiental, que nos ajude a combater a lógica de domínio da natureza.

RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

Funcionário do Parque dos Falcões, centro de criação, multiplicação e preservação de aves, em Itabaiana, no estado de Sergipe. Fotografia de 2024. O intenso impacto ambiental causado pelo poder técnico exige a criação de uma nova ética, que deve considerar a preservação da natureza para o bem-estar de gerações futuras.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Separação da natureza

Ao longo da história, a capacidade do ser humano de intervir na natureza tem se ampliado. Essa intervenção possibilitou a criação da antroposfera, constituída pela diversidade cultural dos povos que habitam o planeta. Em vários sentidos, a antroposfera melhorou nossas condições de vida; porém, ao mesmo tempo, provocou danos ambientais, como o desmatamento, a extinção de espécies, a poluição da atmosfera, do solo e dos rios. A intervenção humana na natureza, tão antiga quanto o controle do fogo, deu um salto impressionante a partir da expansão da Revolução Industrial. Para alguns estudiosos, esse salto representaria o início de uma época geológica chamada **Antropoceno** (do grego *anthropos* = "humano" + *kainos* = "novo").

A Revolução Industrial impactou os modos de ser e de viver das pessoas, transformando:

a. a relação humana com o clima e os ritmos da natureza;

b. as dinâmicas do trabalho e da produção econômica;

c. a configuração das cidades.

A seguir, vamos abordar aspectos relevantes desses impactos.

Saiba mais

Em 2024, um comitê internacional de cientistas votou, em sua maioria, contra a proposta de declarar o Antropoceno uma época geológica naquele momento. Esse assunto é abordado com mais detalhes no livro de geografia desta coleção.

Clima e ritmos da natureza

OBJETO DIGITAL Mapa clicável: Ameaças ambientais

Antes da industrialização, as pessoas mantinham uma conexão mais direta com a natureza. Sentiam de perto as mudanças do dia e da noite, das chuvas e das secas, do frio e do calor, dos ventos e das tempestades. As atividades do agricultor, do comerciante e do marinheiro eram reguladas por esse tempo da natureza.

Alguns exemplos ilustram a presença da natureza na vida humana. No inverno europeu, às vezes o frio era tão intenso que invadia todos os lugares. Não existia proteção suficiente para impedir seus efeitos. O frio penetrava pelas paredes das casas, tornando seu interior hostil. Quem podia usava pesadas roupas de couro e se aquecia perto de fogueiras. Atualmente, as baixas temperaturas são enfrentadas com roupas mais leves, feitas de tecido tecnologicamente desenvolvido para proteger do frio e do vento, aquecedores e calefação nas residências.

Durante a noite, só havia um pouco de luz proveniente de velas de sebo, de uma lareira ou do céu enluarado. Hoje, basta apertar um botão e temos luz elétrica. Note que muitas pessoas trabalham em lugares fechados e climatizados, sob fortes luzes, sem saber se é dia ou noite.

De acordo com o filósofo francês Michel Serres (1930-2019), autor de *O contrato natural*, as pessoas do período pré-industrial estavam mergulhadas no **tempo da natureza**, sujeitas às intempéries e aos contrastes climáticos. Eram como plantas que viviam ao "ar livre", enquanto atualmente somos plantas criadas em "estufa", para usar uma metáfora do historiador francês Lucien Febvre (1878-1956).

ERNESTO REGHRAN/PULSAR IMAGENS

Interior da estufa do Jardim Botânico de Curitiba, no estado do Paraná. Fotografia de 2023. A metáfora de Febvre, segundo a qual somos plantas criadas em estufa, remete ao nosso isolamento da natureza para vivermos em ambientes artificiais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tempo da natureza × tempo da produtividade

O tempo da natureza **não** era regulado pelos relógios. A passagem do tempo era marcada pelas estações do ano, pela observação do Sol, pelas fases da Lua. Assim, por exemplo, era comum combinar encontros utilizando expressões como "por volta do amanhecer", "ao entardecer" ou "no começo da noite".

Os artesãos dedicavam-se longamente a seus trabalhos. Não costumavam ter pressa para fazer suas esculturas, peças de joalheria, vestimentas, sapatos e móveis. Não havia essa noção angustiante de "perder tempo" ou "ganhar tempo". Foi somente a partir do capitalismo industrial e financeiro que se instalou a ideia de que "tempo é dinheiro". Se no passado, sob influência do darwinismo, falava-se em "sobrevivência do mais forte", o mundo capitalista enfatizou a "sobrevivência do mais rápido", derivada da rapidez em lucrar, em produzir mais em menos tempo.

Historicamente, o dinheiro era um **meio** para a obtenção de coisas, como mostra a expressão "fulano tem meios para tal coisa". Porém, o dinheiro tornou-se um **fim em si mesmo**, a grande mercadoria da época. Como assinalou o filósofo francês contemporâneo Luc Ferry, a voracidade por ganhar mais provocou:

> [...] o formidável e incessante desenvolvimento da técnica preso ao crescimento econômico e largamente financiado por ele. Daí também o fato de que o aumento de poder dos homens sobre o mundo tornou-se um processo absolutamente automático, incontrolável e até mesmo cego, já que ultrapassa as vontades individuais conscientes. É simplesmente o resultado inevitável da competição.

FERRY, Luc. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 247.

Em outras palavras, o progresso técnico é o resultado da concorrência entre empresas na busca incessante pelo aumento da produtividade. Mas essa competição não se restringe ao ambiente empresarial. Ela se espalha pela sociedade, provocando transtornos de ansiedade, obsessão por superar metas, mania de correr contra si mesmo. Nesse contexto, a síndrome de ***burnout*** vai se tornando recorrente no mundo corporativo.

Burnout: o termo deriva do verbo inglês *to burn out*, que significa "queimar por completo". É uma síndrome que se manifesta no sentimento de exaustão, no esgotamento físico e psicológico causado pelo desgaste profissional.

DANIEL CYMBALISTA/PULSAR IMAGENS

Passageiros aguardam a abertura das portas do vagão em estação de metrô na capital de São Paulo. Fotografia de 2023. Na contemporaneidade, o tempo passou a mensurar a produtividade, e a espera tornou-se, muitas vezes, sinônimo de perda de dinheiro.

Responda no caderno.

Enfoque

1. No passado, falava-se da "sobrevivência do mais forte". Hoje, fala-se muito da "sobrevivência do mais rápido". Em sua opinião, o "mais forte" tem mais vantagens do que o "mais rápido" ou vice-versa?
2. Que situações de seu cotidiano exigem uma rápida tomada de decisão?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Trabalho e produção

A partir da Revolução Industrial, as pequenas oficinas de artesãos gradualmente deram lugar às fábricas, onde ferramentas foram trocadas por máquinas.

Uma ferramenta é uma espécie de extensão do corpo humano, sob o comando do trabalhador. A habilidade do trabalhador no uso da ferramenta determina o resultado do trabalho. Já a máquina é um mecanismo que, de forma automática, realiza trabalhos uniformes e velozes. No contexto que estamos estudando aqui, qual seria a maior diferença, no que se refere ao trabalho do ser humano, entre ferramenta e máquina? No caso das ferramentas, o ser humano é mestre da produção. Contudo, no caso das máquinas, o ser humano torna-se reles operador da produção.

No período pré-industrial, a maioria dos artesãos e agricultores produzia em pequena escala, para atender às próprias necessidades de consumo e de venda. Posteriormente, as fábricas passaram a produzir em larga escala, considerando as demandas do mercado. Karl Marx (1818-1883) sintetizou as consequências desse processo afirmando que, até a Revolução Industrial, a produção atendia à necessidade das pessoas, e, a partir dela, as pessoas passaram a viver e a trabalhar continuamente para responder à necessidade da produção.

Na atualidade, no mundo globalizado, o imperativo (ou seja, a obrigação ou a ordem) que comanda cada empresa é o crescimento incessante. Nesse contexto obsessivo, o desenvolvimento da técnica deixa de ser um meio de criar condições para o bem-estar das pessoas. Ao contrário, a técnica vem ganhando certa "autossuficiência" e exige que estejamos sempre "bem" e "aptos para o trabalho" a fim de promover seu desenvolvimento. Em outras palavras, a produção técnica, nos dias de hoje, adquiriu aspectos **autopoiéticos** (do grego *auto* = "próprio" + *poiesis* = "criação"), tornando-se um sistema que parece gerar a si mesmo.

Dica

Fábricas e homens: a revolução industrial e o cotidiano dos trabalhadores

Cristina Meneguello e Edgar Salvadori de Decca. São Paulo: Atual, 2019. (Coleção História geral em documentos).

O livro apresenta os principais aspectos da Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra, no século XVIII, e posteriormente se expandiu para diversos outros lugares do mundo. O cotidiano dos trabalhadores nas fábricas e as diferenças entre o tempo da produtividade (já no capitalismo industrial) e o tempo da natureza são alguns dos temas desenvolvidos no livro.

TIMOTHY A. CLARY/AFP/GETTY IMAGES

Linha de produção em fábrica de iogurte no estado de New Hampshire, nos Estados Unidos. Fotografia de 2022. Com o desenvolvimento tecnológico, tem-se intensificado o processo de automatização do trabalho, em que máquinas substituem o esforço humano.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Configuração das cidades

A industrialização contribuiu para promover a expansão das cidades e o crescimento da população. Instaladas nos centros urbanos, as fábricas demandavam grande número de trabalhadores. Sobre isso, escreveu o romancista Charles Dickens (1812-1870), retratando o nascimento das primeiras cidades industriais britânicas no século XIX:

> Era a cidade de máquinas e chaminés altas [...]. Havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, e ruelas ainda mais semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã [...].
>
> DICKENS, Charles. **Tempos difíceis**. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 37.

Ao falar de uma cidade britânica fictícia, Dickens identifica certos traços da industrialização que caracterizam a vida social, como a padronização das coisas, a uniformização dos gostos, a rotina de horários e de tarefas. Além disso, as modernas cidades empilhavam pessoas para atender às novas necessidades da produção industrial.

Nessa época, também houve vários avanços científicos, que incluíram melhorias na saúde pública, especialmente no controle de doenças como cólera, tifo, difteria e tuberculose. Essas melhorias na saúde pública se refletiram no aumento da população. Os cálculos a seguir indicam esse explosivo crescimento populacional.

Segundo estimativas do demógrafo J. Durand, a população global do ano 1 da Era Cristã foi calculada em 500 milhões de pessoas. Em 1750, ela alcançou 800 milhões de pessoas. Em 2022, chegou a cerca de 8 bilhões, de acordo com relatório do Fundo de População das Nações Unidas. O que impressiona nesses números é a aceleração, pois levou mais de 16 séculos para que a população aumentasse 60% e, depois da Revolução Industrial, levou menos de 3 séculos para que a população crescesse 1.000% (dez vezes).

Os dados sobre a população mundial foram extraídos de: DURAND, J. D. **Historical Estimates of World Population**: an Evaluation. Filadélfia: Universidade da Pensilvânia, 1974; NAÇÕES UNIDAS. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais. **World Population Prospects 2022**: Summary of Results. Nova York: ONU, 2022.

ISADORA/BRIDGEMAN/FOTOARENA - COLEÇÃO PARTICULAR

Poluição das fábricas de cobre em Cornwall, gravura de Warren Eliphalet Rollins, 1887. Nessa obra, nota-se o grande número de chaminés em uma cidade britânica do século XIX, como descreve Charles Dickens.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Quando Charles Dickens diz que nas cidades havia "máquinas e chaminés altas", a que ele está se referindo?
2. Procure retomar seus conhecimentos sobre o trabalho alienado. Identifique, no trecho de Dickens, uma passagem que, em sua opinião, pode se relacionar, em alguma medida, com esse conceito. Justifique sua escolha.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Explosão demográfica

O aumento demográfico espalhou a presença humana para todas as regiões da Terra, desde os oceanos até a estratosfera, provocando consequências na paisagem natural. Nos oceanos, são jogados milhões de toneladas de lixo, incluindo vidros, metais e plásticos – estes podem levar 500 anos para se decompor e afetam a fauna marinha, que os confunde com alimentos. Nos céus, orbitam mais de 11 mil satélites artificiais, usados nas comunicações, na meteorologia e para fins militares.

A conjugação da explosão demográfica com os avanços tecnológicos alterou a paisagem global, sobretudo em função da expansão das áreas agropastoris, das aglomerações urbanas, das rotas de transporte (terrestre, aquático e aéreo) e da extração dos recursos naturais, sempre tratados como se fossem inesgotáveis.

No Antropoceno, a presença humana tornou-se tão avassaladora que gerou danos severos ao meio ambiente. Entre esses danos, destacamos as mudanças climáticas, que se manifestam, por exemplo, por meio do aumento da temperatura média global e da ocorrência de inundações, secas, tempestades e incêndios florestais.

Dica

Echos da Amazônia – Impactos das mudanças climáticas no planeta

Produção: Fundação Rede Amazônica. Brasil, 2022. 14 minutos.

O vídeo, terceiro episódio da série *Echos da Amazônia*, aborda a questão das mudanças climáticas por meio de entrevistas com estudiosos e jovens que vêm refletindo sobre o tema. Além disso, o episódio trabalha com questões que mobilizam o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 13: *Ação contra a mudança global do clima*.

A natureza encantada

Nas civilizações antigas, a natureza era percebida como uma entidade superior, à qual todos estavam submetidos. Os fenômenos naturais eram considerados sagrados, pois a maioria das sociedades atribuía alma às coisas (animismo). O Sol, os raios, os ventos e as chuvas eram interpretados como recompensa ou punição decorrente de certos atos humanos. Predominava a concepção de uma **natureza encantada**, que trazia magia e proporcionava fascínio. Essa concepção ainda é forte na cultura de muitos povos tradicionais.

O respeito, a **reverência** e o temor à natureza diminuíram à medida que as sociedades desenvolveram tecnologias para controlar o meio ambiente. O ser humano foi se desprendendo dos elos míticos e sobrenaturais. A explicação racional foi desvendando a expressão natural.

Reverência: no contexto, significa uma atitude de veneração e respeito profundo a coisas consideradas sagradas.

YACUNÃ TUXÁ - COLEÇÃO PARTICULAR

Sostiene la mirada (Sustente o olhar), ilustração digital de Yacunã Tuxá, 2023. Nessa obra, a natureza é representada de maneira encantada, demonstrando uma atitude de reverência diante de elementos da flora e da fauna.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Saiba mais

O poeta, dramaturgo e escritor inglês William Shakespeare (1564-1616) é um dos maiores nomes da literatura do Renascimento. Entre suas principais obras, encenadas e adaptadas até hoje, estão *Romeu e Julieta*, *A tempestade*, *Hamlet*, *Otelo* e *Sonho de uma noite de verão*. Na obra *Hamlet*, o protagonista, em certo momento, reflete sobre a existência humana e profere a conhecida frase: "Ser ou não ser, eis a questão".

"Desencantamento" do mundo

A partir do século XVII, o processo de racionalização ganhou forte impulso com a **ciência moderna**, que levou a um "desencantamento" do mundo, pois a magia e o fascínio pela natureza cederam lugar a explicações pretensamente frias e objetivas.

A filosofia moderna contribuiu para esse "desencantamento" do mundo, promovendo um "corte epistemológico" no elo que os seres humanos tinham com a natureza. Por meio desse "corte", eles passaram a ocupar o lugar de **sujeitos**, e a natureza foi tratada como mero **objeto**. Esse sujeito se esforça para acumular saber e para exercer poder sobre a natureza.

É curioso notar que, no final do século XVI, William Shakespeare escreveu, na tragédia *Hamlet*, a célebre frase "Há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia". Essa frase, que ecoa até os dias de hoje, reconhece os limites de nosso conhecimento diante da imensidão do universo. No entanto, desde aquela época, filósofos e cientistas trabalhavam vigorosamente para decifrar esses mistérios da terra e do céu. Tinham a pretensão de assumir a posição de um observador isolado e distante dos seres observados.

O objetivo era produzir um saber "imparcial e neutro", por meio da separação radical entre o sujeito observador e o objeto observado. Com isso, o observador assumiria um ponto de vista externo ao objeto observado. Esse ponto de vista externo foi chamado de **consciência não participante** pelo pensador contemporâneo Morris Berman. Em vez desse modo de lidar com o mundo, Berman defende a ideia de uma "**consciência participante**", segundo a qual o cientista e seus objetos de estudo interagem porque fazem parte de um sistema complexo de relações recíprocas.

JOSEPH WRIGHT - MUSEU E GALERIA DE ARTE DE DERBY, DERBY

Filósofo dando uma lição sobre o planetário, pintura de Joseph Wright, 1766. A ciência e a filosofia modernas, por suas explicações metódicas, favoreceram o desencantamento do mundo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enfoque

Responda no caderno.

1. **Redija um parágrafo explicando a relação entre as duas ideias a seguir:**
   a. a filosofia moderna e o desencantamento do mundo;
   b. a consciência não participante.
2. **Em sua opinião, a ideia de consciência participante é importante para o desenvolvimento de uma ética ambiental na atualidade? Justifique sua resposta por meio de argumentos.**

Do teocêntrico ao antropocêntrico

A ascensão da Igreja Católica durante a Idade Média difundiu a fé cristã de tal modo que uma visão teocêntrica do mundo preponderou nas sociedades europeias. Essa visão reforçava o temor a Deus e a exaltação de valores como a humildade e a obediência. Posteriormente, no início da Idade Moderna, o humanismo desenvolveu uma visão antropocêntrica, que exaltava valores como o espírito crítico, a capacidade intelectual e o desejo de aventura e de exploração do mundo.

Na visão antropocêntrica, o ser humano seria livre e racional, não estando preso a um destino predeterminado. Então, onde estariam as coisas predeterminadas e previsíveis? Na natureza, que passa a ser desvendada pelo ser humano. Nesse sentido, o filósofo René Descartes (1596-1650) enalteceu o antropocentrismo ao reconhecer que o ser humano é senhor e mestre da natureza.

No século XVIII, a concepção antropocêntrica ganhou força com o movimento iluminista. De modo geral, o iluminismo defendia a crença na "luz da razão", considerada o único instrumento legítimo para conhecer e julgar, compreender e progredir. Immanuel Kant (1724-1804), por exemplo, considerava que, ao tomar posse da própria razão, uma pessoa deixaria de ser dominada por outras, saindo da **menoridade**.

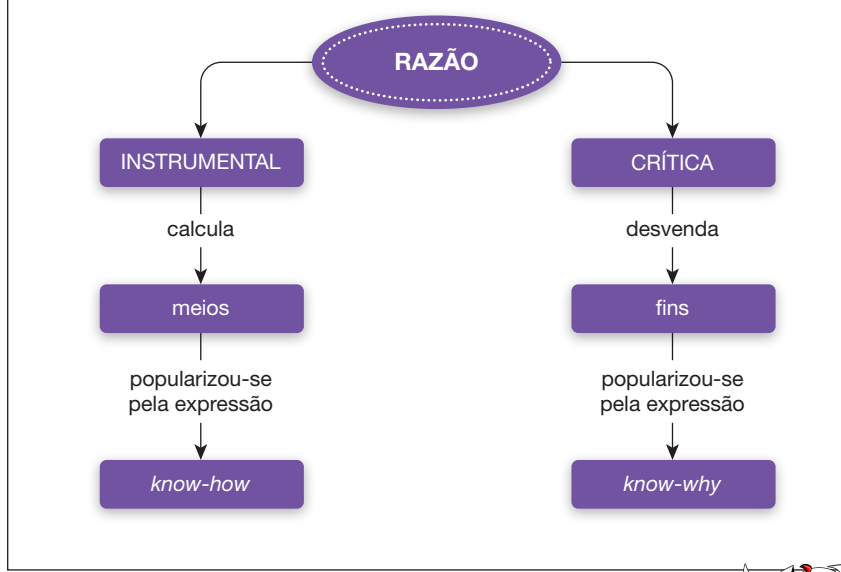
Razão instrumental

No século XX, os filósofos Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), da chamada **Escola de Frankfurt**, elaboraram uma severa crítica à razão iluminista. Para eles, prevaleceu na razão iluminista sua face instrumental e controladora, que resultou no desencantamento do mundo e na assimilação dos indivíduos pelo sistema social dominante. A princípio, a razão iluminista estaria comprometida com a emancipação humana, mas acabou levando a uma dominação maior das pessoas e da natureza. Com certa desesperança, os filósofos da Escola de Frankfurt denunciaram a morte da razão crítica, que foi asfixiada pelas relações de produção capitalista.

Para Adorno e Horkheimer, a razão iluminista é instrumental porque oferece **meios** para alcançar objetivos determinados pelo poder dominante, carecendo de razão crítica, que se caracteriza por desvendar os **fins** e questionar para que serve este ou aquele poder.

Nesse sentido, é possível dizer que a razão instrumental se popularizou com a expressão inglesa *know-how* ("saber como"), e a razão crítica, por sua vez, tornou-se conhecida pela expressão inglesa *know-why* ("saber por quê"). Examine o esquema.

Razão instrumental × razão crítica



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

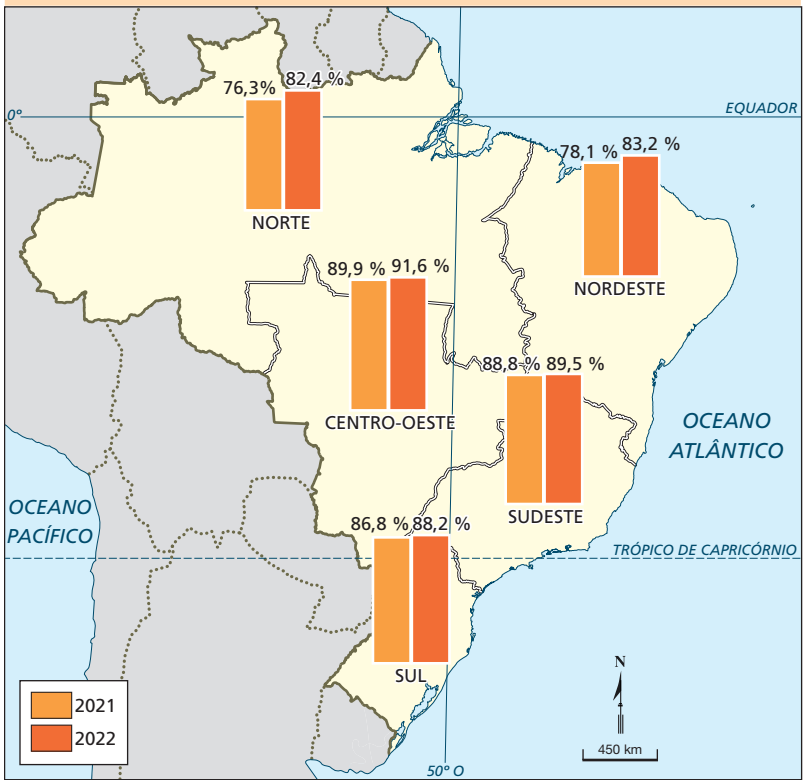
Esse esquema sintetiza as informações acerca da razão instrumental e da razão crítica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Revolução digital

Nos últimos 30 anos do século XX, a Revolução Industrial atingiu um novo patamar, marcado pelo desenvolvimento das tecnologias da informação, que incluem o computador pessoal, a internet, o *smartphone*, o cartão de crédito e a inteligência artificial. Esse salto tecnológico costuma ser chamado de revolução digital, caracterizada pela utilização de tecnologias voltadas para o armazenamento, processamento e transmissão de dados. O nome "digital" vem de "dígito", porque essas tecnologias utilizam uma linguagem em que toda informação é expressa por meio de um sistema binário de 0 e 1.

Brasil: usuários de internet com 10 anos ou mais de idade, por regiões (em %) – 2021-2022



ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL/ARQUIVO DA EDITORA

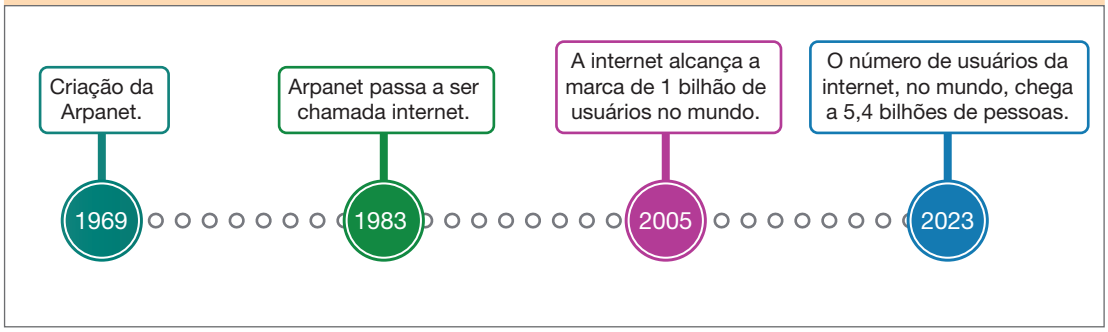
Fonte: IBGE. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2022**. PNAD contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

Para avaliarmos o alcance e a velocidade da revolução digital, basta compararmos a difusão da escrita e da internet. A escrita existe há pelo menos 5 mil anos. No entanto, foi somente a partir de 1970 que o número de alfabetizados superou o número de analfabetos no mundo. Já a internet começou a se popularizar na década de 1990. Depois de 35 anos, cerca de 70% da população mundial já utilizava essa rede.

A revolução digital transformou a informação em um dos bens econômicos mais valiosos do mundo contemporâneo. Não à toa, empresários ligados a esse ramo, que controlam as chamadas *big techs* (grandes empresas de tecnologia), passaram a ocupar as primeiras posições em *rankings* de bilionários. Vivemos mergulhados na **sociedade da informação**, na qual o conhecimento se tornou uma peça-chave para o desenvolvimento da economia e da cultura. Por exemplo, se houver uma pane mundial na internet, as comunicações e os negócios entrarão em colapso.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Marcos da internet



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Linha do tempo sem escala indicando alguns marcos na história da internet.

Fontes: CLARK, David D. *et al*. **A Brief History of the Internet**. ACM SIGCOMM Computer Communication Review, v. 39, n. 5, out. 2009; INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION. **Internet use**: 2005-2023. Disponível em: https://www.itu.int/itu-d/reports/statistics/2023/10/10/ff23-internet-use/. Acesso em: 2 ago. 2024.

Ao longo da história, o conhecimento adquirido pelo *Homo sapiens* era incorporado à consciência das pessoas e registrado em suportes físicos. Atualmente, grande parte do conhecimento é armazenado em computadores, em nuvens digitais que alimentam a produção tecnológica. Essa gigantesca base de dados para processamento é chamada *Big Data*.

Antes dessas inovações, era consensual que a inteligência, entendida como a capacidade de resolver problemas, era uma capacidade tipicamente humana. Mas a revolução digital mostrou que essa capacidade pode ser implantada em aparelhos eletrônicos portadores de **inteligência artificial**, conhecida pela sigla IA. Que caminhos a IA vai percorrer? Ela vai se igualar à inteligência humana ou vai superá-la?

Em resumo, a IA será capaz de tomar decisões relevantes sem a nossa intervenção? Ou toda decisão relevante dependerá de uma concepção ética que a IA não pode desenvolver?

Ainda não há respostas para todas essas perguntas, que permanecem abertas à nossa reflexão e aos desdobramentos do avanço da revolução digital e dos computadores quânticos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Questão ecológica

A degradação ambiental é estudada por diferentes pesquisadores que inauguraram um novo campo do saber: a **ecologia** (do grego *oikos* = "casa" + *logia* = "estudo"; ou seja, "estudo do lugar, da nossa casa").

De modo geral, a ecologia é o estudo das relações dos organismos entre si e com o meio ambiente. Essa palavra foi criada na década de 1860 pelo filósofo e biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919). Depois disso, aos poucos, a ecologia se consolidou como um ramo de conhecimento.

Diferentes ecologistas elaboraram uma crítica à noção arrogante de que o ser humano seria o centro do mundo e de que tudo ao redor dele existe para servi-lo. Essa noção arrogante prevalece no mundo capitalista e precisa ser urgentemente desafiada para dar lugar a um tratamento ético da natureza.

Superar o antropocentrismo consiste em admitir que animais, florestas, rios e ecossistemas não giram em torno do ser humano, pois têm vida própria. Afinal, a Terra existe sem os humanos, mas a humanidade não existe sem a Terra. Essa concepção implica desenvolver uma **ética do cuidado** em relação a si mesmo, aos outros e à natureza. Os princípios fundamentais dessa ética são o respeito, a proteção e a responsabilidade em relação aos ecossistemas.

Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão: documento elaborado durante a Revolução Francesa, em 1789.

Cabe lembrar a afirmação do filósofo Michel Serres, em *O contrato natural*, de que a **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão** teve o mérito de proclamar que todos os homens têm direitos, mas teve o defeito de considerar que só os homens teriam direito, sendo que o termo *homem* se referia basicamente aos indivíduos do gênero masculino. Posteriormente, houve muita luta para a conquista dos direitos das mulheres, dos negros, dos indígenas, da população LGBTQIA+ etc. Além disso, vários ecologistas lutaram pelo reconhecimento dos direitos da Terra, esse conjunto de todos os ecossistemas.

Saiba mais

Segundo dados da *Lista vermelha de espécies ameaçadas*, divulgada pela União Internacional para a Conservação da Natureza, cerca de 2,5 mil espécies de animais e plantas estavam em risco de extinção no Brasil em 2024. Dessas espécies, 515 estavam criticamente em perigo e outras 4 estavam extintas na natureza, restando apenas alguns exemplares em cativeiro, como o mutum-do-nordeste. Dados como esses revelam a necessidade urgente de promovermos uma ética do cuidado.

Carta da Terra

Como parte dessa luta pelos direitos da Terra, em 2000, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas, uma comissão internacional – integrada, entre outras pessoas, pelo intelectual brasileiro Leonardo Boff – elaborou a **Carta da Terra**. Esse documento pretende inspirar um código ético planetário que oriente pessoas e povos na busca de um desenvolvimento sustentável. Transcrevemos em seguida alguns trechos dessa carta.

PREÂMBULO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

[...]

A situação global

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

[...]

Responsabilidade universal

Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual as dimensões locais e globais estão ligadas. Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida e com humildade considerando o lugar que o ser humano ocupa na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos na esperança, afirmamos [...] princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos, e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Carta da Terra**. Disponível em: https://antigo.mma.gov.br/o-ministerio/quem-e-quem/item/8071-carta-da-terra.html. Acesso em: 26 mar. 2024.

LUCAS MORAES

Árvore guarajuba (*Terminalia acuminata*) na capital do Rio de Janeiro. Fotografia de 2016. Considerada extinta, essa espécie foi redescoberta por estudiosos em 2015. Contudo, ela permanece em perigo de extinção.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Por que vivemos em um "momento crítico na história da Terra", como anuncia o preâmbulo da Carta da Terra?
2. Segundo a Carta da Terra, por que o modelo de desenvolvimento socioeconômico predominante no mundo atual prejudica tanto os seres humanos quanto o meio ambiente?
3. O que é responsabilidade universal? Explique.
4. Você acredita na proposta da Carta da Terra? Por quê?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

OBJETO DIGITAL Mapa clicável: Povos indígenas e famílias linguísticas

Ailton Krenak: a cosmovisão indígena

Para melhor compreensão da relação entre conteúdo e ODS, sugira aos estudantes que consultem as páginas 4 e 5 deste livro.

ODS 14

ODS 15

O filósofo indígena contemporâneo Ailton Krenak, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, expõe a visão de mundo (cosmovisão) dos povos indígenas brasileiros que lutam contra a exploração insana da natureza e a consequente destruição da vida. Krenak fundou, no país, o Núcleo de Cultura Indígena, em 1985, e a União dos Povos Indígenas, em 1988. Ele é considerado uma das principais lideranças indígenas no mundo. Em 2023, foi o primeiro escritor indígena eleito para a Academia Brasileira de Letras.

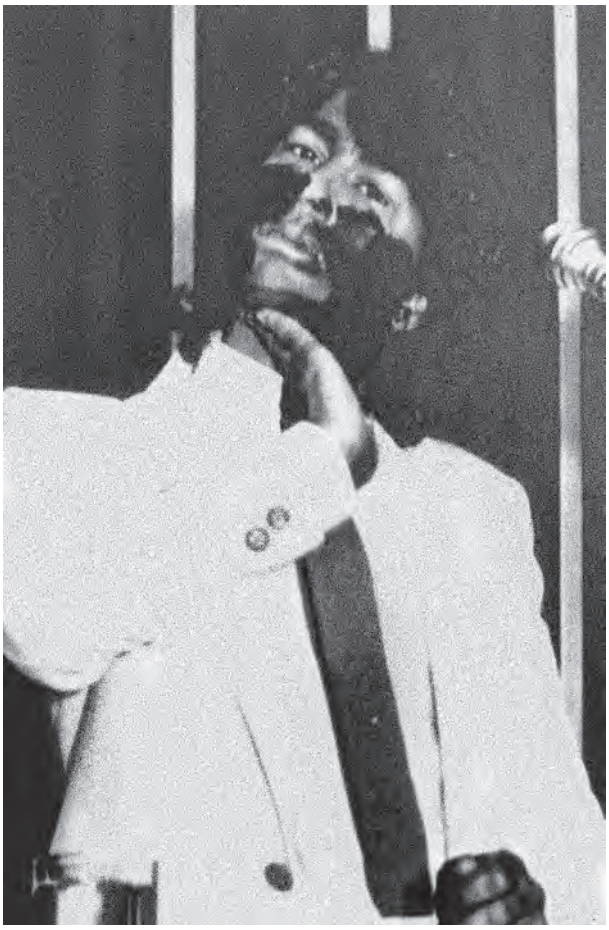
O filósofo pertence à etnia Krenak, que originalmente ocupava regiões de Mata Atlântica nos estados da Bahia, de Minas Gerais e do Espírito Santo. Esse nome deriva de *kre* = "cabeça" + *nak* = "terra". Como diz o filósofo, "Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como 'cabeça da terra', como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra" (KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 48).

Nessa obra, Krenak se espanta com a ideia absurda de que nós, seres humanos, podemos viver em uma civilização homogênea separada ou descolada da Terra. A ideia pressupõe que as pessoas de todos os lugares do mundo deveriam ter um único modo de ser e viver, um jeito de estar na Terra. Ela "nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo" (KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 23).

Na concepção de Krenak, os humanos não são iguais e, por isso, não devem obedecer a um mesmo padrão cultural, aos mesmos valores, aos mesmos protocolos. Segundo ele:

> [...] é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de [...] estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças [...].
>
> KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 33.

A seguir, vamos destacar algumas ideias de Ailton Krenak.



ESTADÃO CONTEÚDO

Ailton Krenak na Assembleia Nacional Constituinte, em Brasília, DF, em 1987. Enquanto discursava, ele pintou o rosto com tinta preta de jenipapo como forma de protesto contra a violência historicamente sofrida pelos povos indígenas no Brasil.

Dica

O espírito da floresta

Bruce Albert e Davi Kopenawa. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Coletânea de textos sobre o pensamento ecológico contemporâneo, abordando questões que tratam da biodiversidade brasileira e das relações recíprocas entre os seres humanos e a natureza.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Existe uma única humanidade?

Krenak levanta duas questões interligadas: como construímos nossa ideia de humanidade? Essa ideia teria servido, muitas vezes, para justificar o uso da violência? A essas questões o filósofo responde:

> A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, [...], que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 11.

A ideia de que existe uma humanidade única, com um único padrão cultural, norteou projetos colonizadores europeus e foi de alguma forma herdada pelas sociedades ocidentais contemporâneas. Contudo, essa ideia vem sendo muito criticada por pensadores que valorizam a diversidade cultural.

CCI/BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA - COLEÇÃO PARTICULAR

Botocudos, puris, pataxós e maxacalis, gravura de Jean-Baptiste Debret, 1834. O artista francês representa os indígenas baseado em uma visão eurocêntrica, que considera o europeu modelo de humanidade e outros povos, selvagens.

Responda no caderno.

Enfoque

1. Em que medida a cisão entre o ser humano e a natureza, apontada e criticada por Ailton Krenak, assemelha-se com o conceito de consciência não participante?
2. Você consegue perceber efeitos da cisão entre os seres humanos e a natureza em seu cotidiano? Dê exemplos.

Humanidade e natureza

Um dos desdobramentos da concepção de uma humanidade homogênea foi a cisão entre o ser humano e a natureza. Sobre isso, Krenak afirma:

> Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso [...], fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 16-17.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A percepção indígena

Um dos elementos fundamentais da cosmovisão indígena consiste na percepção de que o cosmo é a natureza. Em outras palavras, nosso próprio ser e tudo que nos cerca constituem o todo designado como natureza. Apesar de essa cosmovisão ser comum entre os povos indígenas, ela pode provocar estranhamento nos não indígenas. Nesse sentido:

> Quando nós [indígenas] falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: "Isso é algum folclore deles"; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: "Não, uma montanha não fala nada".
>
> Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 49.

Prazer de viver

A história das civilizações é marcada pela busca do poder, ou seja, pela busca de instrumentos capazes de realizar desejos. Por isso, o ser humano se lançou em uma luta frenética para desenvolver tecnologias que transformam a natureza a fim de atender a interesses humanos.

O poder é, em grande medida, avesso ao prazer. De modo geral, podemos dizer que o poder almeja segurança e o prazer visa à aventura. O primeiro está voltado para a acumulação, o controle, a retenção, a construção de barreiras. O segundo se volta para a liberação, a leveza e a possibilidade de romper limites. O poder promove concentração; o prazer permite experiência de fruição.

Prazer e poder são dimensões complementares, mas a sociedade capitalista dominante se dedica mais à conquista do poder do que à fruição do prazer. Esse desequilíbrio é percebido por Krenak quando ele diz:

> Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 26-27.

DANILO VERPA/FOLHAPRESS

Apresentação musical das cantoras paraenses Dona Onete e Gaby Amarantos na capital de São Paulo. Fotografia de 2023. Dona Onete iniciou a carreira de cantora de carimbó com mais de 70 anos de idade, servindo de exemplo de ruptura de limites e de fruição da vida.

Os dados expostos no enunciado da atividade 2 foram extraídos de: MAPBIOMAS. **Terras indígenas contribuem para a preservação das florestas**. Disponível em: https://brasil.mapbiomas.org/2022/04/19/terras-indigenas-contribuem-para-a-preservacao-das-florestas/. Acesso em: 31 jul. 2024.

Enfoque Responda no caderno.

1. **O que Ailton Krenak quis dizer com a expressão "humanidade zumbi"?**
2. **Pesquisas recentes concluíram que "Os Territórios Indígenas estão entre as principais barreiras contra o avanço do desmatamento no Brasil. Nos últimos 30 anos, as terras indígenas perderam apenas 1% de sua área de vegetação nativa, [e] nas áreas privadas a perda foi de 20,6%". Como esse fato se relaciona com a cosmovisão indígena?**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Consumo em vez de cidadania

ODS 12

A sociedade dominante está profundamente marcada pela produção e pelo consumo de mercadorias. Isso ocorre a tal ponto que o consumo se torna também uma forma de produção de nosso papel social, que se manifesta na roupa que vestimos, na música que ouvimos, nas palavras que utilizamos, na personalidade que pretendemos expor.

Desse modo, quase tudo é mercadoria, quase tudo está envolvido em relações de compra e venda, de lucros e perdas. Essa mercantilização da vida constitui um desvio que está afetando o exercício da cidadania, entendida como a forma de pertencer, com voz e vez, à sociedade em que vivemos.

O pertencimento cidadão implica participar dos rumos da sociedade e, na medida de nossas possibilidades, contribuir para um amanhã mais justo e solidário. No entanto, ser cidadão tem se tornado menos atraente do que ser consumidor. Afinal, o consumidor já pertence à sociedade mercadológica, que parece engolir tudo, ofuscando outras dimensões da vida.

Adulada: aquela que é bajulada, mimada.

© CLARA GOMES/BICHINHOS DE JARDIM

Bichinhos de jardim, tirinha de Clara Gomes, 2021. A tirinha faz uma crítica à mercantilização da vida, que transforma até mesmo experiências alegres em mercadoria.

Contra essa dinâmica mercadológica, Krenak propõe:

> Precisamos ser críticos a essa ideia [...] de humanidade homogênea na qual [...] o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. [...] E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais **adulada** do que um consumidor. [...] Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 24-25.

Saiba mais

Hans Jonas doutorou-se em filosofia na Universidade de Marburgo, na Alemanha, sob orientação de Martin Heidegger (1889-1976). Nesse período, conheceu a filósofa Hannah Arendt (1906-1975), com quem manteve amizade ao longo da vida. Na década de 1930, Jonas se viu obrigado a sair da Alemanha para escapar da perseguição nazista aos judeus. Viajou pela Europa, engajou-se no movimento político em prol da fundação do Estado de Israel e atuou, inclusive, como soldado do exército israelense.

Hans Jonas: princípio responsabilidade

O filósofo alemão Hans Jonas (1903-1993), de origem judaica, elaborou uma ética ambiental para o mundo contemporâneo e, por isso, tornou-se um dos nomes mais importantes da filosofia ecológica.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sua mãe foi assassinada pelos nazistas no campo de extermínio de Auschwitz, na Polônia. Essa morte brutal impactou de maneira decisiva seu pensamento ético.

Como filósofo e sujeito de ação, Jonas dedicou parte de sua obra para tratar de temas que tivessem repercussão no comportamento humano. Seguindo esse caminho, elaborou uma ética a ser aplicada na civilização tecnológica em que vivemos. Essa nova ética foi apresentada no livro *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (1979), cujos aspectos principais apresentaremos nos tópicos seguintes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A necessidade de uma nova ética

Até o início da modernidade, apesar de ousado e criativo, o ser humano tinha consciência de que continuava pequeno diante da grandeza do mundo. Nessa época, a atividade humana não causava profundos danos na natureza. O ser humano caçava, domesticava animais, cultivava plantas e poluía os rios e mares com rejeitos, mas a terra, as águas e o ar permaneciam quase inalterados. Ao contrário, desde o nascimento até a morte, era o indivíduo quem tinha de se ajustar à natureza, a seus climas, ritmos e ciclos.

As interferências da humanidade na natureza não eram suficientes para destruir o equilíbrio ecológico do planeta. No entanto, o ser humano foi criando um mundo próprio, que foi se consolidando na paisagem artificial das cidades, marcada pela construção de canais de irrigação, diques para conter inundações, edificações resistentes, entre outras obras. Ainda assim, as cidades não constituíam um cosmo isolado da natureza, pois continuavam sujeitas a fatores ambientais, como secas, chuvas intensas, terremotos, pragas e epidemias. Da escassez à abundância, as cidades refletiam as condições da natureza.

Tendo pouco controle sobre as forças naturais, o ser humano limitava sua responsabilidade a seu próprio mundo. É dentro dessa esfera intra-humana que se circunscreve a **ética tradicional**. Atualmente, com o gigantesco poder de ação sobre a biosfera, nossa responsabilidade também se estendeu para o mundo extra-humano. Nesse cenário, surge a necessidade de uma **nova ética**.

Antes de apresentar uma nova ética para o mundo contemporâneo, Hans Jonas procurou identificar as características da ética tradicional, que consiste na "**ética do próximo**". Aqui o termo *próximo* possui dois sentidos:

a. diz respeito a meu semelhante, àquele que faz parte de meu convívio ou de minhas relações sociais;

b. diz respeito ao efeito de minhas ações no "aqui e agora", desconsiderando as consequências distantes e futuras.

A seguir, vamos indicar os cinco principais pressupostos dessa ética tradicional.

Dica

Cidades sustentáveis

Produção: IBGE Explica. Brasil, 2017. 5 minutos.

O vídeo, produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, analisa o crescimento desordenado das cidades e alguns dos problemas que esse processo pode acarretar. Reflexões sobre o cotidiano das cidades são, também, importantes na formação de uma nova ética para o mundo contemporâneo.

NICOLAS ECONOMOU/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Vista da Ilha Palm Jumeirah, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Fotografia de 2023. Essa ilha, com formato de palmeira, foi inteiramente construída de maneira artificial. Ela é exemplo de como o ser humano é capaz de interferir na paisagem natural e modificá-la. Trata-se da chamada intervenção antrópica.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pressupostos das éticas tradicionais

1. **Neutralidade em relação ao mundo extra-humano** – a ação humana sobre o mundo extra-humano seria eticamente neutra, ou seja, não seria boa nem ruim do ponto de vista moral. Essa neutralidade teria como justificativa a ideia de que a atividade humana, tendo como objetivo essencial o campo intra-humano, só provocaria impactos superficiais no mundo extra-humano.
2. **Antropocentrismo** – o objeto dessa ética era o relacionamento direto entre os seres humanos, incluindo o relacionamento de cada pessoa consigo mesma.
3. **Constância da condição humana** – todo avanço técnico aumentou o poder do ser humano sobre as coisas, mas não aumentou seu poder sobre si mesmo. Desde os tempos pré-históricos, continuamos essencialmente os mesmos. Somos capazes de amar e odiar, de proteger nossa família e de dominar os adversários, bem como de satisfazer necessidades básicas, como comer, dormir, ter relações sexuais etc.
4. **Proximidade no tempo e no espaço** – preocupação apenas com os efeitos mais imediatos de nossas ações. As práticas do bem e do mal não exigiam planejamento de longo prazo, pois a ação moral tinha um alcance próximo em termos de tempo e de espaço. Não havia preocupação ética sobre os efeitos futuros e longínquos de nossas ações. Por exemplo, ninguém pensava no que iria acontecer daqui a cinquenta anos se fizesse alguma coisa agora.
5. **Conhecimento prático da virtude** – todos os mandamentos da ética tradicional estão restritos ao círculo imediato da ação. É o que se constata analisando mandamentos morais do passado, como: "Ame o próximo como a você mesmo", "Faça aos outros aquilo que deseja que façam a você", "O seu bem pessoal deve estar em harmonia com o bem comum", "Não trate seu semelhante somente como meio para obter seus interesses, pois cada pessoa tem um fim em si mesma". Em todos esses mandamentos, tanto aquele que age quanto aquele que sofre os efeitos da ação participam de um presente comum. Por isso, seríamos responsáveis apenas pelas ações que afetam as pessoas de nosso convívio mais próximo. A consciência dessa responsabilidade exige um tipo de saber prático que está ao alcance dos "homens de boa vontade". Isso quer dizer que não havia necessidade de um saber teórico sofisticado para distinguir o honesto do desonesto, o justo do injusto, o bem do mal, o vício da virtude.

Novas dimensões da responsabilidade

Com o advento da técnica moderna, as ações humanas ganharam uma escala de grandeza que ultrapassa a esfera do "aqui e agora", isto é, do convívio entre os mais próximos. Assim, essas ações escapam à moldura da ética tradicional, demandando a criação de uma nova ética que leve em conta o "braço longo" do poder humano e, por conseguinte, a ampliação de nossa responsabilidade. A seguir, estudaremos algumas dimensões dessa responsabilidade.

No mundo contemporâneo, a enorme intervenção técnica provocou danos duradouros e, por vezes, irreparáveis na natureza. Esses efeitos de longo prazo do agir humano deveriam ser acompanhados do **alargamento de nossa responsabilidade**. Em outras palavras, temos o poder de agir sobre toda a biosfera e, por isso, somos também responsáveis por ela.

Admitindo que nossas ações podem causar danos profundos à natureza, torna-se necessário um **saber ético** capaz de orientar os rumos de nosso poder de agir. Nenhuma ética anterior tratou da condição global da vida humana e do futuro distante de nossa própria espécie.

CHICO FERREIRA/PULSAR IMAGENS

Parque das Sete Ilhas, em Correntina, no estado da Bahia. Fotografia de 2023. Na placa, lê-se: "Valorize a vida, preserve as 7 ilhas. Povo consciente, rios transparentes". Atitudes ligadas à educação ambiental, bem como reflexões sobre a responsabilidade dos seres humanos com relação à natureza, são promovidas em visitações a parques e reservas ecológicas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Em vez de valorizar a ousadia, a impetuosidade e a autoconfiança do ser humano em suas capacidades, como se fez no início da Era Moderna, a nova ética precisa também cultivar atitudes de cautela, prudência e humildade. Isso significa ter consciência de que sabemos menos do que podemos. Assim, poderemos reconhecer as incertezas sobre as consequências do avanço técnico, criando freios para a intervenção abusiva no meio ambiente.

O filósofo Francis Bacon (1561-1626) afirmou que **saber é poder**, pois não imaginava a grandeza que nosso poder alcançaria, a ponto de voltar-se contra a natureza e contra a própria humanidade. Nas palavras de Hans Jonas, o ser humano e a natureza:

> [...] necessitam de proteção por causa da magnitude do poder que se atingiu ao se buscar o progresso técnico, cujo crescente poder engendra a crescente necessidade de seu uso e, portanto, conduz à surpreendente impotência na capacidade de pôr um freio ao progresso contínuo, cujo caráter destrutivo, cada vez mais evidente, ameaça o homem e sua obra. Bacon não poderia imaginar um paradoxo desse tipo: o poder engendrado pelo saber conduziria efetivamente a algo como um "domínio" sobre a natureza (ou seja, à sua superutilização), mas ao mesmo tempo a uma completa subjugação a ele mesmo. O poder tornou-se autônomo, enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse. Torna-se necessário agora [...] um poder sobre o poder – a superação da impotência em relação à compulsão que se nutre de si mesmo na medida de seu exercício.
>
> JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006. p. 236-237.

O principal objetivo almejado pela ética tradicional era o bem do indivíduo. Porém, a partir do momento em que julgamos dominar a biosfera, torna-se legítimo perguntar: se podemos dominar a natureza, não temos também o dever de cuidar do mundo extra-humano, isto é, desse planeta que oferece suporte a nossa vida? Se a resposta for afirmativa, a nova ética precisa se ocupar não estritamente do bem humano, mas igualmente do bem das coisas extra-humanas, que incluem, por exemplo, os animais, as plantas, as montanhas, os rios e os oceanos.

Enfim, precisamos zelar pelo ecossistema sobre o qual agimos e considerar que a natureza não se reduz a mero instrumento a serviço do poder tecnológico.

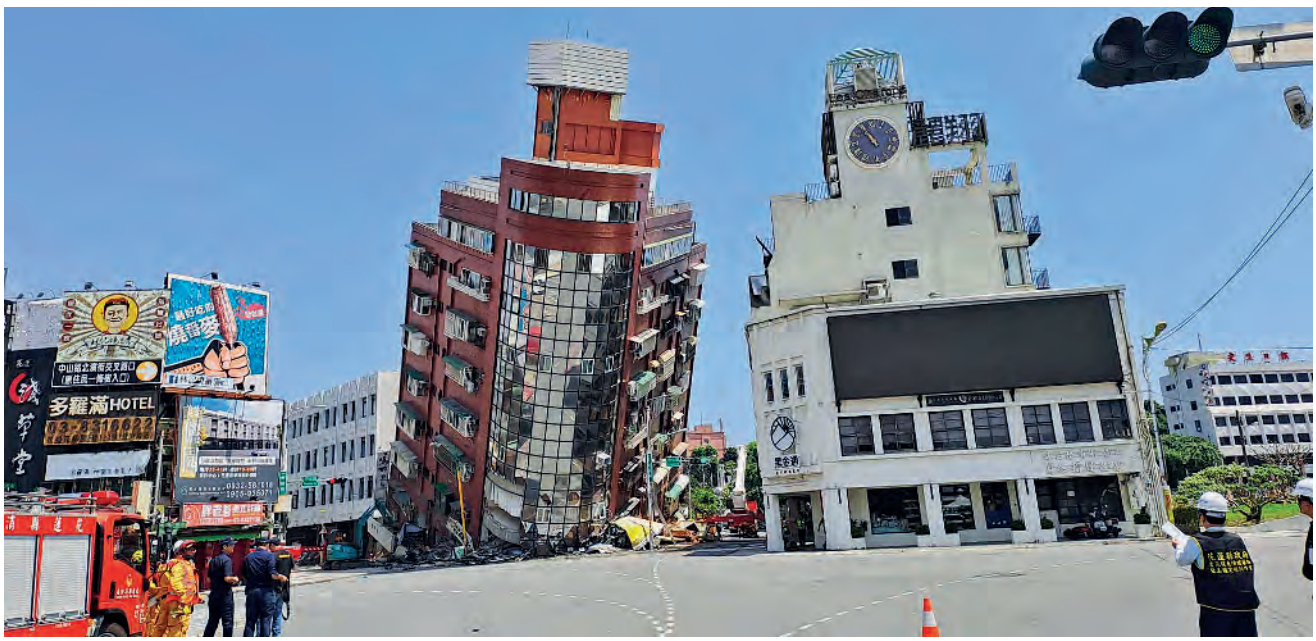
Dica

Derzu Uzala

Direção: Akira Kurosawa. Japão e URSS, 1975. Duração: 141 minutos.

Filme sobre a amizade inabalável de dois homens aparentemente muito distintos: um humilde caçador nômade e um militar russo que mapeia a inóspita região da Sibéria. O experiente caçador traz ensinamentos sobre como se relacionar com a natureza de forma respeitosa e reverente.

Classificação indicativa do filme *Derzu Uzala*: livre.



VCG/GETTY IMAGES

Destruição causada por terremoto que atingiu Hualien, em Taiwan. Fotografia de 2024. Catástrofes naturais como os terremotos nos fazem perguntar se somos realmente capazes de dominar a natureza.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A frase de Kant foi extraída de KANT, Immanuel. **Metafísica dos costumes**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 200.

O novo imperativo da nova ética

Vimos que as éticas tradicionais eram antropocêntricas. Como consequência, o mundo extra-humano estava fora do campo ético. Além disso, a ética tradicional não se preocupava com a existência da espécie humana como um todo, pois não tinha condições de imaginar o efeito devastador da moderna expansão tecnológica.

No horizonte dessa ética tradicional, em seu livro *Fundamentação da metafísica dos costumes*, o filósofo Kant elaborou o seguinte imperativo categórico ou mandamento moral: "Aja de tal modo que a máxima de sua ação possa tornar-se uma lei universal". Em outras palavras, devemos agir como se a regra (máxima) de nossa conduta fosse obedecida por todas as pessoas. Desse modo, cada um de nós deveria assumir uma conduta individual que, se nossa ação fosse praticada por todos os seres humanos, ela manteria uma coerência racional com a conduta de cada um.

O imperativo kantiano leva em conta o modo de agir dos seres humanos que fazem parte do mundo presente. Não considera que a ação praticada hoje pode ameaçar o amanhã e até provocar o desaparecimento da humanidade.

Em face do gigantesco poder humano sobre o mundo, Hans Jonas criou um **novo imperativo** que podemos sintetizar da seguinte forma: aja de tal maneira que as consequências de suas ações sejam compatíveis com a preservação da vida humana futura. Dito de outro modo, esse imperativo requer que o sujeito inclua como um dos objetivos de sua vontade atual a preocupação com a existência futura da espécie humana.

O imperativo kantiano está mais voltado para a vida privada, para os indivíduos, para a autodeterminação da vontade pessoal. Já o imperativo de Jonas está mais voltado para a vida pública, o cidadão integrado na sociedade global e os efeitos de nossas ações, tendo em vista a continuidade da vida. Em resumo, o imperativo de Kant está confinado à atualidade dos efeitos de nossas ações. Já o imperativo de Jonas se estende em direção a um previsível futuro concreto.

O imperativo kantiano está enquadrado na ética da imediatidade e da simultaneidade do agir humano e permanece válido dentro desse campo. Mas o imperativo de Jonas extrapola esses limites. Em suas palavras:

> Nossa tese é de que os novos tipos de limites do agir exigem uma ética de previsão e responsabilidade compatível com esses limites, que seja tão nova quanto as situações com as quais ela tem que lidar. [...] são as situações que emergem das obras do *Homo faber* na era da técnica. [...] Situamos a *techne* apenas em sua aplicação no domínio não humano. Mas o próprio homem passou a figurar entre os objetos da técnica. O *Homo faber* aplica sua arte sobre si mesmo e se habilita a refabricar inventivamente o inventor [...]. Essa culminação de seus poderes, que pode muito bem significar a subjugação do homem, [...] desafia o último esforço do pensamento ético [...].
>
> JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006. p. 57.

PAULO FRIDMAN/PULSAR IMAGENS - ESPAÇO CULTURAL FRANS KRAJCBERG, CURITIBA

Esculturas de Frans Krajcberg expostas em Curitiba, no estado do Paraná. Fotografia de 2010. O artista, conhecido por seu pensamento ético de preservação ambiental, produzia esculturas com pedaços de madeira recolhidos em áreas atingidas por desmatamento e queimadas.

Saiba mais

Para Hans Jonas, o *Homo faber* é o ser da técnica, o ser tecnológico que se vale de ferramentas e é transformado por meio desse uso. Nesse sentido, não só o ser humano constrói o mundo cultural por meio da técnica, mas a própria técnica molda o agente que se serve dela. A filósofa alemã Hannah Arendt também utilizou esse conceito, com o intuito de designar o agente que produz artefatos manualmente e, assim, constrói um mundo com o seu trabalho.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Além disso, o imperativo categórico da ética tradicional pressupõe uma reciprocidade entre direitos e deveres, ou seja, que o direito de um corresponde ao dever do outro. É como se cada direito tivesse como espelho um dever e vice-versa. Mas esse princípio não funciona perfeitamente dentro da nova ética de Jonas. Isso ocorre porque o nosso dever de zelar pelo futuro da vida humana não corresponde ao direito de pessoas que ainda não nasceram. É fácil entender que toda vida existente reivindica vida. Mas é difícil compreender que a vida futura, que ainda não existe, possa reivindicar qualquer coisa.

Apesar disso, mesmo na ética tradicional, há circunstâncias de responsabilidade que escapam a esse princípio de reciprocidade. É o caso do dever dos pais em relação aos filhos, que se traduz nas ações de alimentar, prestar assistência e cuidar. O dever dos pais não tem como pré-condição o dever futuro dos filhos de recompensá-los pelo amor e pelo cuidado. Esse exemplo nos dá pistas para pensarmos na responsabilidade geral que devemos assumir em relação às gerações futuras. Tal responsabilidade tem origem no fato provável de que existirão gerações futuras e, por isso, temos o dever de lhes garantir condições dignas de vida.

Nesse sentido, a ética de Jonas confere um papel central à responsabilidade de dizermos "sim" à vida, o que implica ser responsável pela sobrevivência da posteridade.

Calvin e Haroldo, tirinha de Bill Watterson, 1989.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Enfoque

Responda no caderno.

1. Analise a tirinha de Calvin e Haroldo e explique por que o comportamento do menino entra em choque com o imperativo categórico de Kant.
2. Há um provérbio africano que diz: "O mundo que temos hoje em mãos não nos foi deixado por nossos pais, mas sim emprestado de nossos filhos". Como esse provérbio se relaciona com o novo imperativo ético proposto por Hans Jonas?

Futuro

Os movimentos ecologistas da atualidade buscam se opor em diferentes medidas à racionalidade instrumental, ao antropocentrismo e à busca pelo controle da natureza que expressam as visões de mundo predominantes nas sociedades pós-industriais e de consumo. No entanto, diversos povos, sociedades, culturas e grupos humanos desenvolveram maneiras específicas de se relacionar com a natureza. Leia a seguir dois textos que expõem concepções diferentes da natureza, da existência humana e de suas formas de integração.

Texto 1

A concepção da realidade que predominou no Ocidente até as vésperas da revolução científica era a de um "mundo encantado". As rochas, as árvores, os rios e as nuvens eram tidos pelo homem como seres maravilhosos e portadores de vida. Os homens, por sua vez, sentiam-se em casa neste "mundo encantado". O cosmo era o lar ao qual pertenciam. Cada pessoa não era um observador distante e alienado, mas um direto participante da trama da vida. Seu destino pessoal estava ligado ao destino do cosmo, e essa inter-relação conferia sentido a sua vida. Esse tipo de concepção da realidade – que chamarei consciência participante – envolve a fusão ou identificação de alguém com o seu ambiente natural, expressando uma integração psíquica que há muito tempo deixou de existir. [...]

Considerando-se o plano mental, a história da Idade Moderna é uma história de progressivo desencantamento. A partir do século XVI, a mentalidade científica nos tornou verdadeiros estrangeiros (seres não integrados) em relação aos fenômenos do mundo. Inovações capazes de questionar essa visão da realidade – por exemplo, a física quântica ou certas pesquisas ecológicas – não foram suficientemente fortes para abalar a forma dominante do pensamento vigente. Essa forma pode ser adequadamente descrita com palavras como desencantamento, não integração, pois ela insiste em estabelecer uma rígida separação entre o observador e o objeto observado. Assim, a consciência científica tornou-se uma consciência alienada no sentido de que não promove uma fusão harmoniosa com a natureza, mas sim a separação plena dela. O sujeito conhecedor e o objeto investigado são encarados como polos opostos, antagônicos. "Não sou minhas experiências e conclusões sobre o mundo. Portanto, não faço parte deste mundo" – raciocina o cientista. A consequência lógica dessa visão de mundo é um sentimento de **coisificação**: tudo é objeto, estranho, não eu. E "eu", afinal, também sou um objeto; um ser à parte, em meio a tantos outros seres. O cosmo não foi construído por mim; tampouco se importa com minha existência e eu não tenho a sensação de estar a ele integrado. [...]

Coisificação: processo de tornar-se coisa; ser convertido em um objeto e, com isso, perder a humanidade.

Durante mais de 99% da história da humanidade, vigorou a concepção de que o mundo era encantado e o homem se sentia como parte integrante dele. Nos últimos quatro séculos, a total reversão dessa concepção destruiu, no plano psíquico e físico, o sentimento de integração do homem em relação à natureza. Isso foi responsável pela quase destruição ecológica do planeta. A única esperança, parece-me, está no reencantamento do mundo como meio de nosso reencontro.

BERMAN, Morris. **The Reenchantment of The World**. Ithaca: Cornell University Press, 1981. p. 16-23. (Tradução nossa).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Texto 2

Ao instituir a natureza em pessoa jurídica, a ecologia profunda consegue realmente, quando é rigorosa, fazer do universo material, da biosfera ou do cosmo, um modelo ético a ser imitado pelos homens. [...] No entanto, a sacralização da natureza é intrinsecamente insustentável. À semelhança daqueles fanáticos religiosos, hostis a toda intervenção médica que eles supõem ser contrária às intenções divinas, os ecologistas profundos ocultam alegremente tudo o que é detestável na natureza. Desta só retêm o que é harmonia, paz e beleza. É nessa ótica que alguns desqualificam facilmente a categoria dos "nocivos", considerando que tal noção, inteiramente antropocentrista, é um absurdo. Inspirando-se na teologia, eles supõem que a natureza é não só o Ser supremo mas também [...] a entidade perfeita que seria sacrílego pretender modificar ou melhorar. Uma pergunta simples: como explicar então os vírus, as epidemias, os sismos e tudo o mais que tem, com toda razão, o nome de "catástrofe natural"? Alguém dirá que são "úteis"? Mas para quê e a quem? Alguém julgará que possuem as mesmas legitimidades que nós para perseverar em seu ser? Por que não, nesse caso, um direito do ciclone a devastar, dos abalos sísmicos a engolir, dos micróbios a inocular enfermidades? A menos que se adote uma atitude anti-intervencionista em todos os pontos e em todas as circunstâncias, é necessário que se resolva admitir o fato de a natureza, como um todo, não ser "boa em si", mas conter tanto o melhor quanto o pior. Em relação a quem, perguntar-se-á? Ao homem, é claro, que continua sendo, até prova em contrário, o único ser suscetível de enunciar juízos de valor e de, como diz a sabedoria das nações, separar o trigo do joio.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica**. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 173-174.

CURIOSO.PHOTOGRAPHY/ALAMY/FOTOARENA

Vista de área de floresta e da cachoeira Hola Vida, em Puyo, no Equador. Fotografia de 2022. A Constituição Federal do Equador de 2008 inovou ao considerar a natureza – chamada de Pacha Mama por povos indígenas andinos – sujeita de direitos, entrando, assim, no ordenamento jurídico.

Atividades

Responda no caderno.

1. De acordo com o texto de Morris Berman, "A concepção da realidade que predominou no Ocidente até as vésperas da revolução científica era a de um 'mundo encantado'". O que você entende pela expressão "mundo encantado"?
2. Em que consistiu o processo de "desencantamento" do mundo?
3. É possível, em sua opinião, um "reencantamento" do mundo, como propõe Morris Berman? Justifique sua resposta.
4. Que divergência o texto de Luc Ferry apresenta em relação ao de Morris Berman no que se refere ao relacionamento entre ser humano e natureza? Explique.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Responda no caderno.

1. **De acordo com o filósofo Hans Jonas, quais são os principais pressupostos da ética tradicional? Explique com suas palavras.**

2. **Que imperativo moral foi proposto por Hans Jonas? Qual é o alcance desse imperativo tendo em vista uma ética ambiental?**

3. **Com base no texto a seguir, do filósofo indígena Ailton Krenak, identifique a alternativa correta.**

> [...] a máquina estatal atua para desfazer as formas de organização das nossas sociedades, buscando uma integração entre essas populações e o conjunto da sociedade brasileira.
>
> [...]
>
> O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais [...], é a ideia [...] de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza.
>
> KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 39, 41.

   a. O sucesso do projeto de exaustão da natureza contou com a contribuição fundamental das sociedades indígenas.

   b. O texto afirma que a máquina estatal brasileira respeita as populações indígenas e, por isso, busca integrá-las ao conjunto da sociedade nacional.

   c. As políticas de integração do indígena promovidas pelo Estado brasileiro tinham como base o acolhimento dessas populações e o respeito a suas culturas.

   d. A integração das populações originárias ao conjunto da sociedade nacional foi historicamente um modo de desfazer as formas de organização das sociedades indígenas.

   e. A cosmovisão indígena é compatível com o projeto de utilizar a natureza como mero recurso para atender aos interesses humanos, favorecendo assim a integração dessas sociedades.

4. **Immanuel Kant formulou o imperativo categórico com as seguintes palavras: "Aja de tal modo que a máxima de sua ação possa tornar-se uma lei universal" (KANT, Immanuel. Metafísica dos costumes. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 200).**

   a. Explique o significado desse imperativo categórico.

   b. Por que o imperativo kantiano não se aplica aos efeitos futuros e longínquos da ação humana?

5. **Leia atentamente o texto a seguir e responda.**

> Para compreender a ciência moderna, e suas relações com o desencantamento do mundo, Berman toma como ponto de partida as ideias de Bacon e Descartes [...]. Com Bacon, pela primeira vez, a tecnologia se torna um modo de obtenção de conhecimento; os utensílios, antes pensados apenas para facilitar a relação do humano com a natureza, são pensados agora almejando o conhecimento da natureza, visando seu controle posterior [...]. Descartes, por outro lado, destacou a necessidade de um método de pensamento claro que pudesse ser aplicado de modo rigoroso a qualquer objeto de conhecimento. A dúvida metódica é o ponto de partida de uma reflexão que culmina em duas conclusões: 1) a matemática é o único método universal de chegar à certeza, visto que é o único que depende exclusivamente da razão; 2) só podemos conhecer uma parcela muito pequena da realidade, de modo que cada problema complexo deve ser partilhado em unidades mais simples para que possa ser compreendido [...].
>
> [...]
>
> [Com Bacon e Descartes, o] universo é transformado agora numa grande máquina, regular como um relógio. Tanto a matemática como a observação, no entanto, se dão de modo externo à natureza, alheio a ela; a natureza é medida e utilizada para os fins do observador. A transformação da natureza num mecanismo distancia ainda mais o humano da natureza; agora ela é o que o humano não é. [...]
>
> Berman considera essa externalização do observador um dos fundamentos da separação entre sujeito e objeto advogada pela ciência moderna, e que se estendeu por toda a cultura moderna; a esse modo "externo" de lidar com o mundo Berman chama de consciência não participante, em oposição à consciência participante das culturas tradicionais [...].
>
> MOCELLIM, Alan Delazeri. **Ciência, técnica e reencantamento do mundo**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014. p. 43-44.

   a. De acordo com o filósofo Francis Bacon, a tecnologia foi utilizada para obter conhecimentos. Nesse sentido, segundo o texto, a finalidade que o ser humano conferiu aos instrumentos tecnológicos mudou no início da modernidade. Qual foi a mudança?

   b. Quais são as duas principais conclusões que o autor extrai do método cartesiano de investigação da realidade?

   c. Com base nos conceitos de Morris Berman, explique a diferença entre consciência participante e consciência não participante.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6. Um dos ápices do poder destrutivo humano foi demonstrado no lançamento pelos Estados Unidos de duas bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagazaki, em agosto de 1945. Em protesto contra essa tragédia, o poeta Vinicius de Moraes escreveu "A rosa de Hiroshima" no ano de 1946. O nome do poema foi inspirado no formato da explosão, que lembrava uma rosa. Calcula-se que, em decorrência dessas bombas atômicas, mais de 160 mil pessoas morreram instantaneamente e milhares de outras tiveram sequelas pelo resto da vida. Pesquise e ouça o poema na versão musicada por Ney Matogrosso. Depois, responda às questões.

a. Quais versos do poema musicado se referem às consequências da destruição nuclear para as crianças e as meninas?

b. Como a explosão atômica, de acordo com os versos da canção, alterou a rota das mulheres?

c. Por que a "rosa de Hiroshima" foi definida como uma "antirrosa"?

7. Leia o texto a seguir, do historiador João Paulo Pimenta. Com base nele, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Antropoceno". Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos para a defesa de seu ponto de vista.

> Em 2000, os cientistas Paul Crutzen e Eugene Stoermer propuseram uma nova época do Quaternário e que ainda estaria em curso: o Antropoceno. Sua principal fundamentação se baseia no tremendo impacto material que o mundo industrial dos últimos 250 anos trouxe não apenas à vida, mas principalmente à composição física da Terra, como resultado de brutais modificações provocadas pela ação humana, tais como o depósito de milhões de toneladas de produtos químicos e sintéticos na superfície e na atmosfera do planeta; alterações significativas em seu clima, oceanos e relevo [...].

PIMENTA, João Paulo. **O livro do tempo**: uma história social. São Paulo: Edições 70, 2021. p. 213.

OBJETO DIGITAL **Vídeo: Leis ambientais**

8. Em duplas, leiam os seguintes trechos da Constituição Federal de 1988 e da Lei dos Crimes Ambientais (Lei nº 9.605/98). Depois, respondam às questões.

ODS 15

> CAPÍTULO VI
> DO MEIO AMBIENTE
> Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.
> § 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:
> [...]
> VII – proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 mar. 2024.

> CAPÍTULO V
> DOS CRIMES CONTRA O MEIO AMBIENTE
> [...]
> Art. 32. Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos:
> Pena – detenção, de três meses a um ano, e multa.

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Brasília, DF: Presidência da República, [1998]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 25 mar. 2024.

a. O que os trechos da legislação estabelecem em relação aos animais?

b. Que atitudes práticas podemos tomar para combater maus-tratos e crueldade contra os animais?

9. (Enem-MEC)

> Fundamos, como afirmam alguns cientistas, o Antropoceno: uma nova era geológica com altíssimo poder de destruição, fruto dos últimos séculos que significaram um transtorno perverso do equilíbrio do sistema-Terra. Como enfrentar esta nova situação nunca ocorrida antes de forma globalizada e profunda? Temos pessoalmente trabalhado os paradigmas da sustentabilidade e do cuidado como relação amigável e cooperativa para com a natureza. Queremos, agora, agregar a ética da responsabilidade.

BOFF, Leonardo. **Responsabilidade coletiva**. Disponível em: https://leonardoboff.org/. Acesso em: 14 maio 2013.

A ética da responsabilidade protagonizada pelo filósofo alemão Hans Jonas e reivindicada no texto é expressa pela máxima:

a. "A tua ação possa valer como norma para todos os homens."

b. "A norma aceita por todos advenha da ação comunicativa e do discurso."

c. "A tua ação possa produzir a máxima felicidade para a maioria das pessoas."

d. "O teu agir almeje alcançar determinados fins que possam justificar os meios."

e. "O efeito de tuas ações não destrua a possibilidade futura da vida das novas gerações."

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Publicidade dirigida

Sobre publicidade direcionada e proteção de dados na internet, recomendamos estas leituras: MENDES, Laura Schertel. **Privacidade, proteção de dados e defesa do consumidor**: linhas gerais de um novo direito fundamental. São Paulo: Saraiva Jur, 2013; MIRAGEM, Bruno. **A Lei Geral de Proteção de Dados (Lei 13.709/2018) e o direito do consumidor**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2019; DONEDA, Danilo. **Da privacidade à proteção de dados pessoais**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2021.

Você já se viu interrompendo a navegação em um *site* ou rede social para clicar em algum anúncio que apresentava uma oferta atraente? Ou já notou que, ao visitar alguns *sites*, certas propagandas parecem sugerir exatamente o que você gostaria de comprar? Essas experiências são exemplos de publicidade dirigida (ou publicidade direcionada) na internet, que tem contribuído para o aumento dos hábitos de consumo na sociedade contemporânea de forma geral.

Em 2021, 84,7% das pessoas com dez anos ou mais de idade no Brasil acessavam a internet. Esse dado, combinado ao fato de que a maioria dos *sites* apresenta publicidade, ressalta o quanto podemos estar constantemente expostos a propagandas personalizadas e direcionadas.

O dado referente ao acesso à internet no Brasil foi retirado de: IBGE. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021. **PNAD contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. p. 7.

Vamos analisar

Vamos supor que você esteja visitando um *site* e se depare com preços de roupas esportivas. Enquanto você explora diferentes opções, pode notar que o *site* começa a apresentar anúncios personalizados exibindo uma variedade de tênis ou outros acessórios relacionados ao universo dos esportes. Ao rolar a página, aparecem sugestões de matérias sobre como combinar roupas esportivas ou *links* com promoções e descontos. E se você comentar com alguém pode ser que o mesmo *site* apresente propagandas e conteúdos diferentes para essa pessoa. Por que e como isso acontece?

MUNTHITA/SHUTTERSTOCK

Imagem contemporânea que ilustra o conceito de publicidade dirigida. Esse tipo de estratégia comercial tem o objetivo de aumentar a eficácia das ações de publicidade nos meios digitais, tendo como base informações prévias sobre as preferências, os hábitos e o comportamento do público-alvo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vamos compreender

Esse tipo de publicidade dirigida, na verdade, é o resultado da coleta de dados pessoais realizada por empresas de tecnologia. Elas podem monitorar as atividades *on-line* dos usuários, como o histórico de navegação, os cliques feitos em anúncios e o tempo gasto em cada página e nas interações em redes sociais. Essas informações são obtidas por meio de ***cookies*** ou por tecnologias de rastreamento de dados entre *sites* e aplicativos.

***Cookies*:** arquivos de texto armazenados por *sites* visitados e que contêm informações sobre as atividades dos usuários na internet.

Com base nesses dados, as empresas podem personalizar a experiência do usuário e direcionar anúncios com o objetivo de influenciar suas escolhas. Por meio dessas estratégias de *marketing*, as marcas conseguem atingir os consumidores com mensagens que apelam à emoção do usuário e que despertam seu desejo por bens e serviços.

Esse processo, além de fortalecer hábitos de consumo e evidenciar o papel da propaganda na economia moderna, desperta questões a respeito da privacidade e segurança na internet e da autonomia dos usuários. Vale a pena comprometer a privacidade em troca de uma experiência personalizada? Até que ponto as empresas podem influenciar ou mesmo manipular nossas escolhas e decisões?

Dica

Privacidade *hackeada*

Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Estados Unidos, 2019. 113 minutos.

O documentário aborda a problemática em torno do uso não autorizado dos dados de cerca de 50 milhões de usuários de internet com o objetivo de traçar perfis de eleitores e lhes direcionar propaganda eleitoral e *fake news*.

Classificação indicativa do documentário *Privacidade hackeada*: não recomendado para menores de 14 anos.

Vamos criar

Monte um grupo com quatro ou cinco colegas para criar um vídeo informativo ou roteiro para vídeo sobre a publicidade dirigida e como ela se relaciona com a coleta de dados pessoais na internet. Essa será uma forma de transmitir seus conhecimentos sobre o assunto para pessoas da comunidade escolar e de sua convivência.

1. **Pesquisa e planejamento**. Leiam textos e artigos a respeito da publicidade na internet e da coleta de dados pessoais. Em seguida, criem um documento reunindo as principais informações, identificando aquelas que podem ser interessantes transmitir em um vídeo curto.
2. **Organização das informações**. Façam anotações sobre alguns dos tópicos que devem ser discutidos e respondidos no vídeo: O que é uma publicidade dirigida? Que exemplo pode ser apresentado no vídeo? Como os dados pessoais são coletados e qual é o papel das empresas de tecnologia nesse processo? Como esse fenômeno impacta a vida contemporânea?
3. **Produção de roteiro**. O roteiro é um tipo de texto que serve de guia para a criação de um vídeo, apresentando a descrição e a sequência de cenas que serão gravadas. Desse modo, para criar o roteiro, chequem todas as informações que constarão do vídeo e criem as cenas a fim de organizar o melhor encadeamento delas. Vocês poderão pesquisar modelos de roteiros de vídeo para facilitar a estruturação do texto ou utilizar uma apresentação no formato de *slides*, fazendo uso de ilustrações que auxiliem a explicação.

Caso seja possível, utilizem os recursos disponíveis, como *smartphones*, para gravar o roteiro. Escolham um local adequado, com boa iluminação e poucos ruídos. O vídeo deve ser curto e objetivo, a fim de manter o interesse do público. Para isso, vocês podem utilizar ferramentas e *softwares* de edição de vídeo disponíveis gratuitamente na internet.

Compartilhem a produção (o roteiro ou o vídeo finalizado) com a comunidade escolar e com as pessoas de sua convivência, fazendo circular as informações pesquisadas e promovendo entre elas a postura crítica em relação ao uso da tecnologia e da internet.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Trabalhadores da educação

Ao longo deste volume, foram discutidas questões relacionadas ao trabalho e à arte. Você aprendeu que, por intermédio do trabalho, os seres humanos acrescentam um mundo novo ao mundo natural, ou seja, produzem cultura; e que, por meio da arte, o ser humano é capaz de criar formas perceptíveis de expressão de sentimentos e de pensamentos. A arte tem um grande poder de expressar ideias, sensações e provocar reflexões sobre a realidade vivida, incluindo a possibilidade de promover transformações sociais.

Nesta atividade, vamos mobilizar a arte para pensar sobre o trabalho. Assim, vamos observar, estudar e dar visibilidade aos trabalhadores da educação. A ideia é usar a arte para ressignificar o cotidiano desses trabalhadores, apresentando-o em uma mostra de arte que será avaliada por meio de um estudo de recepção.

LEON ZERNITSKY - COLEÇÃO PARTICULAR

School (Escola), pintura de Leon Zernitsky, 2014. A obra representa o cotidiano dos trabalhadores da educação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Etapas de pesquisa

A atividade proposta será realizada coletivamente. Ela é composta de etapas e utiliza três práticas de pesquisa: observação participante, aplicação de questionários e estudo de recepção. Este último será realizado após a mostra de arte.

Observação participante

Na prática de pesquisa denominada observação participante, o pesquisador se insere no grupo que pretende estudar, compartilhando e vivenciando as experiências desse grupo. Assim, o pesquisador deve interagir com os membros do grupo, participando das atividades que fazem parte de seu cotidiano. Com isso, espera-se obter maior profundidade na descrição e na interpretação das vivências do grupo pesquisado.

Questionários

Questionários são listas de perguntas formuladas e apresentadas ao público. Eles podem funcionar como enquetes, ou seja, no formato de perguntas com algumas opções de resposta que devem ser assinaladas pelo voluntário. Há também a possibilidade de inserir questões abertas, isto é, discursivas, nas quais o voluntário deve redigir uma resposta. Alguns questionários combinam os dois tipos de questão.

Estudo de recepção

Os estudos de recepção procuram identificar os significados construídos pelos espectadores ao tomarem contato com uma obra. Eles podem ser utilizados para avaliar a forma como as pessoas interpretaram livros, obras de arte, produções audiovisuais, propagandas publicitárias etc. Em síntese, trata-se de compreender como determinada obra foi recebida pelo público.

Etapa 1: observação participante

Antes de iniciar a observação, dividam-se em grupos. Cada grupo deve escolher um conjunto de trabalhadores da escola e solicitar autorização para acompanhá-los em seu dia a dia. É importante explicar o objetivo do trabalho e obter o consentimento das pessoas.

Considerem que essa etapa pode durar mais de um dia, já que levará um tempo até que as pessoas observadas se sintam confortáveis com a presença de vocês e ajam com certa naturalidade.

Ao realizar as observações, procurem participar das atividades, oferecendo ajuda para a realização das tarefas desses trabalhadores. Façam registros sobre as características das funções que esses trabalhadores desempenham, as exigências para os cargos que ocupam, o histórico de formação profissional dessas pessoas, entre outros aspectos.

Etapa 2: produzindo arte

Com base nas reflexões e nos registros realizados na etapa 1, produzam uma expressão artística inspirada nas vivências dos trabalhadores observados. Vocês podem compor uma música, escrever uma peça de teatro, criar uma dança ou elaborar algum tipo de arte visual, como uma pintura.

A obra criada por vocês pode expressar as relações entre os trabalhadores ou a dedicação deles em relação às tarefas que desempenham. Vocês também podem criar algo que sirva para dar visibilidade a problemas enfrentados por esses trabalhadores, entre muitas outras possibilidades.

É importante que a obra criada por vocês valorize o trabalho dos profissionais acompanhados, apresentando-o de maneira positiva e livre de estereótipos e preconceitos.

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

Estudantes do Ensino Médio em uma aula de Arte, em escola de Diamantino, no estado de Mato Grosso. Fotografia de 2018. Pinturas com guache ou giz de cera são exemplos de técnicas que podem ser utilizadas na produção das obras.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Mostra de arte

Agora é o momento de expor as obras de arte criadas pela turma, convidando o público para refletir sobre o cotidiano dos trabalhadores da educação. A ideia é criar um evento que propicie a apreciação artística e o diálogo entre os participantes. A mostra de arte também é uma oportunidade para valorizar os trabalhadores da educação e expor os desafios que eles enfrentam.

Mostra de arte

Mostras de arte são eventos organizados para exibir uma coleção de obras ao grande público. Elas podem ser realizadas em galerias de arte ou em outros espaços que permitam a circulação de um grande público, como uma escola. As mostras de arte têm um tempo de duração determinado e, nesse sentido, são diferentes das coleções de arte que fazem parte dos acervos permanentes de museus.

LUCAS DUARTE DE SOUZA

Mostra de arte realizada por estudantes do Ensino Médio de escola em São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo. Fotografia de 2024.

Passo 1: organizando a mostra

O primeiro passo para realizar uma mostra de arte é definir um local para sua realização. Para isso, considerem a quantidade, o tamanho e a característica das obras que serão expostas. É importante que o espaço seja bem iluminado e que permita a circulação de um grande número de pessoas. Verifiquem se há obras que necessitam de equipamentos para a reprodução de áudio e/ou vídeo.

Com o local definido e organizado, disponham as obras ocupando o espaço com equilíbrio, isto é, garantindo que estejam bem distribuídas. Identifiquem-nas com título, se houver, e com os nomes dos autores.

Para orientar a visitação do público, indiquem um percurso a ser trilhado. Isso pode ser feito com a colocação de marcações no piso, como setas direcionando o fluxo de visitantes.

É interessante compor um pequeno texto para apresentar alguns dados da mostra. Ele pode ser fixado na entrada do espaço de exposição ou ser distribuído de forma impressa. O texto deve descrever o processo de produção das obras, apresentar as pessoas envolvidas e expor o objetivo da mostra.

Por fim, definam o período em que a mostra estará aberta ao público e façam a divulgação para toda a comunidade escolar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Passo 2: investigando a recepção das obras

Quando um artista produz uma obra, ele pode expressar pensamentos, sentimentos e sensações. No entanto, nem sempre o espectador capta aquilo que o artista quis comunicar. Muitas pessoas, quando não se conectam com uma obra de arte, podem se sentir incapazes de apreciá-la. O importante é não generalizar juízos como "não gosto de arte", "não entendo de arte". Há muitas coisas em jogo na relação entre a obra e o público.

Para compreender como as obras são recebidas, apreciadas e interpretadas pelo público, alguns artistas e instituições realizam pesquisas. Uma das formas de realizá-las é por meio da aplicação de questionários. Neste passo, vocês terão a oportunidade de exercitar essa prática.

Elaborem um questionário para investigar a percepção dos espectadores sobre as obras expostas. Decidam se o questionário terá questões fechadas, isto é, do tipo teste, com alternativas; se terá perguntas abertas para que os visitantes redijam uma resposta ou uma combinação dos dois modelos.

As questões podem abordar a satisfação dos visitantes em relação ao espaço físico da mostra: iluminação, nível de ruído, organização, divulgação etc., mas devem, sobretudo, captar os sentimentos, as reflexões e as sensações mobilizados pelas obras.

Sugerimos que as questões sejam claras e curtas para que os visitantes possam respondê-las em poucos minutos. Antes de aplicar o questionário, façam um teste com os colegas para verificar se as questões e alternativas são de fácil compreensão.

Se possível, utilizem plataformas digitais para a elaboração do questionário. Elas automatizarão a análise das respostas dos visitantes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Passo 3: estudando a recepção das obras

Após a aplicação do questionário, leiam as respostas dos espectadores, verificando como o evento foi recebido pelo público. As questões fechadas podem embasar a construção de estatísticas sobre as respostas predominantes. As respostas das perguntas abertas devem ser lidas uma a uma. Avaliem os sentimentos, os pensamentos e as reflexões que as obras produziram nos espectadores. Verifiquem se aspectos do espaço da mostra, como iluminação, nível de ruído e organização, facilitaram ou dificultaram a fruição artística. Considerem essas informações para avaliar o sucesso da mostra e para dimensionar seus efeitos sobre a comunidade escolar.

Refletindo sobre o trabalho

Com base nos dados fornecidos pelo estudo de recepção, converse com os colegas sobre a condução do trabalho, considerando todas as etapas percorridas até o produto final. Dialoguem sobre como as tarefas foram distribuídas e executadas, identificando pontos a serem melhorados. Reflitam também sobre o evento da mostra de arte, avaliando se as expectativas iniciais foram atendidas.

Por fim, conversem sobre os efeitos da mostra sobre a comunidade escolar, verificando se ela contribuiu para que os visitantes criassem uma nova perspectiva sobre os trabalhadores da escola, identificando suas dificuldades e reconhecendo sua importância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Obra crítica aos ideais do iluminismo que demonstra como o ser humano trocou o horizonte mitológico pelo ideal de progresso racional que produziu o uso instrumental da razão.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os pensadores).

Escrito no fim do século IV, trata-se de um texto confessional e autobiográfico em que Agostinho descreve sua vida de pecador até o momento de sua conversão e apresenta algumas de suas teorias sobre a natureza divina.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Obra que propõe uma crítica aos mitos da ciência e apresenta diversos instrumentos que permitem ao leitor analisar as informações difundidas na sociedade contemporânea, contribuindo para a construção de um pensamento autônomo.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

Livro de 1958 que traz uma análise crítica da condição humana na modernidade europeia, apresentando suas três atividades fundamentais: o labor, o trabalho e a ação.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985.

Escrita para Nicômaco, filho de Aristóteles, a obra é um tratado de filosofia prática que serve como um manual, apresentando reflexões sobre o modo de vida que conduz à felicidade humana.

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília, DF: Editora UnB, 1985.

Uma das primeiras obras da tradição ocidental a analisar e debater as instituições públicas, as formas de governo e os governantes capazes de produzir a boa vida em comunidade. Essa obra decorre da concepção do ser humano como, por natureza, um animal racional e político.

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Lisboa: Edições 70, 1972.

Apresenta uma crítica da sociedade de consumo em que toda produção humana, seja ela artística, seja intelectual ou científica, é transformada em signo que pode ser traduzido em valor de troca, fazendo a ação humana ser movida pelo consumismo.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Obra em que Bauman descreve como as sociedades atuais apresentam um estatuto de fragilização dos laços humanos e sociais, fato esse que é nomeado de amor líquido.

BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

Publicado em 1789, durante o auge do iluminismo e das revoluções modernas, a obra apresenta a teoria utilitarista de Bentham como modelo fundamental para a moral e o direito, estabelecendo que a ação humana correta aumenta a felicidade dos envolvidos, enquanto a ação errada produz a infelicidade.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade**: para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Clássico da teoria social e política lançado em 1985, na Itália, é uma reunião de quatro verbetes da *Enciclopédia Einaudi* sobre temas fundamentais que são analisados didaticamente pelo autor: democracia/ditadura, público/privado, sociedade civil e estado.

BODIN, Jean. **Os seis livros da república**. São Paulo: Ícone, 2011. v. 1.

Apresenta uma das primeiras teorias acerca do conceito de soberania, entendido como o poder máximo do Estado sobre seus súditos, no sentido do controle social que é regulado por meio da criação, aplicação e anulação de leis.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000.

Coletânea de textos de Antonio Candido publicada em 1965, apresenta escritos sobre crítica de arte e sua relação com o meio social.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Coleção Trópicos).

Aborda uma perspectiva humanista que descreve a atual condição ou situação do ser humano diante de diversas crises no âmbito cultural e intelectual.

CHARDIN, Teilhard de. **O fenômeno humano**. São Paulo: Cultrix, 2005.

Livro que descreve o progresso humano como efetividade de uma condição cósmica que culminou nos dias atuais, em que o ser humano ocupa papel especial por sua condição de ser racional e reflexivo.

CHÂTELET, François (org.). **História da filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. v. 5.

Coleção clássica que narra a história da filosofia ocidental por meio de diversos artigos divididos em oito volumes, sendo o quinto volume sobre o fim do pensamento moderno e sua transição para o contemporâneo.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

Trata-se de uma obra que apresenta de maneira sucinta e eficiente as grandes questões e teorias filosóficas de nossa cultura.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CHILDE, Gordon. **A evolução cultural do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
Apresenta uma análise do desenvolvimento do ser humano sob a perspectiva não só cultural, mas também biológica, genética e social, visto que sua sobrevivência e permanência na Terra dependeu de fatores e competências específicas que descrevem muito bem as potências do humano.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Ubu, 2017.
Clássico da sociologia e etnologia que descreve a existência de sociedades complexas e bem desenvolvidas que não tinham um Estado, contrariando a ideia de que a sociedade sem Estado seria desprovida de organização política.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
Aborda algumas virtudes clássicas da tradição filosófica dos gregos antigos, tendo em vista problemas e ideias da atualidade que poderiam ter algum tipo de ressonância ou confluência com o uso antigo das virtudes.

COMTE-SPONVILLE, André. **Valor e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
Apresenta uma breve teoria sobre a relação entre o valor e a verdade, tendo como referências alguns clássicos da tradição filosófica que abordaram o tema, como Nietzsche, Pascal, Espinosa, Diógenes etc.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
Estuda a vida e a obra de Nietzsche apresentando algumas de suas ideias e conceitos fundamentais, especialmente o papel da vontade de poder e da teoria das forças presente na obra nietzschiana.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).
Livro que resume algumas ideias já apresentadas por Descartes acerca da metodologia ideal para se conduzir o pensamento humano na produção de conhecimento verdadeiro, seguindo um horizonte rigoroso e matemático de operações sistemáticas.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).
Escrito em 1641, aprofunda as ideias do *Discurso do método* e das *Regras para a orientação do espírito*, além de expor uma ampla reflexão sobre como é possível o conhecimento verdadeiro, justificando a existência divina e demonstrando a existência humana fundada no pensamento.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
Coletânea de cinco artigos de Umberto Eco que tratam de problemas éticos da atualidade, como a guerra, o fascismo, o totalitarismo, a intolerância e o papel da imprensa ou dos meios de comunicação diante desses fenômenos.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
Propõe uma análise crítica do papel da interpretação dos textos literários, dando atenção para o problema da superinterpretação, ou seja, os exageros que os intérpretes produzem ao entrar em contato com uma obra de arte.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
Apresenta uma teoria sobre os mitos e seu papel na cultura humana com base em exemplos retirados de diversos povos, de diferentes épocas, relacionando a função do mito em suas manifestações seculares e religiosas.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. (Coleção Perspectivas do homem).
É um tratado de 1884 que apresenta uma teoria sobre o surgimento da família, da propriedade privada e do Estado com base na análise das dinâmicas de classes, sendo resultantes da estratégia de dominação realizada pelas classes que detinham o poder.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
Trata-se de um tratado filosófico escrito no gênero carta por Epicuro ao seu colega Meneceu, em que o autor antigo discorre sobre a felicidade, o prazer e a possibilidade de a filosofia ajudar o humano a produzir uma boa vida.

FERRY, Jean-Luc. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
Introdução à Filosofia que aborda uma perspectiva ética para refletir sobre o papel do exercício filosófico na vida e nos problemas contemporâneos, apresentando algumas ideias clássicas da história da filosofia.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
Apresenta uma análise da arte e de seu papel na cultura humana por meio da metodologia do materialismo histórico-dialético, retomando grandes autores sobre o tema para refletir a respeito da função da arte em seu potencial crítico e inventivo.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
Coletânea célebre de textos de Michel Foucault que tratam da questão da natureza e do exercício do poder nas sociedades capitalistas, além de sua relação fundamental com a ideia de verdade, utilizando-se da metodologia genealógica.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999.
Apresenta reflexões do filósofo francês Michel Foucault sobre o poder, analisado por meio das instituições de cárcere e vigilância.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.
Aborda a teoria de amor de Fromm, que remete à ideia de uma união saudável entre dois seres, mas indicando que o amor pode ser compreendido de diversas formas e que pode estar envolvido também com sentimentos contraditórios, como o desejo de dominação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FROMM, Erich. **Análise do homem**. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Apresenta uma teoria sobre o estatuto do humano contemporâneo e seu horizonte de alienação psicológica e social, que tem como consequência o aumento do controle instrumental da natureza, mas a perda do sentido sobre a existência humana e seu papel.

FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

Trata-se de uma análise psicanalítica da sociedade contemporânea e de seus fenômenos, como a alienação, a burocratização e a mercantilização.

GALILEI, Galileu. **O ensaiador**. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção Os pensadores).

Trata-se de uma resposta de Galileu sobre o tema dos cometas contra o astrônomo Orazio Grassi, que, nessa disputa, estava correto a respeito da natureza dos cometas, visto que Galileu os considerava miragens.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000.

Breve e rigorosa apresentação da vida e da obra de Nietzsche, que expõe seus principais problemas e conceitos, como a transvaloração dos valores ou a crítica da metafísica.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Estuda a teoria marxista do trabalho e realiza uma inovação ao indicar modificações do trabalho, que estaria se tornando menos significativo para as mobilizações de esquerda da época, o que também contraria a tendência de que o capitalismo estava criando as condições materiais da revolução.

GRAEBER, David; WENGROW, David. **O despertar de tudo**: uma nova história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Introduz uma nova história do progresso humano, que critica perspectivas tradicionais e nos mostra que existiram diversas formas de realização humana tão "modernas" e "úteis" como as que temos atualmente.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência enquanto "ideologia"**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os pensadores).

Coletânea de textos da década de 1960 que tratam do papel da tecnologia e da ciência nas sociedades capitalistas, analisadas por Marcuse como instrumentos da ideologia e da dominação.

HARARI, Yuval. ***Sapiens***: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2017.

Apresenta uma história do desenvolvimento humano refletindo sobre como as criações humanas só foram possíveis por conta da interação social e da capacidade ficcional da mente humana.

HEGEL, Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1988.

Umas das mais importantes obras de Hegel, articula as figuras do sujeito e da consciência e traz à tona sua teoria sobre a fenomenologia do Espírito.

HEGEL, Friedrich. **O sistema de vida ética**. Lisboa: Edições 70, 1991.

Escrito em 1803 e publicado postumamente, apresenta uma consolidação do pensamento hegeliano no âmbito da discussão prática, analisando a instauração de instituições éticas como a Igreja e o Estado.

HOBBES, Thomas. **Leviatã**: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Clássico de 1651 em que Hobbes defende a ideia de que o poder soberano do Estado seria comparável ao monstro chamado de Leviatã, pois serviria para acabar com o caos e a anarquia nas sociedades, uma vez que o ser humano teria uma tendência natural para o egoísmo e o conflito.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

Publicado em 2000, apresenta uma reflexão sobre o amor na atualidade, entendido como ato político que não seria irracional ou puramente afetivo, mas que apresenta uma dimensão ética.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

Aborda uma crítica dos usos instrumentais da razão que, em vez de lutar contra a ignorância e a barbárie, produziram larga desumanização na Europa do século XIX e possibilitaram não o avanço da humanidade, mas suas piores destruições e dominações.

HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

Principal obra de Hume, publicada em 1748, que estuda a capacidade humana de compreender e conhecer o mundo, dando ênfase para as teorias empiristas da causalidade e da origem empírica do saber.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

Apresenta uma nova ética para a atualidade tecnológica que dá mais foco para a importância da responsabilidade humana, abordando o futuro da espécie humana em sua relação com um mundo com potencial para extinção.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

Primeira obra das três críticas escritas por Kant, ela trata do problema do conhecimento, buscando responder à pergunta "que pode o ser humano conhecer?" e indicando o papel da razão nessa operação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1998.
Obra de filosofia prática do pensamento crítico de Kant, ela apresenta os fundamentos de sua teoria moral que se baseia na ideia de dever para indicar o poder da razão humana de elaborar normas universais para a ação.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo: Ibrasa, 1973.
Aborda a criatividade humana com base em diversas teorias, definições e conceitos que destrincham o processo criativo no intuito de melhor compreendê-lo e realizá-lo.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
Introdução ao tema da ideologia a partir da sua formulação e elaboração marxista, ampliado e aprofundado com uma reflexão com outros autores que nos mostram a pertinência do conceito no contexto atual.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
Expõe os problemas ecológicos do mundo contemporâneo e como a mentalidade humana os produziu e os mantém, para então contrapor uma cosmovisão que luta contra a exploração da natureza.

LANGER, Susanne K. **Ensaios filosóficos**. São Paulo: Cultrix, 1971.
Conjunto de ensaios que tratam da condição humana e investigam algumas experiências fundamentais do humano, como a origem da fala, a definição da arte e as consequências da tecnologia na vida contemporânea.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. v. 1.
Publicada em 1689, apresenta a teoria empirista sobre o conhecimento humano de John Locke, calcada na ideia de que o entendimento conhece com base na experiência, de modo que não existem ideia inatas.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os pensadores).
Enquanto o primeiro tratado refuta algumas ideias da época, este segundo lida com a teoria política sobre as origens da sociedade civil e seus fundamentos, baseada na noção de direito natural e nas teses acerca do contrato social.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
Escrito como guia ou manual para Lourenço de Médici, é um tratado de filosofia política que apresenta e descreve maneiras de como um governante pode agir para conquistar e manter seu poder político, inaugurando o realismo político.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 1993.
Introdução ao pensamento nietzschiano, tendo como horizonte principal sua crítica da moralidade ocidental moderna e a tarefa de transvaloração dos valores como "imperativo" ético que se instaura em oposição à moral decadente.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Nova Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).
Analisa os eventos revolucionários que culminaram com o golpe de Estado que Bonaparte realizou para se tornar governante e instaurar o Segundo Império da França, indicando a metodologia de pesquisa de Marx e como os fenômenos sociais são fruto da luta de classes.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia ao capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1.
Conjunto de livros, cujo primeiro volume é comentado, que tratam da crítica de Marx à economia política moderna ou burguesa. Esta teoria analisa criticamente a origem e o desenvolvimento do capitalismo enquanto sistema econômico.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
Apresenta a teoria dos autores acerca do materialismo histórico, articulando conceitos centrais como trabalho, alienação, força produtiva e consciência, e propõe uma teoria renovada sobre a ideologia.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Ched Editorial, 1980.
Publicado em 1847, apresenta um manifesto escrito a pedido da Liga Comunista para expor as principais teses da doutrina comunista.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.
Estudo sobre o conceito de necropolítica baseando-se em processos de violência, como guerras, genocídios, ecocídios, no intuito de mostrar como existe um poder que controla e regula a vida e a morte, indicando quão digno uma pessoa é de viver ou não.

MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
Apresenta a famosa teoria acerca da separação funcional dos poderes do Estado em três âmbitos, estabelecendo que eles devem ser exercidos por pessoas distintas e de modo que haja equilíbrio e controle recíproco entre as instâncias.

MORGENBESSER, Sidney (org.). **Filosofia da ciência**. São Paulo: Cultrix, [1975].
Coletânea de artigos/conferências de especialistas estadunidenses no tema da filosofia da ciência que têm como intuito introduzir o leitor leigo aos principais problemas e conceitos atuais trabalhados por essa área do saber filosófico.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
Apresenta uma reflexão sobre as interações intelectuais entre o humanismo e o cientificismo no intuito de repensar as possibilidades da educação, que não seja conteudista, mas promova o bem-estar e amplie a compreensão sobre nossa condição.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Introdução à teoria crítica e aos autores da Escola de Frankfurt, apresentando as teses críticas às teorias tradicionais para desenvolver temas fundamentais, como a indústria cultural e a sociedade de consumo.

NOBRE, Marcos (org.). **Curso livre de teoria crítica**. Campinas: Papiros, 2008.

Coletânea de textos que apresentam os diversos autores e conceitos da teoria crítica.

OLIVEIRA, Armando Mora de *et al*. **Primeira filosofia**: tópicos de filosofia geral. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Coletânea que reúne ensaios de pesquisadores reconhecidos nacionalmente sobre temas da filosofia desde suas origens e que ainda permanecem com relevância no debate acadêmico.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os pensadores).

Descrição realizada por Platão do julgamento, da sentença e da morte de Sócrates, realizada em forma de diálogo, cujo personagem central é o próprio Sócrates, o qual defende sua atuação na cidade e encara em paz sua sentença de morte.

PLATÃO. **A República**. Belém: Edufpa, 2000.

Apresenta a teoria política de Platão, que expõe e descreve os possíveis regimes de governo da época, divididos entre corruptos e justos, mas que também reflete sobre qual seria o governo e o governante ideais.

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Obra que apresenta a teoria platônica acerca do amor enquanto *eros*, entendido como desejo daquilo que nos falta.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. **Ensaios filosóficos**, Rio de Janeiro, v. IV, p. 6-23, out. 2011.

Artigo que debate o sentido de se falar em "filosofias africanas" e defende a importância de estudar as ideias e os autores que estariam sob essa definição, especialmente por serem vítimas de silenciamentos históricos.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. Martins Fontes: São Paulo, 2008.

Expõe uma teoria da justiça que se opõe ao utilitarismo e pragmatismo, apresentando uma nova perspectiva acerca do contrato social como a instância que poderia garantir o equilíbrio e, consequentemente, a justiça entre os humanos.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do Romantismo ao empiriocriticismo. São Paulo: Paulus, 2005. v. 5.

Clássico renomado que apresenta em sete volumes a vida e a obra dos principais autores da história da filosofia, enfatizando seus conceitos centrais e apresentando esquemas e resumos que auxiliam o estudo pela exploração visual das ideias.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Clássico de Russell que apresenta uma curadoria das principais vertentes da história do pensamento ocidental, dos pré-socráticos até os autores do século XX.

SALMON, Wesley. **Lógica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

Introduz o tema da filosofia lógica por meio dos seus conceitos e modelos argumentativos fundamentais, ampliando a relação da disciplina com outros saberes científicos, especialmente com as áreas das humanidades, como o direito e a história.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

Concebido com base em uma palestra realizada em 1945, o livro consiste em uma apresentação sobre o sentido e o significado do existencialismo francês, focado em uma perspectiva humanista.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1. (Coleção Os pensadores).

Clássico de 1776 que apresenta uma das primeiras teorias sobre o surgimento e a manutenção de grandes riquezas, formulando, assim, um dos mais relevantes tratados de economia da modernidade.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

Introduz o tema da ética por meio de uma abordagem didática e acessível que nos apresenta suas principais teorias, seus problemas clássicos, sua relação com outras áreas do saber e a pertinência dessa reflexão na atualidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SUPLEMENTO PARA O PROFESSOR

Prezados professores,

Estamos passando por um período de grandes transformações na Educação Básica. A aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) delineou objetivos pedagógicos que visam padronizar os currículos, desenvolver as competências da educação do século XXI, promover a equidade e a inclusão na sala de aula e garantir a formação integral dos estudantes. Sua implementação é o desafio que se apresenta a todos nós.

Na etapa do Ensino Médio, tais desafios são ainda maiores. Mesmo antes da BNCC, a própria composição estrutural desse segmento escolar também foi profundamente modificada, por meio de alteração na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional. Somos agora instados a repensar os componentes curriculares em um contexto maior, interdisciplinar, considerando os conhecimentos especializados das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas de forma integrada, muitas vezes em diálogo com as outras áreas do conhecimento.

O propósito dessa mudança é levar o currículo ao encontro das necessidades dos estudantes, considerando seu futuro profissional e sua inserção no mercado de trabalho. Para isso, espera-se aproximar o currículo do mundo do trabalho, aumentando a autonomia dos estudantes e orientando-os na escolha de seu projeto de vida.

Este livro integra uma coleção de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Nele, procuramos abordar os conteúdos em perspectiva interdisciplinar, com base nos conceitos centrais da área.

A partir de situações-problema, a oferta de informações, a elaboração de conceitos e a problematização de afirmações subsidiam com profundidade teórica as atividades práticas e investigativas que os estudantes deverão realizar. Os conhecimentos dos diferentes componentes curriculares, desse modo, são colocados em diálogo visando uma aprendizagem mais significativa e reflexiva.

Nesse contexto de profundas transformações, esta coleção pretende auxiliar os professores a pôr em prática o que o novo Ensino Médio nos propõe: tornar o estudante cada vez mais o sujeito de sua trajetória de aquisição e elaboração do conhecimento, um sujeito ativo capaz tanto de questionar criticamente o presente como de imaginar um futuro melhor. Construir sujeitos autônomos e preparados para serem protagonistas não só no território do conhecimento, mas também no âmbito da vida social: essa é, e sempre foi, nossa responsabilidade. Nesse sentido, há continuidade na mudança.

Esperamos que esta obra possa auxiliá-los nessa jornada!

O autor

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SUMÁRIO

ORIENTAÇÕES GERAIS MP003

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas MP003
Diversidade cultural MP004
Cidadania MP004
Novas tecnologias MP005

Professor reflexivo para uma aprendizagem significativa MP005
O ensino por competências e habilidades MP006
Conhecimentos, competências e habilidades MP006
Competências e habilidades na BNCC MP007
Autonomia do professor no trabalho com competências MP010

Fundamentos teórico-metodológicos da coleção MP011
A seleção de conteúdos MP011
O processo de ensino-aprendizagem MP012
O protagonismo juvenil MP013

A proposta didático-pedagógica da coleção MP013
A importância da pesquisa MP014
Aprendizagem e informação MP014
Diversidade e inclusão MP014
A integração entre os componentes curriculares e entre as áreas do conhecimento MP015
O trabalho interdisciplinar na escola MP016

Avaliação da aprendizagem MP017

Organização geral da coleção MP018
Unidades temáticas: uma abordagem complementar MP018
Unidade 1: Ciência, cultura e sociedade MP019
Unidade 2: População, territórios e fronteiras MP019
Unidade 3: Ética e cidadania MP020
Unidade 4: Trabalho e transformação social MP020
Unidade 5: Estado, poder e democracia MP020
Unidade 6: Sociedade e meio ambiente MP021
Livro do estudante: recursos didático-pedagógicos MP021
Páginas iniciais MP021
Abertura de unidade MP021
Capítulos MP021
Estratégia de estudo MP022
Educação midiática MP022
Pesquisa em foco MP022
Possibilidades de uso dos volumes da coleção MP023
Sugestões de cronograma MP023

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS DESTE VOLUME MP025

O ensino de filosofia e o livro didático MP025

Filosofia no Ensino Médio: competências e habilidades MP025

Metodologia didático-pedagógica MP026

Leituras complementares MP026
Pensamento alargado MP026
Abertura para a experiência MP027
O propósito da filosofia MP028
Coragem, a virtude da maturidade MP029

ORIENTAÇÕES PARA TRABALHO COM O LIVRO DO ESTUDANTE MP030

UNIDADE 1 **Ciência, cultura e sociedade** MP030
Objetivos de aprendizagem desta unidade MP030
Capítulo 1 Consciência e conhecimento MP030

ESTRATÉGIA DE ESTUDO ***Flashcards*** MP035
Capítulo 2 Caminhos da ciência MP035

UNIDADE 2 **População, territórios e fronteiras** MP041
Objetivos de aprendizagem desta unidade MP041
Capítulo 3 Estado e poder MP041
Capítulo 4 Territorialidade, arte e linguagem MP045

UNIDADE 3 **Ética e cidadania** MP050
Objetivos de aprendizagem desta unidade MP050
Capítulo 5 A conduta ética MP050
Capítulo 6 Ética na história MP054

UNIDADE 4 **Trabalho e transformação social** MP059
Objetivos de aprendizagem desta unidade MP059
Capítulo 7 Trabalho e alienação MP059
Capítulo 8 Amar e projetar MP064

UNIDADE 5 **Estado, poder e democracia** MP068
Objetivos de aprendizagem desta unidade MP068
Capítulo 9 Política: dos antigos aos modernos MP068
Capítulo 10 Política contemporânea MP073

UNIDADE 6 **Sociedade e meio ambiente** MP078
Objetivos de aprendizagem desta unidade MP078
Capítulo 11 Condição humana MP078
Capítulo 12 Ser humano e meio ambiente MP081

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA **Publicidade dirigida** MP086

PESQUISA EM FOCO **Trabalhadores da educação** MP086

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS MP087

ORIENTAÇÕES GERAIS

> A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
>
> *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948.

> [...] compreender é inventar, ou reconstruir através da reinvenção, e será preciso curvar-se ante tais necessidades se o que se pretende, para o futuro, é moldar indivíduos capazes de produzir ou de criar, e não apenas de repetir.
>
> Jean Piaget, 1976.

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, constituída pelos componentes curriculares história, filosofia, sociologia e geografia abordados de forma integrada, é fundamental para a formação integral do estudante e para a construção de uma cidadania democrática.

Uma democracia sadia deve se basear no respeito ao outro, na pluralidade de opiniões e visões de mundo. As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas são indispensáveis à democracia, pois oferecem aos estudantes os instrumentos necessários para pensar por si mesmos, debater e discutir ideias considerando a opinião do outro, entender o significado da experiência humana em toda a sua diversidade e conscientizar-se dos problemas econômicos, sociais, políticos e ambientais que os afetam direta ou indiretamente. A área também contribui decisivamente para o desenvolvimento da empatia, ou seja, do "raciocínio posicional", que, segundo a filósofa estadunidense Martha Nussbaum, permite que nos coloquemos no lugar dos outros, reconhecendo seus sofrimentos, suas dificuldades e suas realizações.

Examine o que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre o papel da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio:

> [...] a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer **diálogos** – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. Para tanto, define habilidades relativas ao **domínio** de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos.
>
> De posse desses instrumentos, espera-se que os jovens elaborem **hipóteses** e **argumentos** com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a **dúvida sistemática** – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas.
>
> Nessa direção, a BNCC da área de Ciências Humanas prevê que, no Ensino Médio, sejam enfatizadas as aprendizagens dos estudantes relativas ao desafio de dialogar com o outro e com as novas tecnologias. Considerando que as novas tecnologias exercem influência, às vezes negativa, outras vezes positiva, no conjunto das relações sociais, é necessário assegurar aos estudantes a análise e o uso consciente e crítico dessas tecnologias, observando seus objetivos circunstanciais e suas finalidades a médio e longo prazos, explorando suas potencialidades e evidenciando seus limites na configuração do mundo contemporâneo.
>
> É necessário, ainda, que a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o **protagonismo juvenil** investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 561-562.

Segundo Martha Nussbaum, há um conjunto de capacidades fundamentais que a escola pode contribuir para desenvolver e, assim, formar cidadãos mais democráticos e responsáveis. As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas são determinantes para desenvolver as capacidades listadas a seguir:

> Capacidade de raciocinar adequadamente a respeito de temas políticos que afetem a nação, de examinar, refletir, argumentar e debater, não se submetendo nem à tradição nem à autoridade.
>
> Capacidade de reconhecer seus concidadãos como pessoas com direitos iguais, mesmo que sejam diferentes quanto a raça, religião, gênero e orientação sexual: olhá-los com respeito, como fins, não apenas como ferramentas a serem manipuladas em proveito próprio.
>
> Capacidade de se preocupar com a vida dos outros, de compreender o que as diferentes políticas significam para as oportunidades e experiências dos diferentes tipos de concidadãos e para as pessoas que não pertencem a seu próprio país.
>
> Capacidade de conceber cabalmente diversos assuntos complexos que afetam a história da vida humana em seu desenvolvimento: refletir acerca da infância, da adolescência, das relações familiares, da doença, da morte e muito mais, de forma que se caracterize pela compreensão de um amplo conjunto de histórias humanas, não apenas pela reunião de informações

> Capacidade de julgar criticamente os líderes políticos, mas com uma compreensão fundamentada e realista das possibilidades de que eles dispõem.
>
> Capacidade de pensar no bem da nação como um todo, não somente no bem do seu próprio grupo local.
>
> Por sua vez, capacidade de perceber seu próprio país como parte de um mundo complexo em que diferentes tipos de assunto exigem uma discussão transnacional inteligente para que sejam solucionados.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos**. Por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 26.

Nussbaum salienta a importância de capacidades como raciocínio crítico, reconhecimento da complexidade da realidade e empatia na construção de sujeitos democráticos, empáticos e solidários. Segundo a autora, o raciocínio crítico consiste em pensar reflexivamente um mundo complexo e cada vez mais interdependente sem fazer uso de simplificações e dicotomias fáceis. Essa capacidade também está ligada à habilidade de transportar o olhar do nível local para o global, indo além das necessidades imediatas para abordar com discernimento questões e problemas em diferentes escalas. Outra capacidade fundamental para formar sujeitos democráticos é a compreensão empática das diversas experiências humanas, que é exercida quando consideramos aqueles que são percebidos como diferentes como sendo indivíduos iguais a nós, possuindo os mesmos direitos e responsabilidades.

> [...] a capacidade refinada de raciocinar e refletir criticamente é crucial para manter as democracias vivas e bem vigilantes. Para permitir que as democracias lidem de modo responsável com os problemas que enfrentamos atualmente como membros de um mundo interdependente é crucial ter a capacidade de refletir de maneira adequada sobre um amplo conjunto de culturas, grupos e nações no contexto de uma compreensão da economia global e da história de inúmeras interações nacionais e grupais. E a capacidade de imaginar a experiência do outro – uma capacidade que quase todos os seres humanos possuem de alguma forma – precisa ser bastante aumentada e aperfeiçoada, se quisermos ter alguma esperança de sustentar instituições decentes que fiquem acima das inúmeras divisões que qualquer sociedade moderna contém.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos**. Por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 11.

Com o objetivo de desenvolver essas capacidades e, assim, cumprir as exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nesta coleção a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é abordada principalmente a partir de três eixos: **diversidade cultural**, **cidadania** e **novas tecnologias**.

A seguir, explicitamos a relação das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas com cada um desses eixos.

Diversidade cultural

A era da informação caracteriza-se pelo enorme fluxo de dados, pela velocidade da inovação técnica e produtiva e pela renovação contínua dos conhecimentos produzidos. Serviços, produtos, processos e tendências surgem e rapidamente se tornam obsoletos, em ciclos que se repetem. Isso faz com que muitos jovens e adolescentes tenham propensão a perder o contato com o passado e a memória, vivendo numa espécie de eterno presente. Desorientados pelo fluxo vertiginoso das imagens no mundo do consumo e na sociedade do espetáculo, eles correm o risco de romper o vínculo com o passado e colocar em xeque sua própria identidade.

O rápido envelhecimento e a obsolescência das coisas, que são relegadas a um passado cada vez mais esquecido e desvalorizado, fazem com que uma das tarefas mais importantes do ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas seja possibilitar o acesso da geração atual às experiências das gerações anteriores e, assim, contribuir para a construção da identidade dos jovens estudantes. Entretanto, a identidade nacional não é mais a única matriz na formação da identidade pessoal. Nossa sociedade é cada vez mais plural e multicultural, marcada pela convivência e interação de pessoas com diferentes culturas, valores e identidades. A impossibilidade de estabelecer barreiras ao fluxo de informação e à difusão de conhecimentos promove, entre outros efeitos, a síntese de diferentes culturas.

Em grandes cidades, como Nova York, São Paulo, Londres, Cidade do México ou Singapura, pessoas do mundo todo convivem e interagem cotidianamente, muitas vezes adotando hábitos e estilos de vida de outras culturas sem perder os vínculos com sua cultura nativa. Nas áreas rurais, por sua vez, sempre ocorreu a interação de comunidades tradicionais, povos originários e migrantes que vieram de outros países ou de outras regiões de um mesmo país. Essas interações produzem, assim, identidades culturais híbridas, que não implicam mais o pertencimento único e exclusivo do indivíduo a uma cultura.

A realidade do multiculturalismo exige um ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas mais flexível, abrangente, dinâmico e, sobretudo, mais atento à diversidade cultural que se expressa na sala de aula e na sociedade em geral. Uma das tarefas fundamentais desse ensino é contemplar as relações e o intercâmbio entre diversas culturas e ao mesmo tempo desenvolver a capacidade de respeitar, aceitar e valorizar as diferenças. Na seleção dos conteúdos dos quatro volumes desta coleção, procuramos contemplar e valorizar múltiplos aspectos da diversidade cultural no mundo e, especialmente, no Brasil.

Cidadania

A preparação dos estudantes para o exercício da cidadania é uma das tarefas fundamentais do ensino da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Nesta coleção, a formação cidadã é uma preocupação constante que perpassa o conjunto dos quatro volumes. O tema é trabalhado em diferentes épocas, do ponto de vista local e global e em seus diversos níveis.

A cidadania no mundo contemporâneo pode ser desdobrada em três esferas de direitos: civis, políticos e sociais. Gozar desses três tipos de direitos sem restrição significa, em tese, ser cidadão pleno. Direitos civis incluem os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à igualdade perante a lei, a ter um julgamento justo, à liberdade de ir e vir, de organizar-se e de expressar o pensamento. Direitos políticos referem-se à participação do cidadão na vida política do país e incluem os direitos a organizar manifestações políticas, constituir partidos, votar e ser votado. Por fim, direitos sociais são os que garantem a participação do cidadão na sociedade e incluem os direitos à educação de qualidade, à saúde, a um salário justo e à proteção social.

Os direitos civis foram teorizados por filósofos e juristas a partir do século XVII, na época ainda sob o nome de direitos naturais. No século seguinte, eles começaram a ser incorporados às legislações francesa, inglesa e estadunidense. Os direitos políticos, embora já fizessem parte da pauta de movimentos reivindicatórios do século XVIII, foram progressivamente estabelecidos ao longo do século XIX e, em muitos países, apenas no século XX. Os direitos sociais, pelos quais as organizações de trabalhadores já lutavam no século XIX, só foram conquistados no século XX em países desenvolvidos. Nos países de industrialização tardia, como o Brasil, muitos desses direitos chegaram com atraso, e alguns não são assegurados até hoje.

Em nossos dias, não se pode separar o conceito de cidadania do de democracia. O que caracteriza a cidadania é o gozo pleno de direitos inalienáveis, garantidos por leis e códigos formais. Muitas vezes, porém, esses direitos são reconhecidos na lei, mas não cumpridos na prática, ou então certas categorias da população são simplesmente excluídas deles. Ainda há países em que só os homens têm direito a votar e ser eleitos e onde quem não professa a religião oficial do Estado não tem os mesmos direitos daqueles que a professam.

Não se pode falar em cidadania em regimes totalitários, como é o caso da Alemanha nazista, da Itália de Benito Mussolini e da União Soviética sob o stalinismo. O conceito de cidadania implica igualdade, universalidade e liberdade. Não pode haver cidadania plena se o reconhecimento dos direitos do indivíduo depende de sua lealdade ao Estado, a uma religião ou ideologia determinada. A cidadania também não é efetiva onde existam minorias oprimidas sem os mesmos direitos que os demais cidadãos. Por isso, é fundamental reconhecer que a cidadania é um processo de conquistas contínuas que exige a participação ativa de cidadãos críticos e conscientes. Acreditamos que contribuir para desenvolver essa consciência cidadã é justamente uma das principais funções das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na edificação de uma sociedade mais democrática, justa e inclusiva.

Novas tecnologias

A relação da sociedade com a ciência e a tecnologia foi uma das preocupações que nortearam a elaboração desta coleção e se fez presente, no decorrer das unidades de cada um dos quatro volumes, em diversos contextos, tempos e espaços.

Nas últimas décadas, a atividade científica e o desenvolvimento tecnológico tornaram-se elementos decisivos nos processos de transformação social. É uma tarefa importante do ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ajudar os estudantes a compreender e problematizar o progresso científico e tecnológico, mostrando como a inovação científica e a revolução tecnológica modificam as rotinas do cotidiano, os códigos de valores e as visões de mundo que orientam os seres humanos. O objetivo é levar os estudantes a avaliar criticamente o papel da mudança tecnológica em nossa vida. Para isso, é necessário considerar como os avanços da ciência e da tecnologia têm sido interpretados pela sociedade.

Houve momentos em que a inovação técnico-científica foi vista como uma evolução incontestável na melhoria das condições de vida, como ocorreu com a descoberta da penicilina, que permitiu combater infecções e salvar milhões de vidas. Mas houve, em contrapartida, contextos nos quais ela foi sentida como uma forma de opressão, como no princípio da Revolução Industrial, em que a máquina foi vista como inimiga dos trabalhadores por ameaçar substituí-los. Enfim, é necessário ter em conta também a relação da tecnologia com a democracia, como ressaltou o historiador Nicolau Sevcenko:

> O que precisamos, mais do que nunca, é repensar a ciência dentro de uma plataforma democrática; que ela possa ser, em todas as suas instâncias, discutida por todos os agentes interessados nos seus efeitos – o que, a essa altura, implica todos os elementos de uma sociedade, porque não há recanto onde a tecnologia não tenha impacto.
>
> MORAES, José Geraldo V. de; REGO, José M. (org.). **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 349.

Numa sociedade em que há um volume enorme e crescente de informação disponível, a capacidade de acessar informações e processá-las de maneira crítica é uma habilidade crucial. A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deve contribuir para que os estudantes saiam do Ensino Médio sabendo como identificar fontes confiáveis, como determinar a validade, a autenticidade e a confiabilidade dos conteúdos na internet, como estabelecer a importância e o peso relativo de cada informação e, por fim, como conectar dados a aprendizagens e conhecimentos adquiridos anteriormente.

Professor reflexivo para uma aprendizagem significativa

Na obra *O mestre ignorante*: *cinco lições sobre a emancipação intelectual*, de 1987, o filósofo francês Jacques Rancière ressaltou que uma concepção tradicionalista de educação, em que o estudante é visto apenas como espectador do processo pedagógico, e não como sujeito ativo da própria aprendizagem, é algo que mantém as desigualdades educacionais.

Rancière chama de "mestre emancipador" aquele que se recusa a reduzir a educação à mera "transmissão" de conhecimentos e pressupõe o diálogo entre educador e educando como ponto de partida e condição necessária para o próprio processo educativo. A aprendizagem depende do trabalho ativo do educando para se apropriar dos conteúdos que lhe são ensinados. Nesse processo, o professor desempenha o papel do mediador que franqueia ao educando o acesso às fontes do conhecimento. Segundo o filósofo, "o aluno deve ver tudo por ele mesmo, comparar incessantemente e sempre responder à tríplice questão: o que vês? o que pensas disso? o que fazes com isso? E, assim, até o infinito." (Rancière, 2002, p. 35).

O ensino só é significativo quando há envolvimento, troca e diálogo entre educador e educando. Além disso, numa época como a nossa, em que há abundância de informação, o papel tradicional do educador de transmitir conhecimento passa a ser relativamente secundário. Passa a ser muito importante a tarefa de ensinar a pesquisar, filtrar, classificar, hierarquizar, compreender e contextualizar a informação disponível para apoiar a aprendizagem.

Por meio da internet, temos acesso a um verdadeiro oceano de informações sobre todos os assuntos e temas imagináveis. Porém, nem toda informação é confiável. Ao lado de fontes de pesquisa úteis e valiosas, há notícias falsas, teorias da conspiração, boatos e mentiras circulando. Por isso, saber escolher fontes de informação confiáveis, separando o joio do trigo, é essencial para ser um cidadão ativo e bem-informado no século XXI.

Os educadores têm uma função importante na orientação dos estudantes para que eles obtenham informações confiáveis. Essa tarefa é bem ampla e faz parte do papel social dos professores e de toda a comunidade escolar, contribuindo para que os estudantes desenvolvam um pensamento crítico e ético a respeito de diferentes assuntos e possam atuar de forma ativa e consciente na sociedade. Além disso, é parte integrante do trabalho docente a mediação de divergências e conflitos de ordem individual e coletiva, que são e serão recorrentes ao longo da vida do educando.

Vejamos o que o pesquisador Moacir Gadotti diz sobre o papel social da escola:

> Diante dos novos espaços de formação, criados pela sociedade que usa intensivamente a informação e as novas tecnologias, a escola, a universidade, integra-os e articula. A escola deixa de ser lecionadora para ser cada vez mais gestora da informação generalizada, construtora e reconstrutora de saberes e conhecimentos socialmente significativos. Portanto, ela tem o papel de articular a cultura, um papel mais dirigente e agregador de pessoas, movimentos, organizações e instituições. Na sociedade da informação, o papel social da escola foi consideravelmente ampliado. É uma escola presente na cidade, no município, criando novos conhecimentos, relações sociais e humanas, sem abrir mão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, uma escola científica e transformadora.
>
> GADOTTI, Moacir. **Qualidade na educação**: uma nova abordagem. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. p. 15.

O papel social do professor envolve responsabilidades acadêmicas, comunitárias e pessoais. O professor é influenciado por diversos fatores, incluindo sua formação acadêmica, os vieses institucionais e as expectativas do meio social em que educador e educando estão inseridos. Ao reconhecer esses fatores de influência e estar atento ao seu papel social, o professor poderá contribuir para a constituição dos estudantes como sujeitos, ensinando-os para que possam desempenhar outras profissões no futuro.

Em suma, educadores têm um papel formador direto dentro e fora da sala de aula, orientando educandos não apenas em relação aos conteúdos curriculares, mas também no que toca aos valores coletivos voltados à promoção da cidadania e respeito aos direitos humanos. Nesse sentido, a atividade do educador é fundamental para a organização da sociedade, cabendo destacar a importância de seu compromisso e de suas responsabilidades éticas em sala de aula.

O ensino por competências e habilidades

Desde a década de 1990, com o avanço da globalização e a difusão das novas tecnologias, há uma preocupação das sociedades, governos e organizações internacionais com o futuro da educação. Uma das organizações que mais contribuíram com essa discussão foi a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que tem trabalhado no delineamento de normas para políticas públicas na área de educação dirigidas a países do mundo todo.

Em 1990, a Unesco lançou a **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**, no contexto da Conferência de Jomtien, na Tailândia. Nesse documento, estabeleceu-se o compromisso de universalizar o acesso à educação, promover a equidade e satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, garantindo que haja um ambiente propício para as práticas educativas em todos os países.

Dando continuidade a esse esforço, foi publicado em 1998, sob coordenação de Jacques Delors, o relatório *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. O Relatório Jacques Delors, como ficou conhecido, estabelecia quatro pilares básicos e essenciais para a educação:

> A educação deve transmitir [...], de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.
>
> [...] Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança.
>
> Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos de compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente, *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/Unesco, 1998. p. 89-90.

Apesar dos esforços realizados há décadas pela Unesco e por outras organizações para promover um novo paradigma educativo, muitos sistemas educacionais ainda carecem de recursos e preparo para transformar as formas de ensinar e de aprender. O ensino tradicional, centrado no conteúdo a ser transmitido, não tem se mostrado eficiente para os desafios de nossa época. Muitos estudantes são escolarizados sem terem adquirido conhecimentos fundamentais para a vida, como a capacidade de "aprender a conhecer", o pensamento crítico, as habilidades de trabalhar em grupo, mediar conflitos, lidar com a informação e se comunicar com desenvoltura. O fenômeno da escolarização sem aprendizagem tem se tornado uma preocupação de governos e organizações ao redor do globo.

Um relatório formulado em 2018 pela divisão de educação do Banco Mundial diagnosticou uma "crise de aprendizagem" no mundo todo. Segundo esse documento, milhões de estudantes chegam à idade adulta sem as habilidades mais básicas para a vida, pois, apesar de terem frequentado a escola, não desenvolveram as competências necessárias para se tornarem intelectualmente autônomos. O relatório destaca os benefícios de uma boa educação para o indivíduo e para a coletividade:

> Quando bem ofertada, a educação cura uma multidão de males sociais. Para os indivíduos, ela promove emprego, renda, saúde e redução da pobreza. Para as sociedades, ela impulsiona inovação, fortalece instituições e fomenta coesão social. Mas estes benefícios dependem largamente da aprendizagem. Escolarização sem aprendizagem é uma oportunidade perdida. Mais do que isso, é uma grande injustiça: os estudantes com os quais a sociedade está falhando mais são justamente aqueles que mais necessitam de uma boa educação para serem bem-sucedidos na vida.

WORLD BANK. **World Development Report 2018**. Learning: To realize education's promise. Washington, DC: World Bank, 2018. p. 3. (Tradução nossa.)

A aprendizagem efetiva exige que os estudantes não apenas passem pela escola e recebam um diploma ao final da vida escolar, mas realmente se apropriem dos conhecimentos, temas e problemas do presente, num processo que lhes permita viver uma vida plena de sentido, em conjunto com outros.

Conhecimentos, competências e habilidades

Muito se tem discutido sobre quais conhecimentos os estudantes devem ter para serem cidadãos conscientes e atuantes no século XXI. Há amplo apoio à ideia de que um currículo baseado em metodologias ativas de ensino e na aprendizagem por projetos e por competências é mais adequado ao contexto produtivo do novo século. Mas como diferenciar conhecimento, competências e habilidades?

De acordo com as definições usadas pela Unesco:

> Pode-se entender o conhecimento, de forma ampla, como abrangendo informação, compreensão, habilidades, valores e atitudes. Competências referem-se à capacidade de usar esse conhecimento em determinadas situações. Habitualmente, discussões sobre educação (ou aprendizagem) preocupam-se com o processo intencional de *adquirir* conhecimentos e desenvolver a capacidade (competências) para usá-los. Cada vez mais, os esforços educacionais também envolvem a validação dos conhecimentos adquiridos.

UNESCO. **Repensar a educação**: rumo a um bem comum mundial? Brasília: Unesco, 2016. p. 86.

Segundo a Unesco, as **habilidades** vinculam-se à preparação para o mercado de trabalho; incluem, além das habilidades básicas e técnicas, as de "analisar problemas e chegar a soluções apropriadas, comunicar ideias e informações de forma efetiva, ser criativo, mostrar liderança e consciência, além de demonstrar um espírito empreendedor" (Unesco, *op. cit.*, p. 44).

Já as **competências**, embora sejam usadas muitas vezes como se fossem idênticas às habilidades, se distinguem destas em vários aspectos: "Competências potencializam a capacidade de usar o conhecimento apropriado (informação, compreensão, habilidades e valores) de forma criativa e responsável em determinadas situações, a fim de encontrar soluções e estabelecer novos laços com outras pessoas" (Unesco, *op. cit.*, p. 45).

De acordo com a Unesco, habilidades como criatividade e empreendedorismo são importantes para a competitividade econômica dos países e o sucesso dos indivíduos no mercado de trabalho. Porém, o papel de uma educação integral vai além dessas habilidades instrumentais. Competências como a capacidade de mediar e resolver conflitos, o raciocínio crítico e – a mais importante de todas – a capacidade de selecionar, processar e utilizar informação de qualidade são igualmente importantes para ser um cidadão do século XXI.

Em consonância com essa concepção de educação, o Ministério da Educação (MEC) começou a elaborar uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2015. A concepção, discussão e implementação da base já estava prevista na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei n. 9.394/1996) e no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, documentos que regulamentaram a construção de uma matriz unificada para orientar os currículos dos sistemas e das redes de ensino de todas as unidades federativas, além dos projetos pedagógicos de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o país.

As duas versões iniciais do documento foram submetidas a consultas públicas entre 2015 e 2016, das quais participaram educadores de todo o país. Em 2017, o MEC sistematizou todas as contribuições e enviou a terceira e última versão da BNCC do Ensino Fundamental para a aprovação do Conselho Nacional de Educação (CNE). A BNCC do Ensino Médio exigiu mais tempo de discussão e ficou pronta em dezembro de 2018.

O objetivo da BNCC é determinar quais aprendizagens e conhecimentos essenciais devem ser trabalhados nas escolas de todo o país para garantir o direito à educação e a formação plena dos estudantes. Na apresentação ao documento, lê-se:

> [...] a BNCC expressa o compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral e desenvolvimento pleno dos estudantes, voltada ao acolhimento com respeito às diferenças e sem discriminação e preconceitos.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 8.

Competências e habilidades na BNCC

Em linha com diversos outros documentos educacionais brasileiros, a Base Nacional Comum Curricular mantém o compromisso com a concepção da educação integral em todos os seus aspectos: físico, emocional, social e intelectual.

Para garantir a educação integral e os direitos de aprendizagem de todos os estudantes, a BNCC organizou as aprendizagens essenciais em competências e habilidades. O documento define **competência** como "a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho" (Brasil, 2018, p. 8). A BNCC divide as competências em gerais e específicas. As competências específicas dizem respeito à área de ensino e explicitam como as competências gerais da Educação Básica devem se expressar nas áreas. As competências específicas de cada área do conhecimento são subdivididas em **habilidades**, que "expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares" (Brasil, 2018, p. 29).

A seguir, reproduzimos as competências gerais da Educação Básica e as competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio, expressas na BNCC.

Competências gerais da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as rela-

ções próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

Competência específica 1 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Habilidades:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 571-572.

Competência específica 2 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

Habilidades:

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os

conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 573.

Competência específica 3 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

Habilidades:

(EM13CHS301) Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.

(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.

(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 574-575.

Competência específica 4 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

Habilidades:

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 576.

Competência específica 5 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e

problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 577.

Competência específica 6 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Habilidades:

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

(EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 578-579.

Autonomia do professor no trabalho com competências

As competências gerais e específicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na BNCC apresentam diferentes graus de amplitude e complexidade. Os graus de amplitude podem ser analisados por meio da abrangência contida nos temas e nas habilidades. Os graus de complexidade são definidos pela sofisticação e transversalidade dos conhecimentos articulados nos diferentes temas. A complexidadade é determinada de forma progressiva ao longo dos anos escolares, de forma que os estudantes principiam com textos e atividades mais simples que vão se complexificando ano a ano. Isso pode ser percebido, de certo modo, pelos verbos utilizados nas habilidades, que compõem as competências específicas e podem indicar processos cognitivos mais simples, como identificar, ou mais complexos, como analisar ou comparar.

Para considerarmos um exemplo prático, ao desenvolver a **competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 4**, é possível abordar os múltiplos significados e as distintas dimensões da noção de trabalho. Pode-se apresentar uma abordagem apenas histórica ou mais complexa, articulada às análises também geográficas, sociológicas e filosóficas. Seria possível considerar somente as particularidades de um contexto local ou, ainda, questões mais amplas que correlacionam as escalas local, regional, nacional e mundial. Ao ampliar e complexificar o escopo de análise, essa competência contribui para que o estudante reflita sobre seu projeto de vida, a ética e o processo de tomada de decisão no mundo do trabalho, por exemplo.

Cabe observar, ainda, que, apesar de as competências e habilidades estarem dispostas em uma determinada ordem, isso não significa que haja uma hierarquia entre as aprendizagens. Ao longo de todo o ciclo da Educação Básica, é esperado que o estudante desenvolva na mesma medida competências como pensamento crítico e criativo, comunicação, argumentação, autoconhecimento, empatia e cooperação, entre outras. Contudo, cabe aos estados, municípios e redes de ensino a tarefa de definir a progressão das aprendizagens considerando os contextos locais. Nesse sentido, a BNCC não substitui os currículos estaduais e os Projetos Políticos Pedagógicos aplicados em todo o país, mas deve se articular a esses documentos.

O professor tem autonomia, portanto, para definir metodologias e estratégias didáticas em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola, mas também tendo em vista a realidade e o contexto sociocultural e econômico dos estudantes. Ao definir o método conforme o contexto escolar, o professor também adéqua os níveis de amplitude e complexidade por meio dos quais mobilizará as competências gerais e específicas da BNCC. É fundamental que a autonomia do professor

seja respeitada e amparada pela experiência e criatividade dos docentes para garantir o acesso dos estudantes a um conjunto de habilidades e conhecimentos fundamentais para a sua formação cidadã.

Fundamentos teórico-metodológicos da coleção

Nesta coleção, adotamos uma visão humanista da educação, segundo a qual o objetivo do processo educativo é a formação integral do ser humano como ser autônomo, solidário, responsável, crítico e criativo.

Veja como a concepção humanista de educação é definida no documento *Repensar a educação*, da Unesco:

> A visão humanista reafirma um conjunto de princípios éticos universais que devem ser as bases de uma abordagem integrada ao propósito e à organização da educação para todos. Tal abordagem tem implicações para a concepção de processos de aprendizagem que promovem a aquisição de conhecimentos relevantes e o desenvolvimento de competências a serviço de nossa humanidade comum. A abordagem humanista leva o diálogo sobre educação além de seu papel utilitário no desenvolvimento econômico. Existe uma preocupação central com a inclusão e uma educação que não exclua nem marginalize. Serve, ainda, como um guia para lidar com a transformação do panorama global da aprendizagem, em que o papel de professores e outros educadores continua igualmente central para facilitar a aprendizagem com vistas ao desenvolvimento sustentável de todos.
>
> UNESCO. **Repensar a educação**: rumo a um bem comum mundial? Brasília: Unesco, 2016. p. 41.

Ainda segundo o mesmo documento da Unesco, o propósito fundamental da educação no século XXI deve ser o de "preservar e promover a dignidade, as capacidades e o bem-estar do ser humano, em relação aos outros e à natureza" (Unesco, 2016, p. 42).

As últimas décadas, do final do século XX até a atualidade, têm se caracterizado por grandes mudanças na sociedade, na economia, na cultura e na política. O fator fundamental que impulsionou essas transformações foi a introdução das novas tecnologias da informação e da comunicação, que tiveram impacto profundo no conjunto das relações sociais. O fluxo cada vez mais acelerado de informações e seu acúmulo ininterrupto estão redefinindo concepções tradicionais de espaço e tempo, memória, trabalho, cidadania e identidade.

A seguir, destacaremos algumas das transformações que têm marcado o mundo do trabalho, as relações entre os Estados e o comportamento dos indivíduos nas sociedades contemporâneas.

- A incorporação de novas tecnologias ao processo produtivo conduziu a distintas formas de organização do trabalho. A utilização intensiva de conhecimento e informação tende a substituir as tradicionais hierarquias na estrutura das empresas por redes de colaboração e cooperação. A expansão da internet, a massificação dos *smartphones*, o uso das redes sociais, a rapidez e eficiência dos computadores, que têm recursos como o da videoconferência, possibilitam novas formas de trabalho, que podem envolver técnicas e pessoas localizadas em diferentes partes do globo na colaboração da produção de bens ou serviços. Como exemplo, poderíamos citar a produção de um carro sob direção de uma matriz situada na Alemanha: as matérias-primas podem ser produzidas na China; o motor, desenvolvido na França; os componentes eletrônicos, desenvolvidos no Japão; e a montagem, feita no Brasil. A coordenação desse complexo processo só foi possível com a introdução das novas tecnologias da informação e da comunicação.
- Estados nacionais, de maneira geral, perderam centralidade relativa com a emergência do conceito de cidadania planetária e de novas formas de participação política não mais limitadas aos interesses nacionais. Apesar de os Estados territoriais ainda serem autoridades reconhecidas e da ascensão de grupos nacionalistas em diversos países no século XXI, verifica-se a tendência de construir agrupamentos políticos supranacionais, cujo principal exemplo é a União Europeia. Além disso, a identificação automática dos interesses dos indivíduos com os interesses de seus respectivos Estados nacionais tem se reduzido consideravelmente. Exemplo disso são as manifestações pelo combate às mudanças climáticas, nas quais cidadãos de todo o mundo se opõem às políticas industriais de seus Estados.
- As mudanças de hábitos, comportamentos e valores em consequência das transformações econômicas e sociais redefiniram as estruturas familiares. As famílias multiparentais, a diminuição da importância do caráter biológico na formação da família, a redução da taxa de natalidade em países como o Brasil, conforme Estatísticas do Registro Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, e o número crescente de filhos que vivem com apenas um dos progenitores, entre outros fatores, estão modificando as formas tradicionais de socialização das crianças e dos adolescentes. No passado, as escolas pressupunham um modelo de família em que pais e mães mantinham relações estáveis pautadas por uma divisão tradicional de papéis (o homem trabalhando fora e com a função de provedor e a mulher encarregada do núcleo doméstico e da criação dos filhos). Os novos modelos de família geram desafios tanto para pais quanto para educadores e formuladores de políticas públicas. As transformações mencionadas até aqui levam à redefinição do modo como a identidade de cada um é construída.

A seleção de conteúdos

A seleção de conteúdos dos quatro volumes desta coleção, voltados a uma **abordagem complementar** entre os componentes das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – com foco nas **competências** e **habilidades** da área e nas competências gerais da Educação Básica –, tem como objetivo a construção de uma visão menos fragmentada do conhecimento e mais próxima da realidade dos estudantes, visando tornar a aprendizagem mais concreta. Ao interligar componentes curriculares e áreas do conhecimento e procurar trazer situações e exemplos que possam ser reconhecidos no cotidiano dos estudantes, os conteúdos selecionados também têm o propósito de contextualizar a aprendizagem, incentivar a criatividade e a seleção de fontes de informação de qualidade, conferindo sentido ao conhecimento construído.

A intenção é permitir que o horizonte de pesquisa e construção do conhecimento se amplie e o conhecimento passe a ser gerado em conjunto. Os estudantes "aprendem a conhecer", ou ainda, "aprendem a aprender" buscando informações, por meio da tomada de decisões e de atividades práticas. Aprendem a conviver de forma colaborativa e, por fim, elaboram seus próprios projetos de vida.

Esse "aprender a aprender" fornece aos estudantes ferramentas sólidas para atuarem de forma cidadã na sociedade contemporânea, com todas as suas contradições, complexidades e desafios. Cabe ao professor refletir sobre as ações pedagógicas necessárias para a construção dos processos que levarão os estudantes a compreender e interpretar os conteúdos, mostrando como poderão construir novos conhecimentos.

O processo de ensino-aprendizagem

Em consonância com os fundamentos pedagógicos da BNCC, esta coleção incorpora o compromisso com uma **educação inclusiva**. O processo de ensino e aprendizagem proposto busca contemplar, além do desenvolvimento intelectual e cognitivo do estudante, outras dimensões de sua formação que incluem os domínios do afeto, da sensibilidade estética, da autonomia, da autoconfiança e da identidade pessoal.

A educação integral, um dos fundamentos pedagógicos da BNCC, engloba os componentes curriculares e fomenta interações criativas entre professor e estudante na sala de aula, conforme a orientação da BNCC:

> A sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado.
>
> [...]
>
> Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a **educação integral**. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. [...]
>
> Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 14.

Nos quatro volumes que compõem esta coleção, selecionamos temas que procuram representar a diversidade das experiências humanas e as relações que existem entre elas, ao lado das mudanças que ocorrem na sociedade e dos impactos sobre o meio ambiente, especialmente pelo uso inapropriado dos recursos naturais. Muitos dos conteúdos abordados serão passíveis de reelaboração futura, sobretudo em virtude do dinamismo que caracteriza a realidade política, econômica e social, do acesso a novos documentos e testemunhos e do desenvolvimento de novas tecnologias. A reelaboração é também parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem.

As diversas atividades propostas na coleção, ao longo dos volumes, requerem dos estudantes a capacidade de leitura e interpretação de textos, imagens, gráficos, tabelas etc., bem como as capacidades de reflexão, formulação de hipóteses, inferência e argumentação. Nesse sentido, destacam-se as habilidades de argumentação e inferência, que promovem reflexivamente o desenvolvimento contínuo do raciocínio lógico e do pensamento crítico do estudante. Buscando oferecer orientações mais precisas a esse respeito, baseamo-nos na pesquisadora de psicologia cognitiva Tícia Cassiany Ferro Cavalcante, que comenta:

> [...] a inferência é um processo cognitivo-discursivo gerado a partir da integração de informações textuais com a situação contextual do leitor (conhecimentos de mundo), favorecendo a construção da significação (compreensão textual). Essa integração de informações é realizada pela apreciação dos leitores, que precisam negociar com as diversas possibilidades de significação permitidas para um mesmo texto, escolhendo uma dessas alternativas. Tal escolha não ocorre sequencialmente, mas de forma oscilatória (com movimentos de prospecção e retroação). Assim, o leitor busca informações já postas no texto; integra-as com os seus conhecimentos prévios; elabora hipóteses, criando expectativas sobre a continuação do texto, testa-as e realiza avaliações do texto, da sua compreensão e do autor. Todo o processo de geração de inferência ocorre dialogicamente pelas apreciações do leitor, que precisa estabelecer negociação com o outro (autor, texto, conhecimento de mundo) para continuar a leitura. [...]
>
> A argumentação é uma atividade de natureza discursiva que se realiza pela justificação de pontos de vistas e consideração de objeções a que estão sujeitos (contra-argumentos), com o objetivo último de tornar as posições defendidas aceitáveis àqueles a quem a argumentação se dirige. [...] a justificação de pontos de vista e a consideração de ideias alternativas, tomadas em conjunto, criam no discurso um espaço de negociação no qual perspectivas a respeito do mundo (físico ou social) são continuamente formuladas, revistas e transformadas. Portanto, o processo de negociação de perspectivas é crucial à argumentação, pois permite construção, avaliação e reconstrução de sentidos, consequentemente a construção de conhecimento.

CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro. **Inferência e argumentação na constituição da compreensão textual**. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. p. 27, 28 e 67.

A capacidade de inferência dos estudantes pode ser estimulada, por exemplo, com a realização de perguntas que os levem a pensar nos conhecimentos prévios sobre o assunto lido, de modo a favorecer que estabeleçam conexões entre o texto e suas memórias e experiências, ampliando o sentido da leitura. Em relação à argumentação, as atividades que convidam os estudantes a darem opiniões e defenderem pontos de vista são boas oportunidades para avaliar a qualidade dos argumentos produzidos, considerando parâmetros como coerência, apresentação de dados e informações confiáveis, bem como o uso pertinente de exemplos, analogias e comparações.

Além disso, a seleção das imagens (como fotografias, ilustrações, mapas e gráficos) em toda a coleção, acompanhadas de legendas que as vinculam aos conteúdos trabalhados, propicia diversas atividades

de interpretação e análise. Com isso, contribui-se para o desenvolvimento de habilidades de compreensão e de leitura não verbal.

O protagonismo juvenil

No mundo atual, as hierarquias sociais tradicionais tendem a ser substituídas por distintos padrões de comportamento. Os jovens são particularmente sensíveis a esse tipo de mudança, e por isso é tão frequente que busquem definir seu posicionamento diante do mundo por meio do consumo de produtos e serviços, ou seja, tendem a se definir por fatores como o estilo de roupas e acessórios que utilizam, o tipo de música que ouvem, pelos seus perfis em redes sociais, entre outros símbolos de identidade. O consumo, nesse caso, não é visto em uma perspectiva crítica, mas como um elemento indispensável à imagem que o indivíduo deseja transmitir à sociedade.

O fortalecimento da sociedade de consumo conduz ao crescimento do individualismo e do desejo de liberdade. Cada vez mais, jovens e adolescentes reivindicam o direito de definir livremente seu "estilo de vida", sem a imposição de normas construídas pelas gerações anteriores. Porém, esse desejo de autonomia esbarra em impedimentos culturais, sociais e econômicos de toda ordem. Há, de um lado, um problema ético e cultural: a desorientação de jovens que crescem imersos na sociedade da informação, sem contar mais com valores tradicionais para orientar sua conduta. De outro, há limitações impostas pela própria economia: a escassez de oportunidades de trabalho para jovens em uma economia em crise e em um mercado cada vez mais competitivo. Por isso, um dos eixos centrais desta coleção, em consonância com a BNCC, é o protagonismo juvenil.

Segundo o Censo Demográfico de 2022, publicado pelo IBGE, o total de crianças e jovens no Brasil tem se reduzido ao longo das duas últimas décadas. Apesar disso, nesse mesmo período, houve um fortalecimento das culturas juvenis por meio de manifestações sociais relacionadas à linguagem, aos códigos de comportamento e às modalidades de consumo que constituem a diversidade cultural dos jovens. A digitalização da vida social viabilizou a intensificação das expressões culturais juvenis e a consolidação dos estilos de vida que se conectam e reproduzem por meio das tecnologias da informação e comunicação.

Podemos entender as "culturas juvenis", no plural, como conjuntos de práticas, valores, códigos e comportamentos que são adotados e compartilhados por grupos de jovens em determinados contextos sociais e históricos. De acordo com o pesquisador Luís Antonio Groppo,

> Torna-se mais preciso falar de juventudes, assim no plural, a se considerar os diferentes modos de viver a condição juvenil e a experiência geracional, não apenas pelas desigualdades de classe, mas também pelas desigualdades e diferenças étnico-raciais, nacionais, regionais, de gênero, [...] religiosa etc.
>
> GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. p. 116.

A BNCC também apresenta as noções de "juventudes" e "culturas juvenis" no plural, considerando o alto grau de complexidade e diversidade desses grupos. Vejamos a seguir como o documento aborda esse assunto:

> Adotar essa noção ampliada e plural de **juventudes** significa, portanto, entender as culturas juvenis em sua singularidade. Significa não apenas compreendê-las como diversas e dinâmicas, como também reconhecer os jovens como participantes ativos das sociedades nas quais estão inseridos, sociedades essas também tão dinâmicas e diversas.
>
> Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma **escola que acolha as diversidades**, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser **protagonistas** de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 463.

Por tratar-se de uma concepção bastante plural, a ideia de "juventudes" pode ser elaborada com base em diferentes abordagens teóricas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A seguir, destacam-se algumas categorias de análise mais difundidas:

- A **perspectiva funcionalista** entende que as juventudes criam culturas e hábitos na busca por pertencimento e construção de identidades durante a transição para a vida adulta (Pais, 2003).
- A **análise interacionista** procura observar como as interações diárias entre si e entre membros de diferentes grupos, aliadas às formas de comunicação, produzem significados e culturas juvenis transitórias ou permanentes nos grupos sociais (Groppo, 2016).
- A **perspectiva pós-moderna** tem como principal característica a fragmentação das identidades, influenciada pelos efeitos da globalização, do consumo, das tecnologias da informação e comunicação, além dos diferentes tipos de mídias (Khel, 2004).
- A **teoria da subcultura**, por sua vez, analisa como as subculturas juvenis são influenciadas por diferentes condições sociais e materiais, e são determinantes para criar os códigos de identificação dos jovens (Groppo, 2017).

Tendo em vista a multiplicidade de abordagens sobre o tema, é fundamental que o educador considere as diferentes expectativas dos grupos juvenis e lhes conceda o espaço para compartilhar suas experiências, expectativas e ansiedades. Assim, os grupos têm a possibilidade de dialogar entre si e apresentar suas vivências e demandas. A escola pode oferecer, enfim, um espaço de acolhimento para que os jovens enfrentem as crises do presente, expressem seus desejos para o futuro e reforcem as interações sociais com grupos heterogêneos.

A proposta didático-pedagógica da coleção

O que podemos fazer para tornar a educação mais relevante e significativa para o estudante do Ensino Médio? De que forma o currículo pode responder às expectativas dos jovens que ingressam nesta etapa de ensino e a seus projetos de vida e perspectivas de futuro?

As mudanças sociais, econômicas e culturais pelas quais estamos passando exigem um novo paradigma educacional. É necessário que o processo educativo seja centrado no estudante e na sua aprendizagem e não mais somente no conteúdo concebido de maneira estanque. O conhecimento deve ser construído pelo estudante a partir de variados recursos disponibilizados pelo professor e pelo equipamento escolar. A escola e a sala de aula devem ser

concebidas como espaços dialógicos e interativos, como ambientes de aprendizagem, experimentação e produção de significados.

Essa mudança de paradigma coloca desafios inéditos tanto para a escola como para o professor. Num mundo cada vez mais complexo e integrado, o estudante do Ensino Médio deve desenvolver capacidades como autonomia, senso crítico, criatividade, flexibilidade e iniciativa para ser bem-sucedido na busca por soluções para os problemas ao seu redor. Currículos, disciplinas, projetos, estruturas e planos pedagógicos têm sido reformulados para responder às novas demandas da sociedade na era da informação. Passou a ser uma necessidade imperativa preparar o estudante para que adentre de modo crítico e ativo o universo da informação em uma sociedade cada vez mais globalizada, competitiva e em permanente mudança. Para isso, a escola e os professores devem ensinar os estudantes a selecionar, organizar e interpretar informações, bem como a dominar as linguagens e os contextos das novas formas de comunicação, de modo que se tornem capazes de apropriar-se criticamente dos conteúdos bem como de valer-se desses conteúdos tanto no mundo do trabalho como em sua vida cotidiana. Por isso, a coleção se baseia numa concepção ativa do processo de ensino e de aprendizagem.

Nesta coleção, partimos do pressuposto de que é papel da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas fornecer recursos aos estudantes para que investiguem o mundo à sua volta. Esses recursos incluem ferramentas e práticas de pesquisa que auxiliam no trabalho com os diferentes temas em sala de aula.

A importância da pesquisa

A coleção incentiva as atividades de investigação e pesquisa que propiciam o desenvolvimento de várias competências essenciais. A pesquisa promove o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas por meio da análise e uso efetivo da informação, da avaliação de fontes e da argumentação com base em evidências. A pesquisa também propicia o pensamento criativo e inovador, pois envolve a exploração de novas ideias e a busca por soluções para os problemas propostos. Outra competência fundamental que a pesquisa incentiva é o trabalho em equipe e a capacidade de expor claramente os resultados obtidos. Pesquisar igualmente ajuda a reforçar a autoconfiança e a autoestima, que são fatores motivadores para o engajamento e o compromisso com o estudo. Além disso, a pesquisa contribui para a preparação para etapas posteriores da vida acadêmica dos estudantes, seja no ensino superior, seja no ensino técnico e profissionalizante, habituando-o a procurar informação de modo efetivo, colaborar em projetos coletivos e comunicar-se com desenvoltura. Enfim, por meio da pesquisa o estudante tem a oportunidade de se ver como sujeito construtor de conhecimento e não mais como receptor passivo de informação pronta.

Aprendizagem e informação

Com as amplas transformações sociais e culturais provocadas pelas novas tecnologias, especialistas e educadores vêm ressaltando a necessidade de uma mudança na própria natureza do processo educativo. Segundo o pedagogo argentino Juan Carlos Tedesco:

> Já não se trata simplesmente de aprender determinado corpo de conhecimentos e informações, mas de aprender os mecanismos, as operações, os procedimentos que permitam atualizar nossos conhecimentos no decorrer de toda a vida. [...] Nestas condições [...], a educação já não poderá estar dirigida à transmissão de conhecimentos e de informações, mas a desenvolver a capacidade de produzi-los e utilizá-los.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educar en la sociedad del conocimiento**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004. p. 103-105. (Tradução nossa.)

A aprendizagem ativa está associada a uma tradição filosófica e pedagógica que provém de Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII, e chega até educadores como John Dewey e Maria Montessori no século XX. Para essa tradição, o objetivo da educação não é assimilar passivamente os conteúdos legados pelo passado, mas incentivar a mente do educando para que raciocine de forma crítica, desenvolva argumentos e hipóteses e dialogue com os outros para expressar seus pontos de vista. Além da importância para a democracia, o modelo da aprendizagem ativa também é relevante no mundo do trabalho. A difusão das novas tecnologias exige um profissional ativo, criativo e autônomo. A educação tradicional estimulava a obediência passiva e a transmissão mecânica de conhecimentos, pois eram essas as habilidades exigidas pelas empresas tradicionais, baseadas na burocracia interna e na separação de níveis hierárquicos. Porém, após as mudanças no mundo do trabalho em decorrência da globalização e da revolução tecnológica passaram a ser necessários trabalhadores com mais autonomia, que possuam pensamento crítico e sejam capazes de formular, discutir e executar projetos e ideias próprias.

Para o filósofo e educador estadunidense John Dewey, a principal finalidade da educação é a conquista de uma vida plena de sentido, e para isso é necessária uma relação ativa com a aprendizagem. Em seu livro *Escola e sociedade*, publicado no Brasil em 1956, Dewey já ressaltava que a escola não devia ser vista como um local apenas para ouvir e absorver passivamente conhecimentos, mas também como um ambiente para analisar, examinar e resolver problemas de forma criativa, em interação com os outros e com o mundo. Na reforma educacional que concebeu, Dewey idealizou uma escola em que os estudantes exercitassem ativamente a cidadania, elaborando projetos em comum e resolvendo problemas em conjunto com espírito crítico e respeito mútuo. Para Dewey, essas habilidades eram essenciais para criar cidadãos democráticos, alertas e atuantes.

A importância da educação para a formação de um cidadão democrático também implica que a aprendizagem não se esgota na fase escolar, mas deve ocorrer durante toda a nossa existência. Para desenvolver o potencial único de cada indivíduo, a educação deve ser um processo permanente:

> Face aos desafios do desenvolvimento científico e tecnológico e ao crescimento exponencial de informações e conhecimentos, [...] a aprendizagem ao longo da vida é extremamente importante para lidar com novos padrões de emprego e alcançar os níveis e os tipos de competências exigidos de indivíduos e sociedades.

UNESCO. **Repensar a educação**: rumo a um bem comum mundial? Brasília: Unesco, 2016. p. 69.

Considerando as especificidades do ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, procuramos desenvolver uma coleção que sirva de instrumento de trabalho para que a escola e o professor possam responder aos desafios de nosso tempo.

A presente coleção propõe-se a trabalhar conceitos, procedimentos, competências e habilidades fundamentais para a compreensão do mundo em que vivemos, assim como contribuir para que o educando nele se insira como cidadão crítico, ativo e consciente.

Diversidade e inclusão

Para promover a inclusão de estudantes com deficiência, é essencial adotar estratégias flexíveis que atendam às necessidades individuais de cada um. Primeiro, o professor deve conhecer as especificidades de cada deficiência, buscando informações e orientações junto às famílias e aos profissionais especializados. Com base nesse conhecimento, é possível planejar o ambiente escolar para garantir tanto a acessibilidade física, por exemplo, por meio de uma organização do espaço da escola que atenda aos estudantes com

mobilidade reduzida, como a pedagógica, ao disponibilizar materiais em áudio e braille e tecnologias assistivas, como *softwares* de leitura de tela e jogos educativos adaptados. Caso uma turma tenha um estudante surdo e que tenha habilidade de compreender leitura labial, uma medida simples é posicionar-se em um local da sala que favoreça essa possibilidade. Outras estratégia a ser avaliada, conforme a deficiência apresentada, é aumentar a ênfase na contextualização do aprendizado, com o propósito de relacionar os conceitos estudados com a vida cotidiana.

A prática de metodologias ativas, como aprendizagem colaborativa e projetos interdisciplinares, pode ser ajustada para incluir todos os estudantes, respeitando seus ritmos e formas de aprendizagem por meio da exploração de diferentes formas de disposição da turma, testando, para além do modelo enfileirado, disposições em círculos, em U, em grupos, com as cadeiras voltadas para si, entre outras. A turma disposta em círculo, por exemplo, favorece a interação dos estudantes em atividades de debate; já a disposição em grupos é ideal para a execução de tarefas cooperativas que não sejam compartilhadas entre todos os estudantes. É importante também fomentar uma cultura de respeito e solidariedade entre os estudantes, incentivando-os a ajudar uns aos outros e a valorizar as diferenças.

Um ponto importante é a formação contínua dos educadores. Professores bem preparados conseguem identificar e implementar práticas inclusivas mais eficazes. Para que se mantenham atualizados, pode ser interessante buscar cursos de capacitação e fóruns para a troca de experiências entre educadores. A colaboração com equipes multidisciplinares, como terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos também é positiva para desenvolver um plano educacional individualizado que contemple as necessidades do estudante com deficiência.

O combate às práticas de *bullying* é uma ação essencial para a promoção de um ambiente escolar saudável e acolhedor, sendo responsabilidade de toda a comunidade escolar. Para combater esse tipo de prática, é necessário estabelecer uma cultura de paz e respeito dentro da escola. Isso inclui a criação de normas claras, preferencialmente escritas e compartilhadas em momento oportuno, contra qualquer forma de *bullying*, bem como a realização de ações preventivas bem definidas e de intervenções eficazes. Atividades que promovam o respeito às diferenças e a empatia, como rodas de conversa e projetos de mediação de conflitos, são eficazes para prevenir situações de violência.

O *bullying* é uma forma de violência que pode ter graves consequências para a saúde mental e o desenvolvimento dos estudantes. Legalmente, é considerado uma infração grave e, em muitos casos, pode envolver ações judiciais contra os agressores e a instituição de ensino, caso não haja intervenções adequadas. É fundamental que os educadores e a comunidade escolar estejam atentos aos sinais de *bullying*, como mudanças no comportamento, queda no rendimento escolar e isolamento social dos estudantes. Ao identificar a prática dessa forma de violência, o professor deve seguir o protocolo da escola, informando a direção e os responsáveis pelos estudantes (agressor e agredido), além de oferecer apoio emocional às vítimas.

A integração entre os componentes curriculares e entre as áreas do conhecimento

Na sociedade da informação, somos diariamente bombardeados por um volume enorme de textos e imagens sobre praticamente tudo o que nos rodeia. Em virtude do aumento extraordinário do fluxo de dados, a quantidade de informações circulando hoje é maior do que em qualquer outra época na história. Porém, os meios de comunicação e as redes sociais muitas vezes nos apresentam dados e informações fragmentados, isolados e descontextualizados.

Para formar uma opinião esclarecida sobre a totalidade de um tema, de uma questão ou de um objeto de estudo é necessário saber selecionar, organizar, contextualizar e interpretar a informação, ou seja, transformá-la em conhecimento. As correntes pedagógicas atuais e os formuladores de políticas públicas para a educação têm ressaltado cada vez mais a necessidade de promover uma abordagem global do conhecimento, evitando sua fragmentação e descontextualização. Esse efeito pode ser obtido pelo esforço conjunto e pela colaboração dos diversos componentes curriculares que constituem o saber escolar, orientados para um objetivo claramente definido, de forma interdisciplinar e integrada.

A integração entre distintos saberes e experiências possibilita levar os estudantes a compreender a complexidade do mundo em que vivemos e a atuar nele de forma autônoma, crítica e responsável. O diálogo entre componentes curriculares é importante não apenas porque as avaliações nacionais e os vestibulares caminham cada vez mais nessa direção, mas porque o isolamento de cada componente em si mesmo não propicia a abordagem global e relacional do conhecimento a que nos referimos.

Nesta coleção, os conteúdos foram selecionados e construídos para possibilitar o diálogo entre os componentes da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – história, geografia, sociologia e filosofia –, e estabelecer relações também com outras áreas do conhecimento, especialmente Ciências da Natureza e suas Tecnologias, mas também Linguagens e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. A integração entre os componentes da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as demais áreas, bem como a interdisciplinaridade, estão presentes ao longo dos textos, das atividades e das seções especiais.

A interdisciplinaridade exige que se utilize ferramentas múltiplas para resolver problemas e que se busque novos entendimentos e soluções que não se limitam à fragmentação dos componentes curriculares. Os conteúdos trabalhados nesta coleção envolvem temas de relevância cultural e social abordados sob diferentes perspectivas, que não se esgotam num componente curricular.

Há décadas, diversos especialistas vêm criticando a fragmentação do currículo escolar e o excesso de especialização do conhecimento, defendendo a integração de conteúdos. Segundo o filósofo francês Edgar Morin, uma educação realmente integral do ser humano deve ser necessariamente interdisciplinar.

Morin tornou-se célebre como um dos maiores defensores das abordagens interdisciplinares e transdisciplinares na área da educação. Em sua visão, o mundo globalizado, chamado por ele de "era planetária", necessita de outro tipo de educação, capaz de formar um ser humano mais consciente de si mesmo e do ambiente ao seu redor. Faz parte de sua proposta de interdisciplinaridade a crítica ao excesso de especialização e a defesa de uma formação ampla e global:

> [...] A hiperespecialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas) quanto do essencial (que ela dissolve). Impede até mesmo tratar corretamente os problemas particulares, que só podem ser propostos e pensados em seu contexto. Entretanto, os problemas essenciais nunca são parcelados e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Enquanto a cultura geral comportava a incitação à busca da contextualização de qualquer informação ou ideia, a cultura científica e técnica disciplinar parcela, desune e compartimenta os saberes, tornando cada vez mais difícil sua contextualização. [...]

MORIN, Edgar. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000. p. 41.

O trabalho interdisciplinar na escola

O trabalho interdisciplinar é uma estratégia importante para uma educação integradora, capaz de relacionar os conhecimentos dos diferentes componentes curriculares e conectá-los com a realidade. São práticas pedagógicas que não apenas enriquecem o aprendizado, mas também desenvolvem competências essenciais para a vida, como a criatividade, a colaboração, o pensamento crítico e a resolução de problemas.

Algumas competências gerais e específicas da BNCC favorecem o planejamento e a elaboração de estudos interdisciplinares e mobilizam professores, estudantes e outros parceiros educadores. Os docentes podem estabelecer uma quantidade de trabalhos interdisciplinares ao longo do ano letivo, de acordo com as possibilidades da unidade escolar e com os contextos locais. É importante que as tarefas articulem diferentes componentes curriculares, mobilizem habilidades e linguagens distintas e que haja previsão de aulas integradas, com dois ou mais professores conduzindo as atividades e indicando as conexões entre os componentes.

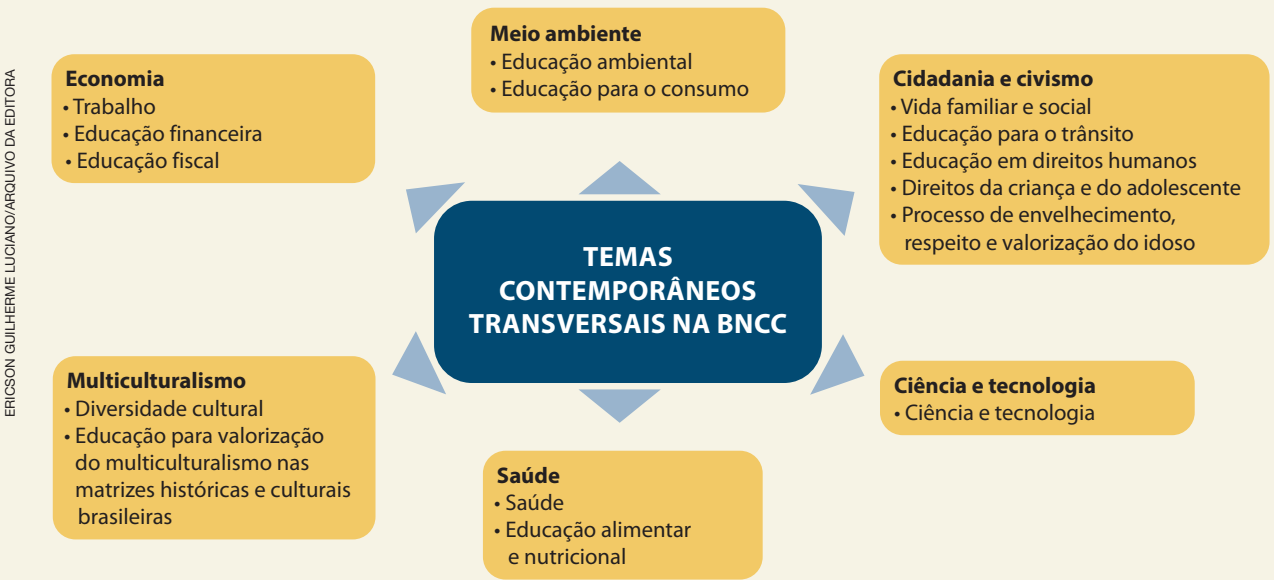
Um exemplo de abordagem interdisciplinar seria o trabalho com a competência específica 1, de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias, e com a competência específica 3, de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Caberia aos professores dos componentes envolvidos (geografia, biologia, química e sociologia) programar uma visita de campo para compreender como é feita a gestão de resíduos sólidos em uma cidade ou região metropolitana. Nessa tarefa, uma sugestão metodológica seria que os docentes dos diferentes componentes utilizassem abordagens específicas de suas áreas para conscientizar os estudantes sobre as etapas dos processos de uso, descarte, reúso e geração de energia a partir dos resíduos sólidos gerados pela sociedade. É importante manter em mente, durante a realização dessa atividade, os possíveis riscos inerentes a uma atividade que trabalhe com descarte de resíduos: nomeadamente, atenção à higiene e à integridade física de todos os estudantes e professores presentes, garantindo que não toquem em nada ou utilizem luvas para proteção das mãos. Nesse caso, é crucial seguir as instruções dos funcionários do local visitado. Esse é apenas um dos muitos exemplos de temáticas que possibilitam o trabalho por competências e a interdisciplinaridade em sala de aula.

Os Temas Contemporâneos Transversais na escola

A **transversalidade** e a **contemporaneidade** são categorias destacadas na BNCC com o objetivo de tornar as aprendizagens mais significativas. Por meio dos Temas Contemporâneos Transversais busca-se despertar o interesse dos estudantes pelas questões que dizem respeito à sua realidade e pelos debates centrais do tempo presente. Essa abordagem pode auxiliar no desenvolvimento do estudante como cidadão atuante nas diferentes esferas da sociedade. Ao longo da discussão sobre os currículos, na BNCC, aponta-se que:

> [...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 19.

Nesse sentido, espera-se que o trabalho com os Temas Contemporâneos Transversais possibilite a integração entre diferentes componentes curriculares e áreas de conhecimento e contribua para um processo de aprendizagem mais flexível, que leve em consideração as diferentes realidades brasileiras. Esses temas foram dispostos em seis macroáreas, conforme a representação a seguir:



ERICSON GUILHERME LUCIANO/ARQUIVO DA EDITORA

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos transversais na BNCC**. Contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF: MEC, 2019. p. 13.

Ao longo da coleção, destacam-se os Temas Contemporâneos Transversais em variados conteúdos e contextos pedagógicos. O trabalho com esses temas é fundamental para promover uma educação integral e contextualizada, que possa auxiliar na superação da fragmentação dos conhecimentos, sendo, portanto, um compromisso desta coleção.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na escola

Em 2015, 193 países, incluindo o Brasil, assinaram na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York (Estados Unidos), a Agenda 2030. Esse documento é composto de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que buscam enfrentar alguns dos principais desafios contemporâneos, como alcançar a igualdade de gênero, combater as desigualdades e a injustiça, agir contra as mudanças climáticas, acabar com a pobreza e assegurar que os direitos humanos sejam respeitados em todo o mundo. Para isso, os países se comprometeram a realizar um esforço conjunto com o setor privado, contando com empresas, instituições públicas e sociedade civil para o cumprimento da Agenda 2030.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

1. Erradicação da pobreza
2. Fome zero e agricultura sustentável
3. Saúde e bem-estar
4. Educação de qualidade
5. Igualdade de gênero
6. Água potável e saneamento
7. Energia limpa e acessível
8. Trabalho decente e crescimento econômico
9. Indústria, inovação e infraestrutura
10. Redução das desigualdades
11. Cidades e comunidades sustentáveis
12. Consumo e produção responsáveis
13. Ação contra a mudança global do clima
14. Vida na água
15. Vida terrestre
16. Paz, justiça e instituições eficazes
17. Parcerias e meios de implementação

Fonte: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Educação para os objetivos de desenvolvimento sustentável**: objetivos de aprendizagem. Brasília: Unesco, 2017. p. 6.

Nesta coleção, são indicados os ODS relacionados aos conteúdos abordados de modo a contribuir para a formação dos estudantes. Desse modo, pretende-se desenvolver o aprendizado de atitudes e valores e a conscientização para temas considerados urgentes na atualidade. Ao longo dos quatro volumes, os estudantes poderão pesquisar, refletir, discutir e propor soluções para problemas que os afetam no dia a dia, desenvolvendo habilidades que serão muito úteis na vida adulta e no ingresso no mercado de trabalho. Por meio do trabalho com os ODS também é possível articular diferentes componentes curriculares e áreas de conhecimento para atuar em problemas do lugar onde os estudantes vivem e estudam, impactando positivamente a comunidade escolar e local.

Avaliação da aprendizagem

As práticas de avaliação dos estudantes constituem uma ferramenta importante para o planejamento e a revisão da prática pedagógica, tanto por parte dos professores como da escola. Para os alunos, permite que reconheçam suas conquistas e suas dificuldades, percebendo os desafios que devem ser vencidos e as rotas a serem tomadas para chegar até lá.

A avaliação é cada vez mais compreendida como um processo pelo qual se analisa, de forma dinâmica e global, a relação de ensino e aprendizagem de forma integral. De acordo com essa concepção, a avaliação deve contemplar as competências e habilidades dos estudantes e ocorrer durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a avaliação deixa de ser vista como um instrumento de controle e punição do estudante, concentrada em datas específicas, apenas nos períodos de exame. Vejamos o que diz o pesquisador Cipriano Carlos Luckesi a respeito do uso das avaliações de aprendizagem pelo educador.

> Em primeiro lugar, propomos que a avaliação do aproveitamento escolar seja praticada como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos, tendo por base seus aspectos essenciais e, como objetivo final, uma tomada de decisão que direcione o aprendizado e, consequentemente, o desenvolvimento do educando. Com isso, fugiremos ao aspecto classificatório que, sob a forma de verificação, tem atravessado a aferição do aproveitamento escolar. Nesse sentido, ao avaliar, o professor deverá:
>
> - coletar, analisar e sintetizar, da forma mais objetiva possível, as manifestações das condutas – cognitivas, afetivas, psicomotoras – dos educandos, produzindo uma configuração do efetivamente aprendido;
> - atribuir uma qualidade a essa configuração da aprendizagem, a partir de um padrão (nível de expectativa) preestabelecido e admitido como válido pela comunidade dos educadores e especialistas dos conteúdos que estejam sendo trabalhados;
> - a partir dessa qualificação, tomar uma decisão sobre as condutas docentes e discentes a serem seguidas, tendo em vista:
>   - a reorientação imediata da aprendizagem, caso sua qualidade se mostre insatisfatória e caso o conteúdo, habilidade ou hábito, que esteja sendo ensinado e aprendido, seja efetivamente essencial para a formação do educando;
>   - o encaminhamento dos educandos para passos subsequentes da aprendizagem, caso se considere que, qualitativamente, atingiram um nível satisfatório no que estava sendo trabalhado.
>
> Assim, o objetivo primeiro da aferição do aproveitamento escolar não será a aprovação ou reprovação do educando, mas o direcionamento da aprendizagem e seu consequente desenvolvimento.
>
> LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2013. p. 49-50.

Uma vez compreendidos os objetivos das avaliações de aprendizagem, os professores podem selecionar os tipos de avaliações a depender do momento do ano letivo e de suas necessidades específicas. Esses instrumentos estão classificados da seguinte forma:

- **Modelo avaliativo somativo**: ocorre geralmente ao final de um período letivo, seja o semestre ou o ano, e seu objetivo é mensurar o acúmulo de aprendizagem do estudante tendo como referência os objetivos pedagógicos estabelecidos (Bastos, 1983).
- **Modelo avaliativo formativo**: reconhece o aprendizado como um longo percurso e permite ajustes ao detectar as fragilidades de cada estudante. Tanto os acertos quanto os erros são objeto de estudo do professor, que oferece *feedback* constante no decorrer do processo de ensino-aprendizagem (Ballester, 2003).
- **Modelo avaliativo comparativo**: procura estabelecer uma relação entre os resultados dos estudantes por meio de comparações entre os grupos, ou seja, considerando o contexto da unidade escolar, mas também contextos regionais, nacionais ou mesmo internacionais (Luckesi, 2013).
- **Modelo avaliativo ipsativo**: é um metodo de avaliação que isola as referências avaliativas do estudante e propõe que seu desempenho mais recente seja comparado com os anteriores, no lugar de compará-lo com outros estudantes (Fernandes, 2008).

Os estudantes podem ser avaliados de múltiplas formas – por meio do diálogo, com perguntas formuladas pelo professor para saber quais são os conhecimentos que possuem sobre determinado assunto; pelo acompanhamento das atividades propostas ao longo das aulas; por trabalhos em grupos, como apresentações para a turma. Essas formas diversas de avaliação permitem ao estudante expressar-se e desenvolver novas habilidades, pois também constituem momentos de aprendizado.

Cumpre salientar, ainda, o **modelo avaliativo diagnóstico**, fundamental para que o educador conheça o ponto de partida dos estudantes e possa planejar as aulas de forma personalizada e eficaz. Como os estudantes ainda estão em formação, é provável que haja um desequilíbrio entre os conhecimentos prévios e as habilidades desenvolvidas por cada integrante da turma. Nesse sentido, com base na obra *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas* (1999), de Phillipe Perrenoud, seguem algumas sugestões para dotar o professor de instrumentos capazes de garantir a realização de um diagnóstico inicial eficaz.

1. **Mapeamento inicial**: consiste em realizar atividades e tarefas em grupo, preferencialmente expositivas, e em utilizar questionários, testes, entrevistas e observações comportamentais.
2. **Planejamento individualizado**: adaptação de conteúdo e de processos didáticos de acordo com as necessidades individuais de modo a incorporar práticas que permitam personalizar o ensino e a atenção a cada estudante.
3. **Coavaliação**: consiste em incentivar que os estudantes reflitam sobre seus desempenhos, avaliem uns aos outros e promovam um ambiente de participação colaborativa e de reflexão sobre o processo de avaliação.
4. **Capacidades socioemocionais**: consiste em planejar atividades que integrem diversos tipos de habilidades socioemocionais, especialmente em projetos interdisciplinares.

Com o diagnóstico em mãos, o educador tem a possibilidade de planejar aulas de forma diferenciada, considerando os contextos específicos de suas turmas e as características de cada estudante. Essa informação permite estabelecer um referencial mínimo, a partir do qual é possível modular os estímulos, as competências socioemocionais, as habilidades e a profundidade dos temas trabalhados. As primeiras avaliações deverão trazer uma resposta a respeito da estratégia adotada, para que o professor possa ajustar o planejamento de acordo com as necessidades dos estudantes.

A análise e o registro das atividades sugeridas em diversos momentos ao longo dos volumes desta coleção permitem que o professor avalie o processo de ensino e aprendizagem como um todo. A partir disso, ele pode reorientar, se necessário, as ações educativas planejadas para o grupo.

As atividades propostas, que envolvem produção, leitura e compreensão de textos, imagens, gráficos, tabelas e mapas, bem como atividades individuais e em grupo que trabalham pesquisa, reflexão e debate, podem ser utilizadas pelo professor para realizar uma avaliação continuada, inclusive sobre as capacidades de argumentação e inferência de cada estudante. Muitas atividades possibilitam o aperfeiçoamento das habilidades de pesquisa, organização dos dados e apresentação dos resultados, aperfeiçoamento este que pode ser acompanhado pelo professor ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

A **autoavaliação** a ser realizada pelos estudantes sob a orientação do professor permite que eles reflitam sobre o próprio desempenho e intervenham com autonomia nas situações de aprendizagem. Trata-se de uma etapa da avaliação que permite a reflexão e a autocrítica constantes sobre o próprio progresso. A habilidade de realizar uma avaliação autocrítica é essencial para a construção da autonomia e da responsabilidade perante as próprias ações e as ações coletivas.

Essa forma de avaliação também pode ser realizada em grupo. Os estudantes são levados a refletir não só acerca de seu próprio desempenho, como também acerca das expectativas de seu próprio grupo de trabalho e do modo como o grupo desempenhou suas funções, o que propicia a melhoria em interações futuras.

Organização geral da coleção

Esta coleção está estruturada em quatro volumes, cada um dedicado a um dos componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: história, geografia, sociologia e filosofia.

Todos os livros do estudante têm seus conteúdos organizados em seis unidades temáticas comuns, que possibilitam a problematização de algumas das categorias principais da área, fundamentais à formação dos estudantes, conforme citadas na Base Nacional Comum Curricular (p. 562): Tempo e Espaço; Territórios e Fronteiras; Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética; e Política e Trabalho. Tais categorias são trabalhadas de forma complementar e estão presentes nos diversos conteúdos apresentados nos volumes, com abordagens que abarcam concepções e conceitos dos quatro componentes curriculares.

Unidades temáticas: uma abordagem complementar

A adoção de unidades temáticas que se repetem nos volumes, de maneira transversal, expressa na coleção uma interdisciplinaridade estrutural entre os componentes que formam a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Em outras palavras, as unidades possibilitam que os estudantes estabeleçam relações entre as abordagens próprias da história, da geografia, da sociologia e da filosofia para compreenderem de modo amplo e integrado grandes temas, categorias e conceitos da área de conhecimento.

Apontamos a seguir as principais categorias de análise de cada unidade temática, bem como as articulações possíveis com base nas contribuições de cada componente curricular. Em relação ao planejamento conjunto de atividades entre os professores dos quatro componentes, espera-se que a leitura antecipada do descritivo das unidades subsidie os educadores na proposição de aulas conjuntas ou remissões cruzadas que explicitem a interdisciplinaridade.

Unidade 1: Ciência, cultura e sociedade

Os conteúdos e as atividades dos capítulos contribuem para o desenvolvimento dos temas que estruturam a unidade 1, articulando, de forma direta ou indireta, algumas categorias de análise, como sociedade e cultura, que são centrais para as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

De acordo com a BNCC, a relação entre essas categorias permite, por exemplo, contribuir para a discussão a respeito da condição humana, das finalidades de nossa existência, como seres políticos e sociais, e do que é comum a todos nós, na medida em que necessitamos da coletividade (Brasil, 2018, p. 565).

Unidade 1: Ciência, cultura e sociedade

Capítulos de história	Capítulos de geografia	Capítulos de sociologia	Capítulos de filosofia
1. A produção do conhecimento histórico 2. Das origens da humanidade às primeiras civilizações 3. A história dos ameríndios antes da chegada dos europeus	1. O espaço geográfico 2. O sistema terrestre e as atividades antrópicas	1. As ciências sociais 2. O conceito de cultura	1. Consciência e conhecimento 2. Caminhos da ciência

Nos capítulos de história, os estudantes têm a oportunidade de investigar os processos de produção do saber histórico, conhecer a origem da humanidade e a formação e a organização de importantes sociedades antigas.

De forma complementar, as abordagens propostas nos capítulos de geografia ajudam a aplicar o conceito de espaço geográfico, discutindo a forma como a relação entre as sociedades e a natureza se transformou ao longo do tempo, a partir dos avanços tecnológico e científicos, impactando a própria dinâmica dos sistemas terrestres.

Nos capítulos de sociologia, os estudantes podem refletir sobre a constituição da sociologia como ciência, compreender como funcionam os métodos de pesquisa e a análise dos fenômenos sociais e conhecer alguns dos principais paradigmas teóricos da área. Além disso, podem ampliar a compreensão dos elementos que estruturam as sociedades, mobilizando o conceito de cultura como sistemas de significados, valores, crenças, práticas e expressões de um determinado grupo ao longo do tempo.

Por fim, os capítulos de filosofia complementam a abordagem ao investigar o conceito de consciência, a teoria do conhecimento e a lógica, além de discutir o desenvolvimento da ciência, com seus métodos e suas finalidades, analisando a relação entre o conhecimento científico e a sociedade.

Esses conteúdos articulados ajudam os estudantes a compreender que as sociedades são constituídas por seres humanos, que ocupam um determinado território e exercem atividades que interferem e transformam constantemente a natureza.

Unidade 2: População, territórios e fronteiras

As discussões e os temas que estruturam a unidade 2 perpassam categorias de análise como território e fronteira, amplamente mobilizadas pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

De acordo com a BNCC, o estudo dessas categorias pode ajudar os estudantes a

> compreender os processos identitários marcados por territorialidades e fronteiras em históricas disputas de diversas naturezas, mobilizar a curiosidade investigativa sobre o seu lugar no mundo, possibilitando a sua transformação e a do lugar em que vivem, enunciar aproximações e reconhecer diferenças.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 564-565.

Unidade 2: População, territórios e fronteiras

Capítulos de história	Capítulos de geografia	Capítulos de sociologia	Capítulos de filosofia
4. Formação das monarquias nacionais e expansão colonial europeia 5. Formação do Império Português e a América portuguesa	3. A dinâmica das populações 4. Território e população do Brasil	3. Poder, Estado e nação 4. População e estratificação social	3. Estado e o fenômeno do poder 4. Territorialidade, arte e linguagem

Nos capítulos de história, os estudantes têm a oportunidade de discutir os processos de formação das monarquias europeias e conhecer o contexto do desenvolvimento do Estado moderno, bem como analisar os fenômenos sociais, políticos, econômicos e territoriais decorrentes do colonialismo europeu, com destaque para a América portuguesa.

Paralelamente, as abordagens propostas nos capítulos de geografia permitem compreender as dinâmicas populacionais ao longo dos últimos séculos, com destaque para as migrações e para as tendências demográficas atuais, e analisar o processo de formação do território e da população brasileira.

Nos capítulos de sociologia, os estudantes podem conhecer conceitos fundamentais da ciência política – como Estado, poder e dominação –, analisando o processo de constituição do Estado moderno e caracterizando os diferentes tipos de Estado ao longo da história. Além disso, podem compreender os fundamentos de diferentes tipos de estratificação social, de modo a analisar seu impacto na distribuição desigual de recursos materiais, sociais e culturais na sociedade e suas transformações ao longo do tempo.

Os capítulos de filosofia têm o objetivo de trazer novas perspectivas para compreender as relações de poder na sociedade e de discutir a dimensão cultural do conceito de territorialidade, destacando as múltiplas culturas juvenis, além de apresentar diferentes formas de linguagem e arte.

Unidade 3: Ética e cidadania

Ética e cidadania são as categorias centrais da unidade 3 e permitem mostrar a importância dos direitos humanos e a necessidade de sempre acomodá-los no horizonte das práticas cotidianas. O estudo dos temas que estruturam a discussão em torno dessas categorias é uma oportunidade de explorar as noções de comunidade e coletividade entre os estudantes, de estimular a alteridade e de promover o respeito às diferenças entre pessoas e grupos sociais, como forma de buscar o bom convívio e o bem viver.

Unidade 3: Ética e cidadania

Capítulos de história	Capítulos de geografia	Capítulos de sociologia	Capítulos de filosofia
6. Uma era de revoluções 7. Império napoleônico e emancipações na América 8. O Brasil Império e a cidadania excludente	5. O mundo urbano 6. Brasil urbano e o direito à cidade	5. Socialização e marcadores sociais da diferença 6. Cidadania, desigualdade e discriminação	5. A conduta ética 6. Ética na história

Nos capítulos de história, os estudantes são convidados a investigar os valores que estruturaram as Revoluções Inglesas, Americana, Francesa, os processos emancipatórios na América e as lógicas que perpetuaram as desigualdades sociais e a cidadania excludente no Brasil.

As abordagens propostas nos capítulos de geografia ajudam a compreender o processo de urbanização, o mundo urbano na atualidade e os problemas socioeconômicos que interferem no exercício pleno da cidadania, criando entraves à efetivação do direito à cidade.

Nos capítulos de sociologia, são apresentadas teorias sobre o processo de socialização, os papéis sociais, a constituição das identidades e os marcadores sociais da diferença. É também trabalhada a noção de cidadania, com destaque para as formas de desigualdades, discriminação e preconceito no Brasil.

Por fim, os capítulos de filosofia complementam a abordagem ao investigar o desenvolvimento da noção de ética ao longo da história, as principais correntes filosóficas que se debruçam a compreender a consciência moral, a liberdade e a condição humana, as origens e causas da violência e o processo de construção dos valores morais.

Unidade 4: Trabalho e transformação social

Os capítulos vinculados à unidade 4 contribuem para o entendimento da noção de trabalho e para a melhor compreensão das mudanças da sociedade e dos modos de organização social, política, econômica e cultural na contemporaneidade. Dessa forma, os temas mobilizam prioritariamente a categoria trabalho.

Segundo a BNCC, o estudo do trabalho atravessa diversos desafios, tal como a compreensão dos impactos provocados nas relações de produção, trabalho e consumo a partir do desenvolvimento de novas tecnologias. O estudo da categoria trabalho deve ajudar os estudantes a "compreender e analisar a diversidade de papéis dos múltiplos sujeitos e seus mecanismos de atuação" (Brasil, 2018, p. 569).

Unidade 4: Trabalho e transformação social

Capítulos de história	Capítulos de geografia	Capítulos de sociologia	Capítulos de filosofia
9. Revolução Industrial e expansão do capitalismo 10. Ideias e ideologias do mundo contemporâneo 11. Imperialismos, guerra e revolução	7. O espaço geoeconômico agrário e industrial 8. A dinâmica do comércio e dos serviços na globalização	7. Trabalho, produção e sociedade 8. Formas de organização social do trabalho	7. Trabalho e alienação 8. Produzir, amar e projetar

Nesta unidade, os capítulos de história fornecem um panorama das transformações sociais, políticas e econômicas decorrentes da Revolução Industrial e da expansão do capitalismo, incluindo não somente a esfera do processo produtivo, mas também a dimensão do trabalho. Além disso, exploram as diferentes ideologias do mundo contemporâneo e as políticas expansionistas e imperialistas dos últimos séculos.

Os capítulos de geografia complementam a discussão, apresentando um panorama geral do espaço geoeconômico agrário, industrial, comercial e de serviços na escala mundial e nacional, destacando a natureza da globalização e as transformações provocadas por esse fenômeno.

Nos capítulos de sociologia, os estudantes têm a oportunidade de conhecer diferentes óticas de análise do trabalho na sociedade moderna, avaliando os significados e a forma como ele se tornou um organizador da vida social no capitalismo.

Os capítulos de filosofia apresentam conceitos como trabalho, alienação e projeto de vida a partir da perspectiva filosófica e ao explorar aspectos da dimensão afetiva como um pilar central na vida social.

Unidade 5: Estado, poder e democracia

As categorias centrais da unidade 5 – Estado, poder e democracia – oportunizam discussões que colaboram para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia intelectual dos estudantes, a partir da formação baseada nos princípios democráticos e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Unidade 5: Estado, poder e democracia

Capítulos de história	Capítulos de geografia	Capítulos de sociologia	Capítulos de filosofia
12. Da ascensão do totalitarismo à Guerra Fria 13. Brasil republicano e populismo latino-americano 14. Ditaduras no Brasil, no Chile e na Argentina	9. A geopolítica do espaço mundial 10. Tensões e conflitos	9. Formas e sistemas de governo 10. Transformação social, sociedade civil e movimentos sociais	9. Política: dos antigos aos modernos 10. Política contemporânea

Nos capítulos de história, os estudantes podem investigar os processos que permitiram a ascensão do totalitarismo na Europa e a ocorrência da Guerra Fria ao longo do século XX, além de discutir o contexto social, político e econômico do Brasil durante a Primeira República e a Era Vargas e das ditaduras na América Latina.

As abordagens propostas nos capítulos de geografia têm por objetivo possibilitar a compreensão das relações de poder estabelecidas no sistema político internacional, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, e as tensões e os conflitos mundiais no contexto contemporâneo.

Paralelamente, nos capítulos de sociologia, os estudantes podem conhecer as diferentes formas e sistemas de governo, bem como compreender algumas características dos regimes democráticos e refletir sobre o papel da sociedade civil como importante agente de transformação social.

Por fim, os capítulos de filosofia complementam a abordagem ao investigar a origem e as transformações da política ao longo do tempo, o papel do Estado e as questões políticas contemporâneas, como a microfísica do poder e a necropolítica.

Unidade 6: Sociedade e meio ambiente

Os conteúdos propostos ao longo dos capítulos na unidade 6 contribuem para o debate sobre a relação entre os seres humanos e a natureza, mobilizando importantes categorias para o desenvolvimento dos estudos na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A forma como os povos e as sociedades estabelecem suas atividades e se relacionam com o meio ambiente é influenciada pela importância cultural dada à natureza, bem como pelo nível de conhecimento sobre os limites planetários e sobre a necessidade urgente de utilização dos recursos naturais de forma sustentável. As discussões que envolvem essa temática, portanto, colaboram para a ampliação da consciência socioambiental dos estudantes, ajudando-os a construir um posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Unidade 6: Sociedade e meio ambiente

Capítulos de história	Capítulos de geografia	Capítulos de sociologia	Capítulos de filosofia
15. Capitalismo global e agenda ambiental 16. Desafios do Brasil contemporâneo	11. Recursos naturais e desafios à sustentabilidade 12. Desenvolvimento sustentável e crise ambiental	11. Cidade e meio ambiente 12. Sociedade, tecnologia e comunicação	11. Condição humana 12. Ser humano e meio ambiente

Os capítulos de história dão subsídios para que os estudantes investiguem os desdobramentos políticos e econômicos após o fim da Guerra Fria e o contexto do fortalecimento da agenda ambiental nas últimas décadas, com a emergência de problemas na escala global. Além disso, também busca-se discutir os desafios do Brasil na contemporaneidade, especialmente nas agendas social e ambiental e nos embates políticos latentes na atualidade.

De modo concomitante, os capítulos de geografia os ajudam a conhecer a forma como os recursos naturais são apropriados, compreender os desafios da aplicação de práticas que promovam o desenvolvimento sustentável e discutir a crise ambiental planetária agravada nas últimas décadas.

Nos capítulos de sociologia, os estudantes podem refletir sobre a constituição das cidades, atentando às dinâmicas de sociabilidade urbana, bem como à relação entre sociedade e natureza. Podem analisar, ainda, o papel das novas tecnologias nas dinâmicas de sociabilidade, produção e consumo, difusão de informação e mobilização política.

Por fim, os capítulos de filosofia buscam investigar os vários aspectos da condição humana, discutir criticamente a lógica de domínio da natureza e refletir sobre o papel da ética do cuidado e da ética ambiental na sustentabilidade do planeta.

Livro do estudante: recursos didático-pedagógicos

Cada um dos quatro volumes é composto de capítulos organizados nas seis unidades temáticas comuns e de seções especiais voltadas para o desenvolvimento da autonomia e para a realização de atividades práticas pelos estudantes. A seguir, apresentamos as características de cada recurso que integra o livro do estudante.

Páginas iniciais

Além do texto de apresentação, da explicação dos recursos didáticos e do sumário, um infográfico com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável alerta o estudante para a ocorrência de ícones, no decorrer do livro, que indicam possibilidades de articulação entre os conteúdos e atividades e a Agenda 2030.

Abertura de unidade

Uma dupla de páginas demarca o início de cada unidade. Nela, uma situação-problema sensibiliza os estudantes e introduz a temática que abarca os capítulos dos quatro volumes vinculados a ela. Na sequência, explicita-se a complementariedade entre os componentes da área e apresentam-se os objetivos de aprendizagem definidos para os capítulos da unidade.

O momento de introdução da unidade é oportuno para realizar a sondagem de conhecimentos dos estudantes acerca das categorias que serão trabalhadas nos capítulos sucessivos. Espera-se que eles expressem suas ideias e impressões livremente, subsidiando o professor para o planejamento das aulas seguintes com base na necessidade de reforçar o trabalho com conceitos, habilidades, atitudes e valores que requeiram mais atenção.

Como mencionado anteriormente, a leitura antecipada das aberturas e dos descritivos das unidades temáticas pelos professores indicará caminhos de abordagem interdisciplinar, uma vez que elas foram concebidas para dar apoio ao processo de integração da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Capítulos

Os textos e atividades que compõem os capítulos perfazem sequências didáticas que alternam recursos com estratégias pedagógicas variadas. Com isso, espera-se mobilizar conhecimentos, competências e habilidades de modo a contemplar diferentes perfis de estudante.

- **Texto principal**: organizado por títulos hierarquizados, o texto didático é permeado por imagens (fotografias, ilustrações, mapas e gráficos), citações de textos de terceiros, boxes, seções e atividades com texto acessível e adequado para os estudantes do Ensino Médio.

- **Saiba mais**: boxe de informações adicionais que complementam, exemplificam ou aprofundam a temática abordada no texto principal, ampliando a compreensão sobre o tópico de estudo.
- **Enfoque**: atividades de exploração de textos, elementos gráficos, cartográficos e iconográficos que mobilizam operações cognitivas diversas, como identificação, interpretação, análise, argumentação, inferência e reflexão.
- **Dica**: boxe com indicação comentada de textos, vídeos, filmes, jogos, *podcasts* e *sites* relacionados ao conteúdo trabalhado no capítulo, servindo de referências para pesquisa e consulta.
- **Entre saberes**: seção que explora a interdisciplinaridade por meio de temáticas sociais e ambientais que possibilitam conexões com outras áreas do conhecimento, como Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. Por meio da interpretação de textos, gráficos, quadros, charges, pinturas e tabelas, as atividades dessa seção estimulam o desenvolvimento da reflexão, interpretação, problematização, inferência e argumentação pelos estudantes.
- **Contraponto**: a seção apresenta pontos de vista e abordagens (complementares ou opostas) acerca de um mesmo assunto, teoria, fenômeno ou evento mobilizados pelos diferentes componentes das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com o intuito de desenvolver a capacidade de interpretar, relacionar, sintetizar, debater, inferir e argumentar com clareza, contribuindo para a formação de estudantes intelectualmente autônomos e que valorizem os direitos humanos. A seção favorece o desenvolvimento das **competências gerais da Educação Básica 1** e **7**, e mais especificamente da **competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1**.
- **Trabalho e juventudes**: seção que correlaciona o conteúdo estudado com o mundo do trabalho, promovendo o contato com carreiras profissionais de diferentes graus de instrução (técnico/tecnólogo/superior) e contribuindo com o mapeamento dos interesses e das possibilidades por parte dos estudantes.
- **Oficina**: as atividades desta seção, localizada no final de cada capítulo, têm como enfoque a organização, a sistematização e a ampliação dos principais conteúdos estudados, sempre trabalhando a capacidade de reflexão, de argumentação e de proposição dos estudantes. Exploram tanto as possibilidades de aplicação do que foi apreendido quanto de extrapolação do conteúdo, por meio de propostas de pesquisa e de trabalho com a compreensão leitora de imagens e textos da atualidade.

Estratégia de estudo

Com uma ocorrência nos quatro volumes da coleção, cada seção apresenta uma técnica de estudo (elaboração de resumo, mapa conceitual, autoteste e *flashcards*), com o objetivo fornecer aos estudantes ferramentas de estudo autônomo que contribuam para aprimorar o processo de aprendizagem. A proposta está sempre posicionada após os estudos do capítulo 1. Com isso, espera-se que essas técnicas sejam incorporadas na rotina dos estudantes ao longo dos três anos do Ensino Médio.

Educação midiática

Com o objetivo de apresentar, justificar e contextualizar temas relacionados à difusão da informação em meio digital, compreendendo-a de forma crítica e ética, a seção ocorre uma vez em cada volume da coleção. Além de trazer um texto expositivo para ampliar a compreensão do funcionamento das mídias, ela sempre apresenta uma proposta prática de produção coletiva.

Apesar de estar localizada após o último capítulo do livro do estudante, a seção pode ser trabalhada no momento em que o professor julgar mais adequado ao longo de cada ano letivo. Mais adiante, neste suplemento, as sugestões de cronograma consideram o trabalho com esse recurso distribuído nos três anos do Ensino Médio.

Pesquisa em foco

A seção tem como propósito desenvolver, em cada ocorrência, pelo menos duas práticas de pesquisa em atividades estruturadas, organizadas em etapas, trabalhando competências socioemocionais e o protagonismo juvenil. Ao final, os estudantes são incentivados a apresentar suas produções para a comunidade escolar e avaliar coletivamente os procedimentos e o resultado.

A proposta pode ser aplicada em diferentes momentos, conforme a conveniência do professor e a grade curricular da escola. Nos cronogramas indicados adiante, sugerimos que as quatro seções da coleção sejam postas em prática em momentos distintos, no decorrer do curso.

Possibilidades de uso dos volumes da coleção

Conforme exposto anteriormente, recomendamos que os quatro volumes sejam trabalhados de maneira articulada e concomitante. No entanto, essa não é uma obrigatoriedade. Eles foram concebidos de modo a poderem ser utilizados de forma autônoma, se for mais conveniente para a escola. Mesmo assim, os elementos de interdisciplinaridade estarão presentes no livro do estudante e nas respectivas orientações específicas deste suplemento.

Em relação ao ordenamento dos conteúdos, ele também pode ser adaptado. Dessa forma, o professor ou o grupo de professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pode(m) definir, a partir de seus próprios critérios e de seu planejamento, qual será a ordem das unidades a serem trabalhadas com os estudantes.

Essa organização flexível da coleção, com variedade de estratégias didáticas e atividades, além de orientações ao professor que indicam diversas possibilidades de usos do material, propicia aos docentes opções para ajustar os conteúdos apresentados ao contexto real da escola e às condições de trabalho que lhes são colocadas, além das necessidades e potencialidades de suas turmas. Os conteúdos, pensados de maneira estruturalmente interdisciplinar, permitem flexibilidade quanto às abordagens por diferentes professores e em variados contextos.

Sugestões de cronograma

A legislação brasileira prevê flexibilidade de distribuição da carga horária na oferta do Ensino Médio, ficando essa definição a critério de cada sistema de ensino. As sugestões de cronograma a seguir consideram uma distribuição com a mesma quantidade de horas nos três anos dessa etapa para os componentes da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Reiteramos tratarem-se de sugestões e chamamos a atenção para a centralidade do professor na construção de um cronograma mais adequado à sua realidade escolar. Recomendamos, entretanto, que em quaisquer adaptações os capítulos de uma mesma unidade não sejam trabalhados fora de ordem e que a organização do curso seja uma construção coletiva, envolvendo os colegas de área, de modo a priorizar a articulação dos componentes.

Cronograma semestral

Semestres	Volume de história	Volume de geografia	Volume de sociologia	Volume de filosofia
1º ano, 1º semestre	Capítulos 1, 2 e 3; seção *Estratégia de estudo*	Capítulos 1 e 2; seção *Estratégia de estudo*	Capítulos 1 e 2; seção *Estratégia de estudo*	Capítulos 1 e 2; seção *Estratégia de estudo*
1º ano, 2º semestre	Capítulos 4 e 5; seção *Educação midiática*	Capítulos 3 e 4; seção *Pesquisa em foco*	Capítulos 3 e 4	Capítulos 3 e 4
2º ano, 1º semestre	Capítulos 6, 7 e 8	Capítulos 5 e 6; seção *Educação midiática*	Capítulos 5 e 6; seção *Pesquisa em foco*	Capítulos 5 e 6
2º ano, 2º semestre	Capítulos 9, 10 e 11	Capítulos 7 e 8	Capítulos 7 e 8; seção *Educação midiática*	Capítulos 7 e 8; seção *Pesquisa em foco*
3º ano, 1º semestre	Capítulos 12, 13 e 14; seção *Pesquisa em foco*	Capítulos 9 e 10	Capítulos 9 e 10	Capítulos 9 e 10; seção *Educação midiática*
3º ano, 2º semestre	Capítulos 15 e 16	Capítulos 11 e 12	Capítulos 11 e 12	Capítulos 11 e 12

Cronograma trimestral

Trimestres	Volume de história	Volume de geografia	Volume de sociologia	Volume de filosofia
1º ano, 1º trimestre	Capítulo 1; seção *Estratégia de estudo*	Capítulo 1; seção *Estratégia de estudo*	Capítulo 1; seção *Estratégia de estudo*	Capítulo 1; seção *Estratégia de estudo*
1º ano, 2º trimestre	Capítulos 2 e 3	Capítulos 2 e 3	Capítulo 2; seção *Pesquisa em foco*	Capítulos 2 e 3
1º ano, 3º trimestre	Capítulos 4 e 5	Capítulo 4; seção *Educação midiática*	Capítulos 3 e 4	Capítulo 4
2º ano, 1º trimestre	Capítulos 6 e 7	Capítulo 5	Capítulo 5; seção *Educação midiática*	Capítulo 5; seção *Pesquisa em foco*

Continuação

Trimestres	Volume de história	Volume de geografia	Volume de sociologia	Volume de filosofia
2º ano, 2º trimestre	Capítulo 8; seção *Educação midiática*	Capítulos 6 e 7	Capítulo 6	Capítulo 6
2º ano, 3º trimestre	Capítulos 9 e 10	Capítulo 8; seção *Pesquisa em foco*	Capítulos 7 e 8	Capítulos 7 e 8
3º ano, 1º trimestre	Capítulo 11; seção *Pesquisa em foco*	Capítulos 9 e 10	Capítulos 9 e 10	Capítulo 9
3º ano, 2º trimestre	Capítulos 12, 13 e 14	Capítulo 11	Capítulo 11	Capítulo 10; seção *Educação midiática*
3º ano, 3º trimestre	Capítulos 15 e 16	Capítulo 12	Capítulo 12	Capítulos 11 e 12

Cronograma bimestral

Bimestres	Volume de história	Volume de geografia	Volume de sociologia	Volume de filosofia
1º ano, 1º bimestre	Capítulo 1; seção *Estratégia de estudo*	Capítulo 1; seção *Estratégia de estudo*	Capítulo 1; seção *Estratégia de estudo*	Capítulo 1; seção *Estratégia de estudo*
1º ano, 2º bimestre	Capítulos 2 e 3	Capítulo 2	Capítulo 2	Capítulo 2; seção *Educação midiática*
1º ano, 3º bimestre	Capítulo 4	Capítulo 3; seção *Pesquisa em foco*	Capítulo 3	Capítulo 3
1º ano, 4º bimestre	Capítulo 5	Capítulo 4	Capítulo 4	Capítulo 4
2º ano, 1º bimestre	Capítulos 6 e 7	Capítulo 5	Capítulo 5	Capítulo 5; seção *Pesquisa em foco*
2º ano, 2º bimestre	Capítulo 8; seção *Educação midiática*	Capítulo 6	Capítulo 6	Capítulo 6
2º ano, 3º bimestre	Capítulos 9 e 10	Capítulo 7	Capítulo 7; seção *Educação midiática*	Capítulo 7
2º ano, 4º bimestre	Capítulo 11; seção *Pesquisa em foco*	Capítulo 8	Capítulo 8	Capítulo 8
3º ano, 1º bimestre	Capítulos 12 e 13	Capítulo 9; seção *Educação midiática*	Capítulo 9	Capítulo 9
3º ano, 2º bimestre	Capítulo 14	Capítulo 10	Capítulo 10; seção *Pesquisa em foco*	Capítulo 10
3º ano, 3º bimestre	Capítulo 15	Capítulo 11	Capítulo 11	Capítulo 11
3º ano, 4º bimestre	Capítulo 16	Capítulo 12	Capítulo 12	Capítulo 12

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS DESTE VOLUME

O ensino de filosofia e o livro didático

Com o objetivo de garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências e habilidades em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a escola lança mão de múltiplos recursos educativos, que incluem filmes, *podcasts*, mapas conceituais e objetos digitais. Dentre esses recursos, o livro didático se destaca como referencial pedagógico de professores e estudantes. Nesse sentido, chamamos de "didático" o livro utilizado em aulas, sendo escrito e editado com essa finalidade educacional.

No entanto, o livro didático não é – nem deve ser tomado como – uma coletânea de aulas. A aula é um processo vivo, em que professores e estudantes são autores e atores da relação de ensino-aprendizagem. Nessa relação, são muitas as questões em jogo, como as diferentes realidades sociocognitivas dos estudantes, o momento histórico em que os temas são apresentados, o relacionamento entre professores e estudantes.

Nesse sentido, é possível alterar a sequência dos capítulos, pular trechos considerados menos relevantes, selecionar atividades pedagógicas que serão realizadas e adequar o livro aos contextos locais e às diferentes culturas escolares. Há professores que utilizam os livros em momentos específicos de sua aula; outros buscam nele subsídios para tarefas extraclasse. Alguns utilizam o livro para complementar conteúdos, enquanto outros o veem como fonte para sistematizar o que já foi abordado em aula.

No livro didático de filosofia, em particular, são fornecidos diversos conteúdos, como textos autorais, citações, imagens e atividades, que podem mobilizar e engajar os estudantes. Um livro didático como o de filosofia apresenta uma diversidade de conteúdos e variadas formas de uso, sob a coordenação do docente. Afinal, todo livro muda à medida que mudam seus leitores e suas leituras.

Nesta coleção, o volume de filosofia foi construído com base em escolhas pedagógicas e metodológicas, que se traduzem nos recursos disponibilizados ao longo do conteúdo. Faz parte dessas escolhas a ênfase em determinados temas e, até mesmo, a ausência de outros. Evidentemente, o livro decorre de critérios autorais que dialogam, principalmente, com competências e habilidades preconizadas na BNCC.

Ao falar do texto didático de filosofia, o filósofo Pedro Gontijo aponta que:

> Há discursos que acentuam o caráter [...] "didático" dos livros com essa denominação, desqualificando o caráter filosófico dos mesmos, como que expressando não serem eles obras filosóficas, apenas obras que explicam teorias, autores, sistemas e que funcionariam apenas como informações enciclopédicas, com apenas referencial. [...]
>
> Todavia, quando vemos a variedade de obras didáticas de filosofia em diferentes países explicitando escolhas não apenas quanto ao formato, tamanho, mas pelo viés teórico que veiculam, podemos relativizar tais acentuações.
>
> [...] As escolhas dos temas [nos livros didáticos], dos excertos ou fragmentos de clássicos são expressão de perspectivas filosóficas. A citação ou não de determinado autor não se constitui mero acaso, mas é fruto de escolhas que expressam visões sobre a filosofia e sobre seu ensino e sua aprendizagem.

GONTIJO, Pedro Ergnaldo. Ensino de Filosofia e uso do Livro Didático: um debate necessário. **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 44, pp. 133-147, jan-jun., 2019. p. 41. Disponível em: https://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/oqnfp/article/view/681/603. Acesso em: 25 set. 2024.

Na elaboração deste volume, abordamos conteúdos que integram tanto tradições quanto inovações no ensino-aprendizagem. Nele, as tradições filosóficas dizem respeito, por exemplo, a temas canônicos como teoria do conhecimento, política, estética e ética. E as inovações se referem a temas não canônicos como amor e projeto de vida, necropolítica, pensamento complexo e ética ecológica.

Em qualquer uma dessas situações, os conteúdos desse volume devem ser tomados como ponto de partida, e nunca como ponto de chegada. Isso significa que o livro deve ser objeto de debates, ampliações e questionamentos. Nesse sentido, este livro de filosofia compartilha uma característica intrínseca do processo de filosofar, que é a atividade de reflexão contínua, sem a pretensão de estacionar para sempre num lugar derradeiro. Esse caráter foi ressaltado ainda no século XIX pelo filósofo alemão Friedrich Schelling, ao analisar a raiz etimológica da palavra "filosofia", isto é, *philo* (que designa aquele que sente amor ou amizade) e *sophia* (que diz respeito ao saber e à sabedoria). Schelling observou que a palavra "filosofia" é muito acertada, pois todo o nosso saber permanece em estado de filosofia. Isso significa estar sempre em desenvolvimento, cujo grau de avanço depende, sobretudo, de nosso amor à sabedoria e do exercício de nossa liberdade.

Em face disso, este volume concebe que a riqueza da filosofia tem como base a sua pluralidade. Desse modo, pressupõe-se que não existe uma única filosofia, uma única busca pelo saber, mas várias filosofias e distintas formas de filosofar. O volume, portanto, procura mostrar que o ensino da filosofia é dinâmico porque está sempre permeado por novos objetos de estudo, novos objetivos e novas objeções. Isso inclui mostrar, na iconografia e nas atividades, que a filosofia tem uma dimensão cultural que se manifesta nas culturas digitais, nas artes populares, nos saberes ancestrais e nas expressões do *pop* contemporâneo.

Filosofia no Ensino Médio: competências e habilidades

De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205: "a educação [...] será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Tendo em vista essas finalidades gerais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), lei maior que trata da educação escolar no país, discorre sobre o direito à educação e o dever de educar e trata da organização da educação nacional em diferentes modalidades, com destaque para o Ensino Médio.

No que diz respeito a essa etapa da Educação Básica, a LDB, em seu artigo 35-D, parágrafo IV, determina que a área de Ciências

Humanas e Sociais Aplicadas será integrada pelos componentes curriculares de filosofia, geografia, história e sociologia. A filosofia faz parte dessa área de conhecimento que, mais tarde, teve seus pressupostos e suas categorias, competências e habilidades estabelecidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio.

A proposta de se trabalhar por competências e habilidades é anterior à BNCC e já estava contemplada, por exemplo, nas *Orientações curriculares para o Ensino Médio*, publicadas em 2006. Nesse documento, discute-se os desafios do ensino de filosofia por competências e habilidades, como podemos observar a seguir:

> A pergunta que se faz, portanto, é: de que capacidades se está falando quando se trata de ensinar filosofia no Ensino Médio? Da capacidade de abstração, do desenvolvimento do pensamento sistêmico ou, ao contrário, da compreensão parcial e fragmentada dos fenômenos? Trata-se da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, de saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimentos. De forma um tanto sumária, pode-se afirmar que se trata tanto de competências comunicativas, que parecem solicitar da Filosofia um refinamento do uso argumentativo da linguagem, para o qual podem contribuir conteúdos lógicos próprios da Filosofia, quanto de competências, digamos, cívicas, que podem fixar-se igualmente à luz de conteúdos filosóficos.
>
> SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Volume 3: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2006. p. 30.

Segundo este documento, o componente curricular de filosofia pode contribuir, por exemplo, em abordagens relacionadas à representação, comunicação, investigação, compreensão e contextualização sociocultural. Seguindo a mesma tendência do documento anterior, a BNCC, por sua vez, preconiza competências e habilidades que visam ao domínio de operações como identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação; à elaboração de hipóteses e de argumentos com base na seleção de dados, obtidos em fontes confiáveis; ao questionamento e ao autoquestionamento crítico, entre outros aspectos. Todas essas operações e abordagens indicadas nos documentos oficiais perpassam os conteúdos e a prática do ensino de filosofia no cotidiano escolar.

Metodologia didático-pedagógica

Este volume foi estruturado de modo a contemplar as competências gerais e as competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, propostas na BNCC, o que é identificado e detalhado na seção intitulada **Orientações para trabalho com o livro do estudante**.

Numa visão geral, o volume contempla 12 capítulos organizados em unidades temáticas que articulam as categorias de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas conforme a BNCC. Ao longo dos capítulos, apresenta-se uma abordagem filosófica de assuntos como a consciência e o conhecimento, as concepções de ciência, as reflexões a respeito do Estado, do poder, das territorialidades e da política contemporânea, as linguagens, a estética, os fundamentos da ética em geral e de uma ética ecológica, o trabalho e a alienação, a condição humana, o amor e os projetos de vida.

A elaboração deste volume apresenta, de forma equilibrada, os grandes temas/problemas da filosofia e alguns métodos filosóficos, tendo como referencial a história da filosofia. Assim, por exemplo, quando tratamos da **condição humana**, no capítulo 11, vamos desenvolvendo esse tema articulando o pensamento de grandes filósofos, como Aristóteles, Tomás de Aquino, René Descartes, Jean-Jacques Rousseau, Karl Marx, Ernst Cassirer e Hannah Arendt.

Desse modo, o referencial histórico-filosófico, com excertos dos autores representativos de cada período, sustenta, conduz e enriquece a abordagem temática. Isso se dá em todos os capítulos, que obedecem a nexos de complementaridade e continuidade anunciados nas aberturas de unidades no livro do estudante e, com isso, oferecem uma visão coerente dos conteúdos de filosofia para o Ensino Médio.

Enfim, todos os temas são tratados obedecendo a uma metodologia didático-pedagógica que, exemplificativamente:

- apresenta textos filosóficos e não filosóficos utilizando traduções com credibilidade acadêmica;
- desenvolve problemas e métodos, tendo em vista a pluralidade e a diversidade de pensadores e correntes ao longo da história da filosofia;
- enfatiza a interdisciplinaridade da filosofia, dialogando com outras áreas do conhecimento;
- contextualiza as questões filosóficas demonstrando o seu aspecto prático, permitindo que os estudantes possam participar, como cidadãos, de debates que envolvem, por exemplo, dilemas ambientais, políticos e éticos da sociedade contemporânea.

Além dos itens anteriores, o volume foi elaborado para oferecer aos estudantes atividades que promovam a argumentação, a inferência, a interpretação, a pesquisa, a reflexão, o debate, a conceituação, a sistematização, entre outros procedimentos. O material mobiliza, portanto, uma ampla gama de operações cognitivas e atitudinais vinculadas ao ato de filosofar.

Ressaltamos que esses posicionamentos teórico-metodológicos, adotados neste volume de filosofia, estão devidamente indicados e detalhados nas **Orientações para trabalho com o livro do estudante**.

Leituras complementares

Pensamento alargado

> Em geral, o fato de que haja vários sistemas filosóficos e que esses sistemas não se coadunem entre si provoca duas atitudes: o ceticismo e o dogmatismo.
>
> O ceticismo sustenta mais ou menos o seguinte discurso: desde a aurora dos tempos, as diferentes filosofias se combatem sem jamais conseguir chegar a um acordo sobre a verdade. Essa pluralidade mesma, por seu caráter irredutível, prova que a filosofia não é uma ciência exata, que essa disciplina é marcada por grande incerteza, por uma incapacidade de manifestar uma posição verdadeira que, por definição, deveria ser única. Já que existem várias visões do mundo e que elas não conseguem se harmonizar, deve-se admitir também que nenhuma poderia pretender seriamente conter em si, mais do que outras, a verdadeira resposta às perguntas que nos fazemos sobre o conhecimento, a ética ou a salvação, de modo que toda filosofia é vã.
>
> O dogmatismo sustenta, é claro, uma linguagem inversa: evidentemente, há várias visões do mundo, mas a minha, ou pelo menos aquela na qual eu me encontro, é, com certeza, superior e mais verdadeira do que as dos outros, que não constituem senão uma longa tecedura de erros. [...]

Cansado desses velhos debates, minado pelo relativismo, culpado também pela lembrança de seu próprio imperialismo, o espírito democrático frequentemente se alinha com compromissos, em nome da louvável preocupação em "respeitar as diferenças", que se acomodam a conceitos frouxos: "tolerância", "diálogo", "preocupação com o Outro" etc., aos quais é difícil conferir um sentido que se possa referendar.

A noção de pensamento alargado sugere uma outra via.

Afastando-se da escolha entre um pluralismo de fachada e a renúncia de suas próprias convicções, ele sempre nos convida a resgatar o que uma visão de mundo diferente da sua pode ter de verdadeiro, aquilo que pode nos levar a compreendê-la, ou mesmo a assumi-la em parte.

Um dia, escrevi um livro com meu amigo André Comte-Sponville, o filósofo materialista pelo qual tenho o maior respeito e amizade. Tudo nos opunha: tínhamos aproximadamente a mesma idade, poderíamos ter sido competidores. André vinha, politicamente, do comunismo; eu, da direita republicana e do gaullismo. Filosoficamente ele se inspirava completamente em Spinoza e nas sabedorias do Oriente; eu, em Kant e no cristianismo. Encontramo-nos e, em vez de nos odiar, como teria sido simples fazê-lo, começamos a acreditar um no outro, quero dizer, a não supor *a priori* que o outro estava de má-fé, mas a procurar, com todas as forças, compreender o que poderia seduzir e convencer numa visão de mundo diferente da nossa própria.

Graças a André, compreendi a grandeza do estoicismo, do budismo, do spinozismo, de todas as filosofias que nos convidam a "esperar um pouco menos e amar um pouco mais". Compreendi também o quanto o peso do passado e do futuro estraga o gosto do presente [...]. Nem por isso me tornei materialista, mas não posso mais dispensar o materialismo para descrever e pensar algumas experiências humanas. Em suma, acredito ter alargado o horizonte que era o meu até algum tempo atrás.

[...] O respeito pelo outro não exclui a escolha pessoal. Ao contrário, a meu ver, ele é sua condição primeira.

FERRY, Luc. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 298-300.

Conforme o excerto do filósofo francês contemporâneo Luc Ferry, percebemos que quem se depara com teorias filosóficas discordantes costuma adotar duas atitudes: ceticismo ou dogmatismo. Diante da pluralidade de filosofias, o cético desconfia de todas elas, pois cada uma defende a sua verdade. Já o dogmático, em sentido inverso, assume que a sua filosofia é superior às demais por ser mais verdadeira. Segundo Ferry, para solucionar esse impasse, o "espírito democrático" proporia o respeito às diferenças baseado em conceitos "frouxos" (podemos dizer: demasiadamente abertos, indeterminados) como "tolerância", "diálogo", "preocupação com o Outro" etc. Esvaziados de sentido e clareza, esses conceitos pouco resolveriam os impasses. Em vez desse caminho, Ferry propõe adotarmos o pensamento alargado, que implica debater com quem discordamos, aprender a respeitar suas ideias e, assim, enriquecer nossas escolhas pessoais.

Ao final de seu texto, Luc Ferry conta que discordava em vários pontos do seu amigo e, também, filósofo francês André Comte-Sponville. Escreveram um livro juntos, intitulado *Sabedoria dos Modernos* (1999), e, no debate de ideias, encontraram-se, em vez de cultivar ódios recíprocos.

A reflexão proposta por Ferry é importante para a sala de aula, onde professores e estudantes de filosofia precisam conhecer e debater respeitosamente diferentes teorias filosóficas, ainda que não concordem com todas nem essas teorias concordem entre si. O debate respeitoso de ideias tem como pressuposto a honestidade dos interlocutores, a utilização de informações confiáveis e a polidez e cortesia no trato pessoal. Com isso, acreditamos que o debate filosófico contribui para o alargamento de nossos horizontes intelectuais.

Abertura para a experiência

Para que o estudante se realize como pessoa criadora, deve abrir-se ao mundo. Deve defrontar com as coisas na plenitude de seu ser. [...] Os principais obstáculos a essa abertura são os hábitos de pensamento e conduta que ele absorve de sua cultura, a qual lhe canaliza as respostas ao mundo de certos modos predeterminados. É importante, pois, que ele reconheça esses hábitos pelo que são: um meio de entrar em acordo com o mundo que ele deve examinar antes de aceitar, e examinar não uma, porém muitas vezes à proporção que ganha experiência. Compreendo, certamente, que ninguém pode nem deve libertar-se de sua cultura. Mas o que a educação pode expressamente cultivar é a consciência de diferentes meios de abordar, conhecer e sentir o mundo.

Como será efetivada essa política na sala de aula? Um dos meios consiste em informar ao estudante que o conhecimento não é tanto uma explanação quanto uma tentativa de explicar, sendo, pois, sempre provisório. Vejamos alguns exemplos. Todo estudante deveria apreciar a flexibilidade da linguagem. [...] Em seu estudo de ciência deve reconhecer o caráter altamente seletivo e tentativo dos achados científicos. Deve compenetrar-se de que uma teoria da luz como ondas, ou partículas, ou ambas, constitui deliberada abstração feita a partir da plenitude da experiência e, mais importante ainda, deve estar ciente de que toda compreensão equilibrada do mundo há de complementar a ciência com outros tipos de conhecimento. Deve ter consciência da natureza muito pessoal e tentativa da explicação histórica. Ao estudar o declínio do Império Romano ou a ascensão do capitalismo, deve reconhecer que essas teorias são padrões ordenadores, criados por historiadores [...], para sistematizar massas de dados; na verdade, esses padrões refletem o espírito do historiador tanto quanto os próprios fatos.

Em suma, para cultivar uma atitude criativa em relação aos estudos, o estudante deve ter consciência de pelo menos quatro coisas. Primeiro, o que ele sabe e o que ele percebe são em grande parte influenciados por categorias culturais; através destas é que, em geral, o conhecimento pode ser compreendido. Segundo, há na cultura alternativas para muitas dessas categorias, oferecendo elas o precioso privilégio de escolha pessoal. Terceiro, para ser verdadeiro em relação a si mesmo, o estudante deve, quando possível, procurar aquelas categorias que correspondem tanto quanto possível a suas próprias experiências de vida. Finalmente, deve lutar para ser aberto e flexível em face de tudo o que aprende e sente. Como aprenderá essas coisas? Aprendê-las-á melhor de mestres que, abertos aos princípios do crescimento criativo, constantemente os pratiquem em sua vida profissional.

[...]

Outro meio é o estudante afinar-se com as intuições de seus sentidos. Ao regressar a casa, se vir um bando de pássaros contra o céu que escurece, ou um reflexo de sol no muro

de um jardim, ou se ouvir o ruído do tráfego varrido para longe pelo ar da tarde, levará essas impressões ao coração e deixará que elas o instruam, em sua obscura linguagem não falada, sobre o mistério das coisas. A vida, ela mesma, mais vasta do que a impressão que temos dela, fala-nos de incontáveis maneiras – nas palavras de um amigo, no movimento de uma sinfonia, numa aragem através de um canteiro de flores, no arfar das cidades, nas sereias das fábricas, no murmúrio da dor, nas exclamações de êxtase. Para que nossos estudantes sejam criativos, façamos que escutem a vida.

A abertura à experiência diminui, entretanto, com o tempo. Na verdade, é até desejável certa perda de abertura para vivermos eficientemente, pois a vida nos defronta diariamente com muitas situações repetitivas [...] que temos de resolver de pronto e sem reflexão. Por esse motivo nossa cultura constrói dentro de nós padrões de comportamento que agem automaticamente em resposta a certos estímulos, deixando o consciente livre para outras coisas. Esse endurecimento de resposta deve, todavia, ser sempre controlado. Estereotipadas pela educação e pelos meios de massa, as pessoas tornam-se réplicas umas das outras, falsificando o frescor de suas respostas e perdendo a alegria do contato direto com a vida.

[...]

Podem objetar que a realização pessoal que proponho é demasiadamente irreal e autocentrada. Tal não acontece, bastando lembrar que a consciência que cada pessoa tem de si, como ser em desenvolvimento e singular, implica a consciência de também serem singulares às demais pessoas. Permitam-me reforçar psicologicamente esse ponto. Toda pessoa precisa participar da vida das outras. Se ela se retira para dentro de si mesma, frustra o seu próprio desenvolvimento, reprimindo suas energias, de modo que estas o reduzem a tensões e neuroses. Se, por outro lado, ela se esvazia e dispersa nas outras, consoante as expectativas destas ela trai sua singularidade e deixa de realizar suas potencialidades. Conscientemente ou não, perde a coragem e a vontade de ser ela mesma. Fuga para fora de si, fuga para dentro de si – igualmente estéreis ambas.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo: Ibrasa, 1973. p. 110-113.

O filósofo da educação George F. Kneller sugere alguns caminhos para promover a criatividade. Essa habilidade é essencial para a resolução de problemas, sobretudo no mundo contemporâneo, caracterizado por mudanças tecnológicas e sociais aceleradas.

O desenvolvimento da criatividade passa pelo processo que Kneller denomina "abertura para a experiência". Isso se traduz na compreensão do caráter provisório do conhecimento, na flexibilidade diante de novas ideias e sentimentos, na consciência das vivências pessoais e da diversidade cultural que nos envolve. Um dos melhores meios para os estudantes aprenderem é o convívio com professores ("mestres"). Outro meio apontado por Kneller é estimular os estudantes a "escutar a vida", "afinar-se com as intuições de seus sentidos".

A nosso ver, a criatividade não floresce quando nos submetemos sempre às mesmas rotinas e a comportamentos hegemônicos massificados. Contudo, ao longo da vida, é útil consolidarmos certos hábitos e atitudes cotidianas para liberar a consciência na busca do novo, do frescor da vida.

O caminho da criatividade, tão necessário à autonomia pessoal, exige autoconhecimento, consciência dos outros e da natureza e uma boa dose de inconformismo. Trilhar esse caminho não é uma tarefa fácil. Contudo, o professor de filosofia tem um importante papel a desempenhar nessa imensa tarefa, que consiste em conhecer os interesses e as necessidades dos estudantes e, a partir disso, promover aulas contextualizadas e instigadoras, dialogando com a diversidade de concepções filosóficas.

O propósito da filosofia

[...] Julga-se às vezes que a filosofia deverá encorajar a busca da vida boa. Admito, é claro, que ela teria semelhante efeito, mas não admito que a filosofia disso faça propósito consciente. Para começar, quando nos embrenhamos no estudo da filosofia não devemos presumir já termos certeza do que seja a vida boa; a filosofia talvez modifique nossas opiniões quanto ao que é bom, caso em que parecerá à mentalidade não filosófica ter mau efeito moral. Este, no entanto, é um ponto secundário. Fato essencial é que a filosofia faz parte da busca do conhecimento, e que não podemos limitar esta procura pela insistência de que o conhecimento obtido seria o que julgamos edificante antes de obtê-lo. Creio podermos afirmar com certeza que todo conhecimento é edificante, desde que tenhamos uma concepção correta de edificação. Se este não for o caso, é porque temos padrões morais baseados na ignorância. [...] Por conseguinte, o propósito consciente da filosofia deve ser unicamente o de compreender o mundo o mais possível, não para estabelecer esta ou aquela proposição julgada moralmente adequada. [...]

Mas, embora a filosofia não deva ter um propósito moral, terá certos efeitos morais benéficos. Qualquer busca desinteressada de conhecimento nos ensina os limites de nosso poder, o que é salutar; ao mesmo tempo, na medida em que conseguimos obter conhecimento, ensina os limites de nossa impotência, o que é igualmente desejável. E o conhecimento filosófico, ou melhor, o pensamento filosófico, tem certos méritos especiais que não pertencem, em grau idêntico, a outras inquirições intelectuais. Sua generalidade, porém, nos habilita a ver as paixões humanas em suas justas proporções, e a perceber o absurdo de muitas disputas entre indivíduos, classes e nações. A filosofia aproxima o mais possível os seres humanos da vasta, imparcial contemplação do Universo como um todo que nos sobrepõe, temporariamente, ao nosso destino puramente pessoal. Existe um certo ascetismo do intelecto que é saudável como parte da vida, mas não poderá predominar enquanto continuarmos a ser animais empenhados na luta pela existência. O ascetismo do intelecto exige que, enquanto engajados na busca do conhecimento, saibamos conter todos os demais desejos em benefício do desejo de conhecer. [...]

[...] Desde que os homens começaram a pensar, as forças da natureza os oprimem; terremotos, inundações, epidemias e fomes encheram-nos de terror. Agora, [...] a humanidade descobre como evitar boa parte dos males que tais acontecimentos trouxeram até aqui. [...] No que se refere ao Universo, o conhecimento é a pedra de toque. O homem foi o único entre os seres vivos a mostrar-se capaz do conhecimento necessário para conferir-lhe certo domínio em relação ao seu meio. Os perigos ao homem do futuro, pelo menos, de um futuro mensurável, não derivam da natureza, se não do próprio homem. Ele usará seu poder com sabedoria? Ou empregará a energia liberada na luta com a natureza em batalhas com seus semelhantes? [...]

> [...] A filosofia não é capaz de determinar por si mesma as finalidades da vida, mas pode libertar-nos da tirania do preconceito e das deformações causadas por uma visão estreita. Amor, beleza, conhecimento e alegria de viver: estas coisas mantêm seu brilho, a despeito da extensão de nossa competência. E se a filosofia nos ajudar a sentir o valor de tais coisas, terá desempenhado sua missão na obra coletiva do homem, que é trazer luz a um mundo de trevas.
>
> RUSSELL, Bertrand. **Fundamentos de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 311-314.

O filósofo britânico Bertrand Russell defende que o propósito da filosofia (filosofias) não consiste em apontar finalidades pré-determinadas para as pessoas, as coisas e o mundo, ainda que essas finalidades pareçam incontroversas, como nos encorajar a alcançar a "vida boa". O grande propósito da filosofia é investigar o caminho a ser percorrido sem tirar conclusões prévias sobre o ponto de chegada. Por isso, Russell diz que o filósofo não pode atribuir adjetivos elogiosos ao conhecimento que procura edificar antes de tê-lo construído.

O efeito benéfico desta atitude filosófica é mostrar os limites do nosso poder na busca pelo conhecimento. Ao lidar com categorias de amplo alcance, o pensamento filosófico nos permite enxergar a complexidade, as contradições e até mesmo o absurdo em diferentes disputas entre pessoas, classes sociais e nações.

Russell definiu como "ascetismo intelectual" a atitude de autocontrole e de independência. A prática desse ascetismo intelectual exige controlar todos os demais desejos em benefício do desejo de conhecer. Russell admite, contudo, que essa atitude "imparcial" não poderá predominar pelo fato de sermos animais em luta pela existência, seja no plano físico, seja no social ou psicológico.

Embora a filosofia não possa apresentar soluções para a finalidade da vida, sugere Russell, ela pode nos ajudar a experimentar o amor, a beleza, o conhecimento, ingredientes necessários à alegria de viver. De modo geral, esse é um dos pressupostos do ensino-aprendizagem de filosofia apresentado neste livro.

Coragem, a virtude da maturidade

> Em qualquer época, a coragem é a virtude necessária ao ser humano para atravessar a estrada acidentada que leve da infância à maturidade. [...] Coragem é a virtude básica para todos os que continuam a crescer, progredir [...].
>
> Não nos referimos sobretudo à coragem para enfrentar ameaças externas, como a guerra e a bomba atômica. Referimo-nos antes à coragem como qualidade interior. Como maneira de relacionarmos conosco mesmo e com nossas aptidões. À medida que encontramos esse ânimo para nos enfrentarmos é possível com maior equanimidade enfrentar as ameaças de uma situação externa.
>
> [...] O oposto da coragem [...] é a conformidade automática.
>
> [...] o que mais se teme é destacar-se do grupo, "sobressair", não ajustar-se. As pessoas temem ficar isoladas, sozinhas, sujeitas ao ostracismo social, isto é, ser ridicularizadas ou rejeitadas. Quando alguém mergulha na multidão não corre tais riscos.
>
> [...] A coragem é necessária a cada passo para afastar-se da massa [...] para tornar-se uma pessoa independente; é como sentir as dores do próprio nascimento. [...] É necessária não só numa decisão crucial pela própria liberdade, como nas pequeninas opções de cada momento, que constroem a estrutura do edifício de quem age com liberdade e responsabilidade.
>
> [...] A coragem precisa ser considerada como um estado interior, senão as ações exteriores serão muito enganadoras. Galileu transigiu exteriormente com a Inquisição, concordando em revisar sua ideia de que a Terra girava ao redor do Sol. Mas o que é significativo é que permaneceu interiormente livre [...] Galileu conseguiu assim continuar a trabalhar e ninguém é capaz de dizer, julgando de fora, quais as decisões que constituem uma renúncia e as que se destinam à preservação da liberdade.
>
> [...] A marca registrada da coragem, em nossa época de conformismo, é a capacidade de conservar-se firme nas próprias convicções – não como uma forma de obstinação ou desafio (expressões defensivas e não corajosas), ou num gesto de retaliação, mas simplesmente porque é naquilo que se acredita. É como se a pessoa dissesse através de suas ações: "Isto sou eu, é o meu ser".
>
> [...]
>
> O passo mais difícil, que exige maior coragem, é negar àqueles sob cujas diretivas sempre se viveu o direito de ditar leis. É também o passo mais assustador. Significa aceitar a responsabilidade dos próprios padrões e juízos, embora sabendo de sua imperfeição e limitação. É a isto que Paul Tillich se refere quando fala em "coragem para aceitar sua própria finitude" que ele considera o valor fundamental necessário a todo ser humano. É a coragem para ser e confiar em si mesmo, apesar do fato de ser finito; significa agir, amar, pensar, criar, embora sabendo que não se possui a resposta definitiva e que talvez se esteja errado. [...]
>
> [...] Buscar a verdade não é uma função exclusiva do intelecto [...]; a pessoa experimenta a verdade, evoluindo como uma unidade que pensa-sente-age. [...] E adquire também humildade, pois sabe que o que viu anteriormente era em parte distorcido, o que vê agora terá também seus elementos de imperfeição. Esta espécie de humildade não enfraquece a segurança nas próprias convicções, mas conserva a porta aberta para novo aprendizado e a descoberta de novas verdades no futuro.
>
> MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 186-210.

O psicólogo estadunidense Rollo May, vinculado à filosofia existencialista, explora em seu texto a necessidade imprescindível de cultivarmos a coragem como um estado interior que impulsiona a liberdade de viver. Também aponta que o avesso da coragem é o conformismo automático, isto é, a disposição irrefletida para aceitar ou rejeitar os modos e as modas que vêm de fora, sem passar pelo escrutínio da própria razão. Muitas pessoas vivem assim porque temem ficar isoladas, ser ridicularizadas ou rejeitadas. Temem ser "cortadas" ou "canceladas" pelo grupo.

A conduta de aderir sem refletir é incompatível com aquilo que Platão identifica no diálogo de *Teeteto*, escrito em 369 a.C., como uma atitude essencial à filosofia, que é a *thaumázein* (o espanto, o estranhamento do mundo), pois aquele que não se espanta, que está em conformidade com os padrões dominantes, que considera tudo óbvio e natural, não tem coragem para o exercício da filosofia.

Essa coragem defendida por Rollo May é também a virtude da filosofia. Tal coragem não significa "fincar o pé" numa posição como um gesto de obstinação, teimosia ou retaliação. Ao contrário, é a atitude de pensar-sentir-agir de uma certa maneira, ainda que sejamos capazes de reconhecer que não detemos respostas definitivas. Ela implica confiança para **ser**, conservando a porta aberta para novas descobertas.

ORIENTAÇÕES PARA TRABALHO COM O LIVRO DO ESTUDANTE

UNIDADE 1

CIÊNCIA, CULTURA E SOCIEDADE

A abertura da unidade, nas páginas 12 e 13, problematiza a difusão do negacionismo científico na atualidade, incentivando os estudantes a refletirem sobre a postura apropriada diante de situações que contestam evidências já comprovadas por investigações teóricas e empíricas. Além disso, há a oportunidade tanto de explorar o papel dos cientistas e da imprensa no combate à desinformação quanto de pensar em soluções que possam fortalecer o discurso científico na sociedade. A fotografia do Lago do Puraquequara em período de seca chama a atenção dos alunos para um dos contextos em que o negacionismo é frequente: em debates sobre o aquecimento global. O momento de leitura da imagem pode ser propício para desenvolver o tema contemporâneo transversal *Educação ambiental*, reforçando sua relação com o discurso científico.

Espera-se que a turma possa indicar que a apuração das informações, a denúncia e o posicionamento crítico são algumas posturas a serem adotadas diante das notícias que propagam o negacionismo. Os pesquisadores e a imprensa podem colaborar no combate à desinformação e na ampliação do diálogo entre a ciência e a sociedade. Divulgar os principais resultados científicos nos veículos de informação, por meio de linguagem acessível ao público em geral, pode ser uma estratégia para alcançar esses objetivos.

Ao responderem às questões propostas no texto, certifique-se de que os estudantes respeitem a diversidade de opiniões, apresentem argumentos baseados em informações confiáveis e tenham suas experiências pessoais respeitadas pelos colegas.

Objetivos de aprendizagem desta unidade

1. Conhecer, compreender e valorizar as diversas concepções e modos da consciência, na perspectiva de autores de variados campos do conhecimento, identificando semelhanças e diferenças entre *doxa* e *episteme* e entre filosofia e ciência.
2. Analisar as relações entre senso comum e ideologia, desenvolvendo a capacidade de "estranhamento" da realidade.
3. Compreender o problema do conhecimento, investigando teorias sobre suas origens e possibilidades.
4. Conhecer noções básicas de lógica formal, desenvolvendo o raciocínio inferencial e a capacidade de argumentação.
5. Identificar debates e reflexões de filosofia da ciência, entendendo as dimensões e a importância do método e da criatividade na atividade científica.
6. Compreender o papel das leis e teorias científicas, destacando a transitoriedade dessas teorias.
7. Estabelecer semelhanças e diferenças entre ciência e senso comum, explicitando as ambiguidades da oposição dicotômica entre esses saberes.
8. Contextualizar a história da ciência, seus desenvolvimentos e revoluções, com destaque para aspectos das ciências moderna e contemporânea.
9. Analisar alguns dos principais problemas e conceitos epistemológicos abordados pelos filósofos da ciência.
10. Problematizar as relações entre sociedade e ciência, com foco na mitificação e no negacionismo do saber científico.

Capítulo 1 Consciência e conhecimento

Este capítulo propõe uma análise do pressuposto da capacidade humana de estar consciente das coisas e ser capaz de conhecê-las, permitindo-nos produzir diversos tipos de saber. A consciência reflexiva é um traço distintivo dos seres humanos em relação aos outros animais. Por isso, o capítulo procura identificar suas dimensões e modos. Um desses modos, a consciência racional, promove os conhecimentos científico e filosófico, que se afastam do senso comum.

O saber das opiniões destituído de fundamentação crítica caracteriza o senso comum. Para superá-lo e desenvolver o pensamento crítico, é importante analisar o conceito de ideologia, tão presente no mundo contemporâneo, marcado pelo retorno de posições extremistas. O capítulo propõe, além disso, uma distinção inicial entre duas formas de saber promovidas pelo senso crítico: a filosofia e a ciência.

O saber filosófico resulta da consciência reflexiva e para ela se volta ao investigar as origens, as possibilidades, os fundamentos, o alcance e o valor do conhecimento. O capítulo identifica e analisa algumas das principais correntes da teoria do conhecimento. Destaca-se a seção "Contraponto" que mobiliza a interpretação de textos de Descartes e Hume e solicita a opinião dos estudantes sobre a origem do conhecimento.

A lógica é apresentada como uma das ferramentas do conhecimento racional desenvolvidas na tradição filosófica. Por isso, o capítulo introduz noções básicas de lógica, como os conceitos de silogismo, validade e falácia.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre alguns temas que serão desenvolvidos no capítulo. O texto inicial estimula a curiosidade sobre os diferentes modos de conhecer e, além disso, relaciona a busca por sentidos para a vida e a realidade com a busca pela verdade. Ao fazê-los, mobiliza a **competência geral da Educação Básica 2**.

O capítulo identifica, analisa e compara fontes e narrativas sobre os problemas da consciência e do conhecimento, expressas

principalmente em linguagem artística, científica e filosófica, formuladas por diversos estudiosos, como os historiadores Yuval Harari e Mircea Eliade, os escritores Wolfgang Goethe e Bertold Brecht, o psiquiatra Carl Gustav Jung, o semiólogo Umberto Eco e diversos filósofos, como René Descartes e David Hume, abordados na seção "Contraponto" (página 34), Tomás de Aquino e Kwasi Wiredu e Gilles Deleuze e Bertrand Russell, enfocados nas atividades 7 e 10 da seção "Oficina" (páginas 41-43). Tal trabalho favorece o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS101**. As reflexões sobre as circunstâncias culturais das matrizes conceituais *ideologia* e *verdade*, avaliando criticamente seus significados históricos e comparando-as a narrativas de diferentes pensadores, colaboram para desenvolver a **habilidade EM13CHS102**.

Além disso, o capítulo promove a elaboração de hipóteses, a seleção de evidências e a composição de argumentos relativos ao desenvolvimento da consciência crítica, da filosofia, da teoria do conhecimento e da lógica. Para isso, tem-se como base a sistematização de dados e informações de natureza artística, filosófica, sociológica, psicológica e histórica. Além disso, são vistos também esquemas visuais – como na seção "Enfoque" da página 33. Esse trabalho está de acordo com a **habilidade EM13CHS103**.

Procura-se também identificar, contextualizar e criticar oposições dicotômicas como consciência de si/consciência do outro, sujeito/objeto, razão/percepção, explicitando suas ambiguidades, o que atende à **habilidade EM13CHS105**.

São ainda utilizadas e analisadas pinturas, poesias, esculturas, fotografias, expressões populares, além de textos escritos provenientes, sobretudo, de tradições filosóficas. O objetivo dessa variedade de fontes e linguagens é realizar a identificação de conhecimentos, valores e crenças que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades desde a Antiguidade clássica grega. Busca-se ainda promover a comunicação, difusão de informações, a resolução de problemas, o protagonismo e a autoria na vida pessoal e coletiva dos estudantes. Contemplam-se, assim, as **habilidades EM13CHS104** e **EM13CHS106**.

Respostas das atividades

Enfoque (página 15)

1. Para Teilhard de Chardin, a diferença é que o ser humano sabe que sabe e, por isso, pode buscar saber o que não sabe, em um processo contínuo de conscientização. Já o animal, mesmo sabendo o que seu instinto lhe permite saber, não tem essa autoconsciência nem pode modificar o mundo e a si mesmo. Por isso, para ele está fechado um "domínio do real", o qual está aberto para o ser humano.
2. Segundo essa passagem de Teilhard de Chardin, a capacidade de inventar múltiplas coisas e de criar sistemas de construções internas, como a lógica, a matemática, a arte etc., é indício de que o ser humano é uma espécie que sabe que sabe.

Enfoque (página 19)

1. O pintor inglês Joseph Wright, também chamado de Wright of Derby (1734-1797), ficou conhecido como um dos primeiros artistas a retratar os avanços da ciência e da tecnologia no começo da Revolução Industrial. Trata-se de uma demonstração das propriedades do ar realizada em domicílio por um filósofo natural (como eram chamados então os cientistas) para uma clientela rica e ávida por novidades. Uma espécie de máquina com um pássaro em uma esfera de vidro ocupa o centro da imagem, do qual emana uma única fonte de luz, num forte efeito de claro-escuro.
2. Nessa obra, o artista retrata um experimento com uma reverência (culto, adoração) antes destinada apenas a temas religiosos e históricos. O efeito claro-escuro é utilizado para iluminar os rostos e as expressões dos espectadores, os quais revelam diferentes reações ao experimento: pena e horror nas crianças pelo sofrimento do pássaro; atenção e interesse entre os homens pelas explicações dadas sobre o que está ocorrendo; e a total indiferença pelo destino do animal observada na expressão quase ausente do cientista, que só vê os possíveis significados da experiência para o progresso da ciência.

Enfoque (página 23)

1. De modo geral, a ideologia no sentido marxista universaliza pensamentos ao difundir que o "bem de alguns" é o "bem comum", ocultando os interesses da classe social dominante. Estimule os estudantes a pensarem em exemplos concretos, como a ideia difundida nas sociedades capitalistas de que para "ser alguém" é necessário adquirir certos produtos. É uma oportunidade para iniciar uma conversa sobre consumo responsável, abordando a influência das mídias sociais no padrão de compra dos jovens.
2. A ideologia "silencia" ações ao ignorá-las ou dar a elas menor importância. Um exemplo concreto é quando um grande veículo de comunicação oculta um fato ou narra parcialmente um acontecimento. Comente que as mídias sociais podem servir tanto para preencher essas lacunas, por serem mais acessíveis, quanto para difundir versões com ainda mais omissões e parcialidade, podendo inclusive produzir notícias falsas.

Enfoque (página 25)

1. Em suma, esse verso chama atenção para o exercício do "estranhamento", tão necessário muitas vezes, já que grande parte dos elementos que compõe nossa existência são construções histórico-sociais (culturais, ideológicas etc.), mesmo que em geral as vejamos com muita naturalidade. Esse é o caso da miséria de muitos e da riqueza de poucos, da violência das guerras, da segregação racial etc.
2. Brecht escrevia durante um momento conturbado (1929/1930), entre duas guerras mundiais, e se refere a esse período como uma época em que reina o conflito, "corre o sangue" e a humanidade se desumaniza. Podemos ler esse excerto da peça como uma crítica à ideologia, porque incentiva a não aceitar uma realidade como dada, como se fosse resultado de forças naturais ao invés de fruto do embate entre forças sociais e políticas, à maneira dos conflitos experienciados nos tempos descritos pelo autor. Nesses versos, os acontecimentos são considerados construções histórico-sociais e, por isso, é preciso estranhá-los.
3. Os estudantes podem identificar situações na vida cotidiana em que a violência, a discriminação e o preconceito são banalizados. Deve-se ficar atento para que não sejam reforçados discursos de ódio. É importante que se manifestem criticamente em relação a situações de opressão vividas por quem pertence a determinada classe social, grupo étnico ou gênero subalternizado, ou por quem expressa determinada sexualidade ou fé que são alvos de intolerância. Diante da naturalização de condutas desse tipo, vale o conselho: "Não diga nunca: isso é natural!".

Comentário

A atividade 3 da seção "Enfoque" trabalha a **habilidade EM13CHS502**, pois possibilita examinar situações da vida cotidiana a fim de desnaturalizar condutas e valores que podem estar impregnados de preconceito e intolerância, de modo a promover os direitos humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças.

Enfoque (página 28)

1. Ontologia é uma palavra de origem grega (*óntos*, "ser" + *logia*, "estudo") criada no século XVII para se referir ao estudo do ser

das coisas, ou seja, da realidade essencial de um objeto, do que ele é intrinsecamente. Já a verdade consiste resumidamente na correspondência entre a realidade das coisas e aquilo que pensamos ou dizemos a respeito delas. Nesse sentido, a ontologia busca conhecer a verdade sobre as coisas.

2. A pergunta antecipa a reflexão que virá com a discussão a respeito do ceticismo, do dogmatismo e do criticismo. A resposta é tema para reflexão e, em parte, pessoal. Ressalte que, atualmente, prevalece a ideia de que a verdade não é única, absoluta e pronta, devendo ser construída continuamente. Isso não significa, porém, que qualquer afirmação ou pensamento sobre a realidade seja verdadeiro. Os saberes científicos, filosóficos e artísticos, que nos ajudam a compreender a realidade, podem provar que certas ideias não são verdadeiras, seja por estarem superadas, seja por distorcerem a realidade. A diferença dessa distorção promovida por informações falsas é particularmente importante para o combate às *fake news*, que são hoje muito difundidas nas mídias sociais.

Enfoque (página 33)

1. De acordo com a representação gráfica, as principais questões investigadas pelos filósofos do conhecimento são: "O que é conhecimento?", "É possível o conhecimento verdadeiro?" e "Qual é o fundamento do conhecimento?". Ressalte que esse esquema é uma sugestão de sistematização dos conteúdos abordados no capítulo, não tendo a pretensão de esgotar as reflexões epistemológicas. Como todo diagrama, ele é passível de críticas e aperfeiçoamentos.
2. Basicamente, os empiristas e os racionalistas pretendiam investigar a questão "Qual é o fundamento do conhecimento?", buscando suas fontes primeiras. Para empiristas como John Locke e David Hume, nosso conhecimento se origina nos sentidos, na experiência sensorial. Já para racionalistas como René Descartes, a principal fonte dos conhecimentos é a razão humana, uma vez que a experiência sensorial frequentemente dá origem a erros e confusões sobre a realidade.
3. Espera-se que os estudantes tenham compreendido a importância da busca – talvez impossível de ser concretizada – por uma conclusão definitiva, mas também a importância de manter uma atitude aberta a indagações, exercitando a curiosidade e o pensamento crítico. As diversas filosofias do conhecimento abordadas no capítulo levam a diferentes caminhos organizados no esquema proposto. Ressalte, porém, que os problemas do conhecimento continuam gerando debates entre os filósofos e os cientistas, como assinalamos neste capítulo e abordaremos no próximo.

Comentário

As atividades da seção "Enfoque" trabalham as **habilidades EM13CHS103** e **EM13CHS106**, uma vez que os estudantes são incentivados a examinar e utilizar as informações organizadas em um esquema visual para produzir conhecimentos e compor argumentos relativos a processos epistemológicos.

Contraponto (página 34)

1. Sabemos que René Descartes é o grande defensor da posição racionalista, doutrina que atribui exclusiva confiança na razão como instrumento capaz de conhecer a verdade. Isso se comprova pelas frases: "porque os nossos sentidos nos enganam às vezes, quis supor que não havia coisa alguma que fosse tal como eles nos fazem imaginar"; "notando que esta verdade: 'eu penso, logo existo' era tão firme e tão certa [...], julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava", entre outras.

   O filósofo inglês David Hume pertence ao empirismo, corrente que entende que todas as nossas ideias são provenientes de nossas percepções sensoriais. Isso se depreende de todo o texto. Por exemplo, da frase inicial: "quando analisamos nossos pensamentos ou ideias, [...] sempre descobrimos que se resolvem em ideias simples que são cópias de uma sensação ou sentimento anterior".
2. Descartes faz a seguinte argumentação: se não há nada no entendimento que não tenha passado antes pelos sentidos, conforme dizem os filósofos do empirismo, como explicar a existência das ideias de Deus e de alma, das quais não se tem percepção sensorial?
3. Hume refuta o argumento de Descartes mencionado na atividade 2, recorrendo à ideia de que ideias complexas se formam com base em ideias ou impressões simples, e estas seriam cópias diretas de sensações ou sentimentos. Assim, a ideia de Deus seria cópia de ideias semelhantes, como bondade e sabedoria, depois ampliadas sem limites.
4. O professor poderá, por exemplo, organizar grupos de discussão, colocando em cada grupo pelo menos um partidário de cada uma das duas correntes, racionalismo (Descartes) e empirismo (Hume). Não se trata apenas de escolher algum dos lados, como se um estivesse certo, e o outro, errado. O mais importante é entender a construção dos argumentos dos filósofos que representam essas correntes e como eles se sustentam diante da refutação feita por seus antagonistas. Perceber essa operação contribui para que os estudantes formulem seus próprios argumentos em defesa da perspectiva que avaliarem mais convincente.

Comentário

A seção "Contraponto" utiliza conhecimentos historicamente construídos para explicar a realidade, além de exercitar a argumentação e a curiosidade por meio de uma abordagem investigativa e analítica, aspectos que contribuem para o desenvolvimento das **competências gerais da Educação Básica 1** e **2**.

Enfoque (página 36)

1. O humor na tirinha decorre da explicitação do raciocínio inusitado utilizado por Garfield para argumentar em defesa da realização de seu próprio desejo.
2. Espera-se que os estudantes considerem o argumento fraco, porque atividades cotidianas como as refeições são nomeadas de acordo com o horário do local onde elas são realizadas. Então, a premissa "É sempre meia-noite em algum lugar" não pode levar validamente à conclusão de que "É sempre hora do lanche da meia-noite em qualquer lugar". Ressalte o salto lógico entre as expressões "em algum lugar" e "em qualquer lugar".

Oficina (páginas 41-43)

1. **a.** A atenção é uma faculdade ou estado pelo qual se atinge a consciência do outro, isto é, a alteridade. Exercitamos a atenção quando concentramos nossa consciência nos dados e estímulos que vêm do mundo exterior; por exemplo, quando escutamos o que nos diz uma pessoa. A reflexão é uma faculdade ou estado pelo qual se atinge a consciência de si, isto é, a interioridade. Exercitamos a reflexão quando concentramos nossa consciência em nossos estados interiores e depois os expressamos, por exemplo, por meio da fala.

   b. Espera-se que os estudantes expressem seu entendimento dos conceitos estudados no capítulo, tendo compreendido que a consciência de si em excesso pode levar ao isolamento, e a consciência do outro em excesso, ao alheamento. E concluam

que, para o desenvolvimento da consciência crítica, ou seja, da consciência que sabe julgar, é importante um equilíbrio entre essas duas dimensões.

Comentário

O objetivo da atividade 1 é desenvolver a organização e a sistematização dos conteúdos estudados sobre as dimensões da consciência humana. Ao discutir o conceito de consciência do outro, é possível também tratar do tema do acolhimento e da valorização da diversidade de indivíduos, favorecendo o desenvolvimento da **competência geral da Educação Básica 9**.

2. **a.** Consciência racional, porque apresenta uma explicação fundamentada logicamente (se combato a causa, combato o efeito) e que mantém correspondência com a realidade: se um vírus ou bactéria causa uma doença infectocontagiosa e uma vacina estimula nosso sistema imunológico ao combater esse vírus ou bactéria, então essa vacina combate aquela doença infectocontagiosa.

b. Consciência mítica, porque é uma explicação da realidade (tempestade e destruição) baseada na força e na emoção de um ser sobrenatural e mítico (Netuno, deus dos mares).

c. Consciência intuitiva, porque é uma "leitura" ou compreensão imediata da realidade sem argumentos ou fundamento objetivo, guiada primordialmente pela experiência subjetiva.

d. Consciência religiosa, porque é uma interpretação da realidade baseada na fé e em certas verdades reveladas de uma religião.

Comentário

O objetivo da atividade 2 é desenvolver o raciocínio inferencial dos estudantes acerca dos modos da consciência humana: mítico, religioso, intuitivo e racional. Buscando explicar a realidade fazendo uso desses conceitos, construídos historicamente e assim trabalhados ao longo do capítulo, favorece-se o desenvolvimento da **competência geral da Educação Básica 1**.

3. **a.** Conforme o excerto, o garimpo, a mineração e diversas corporações causam impactos ambientais em território Yanomami.

b. As cosmovisões indígenas apresentam, como elementos comuns, a inserção do ser humano em uma rede de relações consigo mesmo, com os outros e com a natureza, conectando a consciência de si à consciência do outro. Essas relações promovem a comunhão do ser humano com o próprio ambiente, o que inibe o desenvolvimento de uma mentalidade capitalista predatória de acumular, gerar excedentes e objetificar a natureza e as pessoas. Essa mentalidade predatória está presente em agressões ao território Yanomami provocadas, por exemplo, pelo garimpo. De acordo com a cosmovisão Yanomami, a humanidade é parte integrante e dependente da "natureza", não se excluindo, portanto, dela.

Comentário

A atividade 3, por valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, lançando mão do exemplo da cultura Yanomami, contribui para o desenvolvimento da **competência geral da Educação Básica 6**. Além disso, por possibilitar a discussão a respeito da consciência do outro, motivando o exercício da empatia e da cooperação, desenvolve a **competência geral da Educação Básica 9**. Ainda, ao analisar os impactos socioambientais das ações humanas, promove a consciência socioambiental e favorece o trabalho com a **habilidade EM13CHS304**. Por fim, ao tratar de esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio natural do mundo, a atividade mobiliza o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 11: *Cidades e comunidades sustentáveis*.

4. **a.** De modo geral, as noções do senso comum se caracterizam por uma aglutinação de juízos provenientes tanto da intuição como dos campos racional, mítico ou religioso. Por isso, algumas dessas noções podem ser o resultado de profunda reflexão sobre a vida, suscitando uma espécie de sabedoria popular, e outras, não. Mas, frequentemente, não há o reconhecimento exato de sua origem, ou seja, não existe uma fundamentação explícita dessas noções.

b. O senso comum é um terreno favorável ao desenvolvimento de ideologias porque tem a característica de ser acrítico, de não se pautar por uma fundamentação racional. A ideologia é um conjunto de ideias que elaboram uma compreensão da realidade, mas que, para Marx, também a dissimulam, porque mostram as coisas apenas parcialmente ou de forma distorcida em relação ao que realmente são. Por isso, seu desenvolvimento é favorecido por esse lado acrítico do senso comum.

c. Quando não tem implicada sabedoria popular, a noção do senso comum sobre o conhecimento é, na maioria das vezes, ingênua. Somos em geral realistas, porque pressupomos que os objetos se mostram a nós e que os percebemos como realmente são. Consequentemente, somos dogmáticos também, porque, se os objetos se mostram como são, então podemos conhecê-los de verdade; bastaria nos dedicarmos a isso. É claro que, como qualquer noção do senso comum, essa visão do conhecimento pode variar e trazer ideias menos realistas e dogmáticas.

5. Os estudantes podem definir os termos da seguinte forma:

- realismo: teoria segundo a qual as percepções que temos dos objetos são reais, ou seja, correspondem, de fato, às características presentes nesses objetos na realidade;
- idealismo: teoria segundo a qual o sujeito prepondera sobre o objeto, isto é, a percepção da realidade é construída pelas nossas ideias, pela nossa consciência;
- racionalismo: somente a razão humana, trabalhando com os princípios lógicos, pode atingir o conhecimento verdadeiro;
- empirismo: as ideias são provenientes de nossas percepções sensoriais; nada vem à mente sem ter passado pelos sentidos;
- dogmatismo: defende a possibilidade de conhecermos a verdade;
- ceticismo: corrente filosófica que nega a possibilidade de conhecimento de forma parcial ou total.

Todos esses termos dizem respeito a teorias do conhecimento que identificam as fontes e as possibilidades do conhecer. A ideia é que os estudantes formem frases utilizando termos que tenham sentidos contrapostos, como realismo e idealismo, racionalismo e empirismo ou dogmatismo e ceticismo. O exercício de definir previamente as palavras antes de partir para a escrita também auxiliará os estudantes a identificarem mais facilmente incoerências internas de seus textos.

Comentário

A atividade 5, por solicitar uma reflexão sobre teorias do conhecimento historicamente construídas que visam compreender a realidade, atende à **competência geral da Educação Básica 1**. Além disso, por permitir identificar oposições dicotômicas e revelar suas ambiguidades, cumpre a **habilidade EM13CHS105**.

6. Primeiro, é preciso explicar que se trata de um impasse sobre a possibilidade de conhecer a verdade ou as coisas em si. O ceticismo basicamente nega essa possibilidade de diversas maneiras e em diferentes graus, dependendo da corrente (ceticismo absoluto, subjetivismo, relativismo, probabilismo, pragmatismo). O dogmatismo, por sua vez, defende essa possibilidade, ou seja, afirma que se pode conhecer a verdade de tudo. O criticismo kantiano representa uma tentativa de superar esse impasse, porque, pela crítica da razão pura, Kant admite a possibilidade de conhecer a verdade, como os dogmáticos, mas defende que esse conhecimento é limitado e ocorre sob condições específicas. Para esse filósofo, nem tudo pode ser conhecido. Só conhecemos

as coisas tal como as percebemos (o ser para nós), mas não as conhecemos em si mesmas (o ser em si).

a. A interpretação mais imediata pode estar relacionada com o apriorismo kantiano. O homem que vê um ovo e pinta um pássaro pode ser uma metáfora da ideia de que as coisas do mundo passam pelo filtro humano e suas percepções. Isso coincide com a ideia kantiana de que não conhecemos as coisas em si mesmas, como elas são, independentes de nós. Só conhecemos as coisas tal como as percebemos, tendo em vista que o conhecimento humano depende de nossas próprias estruturas mentais e corporais (formas *a priori* da sensibilidade e do entendimento).

b. Este tema é propício para reflexão e debate. Alguns filósofos, como Kant, estabeleceram uma diferença entre as coisas em si e as coisas tal como as percebemos (ser para nós). Outros entendem que, por meio de um trabalho metódico e científico, o ser humano é capaz de conhecer a realidade. Para eles, a dificuldade de conhecer não significa impossibilidade de conhecimento.

Comentário

O objetivo da atividade 6 é desenvolver a capacidade de leitura de imagens com vistas à compreensão de conceitos filosóficos. Propõe-se a análise de uma pintura de René Magritte com base na teoria kantiana, valorizando uma manifestação artística e utilizando a linguagem iconográfica de maneira reflexiva. Isso permite trabalhar a **competência geral da Educação Básica 3**, a **habilidade EM13CHS106** de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** e a **habilidade EM13LGG604** da **área de Linguagens e suas Tecnologias**.

7. O objetivo da atividade é levar os estudantes a compararem e avaliarem diferentes narrativas sobre a matriz conceitual "verdade", oriundas inclusive de tradições orais. A concepção de verdade do filósofo medieval Tomás de Aquino é inspirada em Aristóteles e tem um caráter objetivista. Isso quer dizer que, resumidamente, o conhecimento verdadeiro implicaria uma correspondência entre o que se pensa e o objeto que se quer conhecer. Já o filósofo ganense Kwasi Wiredu teria uma concepção de caráter subjetivista, uma vez que a verdade seria a opinião do sujeito que conhece. Há outras concepções de verdade, como a de verdade como coerência (um enunciado é verdadeiro quando está em conformidade com outros já aceitos como verdadeiros) e verdade como eficácia (uma ideia é verdadeira quando produz os objetivos desejados, havendo uma adequação entre o objeto e o objetivo).

Comentário

A atividade 7, ao reunir conhecimentos historicamente constituídos em diferentes sociedades – a saber, os pensamentos de Tomás de Aquino e de Kwasi Wiredu –, contribui para o desenvolvimento da **competência geral da Educação Básica 1**. Além disso, suscita a reflexão baseada em argumentos e análise crítica, em conformidade com a **competência geral da Educação Básica 2**. Por fim, a atividade promove a análise de variados modos de pensar pautada na diversidade cultural, desenvolvendo, assim, a **habilidade EM13CHS104**.

8. Na ilustração esquemática, à esquerda, situado no mundo externo, o número foi representado como um polígono preenchido por interrogações, porque a coisa em si é incognoscível, inalcançável pelo sujeito de conhecimento. À direita, situadas no sujeito, estão as formas da sensibilidade e do entendimento, por meio das quais conhecemos os fenômenos. Dessa maneira, somente a alternativa **d** está incorreta, pois afirma que o sujeito é capaz de conhecer a coisa em si, destoando, portanto, do gráfico e da teoria de Kant.

9. A atividade mobiliza conhecimentos de filosofia, história e sociologia, permitindo a colaboração conjunta de professores desses três componentes curriculares, que podem acompanhar as pesquisas e orientar os estudantes. Promove-se uma leitura crítica da história do Brasil e do mundo no que tange a ações que caracterizam governantes ou regimes autoritários que restringiram progressivamente a liberdade dos cidadãos. Não faltam exemplos em todas as partes. A Alemanha nazista levou à prisão, à morte e ao êxodo centenas de intelectuais e cientistas, o mesmo ocorrendo na União Soviética de Stálin e na China de Mao Tsé-Tung. No contexto da Guerra Fria, houve o macarthismo, na década de 1950, nos Estados Unidos e a instalação, nas décadas seguintes, de diversas ditaduras militares na América Latina, que cercearam as liberdades democráticas e a participação cidadã. No Brasil, houve o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), bem como a ditadura civil-militar de 1964-1985. Instigue a pesquisa sobre casos atuais no Brasil e no mundo, frequentemente relacionados a crises da democracia representativa que podem gerar momentos de confrontação autoritária.

Existe um "índice de democracia" criado pela revista *The Economist* em 2006, por região e por país, que é muito utilizado e pode ser interessante. Segundo esse índice, os 167 países estudados se classificam em democracias plenas, democracias imperfeitas, regimes híbridos e regimes autoritários. O relatório mais recente foi publicado em 2022 e divulgado com o título *Democracy Index 2021*.

Comentário

A atividade 9, ao discutir a presença do autoritarismo na política, na cultura e na sociedade no Brasil e na América Latina, seja em períodos ditatoriais, seja em períodos ditos democráticos, possibilita o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS602**.

10. Esta atividade tem como objetivo desenvolver a capacidade argumentativa e o raciocínio inferencial dos estudantes. Existem diversas respostas possíveis para a pergunta "Para que serve a filosofia?". Deleuze considera a pergunta irônica e mal-intencionada, de modo que mereceria uma resposta agressiva, como a que traz o filósofo, ao dizer que a filosofia não serve a nenhum poder estabelecido e denuncia todas as formas de baixeza de pensamento. Para Deleuze, a utilidade da filosofia seria entristecer os tolos, aqueles que acreditam que só existe uma forma de compreender a realidade. Afinal, a própria filosofia questiona a ideia de que todas as coisas devem ter uma utilidade. Talvez observando isso, Russell não fale em utilidade, mas sim em "valor da filosofia". A filosofia teria valor na sua incerteza, porque ela suscita mais dúvidas do que propõe respostas. Ela permite "estranhar" ou questionar até as coisas mais cotidianas. Para Russell, ao reduzir a certeza sobre o que as coisas são, a filosofia aumenta nosso conhecimento sobre como as coisas poderiam ser. Também é interessante apontar para os estudantes que a mesma discussão em torno da utilidade da filosofia raramente ocorre com outras áreas do conhecimento e que, como argumentou o filósofo Desidério Murcho (1965-), do ponto de vista psicológico, qualquer coisa pode ser considerada irrelevante por quem não se interessa por ela (MURCHO, Desidério. A irrelevância da filosofia. **Público**. Lisboa, 15 jan. 2008. Disponível em: https://www.publico.pt/2008/01/15/jornal/a-irrelevancia-da-filosofia-245122. Acesso em: 26 set. 2024).

Lembre os estudantes de estruturarem o texto em pelo menos três partes: a introdução, que apresenta o problema; o desenvolvimento, que traz argumentos e exemplos que contribuem para a posição que se deseja tomar; e uma conclusão. Incentive os estudantes a realizarem uma leitura cuidadosa dos dois textos de apoio, aplicando estratégias como esquemas, resumo, entre outros. Por serem base para o texto dissertativo-argumentativo, é importante que sejam compreendidos para reduzir as chances de incoerências internas e carências de dados. Peça também aos estudantes para verificar se utilizaram fontes que

propositalmente reforçam ou servem de contra-argumento para a defesa de seus pontos de vista. O texto deve ter de 8 a 30 linhas e estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

Comentário

A atividade 10, por requerer a redação de um texto dissertativo-argumentativo que discuta a questão "Para que serve a filosofia?", comparando, ainda, as perspectivas historicamente constituídas de Deleuze e Russell, contribui para o desenvolvimento das **competências gerais da Educação Básica 1** e **2** e da **habilidade EM13CHS106**.

11. Alternativa correta: **e**. Descartes é considerado um filósofo racionalista, pois acredita que a razão é o instrumento mais confiável para conhecermos a verdade, e recomenda que não devemos nos deixar persuadir pelos sentidos. Já Hume é considerado empirista, uma vez que encontra na experiência sensorial papel preponderante no processo de obtenção do conhecimento.

12. Alternativa correta: **a**. Como estudado no capítulo, a lógica é a área da filosofia comprometida com o raciocínio bem estruturado, revelando não só argumentos válidos, mas também incoerências, inadequações no pensamento e falácias. Por isso o estudo da lógica favorece o desenvolvimento de boas discussões, isto é, de discussões bem fundamentadas.

Sugestões

Livros

FIGUEIREDO, Vinícius. **Kant e a Crítica da Razão Pura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Introdução à obra em que Kant propõe sua teoria do conhecimento.

MORTARI, Cezar Augusto. **Introdução à lógica**. São Paulo: Unesp, 2017.

Apresenta de modo didático a história e as principais teorias de lógica formal.

MURCHO, Desidério *et al*. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Contém mais de seiscentos verbetes sobre lógica, teoria do conhecimento, metafísica e filosofia da linguagem.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Unesp, 2007.

Coletânea de artigos do importante filósofo cético brasileiro publicados entre 1969 e 2005.

Vídeo

SAFATLE, Vladimir. **A psicanálise e a consciência**. Instituto ESPE. Disponível em: https://www.youtube.com/live/l7TXcmBqr04?feature=shared. Acesso em: 27 set. 2024.

Aborda a importância do conceito de inconsciente e seus desdobramentos na psicanálise.

ESTRATÉGIA DE ESTUDO *Flashcards*

No trabalho com a seção "Estratégia de estudo", nas páginas 44 e 45, auxilie os estudantes no processo de definição dos conceitos que serão utilizados para compor os *flashcards*.

Demonstre que todo o processo de leitura, seleção de informações e redação dos textos são momentos de estudo que serão complementados pelo uso posterior dos *flashcards*.

Se for possível, estimule os estudantes a pesquisarem plataformas digitais que permitem a elaboração e compartilhamento de *flashcards*. Algumas delas utilizam elementos de *design* gráfico que podem aumentar o interesse dos estudantes pela atividade.

Recomenda-se que os estudantes incorporem o uso dessa técnica em sua rotina de estudos. Alerte, porém, para a necessidade de adotarem estratégias variadas de estudo, lembrando que algumas são mais úteis para facilitar a memorização, enquanto outras, como a elaboração de esquemas, resumos e mapas conceituais, podem ser mais efetivas quando se deseja ir além da memorização.

Capítulo 2 Caminhos da ciência

Este capítulo propõe um estudo reflexivo e crítico sobre um importante campo do saber humano racional: o conhecimento científico. No mundo globalizado contemporâneo, a ciência se consolidou como atividade fundamental para o desenvolvimento econômico, social, cultural e tecnológico. Um dos produtos das conquistas científicas são as tecnologias digitais de comunicação e informação (TDICs), utilizadas cada vez mais por jovens brasileiros.

Apesar de terem promovido diversos avanços, as pesquisas científicas também possibilitaram formas de dominação social e devastação ambiental. A reflexão sobre essas ambiguidades é um dos temas abordados pela filosofia da ciência. Compreendê-las implica entender aspectos da história e dos pressupostos da ciência, desde suas origens na modernidade até as revoluções científicas entre os séculos XIX e XXI.

Na contemporaneidade, a ideia rígida de conhecimentos científicos "irrefutáveis" foi dando espaço à concepção de conhecimentos falseáveis e transitórios. Ademais, a concepção analítica cartesiana, baseada na geometria, tem recebido críticas pelos defensores do holismo e do pensamento complexo.

Uma das principais contribuições da filosofia da ciência é a compreensão de que a ciência interage constantemente com a sociedade na qual é produzida e divulgada. Essas interações, contudo, levaram à formulação de mitos sobre o saber científico que ora o supervalorizam, ora o desvalorizam. A identificação e desconstrução desses mitos também podem ser empreendidas no âmbito da filosofia da ciência.

A menção ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 12: *Consumo e produção responsáveis* no tópico "Mito da correção", na página 67, objetiva fomentar uma discussão sobre os problemas ambientais decorrentes da ação tecnocientífica. Na contemporaneidade, uma das questões a serem enfrentadas pela ciência refere-se a seu potencial de ser instrumento de mudança para o desenvolvimento de padrões mais sustentáveis de produção e de consumo.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura busca apresentar aos estudantes, sob viés filosófico, os temas a serem abordados no capítulo. Valorizar os conhecimentos científicos e exercitar a curiosidade intelectual são os objetivos do texto, o que o relaciona às **competências gerais da Educação Básica 1** e **2**.

Este capítulo desenvolve, sobretudo, o tema contemporâneo transversal *Ciência e tecnologia*. Também são trabalhadas as **competências gerais da Educação Básica 1**, **2**, **4** e **7**, que preconizam o pensamento científico, crítico e criativo, a curiosidade, a valorização de manifestações artísticas e da diversidade de saberes, o uso de diferentes linguagens e a capacidade de argumentação.

Ainda são mobilizadas várias habilidades que estão elencadas nas **competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, como a **habilidade EM13CHS101**, ao se possibilitar a identificação, a análise e a comparação de fontes e narrativas sobre a ciência, expressas principalmente nas linguagens filosófica, científica e artística. Tais procedimentos são trabalhados nas atividades 5 e 7 da seção "Oficina" (páginas 72-73). O capítulo também identifica, analisa e discute as circunstâncias culturais das matrizes conceituais "método" e "teoria", avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas de diferentes pensadores, o que desenvolve a **habilidade EM13CHS102**. As matrizes "senso comum" e "ciência" são ainda trabalhadas nas atividades da seção "Enfoque" da página 52 e na atividade 6 da seção "Oficina".

Além disso, o capítulo promove a elaboração de hipóteses, a seleção de evidências e a composição de argumentos relativos à história da ciência, aos seus pressupostos e às relações entre ciência e sociedade, com base na sistematização de dados e informações de natureza filosófica, artística, científica e histórica, conforme a **habilidade EM13CHS103**.

Procura-se, ainda, exercitar a **habilidade EM13CHS105**, ao identificar, contextualizar e criticar oposições dicotômicas como ciência-senso comum e certeza-incerteza, explicitando suas ambiguidades.

Valoriza-se a análise e avaliação das interações entre as tecnologias, produzidas com base em conhecimentos científicos, na estruturação e nas dinâmicas sociais contemporâneas, especialmente em relação à perda de um centro fixo, confiança e desconfiança na razão e mitificação da ciência, o que trabalha a **habilidade EM13CHS202**.

Pratica-se a **habilidade EM13CHS304** particularmente na seção "Entre saberes", na página 71, ao discutir as origens e os agentes de práticas que impactam o meio ambiente, a partir da concepção de ciência como forma de controlar a natureza. Isso se desdobra em análises e avaliações sobre impasses ético-políticos decorrentes das transformações tecnocientíficas no mundo contemporâneo, estimulando a **habilidade EM13CHS504**.

Respostas das atividades

Enfoque (página 49)

1. Para Kneller, o fundamental no processo criativo é criar algo que seja novo "para nós", mesmo que aquilo já tenha sido "descoberto" por outras pessoas. Desse modo, o esforço de trilhar um caminho próprio para redescobrir o que outros já haviam descoberto é muito importante.
2. Kneller entende que apreciar o novo significa valorizar as novidades científicas, artísticas e filosóficas, bem como as soluções "diferentes" e "inusitadas" ligadas ao assunto estudado.
3. É esperado que os estudantes consigam se recordar de algo criado por eles, como a letra (ou a melodia) de uma música, uma história em quadrinhos, uma pintura, uma coreografia ou um novo modo de praticar determinados movimentos de um esporte. Peça aos estudantes que falem sobre o processo criativo deles, retomando os pontos identificados por Kneller: originalidade, apreciação do novo, espontaneidade, curiosidade e pesquisa e autodirecionamento.

Comentário

As atividades da seção "Enfoque" contribuem para o desenvolvimento da **competência geral da Educação Básica 4**, uma vez que incentivam os estudantes a refletirem sobre o uso e o conhecimento das linguagens artística e científica para se expressarem e partilharem ideias e sentimentos em diferentes contextos.

Enfoque (página 52)

1. Segundo Myrdal, muitas questões científicas nascem de problemas com os quais o senso comum tem de lidar no dia a dia. Nesse sentido, a ciência, conectada à sociedade, utiliza o rigor e os métodos científicos para compreender e solucionar desafios cotidianos do mundo real.
2. O trabalho científico envolve a intenção de resolver um problema, bem como a formulação de respostas e a elaboração planejada e rigorosa de experimentos. Desse modo, a ciência se diferencia do senso comum por não permanecer ligada às primeiras observações ou impressões, ao promover o trabalho de investigação e elaboração de teorias que, por vezes, escapam do entendimento comum.

Enfoque (página 56)

1. A afirmação de Galileu aponta para a tendência moderna de busca por maior precisão para explicar os fenômenos do mundo natural, algo hipoteticamente possível com o uso da linguagem matemática, que era considerada ideal para enunciar as regularidades observadas na natureza.
2. O entendimento de que o "livro" do universo "está escrito em língua matemática" se expressou no método experimental e quantitativo utilizado por Galileu, bem como nas leis físicas enunciadas com base em princípios matemáticos.
3. De modo geral, nas ciências naturais, a abordagem de Galileu permanece válida, pois especialmente a física ainda busca elaborar generalizações universais expressas em termos matemáticos. Essas generalizações existem, por exemplo, em teorias posteriores à de Galileu, no campo da mecânica, do eletromagnetismo, da astrofísica, da termodinâmica. Veja, por exemplo, que a teoria da relatividade, elaborada no começo do século XX por Albert Einstein, é expressa em uma fórmula matemática: $E = mc^2$.

Comentário

As atividades da seção "Enfoque" mobilizam a **competência geral da Educação Básica 2**, pois levam os estudantes a exercitarem

a curiosidade intelectual e a recorrerem à abordagem própria da física de Galileu (matematização), refletindo sobre sua validade para resolver problemas da física contemporânea.

Enfoque (página 57)

1. Na citação do texto de Francis Bacon, o lema "saber é poder" é apresentado quando o filósofo destaca que a "superioridade do homem está no saber" e nele, afirma Bacon, estão guardadas muitas coisas que os reis, apesar de todos os seus tesouros, não podem comprar.
2. De acordo com a passagem de Bacon, o ser humano, à sua época, presumia dominar a natureza, controlá-la. Essa relação de dominação da natureza pelo ser humano será criticada mais adiante neste capítulo, no tópico "Mito da neutralidade" e, também, no capítulo 11 deste volume.

Enfoque (página 60)

1. Para Henri Poincaré, uma teoria pode parecer "cômoda" porque, considerando o contexto histórico e cultural de seu desenvolvimento, é possível que ela sirva adequadamente aos interesses e às necessidades daquele momento específico. Contudo, isso não quer dizer que essa teoria seja verdadeira ou incontestável.
2. As concepções de geometria desenvolvidas por estudiosos ao longo do século XIX são um exemplo de como novas teorias conseguem quebrar paradigmas até então considerados incontestáveis. Nesse exemplo, os pensadores do século XIX questionaram (e até mesmo rejeitaram) algumas teorias clássicas da geometria euclidiana. Contudo, é importante que os estudantes compreendam que a "rejeição" de algumas ideias ligadas a determinada teoria às vezes só é possível porque a teoria em questão constituiu um ponto de partida para o desenvolvimento posterior de outros estudos sobre o assunto.

Enfoque (página 64)

1. A capacidade de contextualizar significa, de modo geral, investigar e estudar algo em seu contexto, considerando o conjunto em que a coisa estudada está inscrita e levando em conta, também, que existe interdependência e interação entre as partes e o todo e entre o todo e as partes.
2. O Museu da Natureza, retratado na fotografia da página, busca promover diálogos entre ciências e saberes diversos. Com base no respeito e valorização dessas pontes, a instituição tenta encontrar explicações para questões gerais relacionadas aos impactos das atividades humanas no meio ambiente.

Enfoque (página 66)

1. Para desmistificar a superioridade da ciência em relação a outros saberes, podemos indagar se o conhecimento científico é superior, por exemplo, aos saberes advindos da arte, da filosofia e das culturas dos povos tradicionais; se a ciência é a única fonte válida e confiável de conhecimento. Espera-se que os estudantes percebam que esses questionamentos servem para retomar a conexão entre ciência e sociedade. Eles colaboram, positivamente, tanto para a compreensão do trabalho dos cientistas (e do contexto social, cultural, econômico e político em que se encontram) quanto para o entendimento de que o valor do conhecimento científico não deve ser mensurado de maneira absoluta, como se não dependesse de finalidades e fatores extracientíficos.
2. É possível compreender que a expressão "máquina de fazer coisas" refere-se aos interesses econômicos vigentes, ou, de modo geral, ao modelo capitalista. Para Krenak, o trabalho dos cientistas, na atualidade, é utilizado quase exclusivamente para suprir as necessidades capitalistas de produção de mercadorias (medicamentos, por exemplo) em larga escala, alimentando os mercados criados pelo próprio modelo capitalista. O filósofo e liderança indígena comenta que falta, atualmente, liberdade no trabalho dos cientistas.

Entre saberes (página 71)

1. O CO_2 é uma substância que, em altas concentrações, pode alterar as condições climáticas do planeta, aumentando a capacidade da atmosfera de conservar calor e elevando a temperatura. Gases como o CO_2 retêm parte da radiação solar, dificultando, assim, que ocorra o resfriamento do planeta, fenômeno chamado efeito estufa. Este relaciona-se ao aquecimento global que, por sua vez, gera diversos problemas, como o aumento da temperatura do ar, alterações das correntes marítimas e de ar, derretimento das calotas polares e elevação do nível do mar. Além disso, os efeitos da mudança climática afetam diretamente os seres humanos, por exemplo, com o aumento de casos tanto de doenças respiratórias quanto das transmitidas por vetores como mosquitos, carrapatos, pulgas etc.
2. A queima de combustíveis fósseis – principalmente o carvão – em atividades industriais, como em siderúrgicas e usinas termoelétricas, contribui em larga escala para a alta emissão de CO_2 na atmosfera. Os estudantes também podem mencionar a queima de combustíveis fósseis no transporte rodoviário, que representa o setor de maior consumo de petróleo. Informações sobre a participação dos combustíveis fósseis na matriz energética mundial por setor podem ser encontradas no *site* da Agência Internacional de Energia (*International Energy Agency* - IEA), que publica anualmente um relatório com dados e análises sobre as fontes e o consumo de energia no mundo. Caso julgue pertinente, apresente alguns dos dados do relatório mais recente aos estudantes. Visando à redução da emissão de CO_2 na atmosfera e, consequentemente, à menor agressão ao meio ambiente, as fontes de energia não renováveis (combustíveis fósseis) devem ser substituídas por fontes de energia renováveis (solar, eólica etc.).
3. No tópico "Negacionismo da ciência", foi apresentado o exemplo do negacionismo climático, que consiste em menosprezar a gravidade das mudanças climáticas decorrentes da atividade humana. Considerando os diversos efeitos concretos da mudança do clima, tanto para o meio ambiente como para a humanidade, esse tipo de negacionismo é nocivo a todos, pois deslegitima os esforços para a redução do impacto humano no aquecimento global.

Comentário

A seção "Entre Saberes" e suas atividades permitem compor argumentos sobre a crise ecológica com base na sistematização de informações científicas e filosóficas. Essa crise, originada na Revolução Industrial, leva-nos a refletir sobre a reorientação das transformações tecnocientíficas, tendo em vista assumir atitudes e valores voltados para a preservação do meio ambiente (uso de energias renováveis, gestão de resíduos, redução do consumo etc.). Nesse sentido, são mobilizadas as **habilidades EM13CHS103** e **EM13CHS504**, além do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 13: *Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos*.

Além disso, ao apontar as altas concentrações de CO_2, a seção e suas atividades permitem analisar os ciclos biogeoquímicos e os efeitos da interferência humana sobre eles. Assim, mobiliza-se a **habilidade de Ciências da Natureza e suas Tecnologias EM13CNT105**.

Oficina (páginas 72-73)

1. O objetivo desta atividade é levar os estudantes a desenvolverem o raciocínio inferencial e a capacidade de organização e sistematização dos conteúdos abordados no capítulo. Podemos dizer que o entendimento geral da ciência hoje em dia é o de uma área do saber humano que se caracteriza por buscar o conhecimento sistemático e seguro a respeito dos fenômenos do mundo. Em outras palavras, a ciência consiste na busca por conhecimentos ordenados e amplos (sistemáticos) e fundamentados racionalmente (seguros). Nessa busca, o cientista emprega um método de pesquisa e propõe leis e teorias, sempre recorrendo a sua criatividade e dialogando com a comunidade científica.

Comentário

A atividade mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1**, na medida em que possibilita aos estudantes valorizar e utilizar conhecimentos historicamente construídos sobre o conceito de ciência para entender e explicar a realidade e continuar aprendendo.

2. O objetivo é desenvolver a capacidade de reflexão crítica e de argumentação dos estudantes, com base nos temas e autores abordados no capítulo. Estimule-os a pensarem sobre as formas pelas quais o ser humano se relaciona com a natureza. Ele procura dominá-la ou respeitá-la? Se a relação for de domínio, esse é exercido pela compreensão ou pela força? Explique que a compreensão costuma considerar as implicações éticas e sociais da ação humana, enquanto a mera força é uma ação desprovida de valores éticos. É preciso lembrar que existem atos humanos sobre a natureza que escapam dessa dicotomia compreensão-força.

Comentário

A atividade 2 permite exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências para testar a hipótese de que o ser humano se relaciona com a natureza por meio da compreensão, e não da força. A defesa ou refutação dessa hipótese depende da argumentação com base em fatos e informações confiáveis, possibilitando promover a consciência socioambiental. Por isso, são mobilizadas as **competências gerais da Educação Básica 2** e **7**, bem como a **habilidade EM13CHS103**.

3. A ciência no sentido atual nasceu na Idade Moderna, principalmente a partir do abandono da pretensão metafísica de conhecer os princípios fundamentais que explicariam toda realidade. Com o objetivo principal de explicar e prever fenômenos, a ciência moderna adotou um enfoque quantitativo e operativo, em vez do qualitativo e contemplativo que até então preponderava na construção do conhecimento racional. O novo enfoque se manifestou na adoção do método indutivo experimental, que consiste na formulação de leis gerais com base na observação da regularidade dos fenômenos particulares e da realização de experimentações. Entre os pressupostos da ciência moderna estão a possibilidade de matematização da natureza e de emprego da dúvida metódica e do processo analítico, que levaram a uma excessiva confiança na razão.

4. Dúvida metódica é a denominação dada ao passo inicial do edifício filosófico que pretendeu construir Descartes. Consistiu em colocar todos os seus conhecimentos em dúvida, questionando tudo para criteriosamente analisar se existiria algo na realidade de que pudesse ter plena certeza. Iniciou com as noções mais costumeiras, como as advindas dos sentidos, até duvidar da existência de tudo, incluindo seus pensamentos e a si mesmo. Seu objetivo era conhecer a verdade ou, pelo menos, uma primeira verdade sobre a qual pudesse estabelecer um ponto fixo, partindo-se da ideia de que nenhuma proposição seria aceita sem que houvesse razões suficientes para isso. Em determinado momento, ao aplicar a dúvida metódica, Descartes admite que pensava e que, portanto, seus pensamentos existiam. E a existência desses pensamentos se confundia com a essência da sua própria existência como ser pensante. Então concluiu: *Cogito ergo sum* (Penso, logo existo). O *cogito* foi o ponto de inflexão que lhe permitiu sair do contexto da dúvida para retornar ao universo das certezas. Como verdade absolutamente firme, certa e segura, deveria ser adotada como princípio básico de toda a sua filosofia. O argumento do *cogito* enfatiza a centralidade do sujeito no processo de conhecimento, que era valorizada pela concepção moderna de ciência.

Comentário

A atividade 4 mobiliza a **habilidade EM13CHS103**, pois permite aos estudantes comporem argumentos relativos a um processo epistemológico que marcou a modernidade (a dúvida sistemática cartesiana), com base na sistematização de informações oriundas de textos filosóficos.

5. **a.** A frase de Pascal se refere à descoberta de que a Terra não é o centro fixo do universo e à teoria de que o universo é infinito e, portanto, não possuiria um centro.

   b. O poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, e a frase de Pascal têm em comum a expressão de uma angústia em relação à possibilidade (ou impossibilidade) de o ser humano alcançar o conhecimento de um universo tão imenso, recusando verdades que assustam, enlouquecem e apavoram.

6. Na matemática, houve o desenvolvimento de novas geometrias (as geometrias não euclidianas) por Lobachevsky, Bolyai e Riemann. Desde então, princípios antes tidos como "irrefutáveis" passaram a ser tidos como "pontos de partida". Na física, podemos destacar o desenvolvimento da física quântica, da teoria da relatividade (Einstein) e do princípio da incerteza (Heisenberg), que romperam com a concepção determinista e mecanicista da física clássica, trazendo também certo irracionalismo. Isso abalou a pretensão de causalidade e previsibilidade que caracterizava a ciência até então. Na biologia, impactaram primeiro a teoria da evolução (Darwin) e as leis da hereditariedade de Mendel, depois a descoberta dos cromossomos e genes e, mais recentemente, a decifração do código genético e o surgimento da engenharia genética. Essas teorias científicas afetaram, de modo geral, a concepção sobre o lugar

do ser humano dentro da natureza e do mundo. Além disso, elas promoveram questionamentos e reavaliações dos critérios de verdade e da validade utilizados até então pela ciência.

7. Os pensadores do Círculo de Viena, positivistas lógicos (empiristas), propuseram o critério da verificabilidade, ou seja, para eles, uma teoria deve passar pelo crivo da verificação empírica antes de ser aceita como verdadeira. A eles se opôs Popper, para quem nenhuma teoria pode ser confirmada empiricamente (por indução) como verdadeira, somente como falsa. Por isso, ele defendeu o critério da não refutabilidade ou da falsificabilidade, isto é, as teorias teriam uma validade transitória até o momento em que fossem refutadas, mostrando-se sua falsidade.

8. Paradigma é um conjunto de normas e tradições dentro do qual uma ciência se move, em determinado período e certo contexto, e pelo qual ela pauta sua atividade. Pode ser entendido como um modelo de mundo ("as coisas são assim"), e a ciência que se subscreve a ele é chamada normal. Uma revolução científica ocorre, segundo Kuhn, quando se dá uma mudança de paradigma, isto é, quando uma ciência normal entra em crise, e um novo paradigma é proposto em resposta. A ciência extraordinária, aquela que apresenta o novo paradigma, torna-se a preferida na comunidade científica, convertendo-se assim na nova ciência normal. Para Kuhn, dois paradigmas sucessivos não podem ser comparados (são incomensuráveis), o que impossibilita garantir uma concepção evolutiva e linear da história da ciência.

9. O objetivo desta atividade é estimular a cooperação dos estudantes para consolidar os temas abordados no capítulo. Instigue também a pesquisa em outras fontes, diversificadas e confiáveis. É interessante distribuir os quatro mitos sobre a ciência entre os estudantes, para que as apresentações dos seminários não se tornem tão repetitivas. Talvez o negacionismo científico, dada sua atualidade e complexidade, mereça uma abordagem mais demorada e específica, por dois ou mais grupos. Ao final de cada apresentação, cada grupo poderá propor uma questão motivadora para debater com toda a sala. A seguir, sintetizamos os principais argumentos relacionados a cada mito.

- **a.** Trata-se do problema da oposição extremada entre senso comum (saber sem fundamentação) e ciência (saber fundamentado), que, a partir do positivismo, levou à valorização exagerada do saber científico em detrimento de outras formas de explicar o mundo, como o mito, a religião, a arte e até a filosofia. Desse modo, a ciência passou a ser vista como um tipo de conhecimento superior.
- **b.** Trata-se do problema de entender o conhecimento científico como o modo de pensar correto, perfeito ou absoluto. A maioria das pessoas não se dá conta de que não é bem assim. Não há certezas absolutas em relação à validade de nenhuma teoria científica; elas são transitórias, o que é constatação suficiente para derrubar esse mito, pois o que é certo e perfeito não deveria ser substituído ou aperfeiçoado.
- **c.** Trata-se do problema de entender a ciência como algo à parte da sociedade, guiada apenas pela razão, reconhecida como neutra e imparcial. Mas sabemos que a produção científica e tecnológica se insere no conjunto dos interesses das sociedades. E, frequentemente, é direcionada por verbas e financiamentos vinculados aos objetivos de grupos que exercem poder social hegemônico. Assim, o conhecimento científico não é neutro, e muito menos sua aplicação.
- **d.** Trata-se do problema de rejeitar evidências científicas em favor de crenças inconsistentes, preconceituosas, supersticiosas, conspiratórias e/ou fascistas. Esse mito vai no sentido contrário dos anteriores, porque desvaloriza o saber científico, em vez de idealizá-lo. O negacionismo tem ganhado força nas últimas décadas, expressando-se, sobretudo, no antivacinismo e no negacionismo climático. Suas consequências são tão danosas quanto a supervalorização das ciências. É interessante explorar hipóteses sobre os sentimentos sociais que possibilitam essa forma de mitificação.

Comentário

A atividade 9 mobiliza a **habilidade EM13CHS504**, pois permite analisar e avaliar impasses ético-políticos decorrentes de transformações sociais e culturais, que se desdobram em atitudes e valores de mitificação da ciência, seja para supervalorizá-la, seja para desprezá-la.

10. Espera-se que os estudantes se aprofundem em temas valorativos. A área médica e ambiental traz muitos exemplos nesse sentido. Pode-se vincular a discussão a temas ligados à bioética, como pesquisas com células-tronco, clonagem e testes clínicos em seres humanos ou animais. Também é possível levar o debate para a temática do meio ambiente, com as polêmicas sobre a construção de barragens para geração de energia elétrica, mas que alteram e destroem o ecossistema, ou sobre a produção de transgênicos, que visa o aumento da produtividade agrícola, mas que pode representar uma ameaça ecológica e para a saúde das pessoas.

Comentário

A atividade 10 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 7**, uma vez que permite analisar os fundamentos da ética ao fazer os estudantes argumentarem com base em informações confiáveis para defender seu ponto de vista a respeito da ideia de Einstein, respeitando e promovendo os direitos humanos e a consciência socioambiental.

11. De modo geral, cabe à filosofia da ciência refletir sobre a ambiguidade da ciência, bem como sobre suas pretensões, suas possibilidades, seus acertos e seus erros. Assim, os estudos dessa área devem buscar compreender questões como a especificidade do saber científico, as condições e os limites desse conhecimento, o sentido da ciência e seu valor para a vida humana.

12. O objetivo desta atividade é levar os estudantes a estabelecerem relações entre ciência e política, mostrando que, embora sejam atividades distintas, elas compartilham alguns fundamentos. De acordo com John Dewey, as regras e as virtudes que orientam o pensamento científico são compatíveis e devem ser incorporadas à vida democrática. Essas regras estabelecem um núcleo de procedimentos que denominamos método científico, pelo qual o pesquisador precisa ser livre para se expressar, participar, cooperar e produzir consensos. Já as virtudes que a pesquisa científica deve compartilhar com o convívio democrático incluem a abertura para o questionamento e um julgamento equilibrado ("imparcial") sobre diferentes pontos de vista. Se considerar necessário, podem ser retomados aspectos do método científico e da transitoriedade da ciência, abordados neste capítulo, especialmente a respeito do *peer-review*.

Comentário

A atividade 12 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, porque possibilita aos estudantes analisar os fundamentos éticos da democracia e da ciência, valorizando a liberdade, a cooperação, a autonomia, o diálogo, a iniciativa e a solidariedade.

13. Alternativa correta: **c**. A ciência moderna, na visão iluminista, é concebida como expressão da razão e modelo para outras áreas do saber que buscam progredir. Essa concepção se manifesta na visão de Kant a respeito da racionalidade, assim como na adoção de métodos matemáticos e das ciências naturais na filosofia e nas ciências humanas. O sociólogo Auguste Comte, por exemplo, procurou construir uma "física social".

14. Alternativa correta: **d**. No trecho citado, Edgar Morin critica a aplicação do paradigma tecnológico a todas as esferas da vida humana. Para ele, sentimentos, sofrimentos e alegrias não podem ser regidos pela "lógica das máquinas", a qual é dirigida pela "soberania do cálculo", ou seja, considera apenas o que pode ser quantificável.

15. Alternativa correta: **c**. A formulação (ou proposição) de hipóteses é uma das dimensões fundamentais da ciência moderna e, consequentemente, do método científico. Desse modo, as hipóteses constituem conjecturas que devem ser desenvolvidas, testadas e avaliadas.

16. Alternativa correta: **a**. Segundo Popper, as hipóteses formuladas por um cientista podem ser refutadas por ele mesmo ou por outros colegas, com base em experimentos que testam a hipótese levantada.

Sugestões

Livros

CHALMERS, Alan Francis. **O que é ciência afinal?**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

A obra reflete sobre as concepções, métodos e objetivos da produção científica, destacando a importância da filosofia da ciência.

KNELLER, George Frederick. **A ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

O livro aborda as complexidades inerentes à atividade científica.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

Publicação que apresenta impasses e desafios éticos enfrentados na ciência contemporânea.

MOZAHIR, Salomão Bruck (ed.); OLIVEIRA, Marisa Cardoso de *et al*. **Dossiê contra o negacionismo da ciência**: a importância do instrumento científico. Belo Horizonte: Editora da PUC-Minas, 2022.

Coletânea de textos de professores universitários sobre o negacionismo científico.

Vídeo

SEVERO, Rogério. **Filosofia da Ciência – um curso**. UFBA Philosophy Lectures. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WJ9mWas_cbQ&list=PLrqW-a7nuIjbNr4RpX588qIzSMdBhmL2O. Acesso em: 27 set. 2024.

Conjunto de videoaulas sobre filosofia da ciência.

UNIDADE 2

POPULAÇÃO, TERRITÓRIO E FRONTEIRAS

A abertura da unidade, nas páginas 74 e 75, explora os conceitos de território e territorialidade, convidando os estudantes a refletirem sobre a relação que estabelecem com o lugar em que vivem e a identificarem as culturas juvenis presentes ao seu redor.

Com base nas perguntas propostas no texto inicial, espera-se que os estudantes compartilhem detalhes de suas próprias experiências no bairro, comunidade ou cidade em que moram. Pode-se falar, por exemplo, sobre as atividades realizadas no dia a dia, o processo de familiarização e mapeamento do espaço e a qualidade dos vínculos estabelecidos com as pessoas que vivem lá. Este é um bom momento para trabalhar o tema contemporâneo transversal *Diversidade cultural*. Para isso, solicite aos alunos que indiquem as características das territorialidades associadas às diferentes culturas juvenis e os possíveis conflitos e formas de convivência entre elas.

Durante a conversa, é fundamental encorajá-los a praticarem a escuta ativa e respeitosa, permitindo que cada um se sinta à vontade para relatar suas experiências pessoais e expressar suas percepções. Trata-se de uma oportunidade de mostrar como a discussão pode se tornar mais rica e interessante quando diferentes pontos de vista são considerados.

Objetivos de aprendizagem desta unidade

1. Identificar os conceitos antigo e moderno de política e comparar diferentes concepções de poder, analisando suas expressões nos âmbitos econômico, ideológico e político.
2. Investigar os elementos fundamentais do Estado (governo soberano, povo e território) e identificar diferentes teorias sobre suas origens (familiar, violenta, econômica e fruto do desenvolvimento interno da sociedade) e sobre suas finalidades (universal ou particular, limitada ou ilimitada).
3. Analisar diferentes conceitos de sociedade civil e Estado, compreendendo os regimes políticos como formas de interação entre governantes e governados e contrapondo as características fundamentais entre democracia e ditadura, com destaque para o papel dos partidos políticos e dos movimentos sociais.
4. Problematizar as noções de esquerda e direita, indicando suas origens na Revolução Francesa e seus principais valores no mundo contemporâneo, bem como debater o alcance e os limites do discurso meritocrático e dos processos de inclusão-exclusão.
5. Conhecer a noção de fascismo, identificando suas características e permanências (fascismo eterno) e combatendo suas manifestações por meio da valorização da consciência e da ação política.
6. Compreender conceitos de territorialidade, seus espaços e suas características, destacando seu papel na delimitação de identidades culturais e discutindo o uso das TDICs, sobretudo, nas culturas juvenis.
7. Identificar a linguagem como veículo expressivo das diferentes territorialidades e como capacidade distintiva do ser humano, investigando suas funções e desenvolvimentos ao longo da história (desde a criação dos alfabetos até a linguagem digital) e contrapondo as filosofias de Bertrand Russell e de Ludwig Wittgenstein.
8. Analisar as origens da linguagem estética e circunscrever seu objeto de estudo, investigando diferentes concepções de beleza e de arte, destacando debates sobre seus fundamentos e sobre seus princípios na tradição filosófica.
9. Apresentar semelhanças e diferenças entre arte e técnica, reconhecendo ambas como fenômenos sociais e a atividade artística como fenômeno universal de representação da experiência humana.
10. Debater as possíveis relações entre o belo e o bom e entre a arte e a educação, problematizando o papel da indústria cultural na massificação dos gostos e na difusão das obras artísticas por meio da reprodutibilidade técnica.

Capítulo 3 Estado e poder

Este capítulo propõe um estudo reflexivo e crítico sobre o poder, o Estado e as ações humanas coletivas. São apresentadas noções e classificações introdutórias as quais procuram revalorizar o papel da política, que passa por uma crise de credibilidade no mundo contemporâneo.

A política está presente nas interações intersubjetivas cotidianas dos indivíduos. É equivocado restringir a política apenas à atuação do Estado. Apesar disso, a pandemia de covid-19 contribuiu para renovar a importância dessa instituição, que coordenou ações de combate ao novo coronavírus. O cumprimento das medidas de distanciamento social demonstrou uma dimensão de responsabilidade coletiva decorrente de ações individuais. Também foram aprofundadas e evidenciadas as desigualdades sociais entre aqueles que conseguiam ou não seguir as medidas de distanciamento. O papel do Estado na mitigação dessas desigualdades também foi fundamental.

Assim, apesar de sua crise de credibilidade, a política permanece como um dos elementos centrais de organização da vida social. Na tentativa de negar essa importância, surgem discursos individualistas (como o do *self-made man*) e autoritários (como o fascismo). Analisar esses discursos criticamente implica repudiá-los, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência política.

No tópico "Consciência das dimensões políticas", na página 99, que argumenta sobre o papel da educação política na promoção do bem-estar de todos, pode-se abordar o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3: *Boa saúde e bem-estar*. No tópico "Inclusão e exclusão", na página 93, a discussão sobre as desigualdades sob o ponto de vista político da direita e da esquerda colabora para que os estudantes se aprofundem nas propostas de redução de desigualdades sociais, avançando na temática do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10: *Redução das desigualdades*.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura incentiva os estudantes a pensarem sobre os conceitos de "Estado" e "poder" a serem desenvolvidos no capítulo. Ao exercitar a curiosidade e valorizar os conhecimentos historicamente construídos sobre essas noções, o texto se relaciona com as **competências gerais da Educação Básica 1** e **2**.

O capítulo identifica, analisa e compara fontes e narrativas sobre política expressas em diversas linguagens, principalmente filosófica, científica e visual, conforme a **habilidade EM13CHS101**. Também identifica, analisa e discute as circunstâncias culturais das matrizes conceituais "poder", "Estado", "regime político" e "fascismo", avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas de diferentes pensadores, favorecendo o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS102**.

Além disso, o capítulo promove a elaboração de hipóteses, seleção de evidências e composição de argumentos relativos às reflexões políticas, seus fundamentos e desdobramentos. Isso é feito

com base na sistematização de dados e informações de natureza filosófica, artística, científica e histórica, incentivando o trabalho com a **habilidade EM13CHS103**.

No capítulo, procura-se, também, identificar, contextualizar e criticar oposições dicotômicas como sociedade civil-Estado, esquerda-direita e inclusão-exclusão, explicitando suas ambiguidades, o que está de acordo com a **habilidade EM13CHS105**.

São utilizadas e analisadas diversas fontes e linguagens para identificar conhecimentos, valores e crenças que caracterizam a identidade e a diversidade cultural e política de diferentes sociedades desde a Antiguidade clássica grega, bem como promover a comunicação, a difusão de informações, a resolução de problemas, o protagonismo e a autoria na vida pessoal e coletiva dos estudantes. Isso favorece o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS106**.

O capítulo procura, ainda, analisar situações cotidianas, valores, condutas, principalmente ligados ao convívio democrático e, de forma contrastante, ao fascismo, buscando desnaturalizar formas de desigualdade e discriminação, conforme a **habilidade EM13CHS502**. A discussão sobre as noções de esquerda e direita permitem problematizar as formas de violência política, que, infelizmente, tornaram-se comuns nos últimos anos. Esse debate é propício para desenvolver a **habilidade EM13CHS503**, também trabalhada na atividade 9 da seção "Oficina", abordando diferentes grupos sociais. Ademais, a análise de impasses ético-políticos decorre tanto das reflexões sobre fascismo quanto sobre esquerda-direita, abarcando também a **habilidade EM13CHS504**.

Por fim, o capítulo favorece o desenvolvimento da **competência geral da Educação Básica 1** a partir de várias atividades que valorizam e utilizam conhecimentos historicamente construídos sobre diversos conceitos, alguns deles propostos por teóricos como Bertrand Russell, Norberto Bobbio, Max Weber e Michael Sandel. Isso ocorre nas atividades 1, 2, 3, 4 e 10 da seção "Oficina".

Respostas das atividades

Enfoque (página 78)

1. Para Bertrand Russell, o poder é a posse de meios que levam à produção de efeitos desejados. Thomas Hobbes, de modo semelhante, defende que o poder se refere aos meios adequados à obtenção de vantagem; o indivíduo (ou a instituição) que detenha esses meios tem a capacidade de impor sua vontade sobre o outro, determinando seu comportamento. Por sua vez, Robert Dahl considera o poder como a influência que um sujeito exerce sobre outro para obter um comportamento. Alguns pontos em comum podem ser levantados pelos estudantes, como: a posse de meios, para Russell e Hobbes; e a capacidade de determinar o comportamento de outrem, para Hobbes e Dahl.
2. Para responder à questão, é esperado que a turma se recorde das ideias de Harold Lasswell e Abraham Kaplan (vistas na página anterior) e as relacionem com as concepções de poder aprendidas. Segundo esses autores, a política pode ser entendida como o processo de formação, distribuição e exercício do poder. Sabendo disso, os estudantes devem se perguntar de que forma se dá esse exercício na política. O relevante é a posse de meios, conforme Russell e Hobbes? Ou o enfoque está em controlar o comportamento de outrem, conforme Hobbes e Dahl? A relação política é fundamentada na relação entre dois sujeitos, de acordo com Dahl, ou é coletiva? Tendo essas reflexões como base e fazendo uso de seus próprios conhecimentos de mundo, os estudantes devem elaborar seus argumentos.

Contraponto (página 80)

1. Segundo Marilena Chaui, a filosofia é entendida como uma forma de conhecimento racional, lógico e sistemático que surgiu na Grécia antiga.
2. O autor sustenta a ideia de que a filosofia é "pluriversal", isto é, ela se desenvolve em diferentes lugares e atende às particularidades de cada cultura. Contudo, os conquistadores da África cometeram *epistemicídio*, termo usado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos para se referir aos processos de *apagamento* dos saberes não ocidentais – posteriormente, esse mesmo conceito foi resgatado pela filósofa Sueli Carneiro para explicar a inferiorização intelectual do negro nas sociedades racistas. Esses processos são uma forma de exercício do poder ideológico, usando a tipologia proposta por Norberto Bobbio. Segundo o filósofo Mogobe Ramose, os conquistadores atribuíram a si mesmos o poder de definir a filosofia, considerando seus próprios saberes e valores como universais, ou seja, válidos em todos os locais e em todos os tempos. Essa visão universal e etnocêntrica contrasta com uma visão "pluriversal" e policêntrica, para a qual há diversos centros produtores de saber filosófico.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a controvérsia relacionada à origem da filosofia e sobre as diversas filosofias, sistemas de pensamento, visões de mundo, cosmogonias, conhecimentos etc.

Comentário

A seção "Contraponto" e suas atividades mobilizam a **habilidade EM13CHS102**, pois permite identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas e culturais da matriz conceitual "filosofia", avaliando criticamente seu significado e comparando as narrativas da filósofa brasileira Marilena Chaui e do filósofo sul-africano Mogobe Ramose.

Enfoque (página 82)

1. Segundo Clastres, essas sociedades simplesmente recusaram a implementação de um Estado como poder central. As funções políticas, nessas sociedades, não eram definidas ou submetidas a determinadas instâncias de poder.
2. É esperado que os estudantes digam que sim. A conceituação de Estado foi construída historicamente e não pode ser aplicada a todos os tempos e lugares de modo homogêneo.

Enfoque (página 88)

1. O personagem afirma que a democracia está morta porque, apesar de a turma ter deliberado aquele dia como fim de semana e que os estudantes poderiam voltar para suas casas, a decisão que parecia unânime não foi respeitada e eles tiveram de permanecer em sala de aula.
2. Para o personagem da tirinha, um Estado democrático é aquele que segue as decisões tomadas pelo povo, mesmo que sejam arbitrárias e fundamentadas na conveniência. Essa concepção é incompatível com a noção de Estado de direito, em que o poder político é exercido dentro dos limites traçados pela lei, que a todos subordina.

Enfoque (página 96)

1. O nazismo recusava a modernidade e as novas práticas artísticas, que marcam a tela *A praia*, de Max Beckmann. Além disso, a liberdade de representação das formas do corpo humano (note, por exemplo, a distorção proposital nas pernas da figura de cabeça

para baixo) colide com os padrões naturalistas de perfeição, harmonia e equilíbrio defendidos pelos nazistas no campo da pintura.

2. O jornal fascista é representado no canto inferior, ocupando uma posição secundária na tela. Ele não só é quase ignorado pelo observador da pintura, como também o é pelos personagens representados, que se divertem sem dar atenção ao objeto amassado – estado que reforça a ideia de negligência.

Comentário

As atividades da seção "Enfoque" desenvolvem a **habilidade EM13CHS101**, pois permitem identificar, analisar e comparar traços do fascismo apresentados pelo semiólogo Umberto Eco com elementos da obra visual *A praia*, de Beckmann, que se chocavam com as concepções nazistas.

Oficina (páginas 100-101)

1. O objetivo desta atividade é promover a identificação, sistematização e comparação dos conteúdos estudados. Conforme foi analisado no capítulo, basicamente, na concepção clássica grega, a política era entendida como a esfera de realização do bem comum. Na modernidade, o conceito de política passou a se ligar estreitamente ao conceito de poder, sendo a questão ética, implícita na ideia de bem comum, colocada em segundo plano ou totalmente abandonada.

2. O objetivo desta atividade é promover a identificação e sistematização dos conteúdos estudados. Bertrand Russell define poder a partir de seu sentido etimológico (faculdade, capacidade, força ou recurso para produzir certos efeitos), mas aplicado ao contexto da ação humana, que tem uma intenção ou um desejo. Assim, se poder é a posse dos meios que levam a determinado fim, o indivíduo que detém esses meios tem a capacidade de exercer certa influência ou domínio e, por seu intermédio, alcançar os efeitos que desejar. Estimule os estudantes a compararem a definição de poder proposta por Russell com as formuladas por Thomas Hobbes e Robert Dahl, por exemplo.

3. O objetivo desta atividade é promover a análise crítica dos conteúdos estudados. Norberto Bobbio refere-se aos poderes: *econômico* (daqueles que possuem bens socialmente necessários para induzir aqueles que não os possuem a adotar determinados comportamentos), *ideológico* (daqueles que possuem certas ideias, valores, doutrinas, e meios de divulgá-las, para influenciar a conduta alheia, induzindo as pessoas a determinados modos de pensar e agir) e *político* (daqueles que possuem os meios de coerção social). Como todos eles visam condicionar comportamentos e manter uma sociedade de desiguais, o poder supremo é o poder político, porque este se utiliza da força e esta seria a forma mais eficaz de condicionar comportamentos, conforme Bobbio. Ressalte que essa é uma conclusão objetável. Pode-se aproveitar a oportunidade para questionar se o poder supremo não poderia ser o ideológico, pois atua diretamente na mente das pessoas, ou o econômico, que costuma penetrar nos outros dois e comandá-los.

4. O objetivo desta atividade é promover a identificação e análise crítica dos conteúdos estudados. Para Weber, o Estado é uma instituição política que reivindica o monopólio do uso legítimo da força física, tendo em vista o cumprimento das leis. Pode-se trabalhar aqui a interpretação das expressões "instituição política" (Por que o Estado é uma instituição?; Quais são as principais instituições políticas que compõem o Estado?) e "monopólio do uso legítimo da força física" (Por que monopólio?; Por que uso legítimo?; Por que força física?).

5. O objetivo desta atividade é promover a sistematização dos conteúdos estudados, transpondo-os à linguagem de mapas conceituais. Como ponto de partida, sugerimos conceituar o Estado e seus elementos (governo soberano, monopólio do uso legítimo da força física, povo e território). O conceito de Estado liga-se a teorias sobre sua origem, como as contratualistas. Quanto à finalidade do Estado, podem ser apontadas diferentes classificações e critérios (em relação à permanência, universal ou particular; em relação à abrangência de sua atividade, limitada ou ilimitada). É interessante comparar os mapas conceituais construídos pelos grupos e discutir as principais dificuldades que os estudantes enfrentaram ao produzi-los.

Comentário

A atividade 5 mobiliza a **habilidade EM13CHS106**, pois possibilita aos estudantes utilizarem a linguagem gráfica de um mapa conceitual de forma crítica, significativa, reflexiva e ética para acessar e difundir informações e produzir conhecimentos sobre elementos do Estado, exercendo protagonismo e autoria.

6. Podemos entender essa contraposição conceitualizando sociedade civil, pois esta se define por oposição ao Estado. A sociedade civil é o conjunto composto de todas as organizações que se desenvolvem e se relacionam dentro de uma sociedade, mas fora do poder institucional do Estado. É o caso de sindicatos, empresas, escolas, igrejas, clubes, movimentos populares, associações culturais, de bairro etc. Assim, a relação entre Estado e sociedade civil é entre duas partes, e isso se percebe, de forma explícita, quando há desacordos entre os membros da sociedade civil e o Estado é chamado a intervir, ou quando membros ou organizações da sociedade civil dialogam com as instituições do Estado.

Comentário

A atividade 6, por solicitar a mobilização de conceitos historicamente construídos que visam compreender a realidade, atende à **competência geral da Educação Básica 1**. Além disso, por permitir identificar oposições dicotômicas e revelar suas ambiguidades, cumpre a **habilidade EM13CHS105**.

7. Os partidos políticos têm a importante função de atuar como ponte entre a sociedade civil e o Estado, pois não pertencem, por inteiro, nem ao Estado nem à sociedade civil. Assim, cabe aos partidos políticos captarem os desejos e as aspirações da sociedade civil e encaminhá-los para o campo da decisão política do Estado. Há várias questões envolvidas nessa problemática que podem ser trabalhadas com a turma: a diferença entre o interesse público e o privado, o problema do clientelismo (tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, como empregos, benefícios fiscais, isenções etc., em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto), o lobismo, entre outras.

8. O objetivo desta atividade é identificar, sistematizar e sintetizar os assuntos estudados. Na democracia, a relação destacada no enunciado apresenta esquema mais aberto, evidenciado pela maior participação política da sociedade nas questões do Estado e pelo respeito que o poder público confere aos direitos individuais e coletivos. Nos dias de hoje, suas características básicas são participação política do povo (por meio de eleições periódicas, plebiscitos, referendos, passeatas etc.); divisão e independência dos poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário); vigência do Estado de direito (a lei subordina tanto o Estado como a sociedade, o cidadão respeita o Estado e este também respeita os direitos do cidadão).

   Na ditadura, a relação entre governantes e governados é um esquema fechado, caracterizado pela opressão e autoritarismo do Estado sobre a sociedade. Suas características básicas são: eliminação da participação popular nas decisões políticas, concentração do poder político (o Poder Legislativo e o Poder Judiciário são aniquilados ou bastante enfraquecidos), inexistência

do Estado de direito (as leis só valem para a sociedade, o ditador está acima delas), fortalecimento dos órgãos de repressão e controle dos meios de comunicação de massa.

9. Atividade de contextualização que busca aproximar os conteúdos estudados das vivências dos estudantes, possibilitando-lhes valorizar a diversidade de saberes e vivências para fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania. Incentive os estudantes a entrarem em contato com os movimentos sociais e a pesquisarem notícias sobre seus objetivos e modos de atuação, em fontes confiáveis e variadas. No relatório, espera-se que os estudantes relacionem as demandas de grupos que são hoje socialmente excluídos ou marginalizados aos objetivos e modos de atuação do movimento social pesquisado.

10. Atividade de contextualização e argumentação. Incentive os estudantes a perceberem que o Estado pode cumprir duas funções: a) ser um mediador de conflitos entre grupos sociais, tendo em vista a equidade e a justiça; e b) tomar partido dos interesses dos poderosos em detrimento da maioria do povo. Entretanto, essas situações extremadas não dão conta da complexidade que rege a intervenção do Estado nas relações sociais. Além disso, é importante explicar que a função de defensor de grupos sociais dominantes não é específica do Estado brasileiro, mas sim do Estado moderno em todas as sociedades capitalistas. Nessas sociedades, grandes empresários podem, por exemplo, financiar campanhas eleitorais de um candidato, influenciar a elaboração de políticas públicas, realizar obras e prestar serviços para o Estado. Essas atividades devem ser reguladas pelo Estado para garantir a maior transparência possível, permitindo a fiscalização e o controle por órgãos estatais e pela sociedade civil.

Comentário

A atividade 10 mobiliza a **habilidade EM13CHS103**, pois permite elaborar hipóteses e compor argumentos relativos à função do Estado brasileiro, com base na sistematização de informações pesquisadas em fontes confiáveis.

11. a. A arrogância do raciocínio meritocrático consiste em supor que os méritos pessoais, como o esforço e a dedicação, são as únicas causas do privilégio daqueles considerados "vencedores", os quais, na verdade, muitas vezes se beneficiaram de componentes como a sorte e, sobretudo, de toda uma estrutura social e econômica construída em seu favor.

b. Em sentido amplo, "mérito" tem a ver com merecimento e refere-se, portanto, a uma qualidade reconhecida socialmente. Entre essas qualidades estão a beleza, a força, a inteligência, o esforço etc. Incentive os estudantes a perceberem que, nos discursos meritocráticos, o "mérito" é visto apenas como fruto de um esforço individual, desconsiderando-se que o acaso e as estruturas sociais afetam profundamente nossos projetos de vida. Desses discursos, segundo Michael Sandel, surge uma visão simplista e dicotômica, que divide o mundo entre vencedores e fracassados, entre aqueles que alcançam algum tipo de sucesso (financeiro, profissional, amoroso etc.) e aqueles que não o alcançam.

c. A resposta depende do sentido atribuído à palavra "mérito". Caso mérito signifique sorte ou acaso, pode-se afirmar que um filho tem mérito ao receber uma herança milionária dos pais, já que ele nasceu em uma família rica. Porém, caso mérito signifique esforço individual, não há como identificar nenhum mérito nessa situação, porque ninguém escolhe a própria família e não foi o filho que se esforçou para acumular as riquezas herdadas, mas sim seus ancestrais.

d. Novamente, a resposta depende do sentido atribuído à palavra "mérito". Em sentido amplo, o que inclui a sorte como um dos fatores preponderantes, pode-se defender que as pessoas têm poder apenas por mérito. Mas, em sentido estrito, não podemos afirmar que alguém tem poder apenas por mérito, porque a beleza, a força, a inteligência e o esforço individual dependem de estruturas político-econômicas e, em certa medida, do acaso, do imprevisível. Certamente, nascer dentro de um padrão de beleza ou em uma família privilegiada, por exemplo, não é resultado de esforço algum. Porém, aprender a aproveitar situações imprevisíveis pode ser considerado uma habilidade decorrente de um esforço individual, que mereceria ser recompensado. O importante nesta atividade não é trazer respostas fechadas, mas sim demonstrar a complexidade do tema e suas possíveis repercussões na construção dos projetos de vida dos estudantes. Recomendamos a leitura do livro *A tirania do mérito*, de Michael Sandel, citado no enunciado da atividade.

Comentário

A atividade 11 mobiliza a **habilidade EM13CHS504**, pois permite analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes do discurso meritocrático no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores individuais e coletivos.

12. a. Segundo o texto, o fanatismo político está ligado à superabundância de informações – muitas delas falsas – no mundo contemporâneo.

b. Alguns psicólogos, como o inglês Peter Wason (1924-2003), chamam essa tendência de viés confirmatório, pelo qual uma pessoa seleciona as informações que confirmem ou fortaleçam suas crenças e valores e descarta as outras. Essa tendência costuma resultar de processos automáticos, não propositais. Por isso, o viés confirmatório não poderia ser totalmente evitado, mas sim combatido por meio de uma educação que desenvolva o pensamento autônomo e crítico.

c. Instigue os estudantes a utilizarem fotografias, desenhos, vídeos, gráficos e sons em suas apresentações. Recomendamos acessar a página do Conselho Nacional de Justiça que lista agências de checagem de informações atuantes no Brasil (disponível em: https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/painel-de-checagem-de-fake-news/onde-checar/. Acesso em: 27 set. 2024).

Comentário

A atividade 12 mobiliza a **habilidade EM13CHS502**, pois permite analisar as relações entre desinformação e fanatismo político no mundo contemporâneo, para desnaturalizar formas de preconceito, intolerância e discriminação difundidas por esses fenômenos e para identificar ações que os combatam, como a verificação de informações.

13. O objetivo desta atividade é articular os assuntos estudados e, com base neles, construir uma argumentação. Incentive a produção textual dos estudantes. É importante que eles compreendam que as demandas e as necessidades dos diversos grupos que compõem a sociedade civil devem ser respeitadas, discutidas e atendidas pelo Estado. Mudanças na legislação, como no exemplo do texto citado na atividade, constituem uma das ferramentas fundamentais para o atendimento dessas demandas. Além disso, é interessante comentar com os estudantes que, de modo geral, as relações entre diferentes grupos sociais e o Estado podem se transformar com o passar do tempo. Demandas que são fundamentais para determinados grupos, hoje, podem não ter sido relevantes no passado, por diversos fatores. Isso mostra que o Estado tem o dever de acompanhar os processos históricos relacionados aos distintos grupos sociais.

Lembre os estudantes de estruturarem a redação em pelo menos três partes: a introdução, que apresenta o problema; o desenvolvimento, que traz argumentos e exemplos que contribuem para a posição que se deseja tomar; e uma conclusão. Para garantir que os estudantes não façam uso de informações não confiáveis ou façam generalizações devido a falta de dados, passe para a sala algumas orientações sobre que tipos de fonte são ou não adequados e como identificá-los como tal. A redação deve ter de 8 a 30 linhas e estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

Comentário

A atividade 13, por requerer a redação de um texto dissertativo-argumentativo que discuta a proteção de pessoas LGBTQIA+ com base nos conhecimentos historicamente construídos sobre a legislação e a ação do Estado, visando promover uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva, contribui para o desenvolvimento da **competência geral da Educação Básica 1** e do tema contemporâneo transversal *Educação em direitos humanos*. O reconhecimento da homofobia e da transfobia como crimes significou uma importante medida tomada pelo Estado brasileiro para proteger as pessoas LGBTQIA+, estando em consonância com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16: *Paz, justiça e instituições eficazes*.

14. Alternativa correta: **c**. Na tirinha de Laerte, a participação política efetiva é um anseio presente na sociedade contemporânea, o que se traduz em um desejo não só de se ver inteiramente representado pelos políticos eleitos, como também de integrar a esfera decisória.

Sugestões

Livros

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Neste livro, busca-se dissecar os fundamentos, os mecanismos e a lógica do poder.

BOBBIO, Norberto *et al*. **Dicionário de política**. Brasília/São Paulo: UnB/Imprensa Oficial, 2004.

Dicionário com mais de 400 palavras-chave da política escrito por especialistas.

Periódico

Cadernos de Ética e Filosofia Política. Revista da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cefp/issue/archive. Acesso em: 27 set. 2024.

Periódico semestral com artigos acadêmicos sobre ética e filosofia política.

Capítulo 4 Territorialidade, linguagem e arte

Este capítulo propõe um estudo sobre territorialidade e suas expressões, com destaque para a linguagem e a arte. Para isso, apresentamos conceitos e teorias que buscam explicar as relações mantidas pelos seres humanos com os espaços onde vivem e constroem suas identidades, as quais adotam e desenvolvem linguagens.

A linguagem constitui um aspecto importante para o entendimento do que significa *ser* humano e, recursivamente, do próprio *entendimento* humano. Essa percepção levou à chamada "virada linguística" da filosofia durante o século XX, pois desde então a linguagem tornou-se um dos mais destacados campos de reflexão filosófica. Além disso, são relevantes os impactos das invenções ligadas a esse campo em nossos modos de agir, pensar e sentir.

Entre as formas de linguagem, destacamos a artística. Um ramo da filosofia, a estética, estuda os fundamentos e as condições pelas quais a arte é produzida, difundida e apreciada. Nesse sentido, abordamos diferentes concepções de beleza e um possível conceito de arte. No século XVIII, esse conceito começa a se diferenciar do de técnica e, no século XIX, do de beleza. A arte mescla aspectos universalistas com particularismos histórico-sociais. Não retrata fielmente, mas representa a realidade, exprimindo a experiência humana. Por fim, discutimos as dimensões éticas e políticas da atividade artística, principalmente por meio das ideias de educação estética, indústria cultural, cultura popular e valores de culto e de exposição.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre alguns temas que serão desenvolvidos no capítulo, como territorialidade e sua relação com diferentes linguagens, principalmente a artística. Ao exercitar a curiosidade intelectual e permitir a valorização de manifestações artístico-culturais, o texto se relaciona com as **competências gerais da Educação Básica 2** e **3**.

Este capítulo identifica, analisa e compara fontes e narrativas em diferentes linguagens, sobre a territorialidade, a linguagem, o belo e a arte, atendendo à **habilidade EM13CHS101**. Discute, ainda, essas matrizes conceituais e avalia criticamente seu significado histórico, em consonância com a **habilidade EM13CHS102**.

Além disso, o capítulo promove a elaboração de hipóteses, a seleção de evidências e a composição de argumentos relativos a reflexões sobre essas matrizes, seus fundamentos e desdobramentos, com base na sistematização de dados e informações de natureza filosófica, artística, científica e histórica, o que favorece o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS103**.

Procura-se, também, identificar, contextualizar e criticar oposições dicotômicas como Eu-Outro, realidade física-realidade ficcional, particular-universal, explicitando suas ambiguidades, mobilizando a **habilidade EM13CHS105**. São utilizadas e analisadas diversas linguagens para promover a comunicação, difusão de informações, resolução de problemas, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva dos estudantes acerca da territorialidade, da linguagem e da arte, favorecendo o trabalho com a **habilidade EM13CHS106**.

São analisados e avaliados os impactos das novas tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos sociais contemporâneos e os impasses ético-políticos decorrentes dessas novas tecnologias, sobretudo com vistas à criação e circulação de informações e de valores – abarcando as **habilidades EM13CHS202** e **EM13CHS504** – com ênfase na produção de diferentes territorialidades e nas culturas juvenis, possibilitando o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS205**.

Os fundamentos da ética são analisados com base na ideia de que os diferentes grupos sociais assumem e expressam suas territorialidades, linguagens e sensibilidades estéticas. Isso está de acordo com a **habilidade EM13CHS501**. A indústria cultural e as culturas de massa são debatidas e avaliadas, com o objetivo de levar os estudantes a perceberem criticamente as necessidades criadas pelo consumismo, trabalhando a **habilidade EM13CHS303**.

Por fim, a **competência geral da Educação Básica 1** é desenvolvida pelas atividades 4, 5 e 9 da seção "Oficina", nas páginas 129 a 131, que solicitam a interpretação de conhecimentos historicamente construídos: tanto alguns elaborados pela filosofia analítica sobre o mundo social e cultural para entender e explicar problemas cotidianos de comunicação quanto conceitos de filósofos como György Lukács para entender e explicar a obra de arte como o fenômeno social.

Respostas das atividades

Enfoque (página 103)

1. Apesar de a pesquisa de Edward Hall se basear em estadunidenses adultos de classe média, a classificação que resulta dela pode ser transposta para determinadas culturas no Brasil, como a compartilhada por parte da classe média que habita as grandes cidades. Entretanto, há sociedades tradicionais indígenas e quilombolas em que as fronteiras entre os espaços da intimidade, da sociabilidade e do público são diluídas. Isso pode, por exemplo, delinear uma relação mais empática com a natureza e a alteridade, em contraposição ao individualismo autocentrado de sociedades regidas pela lógica econômica nas metrópoles. Vale notar que, em geral, a base da organização social de um povo indígena – e isso considerando que existe diversidade entre os mais de 300 no Brasil – consiste na família extensa, que aglutina um número de pessoas superior ao da família tradicional europeia. Em certa medida, essa organização social funde espaços de intimidade e sociabilidade. Cf. LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Laced/Museu Nacional, 2006. p. 43-46.
2. Para cada respectivo espaço, sugerimos alguns possíveis exemplos. Espaço da intimidade: relação da mãe com o bebê e relações conjugais. Espaço da sociabilidade: relação entre colegas de trabalho ou de escola. Espaço público: relação entre pessoas que estão em uma mesma praça ou em um mesmo transporte público.

Comentário

A seção "Enfoque" mobiliza a **habilidade EM13CHS204**, pois permite comparar e avaliar a formação de territorialidades no Brasil, identificando o papel de diferentes grupos sociais e considerando a diversidade étnico-cultural brasileira.

Enfoque (página 104)

1. Entender que as territorialidades são portáteis (e não estáticas) significa compreender que elas acompanham os indivíduos e grupos. Isso permite que as pessoas, por exemplo, reconstruam (e até mesmo reelaborem) suas culturas em novos espaços.
2. Para o geógrafo Eliseu Sposito, a territorialidade consiste na característica adquirida pelo território conforme sua utilização ou apreensão pelo ser humano. Segundo o geógrafo Milton Santos, esse mesmo conceito nasce do significado que cada grupo humano atribui ao espaço, remetendo à comunhão que os grupos humanos mantêm com o lugar onde vivem.
3. É esperado que os estudantes reflitam sobre as relações existentes entre o espaço em que vivem e a formação de sua identidade. Eles podem redigir um parágrafo citando os elementos vivenciados e elaborados no espaço que fazem deles quem são, empregando alguns dos conceitos de territorialidade estudados: o de Edward T. Hall, o de Robert David Sack, o de Eliseu Sposito e o de Milton Santos. É importante ressaltar a pluralidade de conceitualizações, reforçando a noção de que não há uma única definição, mas sim diferentes visões a respeito do tema. Permita que os estudantes se expressem com criatividade. Se desejarem, eles podem até mesmo produzir crônicas ou poemas sobre o assunto, exercitando as habilidades de escrita em diferentes gêneros discursivos. Esta atividade também constitui uma oportunidade para trabalhar as múltiplas culturas juvenis com a turma.

Enfoque (página 106)

1. Incentive a análise e a leitura atenta do esquema "As potencialidades da linguagem humana". A linguagem humana é versátil porque, com ela, podemos nos referir a nós mesmos e aos outros (julgar e prescrever), ao mundo exterior (descrever e explicar) e às coisas sem existência física (criar e narrar).
2. Um dos traços da territorialidade é a linguagem. Com ela, os seres humanos podem elaborar criações coletivas, como lendas, mitos e religiões. Desse modo, a linguagem é capaz de promover uma ligação entre os membros de um grupo social que vivem em determinado lugar, em determinada época.

Enfoque (página 109)

1. É esperado que os estudantes compreendam que a expressão escrita transformou a consciência humana porque ela influenciou a forma de pensar. Nesse sentido, segundo Walter Ong, a estruturação das capacidades humanas passou a ser realizada, direta ou indiretamente, pela tecnologia da escrita.
2. Os estudantes podem considerar que, atualmente, a linguagem escrita é muito importante na comunicação com colegas e familiares (realizada por meio do uso de aplicativos de mensagens instantâneas no celular, por exemplo). Além de identificar a importância na comunicação, eles podem considerar que a leitura de livros, jornais e páginas da internet, bem como a produção textual na escola, constituem importantes momentos de uso dessa linguagem.

Enfoque (página 117)

1. É esperado que os estudantes compreendam que a afirmação "Este quadro é belo" está relacionada à ideia de universalidade subjetiva formulada por Kant. Ao fazermos essa afirmação, não identificamos uma qualidade objetiva do quadro observado, mas, sim, expressamos um juízo baseado na relação entre a coisa e nosso estado interior. Além disso, para Kant, o belo é algo que agrada universalmente, e não meramente uma questão de gosto pessoal.
2. O jogo harmonioso, para Kant, refere-se às relações entre a faculdade da imaginação e o entendimento. Para o filósofo, essas faculdades existem em todas as pessoas e devem ser utilizadas para julgar o que é belo.

Entre saberes (página 123)

1. Segundo Françoise Vergès, o museu ocidental é a instituição de arte centrada na Europa e alimentada, a partir do século XVIII, por objetos de diversas culturas não europeias. Estes, na concepção da autora, foram saqueados durante as guerras imperialistas e de colonização.
2. Vergès considera o museu um fenômeno social na medida em que as desigualdades estruturais de raça, classe e gênero, existentes na sociedade em decorrência da escravidão, do capitalismo racial e do imperialismo, são reproduzidas na instituição. Para comprovar seu argumento, a autora menciona a pilhagem dos tesouros artísticos de outros continentes – e até mesmo da própria Europa, como é o caso de parte do patrimônio grego – promovida por países como França, Alemanha e Reino Unido.
3. Os estudantes podem defender a pertinência em atrelar o tema da arte ao das mudanças climáticas. Eles podem argumentar que, assim como os museus ocidentais da Europa enriqueceram submetendo outras sociedades e pilhando seus patrimônios históricos e artísticos, mas não reconhecem esse fato, esse mesmo continente se beneficia de uma economia que impacta fortemente o meio ambiente, mas não admite sua maior responsabilidade pelos danos causados à natureza e pelas mudanças climáticas.

Comentário

A seção "Entre saberes", ao proporcionar a leitura e a análise do texto de Françoise Vergès sobre a relação dos museus artísticos ocidentais com processos históricos, permite uma interdisciplinaridade com a **habilidade da área de Linguagens e suas Tecnologias EM13LGG604**.

As reflexões apresentadas pela cientista política também são importantes para que os estudantes discutam as atuais desigualdades entre os países e sua relação com os processos de colonização, tema relacionado ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10: *Redução das desigualdades*.

Enfoque (página 126)

1. Trata-se de uma proposta baseada na ideia de que, por meio do belo, o mundo material se reconciliaria com uma forma superior de moralidade. Assim, se o belo pode despertar o bom no indivíduo, deve fazer parte de sua educação. Foi o que propôs Schiller, para quem, com a educação estética, além da educação ética, se harmonizaria e se aperfeiçoaria o mundo. Dessa forma, o indivíduo se veria menos pressionado por insatisfações e necessidades e poderia ser ele mesmo e agir de acordo com sua boa consciência, sua liberdade.
2. Espera-se que os estudantes, tendo por base os conceitos trabalhados no capítulo, mergulhem em uma reflexão ética e estética por meio de imagens e sensações guardadas em sua memória ou apresentadas em sala e depois exercitem o trabalho de organizá-las e expressá-las por meio de um texto. Para auxiliá-los na identificação e superação das próprias fragilidades argumentativas, considere pedir que corrijam, cada um, o texto de um colega. Depois, quando receberem seus textos de volta, podem reescrevê-los e entregá-los para avaliação.

Comentário

A seção "Enfoque" mobiliza a **habilidade EM13CHS103**, na medida em que permite a elaboração de hipóteses e a composição de argumentos sobre as relações entre estética e ética, com base em vivências pessoais e conhecimentos prévios, sobretudo de natureza artística.

Oficina (páginas 129-131)

1. É bom recordar que as diversas artes são formas de linguagem. A mão que desenha outra mão, enquanto esta, por sua vez, desenha aquela, é uma metáfora da ideia de que o ser humano constrói a si mesmo constantemente por meio da linguagem (circularidade linguística). A imagem reflete o poder do ser humano de ser criador e criatura, de retroalimentar a criação de suas linguagens, seu ambiente e a si mesmo.

Comentário

Com enfoque interdisciplinar, a atividade 1 desenvolve a **habilidade de Linguagens e suas Tecnologias EM13LGG601**, pois se apropria de um patrimônio artístico, a gravura de Escher, para pensar a questão da circularidade linguística humana. Além disso, a atividade mobiliza a **habilidade EM13CHS104**, pois solicita a análise de um bem da cultura material, a obra de Escher, para identificar conhecimentos que caracterizam a linguagem humana, por meio da qual as sociedades desenvolvem sua identidade e diversidade cultural.

2. Esta atividade foi inspirada em um exercício proposto pelo filósofo da educação George F. Kneller, quando ele examina traços da pessoa criativa. O que está em jogo nesse exercício é a flexibilidade intelectual. A título de exemplo, podemos citar como usos não convencionais do palito de fósforo:
   - criação de obras artísticas como móbiles, esculturas e jogos;
   - construção de figuras geométricas ou de instrumentos de cálculo;
   - experimentação das reações físico-químicas envolvidas na chama criada por palitos de fósforo.

Comentário

A atividade 2 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 2**, pois solicita que os estudantes exercitem a curiosidade intelectual sobre possíveis usos do palito de fósforo, recorrendo à imaginação e à criatividade, para elaborar hipóteses com base nos conhecimentos das artes, da matemática e das ciências naturais.

3. A frase refere-se à tese do papel ativo e gerativo da linguagem. Há muitos fatos que a apoiam: todas as declarações históricas, como a de independência dos Estados Unidos, a dos direitos humanos, "Digam ao povo que fico", "Independência ou morte" de D. Pedro I etc. O voto, entendido como um "sim" a um candidato, é outro exemplo de linguagem como ação. O político que decepciona seus eleitores mostra uma situação em que era melhor o silêncio (dele ou o silêncio de não ter votado nele). Espera-se que os estudantes também enveredem pelo terreno pessoal, conectando a tese às próprias vivências ou a acontecimentos atuais. Se oportuno, pode-se ler ou ouvir, com os alunos, alguns discursos marcantes. Citamos como exemplo o discurso de Ailton Krenak na Assembleia Constituinte de 1987 (disponívelem: https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/162846; acesso em: 10 set. 2024).

Comentário

A atividade 3 mobiliza a **habilidade EM13CHS101**, pois permite que os estudantes identifiquem, analisem e comparem narrativas relacionadas ao papel ativo da linguagem como geradora de realidades.

4. **a.** A filosofia analítica caracterizou-se pela análise lógica da linguagem, procurando esclarecer o sentido das expressões e seu uso no discurso linguístico, no intuito de desfazer equívocos e mal-entendidos originados de comunicação ambígua. Por sua vez, Russell revela sua preocupação com a correta formulação de um enunciado para não gerar um problema sem solução, como alguns dos problemas filosóficos, que, no seu entender, seriam fruto de imprecisões da linguagem comum. A crítica de Russell se refere a discussões em que os elementos centrais do debate (palavras-chave) não estão definidos entre os debatedores. A partir daí, mergulhamos num jogo de palavras vazias porque não se estabeleceu o sentido exato dos termos utilizados.

b. Incentive os estudantes a pensarem em exemplos concretos de problemas cotidianos decorrentes dessas falhas de comunicação. Explique que certos conflitos do dia a dia poderiam ser evitados se os envolvidos explicitassem, com clareza e respeito, o sentido de suas palavras e atos.

5. O "Wittgenstein tardio" é uma alusão à segunda fase do percurso filosófico desse autor. Na primeira fase, compartilhou as preocupações de seu mestre Russell a respeito da busca de uma estrutura lógica que pudesse dar conta do funcionamento da linguagem. Depois, deu uma guinada de 180° e abandonou essa intenção de fazer da linguagem a "pintura da realidade". A linguagem não seria mais, para o "Wittgenstein tardio", a captura conceitual da realidade, e sim uma atividade, um jogo, adquirindo seu significado no uso social, nos diferentes modos de ser e de viver nos quais a fala e a escuta estão inseridas. Ao afirmar que a linguagem seria uma caixa de ferramentas, com usos variados, Wittgenstein não tem mais a preocupação de considerá-la falsa ou verdadeira. O que lhe interessa é identificar seus usos e significados em cada contexto social. Russell não aceitava essa interpretação, considerando-a pouco "séria" e "preguiçosa". Para ele, Wittgenstein formulou uma doutrina que torna "desnecessário" o pensamento sério.

6. Para realizar essa atividade, recomendamos:

- o verbete *hip-hop*, do **Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira** (disponível em: https://dicionariompb.com.br/termo/hip-hop-2/; acesso em: 27 set. 2024);
- a entrevista com o *rapper* Thaíde concedida a Mano Brown, no programa *Mano a Mano*, que pode ser acessado por meio das plataformas de *podcast*;
- a entrevista com o antropólogo Ricardo Tepperman sobre o *rap* (disponível em: https://univesp.br/noticias/se-liga-no-som-as-transformacoes-do-rap-no-brasil; acesso em: 27 set. 2024).

Comentário

Atividade interdisciplinar com a **área de Linguagens e suas Tecnologias** que visa estimular a criatividade dos estudantes, desenvolver a habilidade autoral coletiva por meio da linguagem artística e valorizar as produções culturais dos afrodescendentes no continente americano, o que contribui para o desenvolvimento da **habilidade EM13LGG603**. Além disso, a **habilidade EM13CHS502** também é desenvolvida, pois solicita-se que os estudantes analisem situações da vida cotidiana para desnaturalizar e problematizar formas de injustiça social por meio da criação de um *rap*.

7. **a.** Como teoria do belo e de suas manifestações por meio da arte, a estética pretende alcançar um conhecimento que vem do sentir humano (sensações, emoções, memórias, raciocínios etc.), tendo como principal objeto de investigação a obra de arte. Nesse sentido, ela difere da lógica e da matemática, cujos conhecimentos estão fundados, de modo geral, na razão.

b. Kant considerava que o belo era definido pelo jogo entre entendimento e imaginação, faculdades do conhecimento. Como estava ligado à estrutura do pensamento, o belo seria semelhante para todos os seres humanos. Já para Hegel, partindo da perspectiva histórica, o relativo consenso acerca de quais são as coisas belas mostra que o entendimento do que é belo depende do momento histórico e do desenvolvimento cultural da sociedade. Esses dois fatores determinariam certa visão de mundo, a partir da qual algumas coisas seriam belas, e outras, não. Schopenhauer, por outro lado, dizia que o belo é eterno porque não se submete às injunções do conhecimento e do mundo empírico. Por isso, o prazer estético aliviaria o sofrimento humano, provocado pela insatisfação da vontade, na medida em que nos permite vislumbrar – ainda que momentaneamente – o mundo em sua plenitude, para além da transitoriedade dos fenômenos.

c. Suzanne K. Langer propôs que arte é a prática de criar formas perceptíveis expressivas do sentimento humano. Analisando resumidamente esses termos, podemos entender que a arte: 1) é uma atividade humana que combina a habilidade (prática) com a imaginação (criação); 2) busca formas capazes de serem percebidas por nossa mente ou sistema nervoso, sejam elas musicais, gestuais, arquitetônicas, verbais etc.; 3) pretende expressar o sentir humano.

8. **a.**, **b.** e **c.** Atividade que favorece o protagonismo juvenil ao propor a realização de entrevistas e sua análise pelos estudantes. Os argumentos podem variar, mas podemos dizer que, basicamente, objetivistas e subjetivistas estariam em desacordo. O objetivista diria que "gosto se discute, sim", pois concebe que a beleza é algo que existe como atributo das coisas, válida de maneira universal, independentemente de quem as observa. Para o subjetivista, porém, o conceito de beleza se formaria pela experiência sensível particular, de acordo com a forma como cada pessoa é afetada pelo objeto que considera belo. Então, essa perspectiva tenderia a considerar, como o fez Hume, que o gosto é formado majoritariamente pela cultura em que vive cada pessoa, sendo, portanto, subjetivo.

Nesse caso, a beleza seria uma questão cultural. Certifique-se de que, na hora de escreverem o texto sintetizando suas conclusões, os alunos explicitem os dados pesquisados e se utilizem dos teóricos estudados no livro como base para suas argumentações, o que evitará o uso de informações não confiáveis.

Comentário

A atividade 8 mobiliza a **habilidade EM13CHS102**, pois permite que os estudantes reflitam sobre as circunstâncias culturais da matriz conceitual "beleza", comparando as narrativas sobre o belo formuladas na tradição filosófica com aquelas elaboradas pelas pessoas entrevistadas.

9. A frase reflete a ideia de que a arte é um fenômeno social, no sentido de que o artista, como ser histórico, é afetado por seu meio e, por intermédio da obra de arte, manifesta sua maneira de sentir o mundo em que vive, as alegrias, angústias, problemas e esperanças de seu momento histórico. Todavia, no conceito de arte como fenômeno social também está implícita a ideia de conversação, pois toda obra de arte tem a necessidade de repercussão e precisa de um público que se encontre com essa manifestação. E, quando isso acontece, esse público também é afetado ao sentir o que o artista sentiu.

10. Schiller defendia a arte ideal, independentemente de interesses materiais, submetida apenas às necessidades do espírito. Nesse trecho, ele denuncia a subordinação crescente da atividade artística ao "grande ídolo" de seu tempo (e do nosso): o lucro. Desde então, já se iniciava a relação perversa entre arte e indústria cultural, que levaria ao fenômeno da cultura de massa dos séculos XX e XXI. Nela, a arte transforma-se em um produto qualquer, que deve ser vendido. Pautada por interesses econômicos, a cultura de massa é homogeneizada e repetitiva, no sentido de reproduzir à exaustão determinado fenômeno de venda. Assim, ela desestimula o espírito inovador e empobrece o cenário cultural. O receio de Schiller há 200 anos não era, portanto, infundado.

Comentário

A atividade 10 desenvolve a **habilidade EM13CHS504**, pois permite que os estudantes avaliem os impasses ético-políticos decorrentes do surgimento da cultura de massa no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores dos indivíduos e grupos sociais diante da obra de arte.

11. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a temática da indústria cultural apresentada no capítulo, pesquisem os meios de comunicação e as atividades culturais e desenvolvam um espírito crítico a esse respeito. E depois, em um debate com colegas, tenham a oportunidade de expor sua posição e os dados reunidos para defendê-la, bem como de conhecer outras experiências e percepções, entendê-las e discuti-las.

Comentário

A atividade 11 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, pois permite que os estudantes analisem se a educação estética constitui um fundamento da ética, identificando processos da indústria cultural que contribuiriam para a formação de sujeitos que valorizam a liberdade, a cooperação, a autonomia, a convivência democrática e a solidariedade.

12. Alternativa correta: **c**. O texto de Merleau-Ponty indica a importância da filosofia da percepção em nos fazer "reaprender a ver o mundo". E o texto de Deleuze compara as atividades dos filósofos e cineastas; estes pensam por meio de imagens, aqueles pensam por meio de conceitos. Ambos os autores indicam que é possível conhecer por meio do "olhar", da sensibilidade.

13. Alternativa correta: **b**. Ambos os textos apresentam a dificuldade de ter um critério único para definir o que é legitimamente artístico. O texto I ressalta que o conceito de arte não é claro e evidente, pois é uma construção histórico-cultural. O texto II exemplifica que o grafite era considerado um crime e, posteriormente, foi aceito como arte urbana.

14. Alternativa correta: **d**. Segundo os pensadores da Escola de Frankfurt, a arte e os bens culturais, na sociedade marcada pela indústria cultural, estão submetidos aos interesses do sistema capitalista. Desse modo, eles são encarados como produtos do mercado, como "negócios", com lógicas de reprodução semelhantes à lógica que reproduz as mercadorias colocadas à venda.

Sugestões

Livros

COLI, Jorge. **O que é arte**. (Col. Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1995.

Análise das diferentes concepções de arte ao longo da história.

DANTO, Arthur. **O que é arte**. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

Investigação sobre o alcance e os limites do conceito de arte.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.

O filósofo brasileiro aborda a constituição da obra de arte desde a Antiguidade clássica até os dias contemporâneos.

MILLER, Alexander. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Loyola, 2010.

Exame de autores e temas da filosofia da linguagem.

UNIDADE 3

ÉTICA E CIDADANIA

No trabalho com abertura de unidade, nas páginas 132 e 133, os estudantes têm a oportunidade de realizar uma reflexão sobre os próprios valores éticos, a partir da análise da relação que possuem com o consumo, família, amigos e instituições nas quais estão envolvidos em atividades cotidianas (escola, igreja, centro comunitário, clube, entre outras).

Nesse momento, é importante incentivar a turma a compartilhar experiências pessoais similares às situações descritas no primeiro parágrafo, utilizando isso como ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre a própria construção dos valores éticos ao longo da vida. Nesse caso, os estudantes devem ser convidados a refletir sobre um processo gradual de aquisição de crenças e princípios, influenciado pelo olhar do outro e pela transmissão de conhecimento entre gerações, que ajudam a moldar visões de mundo e estabelecer padrões de comportamento e atitudes.

Para finalizar, sugere-se que a turma se organize em pequenos grupos e defina coletivamente o conceito de ética, com base nos questionamentos realizados durante a discussão. Esse formato de atividade não apenas estimula a expressão oral dos alunos e a retomada de experiências pessoais, mas também promove a aplicação de conceitos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, permitindo explorar as próprias subjetividades e questionar valores com base nos relatos e nas perspectivas dos colegas.

Objetivos de aprendizagem desta unidade

1. Identificar o conceito de ética, comparando normas morais e jurídicas e destacando a teoria de Jean Piaget sobre desenvolvimento da consciência moral, seus períodos e suas características.
2. Relacionar os conceitos de consciência moral, responsabilidade, liberdade e determinismo, examinando os fundamentos da ética formulados por Thomas Hobbes, Jean-Paul Sartre, Baruch Espinosa e Karl Marx.
3. Identificar diversas formas de violência, analisando concepções sobre suas prováveis causas e principais vítimas, com destaque para teorias instintivistas e socioambientalistas.
4. Explicar os conceitos de escolha, valor moral e conflito ético, comparando grandes correntes axiológicas (subjetivismo, objetivismo, historicidade e pluralismo).
5. Compreender o caráter histórico-social e pessoal da construção de valores morais, com base nas transformações culturais, como a revolução das mulheres, o advento do *rock* no mundo contemporâneo e o uso da inteligência artificial.
6. Identificar e comparar os valores éticos e pressupostos que embasariam as práticas filosóficas dos sofistas e de Sócrates, bem como analisar o dualismo corpo-alma como fundamento da ética de Platão e a teoria das quatro causas como fundamento da ética de Aristóteles.
7. Estabelecer semelhanças e diferenças entre a ética estoica e epicurista na Antiguidade tardia, bem como compreender a questão da graça divina e a relação entre liberdade e pecado em Agostinho de Hipona na Idade Média.
8. Identificar e interpretar o imperativo categórico kantiano, distinguindo a ação por dever da ação conforme o dever.
9. Conhecer e comparar a dialética da relação indivíduo-sociedade nas visões de Hegel e de Marx, assim como analisar a crítica de Nietzsche aos valores morais dominantes, contrapostos a valores afirmativos da vida.
10. Identificar o bem-estar coletivo como finalidade da ação humana no utilitarismo de Bentham e Stuart Mill, bem como analisar aspectos da teoria da ação comunicativa proposta por Habermas.

Capítulo 5 A conduta ética

Este capítulo contextualiza e problematiza alguns caminhos da reflexão ética por meio da compreensão e da análise de suas diversas expressões. Por refletir sobre o fazer humano em sua amplitude, a ética é inerentemente interdisciplinar. Suas concepções são constantemente evocadas para debater temas da vida pública e privada, ligados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e demais áreas do conhecimento. Não é por acaso que seu estudo integra, de certo modo, as grades curriculares de toda Educação Básica e Superior.

Assim, as questões éticas possibilitam ao estudante do Ensino Médio desenvolver um conjunto de procedimentos, como identificar e comparar conceitos, interpretar textos e imagens, analisar experiências pessoais e sociais. Esses procedimentos mobilizam as ideias apresentadas neste capítulo, que aborda desde a distinção entre normas morais e jurídicas até a distinção entre subjetivismo, objetivismo e historicidade axiológica; desde debates sobre as formas e causas da violência até concepções filosóficas de liberdade e de determinismo. Com isso, mais do que transmitir conceitos e localizá-los na tradição (o que também é importante), busca-se formar cidadãos capazes de decidir e agir de forma autônoma e responsável, com base em princípios democráticos, inclusivos e solidários.

Neste capítulo, além dos exemplos das revoluções femininas e juvenis do século XX, abordamos os impasses éticos provocados pelo uso da inteligência artificial no século XXI, o que permite um trabalho em conjunto com professores da área de Linguagens e suas Tecnologias, em especial de Informática.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura busca fazer os estudantes refletirem sobre os temas do capítulo, despertando a curiosidade sobre impasses éticos, e refletindo sobre as ações que o indivíduo toma a partir de princípios éticos, o que auxilia no desenvolvimento da **competência geral da Educação Básica 10**.

O capítulo mobiliza a **habilidade EM13CHS101**, ao identificar, analisar e comparar fontes e narrativas sobre a ética, a liberdade, o determinismo, a violência, os valores morais e suas transformações, e a **habilidade EM13CHS102**, ao discutir essas matrizes conceituais e avaliar criticamente seu significado histórico.

Além disso, o capítulo promove o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS103**, com a elaboração de hipóteses, a seleção de evidências e a composição de argumentos relativos às reflexões sobre essas matrizes e aos seus fundamentos e desdobramentos, baseando-se na sistematização de dados e informações de natureza filosófica, artística, científica e histórica.

No capítulo, procura-se, também, identificar, contextualizar e criticar oposições dicotômicas como liberdade-determinismo, bem-mal e subjetivismo-objetivismo, explicitando suas ambiguidades, conforme a **habilidade EM13CHS105**. São utilizadas e analisadas diversas linguagens para promover a comunicação, a difusão de informações, a resolução de problemas, o protagonismo e a autoria

na vida pessoal e coletiva dos estudantes acerca dessas reflexões éticas, como prevê a **habilidade EM13CHS106**.

Para trabalhar a **habilidade EM13CHS501**, são analisados os fundamentos da ética desenvolvidos por pensadores de diferentes culturas, tempos e espaços, como Thomas Hobbes, Jean-Paul Sartre, Baruch Espinosa, Karl Marx, Adolfo Sánchez, Mary Wollstonecraft, Umberto Eco e Mario Sergio Cortella. Ao tratar sobre Marx, foram identificados e analisados o desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção, ou seja, as transformações ocorridas nos modos de produção, mobilizando a **habilidade EM13CHS401**.

O capítulo convida o estudante a analisar situações da vida cotidiana, valores e condutas, para desnaturalizar e problematizar formas de desigualdade, preconceito e discriminação, em especial ao tratar da axiologia moral, dos conflitos éticos e das formas e origens da violência, praticando assim a **habilidade EM13CHS502**. Destaca-se a identificação de diversas formas de violência, suas principais vítimas e prováveis causas, bem como a avaliação de mecanismos para combatê-las, aprimorando a **habilidade EM13CHS503**.

Também, desenvolvendo a **habilidade EM13CHS504**, são analisados e avaliados os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo (como as lutas feministas, o *rock* e a inteligência artificial) e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Além disso, os assuntos tratados no capítulo auxiliam no desenvolvimento do tema contemporâneo transversal *Educação em direitos humanos*, ao tratar da questão da ética e da moral na sociedade, como a busca por direitos dos marujos durante a Revolta da Chibata e a luta por igualdade de direitos, respeitando-se a diferença dos gêneros. Ainda é possível desenvolver o tema contemporâneo transversal *Ciência e tecnologia* na página 139, com a tirinha de Stephan Pastis e o boxe "Dica", que apresentam a questão das redes sociais, e na seção "Entre saberes" (páginas 158 e 159), que trabalha com os assuntos da ética e da inteligência artificial.

Respostas das atividades

Enfoque (página 137)

1. Os olhos vendados são um dos elementos tradicionais de representação da justiça e estão relacionados com a ideia de que, segundo o princípio da isonomia, todos são iguais perante a lei. Esse símbolo indica, portanto, imparcialidade.
2. A balança relaciona-se com a equidade, o equilíbrio e a ponderação que devem existir na hora de decidir sobre a aplicação das leis.
3. A espada indica coerção, força, o poder que a justiça deve ter para fazer cumprir as leis e defender o direito.

Comentário

As atividades do boxe "Enfoque" mobilizam as **competências gerais da Educação Básica 2** e **3**, na medida em que permitem valorizar e fruir representações artísticas da justiça e exercitar a curiosidade, a imaginação e a criatividade, investigando o significado dos elementos que constituem essas representações.

Enfoque (página 141)

1. Na tirinha, há dois personagens conversando. Eles falam sobre o mistério da vida, considerando que não conseguimos prever ou controlar o futuro. E dizem até mesmo que não é possível saber até quando eles estarão ali ("A gente nunca sabe quando será a última tirinha...").
2. É esperado que os estudantes percebam que as falas dos personagens na tirinha são incompatíveis com as ideias de Hobbes. Aceitar a incerteza sobre o futuro, que constitui o mistério da vida, não é uma possibilidade no determinismo hobbesiano, uma vez que para ele não há espaço para o acaso e para a liberdade incondicionada. Segundo o filósofo, a liberdade não seria um atributo da vontade, mas apenas do agente como corpo.

Enfoque (página 146)

1. Segundo Marx, as condições concretas do modo de produção de uma sociedade dependem do desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção. Por sua vez, as relações sociais também dependem do modo de produção estabelecido. Dessa maneira, para Marx, uma concepção de liberdade deve levar em conta as relações sociais e as condições concretas de existência.
2. É esperado que os estudantes retomem aspectos da crítica feita por Marx à concepção abstrata de liberdade, que, segundo ele, constitui um aspecto da ideologia dominante de uma sociedade. Para Marx, os seres humanos não conseguem fazer sua própria história "do jeito que querem", porque precisam, necessariamente, fazê-la levando em consideração as condições materiais (concretas) de existência.

A violência: formas e causas (página 147)

O texto principal trata da violência, lembrando que as diversas desigualdades da sociedade ajudam a torná-la violenta. Assim, ao combater a violência, será necessário trabalhar as suas causas, ou seja, desenvolver políticas que reduzam as desigualdades. Dessa forma, o texto contribui para contemplar as prerrogativas estabelecidas pelo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10: *Redução das desigualdades*.

Enfoque (página 152)

1. Segundo a visão de Adolfo Sánchez Vázquez, os valores são criados (ou construídos) na relação histórico-social que se estabelece entre o sujeito e o(s) objeto(s).
2. É esperado que os estudantes organizem, utilizando o esquema de sua preferência, as seguintes informações: para Adolfo Sánchez Vázquez, o valor não reside somente no objeto nem somente no sujeito; o valor (tido como criação humana) é construído na relação histórica entre o sujeito e o objeto. Para os subjetivistas, o valor decorre da preferência de um sujeito, assim, as coisas e as ações não têm valor em si mesmas; para os objetivistas, os valores vêm do mundo das ideias, e as coisas e as ações têm valor em si mesmas (o valor decorre, nesse caso, das propriedades intrínsecas das coisas).

Enfoque (página 155)

1. Na década de 1960, a taxa de fecundidade era de 6,28, ou seja, mulheres na idade fértil, de 15 a 49 anos, tinham em média mais de seis filhos. Essa taxa foi diminuindo progressivamente até chegar a 1,76, na década de 2020, o que indica que mulheres em idade fértil têm menos de dois filhos.
2. Uma das principais hipóteses que explicam a redução da taxa de fecundidade no Brasil entre as décadas de 1960 e 2020 é a difusão da pílula anticoncepcional, do uso de preservativos e da esterilização. A utilização desses métodos contraceptivos reflete, em parte, o desejo dos casais de ter menos filhos em função do ingresso da mulher no mercado de trabalho e das dificuldades para sustentar e educar um número maior de crianças.

Comentário

O boxe "Enfoque", na medida em que trabalha com a formulação de hipóteses relativas a processos sociais, desenvolve a **competência geral da Educação Básica 2** e a **habilidade EM13CHS103**. Por tratar da participação efetiva das mulheres no mercado de trabalho e na vida econômica do país, a atividade se conecta, ainda, ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5: *Igualdade de Gênero*.

Entre saberes (páginas 158-159)

1. Para a autora, não é suficiente garantir que os dados utilizados pela inteligência artificial estejam corretos e sejam coerentes com a realidade, porque também é necessário que não carreguem visões parciais ("vieses") e preconceitos que impregnam a realidade. Por isso, é fundamental compreender que dados não são neutros e exigem constante e cuidadosa atualização. Caso contrário, a inteligência artificial pode reproduzir visões parciais e preconceituosas.
2. A teoria da probabilidade permite uma espécie de quantificação da incerteza e está associada a procedimentos aleatórios que, ao serem repetidos sob as mesmas condições, podem fornecer resultados diferentes. De modo geral, ao lançarmos uma moeda dez vezes para o alto, a probabilidade de ela cair no chão com a face "cara" voltada para cima é de 50%, bem como é de 50% a probabilidade de que ela caia com a face "coroa" voltada para essa mesma direção. No caso do concurso de beleza e do processo de recrutamento mencionados no texto, quanto mais a base de dados sobre a qual esses processos se debruçam estiver "viciada" com um mesmo tipo de imagem e de perfil, maior a probabilidade de que o resultado seja conforme esse padrão. A atividade, na medida em que mobiliza o conceito matemático de probabilidade, auxilia na **habilidade de Matemática e suas Tecnologias EM13MAT312**.
3. A inteligência artificial pode reproduzir e consolidar formas de violência institucional decorrentes de preconceitos presentes na sociedade, como o racismo, o machismo, a LGBTQIA+fobia, o capacitismo etc. Suas principais vítimas no Brasil são os negros, os indígenas, as mulheres, a população LGBTQIA+ e as pessoas com deficiência.
4. O estudante pode argumentar que um uso responsável da inteligência artificial implica, por exemplo, que as empresas e os governos sejam transparentes quanto aos dados utilizados e estabeleçam princípios éticos para trabalhar com essas informações, os quais podem vir a constituir regimentos internos, no caso da iniciativa privada, ou legislações, no caso do Estado. Além disso, um uso ético da inteligência artificial requer avaliação crítica para não se difundirem preconceitos e estereótipos reproduzidos por esse tipo de tecnologia. Outra discussão que pode ser levantada diz respeito à necessidade do uso da inteligência artificial generativa respeitar o direito autoral dos criadores dos conteúdos reproduzidos.

Comentário

Essa seção e suas atividades permitem compreender os princípios e as funcionalidades da inteligência artificial, com vistas a utilizá-la de forma ética, criativa e responsável. Também possibilitam analisar os fundamentos e os impasses ético-políticos decorrentes dessa tecnologia, por meio de situações da vida cotidiana, problematizando formas de preconceito e discriminação, identificando formas de violência e suas principais vítimas e promovendo ações para combater essas violências. Por isso, são trabalhadas a **habilidade de Linguagens e suas Tecnologias EM13LGG701** e as **habilidades EM13CHS501**, **EM13CHS502**, **EM13CHS503** e **EM13CHS504**.

Oficina (páginas 160-161)

1. Com frequência, em diferentes contextos, as reflexões éticas buscam responder a perguntas fundamentais como: o que devemos fazer? Como devemos ser? Como devemos agir para ser bons, justos e felizes? Se somos verdadeiramente livres, quais são as origens da maldade ou da violência? O estudante também poderá pensar especificamente nos "grandes" problemas éticos atuais, que não deixam de guardar relação com essas questões fundamentais, como os que se referem à responsabilidade de cada um pela desigualdade, pela exclusão, pela pobreza da maioria da população do país e do mundo, pela preservação da natureza e pelos avanços tecnológicos, entre outros dilemas.

Comentário

A atividade 1 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, na medida em que permite analisar os fundamentos da ética com base em questões do mundo contemporâneo, visando à formação de sujeitos éticos, livres, cooperativos e solidários.

2. As normas morais e as normas jurídicas assemelham-se por serem estabelecidas pelos membros de uma sociedade e por destinarem-se a regulamentar as relações nesse grupo de pessoas. Apresentam-se como imperativos que buscam estimular certas condutas e desestimular outras, com base nos valores próprios de cada sociedade. Ambas possuem caráter histórico, isto é, mudam de acordo com as transformações histórico-sociais. Particularizando-as, podemos dizer que as normas morais são regras de conduta que têm como base a consciência moral das pessoas, suas convicções íntimas, e estendem-se por toda a coletividade por meio dos costumes e das tradições. As normas jurídicas, por sua vez, são regras sociais que têm por base o poder punitivo do Estado sobre as pessoas que descumprem essas regras. Pode-se ressaltar que o Estado de direito é orientado pelo princípio de legalidade expresso na Constituição Federal: "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (BRASIL. [Constituição (1988)], tít. II, cap. I, art. 5º, inc. II). Por último, vale destacar que as normas morais pertencem ao domínio da moral e da ética, ao passo que as normas jurídicas, ao campo do direito.

Comentário

A atividade 2 mobiliza a **habilidade EM13CHS501** da BNCC, pois permite analisar os fundamentos da ética a partir das diferenças básicas entre normas morais e normas jurídicas.

3. O ser humano tem uma consciência moral, ou consciência de si, ou seja, é capaz de analisar a própria conduta e formular juízos sobre seus atos passados e presentes e sobre suas intenções futuras. Esses juízos são opiniões, julgamentos que cada pessoa formula sobre sua conduta, com base em convicções íntimas e valores. Nesse processo, a pessoa tem também a possibilidade de fazer escolhas, de decidir como quer atuar ou como quer que as coisas caminhem na vida. Essa possibilidade de escolha chama-se liberdade, prerrogativa para seguir as normas ou para desprezar aquelas com as quais não esteja de acordo. Isso quer dizer que, no campo moral, resta ao indivíduo a possibilidade de exercer alguma liberdade, apesar de todas as determinações histórico-sociais implicadas.

Comentário

A atividade 3 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, porque possibilita analisar os fundamentos da ética, sobretudo os conceitos de consciência moral, juízo, escolha e liberdade, que contribuem para a formação de sujeitos éticos, cooperativos e solidários.

4. A afirmação refere-se à interpretação de que, se uma pessoa age de uma maneira considerada moralmente incorreta, mas o faz não por escolha, e sim porque não teve alternativa – ou porque foi coagida a praticar tal ação –, não é possível responsabilizá-la por isso. É o caso, por exemplo, de uma pessoa que mente sob ameaça de morte. Quando, porém, há liberdade de escolha e a pessoa opta pela conduta que é mais conveniente para si, embora infrinja as normas morais vigentes, essa pessoa poderia ser considerada responsável e julgada por seus atos, como o indivíduo que mente simplesmente porque obtém com isso algum benefício particular, embora possa prejudicar terceiros.

Comentário

A atividade 4 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, porque procura analisar a liberdade como fundamento para julgar moralmente uma conduta, o que contribui para formar sujeitos livres, autônomos e solidários.

5. O pensamento hobbesiano, além de materialista (para ele, a filosofia é a ciência dos corpos), é fundamentalmente mecanicista

(explica toda a realidade pelo movimento dos corpos, determinado matemática e geometricamente). Nesse determinismo, em que os movimentos se derivam pela necessidade de nexos causais predeterminados, não há espaço para a liberdade incondicionada, ou seja, para a vontade que causa a si mesma. Nesse sentido, Hobbes conceitua a liberdade negativamente, como a ausência de impedimentos para o movimento, o que é compatível com seu determinismo.

Comentário

A atividade 5 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, pois permite analisar os fundamentos da ética hobbesiana e seu conceito de liberdade negativa.

6. A concepção de liberdade de Espinosa decorre de sua concepção de Deus. Para o autor, Deus é racional e imanente, ou seja, manifesta-se no mundo, na natureza, em todas as coisas. Em consequência, tudo seria compreensível porque esse Deus racional está em tudo, é a causa de tudo. Para Espinosa, a filosofia seria o conhecimento racional de Deus (ou Natureza). Dessa forma, compreender a natureza universal de Deus equivaleria a compreender que a liberdade humana consiste na consciência da necessidade.

Comentário

A atividade 6 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, na medida em que permite analisar os fundamentos da ética de Espinosa e a relação que o filósofo estabelece entre liberdade e necessidade.

7. Ocorre uma relação dialética entre indivíduo e sociedade quando, de um lado, determinado indivíduo assimila os princípios morais desde a infância como herança cultural, e, de outro, esse mesmo indivíduo, em um processo de assimilação ativa de princípios morais, pode não só apoiá-los e confirmá-los, mas também interferir em sua formulação e mesmo contestá-los. Nesse caso, quando interfere ou contesta, pode contribuir para a transformação das normas e dos costumes morais.

Comentário

A atividade 7 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, porque possibilita analisar a relação dialética entre indivíduo e sociedade, que se expressa nas continuidades e rupturas da moralidade dominante.

8. **a.** A ação moralmente correta é aquela em que o indivíduo adere conscientemente a uma norma moral e a cumpre, reconhecendo-a como legítima. A ação moralmente má ou incorreta é aquela que contraria determinada norma moral, embora o indivíduo que a pratique não tenha a intenção de contestá-la.

b. Na ação moralmente incorreta, o indivíduo simplesmente não cumpre a norma, sem a intenção de questionar sua legitimidade. Já em uma situação de conflito ético, ele se recusa conscientemente a cumprir uma norma moral por entendê-la inadequada ou ilegítima.

Comentário

A atividade 8 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, pois permite comparar uma conduta correta e uma conduta incorreta, do ponto de vista moral, distinguindo-as do conflito ético.

9. **a.** Segundo o texto, o autor está convencido de que existem padrões comuns a todas as culturas que decorrem das posições do nosso corpo no espaço.

b. O texto cita como atividades que são compreendidas em todas as culturas: ficar parado, caminhar, estar deitado ou de pé, falar, ouvir, ver, dormir etc.

c. De acordo com o texto, a "corporalidade" permite deduzir "direitos do corpo", como o respeito pela integridade física, pela liberdade de expressão, pela liberdade de locomoção etc.

Comentário

A atividade 9 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, porque permite analisar alguns argumentos do pensador Umberto Eco em favor do objetivismo moral.

10. É uma oportunidade para que o estudante se posicione sobre um tema e discuta sua opinião. Recomenda-se incentivar o debate, retomando pensadores que tenham definido o ser humano partindo de uma essência, como Descartes, para quem o homem é fundamentalmente uma substância pensante. Pode-se, ainda, aprofundar alguns aspectos do pensamento de Sartre. Para o filósofo, o ser humano é entendido como uma realidade imperfeita, aberta e inacabada. Assim, a característica tipicamente humana seria o não ser, o nada do ente para-si. Esse nada, próprio da existência, faz do ser humano um ente não estático, não compacto, acessível às possibilidades de mudança. O ser humano seria livre, justamente por esse "vazio de ser", por não estar totalmente preso à realidade estática do ser pleno, do ser em-si. Mas, no entanto, está submetido a um conjunto de circunstâncias históricas, de limites, *a priori*, que esboçam sua situação fundamental no universo (a condição humana). A vida humana não seria um caminho linear em direção ao progresso, ao êxito e ao crescimento. Em Sartre, pelo exercício da liberdade, a existência humana é cercada de condições e de incertezas, de busca de sentidos, da necessidade de convivência com os outros e da certeza da morte. Ressalte que Sartre, posteriormente, incorporou a seu pensamento as reflexões do marxismo e reconheceu que era muito extensa a liberdade atribuída por ele ao ser humano, considerando que tinha exagerado ao desprezar o peso das pressões sociais e dos vínculos culturais sobre os indivíduos.

Comentário

A atividade 10 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, pois permite analisar os fundamentos da ética com base no existencialismo de Jean-Paul Sartre.

11. **a.** Com sua frase, Ortega y Gasset indica que o valor da vida de uma pessoa (o que sou) abrange tanto a individualidade de cada um (eu) como suas relações com o outro (minha circunstância). Assim, a história de vida de um indivíduo só pode ser avaliada levando-se em conta sua história com outras pessoas.

b. Atividade de contextualização e posicionamento crítico dos estudantes. Para Cortella, o propósito ético de uma vida deve ter como valor a melhoria da vida coletiva, e não somente individual. Espera-se que os estudantes reflitam sobre as relações entre essas instâncias (individual e coletiva) na construção de seus projetos de vida.

Comentário

A atividade 11 trabalha a **habilidade EM13CHS501**, pois permite analisar o sentido ético individual e coletivo da vida, com base em um texto de Mario Sergio Cortella.

12. Atividade de contextualização, pesquisa e argumentação escrita. Hoje, há muitas polêmicas envolvendo questões éticas a respeito de temas como clonagem, transgênicos, pesquisa em seres humanos e em animais, eutanásia, aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outros. Em alguns países, condutas que um dia foram consideradas deformação moral (como as relações homoafetivas ou o divórcio) ou mesmo crime (como o aborto e a eutanásia) começaram a ser aceitas por parcelas maiores da população, até que se produziu uma legislação que lhes deu suporte jurídico. Há também casos bem mais simples e restritos aos costumes, como a presença da mulher em certos recintos, o uso de saias curtas, o beijo em público e a relação sexual antes do casamento. Na correção do texto do estudante, o importante é que ele tenha identificado os argumentos utilizados por diferentes grupos, favoráveis e desfavoráveis a cada conduta em conflito, e os valores subjacentes a esses argumentos. Por exemplo, as discussões sobre aborto costumam girar em torno dos direitos reprodutivos femininos e de valores como os de vida e família. É fundamental identificar os significados que diferentes grupos sociais atribuem a cada um desses valores, pois, desses significados

será possível compreender e analisar seus pontos de vista. Também é possível perguntar, por exemplo, até que ponto essas atribuições são abstratas ou concretas, mantêm ou não alguma correspondência com a realidade social. Ressalte que, nas discussões sobre conflitos éticos, é fundamental haver respeito aos direitos humanos.

Comentário

A atividade 12 permite analisar situações da vida cotidiana, valores e condutas, com vistas à desnaturalização e à problematização de formas de preconceito, intolerância e discriminação, bem como permite avaliar impasses éticos decorrentes de transformações no mundo contemporâneo. Por isso, desenvolvem-se as **habilidades EM13CHS502** e **EM13CHS504**.

13. Alternativa correta: **e**. A violência não é concebida como o desconhecimento do sujeito quanto a diretrizes morais (I), mas sim como uma ação: que exerce força física e coação psíquica contra um indivíduo, tirando-lhe a liberdade de escolher sua conduta (II); individual que uma sociedade considera má, criminosa ou viciosa (III); que lesiona a integridade física e psíquica de um indivíduo (IV); que objetifica um sujeito, por exemplo, ao escravizá-lo ou torturá-lo (V).

14. Alternativa correta: **c**. Não há constrangimento por olhares de reprovação (a) ou um costume imposto pelos pais (b), porque a mãe de Mafalda a observa com curiosidade (não com reprovação), e o sentimento de Mafalda partiu de dentro dela ("o inquilino que a gente tem aqui dentro"). Também não se trata de um "inquilino" no sentido literal, denotativo, de locatário (d), mas sim no sentido metafórico de um sentimento moral (c). Tampouco há menções a eventuais castigos na tirinha (e).

15. Alternativa correta: **d**. A ética, na filosofia, estuda as normas morais, que se originam dos valores partilhados por um grupo social em determinado tempo e espaço. As normas morais servem para orientar e, muitas vezes, fundamentar as ações humanas. Nesse sentido, a ética filosófica (utilizando-se de pressupostos racionais e de argumentação) procura compreender a origem e as consequências das normas morais.

Sugestões

Livros

DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladmir; TIBURI, Marcia *et al*. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

Com enfoque interdisciplinar, os autores abordam grandes problemas éticos contemporâneos, principalmente ligados às noções de verdade e pós-verdade.

NOVAES, Adauto (org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Diversos autores contemporâneos renomados discutem temas relacionados à ética.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Obra clássica e acessível sobre os fundamentos filosóficos da ética.

Periódico

ethi@. Revista da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/index. Acesso em: 10 out. 2024.

Periódico trimestral com artigos acadêmicos sobre ética.

Capítulo 6 Ética na história

Este capítulo propõe uma análise das éticas propostas por diversos filósofos ao longo da história, desde a Antiguidade clássica até o mundo contemporâneo. Para compreender as concepções sobre o assunto desenvolvidas na tradição filosófica, com frequência foi necessário abordar as ideias metafísicas, políticas e gnosiológicas de cada filósofo.

O objetivo foi permitir um contato mais aprofundado dos estudantes com os fundamentos e os desdobramentos das reflexões éticas propostas pelos diversos autores apresentados. Sempre que possível, essas reflexões são comparadas, como no caso dos sofistas e Sócrates; Platão e Aristóteles; os estoicos e os epicuristas; Kant, Hegel e Marx; Kant, os utilitaristas e Habermas. Destaca-se a seção "Contraponto", que permite comparar os princípios das éticas kantiana e utilitarista.

Os debates éticos estabelecidos na tradição filosófica permanecem vivos em diferentes visões contemporâneas sobre a conduta humana. Nesses debates, é possível perceber transformações nos conceitos de ser humano, racionalidade, felicidade, virtude, liberdade, dialética, entre outros. A ideia é munir os estudantes de ferramentas para refletir sobre essas temáticas, situando-se na tradição e aprofundando o que foi apresentado no capítulo anterior, intitulado "A conduta ética".

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre impasses e diferentes concepções de ética que serão desenvolvidos no capítulo. Ao exercitar a curiosidade sobre esses assuntos, o texto da Abertura se relaciona com a **competência geral da Educação Básica 1**.

O eixo central do capítulo consiste na análise dos fundamentos da ética formulados pelos sofistas, por Sócrates, por Platão, por Aristóteles, pelos estoicos, pelos epicuristas, por Agostinho de Hipona, por Kant, por Hegel, por Marx, por Nietzsche, por Bentham e Mill e por Habermas. Esse trabalho favorece o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS501**. Ao fazer essa análise, são comparadas diferentes fontes e narrativas em diversas linguagens sobre esses fundamentos, conforme a **habilidade EM13CHS101**.

Nessa linha, a partir da **habilidade EM13CHS102**, também são discutidas as circunstâncias culturais, sociais, políticas e econômicas das matrizes conceituais "ser humano", "razão", "bem", "justiça", "verdade", "felicidade", "liberdade", "dever", "história", "niilismo", "utilidade" e "comunicação".

Além disso, são identificadas e contextualizadas oposições dicotômicas como corpo-alma, saber-fazer, sensível-inteligível, vício-virtude, iluminismo-obscurantismo e apolíneo-dionisíaco, explicitando-se suas ambiguidades, o que está de acordo com a **habilidade EM13CHS105**.

Por fim, também é possível desenvolver, a partir dos boxes "Saiba mais" e "Enfoque" (página 167), o tema contemporâneo transversal *Ciência e tecnologia*, ao utilizar a tirinha de Fábio Coala que apresenta a atualização do "mito da caverna" de Platão para os dias atuais com o uso do *smartphone* e com o mundo virtual. Ainda, pode-se refletir sobre os temas contemporâneos transversais *Educação em direitos humanos* e *Vida familiar e social*, ao tratar do filósofo Jürgen Habermas com a sua teoria da ação comunicativa (página 190) e da comunicação não violenta, que é apontada no boxe "Saiba mais" (página 191) para lidar com contextos como a escola e a família.

Respostas das atividades

Enfoque (página 165)

1. Essa pintura de Jacques-Louis David representa Sócrates na prisão dialogando com seus discípulos sobre o tema da imortalidade da

alma pouco antes de beber a taça de cicuta. Por sua centralidade e por parecer estar em diálogo, a figura com túnica branca representa Sócrates. Além disso, é a ela que é entregue a taça com o veneno que mataria o filósofo.

2. Os discípulos são representados com tristeza e indignação, perturbados pela condenação injusta do mestre.

Enfoque (página 167)

1. Segundo o mito da caverna, os prisioneiros no interior dela tinham uma compreensão equivocada da realidade, tomando a mera aparência como realidade: as sombras projetadas no fundo da caverna por objetos externos. A tirinha inverte essa relação de aparência/realidade: a sombra do menino projetada na parede da caverna é real quando comparada ao mundo de aparências observado por ele na tela de um *smartphone*.
2. Há pelo menos duas críticas presentes na tirinha. A primeira delas, expressa na atitude do menino, isolado e profundamente concentrado na tela de um *smartphone*, com seus olhos "vidrados", denuncia a distração excessiva dos usuários causada por esses dispositivos. Essa condição produz alheamento em relação à realidade e confinamento das relações interpessoais ao mundo virtual. A segunda crítica pode ser extraída do jogo entre realidade e aparência construído com base na alusão ao mito da caverna: a vida digital frequentemente representa um mundo de aparências que não tem lastro real.
3. O estudante pode assumir diferentes posições. Pode endossar a crítica do cartunista, argumentando que o mundo virtual produz distanciamento em relação ao real (alheamento) e a ilusão de atribuir realidade a algo que é mera aparência. Pode também, confrontando essa crítica, mostrar os aspectos positivos dos recursos digitais, como o potencial de democratizar o acesso à informação, de facilitar a comunicação instantânea e de gerar empregos por meio de recursos como os aplicativos.

Comentário

Ao analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações interpessoais, a atividade 2 da seção "Enfoque" desenvolve a **habilidade EM13CHS403**.

Enfoque (página 170)

1. Para Epicuro, o bem e o mal residem nas sensações, e a morte seria justamente a privação (a falta ou a supressão) delas. Além disso, quando estamos vivos, a morte não está presente. Ela, por essas duas razões, não significa nada para nós.
2. É esperado que os estudantes compreendam que a ataraxia é o termo usado para sinalizar um estado marcado pela ausência da dor e por características como quietude, serenidade e imperturbabilidade da alma. Há uma expectativa também de que eles consigam relacionar essa ideia com o contexto geral do texto de Epicuro, em especial com o trecho em que ele considera que os "tolos" se afligem com o estado de medo diante da espera pela morte. Nesse caso, a ataraxia é importante para que os indivíduos obtenham, de forma racional, serenidade e quietude para não se afligirem com o medo da morte.

Enfoque (página 175)

1. Agostinho, diferentemente do intelectualismo moral, compreende que razão e vontade são dissociáveis. É por isso que, para ele, o mal deriva de uma vontade viciada que subordina a razão às paixões.
2. Segundo Agostinho, o pecado surge de uma escolha, por meio do livre-arbítrio, para satisfazer uma vontade má, mesmo sabendo que essa escolha está voltada para o mal.

Enfoque (página 178)

1. A charge relaciona a contradição atual da maioria da população que, devido a suas condições econômicas, não dispõe do que seriam direitos básicos como educação, saúde e saneamento. Assim, lendo a obra sob a luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos, impõe-se a pergunta: será que nascemos mesmo todos iguais?
2. "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos", como diz a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ou, ainda, a lei é válida igualmente para todos, na formulação de Kant. Porém, os seres humanos, quando nascem, já o fazem em uma sociedade desigual, sob condições diversas uns dos outros, sem, muitas vezes, sequer terem condições de exercer as liberdades mais básicas contidas na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Comentário

A seção "Enfoque" permite comparar diferentes fontes expressas em diversas linguagens para a compreensão de ideias filosóficas, propondo também a análise de situações da vida cotidiana e valores éticos, desnaturalizando e problematizando as desigualdades sociais, bem como identificando ações que promovam os direitos humanos e a solidariedade. Com isso, trabalha as **habilidades EM13CHS101** e **EM13CHS502**.

Além disso, a reflexão dos estudantes em relação à leitura da charge e do texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos contribui para que se desenvolva as prerrogativas estabelecidas pelo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10: *Redução das desigualdades*.

Enfoque (página 180)

1. O movimento dialético é caracterizado por diversos momentos sucessivos e contraditórios, sendo que o anterior ajuda a constituir o posterior; é como o botão, o qual é sucedido pela flor, sendo que essa contradiz aquele; é como a flor, que antecede o fruto, sendo que esse contradiz aquela.
2. Para Hegel, a contradição e a unidade não são ideias incompatíveis, pois o movimento dialético mostra que a realidade não é estática. Seguindo o exemplo da planta, embora a flor suceda o botão e contradiga esse, ambos, flor e botão, são momentos da unidade que é a planta.

Enfoque (página 185)

1. Porque, para Candido, aquilo que é aceito tacitamente, "sem atritos internos e externos", acaba se transformando em algo repetido automaticamente; incorporado à rotina, não ensejando mudanças nem reflexões por parte das sociedades.
2. É esperado que os estudantes retomem o texto de Antonio Candido e, em um exercício de interpretação, consigam compreender que ele concorda com as ideias de Nietzsche. Candido, no início do texto, aborda o problema da aceitação tácita dos valores, feita sem questionamento, discorrendo sobre como isso se transforma em uma amarra para o desenvolvimento das sociedades, e completa seu pensamento dizendo que "Nietzsche ensina a combater a complacência, a mornidão das posições adquiridas, que o comodismo intitula moral [...]". E considera ainda que "[...] a obra de Nietzsche nos pretende sacudir, arrancar deste torpor [...]".

Contraponto (página 189)

1. Kant afirma que tudo o que é empírico não só é inútil, como também é prejudicial à própria natureza dos costumes. O filósofo, então, recusa a experiência empírica em sua ética formalista.

pois afasta do princípio da ação prática incondicionada quaisquer determinantes contingentes e subjetivos.

2. A ética formalista de Kant recusa a experiência subjetiva, tendo em vista a formação de um princípio prático que tenha validade universal, ao passo que a ética utilitarista de Bentham se serve da subjetividade empírica, ao considerar o modo como cada um é afetado pela dor e pelo prazer.

3. Dado que Kant procura formular uma lei moral que seja objetivamente válida para todos e que desconsidere tendências subjetivas, sua ética se articula com as noções de razão e universalidade. Já a ética de Bentham assegura essas mesmas noções na defesa de um princípio moral que tenha validade para qualquer pessoa, mas o faz concedendo espaço legítimo para a subjetividade e para a experiência.

Comentário

A seção "Contraponto" e suas atividades mobilizam a **habilidade EM13CHS501**, pois promovem a análise e a comparação de textos de Kant e Bentham sobre os fundamentos da ética.

Oficina (páginas 192-193)

1. Na esteira da herança socrática, a ética grega estava fundamentada na razão, entendida como capaz de um saber universal e, portanto, de uma moral universal. Para Sócrates, o ser humano que agia conforme a razão o fazia corretamente e o vício resultava da ignorância. Platão entendia que o corpo, por ser a sede dos desejos e das paixões, muitas vezes desvia o indivíduo do caminho do bem. Assim, para alcançar a ideia do bem, seria necessário "purificar-se" do mundo material. Aristóteles, por sua vez, dizia que o fim último de toda ação humana é a felicidade e que a maior delas se encontra na vida teórica, promovida pela razão. Dessa forma, a ética dos três principais filósofos gregos clássicos é considerada racionalista.

Comentário

A atividade 1 trabalha a **habilidade EM13CHS501**, pois permite analisar os fundamentos da ética desenvolvidos na Grécia clássica, contribuindo para a formação de sujeitos éticos que valorizem a autonomia e a convivência democrática.

2. Basicamente, pode-se dizer que as semelhanças seriam a forma dialógica de reflexão (Sócrates também desenvolvia o saber filosófico em praças públicas, conversando com todos que se interessassem pelas discussões que propunha) e a preocupação com a problemática do ser humano (abandonando a temática cosmológica dos filósofos pré-socráticos). Diferiam, porém, em muitas coisas: Sócrates não cobrava de seus discípulos; era dogmático (buscava a essência das coisas, o conhecimento verdadeiro), combatia o relativismo e censurava o uso da retórica para atingir interesses particulares, entre outras.

3. O tema não é livre de discordância entre estudiosos, mas a interpretação predominante é que Sócrates dialogava com quem se interessasse – cidadãos, estrangeiros e escravizados, ricos e pobres –, sem se importar com a posição socioeconômica do interlocutor. No entanto, a maioria da população (composta de escravizados, estrangeiros e mulheres) não participava da democracia ateniense. Além disso, ele questionava tudo, incluindo crenças e valores predominantes na sociedade. Assim, Sócrates rompia com as regras político-sociais, sendo considerado uma ameaça para o regime então vigente.

Comentário

A atividade 3 permite ao estudante selecionar evidências e, partindo delas, elaborar hipóteses para compor argumentos relativos à condenação de Sócrates, trabalhando, por isso, a **habilidade EM13CHS103**.

4. Segundo Platão, a alma está ligada ao mundo das ideias – eternas, permanentes, imutáveis e perfeitas –, ao passo que o corpo se relaciona com o mundo das sensações – transitórias, efêmeras, mutáveis e imperfeitas. A alma seria superior ao corpo, porque as sensações nos enganam, desviam-nos do caminho do bem, do belo e do verdadeiro. Não é por acaso que, na parábola, Platão compara a alma a uma carruagem puxada por dois cavalos alados e um cocheiro, os quais sobrevoam o mundo das ideias, um lugar supra celeste. Porém, dada a dificuldade de harmonizar as diferentes partes da alma, a carruagem desce do mundo das ideias para o mundo sensível, onde se encarna em um corpo. Mesmo presa a um corpo, no mundo sensível, a alma humana pode se recordar das ideias que vislumbrou enquanto sobrevoava a região supra celestial do mundo inteligível. Essa recordação depende de uma purificação, uma elevação, do mundo sensível ao mundo das ideias, em direção à ideia de bem, que deve guiar a conduta humana. É interessante apresentar aos estudantes o trecho em que Platão narra a parábola da carruagem na obra *Fédro*, 246a-254e.

Comentário

A atividade 4 mobiliza as **habilidades EM13CHS101** e **EM13CHS105**, pois propõe a comparação entre os conteúdos estudados neste capítulo sobre a ética platônica e a parábola dos cavalos alados, bem como a identificação e a contextualização da oposição dicotômica do corpo e da alma, em uma de suas formulações mais influentes na história do pensamento ocidental.

5. Na concepção ética aristotélica, toda ação humana tem como finalidade última a felicidade. Porém, em geral, o ser humano equivoca-se nessa busca, seja por excesso, seja pela falta, tanto nos atos como nas paixões. Assim, Aristóteles recomendava, para uma vida virtuosa, o meio-termo, o equilíbrio entre esses dois extremos, entendidos como os vícios. A virtude estaria no ponto médio entre eles. Ressalte-se que esse equilíbrio não é fixo, isto é, não pode ser estabelecido de antemão, pois varia de acordo com a circunstância ou ocasião (onde, quando, quanto, com quem, com o quê, como etc.).

Comentário

A atividade 5 leva o estudante a analisar os fundamentos da ética aristotélica, que se baseia na teoria do meio-termo ou da mediania, e, por isso, desenvolve a **habilidade EM13CHS501**.

6. O epicurismo é uma corrente filosófica fundada por Epicuro, para quem o prazer seria o princípio e o fim de uma vida feliz. Ele valorizava, no entanto, os prazeres mais duradouros que encantam o espírito, como a boa conversação e a contemplação das artes; e condenava os prazeres mais imediatos, como os movidos pelas paixões, pois no final podem resultar em dor e sofrimento. Os estoicos, por sua vez, propunham o dever, vinculado à compreensão da ordem cósmica, como o melhor caminho para a felicidade. Seria feliz aquele que vivesse segundo sua própria natureza, a qual, por sua vez, integra a do universo. As duas escolas tinham em comum a defesa de uma atitude de austeridade física e moral, a busca de um estado de ausência de dor, serenidade plena e de imperturbabilidade da alma (a ataraxia).

Comentário

A atividade 6 trabalha a **habilidade EM13CHS501**, pois confronta os fundamentos das éticas estoica e epicurista.

7. A ética cristã é assim chamada porque a filosofia do período medieval europeu foi produzida pelos primeiros padres da Igreja Católica. Assim, as concepções éticas que se desenvolveram nesse período levam a marca do cristianismo. Diferenciam-se da ética grega por abandonarem a visão racionalista, entendendo o caminho ético como aquele que é orientado pelo amor a Deus e pela boa vontade. Além disso, atribuem à subjetividade

uma importância até então desconhecida, ao tratar a moral do ponto de vista estritamente pessoal, como uma relação entre cada indivíduo e Deus, isolando-o de sua condição social.

Comentário

A atividade 7 propõe a análise dos fundamentos da ética medieval, baseada na ideia de um Deus cristão, comparando-a à ética grega. Desse modo, mobiliza-se a **habilidade EM13CHS501**.

8. **a.** Agostinho defendia a tese da supremacia do espírito sobre o corpo, isto é, que a alma teria sido criada por Deus para reinar sobre o corpo e dirigi-lo à prática do bem. Mas o ser humano pecador, utilizando-se do livre-arbítrio, costumaria inverter essa relação, fazendo o corpo assumir o governo da alma.

b. Diferentemente dos gregos, Agostinho entendia que a vontade é uma força que determina a vida, e não uma função específica ligada ao intelecto. Como a liberdade humana estaria vinculada à vontade, e não à razão, ela seria a fonte do pecado, já que o indivíduo peca fazendo uso de seu livre-arbítrio para satisfazer sua vontade, mesmo sabendo que tal atitude é pecaminosa ou vai contra a razão.

c. Para Agostinho, a virtude é o bom uso do livre-arbítrio. Se tudo vem de Deus, que é bondade infinita, ao tentar explicar como pode existir o mal no mundo, o filósofo formulou a tese de que cada indivíduo pode escolher livremente entre se aproximar de Deus ou se afastar Dele: o afastamento seria o mal, a aproximação, o bem. Como cada indivíduo pode usar bem ou mal esse livre-arbítrio, é no bom uso da liberdade de escolha que está a virtude, e no seu contrário, o vício.

d. A ética pagã baseia-se na noção grega de autonomia da vida moral, isto é, na ideia de que o ser humano pode se salvar por si só, sendo bom e fazendo boas obras, sem a necessidade da ajuda divina. Por sua vez, o conceito de graça divina traz implícita a ideia de que o esforço pessoal não basta, pois o homem nada pode conseguir sem a graça de Deus, e essa será concedida somente a alguns eleitos, predestinados à salvação.

Comentário

A atividade 8 desenvolve as **habilidades EM13CHS105** e **EM13CHS501**, pois permite analisar os fundamentos da ética agostiniana, bem como identificar e contextualizar as oposições dicotômicas corpo e espírito, virtude e vício e bem e mal na filosofia cristã medieval.

9. Atividade reflexiva de contextualização, argumentação e autoconhecimento, que traz o conteúdo filosófico estudado e especula sobre suas consequências práticas, propiciando uma reflexão concreta do estudante sobre suas crenças e suas práticas e sobre o que elas implicam em termos humanos, pessoal e socialmente. Incentive os estudantes a identificarem e a analisarem cenários concretos para embasar seu posicionamento nas redações. Alguns exemplos são: o que ocorre com alguém que todo dia só pensa em dinheiro, ou sente inveja de todas as pessoas, ou comete violência contra animais? A análise pode refletir sobre os desdobramentos éticos desses cenários. Recorde aos estudantes que pensar e sentir também são ações, pois têm consequências práticas.

Lembre o estudante de estruturar sua redação em pelo menos três partes: a introdução que apresenta o problema, o desenvolvimento que traz argumentos e exemplos que contribuam para a posição que você deseja tomar, e uma conclusão. A redação deve ter de 8 a 30 linhas e estar de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.

Comentário

A atividade 9 permite refletir sobre situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores e condutas, bem como identificar ações que promovam a solidariedade e o respeito às liberdades individuais, trabalhando, assim, a **habilidade EM13CHS502**.

10. A ética moderna é considerada antropocêntrica porque, com o humanismo renascentista, o ser humano e suas possibilidades voltaram a ser o centro das reflexões filosóficas, o que orientou uma concepção ética centrada na autonomia humana e em valores oriundos da compreensão acerca do que seria a natureza humana. Isso se observa na frase do iluminista Voltaire, que qualifica o "desprezo" social como o maior "freio natural" e regulador do indivíduo nas ações injustas. Nada de fundamentações teológicas, transcendentes, como na ética cristã. O que é insuportável para o indivíduo é ser desprezado por seus semelhantes, maior punição que ele pode sofrer por seus erros.

Comentário

A atividade 10 mobiliza a **habilidade EM13CHS501**, pois permite analisar os fundamentos da ética moderna, em especial a desenvolvida durante o Iluminismo, visando à formação de sujeitos éticos, livres, cooperativos, autônomos, democráticos e solidários.

11. A ética kantiana caracteriza-se por ser uma ética do dever, o dever entendido como expressão da racionalidade humana, única fonte legítima da moralidade. O ato virtuoso, para Kant, é aquele praticado conforme uma máxima moral que o sujeito estabeleceu para si mesmo de maneira consciente, entendendo-a como passível de universalização para além de sua situação particular. Isso se expressa na seguinte citação presente na página 177, sobre o imperativo categórico: "Age apenas segundo uma máxima [um princípio] tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal". Assim, as normas morais devem ser obedecidas como deveres, mas se trata de um tipo de dever que se confunde com a própria noção de liberdade. Isso porque, para Kant, o indivíduo livre é aquele que obedece a uma norma moral que impôs a si mesmo racionalmente. Trata-se daquilo que a razão, no uso de sua liberdade, determinou como correto. Assim, a sujeição à norma moral é o reconhecimento de sua legalidade, conferida pelos próprios indivíduos racionais. Para o filósofo, há virtude quando o indivíduo se submete à força das máximas na realização de seu dever, de acordo com a ética kantiana.

Comentário

A atividade 11 permite analisar os fundamentos da ética kantiana, sobretudo os conceitos de ação por dever, de imperativo categórico e de liberdade, contribuindo para a formação de sujeitos éticos. Por isso, mobiliza-se a **habilidade EM13CHS501**.

12. Atividade de contextualização e posicionamento crítico. É interessante retomar alguns conceitos da filosofia hegeliana. Explique que Hegel entendia a realidade como Espírito em constante movimento dialético, isto é, a realidade apresenta-se para ele sempre como momentos sucessivos e contraditórios entre si (tese, antítese e síntese), levando a uma crescente superação do estágio anterior. Em Hegel, dialética não é um método de pensar a realidade, e sim o movimento da própria realidade. Desse modo, compreender a dialética da realidade exige um trabalho árduo da razão. Seria preciso entender que o espírito se manifesta em três instâncias: espírito subjetivo (consciência individual), espírito objetivo (instituições e costumes historicamente produzidos pelos seres humanos) e espírito absoluto (arte, religião e filosofia). Segundo Hegel, a história é o desdobramento do espírito objetivo no tempo. Desse ponto de vista, ela seria uma contínua evolução da ideia de liberdade, desenvolvendo-se segundo um plano racional, mediante o movimento dialético, isto é, um momento de tese, seguido de um momento de antítese, que levaria a uma etapa superior, o momento de síntese. Para tornar o debate mais concreto, incentive os estudantes a pesquisarem exemplos de desigualdades sociais presentes no Brasil e a refletir sobre suas origens e seus desdobramentos ao longo da história do país.

Comentário

A atividade 12 possibilita analisar, de forma crítica, os fundamentos da ética hegeliana, em especial suas concepções de dialética, racionalidade e história, contribuindo para a formação de sujeitos éticos. Desse modo, mobiliza-se a **habilidade EM13CHS501**.

13. a. No campo da tradição filosófica, Nietzsche criticou duramente a produção filosófica ocidental baseada em Sócrates. Uma de suas "dinamites" relaciona-se à separação dos dois princípios complementares da realidade, o apolíneo (termo que remete a Apolo, deus da razão, da clareza, da ordem) e o dionisíaco (termo que remete a Dionísio, deus da aventura, da música, da fantasia, da desordem). Para Nietzsche, ao optar pelo culto à razão, o pensamento socrático secou a seiva criadora da filosofia, contida na dimensão dionisíaca.

b. No campo da moral, a "dinamite" foi o estudo da origem e da história dos valores morais (genealogia). Isso o levou à tese de que não existem as noções absolutas de bem e de mal, pois estas surgem da história humana, ou seja, são os seres humanos os verdadeiros criadores dos valores morais. E grande parte das pessoas adotaria uma "moral de rebanho", baseada na submissão irrefletida aos valores dominantes da civilização cristã e burguesa.

c. No campo das religiões, a mesma genealogia da moral levou Nietzsche a diagnosticar a "morte de Deus", isto é, a rejeição pela cultura contemporânea da crença em um ser absoluto, transcendental, capaz de traçar "o caminho, a verdade e a vida" para o ser humano. Como construções humanas, as religiões não seriam a "única verdade", e sim uma das interpretações possíveis do mundo.

Comentário

A atividade 13 desenvolve a **habilidade EM13CHS501**, uma vez que permite analisar os fundamentos da ética nietzschiana, particularmente suas críticas à tradição filosófica, à moralidade e à religião judaico-cristã.

14. a. Hegel insere-se nessa tendência contemporânea ao questionar o formalismo kantiano e considerar a fundamentação histórico-social dos sistemas morais de cada sociedade. Para ele, a moralidade assume conteúdos diferenciados ao longo da história das sociedades e a vontade individual seria apenas um dos elementos da vida ética de uma sociedade em seu conjunto. A moral seria o resultado de uma relação entre cada indivíduo e o conjunto social. Por sua vez, em Marx, essa tendência contemporânea expressa-se na concepção de que todo sistema moral, por originar-se do contexto histórico-social, também se constitui em uma ideologia. Isso se daria porque o conjunto de normas desse sistema expressa uma forma de consciência própria a cada momento do desenvolvimento da existência social. Nesse sentido, certas normas sociais (morais, jurídicas etc.) seriam expressões da ideologia dominante que visariam impor determinados valores, considerados necessários à manutenção dessa sociedade.

b. Bentham e Stuart Mill enquadram-se nessa tendência contemporânea por basearem a ação ética em situações concretas avaliadas pelos indivíduos e sociedades segundo o princípio de utilidade. Esse princípio identifica a ação moral com a ação útil, ou seja, aquele que busca produzir o maior grau de bem-estar (ou felicidade) ao maior número de pessoas possível. A felicidade, para eles, depende de um nível básico de bem-estar material e de bem-estar coletivo, pois um indivíduo não poderia ser feliz enquanto muitos vivem na miséria.

c. Habermas segue essa tendência contemporânea ao propor uma ética discursiva fundada no diálogo e no consenso entre os sujeitos, uma aposta na capacidade de entendimento entre as pessoas. Buscar-se-ia, assim, uma ética democrática e não autoritária, baseada em valores validados e aceitos consensualmente. Dessa maneira, o que se procuraria nesse diálogo seria o estabelecimento de uma razão comunicativa, não existente de maneira pronta e acabada, mas construída com base em uma argumentação que leva a um entendimento entre os indivíduos.

Comentário

A atividade 14 permite analisar os fundamentos da ética contemporânea concebida por alguns filósofos, buscando contribuir para a formação de sujeitos éticos, livres, cooperativos, autônomos, democráticos e solidários. Por isso, mobiliza-se a **habilidade EM13CHS501**.

15. Alternativa correta: **c**. Na sequência do trecho citado da *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant questiona-se: "Que aconteceria se a minha máxima se transformasse em lei universal?". O filósofo afirma que essa lei universal seria contraditória, pois impossibilitaria a própria promessa de pagamento, uma vez que todos saberiam que ela seria mentirosa. Por isso, a máxima da falsa promessa de pagamento se opõe ao princípio de que toda ação humana seja válida como norma universal, isto é, possa ser convertida em imperativo categórico.

16. Alternativa correta: **e**. A teoria habermasiana do agir comunicativo é fundada em relações interpessoais em que o consenso entre os sujeitos é um ideal almejado e possível, o que torna incorretas as assertivas (a), (b), (c) e (d).

17. Alternativa correta: **e**. De modo geral, podemos considerar que a ética influencia as condutas (ações) humanas e, ao mesmo tempo, é influenciada por essas condutas. Uma das preocupações da ética, nesse sentido, é compreender os modos de agir dos grupos sociais, entendendo, também, os pressupostos éticos relacionados a esses modos de agir.

Sugestões

Livros

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Ética**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Antologia de textos sobre ética escritos por grandes filósofos.

PEGORARO, Olinto A. (org.). **Ética**: dos maiores mestres através da história. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Comentários sobre importantes pensadores da ética, desde Platão e Aristóteles até John Rawls, Amartya Sen e Jürgen Habermas.

TORRES, João Carlos Brum (org.). **Manual de ética**: questões de ética teórica e aplicada. São Paulo: Vozes, 2014.

Artigos acadêmicos sobre ética escritos por mais de trinta especialistas.

UNIDADE 4 TRABALHO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A abertura desta unidade, nas páginas 194 e 195, explora o conceito de trabalho, apresentando uma oportunidade para os estudantes refletirem a respeito do significado e da importância do trabalho na vida de cada um.

A reflexão é composta de diversos questionamentos, cujo objetivo é investigar, de modo inicial, as expectativas e os caminhos que os estudantes desejam traçar em relação ao mercado de trabalho, aliando a dignidade e a cidadania ao seu projeto de vida. Além disso, os estudantes são encorajados a considerar as perspectivas de seus familiares sobre as atividades profissionais que exercem com base no que costumam relatar como preferências, insatisfações e expectativas.

Para desenvolver essa reflexão, é essencial garantir um ambiente seguro e acolhedor no qual os estudantes se sintam à vontade para expressar suas opiniões. É importante incentivá-los a participar da atividade e exercer a escuta ativa, o respeito ao momento de fala do colega e a tolerância às possíveis diferenças de perspectivas que costumam surgir em debates democráticos.

Por último, é recomendável organizar os estudantes em grupos para que possam desenvolver, de modo colaborativo, uma concepção inicial de trabalho. Ao final da unidade, sugere-se retomar coletivamente a conclusão dos estudantes, verificando se o conceito foi aplicado de forma adequada.

Objetivos de aprendizagem desta unidade

1. Identificar e analisar diferentes concepções de trabalho construídas na tradição filosófica por Aristóteles, Tomás de Aquino, John Locke, Friedrich Hegel e Karl Marx.
2. Distinguir os significados da alienação em diferentes áreas do conhecimento, com destaque para o direito, a psicologia e a filosofia, identificando suas principais características no debate filosófico.
3. Investigar o problema da alienação nos âmbitos do trabalho, do consumo, da cultura, das relações humanas e do lazer, discutindo a exploração e a lógica de produção e reprodução do sistema capitalista.
4. Problematizar a relação do consumismo com o *status* social, a felicidade e a oneomania, com vistas à promoção do autoconhecimento e do consumo responsável.
5. Discutir os impactos do desenvolvimento tecnológico na esfera do trabalho, capaz de ensejar uma sociedade do tempo livre ou uma sociedade do desemprego.
6. Identificar e analisar diferentes concepções de amor construídas na tradição filosófica, com base na classificação proposta por André Comte-Sponville e nas reflexões de Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona e Erich Fromm.
7. Distinguir o amor submissão-dominação do amor autêntico de acordo com a análise de Erich Fromm.
8. Analisar a definição de amor como ato de vontade proposta por bell hooks, apresentando suas características, incompatibilidades e relações com o autoconhecimento e a ética.
9. Problematizar a reificação e a descartabilidade dos laços humanos no mundo contemporâneo, com base no conceito de amor líquido proposto por Zygmunt Bauman.
10. Discutir a importância da construção de projetos de vida, analisando o papel da educação e os movimentos da consciência presentes nesse processo, bem como relacionando-o ao projeto profissional e à possibilidade de elaboração de *ikigais*.

Capítulo 7 Trabalho e alienação

Este capítulo aborda uma importante dimensão da existência humana: o trabalho. Analisar aspectos do mundo do trabalho contribui para que os estudantes compreendam produções culturais, relações de exploração, processos de alienação e formas de consumo e de lazer, além de fornecer perspectivas sobre seus futuros pessoais e profissionais.

Assim, investigar o trabalho atende a uma das finalidades gerais da Educação Básica, previstas na Constituição da República Federativa do Brasil, art. 205: "[o] pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

O trabalho, como atividade pela qual transformamos a natureza para satisfazer nossos desejos, necessidades e interesses, é considerado por alguns filósofos um traço distintivo do ser humano em relação aos outros animais. Nesse sentido amplo, o trabalho humano sempre existiu na história, assumindo diversas formas que refletiram relações de poder de acordo com o contexto. Na Antiguidade, foi contraposto ao ócio; na Idade Média, foi exaltado como sofrimento voltado para a salvação da alma; na Idade Moderna, foi visto como instituidor da propriedade privada; na Idade Contemporânea, foi elogiado como modo de autoconstrução humana e criticado, nas sociedades capitalistas, como atividade degradante da vida.

A análise da face degradante do trabalho permite abordar o processo de alienação, que transborda para a formação de nossas identidades, o consumo e o lazer.

Destaca-se a seção "Contraponto", que aborda perspectivas de futuro em relação ao mundo do trabalho diante das novas tecnologias digitais de informação e comunicação e apresenta tanto a visão mais otimista do italiano Domenico de Masi como a visão mais pessimista do sul-coreano Byung-Chul Han.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre os temas que serão desenvolvidos no capítulo. Ao exercitar a curiosidade sobre as diferentes concepções de trabalho, o texto de abertura auxilia na explicação da realidade e se relaciona com a **competência geral da Educação Básica 1**.

No capítulo, promove-se a identificação, a análise e a comparação de diferentes fontes e narrativas que analisam as circunstâncias culturais das matrizes conceituais trabalho e alienação, favorecendo o desenvolvimento das **habilidades EM13CHS101**, **EM13CHS102** e o tema contemporâneo transversal *Trabalho*. Ao longo do capítulo e, sobretudo, na seção "Contraponto", são analisados e avaliados os impactos das tecnologias na estruturação de dinâmicas sociais contemporâneas, assim como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais, desenvolvendo a **habilidade EM13CHS202** e o tema contemporâneo transversal *Ciência e tecnologia*.

O capítulo analisa as relações entre sujeitos e grupos sociais diante das transformações tecnológicas e das formas de trabalho ao longo do tempo, refletindo sobre a visão histórica do trabalho e os processos de alienação que atingem as relações de trabalho, consumo e lazer, contribuindo para o desenvolvimento da **habilidade**

EM13CHS401. Também analisa o desemprego estrutural associando indicadores de trabalho a desigualdades socioeconômicas e aos impactos das transformações tecnológicas, desenvolvendo as **habilidades EM13CHS402** e **EM13CHS403**. Esses múltiplos aspectos do trabalho, em diferentes contextos históricos, são discutidos levando em conta seus efeitos sobre as gerações, em especial os mais jovens, permitindo o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS404**.

Além disso, é debatido e avaliado o papel da indústria cultural e das culturas de massa, por meio da propaganda, e o lazer alienado, no estímulo ao consumismo, o que contribui para desenvolver a **habilidade EM13CHS303**. São analisados os impactos socioambientais decorrentes de práticas coletivas e individuais, bem como as origens dessas práticas na alienação do trabalho e do consumo, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas por esse processo e à adoção de hábitos sustentáveis, desenvolvendo a **habilidade EM13CHS304** e o tema contemporâneo transversal *Educação para o consumo*.

Respostas e comentários

Enfoque (página 197)

1. A frase de Marx se relaciona, em termos gerais, com o conceito de trabalho discutido nesta página, uma vez que podemos considerar que trabalho é toda atividade (realizada no material) na qual o ser humano utiliza sua energia para satisfazer necessidades ou atingir determinado objetivo (a urgência em satisfazer determinadas necessidades ou o desejo de atingir um objetivo, seja individual, seja coletivo, encontra-se na consciência do sujeito).
2. Incentive a produção escrita dos estudantes, comentando que o conceito de trabalho se modificou ao longo do tempo, dependendo da cultura, do contexto histórico, dos grupos dominantes em determinada sociedade e em determinada época etc. Comente também que é possível conceituar trabalho levando em consideração as urgências e as necessidades do presente, tendo em vista que, de modo geral, os produtos do trabalho servem para satisfazer necessidades ou desejos dos seres humanos.

Enfoque (página 201)

1. É esperado que os estudantes compreendam que, no início da Idade Moderna (meados do século XV), a burguesia foi o grupo social que acentuou o papel do trabalho como meio de ascensão social. Desse modo, as ideias da burguesia, grupo que começava a ascender socialmente, contrariavam as noções de trabalho expressas pela nobreza, que desfrutava cargos em função da hereditariedade.
2. É esperado que os estudantes considerem que sim. Compreender o significado do trabalho para os diferentes sujeitos, em variados contextos históricos, nos ajuda a perceber que as concepções sobre o tema mudam ao longo do tempo e expressam determinada realidade. Há, inclusive, concepções filosóficas que identificam aspectos da exploração dos trabalhadores, principalmente a partir do século XIX, e conhecer essas ideias nos ajuda a perceber que as relações de trabalho não são "naturais" nem imutáveis.

Enfoque (página 202)

1. A obra *Amantes do celular*, de Banksy, mostra um casal se abraçando em uma situação que parece o esboço de um beijo. Entretanto, em vez de se concentrarem um no outro, os amantes estão focados na tela de seus *smartphones*. Esse comportamento, descolado de si mesmo e do meio social em que se vive, guarda proximidade com o sentido psicológico de alienação.
2. A obra de Banksy denuncia o descolamento da realidade, com a recusa do convívio social face a face, e da plena experiência do momento presente. A fotografia mostra o público de costas para a obra, sem apreciá-la, mais interessado em fazer uma *selfie*, o que demonstra um descolamento da realidade semelhante ao que é criticado na obra.

Comentário

O boxe "Enfoque" analisa a relação entre sujeitos diante das transformações tecnológicas no mundo contemporâneo, destacando seu desdobramento na atitude dos indivíduos, o que possibilita o desenvolvimento das **habilidades EM13CHS401** e **EM13CHS504**.

Exploração e embrutecimento (página 204)

O texto principal trata da exploração e do embrutecimento do trabalho contemporâneo, lembrando da existência de pessoas que desenvolvem o seu trabalho em condições precárias e com rotina desgastante. A partir disso, há a oportunidade de debater com os estudantes sobre a importância do trabalho digno. Assim, esse diálogo contribuirá para a reflexão do Objetivo de Desenvolvimento sustentável 8: *Trabalho decente e desenvolvimento econômico*.

Enfoque (página 205)

1. Ao lutar incessantemente pelo sucesso no mercado de trabalho, as pessoas – que se sentem, ao mesmo tempo, como vendedores e como mercadorias a serem vendidas – podem adquirir atitudes de competição. Essas atitudes se expressam, por exemplo, na desvalorização do trabalho realizado por seus pares e na necessidade de produzir mais que os outros, na esperança de ser "notado" e de se destacar no mercado de trabalho.
2. Para Fromm, o trabalhador, atingido pela alienação, deve obter sucesso e, assim, tornar-se "valioso" (caso contrário, será "imprestável" dentro da lógica alienante). Do mesmo modo, a concepção de trabalho que segue a lógica do lucro, especialmente a partir da Revolução Industrial, também dita que as indústrias devem obter sucesso e lucrarem; caso contrário, estão destinadas ao fracasso (ou "destinadas à morte", segundo o filósofo francês contemporâneo Jean-Luc Ferry, também citado neste capítulo).

Consumo alienado (página 206)

Ao desenvolver os conceitos de consumo e de consumo alienado e a relação entre produção e consumo, o texto auxilia na reflexão do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 12: *Consumo e produção responsáveis*.

Contraponto (páginas 212-213)

1. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, embora reconheça que vivemos em um mundo baseado na hiperprodução e no hiperconsumo de coisas, considera que estamos mais interessados em dados, informações e jogos digitais, isto é, em não coisas. Isso acontece porque as coisas são descartáveis e não nos relacionamos verdadeiramente com elas.
2. As duas habilidades destacadas no segundo excerto são a conectividade entre computadores e sua capacidade de atualização. A importância dessas habilidades está na alta velocidade com que a inteligência artificial opera, o que permite que a conectividade e a atualização aconteçam em uma "fração de segundo".
3. Na entrevista reproduzida no texto 1, o filósofo Byung-Chul Han indica que, com o advento das novas tecnologias digitais, a centralidade do trabalho será substituída pela diversão. O *homo ludens* que nasce dessa transformação é uma pessoa submetida à dominação massacrante, na qual o capitalismo digital explora o desejo humano pelo jogo, pela diversão,

Podemos dizer que Han tem uma visão mais desanimadora das mudanças no mundo do trabalho.

No texto 2, o historiador Yuval Harari destaca que as mudanças tecnológicas, especialmente no campo da inteligência artificial, levarão certamente à substituição do trabalho humano e à perda de empregos. No entanto, os governos poderiam retardar o ritmo dessas mudanças, assim, ganhariam tempo para ajustar a sociedade às inovações que prejudicam as pessoas. Afinal, utilizar ou não uma tecnologia é uma decisão política. Harari sugere que há a possibilidade de conciliar as inovações tecnológicas com uma nova qualificação para o trabalho humano.

Ao defender seu ponto de vista, os estudantes devem considerar os argumentos de Byung-Chul Han e Yuval Harari, seja para manifestar concordância, seja para expressar discordância. São argumentos que enriquecem a defesa da perspectiva dos estudantes e dão subsídios à sua argumentação.

Comentário

A seção "Contraponto" e suas atividades mobilizam a **habilidade EM13CHS404**, pois permitem identificar e discutir diferentes visões sobre o futuro das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho no mundo contemporâneo, as quais afetarão especialmente os jovens.

Enfoque (página 215)

1. Uma hipótese que justifica a queda de trabalhadores empregados no setor agropecuário acompanhada da elevação de sua produtividade é o aumento da automação.

2. O avanço dos aplicativos de transporte e de entrega de comida no mercado brasileiro contribuiu para o crescimento das ocupações no setor de serviços diante da crise econômica iniciada no Brasil a partir de 2014. Isso se deveu principalmente ao acesso facilitado à realização desse tipo de serviço, em especial se comparado à redução de vagas disponíveis em outros setores econômicos.

Comentário

As atividades, por analisarem indicadores de ocupações/empregos em diferentes anos e considerarem processos de estratificação e impactos das transformações tecnológicas nas relações de trabalho, desenvolvem as **habilidades EM13CHS402** e **EM13CHS403**. Além disso, contribuem para a reflexão sobre o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 8: *Trabalho decente e crescimento econômico*, que visa atingir níveis mais elevados de produtividade das economias por meio da diversificação e da modernização tecnológica.

Oficina (páginas 217-219)

1. Significa basicamente que é uma atividade que caracteriza e distingue os seres humanos dos animais, tendo em vista que implica a existência de um projeto mental que determina uma conduta para alcançar o resultado desejado, o que não ocorre com animais de espécies diferentes. Os estudantes podem recorrer também a outros argumentos, como o fato de que mediante o trabalho o ser humano produz cultura, expressa sua vontade ou manifesta sua liberdade. Pode-se incentivar essa articulação de ideias solicitando e organizando várias respostas.

2. **a.** Com exceção, talvez, dos primórdios da história, parece ter havido um maior prestígio do trabalho intelectual, desenvolvido por poucos, em relação ao corporal ou manual, realizado pela maioria. Os estudantes poderão justificar suas respostas usando elementos históricos apresentados no capítulo e/ou dados da realidade atual do mercado de trabalho. Com base nessa atividade, é possível introduzir o tema da função social das profissões e discutir os gostos e preconceitos tanto em relação aos trabalhos braçais como aos trabalhos intelectuais.

   b. Depois de ouvir as respostas dos estudantes, é importante ressaltar que todo tipo de trabalho envolve competências físicas, cognitivas e socioemocionais, ou seja, não existe um trabalho estritamente manual ou intelectual. Atualmente, para determinar a remuneração pelo trabalho, a qualificação e o tempo de experiência podem ser mais importantes do que a exigência de habilidades apenas manuais ou intelectuais.

Comentário

A atividade 2 propõe que os estudantes identifiquem, contextualizem e critiquem a oposição dicotômica entre trabalho manual e trabalho intelectual, explicitando suas ambiguidades. Por isso, mobiliza a **habilidade EM13CHS105**.

3. Espera-se que os estudantes estabeleçam contrastes entre a ênfase do pensamento de Hegel em uma visão positiva sobre o trabalho, tido por ele como um elemento de autoconstrução e de libertação do ser humano, e a ênfase da análise de Marx em uma visão negativa, que revela um desvirtuamento da atividade laboral dentro das sociedades capitalistas, impedindo o papel edificador e libertador do trabalho.

Comentário

A atividade 3 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 6**, na medida em que valoriza as concepções divergentes de Hegel e de Marx acerca do mundo do trabalho, permitindo aos estudantes fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida.

4. A objetivação é o processo próprio do ser humano pelo qual este se exterioriza nos objetos e nas coisas que produz, como na criação da cultura. A alienação é o processo ativado por circunstâncias externas ao ser humano, principalmente aquelas encontradas no capitalismo, em que, após transferir suas potencialidades para os produtos que cria, o ser humano deixa de identificá-los como obra sua.

Comentário

A atividade 4 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 6**, pois, ao solicitar que os estudantes caracterizem os conceitos de objetivação e alienação, colabora para que se apropriem de conhecimentos que possibilitam entender as relações do mundo do trabalho.

5. A frase de Marx expressa uma crítica ao processo de alienação do trabalho. Esse processo consiste na perda do envolvimento afetivo e intelectual do trabalhador com sua atividade, pela impossibilidade de identificar-se com sua obra. Essa relação vai se tornando fria, monótona e apática. Para Marx, a alienação do trabalho decorre da fragmentação do processo produtivo, da exploração da mão de obra e da aceleração do ritmo de trabalho.

Comentário

A atividade 5 estimula o posicionamento crítico dos estudantes e mobiliza a **competência geral da Educação Básica 6**, pois analisa o conceito de alienação proposto por Karl Marx, que é central para a compreensão das relações de trabalho nas sociedades industriais e pós-industriais.

6. **a.** Para Aristóteles, o ócio é uma atitude de liberdade, conquistada pelo exercício da cidadania e do saber, que realizam o fim último humano, a felicidade. Já o negócio (negação do ócio) se refere a atividades subordinadas à necessidade, como produzir alimentos, roupas, edificações etc.

   b. O filósofo justifica a escravidão como uma intenção da natureza de distinguir pessoas criadas para mandar e pessoas criadas para obedecer. Atualmente, sabemos que a escravidão é uma

construção histórico-cultural, e não um dado da natureza. Não existe justificativa aceitável para escravizar uma pessoa, pois todas as pessoas são consideradas livres e iguais perante a lei.

Comentário

A atividade 6 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1** e a **habilidade EM13CHS502**, pois promove a crítica das concepções de Aristóteles sobre o trabalho e a escravidão para entender e explicar a realidade, colaborando para a desnaturalização e a problematização de formas de desigualdade, o que, por sua vez, contribui para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

7. O trecho bíblico citado aponta que tudo que o ser humano faz, inclusive seu trabalho, deve ser voltado para Jesus Cristo, e não para outros seres humanos, pois o indivíduo será recompensado no reino celestial. Essa ideia é compatível com a concepção cristã medieval de trabalho como um sofrimento que precisamos suportar para fortalecer o espírito e alcançar a redenção no reino celestial. Nesse sentido, Tomás de Aquino considera o trabalho um bem árduo capaz de nos tornar seres humanos melhores. Por suas criações, o trabalhador é visto como um continuador da obra de Deus, um de "seus herdeiros".

Comentário

A atividade 7 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 6**, pois expõe o conceito cristão medieval de trabalho como "bem árduo", possibilitando aos estudantes entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania.

8. Segundo o texto de John Locke, originalmente, tudo o que existia na natureza era propriedade de todos e cada um era proprietário de si mesmo. A propriedade privada surge quando uma pessoa utiliza seu corpo e sua mente para trabalhar sobre algo que antes pertencia a todos.

Comentário

A atividade 8 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 6**, pois analisa a ideia de trabalho como fundamento da propriedade privada proposta por Locke. Essa concepção influenciou intensamente o liberalismo econômico e político.

9. A propaganda tem um papel muito relevante no processo de alienação, uma vez que, em grande parte, é por meio dela que se criam nas pessoas necessidades de consumir determinadas coisas que não são próprias do indivíduo. Trata-se do consumo alienado, no qual não existe uma relação direta e real entre o consumidor e o verdadeiro prazer suscitado pela coisa adquirida.

Comentário

A atividade 9 desenvolve a **habilidade EM13CHS303**, pois permite avaliar o papel da cultura de massa no estímulo ao consumismo, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pela propaganda.

10. Os estudantes devem identificar que a produção motivada pela obsolescência programada depende da exploração de recursos naturais e gera a emissão de gases poluentes e o consumo de energia elétrica. No mesmo sentido, o consumo incentivado pela obsolescência promove o descarte de resíduos, muitas vezes feito de forma inadequada. Esses fatores têm impactos no meio ambiente e contribuem para a intensificação das mudanças climáticas.

É importante orientar os estudantes a considerar atentamente o formato de *podcast* ao elaborar sua apresentação, que pressupõe a produção de um roteiro, a definição do público-alvo do programa e a necessidade de apresentação didática e convidativa.

11. As empresas podem firmar compromissos com a produção sustentável de produtos duráveis, bem como reduzir o incentivo ao consumo alienado. Já o poder público pode criar campanhas que incentivem e divulguem possibilidades de consumo consciente. O governo também pode taxar empresas poluidoras e beneficiar iniciativas que preservem os recursos naturais.

12. **a.** De maneira geral, o processo de alienação afasta o indivíduo de sua obra, fazendo com que ele perca também o contato com seu eu genuíno, sua individualidade, sua identidade. Assim, como diz Fromm, "eu sou o que o mercado quer que eu seja" no "mercado das personalidades".

b. Pela mesma razão, cada pessoa passa a ver a outra segundo critérios e valores definidos pelo "mercado de personalidades". O outro passa a valer também como um objeto, uma mercadoria. As relações tornam-se frias, calculistas, interesseiras.

c. O consumo alienado pode levar uma pessoa a: consumir mais do que precisa; obter uma satisfação passageira; utilizar o objeto consumido apenas como signo de *status* (ou seja, é uma maneira de afirmar a diferença entre as pessoas); e acreditar que é possível compensar uma insatisfação consigo próprio comprando coisas.

d. Algo semelhante ocorre com a produção cultural e as atividades de lazer. O indivíduo consome o produto cultural ou de lazer da moda sem ter com ele um envolvimento autêntico.

13. Em uma sociedade do tempo livre, as pessoas trabalhariam menos para que todos pudessem trabalhar. Nessa sociedade, o trabalho não seria a ocupação principal e exclusiva de cada pessoa. Haveria tempo para que cada um tivesse atividades autodeterminadas, em que o indivíduo decidiria o que fazer em razão de seu interesse, de seu prazer ou de qualquer outro benefício. Essa sociedade só poderia ser pensada na medida em que os avanços tecnológicos realizassem grande parte dos trabalhos atuais que ocupam os seres humanos.

Comentário

A atividade 13 desenvolve a **habilidade EM13CHS404** da BNCC, na medida em que permite identificar e discutir a utilidade social do trabalho nas sociedades pós-industriais e seus efeitos sobre as futuras gerações, considerando as inovações tecnológicas.

14. Incentive os estudantes a fundamentarem suas opiniões com conceitos apresentados no capítulo, como os de autoconstrução, exploração, sociedade do desemprego e sociedade do tempo livre. Pode-se solicitar a eles que, primeiro, reflitam sobre qual afirmação consideram verdadeira, para que depois organizem um debate entre aqueles que apoiam uma e outra posição. Outra possibilidade seria encaminhar a discussão para temas como a exploração do trabalho infantil, análogo à escravidão etc.

Comentário

A atividade 14 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1**, porque valoriza e utiliza os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo do trabalho para entender e explicar a realidade e colaborar para a superação de contradições, visando à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

15. Incentive a criatividade dos estudantes, articulando diferentes linguagens e códigos com os assuntos abordados no capítulo. Ao criar a charge, os estudantes podem tanto explicitar o que entenderam sobre as citações de Immanuel Wallerstein e Conceição Evaristo quanto fazer uma crítica bem-humorada ao seu conteúdo.

Comentário

A atividade 15 permite desenvolver a **competência geral da Educação Básica 4**, na medida em que estimula os estudantes a utilizar a linguagem visual e verbal para se expressar e partilhar informações sobre o mundo do trabalho.

16. É interessante que os estudantes registrem, com autorização dos entrevistados, as respostas obtidas. Depois, podem organizar os

trechos que mais chamaram a atenção deles. Esses trechos e os conteúdos estudados neste capítulo podem servir de base para o texto dissertativo-argumentativo que cada grupo irá redigir.

Comentário

A atividade 16 promove a contextualização sociocultural e a reflexão sobre aspectos do cotidiano e, assim, mobiliza a **competência geral da Educação Básica 6**.

17. O texto retoma vários conceitos trabalhados no capítulo: desvalorização do trabalho manual, idealização da mecanização da produção econômica, possibilidade de uma sociedade de tempo livre, ócio criativo. Pode-se incentivar o debate com base na seguinte questão: que mudanças socioeconômicas e de mentalidade poderiam ser promovidas para que a situação atual se transforme e o trabalho possa cumprir sua função libertadora?

Comentário

A atividade 17 mobiliza a **habilidade EM13CHS404** da BNCC, pois permite identificar e discutir possíveis efeitos das transformações tecnológicas sobre as futuras gerações.

18. Alternativa correta: **a**. O texto apresenta a concepção de pensadores da Escola de Frankfurt sobre a diversão como "prolongamento do trabalho" e como o consumo de "cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho". Se necessário, é possível retomar os conteúdos sobre o lazer alienado desenvolvidos no capítulo.

19. Alternativa correta: **e**. A canção *Cidadão*, composta por Lúcio Barbosa, retrata um trabalhador que ajudou a levantar um prédio, mas não pode sequer apreciá-lo. Já o texto de Karl Marx explica a alienação do trabalho, na medida em que o produto se torna estranho ao trabalhador que o produziu, como ocorreu com o trabalhador da canção. Nesse sentido, ambos os textos identificam que a relação entre trabalho e modo de produção capitalista deriva do aumento da riqueza de alguns, que usufruem das mercadorias, acompanhado pela exploração do trabalhador que produz essas mercadorias e não pode delas usufruir.

20. Alternativa correta: **c**. O texto critica o uso de novas tecnologias no contexto empresarial ao mostrar que a modernização tecnológica e a racionalização do trabalho muitas vezes vêm acompanhadas de mudanças estruturais que impactam negativamente os trabalhadores, como a precarização, a insegurança e a perda de benefícios. A terceirização aumenta a distância entre as empresas e os trabalhadores, diminuindo a proteção laboral e enfraquecendo as garantias trabalhistas, o que fragiliza as relações de trabalho.

21. Alternativa correta: **d**. A questão aborda aspectos da propaganda, que, nos meios digitais, muitas vezes acaba direcionando os hábitos de consumo dos usuários, com base em seus costumes, em suas preferências e na navegação que realizam em *sites* e em redes sociais, por exemplo. As mensagens publicitárias, desse modo, conseguem agir de forma individual, apresentando "iscas" a cada consumidor em potencial.

22. Alternativa correta: **d**. A alienação, para Marx, é uma relação social na qual o capitalista – o não trabalhador – controla o trabalho do proletário, definindo o que ele deve fazer e se apropriando do valor gerado pelo seu trabalho. Esse controle sobre o processo produtivo gera a acumulação de capital nas mãos de uma minoria, ao passo que o trabalhador se vê desprovido do valor do próprio esforço.

Sugestões

Livros

ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

Coletânea de artigos sobre os impactos da indústria 4.0 e a uberização para os trabalhadores e as trabalhadoras no mundo contemporâneo.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. São Paulo: Vozes, 2015.

Filósofo sul-coreano aborda os efeitos colaterais do discurso motivacional, voltado para a produção de resultados e para a excessiva valorização do trabalho.

SUZMAN, James. **Trabalho**: uma história de como utilizamos nosso tempo, da Idade da Pedra à era dos robôs. São Paulo: Vestígio, 2022.

Antropólogo argumenta que a automação pode revolucionar nossa relação com o trabalho, tornando-a mais sustentável e igualitária no futuro.

Capítulo 8 Amar e projetar

Assim como o trabalho, o amor é um aspecto importante da existência humana. Na visão do psicanalista Sigmund Freud, o amor e o trabalho são dimensões complementares de uma vida saudável. Essa vida, com suas múltiplas dimensões, pode ser projetada, ou seja, planejada e construída por cada um de nós.

Foram marcantes no imaginário social e na tradição filosófica as concepções de amor formuladas por Platão (*eros*), Aristóteles (*philia*) e Agostinho (*agape*). No século XX, Erich Fromm caracterizou o amor autêntico, contrapondo-o a formas negativas de união; e bell hooks propôs uma definição de amor como ato da vontade, incompatível com a violência e o abuso.

No século XXI, Zygmunt Bauman denunciou a diluição das relações humanas por meio do conceito de amor líquido. A ideia de uma modernidade líquida permite avaliar criticamente os impactos das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TIDCs) nas relações intra e intersubjetivas. O amor líquido está conectado à coisificação da pessoa humana promovida também pelo trabalho, consumo e lazer alienados.

Compreender concepções de amor e de trabalho (esse sendo abordado no capítulo 7 deste volume) contribui decisivamente para transformar nossas vidas no âmbito individual e coletivo. De forma responsável e autônoma, essa transformação pode ser planejada e construída por meio de projetos de vida. Em um mundo globalizado, mas cada vez mais cercado de incertezas decorrentes de pandemias, guerras e retrocessos políticos, a capacidade de vislumbrar um futuro melhor constitui mais do que uma competência ou habilidade: constitui um dever e uma responsabilidade de todos.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre os temas que serão desenvolvidos no capítulo. Ao exercitar a curiosidade sobre o amor e o projeto de vida como questões filosóficas e ao apresentar o amor como componente cotidiano e que faz parte da realidade das pessoas, o texto da abertura se relaciona com a **competência geral da Educação Básica 1**.

No capítulo, são analisados os fundamentos éticos do amor e dos projetos de vida nas sociedades contemporâneas, advindas, inclusive, de tradições gregas antigas, europeia medieval e japonesa, o que permite o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS501**.

Com base em textos que se referem a diferentes concepções de amor, avaliamos impasses ético-políticos decorrentes de transformações culturais e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos e grupos, promovendo o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS504**. O amor sujeição e o amor dominação explicados por Erich Fromm, bem como o amor abusivo, rejeitado por bell hooks, podem ser identificados como formas de violência simbólica e psicológica a serem combatidas, e essa reflexão contribui para desenvolver a **habilidade EM13CHS503**.

Também são identificadas diferentes fontes e narrativas acerca do amor e do projeto de vida, em linguagens filosófica e poética, desenvolvendo a **habilidade EM13CHS101**, além de discutidas as circunstâncias históricas e culturais dessas matrizes conceituais, o que se refere ao desenvolvimento da **habilidade EM13CHS102**. Ademais, o amor e os projetos de vida contribuem decisivamente, junto com o trabalho, para a produção de diferentes territorialidades, ligadas às culturas juvenis, o que contribui para desenvolver a **habilidade EM13CHS205**.

Respostas e comentários

Enfoque (página 223)

1. Para Aristóteles, a amizade é uma forma de excelência moral e algo necessário para levarmos uma vida plena e feliz.
2. Os estudantes podem responder à pergunta com base na própria experiência ou considerando a juventude em geral. Há a possibilidade de defender que a juventude é um momento de grande aprendizagem, permeado de acertos e de erros. Ao mesmo tempo, é uma fase na qual as amizades adquirem profunda importância e começam a se firmar. Nesse sentido, os amigos podem nos ajudar a fazer boas escolhas e a evitar erros.
3. É possível comentar com os estudantes que, de modo geral, as pessoas reconhecem a importância da amizade e valorizam a capacidade de fazer amigos. No entanto, não é raro que tenham problemas para fazer amigos ou para manter as amizades. Diante disso, parece útil estimular uma reflexão sobre o tema da amizade ao propor questões como:
   - Você procura escolher seus amigos ou considera melhor deixar que suas amizades se desenvolvam de maneira espontânea? Quais seriam as vantagens e as desvantagens de cada postura?
   - Como você procura fortalecer seus laços de amizade?
   - O que você considera mais importante em uma amizade? Pense em aspectos como lealdade, respeito, diversão, atenção etc.
   - Que aspectos você valoriza mais em uma pessoa? Que aspectos você mais valoriza em si mesmo?

   Caso seja conveniente, vale ressaltar que as amizades são construções que exigem engajamento e deliberações. Assim, ao fazer amigos, é interessante que as pessoas envolvidas demonstrem carinho e respeito recíprocos. Também é fundamental que desenvolvam amor próprio (o que não deve ser confundido com narcisismo) e tenham consciência de seus valores, gostos e preferências.

Comentário

A atividade mobiliza a **competência geral da Educação Básica 8** ao incentivar os estudantes a se conhecerem, a se apreciarem e a cuidarem de sua saúde emocional, com base na análise da amizade como uma das relações humanas fundamentais, que atravessa diversos âmbitos da vida (familiar, pessoal, profissional, amorosa).

Enfoque (página 227)

1. Segundo bell hooks, na atualidade falta uma definição clara do que é o amor. A importância dessa definição está no fato de que, com base nela, conseguimos nos orientar em direção à vivência do amor. É sabendo o que é amar que conseguimos traçar uma espécie de mapa a caminho do amor, tornando essa experiência presente em nossas vidas.
2. Para bell hooks, o amor não é apenas um sentimento: é um ato de vontade, ou seja, implica tanto intenção quanto ação. Para ela, amor é a vontade de se esforçar para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa. É interessante destacar para os estudantes que, como aponta a própria filósofa, a palavra "espiritual" dessa definição não está necessariamente vinculada ao seu significado religioso, mas sim à força vital que está presente em cada indivíduo (no *self*).
3. Ainda que os estudantes usem as definições de hooks, Fromm ou outros autores como referência, é importante que a autoria individual seja incentivada na elaboração da própria concepção de amor. A opinião dos estudantes pode ser compartilhada coletivamente; nesse caso, a turma deve ser orientada a acolher e a valorizar as contribuições dos colegas.

Comentário

Essas atividades trabalham as **habilidades EM13CHS501** e **EM13CHS502** ao analisar os fundamentos da ética amorosa de bell hooks, que busca formar sujeitos livres, cooperativos, autônomos e solidários, bem como analisar valores e condutas para desnaturalizar e problematizar formas de desigualdade, preconceito e discriminação social e de gênero.

Enfoque (página 229)

1. Para hooks, o amor é incompatível com o abuso físico ou psicológico. Segundo a filósofa, o amor é um ato de vontade voltado para o crescimento espiritual do ser amado, e não para sua degradação. Desse modo, o abuso físico ou psicológico não pode ser um dos ingredientes do amor.
2. Uma definição de amor molda nossa imaginação e nossa percepção sobre o que significa amar e ser amado. Desse modo, definições falhas e imprecisas de amor podem dificultar o desenvolvimento de nossa capacidade de amar. Por exemplo, uma definição que reduz o amor a um sentimento pode levar à percepção de que não escolhemos quem e como amamos, pois é frequente a ideia de que não controlamos nossos sentimentos. Mais grave é a associação entre amor e abuso, que naturaliza formas de violência física e psicológica. Por tudo isso, é importante, desde a infância, ter uma definição clara e positiva de amor.

Comentário

As atividades deste boxe mobilizam as **habilidades EM13CHS501**, **EM13CHS502** e **EM13CHS503** e o tema contemporâneo transversal *Educação em direitos humanos*, pois analisam os fundamentos da ética amorosa de bell hooks, que busca formar sujeitos livres, cooperativos, autônomos e solidários, bem como discutem valores e condutas para desnaturalizar e problematizar formas de desigualdade, preconceito e discriminação social e de gênero, além de identificarem formas de violência e analisarem mecanismos para combatê-las.

Enfoque (página 231)

1. Segundo Bauman, falar em vida líquida significa compreender que vivemos em uma cultura consumista, na qual o modo "ter" predomina sobre o modo "ser". Praticamente tudo pode ser coisificado, reificado, destinado ao consumo. A lógica do consumismo, desse modo, pode ser aplicada também às relações afetivas, por meio da despersonalização dos indivíduos, que passam a ser considerados meros objetos, produtos disponíveis no mercado das personalidades. Assim, a frase de Bauman, em que ele diz que o amor não é um "objeto encontrado", refere-se diretamente à crítica que o autor faz, em seus textos, às relações afetivas influenciadas pela cultura consumista.
2. Bauman considera que sem humildade e sem coragem não há amor. É esperado que os estudantes reflitam sobre as ideias desse autor, considerando que, para ele, o verdadeiro encontro com o outro deve ser construído em um longo processo, para que não se torne algo descartável.

Comentário

As atividades deste boxe mobilizam as **habilidades EM13CHS501** e **EM13CHS502**, uma vez que analisam os fundamentos do pensamento de Zygmunt Bauman, discutindo valores e condutas da vida líquida presentes na sociedade atual, desnaturalizando algumas dessas ideias e reforçando, ainda, atitudes que promovam o respeito, a solidariedade e o diálogo.

Enfoque (página 234)

1. Projetar significa antecipar possibilidades futuras, considerando nossas ações do presente, visando promover mudanças. Nesse sentido, a noção de projetar está atrelada ao tempo futuro.
2. Espera-se que o estudante reflita sobre seus projetos de vida, isto é, se após o Ensino Médio pretende estudar e trabalhar; caso tenha o desejo de perpetuar os estudos, em que área gostaria de se concentrar; caso se ocupe de algum trabalho, que tipo de atividade ou função gostaria de exercer.

Comentário

O objetivo da atividade 2 é despertar no estudante reflexões sobre suas necessidades e projetos individuais, com autonomia, liberdade, consciência crítica e responsabilidade, e, por isso, a atividade mobiliza tanto a **competência geral da Educação Básica 6** como a **competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6**.

Entre saberes (páginas 238-239)

1. Segundo o texto, o feto humano, no ventre materno, faz parte de um "nós original". Através da autoconsciência, ele adquire a noção do "eu", e essa notável ocorrência constitui o "nascimento da pessoa no animal humano".
2. De acordo com o texto, a autoconsciência possibilitou que o ser humano fosse "um mamífero histórico no sentido em que é capaz de sair de si mesmo e contemplar sua história, influenciando assim seu desenvolvimento como pessoa e, em menor extensão, a marcha dos acontecimentos em seu país e na sociedade como um todo". Dessa maneira, somos capazes de desenvolver abstrações que nos fazem "suspender o tempo" e, assim, pensar sobre o passado e planejar o futuro.
3. O autor ilustra a busca pela afirmação da identidade pessoal por meio da história de duas gêmeas cujos pais vestiam com roupas idênticas. Uma dessas gêmeas, a partir dos três anos e meio, começou a querer se vestir de forma diferente da irmã, mesmo que fosse para usar uma roupa mais velha ou feia. Os pais descobriram que essa menina não queria ser vista como

igual à irmã. Ela desejava ter sua própria identidade, tornar-se uma pessoa.

4. O texto indica que se tornar pessoa implica realizar potencialidades humanas como amar o próximo, adquirir sensibilidade ética, buscar a verdade, criar a beleza, dedicar-se aos seus ideais. Os estudantes podem ser incentivados a relatar ou escrever o que os caracteriza como pessoa e quais os seus propósitos de vida.

Comentário

A atividade mobiliza a **competência geral da Educação Básica 8** e o tema contemporâneo transversal *Vida familiar e social*, na medida em que promove o autoconhecimento e o autocuidado, incentivando os estudantes a compreender a diversidade humana e a reconhecer a si mesmos e aos outros como "pessoa". Por tratarem da autoconsciência como ocorrência no processo evolutivo, considerando, ainda, a diversidade humana e as múltiplas identidades pessoais, as atividades deste boxe mobilizam a **habilidade EM13CNT208** de **Ciências da Natureza e suas Tecnologias**.

Enfoque (página 240)

1. A tirinha trata da empatia cognitiva, na medida em que destaca, no primeiro quadrinho, a mescla de interesse, surpresa e tolerância de Armandinho ao conhecer o ponto de vista de Camilo.
2. Pode-se dizer que Armandinho exerce a empatia cognitiva, pois reage positivamente e com tolerância ao conhecer o ponto de vista de Camilo, que é diferente do seu. Pudim, no entanto, não demonstra interesse por conhecer o modo como Camilo pensa, o que implica não estar exercendo empatia. Já Camilo apenas expõe seu ponto de vista. Não há elementos na tirinha que permitam, então, atribuir empatia cognitiva a esse personagem.

Comentário

As atividades mobilizam a **competência geral da Educação Básica 9**, uma vez que propõem a reflexão sobre o exercício da empatia e a possibilidade de cooperação por meio do diálogo.

Qual é seu projeto de vida? (página 243)

A partir do desenvolvimento do conceito de *ikigai*, pode-se propor que cada estudante reflita sobre seu projeto de vida pessoal atento à saúde e ao autocuidado, contribuindo para o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3: *Saúde e bem-estar*.

Oficina (páginas 244-245)

1. Os estudantes devem reler os trechos do capítulo sobre o assunto e sintetizar suas ideias. Para Comte-Sponville, o amor *eros* consiste no desejo de buscar aquilo que nos falta; o amor *philia* se refere à alegria do convívio afetuoso e presente; e, por fim, o amor *agape* diz respeito ao sentimento fraterno e sublime que envolve a comunhão universal das pessoas.

Comentário

A atividade 1 desenvolve a **habilidade EM13CHS501**, pois analisa concepções de amor, sentimento ou atitude que fundamentam a conduta humana e promovem a formação de sujeitos éticos, livres e autônomos.

2. Aristóteles considera que o amor *eros* pressupõe que o desejo sempre está relacionado a uma falta, privação ou ausência. Já o amor *philia* seria o desejo de conviver alegremente com as pessoas que estão ao redor, ou seja, o desejo daquilo que não nos falta.
3. Considerando o conceito de amor *agape*, a frase sugere que o amor não tem destinatários específicos e, por isso, é um amor de grande alcance, isto é, sem medida. É um amor sublime endereçado a todos os seres humanos. Distingue-se, assim, do amor *eros* e do amor *philia*, que abrangem o desejo em relação a pessoas que estão próximas.

Comentário

A atividade 3 contribui para o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS501**, pois analisa a concepção de amor *agape* proposta por Agostinho, entendido como fundamento da solidariedade humana.

4. Para Fromm, as duas formas negativas de união consistem na submissão ao outro e na dominação do outro, que, em última instância, caracterizam o masoquismo e o sadismo. Já a forma positiva de união seria o amor autêntico, que preserva a integridade das pessoas e conjuga duas pessoas independentes, expandindo suas potencialidades.

Comentário

A atividade 4 desenvolve a **habilidade EM13CHS501**, pois analisa como o autor contemporâneo Erich Fromm distingue formas de união humana, valorizando a liberdade, a cooperação, a autonomia e a solidariedade.

5. Segundo Fromm, as atitudes caracterizadoras do amor são o cuidado (participação na felicidade da pessoa amada), a responsabilidade (resposta voluntária às necessidades do outro), o respeito (aceitação da pessoa tal como ela é, com suas qualidades e defeitos) e o conhecimento (descoberta do outro em sua plenitude, para além das aparências).

Comentário

A atividade 5 trabalha a **habilidade EM13CHS501**, pois analisa a concepção de Erich Fromm sobre o amor, que promove a liberdade, a cooperação, a autonomia e a solidariedade.

6. De acordo com Bauman, o amor líquido se manifesta no mundo digital, no qual se fala mais em "conexões" do que em "relacionamentos"; mais em "redes" do que em "parcerias". Nesses casos, a característica da relação digital é que, a qualquer instante, pode-se apertar a tecla *delete*, ou seja, pode-se eliminar a outra pessoa de forma imediata. Isso torna essas relações frágeis, descartáveis, superficiais, "líquidas".

Comentário

A atividade 6 contribui para o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS504**, pois analisa e avalia a efemeridade e a instabilidade das relações humanas no mundo contemporâneo, decorrentes dos avanços tecnológico-informacionais.

7. Na concepção do educador Paulo Freire, o projeto verdadeiramente humano é aquele que nos leva a "ser mais", em sentido amplo. Isso envolve o desenvolvimento integral da pessoa, para além de dimensões reducionistas do "ter mais" ou "poder mais".

Comentário

A atividade 7 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 6** e a **competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6**, pois contribui para a tomada de decisões alinhadas ao exercício da cidadania e ao projeto de vida dos estudantes com base na concepção freiriana, que promove a liberdade, a consciência crítica e a responsabilidade.

8. O movimento triplo da consciência está voltado para o próprio eu (consciência de si), para o convívio social (consciência do outro) e para a conexão com o meio ambiente (consciência da natureza).

Comentário

A atividade 8 desenvolve a **competência geral da Educação Básica 6** e a **competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6**, na medida em que valoriza diversas dimensões da consciência na construção de projetos de vida, promovendo a liberdade e a responsabilidade socioambiental.

9. Podemos dizer que a letra da música "Canção da América", de Milton Nascimento e Fernando Brant, constitui um elogio à amizade, por isso, dialoga melhor com a concepção filosófica de amor *philia*. Já a letra da música "Canção do amor demais", de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, aproxima-se mais da concepção de amor *eros*, porque o relaciona ao sofrimento, ao desespero e à infelicidade.

Comentário

A atividade 9 desenvolve a **habilidade EM13CHS101**, porque permite identificar, analisar e comparar duas canções que apresentam diferentes visões sobre o amor.

10. A série de perguntas, partindo de conceitos trabalhados neste volume, visa conduzir os estudantes a uma reflexão sobre si mesmos, suas preferências, sua identidade, sua autonomia, bem como estimular uma reflexão prática sobre o que devem fazer para concretizar seus sonhos. Ao final das discussões, é possível propor que os estudantes tabulem as profissões apontadas e debatam sobre os motivos que os levaram a escolher essas profissões.

Comentário

A atividade 10 mobiliza as **competências gerais da Educação Básica 6** e **10**, pois incentiva a valorização de diversos saberes sobre as dimensões afetiva e produtiva, visando à construção de um projeto de vida com autonomia, responsabilidade, flexibilidade e determinação.

11. **a.** A palavra "oportunidade" deriva do nome de um vento dado pelos romanos antigos. Era o vento *ob portus*, que soprava em direção ao porto. Surgiu daí a palavra oportunidade, referindo-se àquele que aproveita o vento favorável em direção ao porto.

b. Para "ir da oportunidade ao êxito", é preciso superar os medos da mudança, buscar o vento oportuno e encontrar saída para um problema. A própria etimologia de "êxito" nos ajuda a entender a ligação entre encontrar uma saída e atingir um resultado positivo. "Êxito" vem do grego *exodus*, que significa "saída", "sucesso", "consequência satisfatória".

c. A característica central é a capacidade de ter audácia, tomando cuidado para não confundir audácia com aventura. Segundo o texto, audácia se baseia no planejamento, na organização, na estruturação e na ação. Já a aventura consiste em ações improvisadas, que podem ser ilustradas pela frase "Vamos que vamos e veremos no que dá".

d. Não devemos agir somente baseados em certezas quando assumimos os riscos da mudança. O texto cita uma frase do filósofo Kant que expressa a valorização da inteligência de uma pessoa com base em sua capacidade de suportar incertezas. Isso significa que precisamos lidar com as incertezas e saber enfrentá-las, não sucumbir ao medo e prosseguir. Cabe mencionar que viver envolve enfrentar riscos e desafios e fazer escolhas com liberdade, autonomia e responsabilidade. Na vida cotidiana, os estudantes assumem riscos, por exemplo, ao responder a questões, escolher grupos de amigos, indicar seu percurso de aprofundamento no Ensino Médio, elaborar seu projeto de vida.

12. Sugere-se orientar os estudantes a estruturar a redação em três partes: a introdução, que apresenta o problema; o desenvolvimento, que traz argumentos e exemplos que contribuam para defender a posição tomada; e a conclusão, que retoma a ideia principal do texto e a arremata. A redação deve ter de 7 a 30 linhas e estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. O texto apresenta uma definição de trabalho de cuidado feita pela OIT e, posteriormente, distingue o cuidado direto do indireto, mostrando que esses trabalhos, se fossem remunerados, representariam cerca de 15% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. No entanto, o trabalho feminino de cuidado é caracterizado por uma invisibilidade social, ou seja, ele não é reconhecido como trabalho, e sim considerado obrigação "natural" das mulheres, uma demonstração de seu amor. Ao constatar isso, os estudantes devem desnaturalizar as tarefas realizadas por mulheres, que não se resumem à mera manifestação de amor, pois implicam esforço e trabalho – na maioria das vezes não remunerado.

Comentário

A atividade 12 contribui para o desenvolvimento das **habilidades EM13CHS102** e **EM13CHS402** e do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 8: *Trabalho decente e desenvolvimento econômico* ao incentivar o aprofundamento da capacidade argumentativa e do raciocínio inferencial dos estudantes, uma vez que eles devem analisar e discutir as circunstâncias históricas, econômicas e sociais da matriz conceitual "trabalho de cuidado", avaliando criticamente seu significado e comparando indicadores econômicos associados a processos de desigualdade entre os homens e as mulheres.

13. Alternativa correta: **d**. A alegoria do andrógino ou da alma gêmea, formulada por Platão no diálogo *O banquete*, apresenta a concepção de amor *eros* (desejo como falta constituinte do ser humano), na medida em que cada um de nós estaria sempre à procura de sua outra metade.

14. Alternativa correta: **b**. Bauman critica a superficialidade das amizades nas redes sociais ao compará-las com a ideia tradicional de amizade. Para o autor, a "amizade Facebook" é fundamentalmente diferente das amizades profundas e duradouras que se baseiam em laços humanos reais.

Sugestões

Livros

FERRY, Luc. **Do amor**: uma filosofia para o século XXI. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

Obra escrita em forma de diálogo sobre o valor do amor, sobretudo do amor *agape*, nas sociedades contemporâneas.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos**: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

Analisando filosofias e mitos africanos, indígenas, asiáticos e ocidentais, o filósofo brasileiro reflete sobre os diversos significados do amor.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Paidós, 2023.

A psicóloga e escritora da etnia guarani desconstrói equívocos comuns sobre o amor e as formas de amar, do ponto de vista decolonial.

RICOEUR, Paul. **Amor e justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

O filósofo francês estabelece relações entre o amor e a justiça, em suas dimensões individuais e coletivas.

UNIDADE 5

ESTADO, PODER E DEMOCRACIA

A abertura da unidade, nas páginas 246 e 247, propõe uma reflexão sobre o papel do Estado na sociedade, utilizando como exemplo as medidas que foram tomadas pelo poder público para ajudar a lidar com os efeitos das fortes chuvas no Rio Grande do Sul, em 2024. A ideia central é permitir que os estudantes reconheçam a presença do Estado no enfrentamento de crises humanitárias, bem como no dia a dia da comunidade em que vivem, por meio da oferta de serviços públicos essenciais como escolas, hospitais e postos de saúde, transporte coletivo, além da instituição de políticas sociais e afirmativas, entre outras formas. No entanto, pode haver a percepção de ausência, dependendo do nível da qualidade dos serviços, dos equipamentos e das políticas públicas ofertadas na comunidade.

A discussão visa explorar a relação entre Estado, cidadania e desenvolvimento econômico e social. É importante que os estudantes compreendam que o Estado deve garantir direitos, qualidade de vida e a dignidade das pessoas, além de promover investimentos, planejar e orientar as atividades econômicas e sociais. O enfrentamento à pandemia da covid-19 pode ser utilizado como outro exemplo da importância da ação do Estado, especialmente por meio da viabilização da vacina e de outras medidas de saúde pública.

Se julgar interessante, ao final da unidade, incentive os estudantes a revisitarem suas anotações iniciais, avaliando se puderam compreender corretamente o conceito de Estado, da perspectiva filosófica, e se conseguiram aplicá-lo adequadamente às situações discutidas. Essa discussão visa ajudá-los a desenvolver o pensamento crítico e a prepará-los para o processo de construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Objetivos de aprendizagem desta unidade

1. Compreender a teoria das ideias de Platão como fundamento de sua concepção de filósofos governantes, associando a divisão das partes da alma humana à divisão dos grupos sociais da pólis.
2. Identificar e problematizar os fundamentos ontológico e ético de Aristóteles na sua distinção entre pessoas livres e escravizadas e na sua classificação das formas puras e impuras de governo.
3. Conhecer as relações entre poder espiritual e poder temporal em Agostinho de Hipona e as características gerais da centralização política na modernidade.
4. Analisar os conceitos de fortuna e *virtù* propostos por Maquiavel, bem como diferenciar a origem divina e a origem contratual do poder político, com base em Bodin, Hobbes, Locke e Rousseau.
5. Relacionar as ideias iluministas com a concepção de Estado liberal de Locke, a teoria da separação funcional de poderes proposta por Montesquieu e o fundamento do poder político na vontade geral formulado por Rousseau.
6. Contextualizar a filosofia política do século XIX, destacando a expansão do capitalismo e seus impactos, a partir da Revolução Industrial e da Revolução Francesa.
7. Identificar e problematizar a precedência do social sobre o individual para Hegel, a necessidade de uma reforma da sociedade para Comte e a instituição do Estado como instrumento de dominação para Marx.
8. Contextualizar a filosofia política dos séculos XIX e XX, marcados pelas duas grandes guerras, pela Revolução Russa, pela Guerra Fria, pelos acelerados avanços tecnológicos, pelas profundas desigualdades sociais e pela devastação do meio ambiente.
9. Analisar a concepção de micropoder formulada por Foucault, o conceito de necropoder elaborado por Mbembe, a proposta de justiça como equidade de Rawls, a desesperança de Adorno e Horkheimer e a teoria da ação comunicativa de Habermas.
10. Conhecer os fundamentos políticos das sociedades democráticas contemporâneas, promovendo os direitos humanos e combatendo desigualdades sociais e formas de preconceito, discriminação e violência.

Capítulo 9 Política: dos antigos aos modernos

Este capítulo trata das concepções políticas de filósofos antigos, medievais e modernos, contextualizando-as historicamente. Essas concepções contribuíram para moldar as instituições políticas contemporâneas e pautar os debates acerca do poder. Para compreender melhor as teorias políticas de alguns autores, examinamos por vezes suas teorias do conhecimento, ontologias e éticas, especialmente nos casos de Platão, Aristóteles e Locke.

As teorias platônica, aristotélica e agostiniana podem ser complementadas com temas apresentados no capítulo 6, "Ética na história". A teoria hobbesiana é abordada também no capítulo 5, "A conduta ética". Por fim, as teorias aristotélica e lockeana podem ser aprofundadas com base no capítulo 1, "Consciência e conhecimento", e no capítulo 7, "Trabalho e alienação". Escolher a organização da sequência e o modo de trabalhar com este capítulo é prerrogativa do docente.

É interessante manter um diálogo com o professor de história, sobretudo ao promover a contextualização histórica de cada período. Ressaltamos que a tradição do pensamento político antigo, medieval e moderno contribuiu significativamente para a consolidação de parte do vocabulário e dos temas discutidos até os dias atuais no espaço público. Por isso, este capítulo é fundamental para a valorização e a compreensão da política na contemporaneidade.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre os temas que serão desenvolvidos no capítulo. Ao exercitar a curiosidade sobre questões políticas que se tornaram clássicas na tradição filosófica e ao lembrar que os seres humanos têm uma relação de dependência entre seus semelhantes para a sobrevivência, ou seja, necessitam uns dos outros, o texto da abertura se relaciona com a **competência geral da Educação Básica 1** e o tema contemporâneo transversal *Vida familiar e social*.

O conteúdo do capítulo permite analisar e comparar diferentes fontes e narrativas para compreender ideias filosóficas sobre a fundamentação do poder político, incentivando o trabalho com a **habilidade EM13CHS101**. Também promove a análise e a discussão das circunstâncias históricas, políticas, sociais e culturais de matrizes conceituais como bem comum, democracia, república e povo, avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos, contribuindo para o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS102**.

No capítulo, promove-se a identificação, a contextualização e a crítica de oposições dicotômicas como sensível-inteligível, substância-acidente e real-ideal, no âmbito da filosofia política, explicitando-se suas ambiguidades, o que favorece o trabalho com a **habilidade EM13CHS105**. O estudante é convidado a elaborar hipóteses e compor argumentos relativos a processos políticos, com base na

sistematização das informações pesquisadas e na utilização de linguagens gráfica, iconográfica e artística, abarcando as **habilidades EM13CHS103** e **EM13CHS106**.

Respostas e comentários

Enfoque (página 250)

1. Para Platão, a ciência e a filosofia participam do mundo das ideias (mundo inteligível), ao passo que a opinião pertence ao mundo das impressões (mundo sensível).
2. O mundo sensível não é o mundo das essências, pois estas correspondem ao mundo inteligível, do qual participam as ideias.

Comentário

O boxe "Enfoque" mobiliza as **habilidades EM13CHS103** e **EM13CHS106** ao solicitar que os estudantes utilizem dois tipos de linguagem para a resolução das atividades.

Enfoque (página 251)

1. Segundo o texto, Platão concebia o povo em geral como um grupo de pessoas que viviam na ilusão, no mundo das sombras, do imediato. Platão pensava que, por isso, o povo deveria ser guiado pela sabedoria de reis-filósofos.
2. Essa visão é atualmente considerada elitista e arrogante, embora persista em alguns setores da sociedade. Há ainda hoje quem qualifique o povo como uma massa ignorante e incapaz de ter autonomia. No Brasil, essa visão preconceituosa e simplista pode vir acompanhada de outros preconceitos, como racismo e aporofobia (aversão e ódio a pessoas pobres). Aquele que vê o outro como parte do povo não costuma se considerar da mesma forma, supondo-se um ser superior, "iluminado". No entanto, é fundamental levarmos a sério os interesses do outro, buscando compreender suas realidades. Em suma, uma sociedade democrática não se constrói com esse tipo de visão arrogante e elitista. Para um convívio democrático, é fundamental desenvolver o diálogo, a empatia e a solidariedade.

Comentário

O boxe "Enfoque" mobiliza a **habilidade EM13CHS105**, pois permite contextualizar e criticar a oposição dicotômica governante-povo ou elite-povo, identificando suas ambiguidades e problemáticas.

Enfoque (página 255)

1. Para o filósofo, as formas impuras são aquelas em que os governantes não têm como interesse o bem comum, e, sim, os próprios interesses ou de seu grupo. No caso da tirania, o monarca governa em função de seus interesses; no caso da oligarquia, os mais ricos governam em benefício próprio.
2. Se necessário, converse com os estudantes sobre a frase de Churchill, comentando que o político foi primeiro-ministro do Reino Unido de 1940 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial. Ele exerceu o cargo novamente pouco tempo depois, entre 1951 e 1955. A frase pode guardar, em alguns aspectos, relação com o pensamento político aristotélico se considerarmos que, para Churchill, a democracia representativa tem suas falhas e nem sempre funciona de maneira a contemplar as necessidades de toda a população. Contudo, para o estadista, há formas de governo "piores" do que ela. Já para Aristóteles, a democracia consta como uma das formas impuras de governo (com suas falhas e seus defeitos, na concepção do filósofo); mesmo assim, a tirania e a oligarquia são piores que ela. Converse com os estudantes, também, sobre a democracia representativa, retomando os conhecimentos prévios da turma e diferenciando-a da democracia direta, que era exercida em Atenas, na Antiguidade.

Entre saberes (página 256)

1. Sugerimos a seguir um possível quadro:

Direitos constitucionais	Versos
Liberdade de expressão (art. 5º, IV)	"A gente quer valer o nosso humor"
Liberdade de expressão, religiosa, artística, científica, intelectual, de locomoção, de acesso à informação, de associação etc. (art. 5º, IV, VI, IX, XV, XVII)	"A gente quer viver a liberdade"
Direito ao trabalho (art. 6º)	"A gente quer valer nosso suor"
Direito à saúde (art. 6º)	"A gente quer é ter muita saúde"

2. O trecho da canção que revela aversão aos corruptos e a seus desmandos são os versos: "A gente não tem cara de panaca/A gente não tem jeito de babaca". O trecho expressa a insatisfação em relação a como alguns corruptos, geralmente os de colarinho branco, apresentam-se à população, como se todos fossem tolos, "babacas", "panacas".
3. Na visão do autor, cidadania é pertencer a uma nação, ou seja, a um povo socialmente organizado e consciente de seus objetivos. Além disso, cidadania é viver uma nação solidária, que acolha seu povo, com carinho, atenção, calor no coração e felicidade.

Comentário

A seção "Entre saberes" e suas atividades levam à análise e à comparação de uma canção e do texto constitucional, com vistas à compreensão da matriz conceitual cidadania, avaliando criticamente seu significado histórico. Por isso, são trabalhadas as **habilidades EM13CHS101** e **EM13CHS102**. Por estabelecer relações de interdiscursividade entre os textos artístico e jurídico, esta seção e suas atividades também desenvolvem a **habilidade de Língua Portuguesa EM13LP04**.

Enfoque (página 259)

1. É provável que os estudantes identifiquem a frase "No centro do universo poderá apreciar tudo que está à sua volta", que retoma a ideia de centralidade, embora todo o trecho de Pico della Mirandola aborde a valorização do ser humano e de suas capacidades racionais. Incentive a produção textual dos estudantes. Traçar relações entre um texto e uma imagem, efetuando comparações entre eles – considerando, ainda, contextos históricos e o modo como cada um interpreta determinada situação –, é uma habilidade importante a ser desenvolvida pelos estudantes.
2. Comente com os estudantes que essa obra de Leonardo da Vinci é um estudo das proporções humanas. Ela pode expressar o espírito humanista, uma vez que tem como base a valorização do ser humano, posicionando-o no centro do mundo, e foi produzida no contexto do Renascimento, que tinha o humanismo como uma de suas sustentações intelectuais e filosóficas.

Comentário

O boxe "Enfoque" permite que o estudante reflita e componha argumentos com base na relação de diferentes linguagens, no caso o trecho de Mirandola e a gravura de Da Vinci, abarcando as **habilidades EM13CHS101** e **EM13CHS106**.

Enfoque (página 260)

1. A frase está relacionada ao conceito de *virtù*, uma vez que Maquiavel, nessa passagem, afirma que um governante é feliz quando consegue proceder e tomar decisões de acordo com as exigências de seu tempo, ou seja, segundo as questões e as necessidades significativas para o contexto dele e do reino.
2. É importante que os estudantes, considerando os diferentes contextos, reflitam sobre o pensamento político de Maquiavel, identificando ideias que podem se relacionar com o tempo presente. O fato de um governante levar em conta as "exigências de seu tempo", no contexto atual, pode ser visto como algo positivo. Permita aos estudantes expressarem seus pontos de vista, atentando para o rigor histórico e filosófico em suas argumentações.

Enfoque (página 265)

1. O trecho aborda a expressão "armário ainda vazio", que, de forma semelhante à expressão "tábula rasa", é usada por Locke para afirmar que nada existe em nossa mente que não tenha origem nos sentidos. Para o filósofo, quando nascemos, nossa mente é como um papel em branco (ou, no caso, como um armário vazio). Nossas ideias seriam adquiridas por meio da sensação e da reflexão. Essa teoria foi transportada para o campo político por Locke, pois o filósofo afirma que não deveria existir um poder inato. Nesse contexto, Locke aparece como crítico à tirania e ao abuso de poder.
2. Valores como tolerância religiosa, liberdade individual e expansão da educação, por exemplo. É esperado que os estudantes reflitam sobre como determinados valores difundidos no passado estão presentes até hoje, considerando diferentes contextos históricos. É possível que alguns estudantes julguem, por exemplo, que as liberdades individuais não devem prevalecer sobre o bem-estar coletivo, identificando, desse modo, que nem todos os valores importantes para determinada época fazem sentido hoje. Outros podem dizer que a tolerância religiosa continua sendo fundamental e é um dos principais valores a serem difundidos no Brasil atual. O importante nesta atividade é incentivar os estudantes a reconhecerem continuidades e descontinuidades no pensamento político ao longo do tempo.

Enfoque (página 268)

1. A ideia de delegar poderes expressa por Hagar pode ser relacionada, por exemplo, com as teorias contratualistas, segundo as quais os indivíduos teriam transferido seu poder de autogovernar-se para um terceiro (o Estado). A ideia expressa em "eles não querem devolver" do último quadro pode ser relacionada com as recomendações de Maquiavel para o príncipe de manter o poder a qualquer custo, algo bastante comum entre aqueles que assumem alguma posição política.
2. A tirinha pode ser relacionada ao exercício da política na atualidade, na medida em que muitos políticos eleitos, a quem o povo delegou autoridade, apropriam-se desse poder e não querem mais deixar de possuí-lo. Por isso, frequentemente observam-se aqueles que durante o mandato se esforçam apenas para garantir a reeleição, negligenciando os reais interesses da sociedade que os elegeu.

Comentário

O boxe "Enfoque" mobiliza a **habilidade EM13CHS101**, pois permite comparar a tirinha do Hagar com as ideias políticas de filósofos da Idade Moderna, com vistas à compreensão do fenômeno do poder e do Estado.

Trabalho e juventudes (página 269)

Após a leitura coletiva do texto, incentive a turma a debater sobre a importância de princípios e regras que regem o convívio em sociedade, destacando o papel do profissional de direito como um agente envolvido com a aplicação das normas jurídicas. Peça aos estudantes que imaginem como seria o convívio e a organização social sem regras que regulassem a conduta dos indivíduos, das empresas privadas, dos órgãos públicos etc. As regras de convivência na sala de aula podem servir de ponto de partida para essa discussão.

Em seguida, comente sobre o mercado de trabalho dos profissionais formados em direito, na medida em que essa formação possibilita uma ampla inserção, seja na iniciativa privada, em escritórios de advocacia e em departamentos jurídicos de empresas, seja no setor público, por meio de concursos. Esse também é um mercado de trabalho dinâmico, pois está diretamente atrelado às contínuas transformações econômicas, políticas, tecnológicas e culturais da sociedade.

Comentário

A seção "Trabalho e juventudes" apresenta aos estudantes características do curso superior em direito, além de abordar brevemente o perfil do profissional formado na área e seu campo de atuação.

Trata-se de uma oportunidade para explorar a **competência geral da Educação Básica 6**, pois a discussão possibilita ampliar os conhecimentos e as experiências dos estudantes sobre as relações próprias do mundo do trabalho e os ajuda a fazer escolhas alinhadas com seus projetos de vida. O conteúdo da seção também abarca as prerrogativas do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16: *Paz, justiça e instituições eficazes*.

Enfoque (página 270)

1. No primeiro quadrinho, a definição de democracia encontrada no dicionário é "governo no qual a soberania é exercida pelo povo". Para Rousseau, somente o povo é a fonte legítima da soberania, concepção similar à definição lida pela personagem Mafalda.
2. Após ler a definição de democracia, Mafalda começou a rir de maneira compulsiva. A tirinha sugere que ela teve essa reação por notar um descolamento entre a teoria (a definição encontrada no dicionário) e a prática (o exercício de governo na realidade). Portanto, para Mafalda, a ideia de que a soberania é exercida pelo povo é apenas uma abstração, ou seja, não tem lastro na efetividade, funcionando apenas como um ideal, como uma noção imaginária de como as coisas deveriam ser.

Comentário

O boxe "Enfoque" mobiliza a **habilidade EM13CHS101**, pois permite comparar a tirinha de Mafalda com as ideias políticas de Rousseau, com vistas à compreensão do significado de democracia.

Oficina (páginas 271-273)

1. Em seu livro *A república*, Platão desenvolve uma analogia entre o ser humano e a cidade. As três partes que compõem a alma do ser humano (razão, vontade e apetite) devem alcançar um equilíbrio entre si. Trata-se, contudo, de um equilíbrio hierárquico, no qual a alma racional deve preponderar. As três partes ou classes da cidade (governantes, guerreiros e produtores) devem fazer o mesmo para alcançar a justiça, com a prevalência dos governantes. Durante a educação, cada pessoa seria direcionada para uma dessas atividades, de acordo com suas aptidões. Os mais aptos continuariam seus estudos até o ponto mais alto do processo (a filosofia), a fim de se tornarem sábios e de se habilitarem a administrar a cidade. Aquele que, pela contemplação das ideias, conhecesse a essência da justiça deveria governar a cidade: seria o rei-filósofo. Trata-se

portanto, de uma concepção aristocrática, no sentido de que apenas alguns (os mais sábios) poderiam exercer o poder político, embora seja uma aristocracia do espírito, e não do poder econômico.

Comentário

A atividade 1 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 2**, pois instiga os estudantes a investigarem e a refletirem, de forma crítica e criativa, sobre os aspectos do pensamento de Platão que culminam na ideia de um rei-filósofo.

2. **a.** O filósofo chegou a essa conclusão por meio da constatação de que o ser humano é um animal que não consegue viver completamente isolado de seus semelhantes. Se o fizesse, não sobreviveria. Por isso, viver em sociedade é um impulso natural do indivíduo.

b. Se o ser humano é por natureza um animal social, a sociedade deve ser organizada conforme essa mesma natureza. A cidade (pólis), por natureza, tem como finalidade a busca do bem comum, da felicidade. O bem comum implica a prática da virtude, que é o meio-termo entre posições extremas.

Comentário

A atividade 2 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 2**, pois leva os estudantes a investigarem e a refletirem, de forma crítica e criativa, sobre os aspectos do pensamento de Aristóteles que culminam na afirmação do ser humano como animal político que busca o bem comum.

3. Alternativa correta: **b**. Agostinho enfatiza que o poder espiritual reina na cidade celeste, onde a felicidade se baseia no amor a Deus.

4. Antes de Maquiavel, a política costumava ser pensada como uma continuação da ética ou de valores religiosos. Maquiavel inovou ao tratar a política como um campo autônomo, voltado especificamente para a arte de governar. A política seria, então, o campo destinado à conquista e à manutenção do poder. O filósofo trata dos temas políticos de forma realista, distinguindo entre ideal e real, possível e inalcançável. Tudo isso o levou a ser considerado o fundador da política moderna.

Comentário

A atividade 4 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1**, pois valoriza os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo social relacionados ao início da autonomia do campo político, o que contribui para o entendimento da realidade.

5. Para Jean Bodin, o poder do Estado deriva diretamente de Deus, e não da vontade humana. Por isso, a soberania é o poder máximo do Estado de criar e anular leis, para garantir a coesão social. Já a tese geral do contratualismo é a de que o poder do Estado deriva do consentimento, da liberdade da vontade humana.

Comentário

A atividade 5 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 2**, pois leva à investigação e à reflexão crítica e criativa sobre as origens do poder do Estado para Jean Bodin e para os contratualistas.

6. Essa afirmação hobbesiana se refere ao estado de natureza, no qual o ser humano não tem o instinto natural de sociabilidade e sempre encara seu semelhante como um concorrente que precisa ser dominado. Por isso, o estado de natureza geraria um estado de guerra permanente, a "guerra de todos contra todos". Para pôr fim a essa brutalidade, os indivíduos viram-se obrigados a estabelecer um contrato entre si, por meio do qual cada um transferiu seu poder de governar a si próprio a um terceiro (uma pessoa ou assembleia de pessoas), responsável pelo governo de todos, impondo ordem, segurança e direção à conturbada vida social. No pensamento de Hobbes, esse terceiro constitui o Estado soberano e absoluto, cuja criação decorre da natureza humana. O Estado hobbesiano é comparado ao monstro bíblico Leviatã, forte e cruel, que submete os indivíduos e garante a paz e a segurança desejadas.

Comentário

A atividade 6 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 2**, pois leva à investigação e à reflexão sobre as relações entre o estado de natureza e a instituição do Estado na filosofia hobbesiana.

7. Locke propôs uma reflexão mais moderada que Hobbes. Para Locke, os seres humanos em estado de natureza eram livres e relativamente iguais. Nesse estado, a propriedade privada nascia do trabalho. A introdução do dinheiro, no entanto, permitiu a concentração da propriedade privada, o que fez aumentar as desigualdades e os conflitos sociais. Não se trata, para Locke, de um estado de guerra. Para evitar esses problemas, os indivíduos decidiram transferir parte de sua liberdade para o Estado, que se tornou árbitro dos conflitos. Em Hobbes, a parcela de liberdade transferida ao Estado é bem maior do que em Locke. O Estado lockeano é liberal e tem como função garantir aos indivíduos seus direitos naturais, como a liberdade e a propriedade. Não é um Estado absoluto, cujo papel seria impedir uma "guerra de todos contra todos". Já Rousseau opôs-se frontalmente a Hobbes. Para o filósofo suíço, o ser humano em estado de natureza é bom, livre e feliz (não há "lobos" nem guerra). Rousseau diz ignorar a razão que levou o ser humano a associar-se com os outros, mas defende a tese de que o único fundamento legítimo do poder político é o contrato social, por meio do qual cada cidadão – como membro de um povo – concorda em submeter sua vontade particular à vontade geral. Isso significa que cada indivíduo, como cidadão, somente deve obediência ao poder político se esse poder corresponder à vontade geral do povo. Unindo-se a todos, cada cidadão só deve obedecer às leis, as quais, por sua vez, devem exprimir a vontade geral. Desse modo, o cidadão que respeita as leis obedece à própria vontade como cidadão, cujo interesse deve ser o bem comum. Assim, Rousseau chegou a uma concepção de Estado democrático muito diferente do Estado absoluto hobbesiano. Apesar dessas diferenças, para Hobbes, Locke e Rousseau, o fundamento do poder do Estado é o contrato social, ou seja, o consentimento dos indivíduos.

Comentário

A atividade 7 contribui para o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS101**, pois permite comparar as diferentes narrativas de Hobbes, Locke e Rousseau sobre o estado de natureza e a origem do Estado, com vistas à compreensão de suas ideias filosóficas.

8. Resposta pessoal, em parte. Atividade de contextualização e posicionamento crítico. A separação e o equilíbrio dos poderes defendidos por Montesquieu influenciaram a formação dos Estados contemporâneos. Nossa atual constituição estabelece essa separação e harmonia como cláusula pétrea, que não pode ser alterada. Sem essa separação funcional, há risco de concentração de poderes em uma pessoa ou conjunto de pessoas, como alertava o filósofo francês. Contudo, a separação das funções típicas tem como objetivo justamente que um poder limite o outro, não sendo, por isso, uma divisão fixa, e sim dinâmica. A primeira constituição do país, de 1824, já estabelecia uma divisão de poderes, mas com certa concentração no Poder Moderador, exercido pelo imperador. Somente com a primeira constituição republicana, de 1889, o Poder Moderador foi extinto. Apesar disso, posteriormente, houve situações de autoritarismo no Brasil, com concentração de poder no Executivo, a exemplo do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas e da ditadura civil-militar (1964-1985). Essas concentrações de poder levaram a abusos arbitrários, como prisões, torturas e mortes de cidadãos brasileiros. Para a maioria dos especialistas, a separação funcional dos poderes é eficaz no Brasil atual, respeitando a Constituição de 1988 e em compatibilidade com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16: *Paz, justiça*

e *instituições eficazes*. Ainda que possam ocorrer falhas pontuais, não há concentração de poder, pelo menos na esfera federal. É interessante incentivar os estudantes a analisarem também a concentração de poderes na história de outros países.

Comentário

A atividade 8 leva à identificação, à análise e à comparação de fontes e narrativas sobre a separação de poderes expressas em linguagens filosófica e historiográfica, com vistas à compreensão das ideias de Montesquieu e de processos políticos contemporâneos no Brasil; por isso, desenvolve-se a **habilidade EM13CHS101**.

9. Atividade reflexiva de contextualização e posicionamento crítico. Os valores mencionados são: livre-iniciativa econômica, liberdade de expressão, igualdade jurídica, liberdade religiosa e de culto e os direitos à vida, à segurança e à propriedade privada. Depois de ouvir os estudantes, explique que nenhum desses valores é absoluto. A liberdade de expressão, por exemplo, não pode servir para difamar uma pessoa ou para ofender crenças religiosas. De forma semelhante, a livre-iniciativa econômica é limitada pelo direito à vida e à segurança, entre outros.

Comentário

A atividade 9 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 2**, pois permite exercitar a curiosidade e a criatividade para elaborar e testar hipóteses acerca do alcance e dos limites dos valores iluministas nas sociedades democráticas contemporâneas.

10. Atividade de contextualização, reflexão, debate e argumentação. Incentive os estudantes a considerarem que os conhecimentos filosóficos, sobretudo éticos e políticos, podem ser importantes para ajudar um governante a compreender a realidade, o que não significa que ele precise de formação acadêmica na área ou de uma filiação filosófica única e explícita. Os estudantes podem apontar como qualidades de um governante, por exemplo: extroversão, honestidade, estabilidade emocional, consciência social, empatia, determinada ideologia política (esquerda, direita, centro etc.). O bem comum é um conceito aberto, que pode incluir: o respeito às leis; o bem-estar social; o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico; a manutenção da paz; a garantia da segurança pública; o combate às desigualdades sociais e regionais; a valorização de patrimônios culturais e naturais; e a sustentabilidade socioambiental. Um exemplo de líder político que buscou promover o bem comum foi o sul-africano Nelson Mandela (1918-2013), que lutou contra o regime de *apartheid* na África do Sul. Outros exemplos podem ser apresentados.

Lembre os estudantes de estruturar a redação em pelo menos três partes: a introdução, que apresenta o problema; o desenvolvimento, que traz argumentos e exemplos que contribuem para a posição que se deseja tomar; e uma conclusão, que encerra a discussão sobre o tema apresentado na introdução. A redação deve ter de 7 a 30 linhas e estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

Comentário

A atividade 10, por requerer a redação de um texto dissertativo-argumentativo que discuta a questão "As qualidades do governante e o bem comum", partindo das perguntas motivadoras e do debate, contribui para a mobilização das **competências gerais da Educação Básica 1**, **2** e **7**, além do desenvolvimento da **habilidade EM13CHS101**. Isso ocorre porque a atividade leva os estudantes a valorizarem e a utilizarem conhecimentos historicamente construídos sobre a política, bem como a investigarem e a refletirem sobre as possíveis qualidades ideais de um governante e sobre a noção de bem comum. Esses exercícios devem ser empreendidos com base em informações confiáveis, comparando diferentes fontes e narrativas, com vistas à negociação e à defesa de pontos de vista que respeitem os direitos humanos e a consciência socioambiental.

11. A identificação do cidadão grego como *Homo politicus*, na linha do que afirmava Aristóteles, indicou a necessidade da participação dos cidadãos na vida política. No entanto, devemos lembrar que a democracia grega era direta, apesar de excludente, enquanto as democracias atuais são representativas. Atualmente, a participação política não se limita ao voto em um representante. Ela inclui também o engajamento em causas sociais e debates públicos. Nesse ponto, é possível fazer perguntas aos estudantes como: as novas tecnologias digitais da informação têm contribuído para um debate público qualificado ou servem para difundir o ódio? O interesse dos jovens pela política aumentou? Não há uma resposta única para essas perguntas.

Comentário

A atividade 11 mobiliza as **competências gerais da Educação Básica 1** e **2**, na medida em que leva à utilização crítica e criativa dos conhecimentos historicamente construídos sobre a participação política, com o objetivo de compreender criticamente a realidade contemporânea e de construir uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

12. **a.** Havia apenas uma mulher, Carmen Lúcia, entre os ministros do STF. Isso representa cerca de 9% do total de ministros.

b. Em 2022 foram 91 deputadas eleitas, o que representava menos de 18% do total de 513 deputados federais. Tomando o período entre 1933 e 2022, a curva mostra uma tendência de avanço na presença de mulheres na Câmara Federal. A partir de 2014, percebe-se um crescimento acentuado nessa presença, saltando de 45 para 91. Para isso, contribuiu a conscientização nos eleitores de que as mulheres precisam participar da vida pública e, também, a aprovação de leis que garantiram uma reserva de 30% a candidaturas femininas nos partidos e campanhas do Tribunal Superior Eleitoral, incentivando a participação de mulheres na política.

c. É notório o aumento da presença feminina em vários setores da sociedade, incluindo cargos de poder. Todavia, essa presença ainda é bem pequena em relação ao número de mulheres que compõem a população brasileira. Segundo o Censo Demográfico de 2022, realizado pelo IBGE, 51,5% da população brasileira é composta de mulheres e 48,5%, de homens.

Comentário

A atividade 12 utiliza as linguagens iconográfica e gráfica de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, incentivando os estudantes a identificarem a presença das mulheres na distribuição do poder e a se posicionarem em relação a isso. Também permite analisar situações para desnaturalizar e problematizar a desigualdade de gênero. Ademais, promove a interpretação da situação da mulher na política com base na análise de um gráfico. Por isso, são trabalhadas as **habilidades EM13CHS106** e **EM13CHS502** e a **habilidade de Matemática e suas Tecnologias EM13MAT101**.

13. Alternativa correta: **b**. Aristóteles entendia a sociedade civil como a realização da essência do ser humano, de sua disposição natural para a vida política. Em contraposição, Hobbes via a sociedade civil como um freio necessário ao ímpeto destrutivo da natureza humana.

14. Alternativa correta: **b**. Maquiavel inovou ao desvincular a política da moral e da religião, entendendo que, nesse campo, não há "mal" ou "bem" absolutos. A base de seu pensamento é a experiência política concreta, ou seja, ele refletiu sobre a política real, cujo exercício busca conquistar e manter o poder, e não alcançar um bem comum. A existência de um bem comum, contudo, não foi negada por todos os autores da Idade Moderna: Rousseau, por exemplo, entendia que a vontade geral expressava o bem comum.

15. Alternativa correta: **c**. Montesquieu formulou a teoria da separação funcional dos poderes do Estado (Poder Executivo, Poder Legislativo e Poder Judiciário). Com essa divisão, seria possível evitar abusos dos governantes e proteger as liberdades individuais. Além disso, na obra *O espírito das leis*, Montesquieu enfatizou que os três poderes deveriam ser exercidos por diferentes pessoas de forma equilibrada.

Sugestões

Livros

BARROS, Alberto Ribeiro Gonçalves *et al*. **Manual de Filosofia Política**. São Paulo: Saraiva, 2021.

Textos de especialistas que discutem o pensamento político desde a Antiguidade até os tempos contemporâneos.

FERRARI, Sônia Campaner Miguel. **Filosofia política**. São Paulo: Saraiva, 2019.

Textos de especialistas que abordam o pensamento político de Platão a Rawls.

WEFFORT, Francisco C. **Os clássicos da política**. São Paulo: Ática, 2006. v. 1.

Coletânea de textos selecionados e comentados de Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu e Rousseau, bem como reprodução e comentários de *O federalista*.

Capítulo 10 Política contemporânea

Este capítulo trata das concepções políticas de filósofos contemporâneos. O capítulo é dividido em duas grandes partes: século XIX e séculos XX e XXI. Para abordar os autores do século XIX, caracterizamos a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, marcadas pela confiança exacerbada na razão. Para compreender o pensamento político dos séculos XX e XXI, contextualizamos brevemente grandes marcos do período, caracterizado como uma era de incertezas, que se refletem no debate público.

A confiança excessiva na razão é exemplificada pelo pensamento de Auguste Comte, que repercutiu fortemente no Brasil, sobretudo na época da instituição da República. Em reação a essa confiança, surgiu o movimento romântico, que influenciou o pensamento de Friedrich Hegel. A teoria política hegeliana pode ser complementada por explicações sobre seu método e sistema filosófico, apresentadas no capítulo 6, "Ética na história". Karl Marx critica o pensamento de Hegel e de filósofos políticos anteriores, propondo um novo método e, por consequência, novas explicações para a origem e o exercício do poder do Estado. O pensamento político de Marx pode ser aprofundado por suas concepções sobre a ética e o trabalho, apresentadas nos capítulos 5, 6 e 7 deste volume.

Considerando o fenômeno do poder mais difuso e fragmentado, Michel Foucault refletiu sobre sua propalação e seu fundamento nos indivíduos, para além do Estado. Suas reflexões também são abordadas no capítulo 2, ao tratarmos do mito da neutralidade científica. A concepção de poder proposta por Foucault é reformulada por Achille Mbembe, por meio do conceito de necropoder, que seria capaz de explicar práticas violentas, sobretudo racistas, cometidas na contemporaneidade. Em outra linha, que retoma o contratualismo moderno, John Rawls centra suas reflexões na construção de uma teoria da justiça como equidade em busca da promoção de avanços sociais. Já Theodor Adorno e Max Horkheimer veem com desesperança a possibilidade de transformações sociais, denunciando a morte da razão crítica nas sociedades capitalistas. O pensamento desses filósofos também é trabalhado nos capítulos 2, 4 e 7 deste volume. Em contraposição a Adorno e Horkheimer, Jürgen Habermas propõe a teoria da ação comunicativa como caminho para mudanças políticas e sociais. Sua teoria pode ser aprofundada com os textos do capítulo 6 sobre a razão comunicativa.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre os temas que serão desenvolvidos no capítulo. Ao exercitar a curiosidade sobre o debate político filosófico dos séculos XIX ao XXI, o texto da abertura mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1**.

O capítulo permite analisar e comparar diferentes fontes e narrativas para compreender ideias filosóficas sobre a fundamentação do poder político na contemporaneidade, desenvolvendo a **habilidade EM13CHS101**. Também promove a análise e a discussão das circunstâncias históricas, políticas, sociais e culturais de matrizes conceituais como Estado, poder, justiça, direitos humanos e democracia, avaliando criticamente seus significados históricos e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos, o que contribui para o trabalho com a **habilidade EM13CHS102**. Também são identificadas, contextualizadas e criticadas tipologias evolutivas (como a lei dos três estados proposta por Comte) e oposições dicotômicas (como razão-emoção e indivíduo-coletividade), explicitando-se suas ambiguidades. Assim, incentiva-se o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS105**.

No capítulo, sobretudo por meio dos conceitos de luta de classes, micropoder, necropoder, equidade, indústria cultural e ação comunicativa, o estudante é convidado a identificar formas de violência, suas principais vítimas e causas, bem como seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos. Favorece-se, assim, o trabalho com a **habilidade EM13CHS503**. Os impactos econômicos e socioambientais decorrentes da exploração de recursos naturais por indivíduos, empresas e governos são analisados e avaliados criticamente, em particular com base na teoria da necropolítica de Mbembe e da morte da razão crítica de Adorno e Horkheimer, abarcando as **habilidades EM13CHS302** e **EM13CHS304** e o tema contemporâneo transversal *Educação ambiental*.

Também há, especialmente nas seções "Contraponto" e "Oficina", análises dos princípios da declaração dos Direitos Humanos, com recurso às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificando os avanços e obstáculos à sua concretização nas diversas sociedades contemporâneas e promovendo ações concretas diante das profundas desigualdades sociais e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo, o que incentiva o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS605**. Além disso, reforçam a abordagem do tema contemporâneo transversal *Educação em direitos humanos*.

Respostas e comentários

Enfoque (página 276)

1. A tela escolhida para a capa, em sintonia com a temática do livro, representa a cultura indígena imersa em uma paisagem idílica, ou seja, terna e delicada.
2. O Romantismo exalta e idealiza a natureza, o que pode ser notado na escolha de uma representação idílica da paisagem. Além disso, o Romantismo, do ponto de vista político, valoriza as tradições de um povo, o que, no caso da capa escolhida, é realizado por meio da representação de povos tradicionais.

Enfoque (página 279)

1. Auguste Comte defende que os trabalhos mecânicos devem ser executados pelos operários, enobrecendo seu caráter habitual e adoçando suas consequências penosas. Além disso, sustenta que

as atividades devem ser desempenhadas com honra e aceitas convenientemente.

2. Espera-se que o estudante destaque que, por defender que operários aceitem convenientemente os trabalhos que lhes são colocados, Auguste Comte assume uma posição conservadora, já que revela uma propensão para a preservação do *status quo* e a manutenção da estrutura social vigente, com suas desigualdades e explorações.

Contraponto (páginas 282-283)

1. Como argumenta Engels no primeiro parágrafo, o Estado nasceu no meio do conflito de classes e, de modo geral, representa a classe mais poderosa, aquela que tinha força para reprimir a classe dominada. Isso ocorreu, como exposto no segundo parágrafo, com os escravizados na Antiguidade, com os servos e camponeses no feudalismo e com os trabalhadores assalariados no capitalismo. Trata-se da crítica marxista do Estado como instrumento de dominação de classe.
2. Engels rejeita a hipótese liberal, segundo a qual indivíduos isolados se reuniram para fundar o Estado e, assim, proteger seus direitos naturais (a conservação da vida, da liberdade e da propriedade). O texto de Engels não fala em indivíduos, e sim em classes sociais. Para ele, o que existe é um conflito de classes.
3. Os direitos humanos estabelecidos são: liberdade de ir e vir ou locomoção (art. 13); direito de propriedade (art. 17); direito de participar do governo, de acessar serviços públicos e liberdade de voto (art. 21); e direito ao trabalho, à remuneração justa e a organizar sindicatos (art. 23).
4. Para Engels, o Estado cumpre a função de manter a dominação de uma classe social sobre outra. Nesse cenário, podemos falar da violação dos direitos humanos como uma forma de "naturalizar" essa dominação, que assume diferentes formas de violência, desde aquelas consideradas mais brutais (homicídios, guerras e torturas) até aquelas consideradas mais sutis, disfarçadas, produzidas por injustiças sociais (carência nutricional, baixos salários, desamparo à saúde, má qualidade da educação, falta de acesso ao lazer etc.).

Comentário

A seção "Contraponto" e suas atividades trabalham a **habilidade EM13CHS605** e o tema contemporâneo transversal *Educação em direitos humanos*, pois levam à análise dos princípios e direitos estabelecidos na Declaração dos Direitos Humanos, identificando as desigualdades sociais como entraves à concretização desses direitos.

Enfoque (página 286)

1. Para Foucault, os micropoderes são fragmentos do poder que circulam e são transmitidos pelos diversos sujeitos sociais.
2. Os micropoderes moldam normas e expectativas sociais que influenciam pensamentos, condutas e sentimentos. Estimule os estudantes a apresentarem exemplos de micropoderes percebidos em casa, na escola, nas ruas etc.

Comentário

As atividades do boxe "Enfoque" trabalham a **habilidade EM13CHS101**, pois permitem identificar a teoria foucaultiana e compará-la com as experiências dos estudantes.

Enfoque (página 288)

1. De acordo com Achille Mbembe, a escravização impôs a perda da condição de humanidade, resultante de uma tripla perda para os escravizados: a perda de um "lar", a perda de direitos sobre o próprio corpo e a perda de estatuto político. Essa tripla perda resultou na morte social e na vulnerabilidade do corpo escravizado, constante vítima de violência, o que caracteriza a situação descrita de morte-em-vida.
2. Na gravura da planta de um navio negreiro, é representada a condição desumana a que os escravizados eram submetidos, transportados como mercadorias, o que evidencia a situação de morte-em-vida descrita por Achille Mbembe. Na obra de Emanoel Araújo, essa condição também é representada, seja na exibição do navio no centro da escultura, seja na reprodução das correntes que aprisionavam os escravizados, impondo-lhes a desumanização.

Comentário

As atividades do boxe "Enfoque" contribuem para o desenvolvimento das **habilidades EM13CHS503** e **EM13CHS101**, pois permitem comparar diferentes linguagens para a compreensão de ideias filosóficas e convidam o estudante a debater as diversas formas de violência a que pessoas escravizadas foram submetidas, problematizando-as.

Saiba mais (página 291)

Ao tratar da justiça distributiva, que busca sanar determinadas assimetrias sociais, dando como exemplo a Lei de Cotas, sancionada no Brasil em 2012, contribui-se para o desenvolvimento do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10: *Redução das desigualdades*.

Enfoque (página 292)

1. Nessa tirinha, o personagem que representa um algoritmo diz aquilo que seu interlocutor gostaria de ouvir, mas este é logo surpreendido por um interesse mercadológico, como frequentemente ocorre ao recebermos mensagens por e-mail ou por redes sociais.
2. A tirinha apresenta uma crítica ao tipo de relação desenvolvido por mídias digitais, em que o interesse mercadológico muitas vezes se sobrepõe de maneira dissimulada sobre qualquer tipo de relação mais autêntica e sincera. Em sintonia com a crítica elaborada por Adorno e Horkheimer por meio do conceito de indústria cultural, podemos perceber nas mídias digitais uma homogeneização dos comportamentos, um processo de massificação das pessoas e que despreza a individualidade delas, transformando-as meramente em consumidoras.

Comentário

As atividades do boxe "Enfoque", por tematizarem de maneira crítica o tipo de relação mantido em mídias digitais, contribuem para o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS401** e do tema contemporâneo transversal *Ciência e tecnologia*.

Oficina (páginas 294-295)

1. A dupla de revoluções consistiu na Revolução Industrial e na Revolução Francesa. A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra no século XVIII, expandiu-se para outros países no século XIX. Ela é caracterizada, sobretudo, por grandes transformações na produção econômica propiciadas por inovações científicas e tecnológicas. Também ensejou a urbanização e ocasionou novas formas de exploração do trabalho, opondo a burguesia empresarial aos trabalhadores assalariados. A Revolução Industrial iniciada naquele período tem desdobramentos até os dias atuais, com o desenvolvimento da internet, da robótica, da nanotecnologia, da inteligência artificial etc.

   Já a Revolução Francesa consistiu, basicamente, na luta da burguesia contra o absolutismo e os privilégios da nobreza. Com o fim do Antigo Regime, essa luta abriu espaço para demandas dos trabalhadores contra a exploração econômica e a opressão política.

que sofriam. Ideais da Revolução Francesa como igualdade, liberdade e fraternidade se espalharam pelo mundo e influenciam organizações e movimentos políticos até nossos dias, inclusive aqueles que culminaram na formulação da Declaração Universal de Direitos Humanos e da Constituição Federal brasileira.

Comentário

A atividade 1 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1**, pois leva os estudantes a valorizarem e a utilizarem conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo contemporâneo com o objetivo de compreender melhor a realidade.

2. O Romantismo foi um movimento cultural iniciado no final do século XVIII. Ele sintetizou a reação à crença otimista na razão e no progresso, que caracterizou muitos pensadores iluministas e se fortaleceu, em grande medida, com a Revolução Industrial. Os românticos valorizavam as emoções e a subjetividade, em vez da frieza e da massificação da sociedade urbano-fabril. Exaltavam a natureza e buscavam o pertencimento a uma totalidade, como um Estado-nação. Por isso, defenderam as línguas e tradições nacionais. Na filosofia, o Romantismo se expressou, por exemplo, no idealismo alemão, cujo maior representante foi Hegel.

Comentário

A atividade 2 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1**, pois leva os estudantes a valorizarem e a utilizarem conhecimentos historicamente construídos sobre o Romantismo, movimento cultural do século XIX que ainda hoje influencia debates filosóficos e políticos.

3. Hegel criticou a concepção liberal de Estado, presente tanto em Locke como em Rousseau, porque essa concepção parte da ideia do indivíduo isolado, que posteriormente teria se organizado em sociedade. Para Hegel, isso seria um equívoco, porque o ser humano é essencialmente social e só encontra seu sentido no Estado. Segundo o filósofo, o Estado precede o indivíduo. Isso significa que o Estado é o fundamento da sociedade civil, ao instituir a língua e as tradições nacionais que precedem e definem o indivíduo. Assim, o Estado não é a mera soma de indivíduos ou o resultado de um acordo de vontades (contrato social), como pensavam Hobbes, Locke e Rousseau.

Comentário

A atividade 3 desenvolve a **habilidade EM13CHS101**, pois leva à identificação, à análise e à comparação de concepções políticas de Hobbes, Locke, Rousseau e Hegel.

4. Positivismo é a designação da doutrina criada por Auguste Comte, a qual se caracteriza por confiança e entusiasmo em relação às inovações tecnocientíficas decorrentes da industrialização. Essa doutrina se baseia na valorização do método científico das ciências positivas, cujo objetivo é descobrir as leis gerais que regem os fenômenos naturais e sociais. Dois lemas do positivismo são: "Ver para prever" e "Ordem e progresso". O primeiro indica o objetivo de prever fenômenos com base em leis gerais, visando atuar na realidade. O segundo indica o objetivo de evolução linear e ordenada da humanidade. Com essas ideias, Comte propunha, em termos políticos, a reforma da sociedade por meio de uma reestruturação intelectual, moral e, por fim, política. Essa reestruturação seria pautada por concepções positivistas acerca do conhecimento e dos valores éticos sobre os quais uma sociedade deveria ser erigida. Entre esses valores, que Comte considera terem sido destruídos pela Revolução Francesa, estão a hierarquia, a ordem, a paz e o respeito entre as classes sociais. O positivismo repugnava a revolução como veículo de transformações sociais e defendia o enaltecimento dos empreendedores capitalistas e a resignação dos trabalhadores práticos e mecânicos. Por conta de tudo isso, essa doutrina pode ser considerada dogmática, autoritária e conservadora.

5. Sim, é correta, porque para Marx não existe o indivíduo formado fora da vida em sociedade, um ser isolado, abstrato e universal, como conceberam muitos filósofos. Ele entendia que, para compreender e explicar os seres humanos, é preciso partir das condições materiais de cada indivíduo, ou seja, basear-se em sua história concreta e existência social.

6. A expressão refere-se ao contraste entre o século XIX, marcado por ideais e convicções de progresso científico e social, e os séculos XX e XXI, caracterizados pela incerteza com relação a esses ideais. Essa incerteza decorreu, principalmente, de novas visões sobre a ciência e a tecnologia e também de consequências de seu desenvolvimento, como a utilização de armas de destruição em massa, a degradação ambiental, a ocorrência de pandemias e a persistência das desigualdades sociais. Assim, no mundo contemporâneo, as promessas de paz e de melhoria nas condições de vida são, de certa forma, frustradas. Apesar disso, houve importantes inovações tecnológicas e científicas, além de conquistas sociais, como a progressiva emancipação feminina.

Comentário

A atividade 6 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1**, na medida em que permite utilizar conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo social e cultural durante os séculos XX e XXI para explicar a realidade.

7. Na análise de Foucault, a partir do século XVIII, o poder fragmentou-se em micropoderes, tornando-se muito mais eficaz, já que a disciplina social passou a ser interiorizada e cumprida por uma rede imensa de pessoas, como pais, médicos, professores, porteiros, guardas e fiscais. Em sua genealogia do poder, Foucault caracterizou a sociedade contemporânea como uma sociedade disciplinar, na qual prevalece a produção de práticas disciplinares de vigilância e de controle constantes, que se estendem de diversas formas a todos os âmbitos da vida. Uma das formas mais eficientes se dá, segundo ele, por discursos e práticas científicas. Assumindo a face do saber, o poder atingiria os indivíduos em seu corpo, em seu comportamento e em seus sentimentos.

8. **a.** O gráfico correlaciona o número de hectares desmatados pelo garimpo e o número de casos registrados de malária na Terra Indígena Yanomami (TIY). Segundo as informações do gráfico, esses fenômenos se intensificaram a partir de 2014 (no caso da malária) e de meados de 2015 (no caso do desmatamento).

b. Sim, é possível estabelecer uma relação entre o desmatamento causado pelo garimpo ilegal e os registros de malária na TIY. O desmatamento destrói a biodiversidade da Amazônia, desequilibrando esse bioma. Esse desequilíbrio ecológico leva ao predomínio de certas espécies, incluindo mosquitos transmissores de malária e de dengue. A malária, em particular, é uma infecção causada por protozoários e transmitida por mosquitos. Assim, o aumento nos casos de malária e também de dengue é causado, entre outras coisas, pelo desmatamento.

c. A crise socioambiental Yanomami pode ser explicada com base no conceito de necropolítica, uma vez que os indígenas foram considerados vidas descartáveis, pessoas que poderiam morrer em função da busca por riquezas, no caso, o ouro. Tanto a atividade devastadora dos garimpeiros ilegais e de seus financiadores quanto o descaso dos governos com a crise podem ser entendidos como exercício de necropoder, ou seja, de poder sobre o direito de viver e de morrer de um grupo da população. A natureza é outro alvo dessa crise. Cabe ressaltar que os indígenas têm contribuído decisivamente para a preservação da biodiversidade natural. O Instituto Socioambiental (ISA) calcula que, nos últimos 40 anos, enquanto o bioma Amazônico brasileiro perdeu 20% de suas florestas originais, as terras indígenas ali situadas perderam apenas 2,4%.

Comentário

A atividade 8 trabalha a **habilidade EM13CHS503**, pois permite analisar e avaliar os impactos socioambientais do garimpo ilegal na Amazônia, identificando os indígenas como principais vítimas da violência que assola suas terras. Ademais, esta atividade desenvolve a **habilidade de Ciências da Natureza e suas Tecnologias EM13CNT206**, uma vez que convida o estudante a reconhecer a importância da preservação e conservação da biodiversidade e avaliar os efeitos da ação humana para garantir a sustentabilidade.

9. John Rawls considera que, sem liberdade, não podemos expressar racionalmente nossas vontades, nem mesmo para escolher construir uma sociedade livre e igualitária. Assim, a liberdade seria, de certa forma, um pressuposto da igualdade. Para Rawls, as pessoas são diferentes e são admissíveis desigualdades (de riqueza ou de autoridade) que sejam benéficas para todos, principalmente para os menos favorecidos. Rawls, contudo, considera inadmissíveis as desigualdades socioeconômicas que violam valores fundamentais de justiça estabelecidos nas constituições democráticas dos países contemporâneos.

10. O "pessimismo teórico" de Adorno e Horkheimer se expressa na interpretação: (1) da razão iluminista como controladora e instrumental, tanto da natureza quanto do próprio ser humano; (2) do desenvolvimento tecnológico e industrial como instrumento de dominação; (3) do desencantamento do mundo; (4) da deturpação das consciências individuais; (5) da assimilação dos indivíduos ao sistema social dominante; (6) da morte da razão crítica, asfixiada pelas relações de produção capitalista; (7) da desesperança em relação à possibilidade de transformação dessa realidade social; (8) da assimilação da classe revolucionária do proletariado pelo sistema capitalista; (9) da instituição da indústria cultural e da diversão como meio de homogeneização dos comportamentos, de massificação das pessoas etc.

11. Para Habermas, o potencial para a racionalização do mundo ainda não estaria esgotado, e sua teoria da ação comunicativa expressa essa confiança. Nela, o autor propõe um novo conceito de razão: a razão dialógica, que brota do diálogo e da argumentação entre os agentes interessados em uma determinada situação, isto é, da ação comunicativa, do uso da linguagem como meio de conseguir o consenso. O conceito de razão dialógica afeta o conceito de verdade, que não seria mais a adequação do pensamento à realidade, e sim o fruto da ação comunicativa. A verdade seria intersubjetiva, pois surgiria do diálogo entre os indivíduos. Nesse diálogo se aplicariam algumas regras, como a não contradição, a clareza de argumentação e a falta de constrangimentos de ordem social. Razão e verdade assim entendidas fortalecem a importância da democracia, pois se torna necessária uma ação social que fortaleça as estruturas capazes de promover as condições de liberdade e de não constrangimento, imprescindíveis ao diálogo, o qual, então, pressupõe e provoca o aperfeiçoamento da democracia.

Comentário

A atividade 11 desenvolve a **habilidade EM13CHS101**, pois leva à identificação, à análise e à comparação das concepções de Adorno, Horkheimer e Habermas sobre a razão, a verdade e a democracia.

12. Atividade de contextualização e posicionamento crítico. Para dar início à discussão, é importante estimular os estudantes a retomarem o conceito de classe social e de proletariado. No Brasil contemporâneo há diversos movimentos sociais com reivindicações de mudança do *status quo*, como os trabalhadores urbanos (com destaque para os metalúrgicos e os entregadores de aplicativos), os sem-terra no campo, os sem-teto nas cidades, os aposentados etc. Além disso, pode-se acrescentar à pauta de discussão o clima de insatisfação, surgido nos últimos anos, que gerou uma grande mobilização popular em várias partes do mundo (os indignados), durante a crise econômica mundial iniciada em 2008 e as ações do movimento #VidasNegrasImportam, intensificado durante a pandemia de covid-19. Pode-se organizar a discussão conforme os temas que surgirem em uma conversação prévia. Os estudantes poderão concluir que, apesar das profundas desigualdades existentes, não há classes abertamente em conflito no Brasil atual, tampouco haveria uma classe revolucionária. Durante o debate, é fundamental que os estudantes argumentem para sustentar seu posicionamento e estejam abertos e atentos aos argumentos de seus colegas.

Comentário

A atividade 12 mobiliza a **competência geral da Educação Básica 1**, pois leva à valorização e à utilização de conhecimentos historicamente construídos sobre a sociedade brasileira para explicá-la.

13. Resposta pessoal. Atividade de contextualização e posicionamento crítico. Pesquise sobre o tema previamente e apresente elementos atuais (dados estatísticos, matérias jornalísticas, artigos acadêmicos etc.) aos estudantes. Aproveite a intensificação da discussão sobre o neoliberalismo a partir da crise econômica mundial de 2008 e da pandemia do novo coronavírus em 2019. O neoliberalismo é uma corrente de pensamento político-econômico que defende basicamente o livre mercado e a ideia de que, quanto menor for a participação do Estado na economia, maior será o poder dos indivíduos e mais rapidamente a sociedade poderá se desenvolver e progredir, para o bem dos cidadãos. Suas origens remontam ao século XIX. Foi retomado em 1947 por Ludwig von Mises e Friedrich von Hayek como reação à política keynesiana (por seu intervencionismo) e ao estado de bem-estar social (pelo seu assistencialismo), este idealizado na Inglaterra em 1942. Outra vertente surgiu mais ou menos na mesma época, a chamada Escola de Chicago, tendo Milton Friedman como seu expoente, que combateu a política do New Deal do presidente Franklin Delano Roosevelt (por sua tolerância com os sindicatos e defesa do intervencionismo estatal). Sua nova retomada ocorreu desde 1973, após a crise do petróleo, que afetou a economia mundial, levando a maioria dos países ocidentais a adotar políticas econômicas neoliberais. Diversos pensadores contemporâneos defendem modelos alternativos ao neoliberalismo. Essas alternativas variam desde um modelo reformista, que sugere mudanças graduais e estruturais no sistema atual, até ideias revolucionárias (por exemplo, socialistas, comunistas e anarquistas), que propõem uma reestruturação completa do sistema econômico e social.

Comentário

A atividade 13 desenvolve a **habilidade EM13CHS102**, pois leva os estudantes a analisarem e a debaterem a matriz conceitual neoliberalismo, avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-a a modelos político-econômicos alternativos.

14. Alternativa correta: **a**. Para Foucault, "sociedade disciplinar" é aquela na qual diversas instituições operam como dispositivos de controle social. A disciplina constitui uma modalidade do poder vigilante, que se difunde em diversas esferas da vida social. Atinge desde atos banais e cotidianos até formalidades que fundamentam as instituições. As instituições da sociedade disciplinar adestram os sujeitos, estabelecendo normas de controle social e mecanismos de fiscalização. Nessa sociedade, os indivíduos são hierarquizados e normatizados, tendo seus corpos e mentes docilizados para obedecer às normas e não desafiar o poder.

15. Alternativa correta: **c**. Segundo o texto citado de Habermas, a cultura majoritária impôs seu padrão ético-político nas sociedades contemporâneas, desprezando as minorias. O modelo democrático republicano, no entanto, com seu ideal de igualdade de direitos, possibilita que as minorias desprezadas suscitem conflitos com a cultura dominante, em busca da coexistência das diferenças, por meio da razão dialógica, alcançando consensos no debate público.

16. Alternativa correta: **d**. Para Marx, o Estado (na sociedade capitalista) atua como instrumento de dominação de uma classe sobre outra. Desse modo, as relações entre as diferentes classes sociais não são marcadas por equilíbrios dinâmicos nem por solidariedade. Ainda segundo o filósofo, as injustiças e as opressões impulsionam lutas por transformações e, nesse sentido, toda história humana é movida pela luta de classes.

Sugestões

Livros

BRANCO, Guilherme Castelo; ADVERSE, Helton (org.). **Clássicos e contemporâneos da filosofia política**: de Maquiavel a Antônio Negri. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

Organizado em temas de política que relacionam autores clássicos e contemporâneos.

KYMLICKA, Will. **Filosofia política contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

Comentários sobre correntes e filósofos políticos contemporâneos do utilitarismo, do igualitarismo liberal, do liberalismo, do marxismo, do comunitarismo e do feminismo.

ROSAS, João Cardoso; FERREIRA, Ana Rita (org.) **Ideologias políticas contemporâneas**. Coimbra: Almedina, 2014.

Diversos autores portugueses buscam identificar e compreender as principais ideologias políticas no mundo contemporâneo: a esquerda radical, o comunismo, o socialismo democrático, o liberalismo e o conservadorismo.

UNIDADE 6

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE

A discussão proposta na abertura da unidade, nas páginas 296 e 297, busca estimular os estudantes a refletirem a respeito do testemunho oferecido pelo líder indígena Davi Kopenawa sobre o significado da floresta para os povos Yanomami. Em seguida, eles devem identificar como são as relações de exploração dos recursos naturais estabelecidas pela comunidade em que vivem e comparar com outras visões de mundo para encontrar semelhanças e diferenças quanto à função e ao significado das florestas.

Essa reflexão inicial serve como ponto de partida para uma análise mais ampla sobre a lógica de domínio da natureza, implementada desde a Revolução Industrial. Para desenvolver esse pensamento, os estudantes devem ser orientados a se reunir em grupos, de modo que possam identificar, coletivamente, que esta lógica tem sido responsável pela atual crise ambiental planetária.

Após essa constatação, eles devem relatar suas preocupações com esse cenário e sugerir medidas que possam promover a preservação ambiental. Entre as propostas, espera-se que seja citada a necessidade urgente de mudanças nos modelos de produção e consumo, com o objetivo de transformar a forma como os recursos naturais são explorados e minimizar os impactos ambientais, como o desmatamento.

A discussão proporciona uma oportunidade de defender ideias que promovam a consciência socioambiental, a valorização da diversidade de grupos sociais e de seus saberes, o consumo responsável e o posicionamento ético em relação ao cuidado com o planeta. Por isso, é uma boa oportunidade para trabalhar o tema contemporâneo transversal *Educação ambiental*. Além disso, essa abordagem explora a interdisciplinaridade ao integrar conteúdo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e das Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

Objetivos de aprendizagem desta unidade

1. Identificar características que distinguiriam os seres humanos dos outros animais, como a racionalidade, a linguagem, a liberdade, o trabalho, o amor e a cultura.
2. Explicar a importância da razão no pensamento de Aristóteles, de Tomás de Aquino, de Pico della Mirandola e de René Descartes, contrapondo-a à ideia de ser simbólico proposta por Ernst Cassirer.
3. Compreender a centralidade da liberdade e da perfectibilidade na teoria de Jean-Jacques Rousseau, do trabalho livre e alienado na filosofia de Karl Marx, da distinção ócio-negócio na Antiguidade e do amor na teoria do reconhecimento de Axel Honneth.
4. Analisar a tríade de manifestações gerais da condição humana proposta por Hannah Arendt, destacando sua pluralidade e a distinção entre espaço público e espaço privado.
5. Investigar as relações natureza-cultura, inato-adquirido e biosfera-antroposfera, valorizando a diversidade cultural e combatendo o etnocentrismo.
6. Contextualizar a intervenção humana na natureza, sobretudo durante o Antropoceno, estudando os impactos da industrialização em nossa relação com os fenômenos naturais, a produção e o consumo de bens, a urbanização e o crescimento demográfico.
7. Diferenciar concepções de natureza explicando o processo de desencantamento do mundo, abordando a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo, a prevalência da razão instrumental e as transformações decorrentes da revolução digital.
8. Discutir a questão ecológica, relacionando-a a um campo de estudo científico, ético e político, pautado por princípios de um desenvolvimento socioambiental sustentável.
9. Conhecer e analisar a cosmovisão indígena do filósofo Ailton Krenak, compreendendo a importância da diversidade cultural, os impactos de uma concepção homogênea de humanidade, a complementariedade entre prazer e poder e o valor da cidadania.
10. Conhecer e analisar o princípio da responsabilidade proposto pelo filósofo Hans Jonas, identificando a necessidade de construção de uma nova ética, os pressupostos das éticas tradicionais e a formulação de um novo imperativo moral preocupado com o futuro da espécie humana.

Capítulo 11 Condição humana

Este capítulo discute um dos problemas mais antigos da filosofia: o que é o ser humano? Diferentes autores da tradição filosófica ofereceram diversas respostas a essa questão, identificando a característica distintiva do ser humano na razão, na linguagem, no símbolo, na perfectibilidade, no trabalho, no amor e na cultura. A filósofa Hannah Arendt buscou relacionar essas características em sua formulação sobre a condição humana, diferenciando trabalho, obra e ação política. Em uma abordagem interdisciplinar com ciências humanas e naturais, o ser humano foi comparado aos outros animais, discutindo-se as interações entre natureza e cultura. A análise de um conceito amplo de cultura permite identificar e valorizar sua diversidade e combater o etnocentrismo.

As concepções aristotélicas podem ser complementadas pelas discussões apresentadas nos capítulos 1, 3, 7, 8 e 9, que abordam, respectivamente, sua teoria do conhecimento e sua lógica, a natureza racional e política do ser humano, as teorias das quatro causas e do meio-termo, a relação liberdade-necessidade, o amor *philia* e a visão da política como uma continuação da ética. O racionalismo de René Descartes e sua dúvida metódica são estudados nos capítulos 1 e 2. O capítulo 9 permite aprofundar o humanismo de Pico della Mirandola. O tema do trabalho, inclusive em Tomás de Aquino e Karl Marx, pode ser complementado pelos conteúdos do capítulo 7. E, por fim, visões sobre o amor são analisadas no capítulo 8.

O presente capítulo também se relaciona com debates políticos contemporâneos apresentados no capítulo 10, trazendo importantes autores desse campo, como Axel Honneth e Hannah Arendt. Além disso, baseando-se nas discussões sobre a relação entre ser humano e natureza, é possível ampliar as discussões sobre a ética ambiental, abordadas no capítulo 12.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre os vários aspectos da condição humana a serem desenvolvidos no capítulo. Ao exercitar a curiosidade sobre as características fundamentais do ser humano, o texto se relaciona com a **competência geral da Educação Básica 2**.

O capítulo permite analisar e comparar diferentes fontes e narrativas para compreender ideias filosóficas sobre o que define os seres humanos, incentivando o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS101**. Também promove a análise e a discussão das circunstâncias históricas, políticas, sociais e culturais de matrizes conceituais como "razão", "linguagem", "símbolo", "liberdade", "trabalho", "amor", "ação política" e "cultura", avaliando criticamente

seus significados históricos e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. Isso favorece diretamente o trabalho com a **habilidade EM13CHS102**.

No capítulo, promove-se a identificação, contextualização e crítica de oposições dicotômicas como fé-razão, ócio-negócio, público-privado e natureza-cultura, explicitando-se suas ambiguidades, conforme a **habilidade EM13CHS105**. Esta última oposição em particular será explorada nas atividades 6 e 8 da seção "Oficina". A análise do conceito de cultura, caracterizando sua diversidade e imperceptibilidade no cotidiano, permite compreender a produção de diferentes territorialidades em suas diversas dimensões, no Brasil e no mundo, o que está de acordo com a **habilidade EM13CHS205**.

Além disso, aborda-se os desdobramentos da perfectibilidade rousseauniana extraídos por Jean-Luc Ferry, o trabalho alienado em Karl Marx e o respeito à diversidade cultural e o combate ao etnocentrismo. Com base nesses conteúdos, o capítulo abarca a **habilidade EM13CHS502** ao permitir analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação. Além disso, identifica ações que promovem os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

Respostas das atividades

Enfoque (página 301)

1. É esperado que os estudantes compreendam que, por meio da linguagem, os seres humanos podem transmitir e compartilhar costumes e tradições culturais (as experiências acumuladas, os saberes, as práticas etc.).
2. Incentive a produção dos estudantes. Caso algum estudante prefira elaborar textos (em vez de desenhar/criar representações e imagens para a tirinha), é possível dividi-los em duplas ou em trios. Desse modo, eles podem se reorganizar, compartilhar ideias e dividir as etapas do trabalho entre si. Comente que as tirinhas podem ter como pano de fundo diferentes contextos históricos e situações diversas; o importante é que, para sua criação, os estudantes levem em conta os aprendizados sobre linguagem e suas relações com a condição humana.

Enfoque (página 305)

1. É esperado que os estudantes retomem as ideias de Lévi-Strauss já apresentadas neste capítulo, encontrando as semelhanças e diferenças entre elas e as ideias de Karl Marx. Para este, o que distingue os seres humanos dos outros animais é o trabalho livre, criativo e produtivo. Já para aquele, o fator diferenciador entre nós e os animais seria que os humanos desenvolveram linguagem, o que traria à tona o âmbito da cultura. Ambas as perspectivas parecem levar em conta, entretanto, a *criação* de algo, seja da cultura, seja da maneira de produzir os meios de vida.
2. Para Marx, o trabalho livre é uma atividade criadora tipicamente humana, que nos distingue dos outros animais. Mas os seres humanos só conseguem criar verdadeiramente quando não estão submetidos à exploração. Com base na visão do autor, é possível entender o trabalho sem exploração, ou seja, o trabalho livre, como o ponto de partida para a compreensão da condição humana.

Entre saberes (página 309)

1. As quatro estrofes do poema começam com a conjunção condicional *se* buscando sinalizar a existência de diversas qualidades cujo desenvolvimento é necessário para se tornar humano, como esperar sem se desesperar ou, mesmo sendo odiado, fugir do ódio.
2. O poema apresenta facetas paradoxais do ser humano, por exemplo, ser, ao mesmo tempo, todo mundo e ninguém, multidão e solidão, ponderado e delirante, banal e fascinado. Isso revela que somos formados de partes complexas, contraditórias e plurais.
3. É fundamental que os estudantes justifiquem suas respostas buscando explicar o significado dos poemas. Os versos de Kipling constroem uma visão idealizada de ser humano, a qual pressupõe altivez, coragem, resiliência. Somente quem concretiza esses ideais heroicos pode, para Kipling, ser reconhecido verdadeiramente como humano. Já o poema de Gullar mostra, em diversos aspectos, as contradições da pessoa humana, que pode ser tanto rebanho na multidão quanto estranheza e solidão, tanto equilíbrio e ponderação quanto arrojo e delírio. Em resumo, Gullar apresenta o humano como mescla de permanências e transitoriedades, ao passo que Kipling parece fixar um modelo sublime de homem.

Comentário

A seção "Entre saberes" e suas atividades mobilizam a **habilidade EM13CHS101**, pois levam à identificação, análise e comparação de duas poesias com vistas à compreensão das concepções de ser humano nelas expressas. Também desenvolvem a **habilidade de Língua Portuguesa EM13LP07**, por permitirem analisar as marcas que expressam a posição de cada enunciador nos poemas.

Enfoque (página 311)

1. Porque, para a autora, praticamente todas as atividades humanas podem ser reduzidas a um denominador comum: o trabalho. Este seria capaz de "assegurar as coisas necessárias à vida e produzi-las em abundância".
2. É visto como algo negativo. A centralidade do trabalho na sociedade, para Arendt, faz com que qualquer outra atividade não relacionada a isso receba o rótulo de "lazer" e seja visto como algo "não sério". Tudo que faríamos seria voltado para "prover nosso próprio sustento", em uma situação tal que poderíamos considerar que vivemos para trabalhar.
3. Permita que os estudantes se expressem fornecendo exemplos de trajetórias pessoais e profissionais de pessoas de seu grupo familiar e de amigos próximos, por exemplo. Uma das formas de identificar a centralidade do trabalho na vida atual é o fato de, hoje, os compromissos laborais se imiscuírem no cotidiano por meio de dispositivos como os *smartphones*. A necessidade de permanecer conectado e disposto a conversar sobre assuntos do trabalho a qualquer momento, dada a facilidade de comunicação em tempo real (com o uso de aplicativos de troca de mensagens instantâneas), mostra que o trabalho assumiu centralidade no dia a dia. O resultado desse processo, segundo Arendt, é a própria cultura de massas.

Enfoque (página 312)

1. A atividade da obra, segundo a autora, é a fabricação de coisas duráveis, que apresentam permanência. O mundo artificial criado com a atividade da obra estabiliza a vida humana, em contraposição às constantes mutações próprias dos ciclos naturais. Já o trabalho, para Arendt, corresponde à produção para o consumo, cujos produtos não têm durabilidade; são descartáveis, com a única finalidade de prover sustento para a vida.
2. Os estudantes devem, nesse momento, refletir sobre os bens de consumo presentes em seu cotidiano. Esses bens descartáveis têm como única finalidade sustentar nossas necessidades, e não conferir estabilidade à vida humana no mundo.

Enfoque (página 313)

1. Com base no pensamento de Arendt, afirmar que "somos iguais na nossa diferença" significaria que todos os seres humanos são iguais justamente porque são seres singulares que compartilham um mundo comum, ou seja, coexistem.
2. Segundo Arendt, por meio da ação política, o ser humano revela sua singularidade, mostra ao mundo "quem" ele é. Ao aparecer no mundo, por seus feitos e suas palavras, o ser humano é livre. Em contraste, o trabalho e a obra decorrem, respectivamente, da necessidade dos processos biológicos e de construir um mundo artificial que seja nossa casa na Terra.

Enfoque (página 318)

1. Harari afirma que não é possível ter certeza sobre as causas da "revolução cognitiva", mas seu início seria o mesmo apontado por Teilhard de Chardin: o desenvolvimento da consciência reflexiva.
2. Para Harari, a consciência reflexiva permitiu ao ser humano pensar e se comunicar sobre realidades inalcançáveis pelos sentidos físicos, como divindades, governos, corporações e direitos humanos.

Enfoque (página 323)

1. O etnocentrismo é uma espécie de arrogância cultural, pois considera sua cultura a melhor, ao redor da qual as demais, inferiorizadas, supostamente deveriam orbitar. O etnocentrismo se conjuga com a intolerância quando as diferenças culturais expressas pelo outro não são aceitas, podendo culminar em atitudes violentas contra a alteridade.
2. Atividade de contextualização possível de ser realizada primeiro individualmente e depois em grupo. Para auxiliar os estudantes, mencione, por exemplo, que na cultura de determinada família pode-se considerar: certas roupas com cores vivas bonitas; adequado dormir cedo e não falar alto; correta a dedicação aos estudos; fundamental trabalhar intensamente; e assim por diante.
3. Pode-se comentar que o etnocentrismo decorre de uma percepção de nossas identidades sociais (língua, religião, artes, esportes etc.). Porém, ao considerar que nossa própria identidade é o centro das culturas, corremos o risco de depreciar a cultura do outro e repudiar a pluralidade cultural. Com base nesse comentário, é possível solicitar aos estudantes que reconheçam elementos de suas identidades e procurem tolerar e respeitar culturas diferentes. Também é possível solicitar que criem, sob a supervisão do professor, um blogue ou uma página em rede social com exemplos de solidariedade e respeito aos direitos humanos. Sugira que leiam o texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos, da ONU (disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/; acesso em: 30 set. 2024).

Comentário

As atividades do boxe "Enfoque" mobilizam a **competência geral da Educação Básica 8**, pois promovem um exercício de autoconhecimento e de compreensão da diversidade cultural humana.

Oficina (páginas 324-325)

1. Em grego, a expressão *logos* significa tanto "razão" quanto "linguagem". Assim, ao definir o ser humano como *zoon logikon*, Aristóteles o considera, ao mesmo tempo, um ser racional e um ser de linguagem. Em linhas gerais, razão é a capacidade de elaborar raciocínios, pensando de forma sistemática e fundamentada; e linguagem é um sistema de comunicação (escrita, oral, visual, tátil etc.) que nos permite expressar e interpretar saberes e práticas culturais.
2. Tomás de Aquino utiliza as ideias de Aristóteles buscando encontrar argumentos racionais para justificar a fé cristã. Em certo sentido, podemos dizer que Aquino cristianizou Aristóteles. Já pensadores renascentistas como Pico della Mirandola recorreram às ideias de Aristóteles com o objetivo de enaltecer a razão humana em contraposição à valorização extremada da fé. Com isso, reduziram a ênfase em Deus (teocentrismo) para conceder atenção ao mundo humano (antropocentrismo).
3. O racionalismo de Descartes confere valor central à dimensão do que é mensurável em termos matemáticos e do que é observável cientificamente. Esse paradigma racionalista não contribuiu para a diversidade de saberes e vivências culturais, pois deixou de lado outras dimensões humanas voltadas para as emoções, os afetos, as estéticas, as paixões, enfim, para o universo simbólico. Na construção de projetos de vida, precisamos, de forma geral, equilibrar elementos racionais e emocionais em nossas interações com as pessoas e a natureza.

Comentário

Esta atividade desenvolve a **competência geral da Educação Básica 6**, pois leva à valorização da diversidade de saberes e vivências culturais, bem como conduz à apropriação de conhecimentos e experiências que possibilitam fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e a projetos de vida.

4. **a.** A concepção de ser humano como simbólico é a que mais se aproxima da obra de Van Gogh. Por meio de sua linguagem artística, Van Gogh tinha a intenção de expressar seus sentimentos, e não apenas de representar a realidade física. Os sentimentos, sensações e imaginação fazem parte do mundo simbólico, uma importante dimensão do ser humano apontada por Ernst Cassirer.

   b. O objetivo dessa atividade é promover um exercício de autoconhecimento e criatividade. A criação artística pode ser um desenho, uma fotomontagem, uma fotografia etc. Incentive os estudantes a explicarem os sentimentos que o espaço representado desperta neles e a identificarem os recursos artísticos que utilizaram para demonstrar esses sentimentos.

Comentário

A atividade 4 mobiliza a **habilidade EM13CHS101**, pois leva o estudante a comparar trechos de uma carta com uma pintura, ambas de autoria de Van Gogh, com vistas à compreensão de ideias filosóficas sobre a dimensão simbólica do ser humano. Também desenvolve a **habilidade EM13CHS106**, na medida em que leva o estudante a utilizar a linguagem artística de forma crítica, para expressar e produzir conhecimentos sobre si mesmo e os espaços em que vive. Isso abarca a **competência geral da Educação Básica 1**, pois valoriza os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo social, permitindo entender e explicar a realidade.

5. Frases incorretas: a, c e d. Sugerimos que elas sejam corrigidas da seguinte forma:

   a. Os seres humanos não nascem prontos pelas "mãos da natureza", pois seus comportamentos não são determinados somente por estruturas hereditárias.

   c. A antroposfera é dependente da biosfera e, por isso, a vida humana se desenvolve em conexão com as condições ecológicas do planeta.

   d. O etnocentrismo não se justifica, pois é falsa a ideia de que há uma hierarquia separando culturas superiores de inferiores.

6. Atividade de reflexão e posicionamento crítico em relação à questão da diferença e da diversidade. É importante que o estudante reflita sobre a ideia de que os humanos são seres culturais e, por isso, oferecem aos desafios da existência diferentes respostas. Estas (que podem ser construções linguísticas, mitológicas, artísticas, religiosas, morais etc.) não poderiam ser iguais, tendo em vista a história dos grupos humanos e seus desafios (ambientais, econômicos, sociais etc.). Somos iguais como espécie e diferentes no plano cultural. Às vezes, essas diferenças podem gerar conflitos quando membros de determinada cultura querem exercer domínio sobre outra. Aproveite para trabalhar o tema da tolerância e da valorização da pluralidade, em conformidade com o tema contemporâneo transversal *Diversidade cultural*.

7. Esta atividade busca levar os estudantes a reconhecerem a diversidade das culturas juvenis, as quais se manifestam por meio de músicas, esportes, modos de falar, roupas, redes sociais etc. Você pode ajudar a turma fazendo perguntas mais específicas: como agem os grupos de jovens que eles conhecem? Quais as formas de lazer preferidas por eles? Que pessoas eles mais admiram e mais repudiam? É importante lembrar que existem várias culturas juvenis, as quais podem variar conforme a classe social, o lugar onde se vive, a faixa etária etc.

Comentário

A atividade 7 desenvolve a **habilidade EM13CHS205**, pois promove a análise da produção de territorialidades culturais entre jovens brasileiros.

8. A perplexidade e o questionamento de Pascal referem-se ao contraditório que é o ser humano e podem remeter a várias concepções: à síntese natureza-cultura; às dualidades razão-emoção, corpo-espírito; à negação de sua natureza animal; à afirmação de seu lado cultural e criativo; à maldade e bondade humanas etc.

Comentário

A atividade 8 mobiliza a **habilidade EM13CHS102** na medida em que contribui para a discussão sobre a matriz conceitual "ser humano".

9. É esperado que os estudantes retomem ideias e conceitos vistos e explorados ao longo deste capítulo, selecionando, de forma coerente, os mais adequados à produção textual proposta nesta atividade. Para evitar digressões no texto, antes de dar início à atividade, considere incentivá-los a levar em consideração dois questionamentos expostos logo no início do capítulo: Qual é o nosso papel no mundo? O que temos de natural e de cultural?

   Nesse sentido, o processo de envelhecimento pode ser considerado algo natural, que faz parte da vida e da fisiologia de todos os seres humanos. Contudo, a discriminação de pessoas com base em sua idade (etarismo) não é algo natural, e, sim, cultural. As origens dessa discriminação podem ser diversas e refletir aspectos históricos, sociais e econômicos de determinadas sociedades. Reconhecer que o etarismo é algo cultural constitui o primeiro passo para compreender que esse fenômeno provoca preconceitos e exclusões de todas as espécies e que deve ser combatido.

Comentário

A atividade 9, ao tratar do combate ao etarismo a partir da reflexão e da solicitação da escrita de um texto, contribui para desenvolver o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10: *Redução das desigualdades*.

10. Alternativa correta: **d**. Em grego, a palavra *logos* se refere, entre outras coisas, à capacidade que o ser humano tem de discernir o bem do mal, o justo do injusto, conforme aponta o fragmento de texto de Aristóteles.

11. Alternativa correta: **e**. Isso pode ser inferido pela leitura do texto de Hannah Arendt, pois, para a filósofa, a linguagem permite aos seres humanos, em conjunto, discutirem e conferirem sentido às coisas do mundo.

12. Alternativa correta: **e**. Para Domenico De Masi, ócio não significaria um tempo vazio no qual "não se faz nada", mas sim criar uma síntese dessas três atividades, que resultaria em um estado de alegria de viver.

Sugestões

Livros

FERRY, Jean-Luc; VICENT, Jean-Didier. **Que é o ser humano?** Sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia. São Paulo: Vozes, 2011.

Os autores discutem descobertas científicas recentes relevantes para a questão sobre o que define o ser humano.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global, 2009.

Série de artigos do filósofo indígena sobre as origens da cultura brasileira e a importância de uma educação libertadora.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

A filósofa discute as interseções entre gênero, raça e classe, analisando como essas categorias influenciam a cultura e a sociedade.

Capítulo 12 Ser humano e meio ambiente

Este capítulo discute os fundamentos e desdobramentos da ética ambiental, campo que ganhou relevância na contemporaneidade em função dos impactos das mudanças climáticas provocadas pela intervenção humana na natureza. Essa intervenção se intensificou a partir da Revolução Industrial, a qual alterou profundamente a forma como nos relacionamos com a natureza, como trabalhamos e produzimos mercadorias e como ocupamos e construímos as cidades. Essas transformações estão associadas à passagem de uma concepção "encantada" de natureza, prevalente no passado, para uma concepção "desencantada", que racionalizou e objetificou o mundo natural.

O "desencantamento" do mundo teve como marcos o desenvolvimento da ciência moderna, o movimento iluminista e o capitalismo industrial, caracterizados pelo antropocentrismo e pela predominância da razão industrial, em detrimento da razão crítica, como apontaram Theodor Adorno e Marx Horkheimer. Nas últimas décadas, a revolução digital representou uma nova etapa da industrialização, acelerando ainda mais a produção e o consumo de bens, principalmente de informação.

Em meados do século XIX, surgiu a ecologia, que se volta às relações entre os seres vivos e o meio ambiente. De modo geral, esse campo de estudos hoje consolidado critica a arrogância antropocêntrica e alerta para a necessidade de uma relação ética com a natureza. Os princípios de uma nova ética planetária foram propostos, por exemplo, na Carta da Terra, lançada no ano 2000 por filósofos como Ailton Krenak e Hans Jonas.

Krenak critica a ideia de uma humanidade homogênea e separada da natureza, muito difundida desde o início da colonização europeia da América. O pensador defende a pluralidade humana e a percepção de que somos todos seres naturais, tal como os outros

animais, as montanhas e os rios, constituindo um todo. Essa cosmovisão, comum entre os povos indígenas, implica reconhecer que o prazer e o poder são dimensões complementares, e não oposições dicotômicas. Essa visão se contrapõe àquela predominante nas sociedades capitalistas. Em vez de um modelo pautado pelo consumo e pela mercantilização da vida, Krenak propõe a valorização da cidadania, que permite viver em uma terra "cheia de sentido" e pluralista.

Jonas critica as éticas tradicionais, imediatistas e antropocêntricas, propondo uma nova ética, baseada no alargamento de nossa responsabilidade. Esse movimento implica nos preocuparmos com as consequências de nossa conduta não apenas em relação aos seres humanos com quem convivemos no presente, mas também para com todos os seres da biosfera e gerações futuras. Implica substituirmos o imperativo kantiano, limitado no tempo e no espaço, por um novo imperativo ético, de alcance global em direção ao futuro.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 14 e 15: *Vida na água* e *Vida terrestre* podem ser trabalhados na página 337. As concepções de Ailton Krenak sobre a multiplicidade de jeitos de estar na Terra podem gerar discussões interessantes sobre as consequências disso para a vida em todo o planeta. Já, na página 340, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 12: *Consumo e produção responsáveis* é contemplado ao se refletir sobre a questão do consumo estar afetando o exercício da cidadania e a proposta contra essa dinâmica mercadológica.

O trabalho com a BNCC neste capítulo

A abertura instiga os estudantes a refletirem sobre as contradições dos avanços tecnocientíficos e a necessidade de construirmos uma ética ambiental, temas que serão desenvolvidos no capítulo. Ao exercitar a curiosidade sobre eles, o texto se relaciona com a **competência geral da Educação Básica 2**.

O capítulo permite analisar e comparar diferentes fontes e narrativas para compreender ideias filosóficas sobre a fundamentação da ética ambiental, mobilizando a **habilidade EM13CHS101**. Também promove a análise e a discussão das circunstâncias históricas, políticas, sociais e culturais de matrizes conceituais como "Antropoceno", "natureza", "razão", "ecologia", "cidadania" e "responsabilidade", avaliando criticamente seus significados históricos e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos, conforme a **habilidade EM13CHS102**. Também são identificadas, contextualizadas e criticadas as oposições dicotômicas sujeito-objeto e poder-prazer, explicitando-se suas ambiguidades, o que favorece o desenvolvimento da **habilidade EM13CHS105**.

As dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital são analisadas e caracterizadas, em função da Revolução Industrial e de valores antropocêntricos, para levar à compreensão e ao posicionamento crítico em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. Isso facilita o trabalho com a **habilidade EM13CHS201**. Além disso, os impactos socioambientais das tecnologias na estruturação e dinâmicas das sociedades capitalistas são analisados e avaliados, desenvolvendo a **habilidade EM13CHS202**. Tais impactos, decorrentes da exploração de recursos naturais por indivíduos, empresas e governos, são analisados e avaliados de forma crítica, principalmente com base no pensamento de Ailton Krenak e Hans Jonas, de modo a promover a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável. Isso está de acordo com as **habilidades EM13CHS302** e **EM13CHS304**. Nessas análises e avaliações, são identificados e discutidos os múltiplos aspectos do trabalho nas sociedades contemporâneas e seus efeitos sobre as futuras gerações, considerando as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais, conforme a **habilidade EM13CHS404**.

Além disso, desenvolve-se a **habilidade EM13CHS503**, sobretudo por meio dos conceitos de "autopoiésis", "desencantamento do mundo", "razão instrumental", "humanidade única", "consumo" e "éticas tradicionais". Com base nesses conceitos, torna-se possível identificar formas de violência socioambiental, que têm como principais vítimas as futuras gerações e como causa a mentalidade moderna de dominação da natureza, bem como seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos. Também ocorre a mobilização da **habilidade EM13CHS504**, especialmente na seção "Enfoque" da página 328, na seção "Contraponto", nas páginas 346 e 347, e nas atividades 1, 2 e 4 da seção "Oficina", na página 348, por meio da análise e avaliação dos impasses ético-políticos decorrentes da industrialização e do antropocentrismo no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e valores dos indivíduos, grupos, sociedades e culturas. Junto a essa habilidade, também a **habilidade EM13CHS501** é constantemente trabalhada nas mesmas atividades da seção "Oficina", analisando-se os fundamentos das éticas kantiana e de Hans Jonas.

Respostas das atividades

Enfoque (página 328)

1. Resposta pessoal, em parte. Os estudantes podem argumentar em favor do texto afirmando que, no mundo estacionário, onde as coisas andavam mais devagar, aquele que era "mais forte" tinha condições de estabelecer seu poder. Já num mundo marcado pela velocidade das transformações, quem é "mais rápido" teria mais condições de se adaptar às mudanças. No entanto, os estudantes podem discordar dessa visão ao afirmar, por exemplo, que aqueles vistos como supostamente "mais rápidos", na verdade, saíram à frente porque tinham privilégios que os colocavam em um ponto de partida avançado em relação às demais pessoas (essa discussão se relaciona com o mito da meritocracia, abordado no capítulo 3, "Estado e poder"). Nesse sentido, nas sociedades atuais, não haveria "mais fortes" ou "mais rápidos", mas sim privilegiados e marginalizados.
2. No cotidiano, há muitas situações que exigem a rápida tomada de decisões, principalmente devido à velocidade das comunicações. Isso significa que, para aproveitar as oportunidades, precisamos ter certa agilidade em nossas reflexões e ações. Estimule os estudantes a avaliarem criticamente os pressupostos e os efeitos dessas urgências contemporâneas, partindo da questão: por que a crise ambiental não é tratada com a mesma urgência que o avanço tecnológico? A rapidez exigida hoje é seletiva? Para que ou a quem ela serve?

Enfoque (página 330)

1. Nessa passagem, Dickens está se referindo à presença marcante de fábricas nas cidades.
2. Se necessário, auxilie os estudantes na retomada de conhecimentos sobre trabalho alienado, discutido no capítulo 7, "Trabalho e alienação". A partir do século XVIII, com a Revolução Industrial e a introdução de máquinas na produção econômica, houve o estabelecimento de novas formas de organizar o trabalho, seguindo, então, a lógica do lucro. As relações sociais passaram a ser regidas pela economia, e o trabalho na maioria das indústrias se tornou rotineiro, automatizado e especializado, subdividindo-se em múltiplas operações. Desse modo, no trabalho alienado, ocorre a fragmentação do trabalho, conduzindo, também, à fragmentação do saber, uma vez que os trabalhadores perdem a noção de conjunto do processo produtivo. É possível considerar, por exemplo, que na passagem "[...] para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã [...]", exista certa relação com a ideia de trabalho alienado.

Enfoque (página 332)

1. É esperado que os estudantes compreendam que a ciência moderna, a partir do século XVII, criou as bases para o "desencantamento" do mundo, em um processo caracterizado pela racionalização. Assim, a experimentação, a observação e a elaboração de explicações científicas para os fenômenos do mundo tomaram o lugar do fascínio pela natureza. A filosofia moderna contribuiu para esse "desencantamento", promovendo o corte epistemológico no elo existente entre os seres humanos e a natureza. A consciência não participante está relacionada a esse processo. Os seres humanos foram, então, colocados no lugar de sujeitos (ponto de vista externo), e a natureza tornou-se objeto, algo a ser estudado e dominado.
2. Caso considere pertinente, converse com os estudantes sobre a ideia de consciência participante, que expressa um novo modo de lidar com o mundo: abandonando a separação radical entre o sujeito observador e o objeto observado. Com isso, os seres humanos poderiam, então, compreender as relações mútuas que estabelecem com a natureza.

Enfoque (página 336)

1. O preâmbulo identifica o atual momento como crítico na história da Terra porque é uma época em que a humanidade precisa definir seu futuro, em um mundo cada vez mais interdependente e frágil, cheio de promessas e perigos.
2. Segundo a Carta da Terra, o atual modelo de desenvolvimento socioeconômico, marcado pela produção e consumo desenfreados, prejudica o meio ambiente porque causa devastação, esgotamento de recursos naturais e massiva extinção de espécies. Ao mesmo tempo, esse modelo também prejudica os seres humanos porque concentra riquezas, aumentando a injustiça, a pobreza e os conflitos violentos, causadores de grande sofrimento.
3. De acordo com o documento, assumir uma responsabilidade universal significa tanto compreender que vivemos juntos na Terra – por isso, compartilhamos um destino comum – quanto se identificar com pessoas de diferentes nacionalidades e etnias, do presente e do futuro, e com todos os seres que convivem no planeta. Esse tema pode ser relacionado com o texto "Hans Jonas: o princípio da responsabilidade", apresentado mais adiante neste capítulo.
4. Resposta pessoal. Atividade de contextualização e posicionamento crítico. O que se espera é que a conversação estimule a reflexão do estudante sobre os problemas atuais do planeta e incentive-o a se envolver com essas questões, assumir sua responsabilidade, buscar perspectivas de atuação, encontrar seu lugar e se engajar na luta por um mundo melhor. Para estimular o debate, use notícias recentemente divulgadas sobre problemas socioambientais, como dados sobre a pobreza no mundo e em sua cidade, o comprometimento de algum recurso ambiental, como a água, o abandono nas ruas de animais de estimação e outras grandes injustiças.

Comentário

As atividades da seção "Enfoque" mobilizam a **habilidade EM13CHS304**, na medida em que permitem analisar os impactos socioambientais decorrentes das práticas governamentais, empresariais e individuais, em prol do compartilhamento da responsabilidade pelo futuro da espécie humana e da Terra.

Enfoque (página 338)

1. Se necessário, auxilie os estudantes na retomada do conceito de consciência não participante, apontado pelo pensador contemporâneo Morris Berman. Com a ciência e a filosofia modernas, os seres humanos passaram a produzir um saber "imparcial e neutro", marcado pela separação radical entre o sujeito observador e o objeto observado. A consciência não participante, ou seja, o ponto de vista externo, se relaciona justamente com a cisão entre os seres humanos e a natureza, identificada por Krenak. O filósofo indígena, contudo, vai além, ao defender que os seres humanos são uma parte do todo que corresponde à natureza.
2. A exploração da natureza, vista cotidianamente em atividades que transformam o meio ambiente em larga escala, como mineração, desmatamento e queimadas, possivelmente será citada pelos estudantes. É pertinente ampliar as discussões, comentando que os recursos naturais usados na fabricação de computadores, roupas e calçados, por exemplo, também são explorados em larga escala, causando não só o esgotamento e a devastação da natureza, como também tendo efeitos no meio ambiente (poluição do ar, dos solos e da água). Nesse contexto, a produção industrial tornou-se fundamental para suprir as necessidades de consumo, e a natureza é vista como algo "separado" dos seres humanos, ou seja, algo a ser dominado e explorado.

Enfoque (página 339)

1. Para Ailton Krenak, a humanidade zumbi é um diagnóstico da sociedade capitalista. Essa humanidade corresponde àquela que não encontra sentido no viver em sociedade ou na própria experiência de vida; ela não tolera o prazer e a fruição da vida.
2. É esperado que os estudantes compreendam que as Terras Indígenas contribuem para a preservação das florestas. A preservação ambiental realizada pelos diferentes povos indígenas está, em grande medida, relacionada com elementos fundamentais da cosmovisão indígena. Desse modo, os estudantes podem ser incentivados a traçar relações entre a cosmovisão indígena e os dados materiais fornecidos nos estudos divulgados pelo MapBiomas, instituição dedicada a realizar pesquisas e estudos sobre o mapeamento anual da cobertura e uso da terra no Brasil e a divulgá-los.

Enfoque (página 345)

1. A declaração de Calvin ("os fins justificam os meios", vinculada a Maquiavel) se opõe ao imperativo categórico de Kant ("age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne universal"). Quando empurrado pelo amigo, Calvin desejou que sua própria regra valesse para todos, exceto para ele mesmo. Isso entra em contradição com o imperativo categórico kantiano, segundo o qual a regra moral deve ser orientada por princípios universalizáveis (válidos para todos). Segundo Kant, um princípio, para ser considerado ético, não pode comportar exceções. Ou seja, ele deve se aplicar a todos, inclusive a quem o formulou. Não foi isso que fez Calvin.
2. O provérbio africano, tal como o imperativo ético de Hans Jonas, estabelece uma relação de responsabilidade das atuais gerações (os "pais") em relação às futuras gerações (os "filhos"). Essa responsabilidade é explicada por Jonas, à semelhança do que propõe o provérbio africano, pelo dever dos pais em relação aos filhos. Os primeiros têm o dever de garantir o futuro dos descendentes com cuidado e amor. Não é necessário que os filhos (ou as gerações futuras) tenham reivindicado esse dever dos pais (ou das gerações atuais). Por isso, é nossa responsabilidade atual assegurar condições dignas de vida para as próximas pessoas que provavelmente viverão na Terra.

Comentário

As atividades do boxe "Enfoque" trabalham as **habilidades EM13CHS101** e **EM13CHS501**, pois possibilitam comparar e

pensamento de Hans Jonas e um provérbio africano com a tirinha de Calvin e Haroldo, para a compreensão do imperativo categórico e análise dos fundamentos da ética kantiana.

Contraponto (páginas 346-347)

1. Morris Bergman define "mundo encantado" como uma concepção de realidade em que os homens consideravam a natureza e seus fenômenos dotados de vida. Os seres humanos faziam parte desse cosmo diretamente, ao invés de serem observadores distantes.
2. O "desencantamento" do mundo foi o processo no qual, pela mentalidade científica do século XVI, ocorreu uma rígida separação entre o observador (ser humano) e objeto (natureza). O resultado foi um sentimento de desintegração entre humanos e natureza.
3. Resposta pessoal. É importante que os estudantes tentem pensar em uma resposta não somente para a sociedade em que vivem, mas também para inúmeras outras existentes no Brasil e no mundo. Os indígenas do noroeste amazônico, por exemplo, possuem uma cosmologia sistêmica, de integração de seu modo de vida e crenças com a natureza. Isso seria um reencantamento? Seria a única maneira possível de fazê-lo? Incentive-os com perguntas desse tipo.
4. Ao contrário de Morris Berman, que fala de "fusão harmoniosa com a natureza" no mundo encantado, para o qual aspira um retorno da humanidade, Luc Ferry argumentaria que essa harmonia seria insustentável, pois nada há que comprove que a ordem do mundo seja boa em si mesma e que toda corrupção do mundo venha da espécie humana. O universo material não poderia ser tomado como modelo ético a ser imitado pelos seres humanos.

Comentário

A seção "Contraponto" e suas atividades permitem comparar as narrativas de Luc Ferry e Morris Berman sobre a relação entre o ser humano e a natureza, analisando os fundamentos éticos de cada uma dessas narrativas. Por isso, são trabalhadas as **habilidades EM13CHS101** e **EM13CHS501**.

Oficina (páginas 348-349)

1. A ética tradicional atua no campo do "próximo", isto é, trata das relações entre semelhantes e das consequências da ação humana no "aqui e agora". Desse modo, a ética tradicional se caracteriza: pela neutralidade em relação ao mundo extra-humano; pelo antropocentrismo; pela permanência da condição humana; pela preocupação com os efeitos mais imediatos do agir humano; pelo saber prático da virtude, diretamente relacionada aos efeitos das ações sobre as pessoas de nosso convívio.
2. O imperativo moral criado por Hans Jonas pode ser expresso nas seguintes palavras: aja de maneira que as consequências de suas ações sejam compatíveis com a preservação da vida humana futura. O alcance desse imperativo se estende em direção a um futuro previsível, do qual somos responsáveis desde agora. Essa responsabilidade alcança tanto o domínio humano quanto o extra-humano, pois nosso poder tecnológico impacta toda a biosfera.
3. Alternativa correta: **d**. De forma geral, a integração do indígena significava desprezar completamente seu modo de vida para assumir os padrões dominantes na sociedade nacional, de acumulação de bens e exaustão de recursos naturais.

Comentário

Esta atividade mobiliza as **habilidades EM13CHS304** e **EM13CHS306**, pois contextualiza os impactos de diferentes modelos socioeconômicos, um das sociedades indígenas e outro das sociedades capitalistas, no modo de conceber a natureza, favorecendo a consciência e a ética socioambiental.

4. **a.** Para Kant, a regra que usamos para orientar nossa conduta deve ser aplicável a todas as pessoas. Desse modo, aquilo que é legítimo em termos éticos para um indivíduo também seria legítimo para todos.

   b. O imperativo de Kant não se aplica a efeitos futuros e longínquos porque está voltado para a atualidade de nossas ações. Ao dizer "Aja de tal maneira [...]", o filósofo está pensando no presente, no imediato, no simultâneo.

Comentário

As atividades 2, 3 e 4 da seção "Oficina" desenvolvem as **habilidades EM13CHS501** e **EM13CHS504**, pois permitem analisar os fundamentos e os impasses da ética tradicional identificados por Hans Jonas e os fundamentos da nova ética de Hans Jonas e da ética kantiana e seus impasses decorrentes das modernas transformações tecnológicas.

5. **a.** De acordo com o texto, no início da modernidade, houve uma mudança na finalidade atribuída aos instrumentos tecnológicos. Anteriormente, os utensílios serviam para facilitar a relação do ser humano com a natureza; posteriormente, tornam-se um meio de conhecer a natureza visando ao seu controle.

   b. Segundo o texto, podemos inferir que o método cartesiano culmina em duas conclusões: a matemática, sendo exclusivamente racional, torna-se o único método universal para atingir a verdade; para compreender um problema complexo, precisamos decompô-lo em partes menores e mais simples (método analítico).

   c. A consciência não participante é caracterizada pelo modo externo de observação da natureza. Ela ocorre quando a natureza é medida e utilizada para os fins do observador. Berman considera essa externalização do observador um

dos fundamentos da separação radical entre sujeito e objeto, típica das ciências naturais e que se estendeu por outros campos da cultura. Já a consciência participante, que existia nas culturas tradicionais, é aquela em que o observador e o objeto observado interagem porque integram um mesmo sistema de relações recíprocas. Assim, na consciência participante, sujeito e objeto se influenciam mutuamente.

Comentário

A atividade 5 desenvolve a **habilidade EM13CHS102**, pois possibilita ao estudante identificar, analisar e discutir as circunstâncias culturais da matriz conceitual tecnologia, avaliando criticamente seu significado histórico com base em Bacon e Descartes e comparando-a à narrativa proposta por Morris Berman.

6. **a.** Os dois primeiros versos se referem a "crianças mudas telepáticas", provavelmente indicando que as crianças foram comprometidas na formação cognitiva. Já os versos seguintes falam de "meninas cegas inexatas" que tiveram a visão afetada e, por consequência, perderam a noção de rumo diante de um mal com efeitos tão imprevisíveis, "inexatos".

b. Os versos fazem uma alusão à brutal transformação na vida das mulheres, que poderiam transmitir problemas genéticos para seus descendentes, em decorrência da radiação. Além disso, o efeito imediato da explosão provocou a migração forçada das famílias sobreviventes que fugiam do alto risco da contaminação.

c. Porque, enquanto a flor rosa é um dos símbolos da beleza natural, a rosa de Hiroshima é uma antirrosa, uma criação estúpida desprovida de cor, perfume e vida.

Comentário

A atividade 6 permite valorizar e fruir uma manifestação artística, um poema de autoria de Vinicius de Moraes que se popularizou como letra de uma canção do grupo Secos & Molhados. Também possibilita analisar e avaliar os impactos da tecnologia nuclear na estruturação e nas dinâmicas das vítimas de Hiroshima. Por isso, a atividade mobiliza a **competência geral da Educação Básica 3** e a **habilidade EM13CHS202**.

7. Espera-se que o estudante disserte sobre como o Antropoceno tem sido um período em que o poder humano sobre a biosfera provocou, por exemplo, mudanças climáticas, expansão das áreas agropastoris e degradação ambiental.

Lembre o estudante de estruturar a redação em pelo menos três partes: a introdução, que apresenta o problema; o desenvolvimento, que traz argumentos e exemplos que contribuem para a posição que se deseja tomar; e uma conclusão. Uma estratégia que pode ser usada para impedir que os estudantes façam digressões é pedir-lhes que, antes de efetivamente começarem a redação, façam um breve esquema da estrutura do texto com as ideias centrais que planejam desenvolver. A redação deve ter de 8 a 30 linhas e estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

Comentário

Esta atividade mobiliza a **habilidade EM13CHS202**, pois permite analisar e avaliar os impactos das inovações tecnológicas no mundo contemporâneo e suas interferências em decisões econômicas e ambientais.

8. **a.** Os trechos citados da legislação estabelecem como dever a proteção da fauna, vedando atos de abuso, maus-tratos e agressões aos animais silvestres.

b. Respeitar os animais e, se possível, participar de movimentos sociais que lutam pela defesa e proteção dos animais.

Comentário

A atividade 8 mobiliza a **habilidade EM13CHS304**, na medida em que permite analisar a legislação que procura inibir práticas nocivas ao meio ambiente. Além disso, ao tratar especificamente da fauna e mobilizar o estudante a combater maus-tratos aos animais, trabalha-se o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 15: *Vida terrestre*.

9. Alternativa correta: **e**. A ética da responsabilidade elaborada por Hans Jonas se preocupa com o efeito das nossas ações atuais na possibilidade de existência e nas condições de vida das futuras gerações.

Sugestões

Livros

SOUZA, Gregóri de; BULGALSKI, Miguel; VASCONCELOS, Thiago (org.). **Hans Jonas**: desafios de uma filosofia para o futuro. Curitiba: CRV, 2021.

Diversos comentadores brasileiros explicam pontos fundamentais da filosofia ambiental de Hans Jonas.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Relato autobiográfico do xamã e líder yanomami Davi Kopenawa sobre a destruição da floresta amazônica.

MORTON, Timothy. **O pensamento ecológico**. São Paulo: Quina, 2023.

O filósofo britânico apresenta os principais conceitos de sua filosofia ecológica, recorrendo a exemplos da literatura, das artes e da cultura *pop*.

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA Publicidade dirigida

Esta seção tem como objetivo capacitar os estudantes a compreender e interpretar criticamente informações veiculadas nos diversos meios de comunicação e plataformas *on-line*, de modo a desenvolver habilidades e competências relacionadas à participação cidadã no ambiente midiático contemporâneo.

Ao discutir o tema da propaganda direcionada, procure partir de eventuais experiências que os estudantes tenham tido com isso em diferentes plataformas. Comente sobre a necessidade de se conscientizarem a respeito da influência das mídias na sociedade e retome o que já estudaram a respeito da sociedade de consumo e dos diferentes tipos de propaganda que circulam *on-line*. O tema permite um debate sobre questões de ética e privacidade no ambiente digital, favorecendo a reflexão por parte dos estudantes sobre o uso ético da tecnologia, a proteção de dados pessoais, o respeito à privacidade *on-line*, entre outras temáticas.

A seção proporciona aos estudantes a oportunidade de trabalhar habilidades relacionadas à **competência geral da Educação Básica 4**, que prevê a utilização de diferentes linguagens para compartilhar informações e ideias, e à **competência geral da Educação Básica 5**, relacionada à utilização crítica das tecnologias. Ao refletirem sobre os aspectos éticos e políticos da privacidade na internet, os estudantes também poderão desenvolver a **habilidade EM13CHS504**. A criação do roteiro permite que os estudantes utilizem diferentes linguagens para difundir conhecimentos, conforme sugere a **habilidade EM13CHS106**. Além disso, a seção estimula a análise das interações entre diferentes indivíduos e grupos sociais relacionadas às inovações tecnológicas, prevista pela **habilidade EM13CHS401**.

PESQUISA EM FOCO Trabalhadores da educação

Inicie a atividade retomando a discussão sobre a arte e seu papel na sociedade. Converse sobre a relação entre arte e trabalho, mostrando que, embora possam ser compreendidos como antagônicos no senso comum, guardam muitas relações entre si. Relembre-os das diferentes concepções de trabalho aprendidas ao longo dos capítulos e suas relações com a criatividade. Fale também sobre como a arte tem um grande poder comunicativo e mobilizador. Se possível, forneça exemplos de eventos históricos que foram influenciados por manifestações artísticas.

Após a discussão inicial, explique cada uma das etapas do trabalho. Sobre a observação participante, dialogue acerca da importância de estabelecer uma relação de respeito e confiança com o grupo observado. É essencial que os estudantes tratem as informações obtidas com cuidado para não expor ou causar algum tipo de prejuízo aos trabalhadores da escola.

Oriente a criação das obras de arte explicando que elas, por serem parte de uma atividade escolar, precisam respeitar os valores e regras da instituição.

Na elaboração do questionário, incentive os estudantes a criarem questões curtas, de fácil interpretação. Questionários longos e confusos desmotivam os participantes e, assim, prejudicam a coleta de dados. Contribua para que a turma tenha os meios necessários para imprimir os questionários. Outra possibilidade seria utilizar plataformas digitais que realizam enquetes, hospedam e processam dados de questionários. Há várias delas gratuitas na internet. Porém, nesse caso, é fundamental que o local de exposição e aplicação do questionário ofereça acesso à internet para quem for respondê-lo.

Para a montagem da mostra, cuide para que o espaço escolhido seja adequado. Ele deve permitir a circulação de pessoas e possuir iluminação apropriada. Oriente os estudantes a evitarem decorações que possam competir com as obras. Em uma exposição de arte, seus trabalhos devem ter maior destaque.

Por fim, a avaliação dos questionários pode ser feita em grupo e propiciar debates sobre a forma como as obras foram recebidas e interpretadas. Explique que a falta de convergência entre aquilo que se desejava comunicar e o que de fato foi interpretado é razoavelmente comum nas artes e se deve aos aspectos subjetivos, ou seja, à forma como cada pessoa aprecia a obra, e, portanto, não devem ser consideradas falhas de execução ou de compreensão.

Ao fazerem uso da linguagem artística para exercerem protagonismo e autoria na vida coletiva, defendendo pontos de vista que respeitem os trabalhadores em âmbito local, os estudantes mobilizam a **competência específica de Linguagens e suas Tecnologias 3**. Além disso, por mobilizar a expressão e a fruição artística, este trabalho favorece a **competência geral da Educação Básica 3**, segundo a qual os estudantes devem valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às de repercussão mundial, e podem também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. A atividade favorece ainda a **competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 4**, de acordo com a qual os estudantes devem ser capazes de analisar as relações de trabalho em diferentes contextos, discutindo o papel dessas interações na construção, consolidação e transformação das sociedades, analisando as relações de trabalho no interior da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

BALLESTER, Margarita. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Obra que oferece diferentes textos sobre a função pedagógica da avaliação e apresenta essa ferramenta como um elemento central para o processo de ensino-aprendizagem.

BASTOS, Lilia; HASTINGS, J. Thomas; MANDAUS, George F. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Pioneira, 1983.

O livro explora as avaliações formativa e somativa. Os autores apresentam métodos, técnicas e práticas para implementar avaliações eficazes, destacando sua importância na melhoria da qualidade educacional.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 4 set. 2024.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que aborda os princípios e fins da educação no país, o direito à educação e o dever de educar e a organização da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) fornece orientações para a Educação Básica no Brasil, especificando competências e habilidades fundamentais.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: propostas de práticas de implementação. Brasília, DF: MEC, 2019.

Documento que apresenta propostas práticas para a aplicação dos Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) nas escolas, enfatizando a importância da abordagem da contemporaneidade e do princípio da transversalidade para o ensino na atualidade.

CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro. **Inferência e argumentação na constituição da compreensão textual**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

Tese de doutorado na qual a autora defende que a compreensão de texto não é uma atividade mental, mas sim uma atividade dialógica, e destaca a importância do processo inferencial.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/Unesco, 1998.

Este relatório propõe um modelo educativo baseado em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

FERNANDES, Domingos. Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. **Est. Aval. Educ.** v. 19, n. 41, p. 347-372, 2008.

Trata-se de um artigo científico sobre como construir uma teoria de avaliação das aprendizagens como sistematização, clarificação e compreensão de seus elementos essenciais.

FERRY, Luc. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Livro no qual o filósofo francês discorre sobre questões como "O que é a filosofia?" e "Para que ela serve?", apontando as respostas oferecidas a essas perguntas em diversos momentos da tradição filosófica.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

Nesta obra, o educador nos convida a refletir sobre a necessidade da autonomia dos educandos e a valorização e o respeito às suas culturas e conhecimentos para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia**: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1986.

O livro discute a importância do diálogo na construção do conhecimento e como os conflitos podem ser usados para promover a conscientização crítica e a transformação social.

GONTIJO, Pedro Ergnaldo. Ensino de Filosofia e uso do livro didático: um debate necessário. **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 44, p. 133-147, jan.-jun. 2019. p. 41. Disponível em: https://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/oqnfp/article/view/681/603. Acesso em: 30 set. 2024.

Artigo no qual o autor discute as relações entre o ensino de filosofia e o uso do livro didático nas escolas, refletindo sobre a relevância desse componente curricular para a Educação Básica no Brasil.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

No livro, o autor explora as principais contribuições da sociologia para entender melhor as juventudes nas sociedades contemporâneas.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliar para promover** – As Setas do Caminho. Porto Alegre: Mediação, 2005.

O livro apresenta os princípios da avaliação mediadora para promoção da aprendizagem, com foco nos diferentes processos operacionais das avaliações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

KHEL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. *In*: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

No texto, a autora contribui com uma análise que se alinha com a perspectiva pós-moderna ao discutir a relação entre juventude e consumo, mostrando que os jovens são vistos como importantes atores no mercado e de que maneira essa visão afeta suas identidades e comportamentos sociais.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo: Ibrasa, 1973.

Nesta obra, apresenta-se um panorama da criatividade, desde seus diversos conceitos até teorias recentes sobre o processo criativo, enfatizando-se de que forma o reconhecimento da criatividade possibilita mudanças no contexto educacional.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. Brasília, DF: Cortez, 2013.

O livro aborda a avaliação da aprendizagem escolar, enfatizando a importância da compreensão, da mobilização de conhecimentos prévios e da aprendizagem ativa.

MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1984.

O psicólogo Rollo May, tendo como base elementos da filosofia e da ética, procura compreender de que modo o ser humano pode enfrentar suas crises pessoais.

MORAES, José Geraldo V. de; REGO, José M. (org.). **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2002.

O livro apresenta a trajetória de quinze dos mais importantes historiadores brasileiros, contando suas histórias pessoais, seus percursos escolares e universitários, suas influências, linhas de pesquisa e contribuições.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

O filósofo preconiza que é necessário reformar o pensamento para reformar o ensino, e reformar o ensino para reformar o pensamento. Ele também defende a superação do saber fragmentado e a busca pelo pensamento complexo.

MORIN, Edgar. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

O autor trabalha com uma interligação de saberes, explicando a complexidade e a transdisciplinaridade dos conhecimentos.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos**. Por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

Neste livro, a filósofa traz argumentos para contrapor a transformação da educação em mera engrenagem do crescimento econômico.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 30 set. 2024.

Produzida pela ONU no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, em 1948, a declaração é um documento que aborda a proteção universal dos direitos humanos.

PAIS, José Machado. As correntes teóricas da sociologia da juventude. *In*: **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003.

No texto, o autor procura identificar quais são as principais correntes teóricas e analíticas sobre a juventude, no âmbito da sociologia.

PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. São Paulo: Penso, 1999.

O livro explora a complexidade da avaliação educacional, destacando suas lógicas diversas e conflitantes.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

Nesta obra, Piaget apresenta reflexões sobre a forma como as crianças adquirem o conhecimento lógico-matemático, realiza uma retrospectiva da educação e discute a importância da transformação no modo de ensinar na contemporaneidade.

RUSSELL, Bertrand. **Fundamentos de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Nesta obra, o filósofo britânico apresenta as principais bases e questionamentos da filosofia ocidental e levanta questões como "de que maneiras o ser humano adquire conhecimento?".

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Volume 3: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2006.

Documento produzido pela Secretaria de Educação Básica para apresentar os objetivos do ensino de filosofia, geografia, história e sociologia no Ensino Médio, destacando possíveis competências, habilidades e conteúdos a serem desenvolvidos pelos componentes curriculares.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educar en la sociedad del conocimiento**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

No livro, o autor defende o fortalecimento da educação como função inescapável para evitar o aumento das desigualdades entre os que podem frequentar escolas, universidades e centros de pesquisa e aqueles que apenas utilizam os recursos oriundos em seu cotidiano.

UNESCO. **Repensar a educação**: rumo a um bem comum mundial? Brasília, DF: Unesco, 2016.

Publicação sobre como a educação deve preparar os indivíduos para as complexas e contraditórias transformações no mundo atual.

WORLD BANK. **World Development Report 2018**. Learning: To realize education's promise. Washington: World Bank, 2018.

Trata-se de um relatório do Banco Mundial dedicado integralmente à educação, sublinhando sua relevância em um contexto de rápidas transformações econômicas e sociais.

ISBN 978-85-16-14020-5